



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Sergio Schargel Maia de Menezes

**As multifacetadas de Sylvia Serafim: uma disputa na imprensa em torno de  
uma intelectual esquecida**

Rio de Janeiro

2024

Sergio Schargel Maia de Menezes

**As multifacetadas de Sylvia Serafim: uma disputa na imprensa em torno de uma  
intelectual esquecida**

Tese apresentada, como requisito parcial para  
obtenção do título de Doutor, ao Programa de  
Pós-Graduação em Comunicação, da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M543 Menezes, Sergio Schargel Maia de  
As multifacetadas de Sylvia Serafim: uma disputa na imprensa em torno de uma  
intelectual esquecida / Sergio Schargel Maia de Menezes. – 2024.  
313 f.

Orientador: Márcio Souza Gonçalves.  
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação – Teses. 2. Jornalismo – História – Teses. 3.  
Sensacionalismo no jornalismo – Teses. I. Gonçalves, Márcio Souza. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.  
III. Título.

br

CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Sergio Schargel Maia de Menezes

**As multifacetadas de Sylvia Serafim: uma disputa na imprensa em torno de uma intelectual esquecida**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 24 de setembro de 2024.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Márcio Souza Gonçalves (Orientador)  
Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Leticia Cantarela Matheus  
Faculdade de Comunicação Social - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Giovanna Dealtry  
Departamento de Letras – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Follain de Oliveira  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Claudete Daflon dos Santos  
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2024

## DEDICATÓRIA

Para Sylvia Serafim, minha bisavó, tão desconhecida, tão próxima. Nunca pudemos nos conhecer, mas depois de tantos anos trabalhando sobre você me sinto mais próximo do que nunca. Espero que esse pequeno resgate faça jus à sua memória e permita que as pessoas a enxerguem de forma um pouco mais ampla.

## AGRADECIMENTOS

Para Sylvia Serafim, minha bisavó, a quem espero que essa tese faça ao menos um pouco de justiça.

A Ludmila Schargel Maia é a maior responsável, mais do que qualquer pessoa, por minha trajetória.

Para Cláudio Armando Couce de Menezes, que primeiro me contou a história de Sylvia e a quem devo todo o apoio.

Para Melanie Steigleder, cuja companhia, apoio, torcida e interesse foram fundamentais, principalmente na reta final desta tese.

Para Márcio Souza Gonçalves, pela orientação precisa no desenvolvimento deste trabalho.

Para Vera Lúcia Follain de Figueiredo, primeira pessoa a incentivar seguir esse tema como tese.

Para Karla Carloni e Letícia Mateus, que tanto contribuíram com comentários, direcionamentos e sugestões durante a qualificação. Em particular, Karla, por ter sido uma das primeiras a pesquisar a obra de Sylvia.

Para Giovanna Dealtry e Claudete Daflon, não somente por terem participado da banca de defesa, mas pelos comentários e sugestões que fizeram antes disso.

Para Marialva Barbosa, que não somente forneceu insumos riquíssimos em seus textos, como concedeu uma entrevista essencial no desenvolvimento inicial deste trabalho.

Para Marcus de Moura Barros, Ana Paula Galvão de Meira e Bruna Luiza da Silva Matos. Agradeço também como pesquisador, mas principalmente enquanto bisneto de Sylvia, por terem sido alguns dos primeiros pesquisadores a trabalharem sua obra, indo além apenas do assassinato.

Aos meus companheiros em todas as pós-graduações que cursei, pelos debates, incentivos, ajudas e auxílios. Mesmo solitária, a pesquisa é um trabalho coletivo, e devo muito a meus companheiros. Sob risco de injustiça, mas é preciso mencionar ao menos Elizama Almeida e Alexandre Bruno Tinelli, que cruzaram o Espírito Santo inteiro me ouvindo e dando sugestões.

À Revista Piauí, em particular ao seu editor Alcino, por contribuições fundamentais em parte deste trabalho.

Para meus parentes e descendentes de Sylvia, a família Magalhães/Menezes, Ricardo Thibau, a família Ricon/Menezes, pelos dados, colaborações, insumos e apoio em geral.

Para o filho de Sylvia, Rohny Menezes. Sei que você não gosta que falem de sua mãe, mas espero que algum dia entenda o que me motivou a trabalhar com ela.

Para Antonio Munró, meu colega de mestrado, o primeiro a sugerir que eu escrevesse um artigo sobre a história.

Wilson Aquino, membro a equipe do *Linha Direta*, por ter gentilmente cedido o roteiro e alguns materiais produzidos no trabalho. Da mesma forma, para minha amiga Elayne Cirne, por ter compartilhado o contato de Wilson.

Para os outros pesquisadores que se interessaram, interessam ou se interessarão pela obra de Sylvia Serafim. É fundamental a união de esforços para desconstruir o cânone criado sobre ela.

E para todos os outros que contribuíram nessa longa trajetória, seria impossível incluir a todos.



As rugas talvez se tornassem tempestades, e talvez uma scena de sangue terminando a infâmia de um adultério, pesasse para sempre na existência

*Sylvia Serafim* (Gazeta de S.Paulo, 24 abr. 1929).

um intelectual sempre atravessa sua vida  
completamente sozinho  
sem se importar com quem está do lado

*Thomas Bernhard (2020, p. 74)*

## RESUMO

MENEZES, S. S. M. de. *As multifacetadas de Sylvia Serafim: uma disputa na imprensa em torno de uma intelectual esquecida*. 313 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Em 26 de dezembro de 1929, motivada por uma matéria de capa que a afirmava adúltera, a jornalista e escritora Sylvia Serafim atirou em Roberto Rodrigues, ilustrador do jornal *Crítica* e irmão de Nelson Rodrigues, em um homicídio que chocou e dividiu a sociedade carioca. A história do assassinato de Roberto se transformou em livro, peça, filme, programa de televisão, em suma, foi explorada por diversas mídias, em diversos formatos. Conforme essas narrativas migram, vão adquirindo novas nuances, contraditórias entre si, através de um processo de divisão que se inicia logo depois do atentado. O principal objetivo deste trabalho é analisar a captura que Sylvia Serafim sofreu por uma disputa política, social e econômica que transcendeu sua época e permanece ainda hoje, bem como trabalhar a construção dessa imagem desumanizada. Em outras palavras, sintetizado no próprio título, trabalhar a construção das várias faces de Serafim, desde seus escritos até os escritos sobre ela, enxergando-a não somente como assassina, da forma com que entrou para a História, mas também como intelectual, jornalista, escritora, feminista. Essa divisão gerou um processo de disputa sobre a sua figura que se iniciou na imprensa logo após o assassinato e perdura ainda hoje, de modo que este trabalho olha também para a apropriação dessa figura em jornais da época e do contemporâneo, bem como redes sociais. Com isso, Serafim acabou tendo sua produção intelectual apagada, esquecida na História, a despeito de sua relevância na época. Na intenção de evidenciar essa multiplicidade de Sylvia Serafim, também foram trabalhados seus materiais jornalísticos. Assim, é possível resgatar sua história e destacar os mecanismos sociais e políticos que a marginalizaram, além de examinar o impacto duradouro do sensacionalismo sobre sua imagem. Por meio de pesquisa em arquivo e em diálogo com uma base teórica sobre História do Jornalismo e processos de desumanização, foi possível fornecer visões menos maniqueístas e mais completas, explorando caminhos desconhecidos de uma intelectual lembrada apenas em função de seu homicídio. Ao explorar essa narrativa, busca-se não apenas uma reinterpretação histórica, mas também uma reflexão sobre as dinâmicas de poder e gênero, principalmente na imprensa.

Palavras-chave: Sylvia Serafim. Nelson Rodrigues. *Crítica*. História do Jornalismo. Sensacionalismo.

## ABSTRACT

MENEZES, S. S. M. de. *The multifaceted Sylvia Serafim: a media dispute on a forgotten intellectual*. 313 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

On December 26, 1929, motivated by a front-page article that accused her of adultery, journalist and writer Sylvia Serafim shot Roberto Rodrigues, illustrator for the newspaper *Crítica* and brother of Nelson Rodrigues, in a homicide that shocked and divided Carioca society. The story of Roberto's murder was transformed into books, plays, films, and television programs, explored by various media in diverse formats. As these narratives migrate, they acquire new, often contradictory nuances through a process of division that began immediately after the attack. The main objective of this thesis is to analyze the capture that Sylvia Serafim due to political, social, and economic disputes that transcended her time and continue to this day, as well as to explore the construction of her dehumanized image. In other words, as summarized in the title itself, this study aims to examine the many faces of Serafim, from her writings to the writings about her, viewing her not only as an assassin, as History did, but also as an intellectual, journalist, writer, and feminist. This division generated a dispute over her image that started in the press and persists today, hence the necessity of this work also looking into the appropriation of her figure in both contemporary and historical newspapers, as well as on social media. Consequently, Serafim's intellectual output was erased, forgotten in history despite her relevance at the time. In order to highlight this multiplicity of Sylvia Serafim, her journalistic materials were also analyzed. Thus, it is possible to rescue her story and highlight the social and political mechanisms that marginalized her, as well as examine the lasting impact of sensationalism on her image. Through archival research and in dialogue with a theoretical framework on History of Journalism and processes of dehumanization, it was possible to provide less manichean and more comprehensive views, exploring unknown paths of an intellectual remembered solely for her homicide. By exploring this narrative, the aim is not only to provide a historical reinterpretation but also to reflect on the dynamics of power and gender, particularly in the press.

Keywords: Sylvia Serafim; Nelson Rodrigues; *Crítica*; Journalism History; sensationalism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1 APRESENTAÇÃO DE UM ASSASSINATO</b> .....	27
1.2 Sylvia Guilhermina Serafim, ex-Thibau.....	31
1.3 Para além do assassinato: Sylvia Serafim intelectual.....	36
1.4 “Justo atentado!”: disputas em torno de Sylvia Serafim.....	43
1.5 Os últimos anos de Serafim .....	64
<b>2 A MULHER E A IMPRENSA</b> .....	74
2.1 Aurora da literatura feminina.....	77
2.2 As mulheres começam a encontrar espaço intelectual no Brasil.....	80
2.3 Entre jornalismo, política e literatura: a mulher na imprensa .....	85
<b>3 ESCRITOS DE SERAFIM: SUA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA</b> .....	94
3.1 A “Nova Mulher” e artigos sobre emancipação .....	95
3.2 A emancipação por meio da educação e do trabalho .....	100
3.3 O trabalho intelectual feminino .....	106
3.4 Posições sobre o divórcio.....	108
3.5 Outros temas.....	112
3.6 Almerinda Gama .....	113
<b>4 DESUMANIZAÇÃO FEMININA</b> .....	117
4.1 Breve discussão sobre alguns conceitos políticos .....	117
4.2 Gênese da desumanização feminina.....	120
4.3 A histeria .....	123
4.4 Desumanização na literatura .....	127
4.5 Desumanização na imprensa .....	130
<b>5 CONSIDERAÇÕES SOBRE O JORNALISMO DO SENSACIONAL</b> .....	135
5.1 O fim da era de ouro do jornalismo carioca: entre Jornalismo e História .....	137
5.2 Estética da violência: romance criminal e policial .....	140
5.3 Interseções entre literatura e imprensa .....	145
5.4 O jornalismo de sensações .....	149
5.5 Permanências contemporâneas do jornalismo de sensações .....	154
<b>6 “ENTRA EM JUÍZO NESTA CAPITAL UM RUMOROSO PEDIDO DE DESQUITE!”: UMA DISPUTA NA IMPRENSA SOBRE SYLVIA SERAFIM</b> .....	156

6.1 O Jornal.....	157
6.2 Crítica .....	159
6.3 A Noite .....	165
6.4 Outra tragédia no mesmo dia: o assassinato de Souza Filho.....	167
6.5 A cobertura do dia seguinte ao tiro em Roberto .....	173
6.6 A cobertura posterior à morte de Roberto.....	175
6.7 Nelson Rodrigues após a morte de seu irmão .....	192
6.8 Cobertura de outros jornais relevantes em oposição a <i>Crítica</i> .....	195
7 E no contemporâneo? Como o assassinato permanece em disputa? .....	205
7.1 Sylvia e Roberto voltam ao interesse público: <i>O anjo pornográfico</i> .....	210
7.2 Reverberações de Serafim e Roberto no contemporâneo .....	212
7.3 A absorção de Sylvia Serafim pelo meio digital.....	222
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	230
<b>FONTES PRIMÁRIAS</b> .....	241
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	246
<b>ANEXO A</b> - Artigos de Sylvia Serafim em seu arquivo .....	255

## Introdução

um crime bem planejado é uma obra de arte, você não acha?

*Patrícia Melo (1998, p. 20).*

Um homem já se aproximando dos 40 anos costuma levar seu filho pequeno todo fim de semana a um parque no Palácio do Catete. Interessado em qualquer forma de arte, enquanto seu filho brinca ao lado, percebe que ocorre o ensaio de uma peça e permanece observando. Uma das atrizes, uma jovem na casa dos 20 anos, nota seu interesse e, após o ensaio, senta ao seu lado para conversar um pouco e divulgar seu trabalho. Conta que a peça é sobre a família de Nelson Rodrigues, mais precisamente sobre a “primeira tragédia dos Rodrigues”, o assassinato do irmão de Nelson, Roberto, por Sylvia Serafim Thibau. O homem diz que não conhece a história e pede que a conte, o que ela faz. “Como pode, né?”, diz a jovem, “o que leva uma mulher dessas a tomar uma atitude tão monstruosa? Coitados dos Rodrigues. Dizem que ela não era muito sã, não à toa se suicidou depois”. O homem sorri e responde: “pois é, o que será que levou minha avó a fazer isso?”; ao que sua interlocutora olha com horror e, inventando uma desculpa qualquer, se afasta rapidamente com medo.

Como disse Bernardo Kucinski (2016, p. 08): “tudo aqui é invenção, mas quase tudo aconteceu”. O homem da anedota era meu pai. Talvez algum detalhe tenha sido distorcido por sua narrativa, ele é reconhecido por exagerar nas histórias que conta, mas a história é verídica em sua essência. Mesmo porque a reação é bem comum: quando as pessoas escutam a história de como Sylvia, minha bisavó, assassinou Roberto Rodrigues, a reação é variada: há os que a defendam, há os que a atacam, e, mais comum, há os que olham com medo, como se assassinato fosse, de alguma forma, uma doença hereditária. Esse tipo de reação, longe de ser inédita, é sintomática de um maniqueísmo desumanizador que recaiu sobre Sylvia.

A história do assassinato de Roberto Rodrigues já recebeu diversas versões. De *O anjo pornográfico*, de Ruy Castro; a um episódio de *Linha Direta, A primeira tragédia de Nelson Rodrigues*; além de livros como *Sylvia não sabe dançar*; entre tantas outras. Algumas exageram em alguns detalhes, distorcem alguns pontos, modificam pedaços. São versões heterogêneas sobre um fragmento em particular, mas todas elas revelam o mesmo traço maniqueísta e unilateral: a necessidade de um vilão. Às vezes os vilões são os Rodrigues, com frequência é Sylvia, às vezes até Armando Serra Menezes, meu bisavô, que entra na história quase em seu desfecho. Ademais, quase todas as narrativas se mostraram, até hoje, incapazes

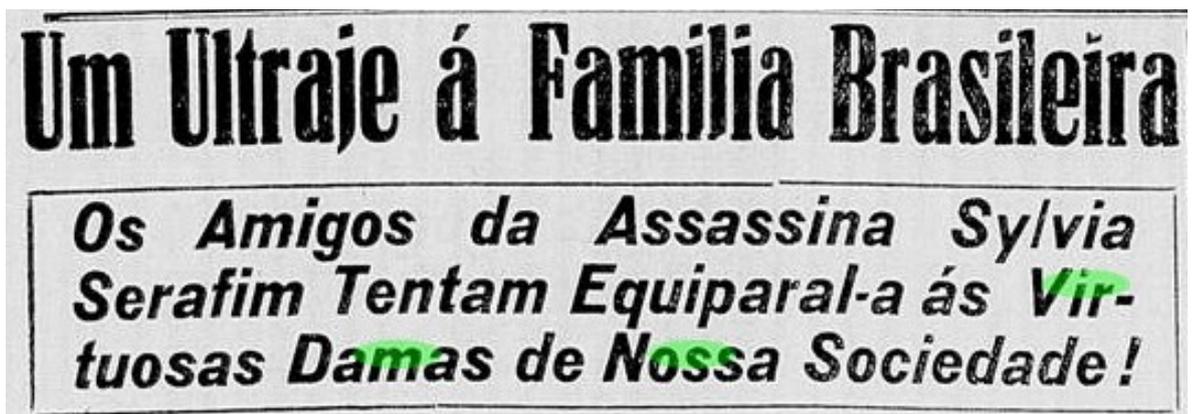
de aprofundar a personagem de Sylvia, invariavelmente interpretada de forma simplista. Sua produção como escritora e jornalista foi esquecida, apagada, restou apenas a memória coletiva de seu crime. Na prática, criou-se uma falsa aporia sobre Serafim, como se assassina e jornalista fossem elementos antitéticos.

Em resumo, a versão canônica do assassinato conta que Sylvia Serafim, ex-Thibau, poetisa e jornalista, filha de um auxiliar de Oswaldo Cruz, frequente na alta sociedade carioca, foi na redação do jornal dos Rodrigues, *Crítica*, e assassinou Roberto Rodrigues com um tiro na barriga. Com ilustração de Roberto, a matéria de primeira página do mesmo dia trazia uma imagem de Serafim sendo acariciada, sugerindo um adultério, com a chamada “Entra hoje em juízo nesta capital um rumoroso pedido de desquite! [...] Há uma grande ansiedade em conhecer os motivos da separação do casal doutor Thibau Junior” (CRÍTICA, n. 346, 26 dez. 1929). Serafim havia se desquitado de seu marido. Irritada com a exposição de sua vida privada, mesmo após o jornal ter prometido que não publicaria a história, foi à redação com a intenção de questionar Mário Rodrigues. Mário não estava, então Serafim entrou em um gabinete com Roberto Rodrigues, seu filho. Não se sabe o que conversaram lá dentro, mas o fato é que Sylvia atirou em Roberto. Mário Rodrigues morreria dois meses depois de trombose cerebral, segundo Ruy Castro (1992, p. 94), consequência da depressão causada pela perda do filho. Nelson Rodrigues, um jovem recifense de 17 anos, estava na redação e presenciou o assassinato de seu irmão, um trauma que o marcaria por toda a sua vida, conforme ele próprio afirma: “o meu teatro não seria como é, nem eu seria como sou, se eu não tivesse sofrido na carne e na alma, se não tivesse chorado até a última lágrima de paixão o assassinato de Roberto” (LINHA DIRETA, 2007). A jornalista foi presa em flagrante e julgada em um grande espetáculo midiático, o primeiro julgamento a ser transmitido pelo rádio. Terminaria absolvida por perda momentânea de sentidos e legítima defesa da honra.

O maniqueísmo nas narrativas começa logo após o assassinato e perdura até hoje. O embrião dessa divisão é uma disputa política: o julgamento de Sylvia foi uma espécie de personificação de palco para uma luta entre feministas e progressistas de um lado e conservadores do outro. Os primeiros defendiam que a ré teve sua vida privada exposta, sua honra ofendida e atacada por ser uma mulher desquitada e feminista; ao passo que o outro grupo defendia que Sylvia havia ofendido as mães brasileiras, destruído uma família e assassinado um “artista de vinte e três anos de idade, chefe de família, profundamente honesto, com o fulgor de um grande talento e de virtudes inexcedíveis”, conforme aparecia na nota veiculada diariamente no jornal. Uma das manchetes de *Crítica* afirmava que a defesa de Sylvia por grupos progressistas era um “ultraje à família brasileira. Os amigos da assassina

Sylvia Serafim tentam equiparal-a ás virtuosas damas de nossa sociedade! [...] A família brasileira paira muito acima de todas essas indignidades” (CRÍTICA, n. 558, 26 ago. 1930). Max Gomes de Paiva, advogado de acusação, personificou esse argumento ao afirmar que a ré “Trocou sua condição de anjo do lar pela profissão de jornalista, para satisfação de sua vaidade” (CASTRO, 1992, p. 98). Por trás da cisão política e ideológica, seguiu-se uma batalha midiática entre os *Diários Associados* de Chateaubriand, de quem Sylvia era colaboradora, e *Crítica* e os aliados da família Rodrigues (CASTRO, 1992, p. 89), o que adiciona nova camada sobre as narrativas.

Figura 1 - Matéria de *Crítica* mostrando apelo à “família”



Fonte: CRÍTICA, 26 ago. 1930.

É preciso resgatar as narrativas da relação Sylvia-Rodrigues da visão maniqueísta que recaiu sobre elas durante a História. Este trabalho não se propõe a romper em absoluto o cristal do cânone formado por obras como *O anjo pornográfico*, mas rachá-lo, através do contato com novas peças e fragmentos que eram inalcançáveis a outros pesquisadores, o que permitirá ampliar o conhecimento sobre Sylvia Serafim, seus trabalhos, e a construção de suas multifacetadas. Não obstante, permitirá não apenas alargar o estado da arte em relação à Sylvia Serafim, mas também contribuir para o debate de questões que permearão toda a tese, tais como desumanização de mulheres transgressoras.

Tomada como bode expiatório e no cerne de uma disputa político-ideológica, Serafim sofreu um processo de desumanização, interpretada de forma maniqueísta por ambos os lados, ora sacralizada, ora demonizada. Uma herança se percebe ainda hoje, considerando a dificuldade de encontrar a sua obra, embora seu crime ainda esteja bastante presente na memória coletiva e na cultura popular. Basta tomar como parâmetro a quantidade de produtos culturais e trabalhos acadêmicos que ao menos a citaram. Para efeito de exemplo, em um

levantamento simples no *Google* com algumas palavras-chave, foram encontrados cerca de quarenta trabalhos acadêmicos — entre teses, dissertações, artigos e ensaios. Quase todos, porém, reproduzem as versões canônicas, principalmente do livro de Ruy Castro, e se limitam a repetir os detalhes do assassinato e seu impacto na família Rodrigues ou em Nelson. Nenhum desses trabalhos se aprofunda na personagem de Sylvia Serafim, sempre limitada à sua função de assassina.

No âmbito social, a proposta de levantar novas informações sobre a autora, resgatando sua produção como jornalista, escritora e como uma das primeiras feministas brasileiras, um legado apagado pela memória de seu assassinato, consolida um questionamento acerca de influência do gênero e da política neste processo de apagamento e desumanização. Portanto, permite, em última instância, contribuir para o processo de inclusão de vozes silenciadas no cânone intelectual brasileiro. Ademais, pode contribuir para vislumbrar aspectos através dos quais transgressores femininos são desumanizados pelas estruturas patriarcais, pontos relevantes para questionar as divisões sociais de gênero.

A ausência de estudos sobre Serafim pode ser explicada em parte por um movimento de mudança não apenas intelectual, mas social, sobre o qual Escosteguy (2010, p. 50, 60) chamou atenção. A inserção de vozes silenciadas no cânone não é um processo isolado, mas um reflexo de um crescente questionamento a estruturas de poder hegemônicas. Indo além, a própria esquerda, por meio do que às vezes passou a ser chamado de Nova Esquerda, passou a enxergar outros mecanismos de poder para além da preocupação apenas com a classe. Isso impacta os estudos culturais, que passam a valorizar categorias como gênero e raça, além das divisões sociais clássicas: “era imperativo explicar e analisar os conflitos através de uma única contradição: a diferença de classe” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 50). Ao enfatizar essas categorias de análise, os Estudos Culturais contribuem para uma compreensão mais completa e rica das dinâmicas sociais e culturais que moldam a produção e a recepção das obras culturais. Ademais, também ajuda a reconhecer a influência das estruturas de poder em moldar o que é considerado legítimo ou canônico na cultura, desafiando, assim, as narrativas dominantes e abrindo espaço para novas vozes e perspectivas.

Essa inserção de novas preocupações epistemológicas refletiu-se também nos métodos de pesquisa. Estratégias que outrora eram consideradas completamente objetivas, desde metodologias quantitativas até análises de conteúdo ou digressões teóricas, foram fragilizadas. Não substituídas ou abandonadas, mas sua pretensa imparcialidade completa é colocada em xeque, evidenciando que mecanismos como classe, gênero ou ideologia influenciam também na produção de pesquisa, que não está totalmente isolada das demais esferas sociais. Nesse

sentido, crescem em força alternativas metodológicas: “a (auto)biografia, o depoimento, a história de vida, entre outras” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 61). Isso permite adicionar novos atores ao cânone, como manifestações de cultura popular que antes talvez fossem excluídas, já que, por exemplo, estavam pautadas por depoimentos e tradições de cunho oral. Depoimentos e histórias de vida, como levantado pela autora, surgem como novas ferramentas fundamentais na construção científica pós-positivista, finalmente concedendo olhares para setores sociais minoritários.

Assim, o objeto da pesquisa é a construção da imagem de Sylvia Serafim, tanto a criação de sua figura de assassina quanto a disputa em torno dela. Tomando a construção da imagem de Serafim como objeto, torna-se possível analisar as formas sob as quais se inscrevem a competição jornalística, política e social em torno dela, bem como seu conseqüente processo de apagamento. Nesse sentido, embora maior destaque seja dado à produção jornalística sobre ela, tanto na década de 1930 quanto contemporaneamente, considerando o ineditismo de seu material jornalístico e político, este também será colocado em diálogo.

Igualmente, o problema de pesquisa pode ser sintetizado ante a seguinte pergunta: como foi a construção da imagem da jornalista como assassina, a disputa na imprensa que se seguiu a isso, e sua permanência e relevância (inclusive no contemporâneo)?

Para responder esta pergunta, a principal hipótese a mobilizar este trabalho assume que Sylvia Serafim sofreu um processo de desumanização em diversas frentes, conforme seu assassinato migrou para uma disputa na imprensa e, posteriormente, foi absorvido pela memória coletiva. A partir do contato entre os jornais da época, será possível compreender o processo de desumanização (e ficcionalização) da personagem, conforme seu assassinato se tornou palco de disputa política e ideológica. Ligado a esta, é possível pensar em outra: a importância que o gênero desempenhou nesse processo de desumanização, iniciado desde a matéria de capa sobre seu suposto adultério. Afinal, matérias de jornais como *Crítica* e *A Noite* sempre traziam adjetivos como “meretriz”, ou “prostituta”, quando tratavam da jornalista. É pertinente pensar até que ponto a transgressão do padrão que se esperava das mulheres na época pode ter contribuído para esta campanha, e o seu conseqüente apagamento.

Desta forma, o objetivo geral desta pesquisa é apontar a construção da imagem de Sylvia Serafim, em um processo que perdura até hoje. Assim, trabalhar sobre a construção que sofreu como uma personagem; colocar em contato a produção da imprensa na época sobre ela, compreendendo seu processo de desumanização e ficcionalização. Contudo, esse levantamento não isola a necessidade de objetivos intermediários, como levantar e escrever

uma parte da biografia da personagem ou produzir uma análise inédita das narrativas da autora. Seus artigos sobre temas como feminismo, o feminino e comunismo, caíram na obscuridade. Resgatá-los e dissecá-los é um ponto importante para atingir o objetivo geral.

Por meio de uma dialética expositiva entre o cânone sobre o crime de Sylvia e os documentos inéditos obtidos em arquivo, ambos em conversa com a base teórica principal, em particular com obras sobre História do Jornalismo e sobre processos de desumanização, será possível trazer o debate para o ambiente acadêmico, e questionar as diversas visões da história.

A discussão teórica se dividirá em três eixos principais: História do Jornalismo, jornalismo de sensações (e estetização da violência) e desumanização. O primeiro eixo, cuja principal obra teórica é *História cultural da imprensa*, de Marialva Barbosa (2007), forma o esqueleto do trabalho, responsável pela contextualização do cenário político, social e da imprensa nos momentos que antecedem a Revolução de 30. Barbosa, por exemplo, identifica o assassinato de Roberto Rodrigues como efeméride que marca o fim da era de ouro do jornalismo carioca, em particular do jornalismo de sensações. Ademais, Barbosa também conceitua os elementos básicos do que classifica como jornalismo de sensações, e os porquês deste formato ter sido tão inerente aos anos 1920.

No outro eixo, Vera Lúcia Follain de Figueiredo preenche o quadro teórico. *A ficção equilibrista* complementa questões sobre disputa narrativa, jornalismo de sensações e estetização da violência, com exemplos voltados à estética sobre narrativas policiais. Isto é, a autora investiga a estética que se cria em torno da própria ideia de assassinato em si, e como essa ideia transpassa as várias aparições de um mesmo texto em diferentes mídias, fenômeno que aconteceu com as narrativas sobre o assassinato. Como a autora sugere, “o fascínio exercido pelo crime até nas almas mais virtuosas [...] a burguesia se apodera do tema do crime, criando uma espécie de metafísica do crime e, dessa forma, o disciplina” (FIGUEIREDO, 2010, p. 123).

Em simbiose com a questão das narrativas sensacionais, um terceiro eixo teórico se faz importante: o processo de desumanização. Para se aprofundar nesse ponto, *Os anormais* de Foucault será crucial por trazer uma arqueologia da figura do monstro no Ocidente, bem como da metodologia através da qual se dá um processo de desumanização. Foucault (2010, p. 69) divide a figura do desviante em três grupos: o monstro, o indivíduo a ser corrigido e o masturbador. Em particular o primeiro grupo, ao longo da história, foi caracterizado pelo desviante. O monstro era a bruxa, os irmãos siameses, o hermafrodita. Qualquer um que fugisse dos padrões, em particular do que a medicina classificava como normal, saudável e

adequado, era absorvido como monstro. Posteriormente, conforme o desenvolvimento de instituições jurídicas, o judiciário também passou a utilizar da mesma designação para classificar os indesejados e os criminosos. O monstro era a encarnação maniqueísta do mal, “não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza.” (FOUCAULT, 2010, p. 70). Como uma feminista, desquitada e socialista em um ambiente predominantemente masculino — a imprensa e a literatura do final da década de 1920 —, Sylvia é taxada como transgressora desde o momento em que a matéria sobre seu suposto adultério é publicada, intensificado após o assassinato, quando passa a ser identificada como um monstro.

Seria irresponsável falar de desumanização feminina sem se dobrar sobre duas obras canônicas em relação ao tema: *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf (2005), e *Madwoman in the attic*, de Sandra M. Gilbert e Susan Gubar (1979), que formam um diálogo com as obras descritas no último parágrafo. Semelhante ao que Foucault faz, ambas traçam uma arqueologia da desumanização. Ao contrário de Foucault, a desumanização nesses livros é focada no processo de desumanização que figuras femininas sofrem e sofreram, quando transgressoras do modelo feminino determinado pelas estruturas patriarcais. *The female malady* (1987), outra obra trabalhada, traça um panorama da relação histórica entre a loucura e a mulher e a representação do feminino como destemperança. Gilbert e Gubar vão além: partindo da figura monstruosa de Bertha Mason, personagem de *Jane Eyre*<sup>1</sup>(2006) internada em um sótão por ser considerada insana, as autoras pensam o processo de desumanização não apenas feminino, mas colonial e racial, e a interpretação maniqueísta da mulher como anjo ou como monstro. Conforme destacam, ao abordarem essa desumanização no cânone literário:

Como vimos, no entanto, a maioria dessas histórias tende a perpetuar imagens extremas e debilitantes de mulheres como anjos ou monstros [...] Afinal, Macbeth é nobre; Lady Macbeth é um monstro. Da mesma forma, Édipo é uma figura heroica, enquanto Medeia é apenas uma bruxa, e a loucura de Lear é gloriosa, enquanto a de Ofélia é simplesmente patética (GILBERT; GUBAR, 1980, p. 68, tradução minha)<sup>2</sup>.

Ainda que a vida de Sylvia após seu homicídio seja detalhada, principalmente por Ruy Castro em sua obra, pouco se sabe sobre todos os seus 27 anos anteriores a dezembro de 1929.

<sup>1</sup> *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, é um exemplo apropriado do povo subalterno visto como desumano, como um monstro, através da primeira esposa do Mr. Rochester, ensandecida e trancafiada em um sótão. *Vasto mar de sargaços*, da dominiquense Jean Rhys, fornece um prelúdio para *Jane Eyre* e expande a personagem, fornecendo uma crítica pós-colonial na qual, na prática, o suposto civilizado é o real responsável pela loucura.

<sup>2</sup> Tradução livre de “As we have seen, however, most of these stories tend to perpetuate extreme and debilitating images of women as angels or monsters. [...] It is Macbeth, after all, who is noble; Lady Macbeth is a monster. Similarly, Oedipus is a heroic figure while Medea is merely a witch, and Lear’s madness is gloriously universal while Ophelia’s is just pathetic (GILBERT; GUBAR, 1980, p. 68).

Mesmo o trabalho de reconstrução que será feito na tese — aprofundando aspectos não somente de sua vida anterior, mas nuances e detalhes em geral desconsiderados sobre o que se seguiu ao evento, como a cisão política e midiática —, será incapaz, pela ausência de depoimentos, testemunhas e documentos, de resgatar de forma absoluta a profundidade da personagem. Será possível, todavia, através do arquivo herdado, trabalhar e analisar a sua produção intelectual, para muito além do drama de erros que as narrativas se limitam.

À primeira vista talvez seja possível questionar a imparcialidade de um projeto que busca flexionar narrativas de um familiar do pesquisador. Porém, com a ciência de que não há sujeito neutro em relação ao seu objeto e que, conforme aponta Cláudio Menezes, “as condições de existência impregnam o conhecimento, científico ou não” (2017, p. 27), este trabalho não se propõe a atuar como advogado de defesa de Sylvia, mas realizar uma análise histórica e literária sobre o objeto. O inevitável atrelamento emocional não impede a realização de uma pesquisa que desloque Sylvia da figura contraditória que se criou sobre ela e tensione essas narrativas com os materiais primários e a base teórica: “o pesquisador já não é mais um observador neutro, mas alguém cujo trabalho é produzir conhecimentos tanto historicamente quanto culturalmente específico” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 60). Tanto mais, a proximidade com o objeto é justamente o que permitirá a criação de um trabalho aprofundado e inédito, dado o acesso a materiais únicos. Sem cair na armadilha de um pretense objetivismo absoluto, essa pesquisa não se propõe a realizar uma defesa da imagem de Sylvia por seu descendente, mas utilizar a proximidade familiar como método para levantar materiais primários e inéditos, permitindo, assim, a ampliação do estado da arte e a análise das narrativas.

A pretensão positivista de uma suposta neutralidade absoluta foi desafiada com o surgimento de alternativas que, sem incorrer ao relativismo, forneceram possibilidades de maior aproximação entre o sujeito e o objeto. Essa flexibilidade permite a produção desta pesquisa. Se, durante cem anos, outros pesquisadores e autores tiveram a oportunidade de explorar o legado de Serafim e, com algumas exceções pontuais, não o fizeram, que seja seu bisneto a realizar essa empreitada. Escosteguy (2010, p. 60) sintetiza: “pesquisar significa construir ‘interpretações’, certos modos de compreender o mundo, sempre historicamente localizados, subjetivos e relativos”. É exatamente o que se fez aqui: levantar contradições e incompletudes da versão canonizada por Nelson e os demais Rodrigues, ao mesmo tempo em que se ofereceu outra possibilidade de interpretação ou narrativa. Um exercício hermenêutico da história, que visa, sobretudo, evidenciar as limitações interpretativas criadas sobre este caso.

Para atingir o objetivo principal, foi mesclado uma análise teórica qualitativa com o arquivo levantado contendo o material inédito. Conforme sugere Frederico Coelho (2019), o trabalho com o arquivo permite resgatar um passado para, assim, pavimentar novos futuros. Em outras palavras, o acervo familiar é a força motriz que movimenta este trabalho, justifica sua pertinência e o possibilita contribuir tanto socialmente quanto para o estado da arte. Sem o arquivo, seria uma repetição do que já foi feito. Foi a partir dele que se tornou possível trazer as discussões teóricas de forma orgânica e com aprofundamento. Portanto, a análise minuciosa do acervo, sua consequente catalogação e fichamento, foi o ponto de partida. Somente através de um procedimento meticuloso em torno das fontes primárias foi possível rachar o cânone em torno da jornalista, mostrando alternativas que são, todas elas, paradoxalmente reais e falsas, diferentes versões para um mesmo acontecimento.

As fontes obtidas foram catalogadas e organizadas em uma planilha, dividida em seções de acordo com o tipo — bibliográfica, jornais da época, produção artística, etc. Junto ao arquivo pessoal inédito, a Hemeroteca da Biblioteca Digital dispõe de vasto material que foi largamente utilizado neste trabalho, principalmente quanto a outros trabalhos de Serafim e aos jornais sobre ela.

A aproximação sanguínea, ao contrário do que se pode pensar em primeira instância, atuou como uma catapulta para desenvolver a pesquisa. É apenas por consequência dessa aproximação que foi possível obter e dissecar os materiais primários, como os artigos inéditos de Sylvia em diversos jornais, principalmente nos da cadeia dos *Diários Associados*, a maior parte levantando temas polêmicos para a época tais como emancipação feminina e direitos dos trabalhadores. É perceptível a atualidade de diversos de seus artigos. A efeito de exemplo, em um artigo publicado em *A Gazeta*, intitulado *Feminista*, Sylvia afirma que “Sob a reprovação quasi que geral, a feminista é no entretanto a mulher mais verdadeira e nobremente mulher”. Em outro, *O trabalho intellectual feminino*, publicado também em *A Gazeta*, defende que

Muitos espíritos femininos há que para a existência monótona e caseira foram feitos... Porém os outros?... Aquelles cuja potência intellectual se debate no círculo estreito e monótono dos afazeres domésticos tal um filho d’água na gaiola de um canário? Será preciso que para seguirem seu destino tenham de renunciar à felicidade, e que a satisfação de sua personalidade intellectual seja incompatível com a realização de suas aspirações sentimentaes? (A GAZETA, 08 mai. 1929).

Em cerca de 50 artigos herdados do arquivo familiar, pautas progressistas como as anteriores se repetem em diversas frentes. Fora seus artigos, outros dados primários inéditos foram obtidos através de entrevistas com familiares; além de suas obras como escritora, uma

produção ignorada, abandonada e esquecida após o seu crime. Ruy Castro, em *O anjo pornográfico*, esboça uma crítica superficial da obra literária da autora, limitada a menos de um parágrafo. Ainda assim, e ignorando a produção jornalística de Sylvia, é o único autor a mencionar esses livros.

Para além da produção intelectual da jornalista, o mesmo acervo contém diversos jornais que falam sobre autora, em um recorte que vai do dia seguinte ao atentado até meados de 1930. Este arquivo contém edições de *Crítica*, além de alguns dos jornais de Chateaubriand para os quais Sylvia colaborava, como *O Jornal*. Este ponto é fundamental para interpretar as disputas narrativas que surgem já naquela data. Os jornais em 1929 e 1930 representam a primeira cisão sobre a autora, cada um apontando sua própria versão de acordo com os seus interesses. Personalidades como Bertha Lutz, grupos feministas e progressistas, além de Chateaubriand e seu império midiático, se posicionaram maciçamente a favor de Sylvia; enquanto os Rodrigues insistiam em uma campanha de difamação, empregando seus recursos na tentativa de vingança. Para o primeiro grupo, Sylvia era uma mulher humilhada que apenas defendeu sua honra; para o segundo, a encarnação do mal no mundo. Não sem motivo, seu julgamento recebeu tanta atenção e foi o primeiro a ser transmitido pelo rádio.

Em dialética com a coleta primária, é imprescindível que o cânone bibliográfico sobre Sylvia também seja analisado com cuidado. Através dessa análise será possível perceber como a narrativa e até mesmo como a sua personalidade de é modificada a cada migração. Assim, entre outros, obras como *O anjo pornográfico*, de Ruy Castro e *A primeira tragédia de Nelson Rodrigues*, episódio de *Linha Direta*, série da Globo; serão fundamentais na criação do diálogo proposto. Isso sem mencionar outras obras que por fugirem do foco sobre jornalismo e comunicação da tese, acabarão sendo abordadas apenas de passagem.

*O anjo pornográfico* reforça a imagem da jornalista como uma assassina insana, imagem amplamente divulgada pelo jornal dos Rodrigues após o assassinato, quando todos os dias veiculavam uma chamada dizendo “MERETRIZ ASSASSINA! FAZ HOJE X DIAS que Sylvia Serafim, ex-Thibau, esposa adúltera, mãe infame, cujos vícios inspiraram uma escandalosa acção de divorcio, para maior liberdade de cadella de rua, feriu de morte Roberto Rodrigues [...] A meretriz assassina será castigada” (*CRÍTICA*, n. 557, 24 ago. 1930). Em outra matéria, do dia 24 de agosto de 1930, número 557 de *Crítica*, após a morte de Mário Rodrigues, uma montagem em um artigo de Mário Filho mostra Serafim rindo de forma debochada ao lado do caixão de Roberto Rodrigues, reafirmando a imagem desumanizadora mista de insanidade com frieza. Em oposição, Roberto Rodrigues, o assassinado, é descrito pela mesma nota diária como um mártir, um “artista de vinte e três anos de idade, chefe de

família, profundamente honesto, com o fulgor de um grande talento e de virtudes inextinguíveis” (CRÍTICA, n. 557, 24 ago. 1930). Uma vez mais, Ruy Castro (1992, p. 72-75) corrobora essa visão ao descrever Roberto como um artista genial e inocente. Importante notar que, de acordo com Castro (1992, p. 92), o próprio Roberto cometia adultério abertamente, a despeito do repetido argumento utilizado pelo jornal e pela acusação no julgamento de que Serafim era um perigo à família brasileira por supostamente ser adúltera.

Não apenas Roberto foi sacralizado, a morte trouxe honra também para Mário Rodrigues, e a edição de *Crítica* em 06 de setembro de 1930 trazia que Mário Rodrigues foi “o maior jornalista de todos os tempos e que foi o renovador da imprensa carioca, á qual emprestou todo o fulgor de sua penna de estylista e de creador de belleza e o fascínio de sua intelligência prodigiosa e de sua omnimoda cultura”. Ademais, Castro (1992, p. 129) concede praticamente poderes sobrenaturais à jornalista, ao afirmar que, após a morte de Sylvia, “Era como se, mesmo morta, Sylvia ainda tivesse em suas mãos o destino de Joffre e não quisesse poupá-lo”. Tudo isso evidencia a importância da biografia de Nelson no reforço à desumanização da jornalista, cuja publicação, em 1992, ressuscita o interesse sobre o assassinato de Roberto e às narrativas rodriguianas.

Existe uma quantidade limitada de materiais que o tempo e o espaço permitem tratar; as fontes sobre Serafim, sua produção e/ou o assassinato, tanto primárias quanto secundárias, são um universo, de forma que tive que privilegiar obras voltadas para a nossa grande área, Comunicação. Não sem motivo escolhi trabalhar com mais profundidade sobre as duas anteriores, paradigmáticas respectivamente na construção e no questionamento do cânone sobre Sylvia. Aliadas com fontes primárias como os jornais da época, fornecem uma construção detalhada da disputa sobre a formação dessas multifacetadas. Assim, *Sylvia não sabe dançar*, de Cristiane Lisbôa, romance que ficcionaliza e propositalmente deturpa a vida de Serafim, adicionando elementos estranhos às outras obras como um suposto incesto, aparecerão apenas de passagem.

Outras narrativas após *O anjo pornográfico* não fazem muito diferente. *Sylvia não sabe dançar* colhe o retrato feito por Ruy Castro e vai além, o transformando em ficção e tratando Sylvia não apenas como louca, mas também como incestuosa, além de criar um anacrônico relacionamento de Sylvia com Nelson. Competiu à televisão dar uma visão mais completa do caso envolvendo Sylvia Serafim. No episódio *A Primeira Tragédia de Nelson Rodrigues*, do extinto programa *Linha Direta Justiça*, da Globo, ela é tratada para além do clichê de assassina. *A primeira tragédia de Nelson Rodrigues* busca uma espécie de redenção

da imagem de Sylvia, mostrando-a simultaneamente como perpetradora e vítima de uma tragédia de erros.

É interessante apontar que o vídeo do episódio, veiculado no Youtube, trouxe para um novo ambiente as disputas narrativas em torno da jornalista, em uma espécie de reedição dos argumentos utilizados durante o seu julgamento e sem a pretensão literária ou intelectual das adaptações. “Uma Mulher adúltera é a pior coisa que existe, a prova foi tanta que essa mulherzinha viveu amargurada, e tirou a própria vida, que Deus Nosso Senhor cuide da alma desse Rapaz que foi assassinado por ela !” diz um usuário, ignorando que o próprio assassinado era adúltero, ao que uma usuária responde: “que o Roberto Rodrigues vá pra PQP mulher adúltera é a pior coisa? E homem adúltero? E caluniador/difamador? Teve o que mereceu”; um terceiro comentário aparece “Na minha opinião ela é inocente! teria que ter matado toda família KKK”. Adiante, outro prossegue: “Era tão mentalmente equilibrada que se matou. E ainda fica o netinho ‘ain vovó era isso e aquilo’. Sua avó era histriônica e homicida, meu chapa”, ao que respondem “E difamada tbm, devia ter assassinado a família Rodrigues inteira pra aprender” e recebe uma réplica: “essa rampeira aí só entrou pra história como uma doida que não gostou de ouvir a verdade sobre a sua promiscuidade exposta nos jornais. Os 'ideais de liberdade' dela era mamar o médico enquanto era casada, que revolucionário, hein?!” (LINHA DIRETA, 2007). As discussões prosseguem por algumas páginas de comentários, ilustrando que o evento ainda mobiliza disputas semelhantes às de 1930.

Dessa forma, em uma pesquisa sem pretensão de objetividade absoluta como esta, dado o caráter de proximidade entre sujeito e objeto (Sylvia Serafim é minha bisavó), é natural lançar mão de técnicas como as descritas por Escosteguy (2010, p. 61), não sem motivo disseminadas justamente pelos grupos feministas dentro dos estudos culturais. Apesar da limitação espacial e temporal de uma tese todas essas técnicas foram utilizadas: de biografia até depoimentos, passando por jornais da época, jornais contemporâneos, publicações em redes sociais, levantamentos sobre outros trabalhos acadêmicos, obras de artes visuais, romances e contos, obras teatrais, músicas e melodias, entre diversas outras fontes, em um esforço interdisciplinar mesclando áreas como Comunicação, Literatura, História, Sociologia, Ciência Política, entre tantas outras. Afinal, como Escosteguy (2011, p. 14) destaca em outro texto, os Estudos Culturais enquanto área independente se caracterizam justamente por essa interdisciplinaridade, “estimulando a cooperação intelectual entre áreas que tradicionalmente mantinham-se separadas”. Seria impossível recuperar a obra e apontar os processos de desumanização de uma intelectual que transitou entre política, imprensa e arte

se esses campos também não fossem amalgamados na análise sobre a sua produção cultural e a produção cultural criada sobre ela.

Por fim, como aponta Escosteguy (2010, p. 47), o estudo sobre produções culturais é revisionista em sua essência: “A consequência natural desse debate é a revisão dos cânones estéticos ou mesmo de identidades regionais e nacionais que se apresentam como universais ao negarem ou encobrirem determinações de raça, gênero e classe”. Nisso, a autora retira a noção de revisionismo da carga pejorativa que recebeu ao longo do tempo, principalmente após o Holocausto e críticas como a de Pierre Vidal-Naquet (1988). Contudo, Naquet ignora que o revisionismo também pode assumir um papel questionador, um papel, senão de quebra, ao menos de trincar o cânone. Evidenciar e tratar o cânone como um movimento exclusivista, formado por interesses nem sempre claros e responsável pela marginalização artística e cultural de diversos grupos ao longo da história. Revisar o cânone significa dar voz a pessoas silenciadas, como Serafim.

## Capítulo 1. Apresentação de um assassinato

Para onde foram as histéricas de outrora?

*LACAN* (apud ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 205).

“De vez em quando, antes de dormir, começo a me lembrar. 26 de dezembro de 1929. E as coisas tomam uma nitidez desesperadora. A memória deixa de ser a intermediária entre mim e o fato, entre mim e as pessoas” (LINHA DIRETA, 2007). Embora não seja o autor original dessas palavras, poderia muito bem tê-las escrito, pois compartilho da mesma perspectiva expressa por Nelson Rodrigues. No entanto, há uma diferença fundamental: enquanto Nelson vivenciou pessoalmente os acontecimentos na redação naquele 26 de dezembro de 1929, eu apenas revisito esses eventos através de uma pós-memória, um conceito que sugere a herança de traumas que atravessam gerações, além do estudo que realizei ao longo dos anos sobre o caso (HIRSCH, 2012). Mesmo assim, como diz Sylvia em um romance escrito por Cristiane Lisbôa (2008, p. 65-66): “meus filhos vão ter essa história bordada na pele. Da testa”.

O dia 26 de dezembro de 1929 é marcante para mim. Já voltei a essa data tantas vezes, a vejo dando voltas em minha cabeça. Como pode ser, já que nunca a vivi? Mas é como se tivesse. Não recordo de ter falado de outra data tantas vezes na minha vida como sobre essa. Isso porque nesse dia minha bisavó assassinou uma pessoa. Pior, não qualquer pessoa, mas o irmão do Nelson Rodrigues, Roberto Rodrigues (1906-1929).

Nesse momento, muitos viram a cara. Como assim, a sua bisavó é uma assassina e você está escrevendo sobre ela? Deveria ter vergonha. Já me disseram isso. Mais de uma vez. Mas o que levou a jornalista e literata Sylvia Serafim a assassinar o jovem Roberto Rodrigues, de 23 anos, no dia seguinte ao Natal? Como toda boa história, a nossa também gira em torno de um adultério. Ou suposto adultério.

### 1.1 26 de dezembro de 1929

O ano é 1929. Um jovem Nelson Rodrigues (Recife, 1912-Rio de Janeiro, 1980), então com 17 anos<sup>3</sup>, ainda muito distante de se tornar o dramaturgo responsável pela modernização do teatro brasileiro, está na redação de *Crítica*<sup>4</sup>, jornal de seu pai, Mário

<sup>3</sup> Diversos veículos trazem erroneamente que Nelson teria 15 anos quando ocorreu a tragédia. No entanto, matemática simples revela sua idade: nascido em 1912, assassinato em 1929.

<sup>4</sup> Com frequência erram o nome de *Crítica*, colocando o artigo “A” antes, inexistente. *O Jornal* não hesita em chamar de “*A Crítica*”, mesmo logo depois do caso, em 29 de dezembro.

Rodrigues. Uma mulher, ela também uma jovem no início da casa dos 20, entra na redação e pede para falar com Mário. Mário pai não estava presente, tampouco Mário Filho. Estava Roberto Rodrigues, um dos irmãos de Nelson. Roberto era desenhista e ilustrador do jornal, considerado um prodígio pela família. A mulher e Roberto entraram em um gabinete e, após algum tempo, ouviu-se um tiro. Para a surpresa dos presentes, a mulher havia atirado em Roberto Rodrigues, que viria a morrer três dias depois. Roberto havia ilustrado a matéria de capa do mesmo dia, mostrando essa mesma mulher sendo acariciada por um médico, sugerindo um adultério (ainda que ela fosse desquitada). Sobre o que eles conversaram antes do tiro, só podemos especular. Um episódio do programa *Linha Direta* mostra Sylvia questionando Roberto sobre a publicação da matéria. Nelson sugere que a conversa seria irrelevante, pois a decisão dela já estava tomada. A defesa de Sylvia, no julgamento, contestou essa versão e atestou que a ré havia levado uma arma para autodefesa e atirado depois de ser ofendida verbalmente por Roberto, dando apenas um tiro e para baixo, sem intenção assassina.



Ninguém sabe por exato o que foi dito no longo um minuto que Sylvia e Roberto permaneceram no gabinete. As versões se diferenciam em três. A primeira, canonizada por Nelson, diz que a jornalista já teria ido com ideias assassinas, e atirou no primeiro Rodrigues que apareceu. A segunda, sugerida por Sylvia em sua defesa, afirma que ela teria sido ofendida, empurrada e se descontrolado em função disso, argumento que acabou acatado pelo júri e pelo juiz Magarinos Torres em sua absolvição por defesa da honra e perda momentânea de sentidos — jurisprudência que, até então, praticamente só absolvía homens em casos de feminicídio. Uma terceira hipótese, proposta por alguns familiares e estudiosos do caso, pensa a possibilidade de Roberto ter tentado assediá-la sexualmente. Considerando os dados que temos — Sylvia atirou para baixo, apenas um tiro, na barriga, após um tempo de conversa — o mais provável é a segunda hipótese. O fato é que Roberto morreu três dias depois com o intestino perfurado, mesmo sendo apenas uma bala de revólver de pequeno porte<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Até a véspera de sua morte, era esperado que ele se recuperasse. *O Jornal* de 29 de dezembro de 1929 cita que os médicos não imaginavam complicações e que no dia seguinte ele já deveria estar estável. Como sabemos, o que ocorreu foi o contrário, e Roberto morreu no mesmo dia.

Figura 3 – Juiz Magarinos Torres



Fonte: CRÍTICA, 21 ago. 1930.

Figura 4 - Foto de Roberto Rodrigues



Fonte: FAMOSOS QUE PARTIRAM, s.d.b.

O que se seguiu foi uma farsa ao melhor estilo rodriguiano, de fazer inveja a *Viúva, porém honesta*. O crime de Serafim foi utilizado como forma de crítica ideológica de todos os lados do espectro político, como se verá nesta tese. A partir disso, tem início uma estetização da violência, que se tornou *lócus* para uma disputa política entre progressistas, que defendiam que a ré teve sua privacidade exposta e agiu em defesa da honra (um argumento acatado pelo júri), e conservadores/reacionários, que afirmavam que a jornalista havia ofendido a família brasileira e ceifado um jovem pai de família, sintetizado na já mencionada matéria de *Crítica* (26 ago. 1930), “Um ultraje à família brasileira”. Tendo sido o primeiro julgamento a ser transmitido pelo rádio, o evento mobilizou paixões, gerando uma disputa na imprensa da época. *Crítica* expunha todos os dias uma mensagem a chamando de prostituta, Literata do Mangue, Cadela das Pernas Felpudas, entre outros epítetos, além de retratá-la, paradoxalmente, como psicótica e perversa (ao ponto de Mário Filho publicar uma montagem com Serafim rindo ao lado do caixão de Roberto) (*CRÍTICA*, n. 557, 24 ago. 1930); enquanto

os jornais de Assis Chateaubriand, de quem ela era colaboradora, publicavam matérias como “Justo atentado!” e “Pelo direito de matar” (CASTRO, 1992, p. 91). O caso mobiliza paixões ainda hoje, quando o episódio de um programa de televisão sobre o crime, veiculado no YouTube, dá continuidade às disputas político-ideológicas de quase 100 anos antes, como se verá ao fim desta tese. No processo, a autora teve sua produção jornalística e intelectual apagada, esquecida, a despeito de sua relevância e influência na época.

O crime nunca foi esquecido, e permanece mobilizando paixões até hoje, quase cem anos depois. Entrou na memória coletiva, e se tornou peça, filme, livro, série, *podcast*, entre tantos outros veículos. Em interseção desses trabalhos, grande parte tenta emular o estilo de Nelson e ficcionalizam o caso ao limite. Mas além de assassina, quem foi essa mulher?

## 1.2 Sylvia Guilhermina Serafim, ex-Thibau

Sylvia Guilhermina Serafim da Silva (Thibau após o casamento) nasceu na Rua General Severiano, Botafogo, próximo onde hoje fica o clube de futebol que absorveu o nome do bairro, no dia 27 de julho de 1902. Estudou no Colégio Sion e no Colégio Sacré-Coeur de Marie, ambos existentes ainda hoje<sup>6</sup>, o segundo, na época, voltado principalmente para meninas da alta classe. Por coincidência, Leticia Spiller, atriz que interpretou Sylvia no episódio de *Linha Direta*, também estudou lá. Por ironia, a esposa de Roberto também. Também morou em Petrópolis por um tempo, o que levaria *Crítica* a apelidá-la de “Mocinha de Todos de Petrópolis”. Ficou noiva em 1919, com 17 anos, e se casou dois anos depois, com 19, em 13 de novembro de 1921, com Ernesto Zeferino da Costa Thibau Júnior. Juntos, se mudaram e moraram em um palacete na Tijuca.

---

<sup>6</sup> Tentei entrar em contato com ambos por diversos meios: telefone, redes sociais, e-mail. Intencionava verificar se porventura possuíam algum arquivo que pudesse ser de ajuda, mas infelizmente não me responderam.

Figura 5 - Foto de Serafim veiculada em *Crítica*



Fonte: CRÍTICA, 01 fev. 1930.

Sylvia era filha de Augusto Serafim Da Silva, médico influente, auxiliar de Oswaldo Cruz na campanha à febre amarela no Pará. Não há muita informação disponível sobre Augusto. Pelo que se sabe, Augusto também era médico, assim como o primeiro marido de Sylvia e seu próprio pai (CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, 2020, p. 14). Graças a uma matéria do *Jornal Pequeno*, de 1910, sabemos também que Augusto era membro da Diretoria de Saúde Pública (cargo que Ernesto Thibau também ocuparia) do Rio de Janeiro, o que sugere sua relevância profissional. Também foi inspetor do serviço de prophylaxia da febre amarela em Niterói e diretor de Saúde Pública do Rio de Janeiro.

Desse modo, pela profissão de seu pai, sabe-se que Sylvia nasceu em uma família da alta burguesia carioca. Fora isso, não há muita informação disponível sobre ele, para além de ter tentado a guarda de Rohny, meu avô, nos tribunais após o falecimento da filha (Augusto ainda viveria por cinco anos depois dela).

Augusto faleceu no dia 24 de março de 1940, quase cinco anos depois de sua filha. Compareceram à missa de sétimo dia dois de seus netos, os dois primeiros filhos de Sylvia, Mauro e Cláudio Thibau (JORNAL DO BRASIL, 1940). Sylvia também tinha um irmão, Mario Serafim da Silva, falecido em 1975. Mario foi engenheiro da Central do Brasil.

Figura 6 - Augusto Serafim junto de Oswaldo Cruz na campanha contra a febre amarela



Os médicos auxiliares de Oswaldo Cruz, que com ele vieram combater a febre amarela no Pará. De pé, da esquerda para a direita: Costa Lima, Tavares de Lacerda, Pedro Albuquerque, Coetano Corqueira e Emygdio de Matos. Sentados: Serafim da Silva, Leocádio Chaves, João Podroso, Maurício de Abreu e Belisário Penna.

Fonte: arquivo familiar. Colorida digitalmente com a plataforma Image Colorizer.

Serafim foi acometida de psicose gravídica<sup>7</sup> no dia 23 de dezembro de 1927, após o nascimento de seu segundo filho, Cláudio<sup>8</sup>. Passou a utilizar com frequência analgésicos e estupefacientes, e precisou ficar dez meses de cama após raio-x para extirpar um “nevus” na perna esquerda (A BATALHA, 21 ago. 1930). As questões de saúde, ao que parece, intensificaram uma crise que já se dava no casamento. O relatório de desquite, homologado em 19 de dezembro de 1929 e justificado por “incompatibilidade de gênios”, descreve Sylvia como alguém com “um temperamento irrequieto, nervoso, com forte inclinação para a literatura”, enquanto Thibau seria “demasia austero” (A BATALHA, 21 ago. 1930).

<sup>7</sup> Quadro clínico semelhante, mas diferente de depressão pós-parto, sendo considerado mais intenso e perigoso. A psicose gravídica pode levar a atos radicais e irracionais, se caracterizando por “pensamentos muito incoerentes, sensação de perseguição, mudanças de humor e agitação, além de poder ter visões ou ouvir vozes” (PUC-SP, 2022)

<sup>8</sup> Meu pai leva o mesmo nome em homenagem a ele.

Na prática, Ernesto Thibau não gostava que Serafim fosse jornalista e escritora, e colocou como ultimato o abandono da carreira para se dedicar à função de *anjo do lar*. Uma mulher intelectual não era bem-vista, como os editoriais constantes de *Crítica* não deixam mentir. Ernesto negou no julgamento que Sylvia teria cometido adultério, insistindo que o desquite se dera por dissolução amigável e descontentamento com a profissão de sua esposa. Como revelou neto de ambos, Ricardo Thibau (2023), “Ernesto não queria que ela fosse jornalista. Tinha roteiro e horário para tudo, almoçava 12h. Tinha horário até pra transar. Não combinava com ela, mulher querendo descobrir o mundo, ele todo engessado”. Ou seja, para além da incompatibilidade de desejos profissionais, a personalidade destoante de ambos também não colaborou para o relacionamento. Ernesto era demasiado austero, metódico, enquanto Sylvia era irrequieta e agitada.

Figura 7 - Linha do tempo feita pela plataforma Ancestry



Fonte: Ancestry

### 1.3 Para além do assassinato: Sylvia Serafim intelectual

Sempre lembrada como a assassina do irmão de Nelson (o próprio Roberto tem seu nome apagado), Sylvia era, na verdade, uma intelectual feminista e progressista de renome na época. Ela acabou por entrar à lata de lixo da História, infantilizada pelos escritos de Nelson, se tornando uma personagem rodrigueana. Não somente um processo de desumanização, tanto mais um processo de ficcionalização, conforme o caso foi apropriado, estetizado e transposto para o sensacionalismo.

Seu trabalho literário foi esquecido, apagado, não há crítica sobre. No máximo, Ruy Castro (1992, p. 104), em *O anjo pornográfico*, declara que sua literatura era ruim por ser “ginasiana”, sem se estender: “Sylvia não tinha a menor vocação para a literatura. Poucos meses antes do julgamento, ela publicara o seu primeiro livro: *Fios de prata (Sinfonias da dor)*, uma coletânea de crônicas ginásianas de amor”. Isso levaria Wilson Martins (1993) a

criticá-lo, argumentando que não se pode acusar de ausência de qualidade uma autora sem detalhar o porquê: “No terrível episódio em que Sylvia Seraphim se viu envolvida, o menos que se pode dizer é que lhe invadiram a privacidade de forma brutal e grosseira, sem que nenhuma razão de ordem pública o justificasse”. Carloni (2020, p. 72) discorda de Castro, e entende que a obra de Serafim, mesmo literária, tinha diversos méritos. Como diz, seu texto era “requintado e marcado por toques de ironia”. Mas, limitada pelo curto espaço de um artigo transformado em capítulo de livro, aliado à necessidade de contextualização da personagem e do caso, não sobra muito espaço para a pesquisadora desenvolver a sua crítica. Uma vez mais: essencial e de enorme mérito, mas ainda apenas um começo. Imortalizada como assassina, há pouco espaço à Sylvia escritora. Sem esquecer essa outra faceta, cabe nos perguntar sobre processos de exclusão do cânone e os sentidos de resgate — e até revisionismo, em certa medida — dessa autora. Teria Sylvia sido esquecida por ser assassina? Por ser mulher?

Além de um livro de poemas e um de crônicas — respectivamente *Ramos de coral (poemas de um coração de mãe)* e *Fios de prata, sinfonia da dor* —, a jornalista publicou com frequência em periódicos, principalmente do Rio de Janeiro, sob os mais diversos formatos. Possuía um suplemento dominical em *O Jornal, Para a mulher no lar*, onde mesclava artigos e discussões sobre moda, maternidade, política, economia, além de poemas, crônicas e contos. Em suma, Sylvia transitava de temas polêmicos a discussões tradicionais. Os artigos de Serafim levantavam temas atuais e relevantes como emancipação feminina e direitos dos trabalhadores. Quando ainda casada, para evitar problemas sociais a seu marido, assinava com pseudônimos como Petite Source, Cinderella, Borboleta Azul, embora por vezes mantivesse também o seu nome.

Inclusive, é interessante como Sylvia Serafim, ainda que não crie exatamente heterônimos, desenvolve personalidades distintas para cada um de seus pseudônimos. Mais do que isso, coloca-os em diálogo, por vezes atuando em intertexto ao se referir à suas contrapartes. Petite Source, seu principal pseudônimo, era alocado sobre seus trabalhos políticos, ou mesmo literários. Já Cinderella se dedicava a assuntos “mundanos”, na época tipicamente identificados com o feminino, como maternidade e matrimônio. Para Karla Carloni (2020, p. 73): “As múltiplas personalidades de Sylvia demonstram as rupturas e as continuidades negociadas da escritora que dialoga com si mesma, com a sua condição histórica de mulher moderna e com o modelo feminilidade correspondente ao grupo social ao qual pertencia”.

Como jornalista, Serafim colaborava para os jornais da cadeia dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, entre outros. Possuía, inclusive, um suplemento, *Para a mulher no*

lar, em *O Jornal*, tradicional jornal e um dos principais de Chateaubriand. *O trabalho intelectual feminino*, *A mulher na literatura*, *A mulher na academia*, *Feminista*, *Maternidade consciente*, são alguns dos títulos de seus artigos nesses jornais, como será analisado em profundidade nos capítulos seguintes.

Figura 8 - Foto de Sylvia Serafim, veiculada em *Crítica* após o assassinato

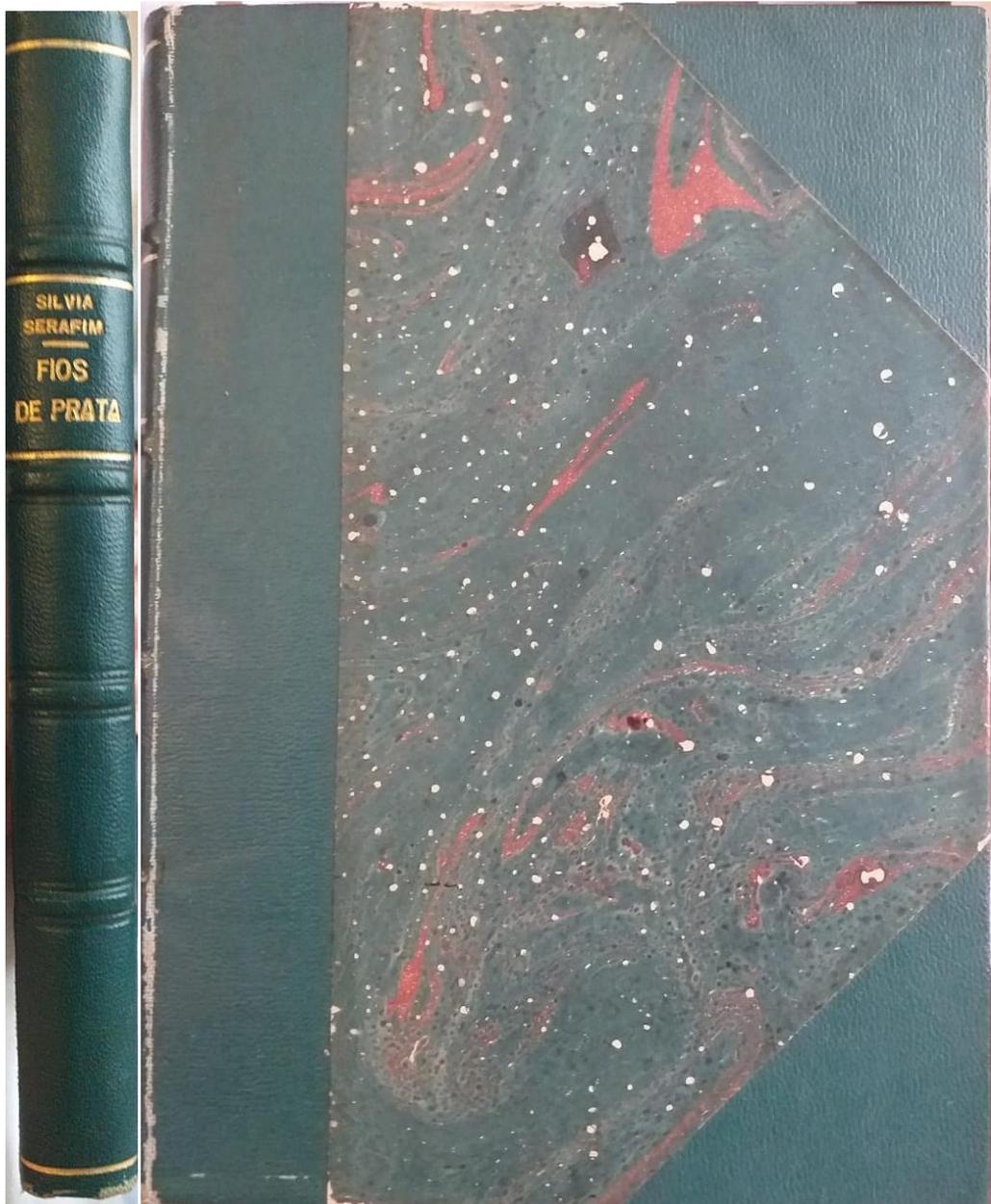


Fonte: CRÍTICA, 19 ago. 1930.

Não é simples encontrar os livros de Serafim hoje em dia, dado que nunca foram reeditados. Todavia, a autora disponibilizou fragmentos deles nos jornais da época. Algumas das crônicas de *Fios de prata*, *sinfonias da dor* (ou *Fios de prata*, *symphonia da dor*, no original), aparecem em seu suplemento no *O Jornal*. Após um ano de busca em sebos do Rio de Janeiro e de São Paulo, encontrei este livro em um sebo em Brasília, na Livraria Pindorama. Nada barato, por estar na estante de livros raros e nunca ter sido reeditado. Em excelente estado, o nome de Sylvia, curiosamente, aparece grafado como “Silvia Serafim”. Na

prática, ao longo da pesquisa descobrimos diversos materiais com grafias distintas; em alguns como Sylvia, outros como Silvia, ou ainda Seraphim e Serafim. Em uma edição de *Crítica* (13 mai. 1930) aparece até “Sylvia Serafini”. Também aparece assinado com seu principal pseudônimo, Petite Source.

Figura 9 - Capa de *Fios de prata*



Fonte: SERAFIM, 1930.

A outra obra literária de Serafim, *Ramos de coral*, está perdida. Não se encontra em nenhuma biblioteca e a última notícia sobre uma edição veio em 2020, quando foi vendida em um leilão digital. Apesar disso, é possível reconstituir alguns dos poemas desses livros por meio de reproduções de fragmentos que ela fez em seu suplemento, como na edição 3973, de 18 de outubro de 1931, de *O Jornal*. Para isso, cita a si própria por meio de um de seus diversos pseudônimos: Borboleta Azul. Infelizmente, os leiloeiros não responderam às tentativas de contato por diversos meios. Em conversa privada, um neto de Serafim admitiu que possuía uma edição, mas que a emprestou no início dos anos 2000 para pesquisadoras

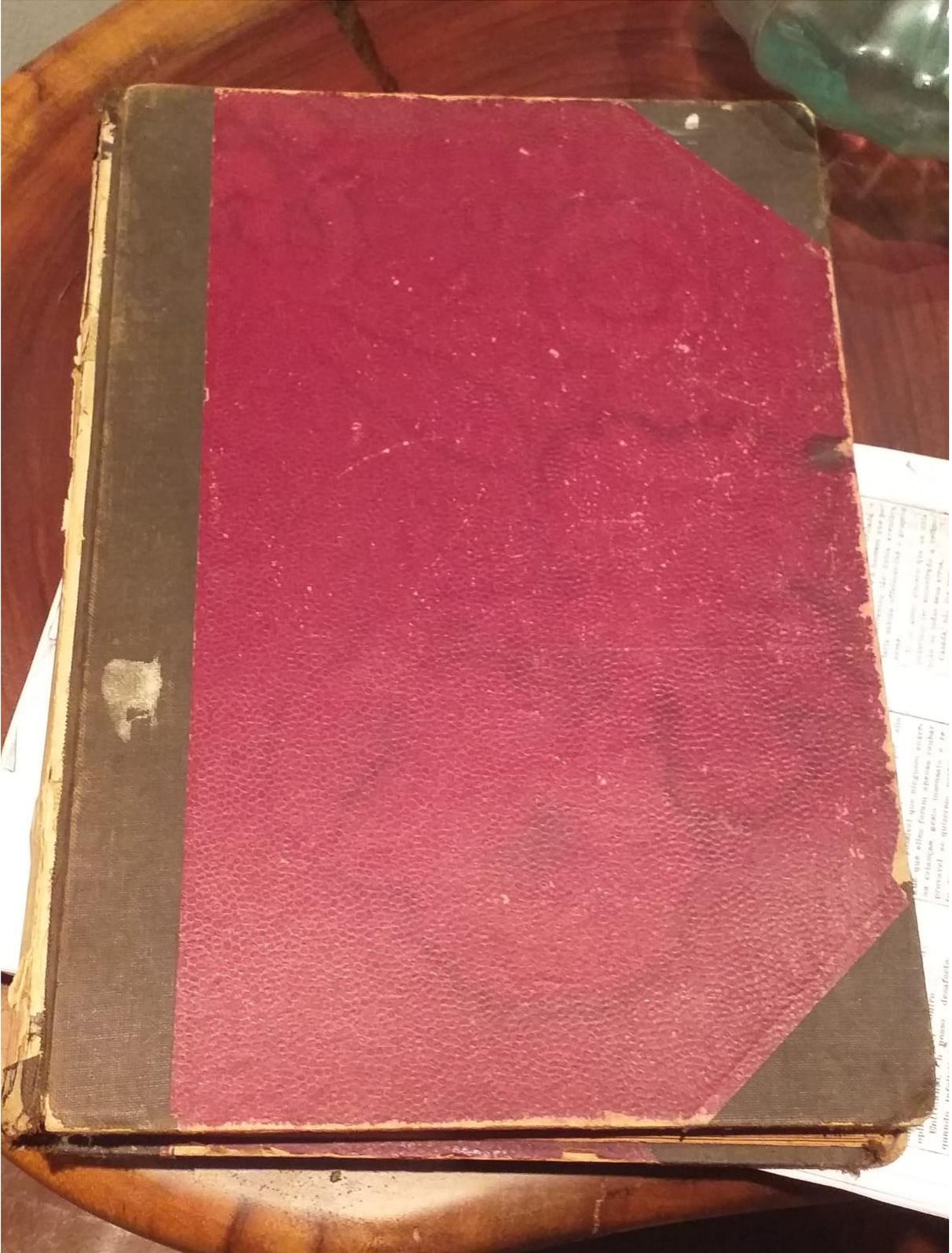
interessadas no tema e nunca a recebeu de volta. Outro neto diz que viu o livro sendo vendido em um sebo uma vez, também cerca de duas décadas atrás, mas que optou por não comprá-lo, pois desejava distância da história.

. *Fios de prata* foi escrito no calor do momento, logo após o assassinato. Na verdade, parte da obra trata dos momentos após o crime. A própria Serafim tinha bastante carinho pelo livro, não à toa selecionou e grifou diversas passagens em um álbum pessoal que legou para sua família (e que me foi doado no início da pesquisa). Mesmo que não seja nosso foco adentrar em profundidade em *Fios de prata*, vale ao menos uma visão inédita sobre a estrutura de um livro lançado poucos meses depois do assassinato.

O arquivo de Sylvia, aparentemente montado por ela própria, se mantém em bom estado de conservação, ainda que com pequenas marcas do tempo. Com quase cem anos desde que foi montado, apenas a lateral se desprende, e alguns pequenos fragmentos da capa. As páginas estão amareladas, como não poderiam deixar de estar pelo tempo decorrido. Vale ressaltar também sua extensão, tanto em altura quanto em quantidade de páginas, ainda que apenas cerca de um terço esteja coberto por trabalhos. A capa vinho, com alguns detalhes em preto, possui ainda uma mancha esbranquiçada e marcas que parecem de copos ou taças, possivelmente apoiados sobre ela em algum momento.

.

Figura 10 - Capa do álbum montado por Sylvia



Fonte: arquivo pessoal.

#### 1.4 “Justo atentado!”: disputas em torno de Sylvia Serafim

O assassinato de Roberto se tornou um pretexto para que grupos ideológico-políticos rivais se enfrentassem. Sylvia se tornou protagonista de uma disputa entre progressistas e conservadores, enquanto o crime foi estetizado ao limite. Não somente política, mas também econômica. Na prática, o assassinato de Roberto foi utilizado como uma forma de jornais rivais atacarem um ao outro, já que Sylvia era colaboradora do jornal de Chateaubriand. Nada mais irônico do que uma declaração do próprio Roberto Rodrigues, certa vez: “Tanto é belo um idílio romanesco como um crime bárbaro” (FAMOSOS QUE PARTIRAM, s.d.).

Figura 11 - Autorretrato de Roberto Rodrigues



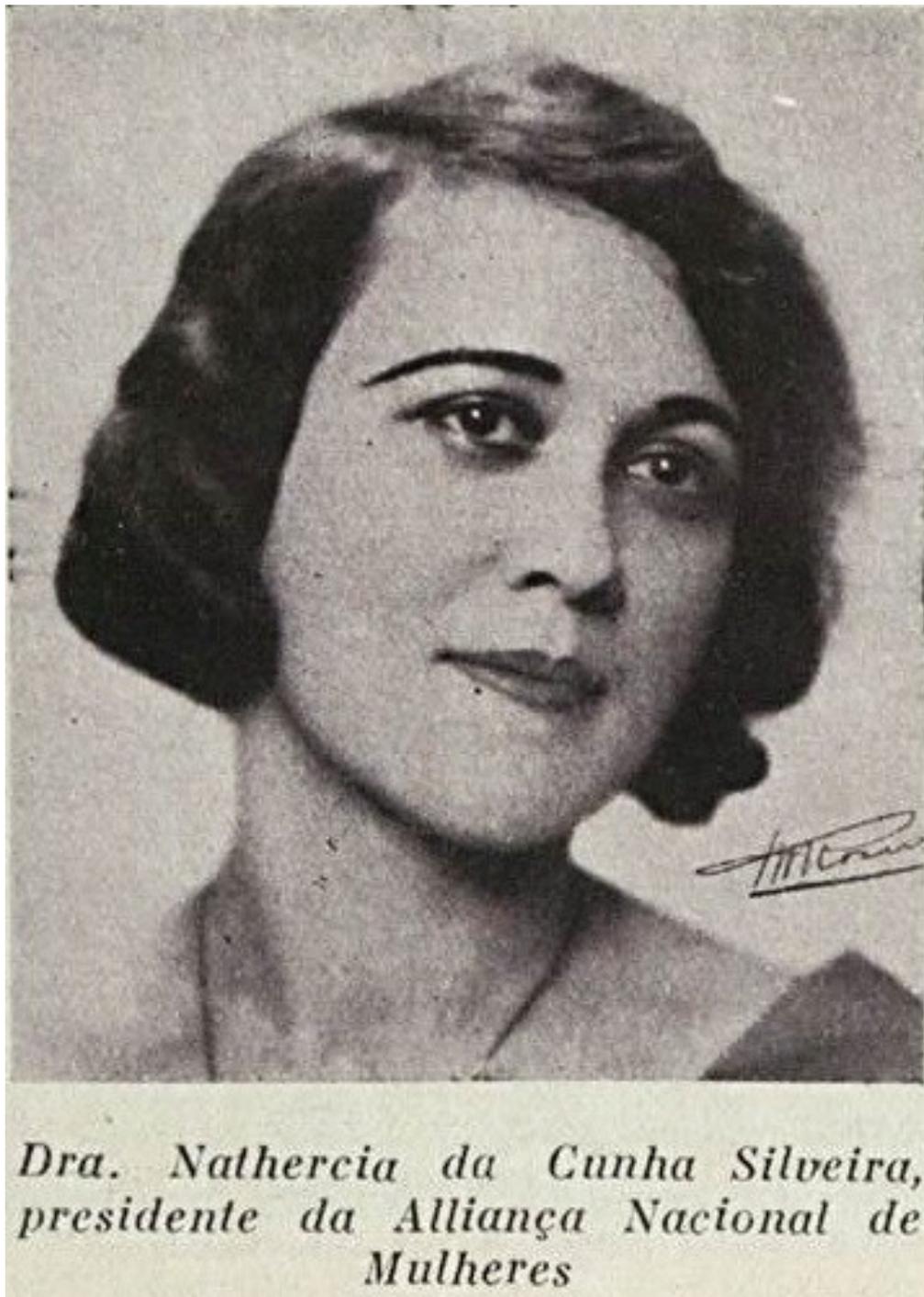
Fonte: CRÍTICA, 28 abr. 1929.

*Crítica* era um jornal conservador. A família Rodrigues, como Nelson nunca cansou de deixar claro, era majoritariamente conservadora ou reacionária. Era útil à *Crítica* mostrar para uma sociedade tão ou mais conservadora o que uma feminista que escrevia para o jornal de Chateaubriand fazia em seu lazer.

A divisão não se limitou à imprensa. Na verdade, a própria opinião pública também se dividiu, muito de acordo com a posição política das pessoas. Transformado em um grande

espetáculo teatral, o crime mobilizou ampla cobertura, levou uma multidão à porta do tribunal para ouvir os alto-falantes. Os conservadores acusavam Sylvia de ter ceifado um pai de família, um artista talentoso no auge de sua juventude, tudo para satisfazer suas vaidades de mulher jornalista e escritora. Em outras palavras, como se seu crime fosse mais o fato de ser literata, do que o assassinato em si. As feministas, lideradas por Bertha Lutz, e apoiadas por Chateaubriand, argumentavam que a jornalista defendeu a sua honra, se apoiando na ideia de “perda momentânea de sentidos”. Previsto no código penal, esta ideia acabou sendo acatada pelo júri e Sylvia foi absolvida por cinco votos a dois.

Figura 12 - Natércia Cunha, primeira advogada do Rio Grande do Sul, líder feminista e sufragista, e membro inicial da equipe de advogados de Sylvia



Fonte: BRASILIANA, 2020.

Além de Bertha Lutz, líder sufragista e uma das feministas mais famosas no Brasil, e Natércia Cunha, outra das mulheres que prestaram solidariedade com Sylvia foi Almerinda Farias Gama, que mais tarde seria uma das duas únicas mulheres a participar da Assembleia Constituinte de 1933. Gama foi não apenas uma pioneira no feminismo brasileiro, mas

também uma das primeiras mulheres negras a atuar na política, e a amizade entre as duas fez com que passasse a colaborar para a página de Sylvia em *O Jornal*. Almerinda, que fora visitar Sylvia na Casa de Saúde Santo Antônio, onde estava internada aguardando o julgamento e esperando uma cirurgia de varizes, escreveu que “sabendo que ela estava presa lá, por questão de solidariedade, resolvi fazer-lhe uma visita. Visitei Sylvia, gostei dela, ela tinha um trato muito fino” (TENÓRIO, 2020, p. 127).

Figura 13 - Clínica onde Sylvia ficou internada



Fonte: arquivo pessoal, disponibilizado pelo pesquisador Alexandre Octávio.

De fato, Gama passa a colaborar com alguma frequência para o suplemento, em consonância com os ideais de Serafim. Na edição 3518 de *O Jornal*, por exemplo, de 04 de maio de 1930, Petite Source inaugura uma seção chamada *Chronica semanal*, voltada para “Perspectivas de paisagens d’alma, de accidentes da vida...” (O JORNAL, n. 3518, 04 mai. 1930). A primeira convidada é justamente Gama, a quem elogia como um “dos mais altos e serenos” (O JORNAL, n. 3518, 04 mai. 1930) espíritos intelectuais da época, dona de um talento “desassombrado e moderno” (O JORNAL, 25 mai. 1930, p. 32).

Em seu artigo de estréia, a escritora nortista trata do suicídio de uma jovem, que ateou fogo em si mesma em desespero pela violência doméstica que sofria. Somente seis meses de

casamento foram suficientes para que a jovem, encurralada, decidi-se pela autodestruição. Gama sugere que talvez o Estado a amparasse caso entrasse com denúncia, mas que as contradições da violência de gênero levaram a jovem a tal limite, que a solução última apareceu como a mais aceitável. Para ela, a opressão social sobre a mulher seria de tal forma intensa, que as jovens se relacionariam com “o primeiro bruto que aparece. (que os maridos inteligentes e dignos representam uma ridícula minoria” (O JORNAL, n. 3518, 04 mai. 1930). Em geral o casamento, longe de trazer estabilidade, deixaria em “farrapos aquelle mimo de graça, de intelligencia e de pureza” (O JORNAL, n. 3518, 04 mai. 1930).

Na mesma página, Gama também colabora com uma coluna sobre bordado, assinado por Maripoza Doirada. Embora seu conteúdo não mereça destaque neste trabalho, é interessante perceber que, assim como Serafim, suas convidadas também mesclavam temas e pautas políticas polêmicas à época, como a emancipação feminina, com tópicos identificados com papéis tradicionais de gênero. Na mesma página em que Gama e Serafim escrevem sobre bordados, também discorrem sobre violência de gênero. Trabalham, como diz Marialva Barbosa (2023), nos espaços possíveis.

A disputa sobre Serafim não foi apenas política e social, mas também econômica. Os jornais cariocas se dividiram em blocos contra e a favor da escritora. Os *Diários Associados* defendiam abertamente o atentado. O *Diário da Noite* chegou a publicar *Justo atentado!* em uma manchete, e um artigo debochado intitulado *Pelo direito de matar* (CASTRO, 1992, p. 91). Ademais, Chateaubriand auxiliou Sylvia Serafim financeiramente e psicologicamente. Do outro lado, a família Rodrigues dedicava tempo e recursos no ataque contra a jornalista. O jornal *A Noite*, por exemplo, fundado por Irineu Marinho, corroborava a visão dos Rodrigues ao colocar uma matéria de capa sugerindo que a jornalista teria abandonado sua função materna para viver das letras (CRÍTICA, n. 554, 21 ago. 1930). Essa mesma matéria foi absorvida pela *Crítica* e transformada em matéria de capa. A menção ao assassinato aparece apenas no quarto parágrafo, em fonte muito menor, enquanto palavras-chave como lar, família e mãe recebem destaque em todas as frases anteriores.

Figura 14 - *Crítica* de 21 de agosto de 1930, reproduzindo uma matéria de *A Noite*

**«Como Classificar Uma Mãe Que Desmancha Seu Lar Para Escrever Contos nos Jornaes?»**

**Ousará Sylvia Thibau Fazer Esta Singela Pergunta às Mães Cariocas?**

COMO "A NOITE" ANALYSA O FRIO CRIME DE SYLVIA SERAFIM

A instituição da família é a base do Estado, cujos codigos punem o assassinio, como o maior dos crimes, e a Sra Sylvia Serafim mostrou que não tem capacidade para viver na situação normal de família e quebrou as leis que mandam respeitar a vida humana como um bem sagrado.

Fonte: CRÍTICA, 21 ago. 1930.

Curiosamente, a própria Serafim havia colaborado com artigos para o *A Noite* no passado. Na mesma verve irônica, antes de adquirir *O Jornal*, Chateaubriand tentou dar início ao seu império comprando justamente o jornal dos Marinho, rejeitado por Irineu Marinho. Em que pese o contrafactual, cabe pensar no que teria influenciado na disputa midiática em torno de Serafim caso *A Noite*, veículo maior do que *O Jornal*, também estivesse ao seu lado. Ou mesmo outros grandes jornais, como o *Jornal do Commercio* e o *Jornal do Brasil*, sobre os quais Chateaubriand também se interessou. Na prática, o empresário só não conseguiu comprá-los porque o então presidente, Artur Bernardes, interveio, preocupado com a possibilidade de um opositor concentrar veículos influentes (MORAIS, 1994, p. 130-131).

Marialva Barbosa estudou o caso de Sylvia Serafim em seus trabalhos sobre história da imprensa brasileira. Estivemos juntos em seu gabinete na Escola de Comunicação (ECO/UFRJ) em 08 de agosto de 2022 e gravamos uma entrevista, publicada na *Projeto História* em 2023. Na entrevista, Barbosa (2023) rejeita a ideia de Castro (1992, p. 88) e sugere que a matéria de capa da *Crítica* não teria ocorrido por despropósito, mas sim como uma forma de atingir um jornal rival. No caso, a disputa entre Mário Rodrigues e Assis Chateaubriand, ambos empresários da grande mídia, teria transbordado e tomado Serafim como bode expiatório. Por ser colaboradora de *O Jornal* e ter algum contato com seu dono, por ser uma mulher com um suplemento inteiro em um grande jornal da época, Serafim foi visada como método para atacar o seu empregador. Por conta disso, não apenas foi matéria de capa, mas recebeu a ilustração de Roberto Rodrigues<sup>9</sup>, principal ilustrador de *Crítica*. Algo como mostrar à população “olha o que a mulher que escreve para o Chateaubriand está fazendo nas horas livres, é isso que vocês querem para suas famílias?”.

Este ponto é sintetizado por Evandro Lins e Silva, então um jovem jornalista, mas posteriormente reconhecido como um dos maiores advogados criminalistas do país. Em outra das várias ironias históricas que aparecerão neste trabalho, Silva se posicionou a favor de Serafim, embora décadas depois tenha protagonizado um caso semelhante: o assassinato de Ângela Diniz por Doca Street. No caso, ele foi o advogado de defesa de Doca, utilizando justamente a estratégia de defesa que critica no caso de Serafim: recorrer à sexualidade da mulher e à desumanização feminina. Silva se incomoda com o fato de *Crítica* ter usado as posições políticas e a vida privada de Serafim como método para tentar condená-la, embora ele mesmo tenha tentado absolver Doca com base em supostas transgressões sexuais de Diniz. Em *O salão dos passos perdidos: depoimento ao CPDOC*, ele relembra o caso de Sylvia:

---

<sup>9</sup> Um dos dois filhos que Roberto deixaria, Sérgio Rodrigues, se tornaria um dos arquitetos e designers mais conhecidos do Brasil (ironicamente, alguns descendentes de Sylvia possuem móveis feitos por Sérgio).

Ela era uma mulher que tinha se separado do marido, e isso era uma coisa incomum no Rio de Janeiro daquele tempo. A mulher ficava sempre suspeita de não ser uma pessoa correta pelo fato de se ter separado. E ela era jornalista, assinava uma coluna com o pseudônimo de Petite Source, Pequena Fonte. Uma mulher que escrevia em jornal... Uma mulher que conversava com as pessoas, que levava os seus trabalhos para a redação... Isso tudo fez com que ela fosse vítima da reportagem da *Crítica*, que a apontava como uma mulher livre, uma mulher que não devia praticar certas ações, que eram censuráveis diante da sociedade muito rigorosa e machista da época (SILVA, 1997, p. 77).

Todos os dias após o assassinato, durante os 267 dias que *Crítica* ainda sobreviveu, colocava uma nota dizendo: “MERETRIZ ASSASSINA! FAZ HOJE X DIAS que Sylvia Serafim, ex-Thibau, esposa adúltera, mãe infame, cujos vícios inspiraram uma escandalosa acção de divorcio, para maior liberdade de cadella de rua, feriu de morte Roberto Rodrigues [...] A meretriz assassina será castigada” (CRÍTICA, n. 554, 21 ago. 1930). Inicialmente sempre na primeira página, a nota foi deslocada para a última página conforme o caso se desenrolava e a jornalista terminava absolvida. Entretanto, o jornal nunca deixou de veiculá-la, até a sua última edição.

Figura 15 - Nota diária veiculada na *Crítica*

**Justiça ! Justiça !**



**MERETRIZ**

**ASSASSINA!**

**FAZ HOJE DUZENTOS DIAS** que Sylvia Serafim, ex-Tilhau, esposa adúltera, mãe infame, cujos vícios inspiraram uma escandalosa acção de divórcio, para maior liberdade de cadella de rua, feriu de morte Roberto Rodrigues, artista de vinte e tres annos de idade, chefe de familia, profundamente honesto, com o fulgor de um grande talento e de virtudes inexcedíveis. A meretriz assassina será castigada.

Fonte: CRÍTICA, 15 jul. 1930.

Em outra matéria, do dia 24 de agosto de 1930, número 557 de *Crítica*, após a morte de Mário Rodrigues, uma montagem em um artigo de Mário Filho mostra Sylvia rindo de forma debochada ao lado do caixão de Roberto Rodrigues, reafirmando a imagem desumanizadora misto de insanidade com frieza. Mário Filho, aquele que é canonicamente descrito como um dos maiores jornalistas brasileiros — o “papa da imprensa esportiva” (SIMAS, 2021, p. 62) —, que batiza o Estádio Jornalista Mário Filho (popularmente conhecido como Maracanã), aplicando o que nem com o melhor dos malabarismos pode ser descrito como qualquer outra coisa que não notícia falsa, dando a impressão que Sylvia cometeu um assassinato duplo. Reencarnando o imaginário de mulheres feiticeiras, em *O anjo pornográfico* Sylvia passa a ser culpada mesmo pela morte de Joffre, outro irmão de Nelson, que faleceu um ano depois de Sylvia: “Era como se, mesmo morta, Sylvia ainda tivesse em suas mãos o destino de Joffre e não quisesse poupá-lo” (CASTRO, 1992, p. 139).

Figura 16 - Montagem de Mário Filho mostrando Sylvia rindo ao lado do caixão



Fonte: CRÍTICA, n. 557, 22 ago. 1930.

Serafim não foi a única apagada pela História. O assassinato, e a posterior fama de Nelson, terminou por apagar o próprio Roberto. Recifense como o pai, Roberto não viveu muito na cidade. Motivados por disputas políticas, a família Rodrigues logo se mudou para o Rio, onde Roberto acabaria por ter outros treze irmãos. Tijucanos como Sylvia Serafim, os Rodrigues trouxeram sua verve jornalística para a então capital, fundando *A Manhã* em 1925 e, não muito depois, *Crítica*.

Figura 17 - Foto de Roberto Rodrigues



Fonte: DIÁRIO CARIOCA, n. 439, 27 dez. 1929.

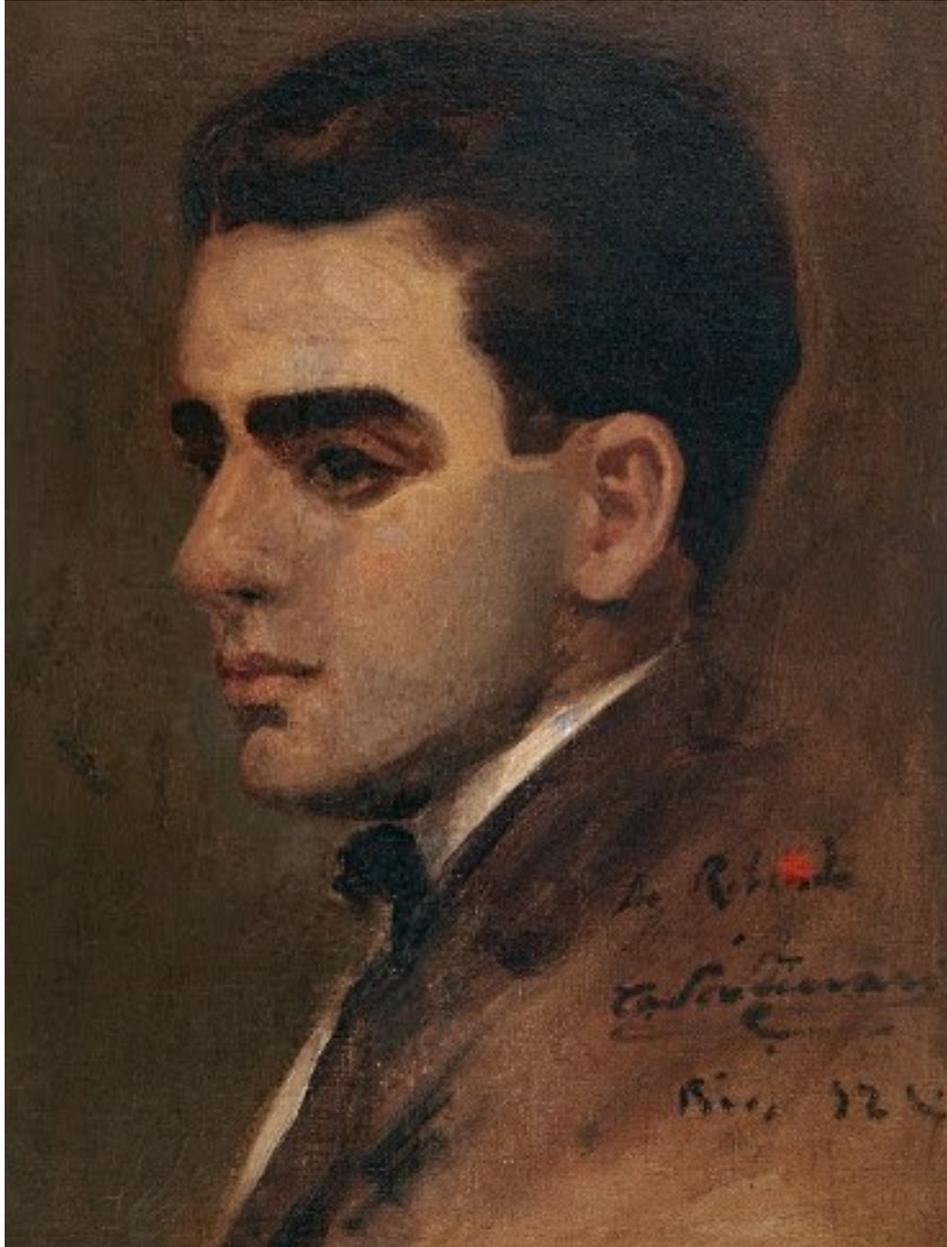
Figura 18 - Uma versão incompleta da família Rodrigues, década de 1930



Fonte: ZAPPA, s.d.

Tratado como prodígio das artes visuais, Roberto (bem como os demais Rodrigues), era amigo pessoal de Candido Portinari. O famoso pintor chegou, inclusive, a pintar retratos e imagens de vários dos membros da família, até do próprio Roberto.

Figura 19 - Retrato de Roberto Rodrigues, por Portinari



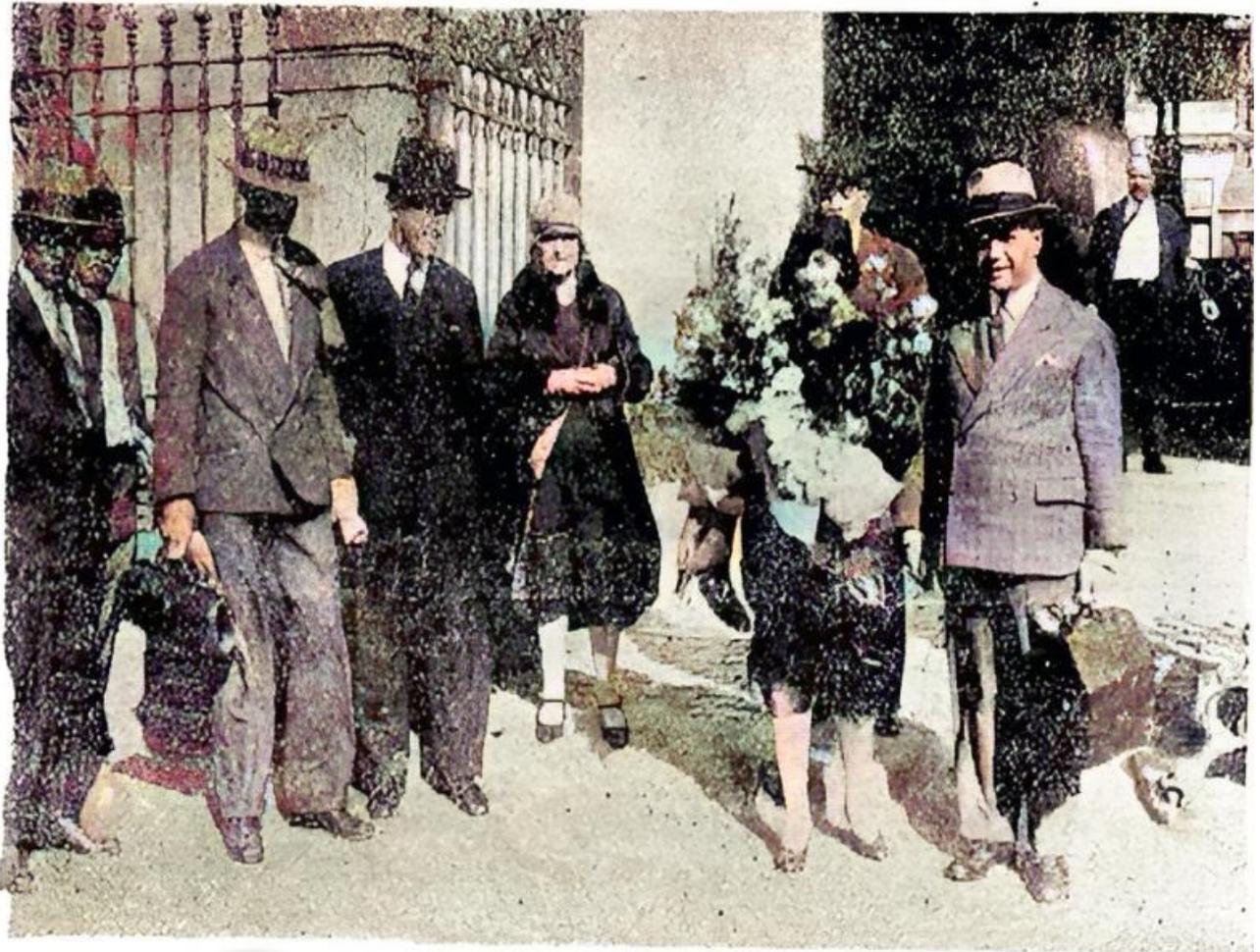
Fonte: PORTINARI, 1924.

O trauma marcaria Nelson Rodrigues (2016, p. 445) pelo resto de sua vida, como ele comentaria em diversas oportunidades: “o meu teatro não seria como é, nem eu seria como sou, se eu não tivesse sofrido na carne e na alma, se não tivesse chorado até a última lágrima de paixão o assassinato de Roberto”. Para os Rodrigues, a maior vingança possível: ainda que Sylvia Serafim fosse uma jornalista e escritora conhecida na época, frequente na alta sociedade carioca, membro da Academia Fluminense de Letras, colunista do *O Jornal* de Assis Chateaubriand, e tenha sido absolvida, entrou à lata de lixo da História. Apesar de sua atuação pioneira em diversos campos, sua produção jornalística, política, feminista e poética foi apagada da memória coletiva e ela passou a ser lembrada majoritariamente como

assassina. Como já dito, o argumento da defesa foi acatado e Sylvia foi absolvida por defesa da honra, o que inspiraria, anos mais tarde, Nelson a dizer que “toda unanimidade é burra” (RAMOS, 2012), ignorando o fato de que o júri não foi unânime.

Figura 20 - Sylvia é libertada

Foi posta em liberdade, hoje, á tarde, a sra. Sylvia Serafim



*A escriptora Sylvia Serafim, quando deixava, á tarde, a Casa do Suude Dr. Oliveira Motta. Ao seu lado estão a sua progenitora e o dr. Clovis Dunshee de Abranches, seu advogndo. Atrás, vê-se o dr. Serafim, seu pai*

Fonte: arquivo pessoal do autor. Colorida digitalmente com ImageColorizer.

Na prática, pouco importava a figura de Sylvia. Sua identidade de Sylvia foi destruída pelo debate público, encarnando seu sobrenome de Serafim. Em paroxismo do simbolismo, Sylvia passou a ser sacralizada por grupos progressistas, e demonizada por grupos conservadores. Ambos, cada qual a seu modo e com prevalência sobre os segundos, a desumanizaram. Sua produção intelectual foi apagada pela História e somente agora, cem

anos depois, conforme o cânone literário e intelectual brasileiro é questionado, voltou a receber atenção como uma figura para além de apenas assassina.

Isso porque Serafim era um objeto perfeito para mobilizar paixões. Para os progressistas, encarnava o espírito de uma mulher independente, o futuro e o progresso. Para os conservadores, símbolo da degeneração social que resultava da concessão de liberdades e questionamento de paradigmas. Um lado passou a se ocupar exclusivamente em atacar o outro, seja por motivos econômicos, intelectuais, ideológicos ou sociais, utilizando a figura dela como meio para tal. Serafim para um lado, Lúcifer para outro. Anjo e anjo caído, nunca humano.

O resultado foi a absorção da memória coletiva de Serafim sempre como assassina, nunca como intelectual. Os diversos trabalhos construídos sobre ela quase sempre a trazem apenas nessa posição. É o caso, por exemplo, de *O modernismo de amor e morte de Roberto Rodrigues*, artigo de Cláudio Roberto Lima Guimarães; *Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal*, tese de doutorado de Agnes Danielle Rissardo; *A morte na carne rompendo com os míticos laços familiares: sacrifício em Anjo negro (1946) e Senhora dos afogados (1947)*, de Nelson Rodrigues, dissertação de Dênis Moura de Quadros; entre diversos outros. Poucas são as exceções, como os já mencionados artigos de Karla Carloni, *O corpo e as subjetividades de Sylvia Serafim: violência de gênero, imprensa e protagonismo feminino no Rio de Janeiro (1920-1930)*; o artigo de Marcus de Moura Barros, *Pourquoi n'ai-je jamais entendu parler d'elles ? : Sylvia Serafim Thibau et l'effacement discursif des femmes controversées*; e a tese de doutorado de Ana Paula Galvão de Meira, *Me quiseram rosa, subjugaram meus espinhos: mulheres rés e relações de gênero na Comarca de Castro, Paraná (1840-1890)*.

Em outras palavras, ela se tornou uma nota de rodapé na história de Nelson Rodrigues. Trabalhos acadêmicos sobre Nelson sempre a trazem como um fragmento da carreira rodrigueana, responsável, em maior ou menor grau, por sua guinada dramatúrgica e influência em sua prosa reacionária. Corolário inevitável: a dificuldade de se encontrar as obras literárias de Sylvia no contemporâneo, nunca reeditadas. Não fosse a impressionante Hemeroteca da Biblioteca Nacional, capaz de mostrar ao mundo a riqueza de seu trabalho jornalístico e político, sua obra seria ainda mais apagada.

Se as disputas narrativas de 1930 a desumanizaram como anjo ou demônio, Nelson Rodrigues foi além e a transformou como que em uma personagem característico de sua prosa. Como será visto adiante, ela é transformada em uma personagem ridícula, patética, infantil, mimada, viciada. Apaga-se em definitivo a maturidade intelectual de alguém que defendia o trabalho intelectual feminino em uma época em que mulheres não podiam sequer

votar. Algo colhido e intensificado não apenas por Ruy Castro em *O anjo pornográfico*, mas por diversas obras ficcionais que tratam do assassinato. Essas obras deturpam Sylvia ao ponto de *Sylvia não sabe dançar* não apenas corroborar a imagem infantil e adúltera, mas transformar Sylvia até mesmo em incestuosa. Repete-se na ficção com alguma frequência também um relacionamento anacrônico entre Sylvia e Nelson, que teria até mesmo sido o real motivo por trás do assassinato. Essa relação entre os dois, aliás, se tornou lugar-comum no teatro: é tratada ao menos em duas peças, *Amor e morte de Nelson Rodrigues*, de Clóvis Levi, segunda colocada no Prêmio Nacional de Dramaturgia do IBAC em 1993, e *À sombra do Anjo: teatro desagradável em cinco atos, um roteiro performativo a doze mãos*, de Bya Braga et al, publicado nos *Caderno de Encenação* e encenado em 2010 no Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais, ocupação da Casa Azul.

Por mais que um processo lento, nos últimos cinco anos se fez muito mais sobre a obra de Sylvia do que nos noventa anos anteriores, conforme surgem trabalhos como este e *Mulheres tecendo o tempo*, de Karla Carloni. Até então, Sylvia era sempre apenas a assassina. Diversas teses, dissertações, sem falar das obras artístico-culturais, trazem a jornalista cristalizada nessa função. Em *O anjo pornográfico* Ruy Castro diz que a produção literária de Sylvia é fraca, mas limita esse comentário a apenas uma linha do livro.

Em paralelo à disputa ideológica e política, o seu crime entrou à cultura popular, assumindo em definitivo o seu caráter estético. A figura da “cruel assassina do nosso Roberto” (CRÍTICA, 21 ago. 1930) passou a circular em filmes, peças, séries, livros, sem contar mesmo trabalhos acadêmicos. Quase todos a tratam apenas como criminosa. Ignorando, no processo, suas várias outras facetas. Para além de uma disputa ideológica e política que se manteve na esfera da arte e do jornalismo, o crime por si só causou fascínio — intensificado conforme crescia a fama de Nelson. Afinal, como muitas dessas obras afirmaram, Sylvia era uma “mulher rodrigueana até o último fio de cabelo” (PARIZOTTO, 2012). Em suma, era como se o real houvesse antecipado em anos a arte, e era inevitável que isso fosse explorado.

Obras artísticas não fazem muito diferente e também deslegitimam Sylvia enquanto intelectual. Em *Sylvia não sabe dançar*, ficção de Cristiane Lisbôa, é criado um estranho relacionamento anacrônico entre Sylvia e Nelson; para além de pintá-la não apenas como louca, mas também incestuosa. Tanto essa obra, quanto as versões trazidas por Nelson, a família Rodrigues e Ruy Castro traçam uma figura não apenas desumanizada de Sylvia, mas mesmo infantilizada. A retratam quase como uma criança mimada brincando em um mundo de adultos, uma imagem que não sobrevive a uma leitura mínima da sua produção e

maturidade intelectual e política. Aliás, essa relação anacrônica entre Sylvia e Nelson se tornou lugar-comum de trabalhos artísticos sobre o tema. Ainda que com formato folhetinesco, *A primeira tragédia de Nelson Rodrigues*, episódio do antigo programa da TV Globo, *Linha Direta*, fornece uma das imagens mais completas e imparciais do caso, ampliando a figura de Sylvia, ainda que pouco, para além apenas do espectro de assassina.

Como Lisbôa recusou uma conversa, não há como saber qual foi o seu processo de pesquisa para elaboração do livro, ou se ela apenas ouviu falar da história e criou algo novo em cima dela. A obra abre com uma série de declarações, por exemplo, que seria interessante descobrir se foram de fato colhidas, ou se também se classificam como ficção. Uma delas, por exemplo, diz “Meia palavra e te processo. (Alguém que não pôde ter sua identidade revelada neste livro)” (LISBÔA, 2008, p. 08). Provavelmente se trata de criação imaginativa da autora, mas se ela realmente tiver conversado com alguém que disse isso seria bastante interessante ouvir a situação. Será um Rodrigues? Um Menezes/Thibau? O neto de Sylvia? Ou, mais crível, apenas uma frase solta para fornecer um caráter mais verossímil para a história?

Por meio do fluxo de consciência, sua ficção emula narrativas de Nelson, principalmente seu romance *O casamento*. Em *Sylvia não sabe dançar*, Serafim é reduzida a uma personagem rodriguiana, com todo o ridículo que isso implica. A Sylvia personagem parece não ter noção de seu ato, ou mesmo motivações para tê-lo cometido, agindo por impulsos e vaidade infantis. Não à toa, seu fluxo de consciência passeia entre reflexões sobre o assassinato e pensamentos absurdos, como sua constante preocupação com a ausência de roupa íntima: “Estou sem calcinha, não posso sentar. Não que este fato tenha alguma remota ligação com o que acabo de fazer. Só preciso pensar em alguma outra coisa que não seja este homem debaixo da mesa, pressionando o ventre com as duas mãos, já completamente encharcadas de sangue preto” (LISBÔA, 2008, p. 12). O tiro em si é tratado de forma lúdica, como uma criança brincando de atirar:

Até este momento eu não tinha idéia da facilidade que é levantar o braço, encolher o dedo indicador para dentro, de maneira que a pequena alavanca seja forçada, e escutar o estampido de um tiro. Dois. Três. Depois da terceira sequência de movimentos, o braço cansa e o dedo dói, mesmo com uma arma pequena, levinha, feminina, calibre vinte e dois” (LISBÔA, 2008, p. 12).

*Sylvia não sabe dançar* cria uma linha do tempo alternativa ao modificar alguns dos principais eventos. Na obra de Lisbôa a sombra do incesto — e a tentativa a qualquer custo de afastá-lo —, bem como em *O casamento*, aparece como força motriz. Lisbôa consegue, no processo, uma redução bem-sucedida de Sylvia à figura mais caricata e patética descrita nas

páginas mais virulentas da *Crítica*. Pois nem *Crítica* poderia fazer melhor: muito mais do que Literata do Mangue ou Cadela das Pernas Felpudas, não há vingança maior do que tornar Sylvia uma personagem de Nelson Rodrigues, absorvida por todo o ridículo que esse processo implica. O incesto — ambíguo durante a trama de Lisbôa —, assim como em *O casamento*, aterroriza o desenvolvimento do enredo. Nunca fica claro se a Sylvia ficcional tem mesmo uma relação com seu pai ou se é apenas uma criança presa no corpo de uma adulta, incapaz de agir conforme a idade. Logo após atirar em Roberto, seu primeiro pensamento é: “Gostaria de ter a sorte de poder desmaiar. E acordar na cama de papai” (LISBÔA, 2008, p. 26). Propositamente ambígua, a cama pode representar tanto o ato sexual quanto o conforto de uma infância protegida. A decisão fica a critério do leitor. Como diz um dos relatos na abertura do livro, depois disso “Quem terá coragem de frequentar a missa aos domingos?” (LISBÔA, 2008, p. 08).

*Amor e morte de Nelson Rodrigues*, de Clovis Levi, é outra peça que busca replicar o estilo de Nelson, enfocando o assassinato de seu irmão. Nesse caso, recicla *Vestido de noiva* com os personagens envolvidos na morte de Roberto. Longe de inovar, Levi repete o padrão já estabelecido nas obras sobre Sylvia-Roberto-Nelson: a mescla entre realidade e ficção. Os três protagonistas há muito tempo ultrapassaram o domínio do real, transformando-se em figuras ficcionais. No entanto, Levi comete um dos principais erros dessas obras, como já feito por Lisbôa: não abraçar completamente a ficção. A propósito, Wilson Martins (1993) chama atenção para a banalidade de transformar a vida de Nelson em peça, ao argumentar que sua vida passou por tantos acontecimentos bizarros que, transposta para o teatro, pareceria até forçada e inverossímil.

A tentativa de jogar no limite entre real e fictício, ao contrário de conceder força à obra, a enfraquece tanto como peça, quanto como documento histórico. No entrelugar entre ambos, acaba adentrando um limbo, considerando que a alegação de que as falas são autênticas não se sustenta. Na prática, Levi foi mais um a absorver sem questionamento a versão canonizada por Nelson, sem se perguntar sobre sua influência na interpretação do caso. Tivesse abraçado o caráter literário (mesmo que ainda mesclando com personagens reais), em vez de uma parcial piscadela à História, teria maior potência como pastiche e atualização de *Vestido de noiva*.

Entretanto, as disputas políticas, ideológicas e sociais sobre essa figura não se limitam apenas ao jornalismo ou a ficção. O assassinato foi absorvido pelo imaginário popular de forma que permanece mobilizando paixões e discursos políticos de forma bastante semelhante a 1930. O maior exemplo disso é o vídeo do *Linha Direta*, disponibilizado por um usuário no

*YouTube*. Como se verá no último capítulo, os comentários de ambos os lados são arrasadores, apontando o quanto o caso é apropriado como ataque político. Usuários conservadores reagem com frases como: “No fim uma Feminista tão empoderada se m4t0v por causa de m4ch0. Tinha que ser Feminista mesmo”. Outro escreveu: “A mulher uma perigue-te se incomodando com fofoca... aff, modernosa ela”. Outro: “Como alguém pode idolatrar uma assassina ? Expôs a vidinha devasta dela e morreu como poderia ter matado qualquer um membro da família. Foi assassina , covarde e péssima mãe. Eu teria vergonha de falar que sou parente”. “O fim junto por uma feminista idiota.”, que gera uma resposta: “vc gostaria de caluniado ? machismo e tão escrotidao” (LINHA DIRETA, 2007).

Os progressistas replicam na mesma página no *YouTube*: “Que o Roberto Rodrigues vá pra PQP mulher adúltera é a pior coisa? E homem adúltero? E caluniador/difamador? Teve o que mereceu.” Outro: “E difamada tbm, devia ter assassinado a família Rodrigues inteira pra aprender.”, ou “Pra mim foram 3 babacas que publicaram coisas sem saber sobre uma mulher na intenção clara de humilha-la. Se divertiram diante a humilhacao que fizeram com ela e teve o que mereceu! Morreu suave ainda!” Nos comentários do vídeo também é comum que as discussões evoluam para uma disputa com relação aos candidatos das eleições de 2022: “e vc deve ser gado do Bolsonaro, não pode ver uma posição diferente que a tesão no Lula, aflora” (LINHA DIRETA, 2007).

O caso, por sinal, volte e meia reaparece nas redes sociais. Páginas de *True Crime* e *podcasts*, como *Café com Crime*, revisitam com alguma frequência o assassinato de Roberto. Por exemplo, um comentário no Twitter em 13 de janeiro de 2020 sugere que Sylvia seria fisicamente parecida com a atriz Phoebe Waller-Bridge, que fez o seriado *Fleabag*. Um ano antes, também no Twitter, em resposta a uma matéria sobre uma condenação do humorista Danilo Gentili, um usuário diz “Tem outra forma de resolver ofensas, como Sylvia Serafim Thibau”.

Eu mesmo recebo às vezes mensagens de pessoas que desconheço em minhas redes sociais, querendo saber mais sobre Sylvia, ou opinando a favor ou contra ela. Uma das que recebi: “está vendo vídeos sobre sua bisavô ela foi uma grande mulher embora muitas a julguei mas acredito que ela estava certa por que meretrizes não iria fazer o que ela fez ela foi muito corajosa”. Em que pese o inconveniente, nem todas são tão gentis, e já recebi mensagens agressivas. Em 2023, um usuário que se dizia “defensor do Ocidente cristão” me contactou em meu Instagram afirmando que eu deveria ter vergonha de ser bisneto de uma assassina.

### 1.5 Os últimos anos de Serafim

Após a absolvição, Sylvia se apaixonou por um tenente-aviador, Armando Serra de Menezes, e teve um filho com ele, meu avô. O casamento, porém, não foi possível porque a legislação brasileira da época não permitia que uma mulher desquitada casasse novamente (CASTRO, 1992, p. 127). Sylvia passou a morar com a criança em um apartamento de Armando em São Conrado, na subida do Joá. Planejou então se casar no Uruguai, onde era possível desde que vivesse um tempo no país. Foi, então, como mulher de Armando em uma visita da comitiva de Getúlio Vargas ao país, ficando em Montevideu enquanto Armando retornaria ao Rio, para voltar posteriormente ao Uruguai e se casarem (CASTRO, 1992, p. 127). Armando, porém, nunca retornou: ficara noivo de uma mulher rica, mais conveniente para os seus desejos arrivistas. Sylvia retornou para o Rio em 1936, mais de seis anos após o assassinato, ao passo que Armando se mudou para Curitiba. Ela acabou, porém, sendo presa novamente, dessa vez por supostamente falsificar documentos para se matricular na Faculdade de Direito de Niterói. Fugiu para Curitiba, em busca da ajuda de Armando, que a rejeitou. Em desespero, tentou o suicídio pela primeira vez, cortando os pulsos no hotel em que estava hospedada, na frente de seu filho. Sobreviveu e foi presa, por denúncia de Armando. Transferida para Niterói, realizou uma segunda tentativa de suicídio, tomando um vidro inteiro de Veronal na madrugada de 27 de abril de 1936, com 34 anos. Não acordou mais. Seu filho, então com quatro anos, dormia ao seu lado novamente.

Meu avô, já bastante idoso, não fala no assunto e reage severamente a qualquer menção de sua mãe. Na verdade, nunca falou do assunto sequer com seus filhos, evitando lembranças de sua mãe. Nunca tivemos muita proximidade, e não respondeu minhas tentativas de contato. Assim como o seu pai, também se tornou piloto, embora de aviões comerciais e não militares. Ao contrário dos descendentes do primeiro casamento de Sylvia, a família Thibau, os descendentes da segunda família nunca deram qualquer relato, recusando-se a contribuir com depoimentos, por exemplo, para o episódio do *Linha Direta*.

Figura 21 - Foto de Armando Serra Menezes pilotando um avião



Fonte: arquivo pessoal.

Cláudio, um dos dois filhos que Serafim teve no primeiro casamento, com o médico Ernesto Thibau Júnior, também se tornou piloto militar e morreu em um acidente de aviação. Mauro, o segundo filho, foi engenheiro e chegou a ministro de Minas e Energia, no governo Humberto Castelo Branco. Morreu em 2005. Em *Mauro Thibau: A Trajetória de um Ministro* (lançado em 1997 pelo Centro da Memória da Eletricidade no Brasil), ele relembrou sua relação com a mãe, mas não mencionou o assassinato nem o que se passou com ela entre 1929 e 1936. Também diz que tem apenas um irmão, ignorando seu meio-irmão nascido após o crime.

Figura 22 - Foto de Sylvia veiculada em *O Jornal* após sua primeira tentativa de suicídio (colorida digitalmente)



Fonte: O JORNAL, n. 05171, 28 abr. 1936.

Figura 23 - Foto de Armando Serra Menezes



Fonte: arquivo pessoal.

Segundo o neto de Sylvia, Ricardo Thibau (2023), Armando mostraria arrependimento pro resto de sua vida. Dizia com frequência que Sylvia havia sido o amor de sua vida, e que não soubera lidar com a relação. Depois de sua morte, olhava com saudosismo para o tempo que tiveram juntos. Irmã de Ricardo, Rosana era apontada por ele como muito semelhante à mãe de seu filho.

É óbvio que há, nesta tese, um tom confessional e uma pessoalidade inevitáveis. Por mais que eu tente trazer os tópicos com a maior distância possível, minha relação com Sylvia inevitavelmente aparece, desde a escolha do problema de pesquisa até aos objetos. Depois de cem anos, era a hora de alguém revisitar esse caso sob uma nova ótica, por mais que ela não seja totalmente imparcial.

De minha parte, conheço a história desde criança, ou ao menos até o ponto em que uma criança pode conhecer. Contudo, foi só em anos recentes que me interessei o suficiente para começar um processo de investigação, já durante o mestrado. O ponto de partida foi a sugestão de um companheiro pesquisador e jornalista, Antonio Munró, após eu brevemente ter mencionado sobre minha bisavó, de desenvolver em conjunto um artigo para a *Revista Piauí*. Possuo imensa gratidão ao colega, mesmo que ele tenha acabado por abandonar a ideia, pois não somente acabei desenvolvendo o artigo (SCHARGEL, 2023), como percebi que apenas um trabalho seria muito pouco para fazer jus à memória de Sylvia Serafim. Era preciso uma tese. Talvez mais de uma.

O empurrão necessário surgiu logo depois, quando minha orientadora de mestrado, Vera Lúcia Follain de Figueiredo, me incentivou a transformar o tema sobre Sylvia em projeto e a pensar em caminhos de pesquisa possíveis. A história que cresceu comigo começava a tomar forma pela primeira vez. Antes, era apenas uma curiosidade, uma anedota que eu contava desde criança. Quando um pouco mais velho, ainda com caráter semelhante, tornou-se uma história de bar. Agora, pela primeira vez, tomava uma estrutura de fato. E quanto mais eu pesquisava, mais eu descobria que aquele universo era gigantesco. Havia a produção literária de Sylvia, só isso já daria uma tese. Sua produção política, ainda mais rica. A disputa social e política que se seguiu ao caso, que poderia ser desenvolvida até em outras áreas, como Ciência Política ou Sociologia. A desumanização ligada ao gênero. Era fácil se perder. Mais complexo do que trabalhar com a ausência de materiais, somente a abundância.

Meu avô, filho de Sylvia, nunca falou no tema comigo ou com seus filhos. Na verdade, pouco nos falamos, sempre fomos muito afastados. Vive nos arredores de Resende, cidade onde Sylvia conheceu meu bisavô, isolado. Mesmo para meus pais e meus tios, é nitidamente um tema doloroso. Meu pai sempre evitou o assunto, mas o destino fazia com que tivesse

repetidos contatos — pessoas comentando, peças de teatro, entre outros cenários. Encontrou um livro de Serafim em um sebo há mais de vinte anos, mas se recusou a comprar. Mesmo sem saber da história direito, cresci em um ambiente de mudez, o que tornou duplamente mais desafiador a aproximação. Precisava abordar pessoas próximas de mim, mas que não se sentiam confortáveis para tratar do assunto. Um primeiro desafio metodológico se impôs: como perguntar sem ofender?

Durante a pesquisa, fui atrás não somente de descendentes dos envolvidos, ou dos escritos de Sylvia, mas também dos materiais relacionados à história. Por exemplo, o túmulo dela no Cemitério São João Batista (onde, não sem ironia, Nelson Rodrigues também está enterrado). Estive por duas ocasiões no cemitério, além de ligar diversas vezes, onde tentei, sem sucesso, descobrir se ela permanecia no jazigo em que fora enterrada. Esbarrei na burocracia da instituição. De toda forma, as pedras do jazigo de Sylvia são novas, e não há indício familiar de que alguém esteja pagando o seu jazigo, ou de que ele seja eterno.

Figuras 24, 25 e 26 - Estado atual do jazigo de Sylvia Serafim







Fonte: arquivo pessoal

Embora muito se poderia desenvolver sobre a relação pessoal do autor com Serafim, e a transmissão do trauma de geração em geração, é preciso encaminhar a discussão para o objetivo deste trabalho: analisar a disputa sobre Serafim, bem como a construção de sua figura, começando por seus trabalhos. Mas antes de entrar em profundidade no debate sobre a produção jornalística de e sobre Sylvia, é preciso lançar mão de discussões sobre temas como História da imprensa brasileira e imprensa feminina. Isso permitirá tornar mais claro as pressões sociais que recaíram sobre a jornalista, bem como os processos de seu apagamento histórico.

## Capítulo 2. A mulher e a imprensa

que diferença faria / se em vez de continuar / tomasse a melhor saída: / a de saltar, numa  
noite, / fora da ponte e da vida?

*João Cabral de Melo Neto* (2000, p. 72).

A origem do romance como gênero literário é majoritariamente política, e se entrelaça com a história do capitalismo, do liberalismo e das mulheres. Podemos pensar nessa gênese com as Leis de Cercamento inglesas (*English Land Enclosures Act*), que se iniciaram no século XVII, intensificaram no XVIII e duraram até o início do XX. Um processo que o teórico húngaro Karl Polanyi (2000) chamou de “a grande transformação”, um ponto sem retorno da modernização e urbanização que acabaria por gerar, em efeito bola de neve, a violência política do século XX. Os séculos XVIII e XIX são marcados por prosperidade econômica, liberal e urbana, em uma paz inorgânica que cozinha tensões como uma panela de pressão.

Em resumo, as leis — foram mais de 5.200, totalizando 6.8 milhões de acres, de acordo com dados do Parlamento inglês — deram início ao processo de tornar privadas terras que eram, até então, consideradas de usufruto público. Isso forçou um êxodo rural, com a formação de grandes centros urbanos. Na aurora do capitalismo, os servos de outrora deram início a uma nova classe: o proletariado.

Mas, afinal, por que o êxodo rural britânico desempenha papel tão fundamental na ascensão do romance e na literatura feminina? Uma explicação possível pode ser encontrada no crescimento de uma das ideologias políticas mais conhecidas, e talvez, a mais ligada ao capitalismo: liberalismo. No século XVII John Locke dá as primeiras formas ao liberalismo, que encontra seu apogeu nos dois séculos seguintes, com pensadores como John Stuart Mill, Adam Smith e Alexis de Tocqueville. Como qualquer ideologia política, o liberalismo é plural e multifacetado, com diversas correntes internas, como o libertarianismo e o ordoliberalismo. Entretanto, todas elas se conectam em uma interseção essencial: o individualismo. Valorizar o individual é, para o liberalismo, tão essencial quanto o coletivo é para o socialismo.

No início do século XIX, o liberal francês Alexis de Tocqueville sintetizou o pensamento dessa ideologia política ao determinar que cada indivíduo “existe apenas em si mesmo e somente para si mesmo” (*apud* SENNET, 2003, p. 264). As novas e modernas configurações urbanas inundadas por seus milhões de anônimos favorecem, mais do que nunca, esse individualismo. Ou, como Johann Wolfgang von Goethe também argumentava:

“em nenhum lugar alguém pode estar mais sozinho do que em uma grande multidão”<sup>10</sup> (1982, p. 58, tradução minha).

A essência do pensamento liberal reside na ideia de que a soma de milhões de individualidades promove o bem comum. Ideia que encontra expressão máxima no clássico exemplo de Adam Smith (1974, p. 20): o padeiro não faz o pão com o cervejeiro em mente, mas ambos beneficiam um ao outro. O padeiro faz seu pão pensando em si, o cervejeiro idem, e posteriormente um irá consumir o produto do outro. As necessidades individuais catapultam a economia e as sociedades humanas:

Mas, no espaço urbano, o individualismo assumia um sentido particular. As cidades planejadas do século XIX pretendiam tanto facilitar a livre circulação das multidões quanto desencorajar os movimentos de grupos organizados. Corpos individuais que transitam pela cidade tornam-se gradualmente desligados dos lugares em que se movem e das pessoas com quem convivem nesses espaços, desvalorizando-os através da locomoção e perdendo a noção de destino compartilhado. (SENNET, 2003, p. 264)

Voltemos, então, à nossa questão: por que o êxodo rural britânico desempenha papel tão crucial na ascensão do romance e como isso se relaciona com a literatura feminina? Mesmo que a primeira vista possa parecer despropositado, percorrer este caminho é fundamental para ilustrar o cenário político-social em que a literatura feminina, e Serafim, por extensão, se encontravam no início do século XX. O liberalismo é ponto focal para responder essa questão, mas por quê? Bom, porque há uma relação simbiótica entre liberalismo, individualismo e o romance moderno. O romance aparece quase como uma extensão literária do liberalismo e sua supervalorização do indivíduo sobre o coletivo. É um gênero íntimo e individual por sua própria natureza. Uma das formas estéticas mais miméticas, o romance parodia o cotidiano individual, facilitando a projeção do leitor para o enredo (PRIORE, 1997, p. 402).

Os escritos de Ian Watt (2010) sobre a ascensão do romance são reveladores para entender a sua conexão com a audiência feminina. Ponto que interessa em particular a este trabalho, de modo que toda a discussão que se segue é baseada em *A ascensão do romance*. É preciso compreender ao menos um pouco da ascensão do romance para entender o ambiente social, político e econômico que as intelectuais estavam inseridas no século XIX e XX. Portanto, para entender a própria obra de Serafim, e sobre o contexto em que versava.

---

<sup>10</sup> Tradução livre de “nowhere can one be more alone than in a large crowd”.

A conexão entre as mulheres e o romance ocorre, não por coincidência, em uma época em que as mulheres começavam a ascender em direitos e liberdades. Mesmo que os primeiros romancistas fossem majoritariamente homens, as leitoras eram maioria. Isso criou um fenômeno curioso: alguns dos primeiros e mais influentes romances da época traziam protagonistas mulheres, como *Moll Flanders*, de Defoe, e *Pamela* e *Clarissa*, de Samuel Richardson. Todos escritos por homens, portanto. Como ressalta Watt (2010, p. 155), não há registro de uma mulher que tenha conseguido se manter profissionalmente apenas com a escrita no século XVIII, mesmo entre aquelas que encontraram algum sucesso literário.

O tamanho do público leitor quando o romance começou a se disseminar ainda era bastante pequeno, considerando que a maior parte das pessoas era analfabeta. Edmund Burke, pai do conservadorismo moderno, estimou aproximadamente 80 mil leitores no Reino Unido da virada do século XVII para o século XVIII em uma população de 6 milhões de pessoas (WATT, 2010, p. 38). Para além do analfabetismo majoritário, a vida urbana com suas indústrias nascentes não fornecia tempo suficiente à leitura. Esse elemento foi fundamental para o surgimento do principal público leitor: mulheres de classe média.

As novas configurações urbanas e o protagonismo inédito concedido às grandes cidades se relacionaram diretamente com a ascensão do liberalismo e do romance. Como veremos adiante, também são responsáveis no crescimento de fenômenos como a estética da violência e o jornalismo do sensacional. Megalópoles se formam como coração financeiro, cultural e político de uma nação, ao ponto de que, por exemplo, Londres concentrava “mais da metade dos livreiros ingleses” entre 1700 e 1760 (WATT, 2010, p. 188). Como dito, especificamente Londres era essencial no surgimento dessas novas modalidades culturais e políticas, bem como de sua relação com as mulheres.

Se outrora as mulheres desempenhavam papel fundamental na divisão do trabalho de suas comunidades, com o advento de grandes cidades e o puritanismo, passaram a dispor de muito tempo livre. Excluídas do trabalho e marginalizadas socialmente, as mulheres de classe média se viram com mais tempo livre do que qualquer outra classe ou setor social nos séculos XVII e XVIII. E, como Watt (2010, p. 168) aponta, não é coincidência, uma vez mais, que na “História da humanidade a severidade sobre as relações sexuais tendeu a coincidir com o aumento da importância da propriedade privada — a mulher deve ser casta para que o marido possa ter certeza que seu herdeiro é de fato o seu filho”. Por fim, elas também eram privadas da socialização e do entretenimento típicos dos homens daquela época, o que encorajou a solidão de *hobbies* individuais, como o romance. Como diz Lady Mary Wortley Montagu, prima de Henry Fielding, sobre a leitura feminina maciça: “Não tenho dúvida de que pelo

menos a maior parte deve ser um lixo, bobagens etc. Entretanto servirá para passar o tempo” (WATT, 2010, p. 46).

## 2.1 Aurora da literatura feminina

No século XVIII e XIX temos um curioso fenômeno: mulheres eram o maior público leitor, mas isso não era refletido no reconhecimento da produção feminina — embora, segundo Watt (2010, p. 319), quantitativamente, mulheres publicaram mais do que homens no século XVIII. Não apenas a mulher precisava da permissão de seu marido para publicar — como foi o caso de Mary Shelley —, mas o pensamento conservador e patriarcal desencorajava a literatura feminina. Mesmo sendo leitoras maciças, persistia o mito de que mulheres não eram capazes de produzir literatura.

O ensaio de Virginia Woolf, *A Room of One's Own (Um teto todo seu)*, de 1928, trata exatamente dessa questão. A autora cria uma fábula sugerindo que William Shakespeare teria tido uma irmã com a mesma habilidade literária que ele. No entanto, como mulher, ela não teria tido o mesmo nível de estímulo do jovem William, caindo em obscuridade. Misturando realidade e ficção, Woolf mostra que a ausência de literatura feminina não é por inabilidade, mas por pressão das estruturas sociais. Para isso, além da parábola da irmã de Shakespeare, Woolf cria também um narrador alter ego com um nome absolutamente comum, Mary Seton, como que personificando qualquer mulher. O “teto todo seu” (room of one's own) de que Woolf fala, um espaço pessoal e privado para que se possa refletir e escrever, é essencial à criação artística e intelectual. Com a dependência social e financeira feminina, esse espaço era inexistente.

*Um teto todo seu* foi gestado alguns anos antes, com um debate público nos jornais entre Woolf e Falcão Afável (Affable Hawk), pseudônimo de Desmond MacCarthy. Affable Hawk havia publicado uma resenha favorável sobre o livro de Arnold Bennett, *Our Women: Chapters on the Sexdisvord*, em que o autor argumenta que a ausência de arte feminina se dá por conta de uma inteligência menor. Woolf, já uma romancista com alguns livros publicados (mas ainda distante de seus principais livros, como *Mrs. Dalloway* ou *To the Lighthouse*), ousou questionar as teses de ambos os autores, insistindo que tal ausência se dava, na prática, por ausência de instrução formal — o principal argumento que apareceria posteriormente em *Um teto todo seu*.

Por ironia, embora se considerasse um “feminista convicto”, Hawk argumenta que “as mulheres são inferiores aos homens em capacidade intelectual, especialmente no tipo descritivo como criativa. Certamente, este fato é evidente a qualquer pessoa” (WOOLF, 1996, p. 21).

Para reforçar sua ideia, propõe uma lista dos cinquenta maiores autores da literatura, da pintura, da ciência, da crítica ou da música global, sugerindo que uma lista predominantemente masculina (na época) comprovaria tal superioridade. O fato de que tal lista, se feita na época, seria constituída quase exclusivamente por homens europeus e estadunidenses, é retomado com sarcasmo por Woolf, crítica do etnocentrismo pseudocientífico sugerido por Hawk. Continua o autor:

Embora seja verdade que uma pequena porcentagem das mulheres seja tão inteligente quanto os homens inteligentes, o intelecto é uma especialidade masculina. Algumas mulheres, indubitavelmente, são muito inteligentes, mas em menor grau que Shakespeare, Newton, Michelângelo, Beethoven, Tolstoy. A capacidade intelectual média das mulheres também parece significativamente menor. Se o intelecto de um homem inteligente, mas não especialmente inteligente, fosse transferido para uma mulher, ela se tornaria imediatamente uma mulher muito inteligente, e acredito que o mesmo aconteceria com a sua capacidade de organização: Uma mulher com as habilidades de Henry Ford seria uma das maravilhas do mundo (WOOLF, 1996, p. 22).

Para Hawk, a preponderância social masculina seria decorrente e comprovação da suposta inteligência maior. Indo além, as mulheres desejariam a submissão social e intelectual. No entanto, fosse por esse caminho, seria um silogismo lógico entender que as emancipadas, sufragistas e feministas em geral se destacariam intelectualmente, dado que rejeitam a submissão que o autor entende como consequência (WOOLF, 1996, p. 23). Não é, no entanto, o que escreve o resenhista, que sugere que os avanços progressistas desses grupos ideológicos em longo prazo não alterariam a distribuição social de poderes — ponto que, à luz da História, não se concretizou.

Uma semana depois, Woolf (1996, p. 26) respondeu tanto Hawk quanto Bennett, chamando atenção para o lento, porém progressivo, crescimento da participação social e intelectual da mulher. Como lembra, cada século que passa produz mais artistas, cientistas e intelectuais, o que evidencia a não existência de efeitos biológicos sobre a inteligência, mas sociológicos. Termina, com ironia, sugerindo se esse crescimento feminino não seria, segundo os argumentos de seus opositores, evidência então de uma diminuição no intelecto masculino, e se a Primeira Guerra não corroboraria isso (WOOLF, 1996, p. 27).

A tréplica de Hawk explicita o seu ponto de vista liberal. Sem incorrer no anacronismo de implicar um argumento meritocrático antes da existência do conceito em si, mas sempre foi comum aos liberalismos a ideia de que a sociedade premia os mais talentosos, de forma que Hawk não hesita em lançar mão disso. Para corroborar sua tese da inferioridade das mulheres, sugere que mulheres talentosas deveriam ser capazes de superar barreiras sociais e políticas,

desenvolvendo prodígios para entrar na sua referida lista fictícia dos “50 maiores gênios” (WOOLF, 1996, p. 30). Lembra, para isso, da origem humilde de alguns grandes nomes das ciências e das artes na História, como Newton ou Herschel, concluindo que “não importa quão desfavoráveis tenham sido as condições de vida das mulheres no passado, não foram mais desfavoráveis do que aquelas vencidas pelos vários homens de capacidade intelectual extraordinária. [...] elas parecem não se igualar aos homens que são melhores em tudo” (WOOLF, 1996, p. 31). O incômodo com o apelo biológico de Hawk geraria, em Woolf, o embrião da parábola de Judith Shakespeare, a irmã tão talentosa quanto William, mas privada das mesmas oportunidades sociais e relegada ao esquecimento, como aparece em *Um teto todo seu*.

Woolf (1996, p. 45) reforça que para uma mulher se tornar escritora, ela precisa antes matar o *anjo do lar* (angel in the house), ideia que é corroborada por Gubar e Gilbert. Ou melhor, precisa superar as limitações sociais que se impõem sobre o seu gênero, visto como preso às atividades domésticas. Precisa, inclusive, superar as formas com que essas limitações se manifestam em autocensura. Logo, os grilhões sociais se manifestam não só em aspectos como dificuldades financeiras da emancipação, mas também sobre a condescendência com que a literatura feminina era tratada, mesmo entre as próprias mulheres. Como diz: “É extremamente mais difícil matar um fantasma que uma realidade. [...] Matar o Anjo da Casa era parte das tarefas de uma escritora (WOOLF, 1996, p. 45).

Um ano depois de *Um teto todo seu*, em 1929, Sylvia Serafim traz argumentos parecidos em seu artigo *A mulher na literatura*, que veremos com profundidade mais adiante. Nele, Serafim rejeita os argumentos conservadores de que haveria pouca literatura feminina devido a uma suposta inabilidade literária das mulheres — ou até mesmo por menos inteligência, para os mais extremados. Um crítico brasileiro apontado pela autora, por exemplo, chegou a afirmar que “nada parece mais com uma página escrita por uma mulher do que outra página escrita por outra mulher” (SERAFIM, 29 nov. 1930). Ela defende que não há arte mais intimista que o fazer literário, compara o literário ao desnudar-se e argumenta que a parca produção feminina era devido à mesma razão com a qual o desnudar-se literal era controlado. Essa seria das razões pra literatura, na época, ser tão masculina. Isso porque “o incessante constrangimento exercido sobre a vida da mulher pelo receio da opinião alheia” promove um violento silenciamento. Em suma, a pressão social pelo recato também impactava na produção literária, devido ao seu caráter íntimo.

Em 1792, apenas três anos depois do início da Revolução Francesa, Mary Wollstonecraft, intelectual britânica, publicou o que podemos pensar como o primeiro texto

feminista, ou profeminista: *A Vindication of the Rights of Woman*. Wollstonecraft, considerada uma das primeiras pensadoras feministas, vinha de uma família ilustre: era casada com William Godwin, filósofo anarquista, mãe de Mary Shelley, a autora de *Frankenstein*, e sogra de Percy Bysshe Shelley, autor de *Ozymandias*, *Ode ao vento oeste*, *Em defesa da poesia* e um dos poetas mais ilustres da língua inglesa. Em sua obra, a filósofa traçou alguns dos argumentos que seriam atualizados por intelectuais posteriores como Woolf e a própria Serafim: a mulher não é intelectualmente inferior ao homem, apenas não recebia as mesmas oportunidades sociais, e a educação era essencial para mitigar essa desigualdade. Não é coincidência que uma versão inicial do feminismo tenha surgido com Wollstonecraft no final do mesmo século da ascensão do romance.

O individualismo que fomentou o crescimento urbano e o surgimento do romance também levou grupos específicos a questionar o seu *status* social, entre eles, as mulheres. Alguns anos após o livro de Wollstonecraft, mulheres romancistas começaram a ascender, como Jane Austen, as irmãs Brontë, George Eliot, entre outras. Antes, uma quantidade ainda menor, como Fanny Burney, ainda conseguia alguma repercussão literária atuando como uma espécie de síntese entre Richardson e Fielding (WATT, 2010, p. 317). Ainda assim, a maior parte delas era forçada a publicar sob pseudônimos, já que a literatura feminina ainda recebia ferrenhas críticas na época. Ao contrário das Brontë, que, a despeito de assinarem com pseudônimos femininos, entraram na História da literatura com seus nomes reais, George Eliot foi lembrada por seu pseudônimo, e não como Mary Ann Evans. A própria Mary Shelley foi forçada a publicar *Frankenstein* sem crédito ao seu nome e com a permissão de Percy, a quem o livro foi inicialmente creditado. Foi só posteriormente, graças ao próprio Percy, que Mary recebeu a devida autoria.

## 2.2 As mulheres começam a encontrar espaço intelectual no Brasil

não satisfeitas de serem encarnações do Bello sobre a terra e inspiradoras de obras immortaes,  
procuram por sua vez, criar o Bello, com o próprio senso esthetico

*Sylvia Serafim* (s.d.).

No Brasil, as ideias de Wollstonecraft começam a reverberar no início do século XIX. Nísia Floresta, uma das primeiras autoras brasileiras, traduz e publica o manuscrito em 1832 (PRIORE, 2004, p. 405). Suas ideias passam a ser difundidas ao ponto da autora britânica se tornar alvo de ironias masculinas, como em *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo.

Nele, a emancipação feminina é tratada como uma rebeldia pueril, um jogo lúdico para adolescentes que ainda não descobriram o matrimônio. Floresta e Wollstonecraft, bem como Serafim e tantas outras autoras, se aproximam na defesa que fazem da necessidade de instrução à emancipação feminina, argumentando que apenas a educação poderá fomentar uma igualdade entre os gêneros.

Pouco depois de Floresta iniciar o processo das mulheres nas letras, surge a primeira romancista brasileira. Maria Firmina dos Reis não somente era mulher, como negra, enfrentando dupla marginalização. Publica *Úrsula* em 1859, romance de teor abolicionista que antecede a abolição em quase meio século e narra a disparidade social de um relacionamento entre um casal branco e um casal negro. É notável como autoras como a própria Reis, mas também, um século mais tarde, Cora Coralina superaram a ausência de instrução formal para legar obras históricas à literatura brasileira. Enfrentando as adversidades de ser mulher, bastarda, negra, liberal, abolicionista e autodidata, Reis ganhava a vida como professora, uma das poucas carreiras possíveis às mulheres do século XIX (PRIORE, 2004, p. 410-411).

As mulheres brasileiras também davam os primeiros passos em outra seara literária, ainda no século XIX: o verso. Uma das poetisas pioneiras, Narcisa Amália de Campos, encontrava algum espaço para publicar seus versos em jornais fluminenses, principalmente da cidade em que vivia, Resende. Semelhante ao que ocorreria com Serafim meio século depois, os relacionamentos de Campos foram impactados por suas pretensões artísticas e intelectuais, e seu segundo companheiro a teria deixado por conta disso (PRIORE, 2004, p. 419). Compartilhava com Reis os ideais liberais, abolicionistas, progressistas e democráticos, tomando como espelho os ideais da Revolução Francesa e a própria arte francesa em si “Longe, bem longe de nós já fica o tempo em que a missão do poeta era cantar nas praças públicas coroadas de mirtos e louros, os prazeres do amor e o triunfo das armas. [...] O ideal de nosso século, é a divindade que roubou a França ao abismo: a Liberdade” (PRIORE, 2004, p. 420).

Antecipando em alguns anos a ideia de *prosa sociológica*, de Charlotte Perkins Gilman (2021), Campos sugere que a arte deve estar em favor da política (PRIORE, 2004, p. 421). Não submissa, mas em diálogo, em simbiose. A arte como método, como objetivo à mudança social, assumidamente panfletária pela necessidade de instruir a população. A poesia — mas também a imprensa —, portanto, como meio à educação social<sup>11</sup>. Uma vez mais, em

---

<sup>11</sup> Não falha em ecoar a frase do poeta romântico inglês Percy Bysshe Shelley (2008, p. 87): “poetry is a mirror which makes beautiful that which is distorted”.

consoante com as ideias de Serafim, Wollstonecraft, Woolf, Floresta, Gilman e outras, Campos assume que somente a instrução pode trazer a verdadeira emancipação. Não somente feminina, mas de outros grupos marginalizados como os negros. Indo além, por exemplo, chega a afirmar que a Abolição brasileira era incompleta, por não conceder à população negra oportunidades de educação (PRIORE, 2004, p. 421).

Também assim como Serafim, Campos teve sua produção artística desvalorizada por conta de seu gênero. Ataques intensificados pela época, afinal, entre ambas as autoras há um espaço temporal de cerca de meio século. Ainda assim, as críticas se assemelham. Se Castro (1992, p. 104) sugere que a literatura serafiniana era “ginasiana”, e Amado (1930) afirma que a autora deveria ser condenada apenas por ousar escrever, um crítico de Campos em 1872, C. Ferreira, argumentou que seu trabalho era “fora de lugar” e que era preferível que ela tratasse de “sua esfera perfumada de sentimento e singeleza”, pois faltava “virilidade” para abordar questões sociais (PRIORE, 2004, p. 422). Uma espécie de elogio e ataque fundidos, portanto, em que o autor ressalta a sua lírica, ao mesmo tempo em que rejeita suas referências à crítica social e política. Algo corroborado também por outro crítico, Sílvio Romero, que se refere aos tópicos sociais como “indignos de ocupar as páginas de um livro de mulher” (PRIORE, 2004, p. 422).

Como mostra Priore (2004, p. 423), era comum os críticos masculinos fundirem censuras e elogios, como os anteriores: “‘Frágil e gentil poetisa’ é um qualificativo que desqualifica, [...] Ao mesmo tempo, “gentil” cria uma categoria à parte, a autora não é dita profissional ou amadora, mas mulher”. Sylvio, outro crítico, dizia que a política de Campos era um desvio de “certa deplorável tendência” que esvaziava a sua arte “nos andurriais da política” (PRIORE, 2004, p. 423); enquanto Guimarães Júnior sugere que a autora não deveria se envolver na política, o que, corolário, a masculiniza (PRIORE, 2004, p. 423). Por vezes, inclusive, colocavam os escritos de uma mulher como secundário frente a sua beleza ou aparência física. Um ponto que também encontra eco com Serafim, com diversos dos editoriais de *Crítica*, mesmo aqueles mais virulentos, ressaltando sua beleza e a sexualizando. Uma dificuldade, como enunciam Gubar e Gilbert (1979, p. 17), em tratar a mulher não somente como criatura, como musa inspiradora, mas também como criadora. Ponto que Serafim (s.d.) chama atenção, em um de seus artigos: “não satisfeitas de serem encarnações do Bello sobre a terra e inspiradoras de obras immortaes, procuram por sua vez, criar o Bello, com o próprio senso esthetic”.

Narcisa Amália, bem como Serafim, por vezes tratava de temas político-sociais de forma explícita. Em outras oportunidades, no entanto, os dilui em seus versos, mascarando

“polêmicas” na lírica. *Invocação*, por exemplo, apresenta um eu lírico que não consegue se expressar como gostaria por conta de sua condição social — ser mulher: “Quando intento librar-me no espaço / as rajadas em tétrico abraço / me arremessam a frase — mulher”. Ou seja, a poetisa se enxerga, para utilizar a mesma metáfora de Serafim, como uma “águia em gaiola de canário” (A GAZETA, 08 mai. 1929). Em “tétrico abraço”, encarcerada, como Priore (2004, p. 423) disse, por uma crítica leviana mais interessada em seu físico do que em sua habilidade artística.

A autora não está apenas ciente de seu pioneirismo — admite “ter sido eu, no Brasil, quem primeiro ergueu voz clamante contra o estado de ignorância e de abatimento em que jazíamos” (PRIORE, 2004, p. 424) —, mas também dos ataques que sofre pela crítica por conta do seu gênero. Sugere que os ataques se devem não por suas qualidades ou defeitos literários, mas pelo pavor de que o contato com a sua obra fosse formar um exército de emancipadas, de esposas que abandonariam o marido ao seu “aceno” (PRIORE, 2004, p. 424). Uma reação das estruturas sociais conservadoras ao menor arranhão no cristal do *status quo*, como se este arranhão fosse de súbito causar a sua completa destruição.

Como já foi visto, era comum que autoras adotassem pseudônimos, principalmente masculinos. Assim, evitavam não apenas o escândalo que uma mulher de letras traria para seu círculo próximo, mas também com que a crítica olhasse com melhores olhos. Quando se tratava de uma autora, os críticos tendiam a focar mais em sua vida pessoal ou atributos físicos do que em sua produção, como aconteceu com Narcisa Amália. Adotar um pseudônimo masculino, portanto, afastava esse incômodo. No caso de Serafim, seus pseudônimos buscavam evitar o impacto de seus escritos sobre o seu marido, que não via com bons olhos a sua profissão; embora também não seja sem motivo que tenha assinado inicialmente como Ary Brasil. Para Priore (2004, p. 431), esses pseudônimos também marcavam o nascimento de um “segundo eu”, livre das amarras de ser uma autora feminina, o “tétrico abraço” descrito por Narcisa Amália em sua poesia.

Novamente em paralelo com outras autoras, em um padrão que se repete na produção feminina, Narcisa Amália acaba, se não completamente esquecida, ao menos marginalizada no cânone. Pouco a pouco vai se esvaindo do debate público e entrando na obscuridade, até falecer no início do século XX. Uma figura menor, à revelia de sua relevância à época. Para os críticos, importava menos sua arte, e mais a sua vida pessoal, preocupados com quem se relacionaria e a influência desta *transgressora* nas demais mulheres (PRIORE, 2004, p. 425)

Avançando um pouco no tempo, é impossível não lembrar de Patrícia Galvão, codinome Pagu. Alter ego invocado não à toa, mas porque Galvão tornou-se mais Pagu do

que Patrícia. A segunda veio depois da primeira, como relembra Maria Valéria Rezende (2023), e foi assim que entrou para a História. Não como Patrícia, a intelectual, mas como Pagu, a musa do Modernismo. Apelido que, ademais, rejeitaria décadas depois, já que a “desagradava bastante” (REZENDE, 2023). Sem destrinchar o longo processo de apagamento que Galvão sofreu, algo que tem sido feito por outros autores e pesquisadores, ainda mais depois que foi a autora homenageada na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) de 2023, é preciso ao menos trazer o seu exemplo para agregar a este amplo mosaico de mulheres intelectuais invisibilizadas.

O caráter patriarcal das artes, em particular das belas letras, se manifesta na metáfora utilizada por Gubar e Gilbert (1979, p. 03): a caneta como pênis. Indagação que abre *Madwoman in the Attic*, as autoras pensam a imagem fálica como corolário inevitável da dominação masculina na literatura. Neste sentido, a caneta se projetaria como extensão do corpo do autor, constringendo as mulheres que porventura tentassem as letras. Consequência lógica, como dito no último parágrafo, a mulher passa a ser tratada como a musa que inspira a escrita, mas não como escritora: “A sexualidade masculina, em outras palavras, é a verdadeira essência do poder literário, não apenas analogicamente” (GUBAR; GILBERT, 1979, p. 04, tradução minha)<sup>12</sup>.

A participação feminina nas esferas da imprensa e da literatura gerou uma contradição interessante na atitude de alguns intelectuais progressistas. Alguns, como João do Rio, embora apoiassem certos aspectos do feminismo, como a presença das mulheres no mercado de trabalho e em profissões consideradas masculinas, mantêm atitudes conservadoras em relação ao papel das mulheres nas esferas literárias e jornalísticas. Por um lado, ele defendia a emancipação feminina através do trabalho e da presença pública das mulheres, reconhecendo sua capacidade de atuar como caixeiras ou médicas. No entanto, quando se tratava do campo literário, ele demonstrava um “atemorado respeito” pelas mulheres de letras, o que sugere reserva ou até mesmo desconfiança em relação às suas habilidades e contribuições nesse campo (DEALTRY, 2021, p. 19). Apesar dos avanços em certos aspectos da luta pela igualdade de gênero, ainda persistiam ideias e preconceitos arraigados sobre o papel e as capacidades das mulheres em áreas consideradas tradicionalmente masculinas, como a literatura e o jornalismo.

Na argumentação de João do Rio, a literatura feminina não somente era medíocre, como desvirtuava a mulher por afastá-la do ideal de feminilidade. A literata seria tomada por

---

<sup>12</sup> Tradução livre de “Male sexuality, in other words, is not just analogically but actually the essence of literary power”.

proselitismo, aplicando uma arte panfletária e cheia de adornos. Uma literatura, portanto, coquete, fútil, barulhenta, que tornaria a mulher menos mulher e a faria se afastar do que de fato importava: maternidade e matrimônio. Para João do Rio, o trabalho feminino era aceitável e mesmo desejado, desde que não fosse artístico ou intelectual graças ao “perigo de uma escrita questionadora dos papéis determinados à mulher” (DEALTRY, 2021, p. 20). Apesar de seus protestos, sua época testemunha um aumento substancial do trabalho intelectual feminino, e, em 1921, a feminista Rosalina Coelho Lisboa recebe um prêmio pela Academia Brasileira de Letras e é saudada como “triunfo da intelectualidade feminina brasileira” (DUARTE, 2003, p. 162).

Entender o contexto em que está inserido a produção feminina na alvorada do século XX, bem como sua relação com a ascensão do romance, do liberalismo e das megalópoles contemporâneas (e do sensacionalismo, como será visto mais para frente), é fundamental para iluminar os escritos de Serafim. Mas antes, é preciso deter o olhar com um pouco mais de atenção sobre outro elemento fundamental: a presença feminina na imprensa.

### **2.3 Entre jornalismo, política e literatura: a mulher na imprensa**

Michael Schudson, em *Descobrimo a notícia*, aponta um aspecto fundamental sobre a era de ouro do jornalismo ao final do século XIX e início do século XX: o papel feminino. Um ponto que particularmente nos interessa aqui, dado que em muito dialoga com nosso objeto. Falaremos, afinal, de uma mulher que escrevia artigos com temas como trabalho intelectual feminino, direitos trabalhistas e a mulher na literatura ao final da década de 1920, mas que ao mesmo tempo também escreveu um manual de conduta social para mulheres e tinha um suplemento intitulado *Para a mulher no lar*. Ou seja, uma mulher que ao mesmo tempo questionava papéis tradicionais de gênero e mesmo de classe, mas também reafirmava fragmentos desses papéis. O suplemento de Serafim levava um subtítulo revelador: “modas, passatempos e ensinamentos úteis”. Revelador, pois resume os pontos principais sobre os que se dobrava. Cabe pensar o que seriam, portanto, os ensinamentos úteis: suas pautas políticas? Os poemas? Ou os assuntos diversos?

O suplemento de Serafim não era a única página feminina de *O Jornal*, embora fosse certamente a mais completa. Durante a semana, artigos avulsos preenchiam as páginas. Além deles, ao menos uma outra seção feminina ocupava espaço fixo: *A Página de Femina*, redigida por Martine Renier. Diferente de *Para a mulher no lar*, esta página se dedicava exclusivamente à moda, e não divagava sobre temas políticos ou artísticos.



Figura 27 - Exemplo da *Página de Femina*, uma das seções femininas de *O Jornal*

# A página de *femina*

AQUIVA DIZENDO  
Relacionando de modo  
de "femina"

FOTOGRAFIA E DESENHO  
especialmente para  
o JORNAL

---

## A questão dos vestidos para usar á tardinha

Um vestido, sempre escolhido de acordo com o tipo, com o caráter e o tom, com o que a mulher se quer vestir, com o que a mulher se quer vestir, com o que a mulher se quer vestir...

Um vestido, sempre escolhido de acordo com o tipo, com o caráter e o tom, com o que a mulher se quer vestir, com o que a mulher se quer vestir, com o que a mulher se quer vestir...

Um vestido, sempre escolhido de acordo com o tipo, com o caráter e o tom, com o que a mulher se quer vestir, com o que a mulher se quer vestir, com o que a mulher se quer vestir...

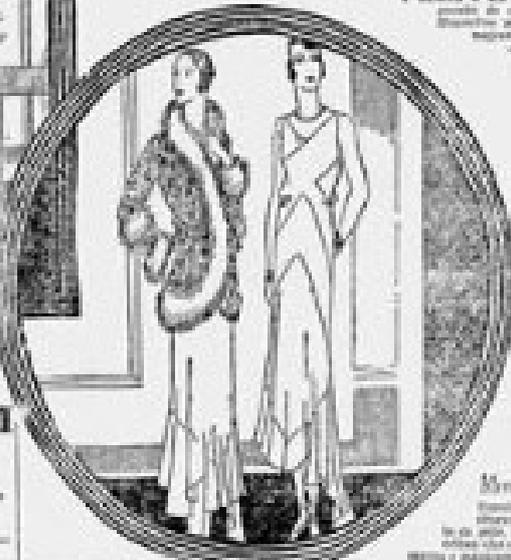


---



### ULTIMOS DICTAMES DA MODA EM PARIS

Uma alta, sempre escolhida de acordo com o tipo, com o caráter e o tom, com o que a mulher se quer vestir, com o que a mulher se quer vestir, com o que a mulher se quer vestir...



**Casa do Bastos**  
Fernandes Bastos & Cia.  
Travessa Republicana de Indiferença, Rua do Estado, nº 100, e  
Luzitânia, nº 100, Tel. 240.000, 2. 240.000

**BRIM**  
de Linho, Lã e Seda  
Barragem nº 100, C/da  
da "A TORRE DEYEL"

**VESTIDOS**  
de Linho, Lã e Seda  
Barragem nº 100, C/da  
da "A TORRE DEYEL"

**Casa Ilha da Madeira**  
Especialista em ROUPAS BRANCAS

**FALNDEACH**  
de Linho, Lã e Seda  
Barragem nº 100, C/da  
da "A TORRE DEYEL"

Fonte: O JORNAL, n. 3408, 27 dez. 1929.

Schudson (2010, p. 120), ao chamar atenção para o crescimento do espaço feminino nos jornais, também ressalta que essa participação era pontual. Não se tratava de um espaço voltado para emancipação da mulher, em geral não tratava de temas como sufrágio ou feminismo, mas de recomendações de conduta moral ou peças e objetos para o consumo no lar, ou mesmo prosa e poética majoritariamente romântica (vale lembrar a importância das mulheres na ascensão do romance como gênero literário burguês por excelência, c.f. WATT, 2010). Na prática, os donos dos grandes jornais viram-se contra a parede: o crescimento das demandas femininas não poderiam ser ignoradas como notícias ou debates, mas defendê-los seria perder espaço entre os demais públicos (SCHUDSON, 2010, p. 120). Semelhante ocorria com a questão partidária, em um país tradicionalmente polarizado como os Estados Unidos. Priorizar a identificação com uma ideologia política seria limitar a penetração com os demais. Ao escolher liberais, os jornais se enfraqueciam entre os conservadores, ao tratar do feminismo, perdiam espaço entre o público masculino. A solução encontrada foi desenvolver o mito, ainda hoje arraigado, da imparcialidade jornalística. Ao buscar uma pretensa imparcialidade o jornal evitava se indispor com qualquer um dos envolvidos. Confrontados com a inevitabilidade econômica da busca pela objetividade, eles passaram a trabalhar suas ideologias predominantes por meio de subterfúgios e mecanismos nas entrelinhas, conforme fosse possível. Como afirma Schudson (2010, p. 120), no caso do feminismo a principal ferramenta subliminar encontrada foi dedicar o espaço feminino do jornal a temas mundanos, evitando as polêmicas emancipatórias. Ao mesmo tempo isso atraía anunciantes, impulsionados pelo crescente consumo feminino.

Isso não impedia, entretanto, que os anúncios reafirmassem papéis tradicionais de gênero, e mesmo corroborassem a violência — não só psicológica, mas mesmo física — contra a mulher<sup>13</sup>. Mesmo anos depois de Serafim, anúncios permaneceram com tom semelhante. Na década de 1950 e 1970, por exemplo, uma marca de café sugeriu que era justificável castigo físico caso a esposa não utilizasse uma marca de café específica. Outros declaravam que a mulher deveria permanecer abaixo do homem, no chão, “como capacho”; ou, ainda, que esposas são “feitas para cozinhar” (BLANCO, 2009, p. 58).

---

<sup>13</sup> Lembremos que a imprensa chegou no Brasil tardiamente, só com a chegada da família real, sendo um dos últimos países latino-americanos a ter seus próprios periódicos.

Figura 28 - Anúncios da década de 1950 e 1960



Fonte: BLANCO, 2009, p. 58.

Isso se reflete, por exemplo, nos primórdios do *O Globo*, que continha, não muito depois de sua fundação, uma coluna intitulada *O Globo entre as senhoras*. Na prática, o jornal só foi se tornar de fato um jornal relevante décadas depois. Era secundário frente aos

concorrentes, com tiragem de 30 mil exemplares no final da década (BARBOSA, 2007, p. 98). Apesar do renome de Irineu Marinho e da importância de *A Noite* — da qual já não era proprietário —, *O Globo* foi fundado apenas 21 dias antes de sua morte. Na referida coluna, em 1925, o jornal ressaltava papéis tradicionalmente femininos, como a maternidade e o matrimônio, enquanto rejeitava que mulheres poderiam estar interessadas em política ou finanças:

Não trataremos aqui de assuntos transcendentais, problemas de alta filosofia, questões de política ou de finanças, mas sim dessas serenas coisas encantadoras tão indispensáveis ao espírito da mulher de hoje. Esta seção tocará levemente em todos os assuntos: literatura, música, elegâncias, **mundanismo**, seja citando o sucesso do livro do dia ou a nota original de uma moda que surge [...] Esta coluna será animada dos bons desejos de defender os interesses da mulher que trabalha, da mulher que luta para manter honesta e corajosamente o seu lar. [...] O principal intuito, entretanto, é ser suave, ser leve, **despretensiosa e feminina, muito feminina, que é a sua única razão de existir** (BARBOSA, 2007, p. 98, grifos meus).

Chama atenção o final, quando o jornal classifica a feminilidade como a única razão possível para uma mulher. Vale lembrar também que a coluna é de 1925, poucos anos antes de Sylvia começar a publicar sobre temas políticos, da alta filosofia e até mesmo financeiros, que *O Globo* rejeita que possam ser tratados por mulheres.

No século XIX nascem no Brasil os primeiros periódicos femininos, ainda muito incipientes e majoritariamente voltados para temas clássicos do feminino: *Jornal das Senhoras*, *A Mensageira* e *Jornal das Moças*. Entretanto, com a ascensão da liberdade feminina, também começa a ascender não apenas uma literatura feminina, mas uma imprensa feminina, fundada principalmente por mulheres de classe média — como vimos, aquelas que tinham mais recursos disponíveis à escrita. Priore (2004, p. 426) chama atenção que o crescimento gradual dessa imprensa fez com que surgisse uma espécie de rede de contatos entre os jornais femininos, que se apoiavam de forma mútua.

Um dos maiores desses periódicos foi o *Corymbo*, de duas literatas gaúchas, que durou sessenta anos, até quase o final do Estado Novo, e destacava conquistas políticas e sociais das mulheres, independente do espectro político. Já em 1919 é criado a *Tribuna Feminina*, vinculada ao partido Republicano Feminino, enquanto no mesmo ano também é criado a Liga Comunista Feminina. Cresce também movimentações de sororidade, e seis anos antes do crime de Serafim, Ana de Castro Osório publica, no *Corymbo*, um artigo chamado *Feminismo burguês*, em que defende o apoio entre mulheres de todas as classes e setores sociais, independente da posição e ideologia política (PRIORE, 2004, p. 426).

Novamente em consonância com o que era pregado por Serafim, e outras autoras como Woolf, Lopes de Almeida, Floresta, entre tantas outras, o jornal — e esses periódicos femininos no geral — se pautava pela defesa constante de um ponto que entendia como fulcral à emancipação: a educação. Somente por meio da instrução, todas argumentam, seria possível atingir um padrão mínimo de igualdade e dignidade entre ambos os gêneros.

Com espaços de divulgação limitados, escritoras começam, elas próprias, a fundar periódicos para divulgar seus trabalhos e os de seus pares (BARBOSA, 2023). Todavia, grande parte dessas escritoras, com a possível única exceção sendo Júlia Lopes de Almeida — ainda que, ela própria, sofra marginalização, como acontece ao não ser eleita à Academia Brasileira de Letras (ABL), mesmo tendo sido uma de suas fundadoras (PRIORE, 2004, p. 440) —, não entram para o cânone literário. Sendo o cânone um mecanismo exclusivista de poder, associado às estruturas dominantes e conservadoras, a literatura feminina acaba marginalizada em uma época em que a mulher em si também o era. Como aconteceria com Serafim.

No geral, as autoras da época, Serafim inclusa, se encontravam no que ficou conhecido como Nova Mulher. Uma noção que cresceu na Europa desde Wollstonecraft, principalmente no século XIX, se intensificou na década de 1920 e que aos poucos se espalhava também para nações periféricas como o Brasil (PRIORE, 2004, p. 432). Na prática, um rótulo à ideia de emancipada, da mulher independente que rejeitava as convenções tradicionais relegadas ao seu gênero — daí “Nova”. Uma rejeição, portanto, como temos visto, aos argumentos de que a mulher deve limitar-se apenas ao matrimônio e maternidade, e a defesa de que cabe a elas escolherem seu destino, sobre o qual a instrução desempenhará papel fundamental. Novamente, como a própria Serafim (A GAZETA, 08 mai. 1929) ressalta: não se trata de negar o casamento — tanto que grande parte dessas autoras foram casadas —, mas de negá-lo como razão única de vida.

Como qualquer novo movimento progressista, a Nova Mulher gerou uma reação de conservadores e reacionários, como trouxemos em alguns exemplos. Os conservadores, em sua preocupação de preservar o *status quo*, rejeitavam que a ruptura com os padrões femininos deveria ser súbita. Já os reacionários, pautados para o retorno de um passado idealizado, enxergavam na Nova Mulher uma figura degenerada responsável por contaminar os ideais de feminilidade. O fato é que esses grupos passaram a empreender um combate contra esta nova figura, não somente na mídia ou na literatura, mas até mesmo na medicina. Segundo Priore (2004, p. 432), “os médicos sustentavam que desenvolver o cérebro, para a

mulher, implicava em não nutrir o útero e, por isso, se o fizesse, ela não poderia mais servir à reprodução da espécie”.

A instrução defendida pela Nova Mulher não se tratava apenas da educação formal, como também da educação sexual. Não é coincidência que Serafim escreva artigos como *Maternidade consciente*, essas autoras começam a defender o que chamam de uma “educação para a vida” (PRIORE, 2004, p. 434). Portanto, os conservadores mantinham que as artes e a política tinham um efeito perverso sobre as mulheres, deixando-as mais desinteressantes o quanto mais ilustradas se tornassem. Alguns iam além, e chegavam a defender que mesclar política com feminilidade não era perigoso somente ao matrimônio e maternidade, mas à própria humanidade, acusando as “maiores desgraças do mundo e os mais atrozes sofrimentos à humanidade” de virem dos “rostos imberbes, como os do sexo gentil” (PRIORE, 2004, p. 434).

Sylvia Serafim é uma figura destoante: mescla esses dois mundos ao mesmo tempo. Encontra espaço em um dos maiores jornais brasileiros para tratar do tema que bem a entendesse. Em momentos escreve poemas, em outros sobre culinária, passa para dicas de moral e costumes, para por fim entrar em debates densos sobre ideologia política, nacionalismo e o papel da “Nova Mulher” na sociedade. É nesse cenário de proliferação do jornalismo de sensações e concessões de pequenos espaços ao jornalismo feminino que produz seus artigos. No crepúsculo da *Belle Époque* carioca e da era de ouro do jornalismo, na aurora da Revolução de 30, menos de uma década após a Semana de 22 e no auge do modernismo brasileiro, Serafim encontra espaço em um dos maiores jornais brasileiros, *O Jornal*. E é sobre a produção dela que o próximo capítulo se dedicará.

Figura 29 - Retrato de Sylvia Serafim, colorido digitalmente



Fonte: BARROS, 2020.

### Capítulo 3. Escritos de Serafim: sua produção jornalística

There is no folly of the beasts of the earth which is not infinitely outdone by the madness of  
men

*Herman Melville* (2010, p. 308).

Fosse em artigos dispersos por jornais e revistas como *Fon-Fon*, *Selecta*, *Para-Todos*, *Gazeta de S.Paulo*, ou em seu suplemento no *O Jornal*, *Para a mulher no lar*, Serafim mesclava temáticas espinhosas à época com poemas, crônicas e discussões sobre estética feminina, relacionamentos e moda. Para tal, empregava pseudônimos diversos de acordo com a temática de cada artigo. Às vezes assinava com seu nome, outras como Petite Source, Borboleta Azul, Mariposa Doirada ou Cinderela (sobre a qual também escrevia sobre moda), conforme a conveniência do tema. Enquanto com Petite Source focava em artigos sobre política, com os demais assinava principalmente artigos sobre moda, como *Os complementos da elegância*, da edição 3500 de *O Jornal*, em que escreve sobre as tendências de chapéus (*O JORNAL*, n. 3500, 13 abr. 1930, p. 55). O suplemento ocupava de duas a quatro páginas, contando sempre com trabalhos de Serafim, uma coluna sobre estética chamada *A ciência da beleza*, assinada por Dr. Pires (uma mescla entre saúde e estética que tratava, por exemplo, sobre tratamentos de cravos e vitiligo), cartas dos leitores (e, por vezes, poemas e crônicas dos leitores), anúncios (muitos anúncios), entre outros materiais. Parte das colunas não eram fixas, mas sumiam e retornavam conforme a conveniência.

O suplemento de Serafim nunca parou de ser publicado. Três dias depois do atentado, bem no dia da morte de Roberto, seu suplemento, ainda com o nome *Para as horas de lazer feminino*, saiu normalmente, incluindo mais de uma crônica sua.

Entre os diversos artigos que Serafim escreveu, uma parte está concentrada no álbum já mencionado. Adquirido no início da pesquisa, em 2020, o material estava em posse da ex-nora da jornalista, que faleceu no mesmo ano. A maior parte dos artigos tratados neste capítulo estão concentrados nesse arquivo, escolhidos não só por mim, mas também pela própria Serafim. Foi ela quem selecionou, neste álbum, seus trabalhos preferidos. Priorizá-los é, então, conceder ainda mais voz para a jornalista e verificar suas reflexões em textos que ela própria destacava.

Ao analisar estes artigos, é preciso reconhecer o enviesamento inerente à seleção pessoal de Serafim. Afinal, os artigos foram escolhidos com base em critérios não documentados de preferência e, podemos assumir, em sua afinidade. Embora isso introduza

um viés, não deve ser considerado um obstáculo epistemológico, mas sim uma oportunidade metodológica. A preferência pessoal de Serafim oferece uma janela única para entender o que enxergava como prioridade em seu próprio trabalho.

Conforme pode ser conferido no anexo da tese, são cerca de cinquenta artigos presentes no álbum, sobre o qual nos deteremos sobre aproximadamente um terço. Também constam alguns poucos artigos de outros autores, em geral elogiosos a Serafim, como Sylvia Patrícia e Heitor Lima. Embora o material seja de grande valor histórico e esteja em bom estado de conservação, apresenta algumas manchas, páginas amareladas e marcas de envelhecimento. Infelizmente, não contém fotos da autora. Um álbum bastante volumoso, tanto em altura quanto em extensão. No entanto, é importante notar que mais de dois terços de suas páginas permaneceram deixadas em branco pela autora.

Nem todos esses artigos serão analisados. Em alguns poucos artigos, não identifiquei elementos críticos ou teóricos que justifiquem um debate, como *A velhice moral*. No caso deste artigo, por exemplo, Serafim desenvolve uma discussão sobre a transformação da moralidade na transição da juventude para a velhice que, embora pertinente, foge do escopo escolhido para seus trabalhos nesta tese, mais voltada para o político. Dessa forma, entre o vasto material de seu artigo, priorizei trabalhos mais voltados para a política e arte (em geral, Serafim relaciona ambos, de modo que praticamente todo artigo tem alguma pitada de política), dado que entendo ser este o principal eixo norteador de sua obra. Ademais, também optei por seguir a ordem que ela própria escolheu, trabalhando os artigos de forma sequencial, em um total de quinze artigos analisados.

Com sua verve política, Serafim também colaborava para suplementos e veículos de esquerda. Um deles, de nome sugestivo, era o *A Esquerda*. Segundo revelou Ricardo Thibau (2023) em conversa, a sua intenção era se aproximar de temas políticos e fugir do adesivo de escrever apenas para mulheres. Em outros termos, a incomodava a associação de seu nome com temas que enxergava como “mundanos” ou tipicamente identificados com o feminino, não à toa passa a assinar suas colunas sobre esses tópicos com pseudônimos como Borboleta Azul. Isso aparece claro também no álbum que montou, quando a maior parte dos artigos destacados é ou de crítica literária, ou de crítica política. Da mesma forma, nunca escondeu seu apoio a Vargas ou à Aliança Liberal, seu feminismo e a sua aproximação da ideologia socialista.

### **3.1 A “Nova Mulher” e artigos sobre emancipação**

Mulher moderna se tornou, por aberração da linguagem corrente, synonymo de feminista, e feminista, pelo mesmo processo de alambique mágico significa mais ou menos criatura perdida  
*Sylvia Serafim (s.d.c).*

A “Nova Mulher” ocupa parte do espaço de Serafim nos jornais. Em mais de um artigo, ela trabalha a temática e a ideia da “mulher moderna” como sinônimo de emancipada. Em *A vanguarda*, a jornalista retoma os argumentos de outra intelectual, Elora Possolo, em um artigo publicado em *O Globo* alguns dias antes — vale lembrar, então um jornal sem sequer uma fração da relevância que hoje possui. Possolo, bem como Serafim, rejeita a associação repetida *ad nauseum*, já referida nesta tese, da Nova Mulher como uma mulher desprovida de beleza, incapaz de casar-se e, por isso, feminista. Argumento que, vale lembrar, é aplicado não sobre Serafim após o assassinato — a quem mesmo os opositores de *Crítica* admiravam a beleza —, mas a suas apoiadoras em geral, como assinalado no artigo de Jorge Amado.

Serafim principia seu artigo refletindo não apenas sobre a injustiça e esvaziamento de tal classificação, mas também sobre o conceito inócuo de “mulher moderna” como sinônimo de feminista. Como lembra, “mulher moderna”, na prática, é qualquer mulher sua contemporânea, mesmo a mais casta. Utilizar “modernismo” como método de acusação revela mais sobre o reacionarismo do emissor, como rejeição ao atual, do que sobre o receptor. Como já refletido anteriormente, um esvaziamento do conceito de moderno e feminismo, apropriação como ferramenta de ataque político, similar ao que aconteceu com outros conceitos como fascismo, conservadorismo, liberalismo, ou mesmo sensacionalismo ou romance policial:

Porém, certos termos e denominações existem aos quaes succede o mesmo que as palavras pronunciadas nos encantamentos e bruxarias da macumba. [...] Mulher moderna se tornou, por aberração da linguagem corrente, synonymo de feminista, e feminista, pelo mesmo processo de alambique mágico significa mais ou menos criatura perdida (SERAFIM, s.d.c).

Do que se trata, afinal, emancipar-se? Emancipação, de acordo com o *Dicionário Michaelis*, é sinônimo de “alforria”, ou “independência”. Sinônimos que revelam a essência da palavra: liberdade individual. Emancipação, para Serafim, significa a liberdade de tomar suas próprias escolhas e aceitar as consequências que produzam. Emancipação feminina implica no fim da ideia da mulher como posse masculina, como objeto, dando início ao seu tratamento

como ser humano. Não é liberdade irrestrita, mas a liberdade da possibilidade, de poder ser e exercer a individualidade.

Marx fala em emancipação judaica em *Sobre a questão judaica*, enquanto Bruno Bauer fala em emancipação dos alemães em geral. Independente da querela que se segue entre esses dois intelectuais, a emancipação a que se referem implica em liberdade para esses indivíduos exercerem e serem quem são. Contudo, Bauer afirma que judeus só seriam emancipados na Alemanha caso rejeitassem o judaísmo, colocando o germanismo em primeiro plano — na prática, reforçando uma oposição binária e maniqueísta, como se ambas as identidades fossem excludentes, um princípio comum ao antissemitismo e que depois seria reutilizado no Nazismo. Fosse por este caminho interpretativo, seria como afirmar que mulheres somente poderiam ser emancipadas se rejeitassem a sua feminilidade. Algo que, na verdade, argumentavam os antifeministas da época, quando diziam que as feministas eram masculinizadas e ressentidas. Recurso padrão de quem está no topo da hierarquia social de poder para deslegitimar pautas de grupos minoritários, em prol de uma suposta unidade. A proposta de Serafim em diversos de seus artigos é exatamente rejeitar essa intriga, lembrando que uma feminista é mulher como qualquer outra.

Sua posição antirreacionarismo transparece em sua defesa da “vanguarda”. Já claro em seus outros trabalhos, seu progressismo se torna ainda mais evidente pela lamentação que emprega em *A vanguarda* sobre a reação que qualquer ideia ou posição inovadora recebe. Ao lançar mão de imagens de Cristo e Tiradentes, Serafim busca demonstrar como a reação é implacável, como as vanguardas têm sido ridicularizadas desde sempre, incluindo as feministas e sufragistas, e como essa reação tem sido empregada sobre a Nova Mulher. Não que se compare a Cristo, seria uma leitura apressada, mas usa sua figura para demonstrar que a História é feita de ação e reação, em uma “estultice monótona”, e o esquitejamento literal apenas deu lugar a um “esquitejamento intelectual” (SERAFIM, s.d.c). É potente sua utilização da imagem de esquitejamento para tratar do silenciamento sobre a intelectualidade feminina.

As comparações de Serafim não terminam nesse ponto. Em seu estilo repleto de referências literárias, utiliza um fragmento de *Os miseráveis*, de Victor Hugo, descrevendo a Batalha de Waterloo como alegoria à batalha que as mulheres enfrentavam para o reconhecimento artístico e intelectual. Colocando-se como mártir, usa da alegoria para lançar-se às gerações futuras, como se seu “esquitejamento intelectual” (SERAFIM, s.d.c) semeasse o solo para o florescimento de gerações futuras de feministas. Essa ode reaparece em *Feminista*, quando descreve que o sacrifício de sua geração de feministas permitirá a ascensão

e estabilidade de suas filhas e netas, da mesma forma que as pautas de sufrágio no Brasil cresciam graças às mães e avós.

Na verdade, essa posição não é exatamente nova. Como já dito, há muito de Virginia Woolf em Sylvia Serafim, com ecos de pensamentos e ideias. Entre eles, essa noção de continuidade, de que cada geração de mulheres avança mais e mais em direção à emancipação graças ao sacrifício de suas antecessoras. George Eliot foi quem foi graças a Jane Austen, Woolf, ela própria, só teve sua relevância graças a Eliot, e todas elas devem a Aphra Behn “porque foi ela quem lhes garantiu o direito de expressar suas opiniões”<sup>14</sup> (WOOLF, 2005, p. 65). Da mesma forma, pensando no caso brasileiro, Serafim deve a Floresta, e a tantas outras que vieram antes. Por sua vez, suas netas devem a ela.

Um artigo de Sylvia Patrícia, *A columna heroica*, também compilado no álbum e homenageando sua homônima<sup>15</sup>, dá continuidade ao artigo anterior ao utilizar a mesma alegoria: “Waterloo, a morna planície, é a vida e a coluna heroica não é de soldados que vão em busca de glória, é de mulheres que vão em busca de liberdade” (PATRÍCIA, s.d.). Também como Serafim, coloca as feministas da década de 1930 como mártires para o futuro: “Tudo quanto agora semeais com a vossa inteligência e o vosso talento com o vosso coração e vossa alma, só as gerações futuras hão de colher. [...] Mas não importa! Faremos a ponte heroica e sobre nós, tarde ou cedo, o resto da humanidade há de passar!” (PATRÍCIA, s.d.).

Sobre Sylvia Patrícia, é preciso abrir um parêntese. Após o envolvimento com o futuro Brigadeiro Armando Serra Menezes, Serafim acabou se afastando do grupo de feministas com quem era ligada, que enxergaram seu vínculo com um militar como espécie de traição da causa. Ironicamente, Serafim o conheceu enquanto estava de passagem por Resende e a caminho de São Paulo para protestar a favor do sufrágio feminino, junto com uma caravana de feministas. Como já dito, o romance terminaria em tragédia para a jornalista, que acabou sua vida distante de todos. Segundo Ricardo Thibau (2023), em seu enterro, além da família, apenas três pessoas compareceram. Uma delas, Sylvia Patrícia.

---

<sup>14</sup> Tradução livre de “for it was she who earned them the right to speak their minds”.

<sup>15</sup> Não era incomum que jornalistas, escritores e demais colaboradores do suplemento de Serafim escrevessem dedicatórias e homenagens à autora. Por exemplo, além de Sylvia Patrícia, uma poetisa chamada Lindaura dedicou *Soluços d’alma*, um poema de amor nostálgico, para Serafim (O JORNAL, n. 3536, 25 mai. 1930).

Figura 30 - Brigadeiro Armando Serra Menezes



Fonte: arquivo pessoal

Na argumentação de Serafim não abundam apenas referências literárias, mas também históricas. Se os exemplos que toma de Tiradentes e Cristo podem parecer extremos, na sua visão sobre ação/reação, também não deixa de trazer exemplos mais recentes e mais voltados para o seu objetivo direto. Lembra a autora que as primeiras estudantes da Universidade de Edimburgo foram desligadas após campanha masculina, bem como Janne Chauvin, formada em Direito, mas proibida “o acesso aos tribunais em nome da dignidade da justiça. [...] um atentado ao pudor... Masculino!” (SERAFIM, s.d.c). As primeiras mulheres a ambicionarem matar o *anjo do lar* mobilizaram intensa campanha desfavorável do poder instituído, que reagiu ao mínimo arranhão em seu *status quo*:

Na Alemanha e na Suíça, em torno das primeiras mulheres que ambicionaram ser mais do que costureiras ou parteiras, brotou uma ardente polêmica, entre homens cultos e eminentes, sobre se a mulher tinha ou não capacidade para estudos superiores, de acordo com o na, menor em média, ao que parapeso da massa encefalica feminice, do que a dos cérebros masculinos (SERAFIM, s.d.c).

Uma de suas principais pautas, como já referido, era a emancipação. Nesse sentido, em mais de um artigo insiste, inclusive no título, que a emancipação feminina deve vir por dois pilares: educação e trabalho. Somente a mulher instruída pode ser de fato livre, e reforça que liberdade não é, necessariamente, exercer trabalho intelectual (ou mesmo braçal, fora do doméstico), mas ter a possibilidade de fazê-lo. Isto é, conceder a escolha. Há mulheres que preferem permanecer como *anjo do lar*, e não há problema nisso. A questão é a ausência da escolha em fugir deste destino.

### 3.2 A emancipação por meio da educação e do trabalho

Não há dúvida que o achego da lareira e o amoroso carinho de um homem [...] é no fundo, o sonho de todas nós. Porém, de sonho não se vive: quem acredita em prêmio de loteria compra seu bilhete, mas não força os outros a fazer o mesmo  
*Sylvia Serafim (s.d.f).*

*O trabalho, meio de emancipação* já deixa claro em seu título sua pauta. Uma vez mais, reforça a desumanização e esvaziamento que recaiu sobre o conceito de “emancipada”, ou “feminista”, ou ainda “Nova Mulher”. Esvaziando a riqueza e heterogeneidade dessas classificações, a ofensiva conservadora deslocou para o mesmo bojo qualquer mulher que encarnasse, mesmo minimamente, a posição de transgressora. Desde a revolucionária ou sufragista, até mesmo uma adolescente que rejeita a autoridade paterna, passando pela mulher que se relacionava fora do casamento, qualquer pequeno arranhão ao padrão feminino já era tachado como emancipada ou feminista: “E os homens se riem de umas, desprezam as outras, odeiam estas...” (SERAFIM, s.d.g).

Neste cenário, a emancipação por meio do trabalho surge como esperança para um esboço de independência. Se outrora a mulher era extensão das propriedades masculinas, com o trabalho ela adquire os meios de sua subsistência, tornando-se verdadeiramente livre. Serafim (s.d.g) vai além: o trabalho feminino favorece também os homens, ao tornar as relações mais “orgânicas”, a saber, as mulheres permanecem em um relacionamento por escolha, não por ausência de opções e dependência financeira: “a obtenção dos recursos pecuniários é o primeiro passo para a alforria. Como se pode julgar emancipada aquela que

depende do favor alheio para uma simples saída, a mais insignificante compra?”<sup>16</sup>. Mas o trabalho só virá com a instrução, o ponto mais básico e repetido dos argumentos de Serafim.

Novamente, esses pontos ecoam Virginia Woolf (2005, p. 105) em seu *A Room of One's Own*. Nele, a escritora britânica pega exemplos de alguns dos maiores poetas de língua inglesa do século XIX e início do XX para desmitificar a lenda de que o gênio poético surge do vácuo. Como evidencia, de Samuel Taylor Coleridge a Percy Bysshe Shelley, quase todos eram beletristas instruídos, com trânsito universitário, além de homens de posses. A chance de um proletário virar um grande poeta era mínima, sendo preciso um ambiente de incentivo não somente intelectual, mas principalmente financeiro, para prosperar o talento literário (WOOLF, 2005, p. 106). Da mesma forma, vista como posse masculina e sem um ambiente que propiciasse o desenvolvimento de habilidades artísticas, como poderia a mulher produzir da mesma forma que um homem de classes altas? Como poderia a irmã fictícia de Shakespeare, Judith, ambicionar alcançar o que seu irmão alcançou, sem jamais ter os mesmos incentivos? Ela sintetiza:

Liberdade intelectual depende de coisas materiais. Poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o princípio dos tempos. As mulheres tiveram menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não tiveram a menor chance de escrever poesia. É por isso que eu tenho enfatizado tanto a necessidade de dinheiro e um quarto próprio (WOOLF, 2005, p. 106)<sup>17</sup>.

Mas mesmo em seus artigos sobre outros temas, Serafim deixava claro sua posição política e ideológica. Em seu suplemento na edição 3973, 18 de outubro de 1931, de *O Jornal*, a jornalista, escrevendo sob o pseudônimo de Cinderela a coluna *No império da moda*, sobre vestidos de noiva, dedica mais de metade do espaço a um ataque contra Jeanne Galzy, que se diz ex-feminista. A mesma Gallzy, segundo Sylvia, dizia que a felicidade da mulher reside tão somente no matrimônio, ao que se opõe. Sylvia não nega a importância do casamento, mais ainda da maternidade (tanto que escreve sobre esses temas em repetidas oportunidades e chama de *poemas de um coração de mãe* o seu livro *Ramos de coral*), mas nega essas instituições como excludente das demais. Em suma, nega o que *A Noite* a acusou: abandonar

<sup>16</sup> Há um bom exemplo dessa dependência em minha própria família, mas no lado materno. Conforme detalhado no artigo *Reticências: pós-memória e reconstrução nos Schargels/Szargels*, mesmo quase duas décadas depois da publicação deste artigo de Serafim, minha bisavó materna teve de receber aprovação de seu marido para poder adquirir uma máquina de costura e trabalhar.

<sup>17</sup> Tradução livre de “Intellectual freedom depends upon material things. Poetry depends upon intellectual freedom. And women have always been poor, not for two hundred years merely, but from the beginning of time. Women have had less intellectual freedom than the sons of Athenian slaves. Women, then, have not had a dog’s chance of writing poetry. That is why I have laid so much stress on money and a room of one’s own” (WOOLF, 2005, p. 106).

sua família para escrever crônicas para os jornais. Defende, em contraposição, que é possível aliar a maternidade e o amor pelos filhos com o trabalho intelectual feminino, da mesma forma que os homens o fazem.

Por exemplo, seu artigo *O domingo das mães*, de 29 de dezembro de 1929, assinado como Borboleta Azul e publicado apenas três dias depois do assassinato, aborda cuidados sobre a maternidade. A autora sugere que as crianças vivam em liberdade, brincando como crianças, e que o cuidado excessivo, mesmo que seja bem-intencionado, produz efeito perverso. Ao tentar impedir que crianças se machuquem fisicamente, elas acabam se machucando psicologicamente. A preocupação é importante, mas o excesso deve ser controlado.

A ex-feminista Galzy continua ao dizer que toda “emancipada” é frustrada porque deseja, na verdade, “a grande monotonia tranquilizadora dos trabalhos caseiros” (O JORNAL, n. 3973, 18 out. 1931). A feminista seria, nessa visão, um ser solitário, presa a uma luta que a afasta dos prazeres de ser mulher: maternidade, rotina, casamento, trabalho doméstico. Serafim rebate, “se tudo isso, em vez de ser um ideal, fosse uma realidade, o feminismo não existiria” (O JORNAL, n. 3973, 18 out. 1931). Em suma, se o cenário idílico descrito por Galzy fosse real para a maioria das mulheres, e não uma utopia limitada a poucas, então de fato não existiria necessidade de emancipação. Conforme Sylvia, citando a filósofa francesa Maryse Choisy, o feminismo surge da necessidade. Após essa crítica, Sylvia retoma a discussão sobre moda nupcial, o que pouco interessa a este trabalho<sup>18</sup>.

As críticas a Galzy aparecem, na verdade, em mais de um artigo. Em *O divórcio e a liberdade de... Apanhar*, desenvolve, com mais espaço, o raciocínio do artigo descrito antes. Se Galzy diz que a mulher do passado desfrutava da “magnífica felicidade protegida do acaso”, proteção que se deteriorou com o advento do feminismo, Serafim (s.d.f), novamente, relembra que este cenário idílico recai sobre uma minoria. Feminismo não significa acabar com a possibilidade de mulheres continuarem a desfrutar essa vida, se assim desejarem, mas fornecer alternativas àquelas que não tiveram essa sorte: “Não há dúvida que o achego da lareira e o amoroso carinho de um homem [...] é no fundo, o sonho de todas nós. Porém, de sonho não se vive: quem acredita em prêmio de loteria compra seu bilhete, mas não força os outros a fazer o mesmo” (SERAFIM, s.d.f).

---

<sup>18</sup> Não que se negue, contudo, sua relevância. Como lembra Marialva Barbosa (2023), há de se ter cuidado ao olhar à História sob o olhar contemporâneo, ante o risco de incorrer a anacronismos. Um tema que pode nos parecer menor nos dias de hoje, pode ser que fossem “os espaços possíveis” (BARBOSA, 2023) na época. O que pode se apresentar como supérfluo, até fútil, para um pesquisador atual, podia ser uma das únicas formas possíveis que grupos como as mulheres encontravam espaço para destilar suas ideias na época.

Serafim repete sua crítica ao antifeminismo em mais de uma oportunidade. Em *Feminista*, por exemplo, publicado em *A Gazeta*, rechaça, uma vez mais, a associação da mulher emancipada como masculina. Tomando como exemplo um concurso de beleza, no qual um entrevistador questionou as participantes sobre suas posições sobre o feminismo — majoritariamente negativas —, coloca-se em oposição ao que interpreta como ignorância daqueles que associam feiúra e feminismo: “Para a mulher formosa a feminista é a mulher feia que não podendo conquistar o homem quer ser a rival do homem” (GAZETA DE SÃO PAULO, 1929). Em tal concurso, o entrevistador teria se apropriado da beleza das concorrentes e de suas posições antifeministas como evidência de que a mulher feminina e bela não deseja a emancipação, apenas as sexualmente e/ou amorosamente frustradas: “uma achava que a mulher deve ser mãe de família antes de tudo, outra opinava que Ella fora creada para viver dentro de casa, esta não aceitava o feminismo, outra nem sequer o tolerava” (GAZETA DE SÃO PAULO, 1929). Persiste o mito de que o feminismo seria excludente dos papéis tradicionais de gênero, quando, como Serafim sempre insiste em seus trabalhos, significa a possibilidade de que a mulher não seja apenas limitada por eles.

Prosseguindo, ressalta que o conceito de feminismo foi deturpado desde sua criação<sup>19</sup>. O sufixo “ismo”, utilizado para classificar doutrinas e ideologias, aparece como responsável por palavras que englobam a defesa de algo. Se patriotismo é a defesa da pátria e civismo da cidade, então feminismo é a defesa da mulher, diz Serafim (s.d.). Quem negará que a defesa da mulher e da feminilidade possui carga positiva? No limite, “quem ousará dizer ‘eu não sou feminista?’ Equivaleria a afirmar que é um egoísta e um déspota, si homem; uma insensata, si mulher” (GAZETA DE SÃO PAULO, 1929). E, no entanto, para conservadores e reacionários, o conceito tornou-se sinônimo de degeneração feminina. Por fim, minimiza a opinião das candidatas a *misses*, sugerindo “que podem saber do mundo umas meninas bonitas e felizes, mimadas pela vida e pelos paes?” (GAZETA DE SÃO PAULO, 1929).

Vale lembrar que elementos como o casamento eram vistos como essenciais às mulheres, até por questões econômicas. Uma mulher divorciada, ou mesmo solitária, não apenas era socialmente malvista, como enfrentava dificuldades financeiras. O impacto do fantasma da solidão e de suas consequências — basta ver o que ocorreu com a própria Serafim, mesmo sendo independente e vindo de uma família com poder aquisitivo — fazia com que as mulheres aceitassem descabros no casamento, desde violência doméstica a, no

---

<sup>19</sup> Algo que, longe de ser exclusivo do feminismo, ocorre com diversos conceitos políticos. Teoria e prática diferem, e em um campo de permanente disputa como a política, certos conceitos são absorvidos como gritos de guerra e forma de ofensa. Comunismo e fascismo são dois outros exemplos possíveis de conceitos deturpados, como abordado extensamente em *Pode o conceito de fascismo ser aplicado no Brasil?*.

mais comum dos casos, infidelidade consentida. O imaginário do homem como provedor, ainda hoje arraigado, era predominante até a década de 1960, e era socialmente aceitável, até desejável, que o homem cometesse adultério — ao passo que o inverso era motivo de celeuma (PRIORE, 2011, p. 168). Novamente, basta lembrarmos que enquanto o próprio Roberto era adúltero confesso — a ponto de até uma cafetina comparecer a seu enterro (CASTRO, 1992, p. 92) —, o suposto adultério de Serafim foi suficiente para colocá-la como matéria de capa de um jornal de alta circulação.

Figura 31 - Ilustração de Elsa, sua esposa, feita por Roberto Rodrigues



Fonte: BOERE, 2017.

### 3.3 O trabalho intelectual feminino

ao escrever para o público, um pudor obscuro e invencível a contém, obrigando-a a descobrir apenas o rosto, as mãos... Os braços... Isto é, suas impressões e julgamentos mais superficiais cuja externalização não compromete

*Sylvia Serafim (s.d.b).*

Em outro trabalho, chamado *A mulher na literatura*, publicado na *Gazeta de São Paulo* em 29 de novembro de 1929 e adaptado de uma palestra, Sylvia Serafim defende que não há arte mais intimista que o fazer literário — isto porque as artes visuais absorvem e retrabalham modelos específicos, enquanto a música se pauta pela lógica abstrata da “sensibilidade do compositor” —, e que essa seria uma das razões pra literatura, na época, ser tão masculina: “o incessante constrangimento exercido sobre a vida da mulher pelo receio da opinião alheia” promove um violento silenciamento (SERAFIM, s.d.b).

Para Serafim, em particular a poesia seria uma espécie de desnudamento, uma exposição das “emoções mais secretas e sagradas” do poeta (SERAFIM, s.d.b). Um transbordamento de sua sensibilidade. Utilizando a metáfora clássica do coração bombeando sangue para todo o corpo, a sensibilidade do poeta bombeia a lírica à sua criação: “Não são seus pensamentos só que elle extráe do cérebro, pois arranca os sentimentos do imo da consciência, tortura-se para aprisional-os em fórmulas compreensíveis, esmaga-os sem compaixão na prensa da auto analyse afim de fazer-lhes dissorar toda a verdade humana que contém” (SERAFIM, s.d.b). Em suma, a lírica não é apenas racionalidade, mas um amalgama explosivo dela com a sensibilidade, a idiosincrasia, e a vontade de poder.

Indo além, Serafim se detém sobre os romancistas. Para ela, retomando o debate clássico sobre mimese, enquanto o “romance de aventura”, ou “de movimento” emula modelos específicos da realidade na criação do seu novo real, o “romance de psychologia” é aprisionado em seu “Eu”, dado a incapacidade do autor de aplicar uma observação direta. Isto é, o “romance de movimento” é um misto “do real objectivo combinado infinitamente pela imaginação”, o real elevado ao infinito pela potencialidade da mente, enquanto o “romance de psychologia” (SERAFIM, s.d.b) é limitado pela nossa compreensão dos outros indivíduos. Em outras palavras, o autor, preso a seu próprio ser, precisa transportar para os demais as suas sensações, objetivar o subjetivo. A sua consciência transborda, contaminando o alheio. Serafim sugere uma incapacidade do autor em se separar por completo de seu objeto, transmutando para seus personagens, neste estilo literário, “a vibração da personalidade

inconfundível” (SERAFIM, s.d.b). O que pode, inclusive, atuar como autosabotagem por parte do autor, tomando os personagens como método para atacar a si próprio.

Mas a jornalista não termina aí. Afirma que essas idiossincrasias dos estilos literários seriam, inclusive, responsáveis em parte pela parca literatura feminina produzida na época. Em particular sobre o que chamou de romance psicológico, argumenta que a mulher encontraria dificuldade em se expressar nesta seara, dada as pressões sociais para o recato. A mulher estaria acorrentada, incapaz de expressar literariamente as profundezas do psicológico pela mesma razão que o seu íntimo era controlado e podado sumariamente. Serafim compara, assim, o ato de escrever como um ato de desnudar-se o que, em um contexto onde a nudez feminina literal era imoral — lembremos de todos os argumentos usados pelos conservadores na época — o próprio ato de escrever, por extensão também o era. Escrever, para uma mulher, era um ato íntimo, uma sensação de nudez que pode ser confortável para pessoas próximas, mas inevitavelmente gera estranhamento quando para o público geral: “ao escrever para o público, um pudor obscuro e invencível a contém, obrigando-a a descobrir apenas o rosto, as mãos... Os braços... Isto é, suas impressões e julgamentos mais superficiais cuja externação não compromete” (SERAFIM, s.d.b).

A falta de produção feminina, rebate Serafim, ocorre, portanto, não por “inteligência menor” ou “incapacidade literária”, como argumentavam os conservadores/reacionários da época, mas pelas mesmas pressões sociais que não creditavam às mulheres o direito ao voto, por exemplo. Fosse como intelectual, jornalista, escritora, mulher ou mãe, Serafim se opôs a essas amarras por toda a sua vida, em diversos de seus trabalhos, e talvez seja possível afirmar que terminou por ser vítima delas. A incapacidade da mulher se expressar por completo, dada a pressão e controle que o meio social exercia sobre si, ocorria também na literatura, o que explica mulheres que só conseguiam exercer todo seu potencial por meio de pseudônimos (como os que ela própria usava) principalmente masculinos, como o caso de George Eliot. Gilbert e Gubar (1980, p. 316, tradução minha) vão ao encontro dessa ideia, ao argumentarem que o pseudônimo masculino retira a autora das correntes sociais impostas, assumindo uma outra persona livre, autônoma, que pode se dar ao luxo de se preocupar mais com a estética literária do que com as consequências sociais de seus escritos: “ao personificar um homem, a autora recebe ‘poderes masculinos’, não apenas para punir suas próprias fantasias proibidas, mas também para realizá-las”<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Tradução minha para “More, by impersonating a man she can gain male power, not only to punish her own forbidden fantasies, but also to act them out” (GILBERT; GUBAR, 1980, p. 316).

Assim, diz Sylvia, a literatura feminina é cerceada e não consegue se desenvolver, tornando-se “água clara e insossa”, o que explica a frase que cita: “nada se parece tanto com uma página escripta por uma mulher como outra página escripta por outra mulher” (SERAFIM, s.d.b). Em suma, as literatas e jornalistas “se apresentam ao público, nos livros e jornaes, vestidas segundo o figurino da moral acceita, e os vultos de seus corações parecem tão semelhantes quanto os de seus corpos, na rua, sob cortes e tecidos parecidos” (SERAFIM, s.d.b). Como resumiu Almerinda Farias Gama, já mencionada parceira intelectual de Serafím, “A inteligência não tem sexo” (BRASILIANA, 2021).

Figura 32 - Almerinda Gama



Fonte: TENÓRIO, 2020

### 3.4 Posições sobre o divórcio

Já hoje vão procurando as mulheres se libertar da humilhação de serem apenas sombras de  
vultos alheios  
*Sylvia Serafim (s.d.d).*

Há Virginia Woolf em Sylvia Serafím. Embora não a mencione diretamente, e não seja possível assumir sua influência explícita, argumentos de clássicos como *A Room of One's Own* reaparecem nos escritos serafinianos. Em seu clássico ensaio, Woolf afirma que por séculos a

imagem masculina projetou-se com o dobro do seu tamanho sobre as mulheres, como forma de controle social. *Aquella que não tem nome*, presente em no álbum de Serafim, corrobora a autora britânica ao dizer que, ao longo da História, a mulher teve seu nome e identidade apagados como mecanismo de projeção social masculino. O feminino não seria mais do que uma sombra, um apêndice, para reutilizar a imagem bíblica. Em diálogo com outras das autoras que já foram tratadas neste trabalho, Serafim (s.d.d) reforça a necessidade da educação como método para emancipação social: “Já hoje vão procurando as mulheres se libertar da humilhação de serem apenas sombras de vultos alheios”.

Neste mesmo artigo, a jornalista constrói uma narrativa sobre o apagamento histórico da figura feminina. Partindo do pequeno para pensar o amplo, reflete sobre como a mulher passa por sua vida como anônima, como apêndice de suas relações com o sexo oposto, primeiro usando o sobrenome de seu pai, depois com o sobrenome de seu marido. A extensão do nome do marido para si evidencia a destruição de sua identidade pessoal: “No dia em que, pela experiência do amor, adquirires consciência de ti mesma, é quando mais inteiramente renunciarás, trocando o nome pelo qual já és conhecida pelo que pertence ao teu senhor” (SERAFIM, s.d.d).

Como feito em diversos outros trabalhos aqui já descritos, o estilo de Serafim se manifesta em sua tendência a partir de questões à primeira vista menos importantes ou ocasionais — um crime esquecido pelo tempo, modas de núpcias, a adoção do nome do marido após o casamento — para trabalhar quadros que permanecem na ordem do dia até hoje. É o que acontece em *Aquella que não tem nome*, em que, tomando o elemento aparentemente supérfluo da adoção do nome do marido, pensa em profundidade o tratamento da mulher como apêndice do homem — ideia reforçada desde o mito bíblico da costela. A ausência de um nome próprio sintetiza a ausência de identidade, algo que somente a emancipação e educação podem resolver. Ainda chama atenção para o feminicídio, ao clamar que, em caso de desentendimento, a mulher poderia terminar “pária sem nome”, arrancada de seu marido, ou mesmo com ele tendo “o direito me fica de te matar” (SERAFIM, s.d.).

Em outra concordância com Woolf, Serafim lembra que, mesmo com todo esse processo de apagamento, ainda assim existiram na História mulheres que conseguiram superar as adversidades e escrever seus nomes nos anais. Este fato, ao contrário de evidenciar uma suposta inteligência menor pela produção intelectual feminina, como argumentavam os conservadores/reacionários, prova a capacidade de produzir tanto com tão pouco. Mesmo privadas de nome e de um espaço só seu, de poderio financeiro ou educação formal, algumas

mulheres conseguiram, ainda assim, relevância histórica. Mesmo que muitas, como a própria Serafim, tenham acabado esquecidas exatamente pela tentativa de ruptura e questionamento.

Embora pareça uma pauta menor, a ausência de nome próprio às mulheres se liga diretamente à sua posição sobre o divórcio, que também transparece no artigo *O rei do divórcio*, na edição 3518 de *O Jornal*. Por meio de uma anedota sobre um empresário estadunidense conhecido como Rei do Divórcio (e não, portanto, alguém que se divorciou diversas vezes), Serafim explora a separação transformada em empreendimento. Aparentemente, embora fosse ela própria desquitada, a intenção da jornalista era criticar a transformação da liberdade de rompimento em negócio empresarial: “O rei do divórcio é um advogado que tem milhares de divórcios sobre a consciência, e que, se ousou exprimir-me assim, aperfeiçoou singularmente a indústria do divórcio, na qual ninguém contesta sua exímia habilidade” (O JORNAL, n. 3518, 04 mai. 1930). No entanto, isso não altera sua posição favorável ao divórcio como geral, apenas critica à sua transformação em empreendimento.

Sua defesa do divórcio espelha, como sabemos, sua própria vida pessoal. Se não temos muitos dados disponíveis sobre a sua biografia, podemos ao menos inferir sobre alguns pontos e elementos. Em seu artigo *O divórcio*, veiculado na Gazeta de São Paulo em 24 de abril de 1929, ela propõe o divórcio como recurso não somente para situações extremas, como uniões marcadas por violência, mas também para casos de “incompatibilidade de gênios”. É revelador que ela fale neste termo, quase um ano antes do seu desquite ser homologado justamente por esta justificativa. Rejeita, também, o argumento conservador de que o divórcio seria banalizando, lembrando que a própria burocracia de uma lei impediria que isso ocorresse.

Lembra Serafim (GAZETA DE SÃO PAULO, 24 abr. 1929) que o matrimônio na época era contraído em idade muito jovem, imatura, não sendo surpresa arrependimentos posteriores. Da forma como é, propõe, só seria lógico se manter se não fosse permitido antes dos vinte e cinco anos. Não que isso fosse proteção suficiente, mas ao menos forneceria camada extra. E vai além: afirma que a escolha é particularmente ingrata à mulher por sua inexperiência, inclusive sexual. Na época, enquanto o homem chega ao casamento repleto de experiências prévias, a mulher chega sem vivência. Como pode saber o que deseja ou o que gosta aquela que nunca vislumbrou opções distintas? Como diz, “A moça, ao escolher uma vida que será a sua até à morte, não sabe o que escolhe, porquanto nem aviso, nem conselhos, muito menos leituras quase sempre perniciosas a podem esclarecer” (GAZETA DE SÃO PAULO, 24 abr. 1929). O divórcio atua como válvula de escape para um erro que não deveria ser eterno, tanto mais considerando o impacto e o trauma que divisão familiar causa sobre os filhos.

Erro este que não era infrequente que levasse à violência. Presos um ao outro pelo resto da vida, cônjuges chegavam ao extremo do assassinato apenas para poder contrair matrimônio com outro indivíduo. Para a mulher era particularmente mais sensível, dado que era vista como posse do marido, e a dependência econômica a impossibilitava de buscar a liberdade amorosa. Foi o caso de Corina Rojas no Chile, por exemplo, que assassinou seu marido para poder casar-se novamente, já que o divórcio lá, tal como cá, também era proibido (ZERÁN, 2023, p. 25).

Em *Quando, um pouco de justiça?*, artigo para a *Gazeta de Notícias* que abre seu álbum, Serafim reflete sobre um crime esquecido pelo tempo: “O Crime da Ilha do Governador”. Não por mórbido interesse ou sensacionalismo, mas por simpatia à perpetradora. No acontecido, uma mulher e seu companheiro tentaram rever os filhos dela, sem a guarda por terem se desquitado. Inicialmente teve a guarda, mas a perdeu por ter se envolvido com outro homem, Fortunato<sup>21</sup>, mesmo já desquitada. Em uma tragédia de erros, a tentativa escalonou e terminou em tiroteio. Por ironia do que viria não muito depois (menos de um ano), a autora declara seu horror inicial sobre o assassinato. A irônica proximidade temporal é tamanha que chega ao ponto dos acusados pelo caso da Ilha do Governador serem julgados pelo tribunal do júri enquanto Serafim aguardava julgamento, menos de um semestre antes.

À primeira vista, o artigo pode parecer destoar de suas pautas políticas, mas não poderia ser mais enganoso. É na defesa da perpetradora e na acusação que faz sobre o punitivismo, classificando de “carneiros” aqueles que a atacam, que transparecem as pautas feministas caras a Serafim. O artigo questiona as condições que levaram Evangelina ao limite, e ainda exalta seu companheiro, por apoiá-la no resgate dos filhos quando, como diz, outros homens sequer cuidam de seus próprios rebentos. Por fim, ressalta a excepcionalidade de seu ponto de vista frente à opinião pública.

Muito mais do que o matrimônio, a maternidade sempre foi uma preocupação de Serafim. A primeira coisa que perguntou quando foi presa, segundo relato do *Diário Carioca*, foi por seus filhos. Desta forma, não surpreende sua posição em defesa de Evangelina: em sua visão, a assassina foi levada ao limite por ter sofrido injustiça na perda dos filhos. Para ela, uma mãe é capaz de tudo por suas crianças, e a violência acaba por ser consequência da

---

<sup>21</sup> Por coincidência, a figura compartilha o mesmo nome do antagonista do conto clássico de Edgar Allan Poe, *O barril de amontillado*. A coincidência também recai sobre o aspecto irônico do nome tanto do personagem quanto do indivíduo: apesar de Fortunato denotar fortuna, ou sorte, ambos se envolveram em casos impulsionados pelo azar.

privação. Uma espécie de loucura advinda da privação: “Uma mulher que tem um coração grande de mãe e de amante será ser tão abjecto?...” (SERAFIM, s.d.h).

Nesse ponto, retoma suas posições a favor do divórcio. Para Serafim (s.d.h), a maior culpa desta tragédia de erros não recai sobre Evangelina ou Fortunato, seu companheiro, mas sobre a impossibilidade da guarda compartilhada e a injustiça da mulher ser privada de seus filhos apenas por escolher a separação. Fosse o divórcio uma realidade, o Crime da Ilha do Governador não teria ocorrido: “Fosse Evangelina divorciada e não desquitada, e o homem que por Ella enfrentou tão dúbia aventura teria sabido oferecer-lhe o próprio nome. [...] Casada, não lhe teria o marido arrancado os filhos...” (SERAFIM, s.d.h). Embora não tenha sofrido a perda da guarda — e Ernesto, justiça seja feita, nunca a tenha negado acesso aos filhos —, pela proximidade com seu próprio desquite cabe pensar o quanto essas preocupações tenham refletido sua biografia.

### 3.5 Outro temas

Embora o feminismo fosse um dos temas centrais e mais frequentemente explorados pela autora, é importante reconhecer que seu pensamento transcende o campo do político, envolvendo elucubrações que tocam o metafísico, o econômico e outras dimensões intelectuais. As pautas feministas, sem dúvida, desempenham um papel fundamental na construção da imagem dessa pensadora, mas para compreendê-la em sua totalidade é necessário enxergar além dessas questões. A autora não apenas defendia os direitos das mulheres e se posicionava contra as estruturas patriarcais de poder, mas também mergulhava profundamente em reflexões que questionavam as limitações do conhecimento humano, especialmente no que se refere ao ceticismo e ao sobrenatural.

*Em torno do sobrenatural*, por exemplo, traz uma reflexão profícua sobre o ceticismo e suas limitações, partindo de questões lógicas e metafísicas. Partindo de uma anedota, o encontro com um amigo que se afirma cético absoluto, Serafim reflete sobre os limites do ceticismo e do desencantamento do mundo. Admira a convicção de seu amigo e da suposta paz que sua crença traz, mas o “scepticismo, quando profundo, esteriliza”, gerando uma anomia em que pouca diferença faz “a intransigência medíocre e má” ou a “realização vibrante” (O JORNAL, 18 ago. 1929). O cético, argumenta, dificilmente defende uma ideia com paixão e ardor, contentando-se em ser absorvido pela indiferença.

A autora expressa um desconforto evidente com a postura do cético, particularmente com a forma como ele confunde ponderação com cinismo. Para ela, essa atitude cética, que insiste na racionalidade absoluta e na necessidade de evidências concretas para justificar

crenças, acaba gerando uma visão empobrecida do mundo. O ceticismo, quando levado ao extremo, deixa pouco espaço para a imaginação, a espiritualidade e até mesmo para o desconhecido, restringindo a experiência humana a uma esfera limitada e desprovida de mistério. Essa visão fria e distanciada do cético a incomoda profundamente, pois, para ela, a verdadeira paixão e o engajamento com o mundo vêm justamente da abertura ao que ainda não se conhece plenamente.

Ela critica, de forma contundente, a alegação do cético de que a paixão e o entusiasmo só podem surgir quando há uma disputa de ideias em torno de uma realização prática, nunca religiosa ou espiritual. Para Serafim, essa visão é insustentável. O sobrenatural, que por definição está além do natural e do conhecimento ordinário, é uma dimensão que precisa ser considerada com seriedade, e não descartada com cinismo. Sua defesa do sobrenatural não é, entretanto, uma adesão cega a crenças místicas, mas sim uma crítica à presunção do cético de que tudo o que existe pode ser explicado pelos limites da ciência e da razão humana.

Se o sobrenatural, em sua própria origem, concentra o que está acima do natural, ou do nosso conhecimento, como podemos afirmar que inexistente? “Ora, nós não conhecemos ainda a natureza nem bem, nem inteiramente” (O JORNAL, 18 ago. 1929), alega, de forma que é pretensioso crer que tudo que há no mundo é o que podemos ver. Prossegue:

Para o selvagem a luz electrica é sobrenatural, para o ignorante as terríveis consequências do raio X facilmente parecerão efeitos de bruxaria... ou milagre. Querer limitar a natureza ao que della vemos, ouvimos e apalpamos com nossos sentidos grosseiros ou ao que adivinhamos com os apparatus scientificos imperfeitos e falhos de que dissemos é tolice (O JORNAL, 18 ago. 1929).

Por outro lado, Sylvia se opõe ao misticismo excessivo. A incomoda, e ela sublinha isso em todas as palavras, a ação apressada de classificar qualquer ato sem explicação rápida como ação demoníaca. Isso acaba por ser um ato infantil, pueril, de deslegitimar o desconhecido: “Crianças a discutirem em volta de um tratado de geometria superior explicando cada qual a seu modo as figuras e traçados não procederiam com puerilidade mais incrível” (O JORNAL, 18 ago. 1929). Há de se buscar, portanto, moderação.

### **3.6 Almerinda Gama**

Se por um lado se envolve e defende pautas feministas com ardor, por outro lado, esses tópicos estão longe de serem as únicas questões políticas discutidas e tratadas por Serafim. A Revolução de 30 ocupa parte de suas preocupações, aparecendo com frequência grandes movimentações políticas da época, dos “Tenentes” ao crescimento da Aliança

Liberal. Isso se reflete também nos escritos de uma das colaboradoras mais politizadas do suplemento: Almerinda Gama. A jornalista e intelectual viveria até quase cem anos de idade, sempre muito ativa politicamente. Como já dito anteriormente, Gama se aproximou de Serafim enquanto esta aguardava julgamento, a partir do qual travaram amizade e a escritora nortista acabou por receber espaço constante em *Para a mulher no lar*, principalmente, mas não somente, com uma coluna chamada *Perspectivas*.

Figura 33 - Retrato de Almerinda Gama



Fonte: BRASILIANA, 2021

Em sua coluna de 25 de maio de 1930, Gama dedica sua atenção à morte de Siqueira Campos. Um dos poucos sobreviventes da Revolta dos 18 do Forte<sup>22</sup> (e, hoje em dia,

---

<sup>22</sup> Revolta que eclodiu no Forte de Copacabana em 22 de julho de 1922, quando 18 oficiais desafiaram as tropas governistas em uma marcha na Praia de Copacabana, terminando em massacre dos opositores. O movimento dos 18 do Forte deveria ter ocorrido simultaneamente em outros lugares do país, mas acabou tendo pequena adesão ou sendo esmagado logo em seu início (PRESTES, 2009, p. 14). Foi o início de uma série de revoltas contra as oligarquias que dominavam a República Velha e as eleições fraudadas consequentes, que culminariam na Revolução de 30.

imortalizado como nome de estação de metrô e de rua em Copacabana), Gama denuncia que o desaparecimento de Campos foi ignorado pela imprensa da época. Na prática, esse esquecimento reforça as ideias de Anita Leocadia Prestes (2009, p. 11): com a aproximação de Luís Carlos Prestes com o comunismo, cresce em paralelo um processo de apagamento dos movimentos dos quais teve influência, como os 18 do Forte e a Coluna Prestes. Enquanto o movimento dos Tenentes era conveniente a uma elite que questionava e se opunha às oligarquias, encontrava ampla repercussão. Mas no alvorecer da Revolução de 30, mesmo tendo participação fundamental na derrocada da República Velha, tais movimentos acabam varridos para debaixo do tapete — inclusive por alguns de seus antigos membros, também buscando afastamento do agora incômodo Prestes.

Ferrenho opositor do advogado transformado em presidente Washington Luís, Chateaubriand concedia amplo espaço para os entusiastas da Aliança Liberal. Entre eles, Serafim. Antes da Revolução, o empresário clamava apoio a Prestes, a quem chamava de “soldado-menino” (BARBOSA, 2007, p. 78). Porém, a vitória na Revolução trouxe à tona um novo inimigo: o Partido Comunista do Brasil (PCB). Antes da adesão de Prestes, um débil movimento. Após, um inimigo para substituir as antigas oligarquias, agora esvaziadas — embora esboçassem uma reação não muito depois, na Revolução Constitucionalista de 1932<sup>23</sup>.

Embora Gama diga que não vai manifestar sua posição partidária na homenagem que faz a Siqueira Campos, nunca escondeu sua posição a favor dos Tenentes. É transparente em sua admiração: “Digo apenas que foi um grande brasileiro que morreu fiel ao seu ideal” (O JORNAL, n. 3536, 25 mai. 1930). Para ela, Campos (e os demais do Forte) não foi idealizado como herói nacional, tal qual Deodoro da Fonseca, apenas por sua revolução ter fracassado onde outros tiveram sucesso.

Longe de esgotar a análise, o debate sobre esses artigos teve a intenção de ilustrar brevemente a contribuição da intelectualidade de Sylvia Serafim para diversas áreas. Independente do seu assassinato, e das relações complexas que ele envolve, é imprescindível o resgate de seus trabalhos, ainda mais considerando a permanência de sua relevância no contemporâneo. Dialogar com seus escritos é evidenciar que Serafim foi muito mais do que apenas uma assassina, e iluminar a necessidade de tratá-la como figura complexa e multifacetada.

---

<sup>23</sup> A qual, ironicamente, marca uma ruptura na vida de Serafim. Ao ir à revolta com as sufragistas, acaba por conhecer o pai de seu terceiro filho. Envolvida com um militar, acabaria por se afastar de suas companheiras sufragistas e feministas.

É nítido que, se fosse preciso escolher um guarda-chuva que abrigue todos esses artigos, a temática da emancipação feminina se sobressairia. No entanto, isso não impede que a autora transite entre temas afins, do socialismo ao trabalho intelectual feminino. Não se trata apenas, portanto, de emancipação política, mas também econômica, social e, principalmente, intelectual. Emancipação que passa por diversos dos tópicos tratados por Serafim nesses artigos: divórcio, educação, trabalho, liberdade de escolha, intelectualidade, liberdade sexual, educação sexual, violência sexual, entre outros temas que, ainda hoje, são progressistas. Imaginem, então, em 1930, uma mulher proclamar seus direitos com tamanha intensidade. Isto posto, aliado ao que será visto mais para frente, concede força à tese de que o apagamento de Serafim não foi uma coincidência, ou resultado de possível falta de qualidade de seus trabalhos, mas um projeto levado a cabo por famílias influentes dentro da mídia brasileira, como os Rodrigues e os Marinho.

## Capítulo 4. Desumanização feminina

Coitados... Eles não sabem... Não podem compreender  
*O JORNAL* (n. 3536, 25 mai. 1930).

Para entender o caso de Sylvia Serafim em profundidade, é importante lançar mão de uma discussão teórica sobre elementos como desumanização e jornalismo de sensações. A construção de sua figura, em suas diversas frentes, sofreu diretamente o impacto de ambos, em particular o primeiro como consequência do segundo. Como mulher, Serafim já era alvo de desumanização. Como assassina, torna-se duplamente desumanizada, se encaixando na figura do monstruoso.

Sylvia Serafim encarna, para *Crítica* e seus apoiadores, a figura do monstro<sup>24</sup>. Uma imagem classicamente atribuída ao feminino (ainda que não apenas), conforme a lenda sobre as bruxas não deixa mentir. É pertinente pensar, indo além, a relação do monstruoso com o conservadorismo. Dito isso, é preciso uma breve digressão para estabelecer o que se compreende aqui por conservadorismo, dado a polissemia do conceito, bem como sua diferença sobre dois outros conceitos sobre o qual é comumente confundido: reacionarismo e fascismo. Embora a discussão sobre fascismo seja lateral para nosso trabalho, a noção de reacionarismo também é importante para compreender os escritos de *Crítica* e do próprio Nelson.

### 4.1 Breve discussão sobre alguns conceitos políticos

Um ponto fundamental para pensar no trânsito cultural sobre Serafim é a noção de ideologia, diretamente relacionada com os aspectos políticos da disputa sobre a cultura. Os teóricos marxistas que ajudaram a fundar os estudos culturais perceberam a necessidade de atualizar o conceito de ideologia. Algo já feito algumas décadas antes por Antonio Gramsci em sua conceitualização de hegemonia, mas desenvolvido por Raymond Williams (2001). A disseminação tecnológica e o advento de novos mecanismos de comunicação foram rapidamente capturados por uma disputa ideológica-política, como o exemplo do nazifascismo e sua utilização da radiodifusão como técnica de difusão de suas pautas. Como evidencia Escosteguy (2010, p. 36), a percepção sobre o uso da ideologia em produtos culturais é fenômeno recente: “a partir da segunda metade dessa mesma década, percebe-se a

---

<sup>24</sup> Com frequência referido com todas as letras, como na edição de 16 de maio de 1930, que se refere ao assassinato como uma “monstruosidade”.

importância crescente dos meios de comunicação de massa, vistos não somente como entretenimento, mas como aparelhos ideológicos”.

Karl Marx (2002) define ideologia como um filtro que distorce a interpretação da realidade. Para Cláudio Armando Couce de Menezes (2017), trata-se de uma forma de compreensão da realidade que é intrínseca a todos os seres humanos. Rocha (2021, p. 21) compartilha dessa perspectiva e vê ideologia, especialmente política, como um conjunto de ideias, crenças e valores que influenciam coletivamente, guiando ações, como a implementação de políticas públicas. Portanto, existe uma relação íntima entre ideologia política e prática política, onde a segunda incorpora a primeira. Em resumo, é uma interpretação da realidade que fundamenta sua transformação ou manutenção.

Marxistas posteriores a Gramsci, intensificado com os Estudos Culturais, romperam com a interpretação marxiana de ideologia como mera reprodução de valores de uma classe dominante, passando a interpretá-la como mecanismo em disputa permanente entre os muitos setores sociais. Na prática, um reflexo da ampliação das preocupações da “nova esquerda”, que passa a incluir pautas de gênero, raça, entre outras, percebendo que as disputas políticas e sociais vão além apenas de classe. Essa interpretação ressalta o dito por Ricoeur (2015, p. 22) em *Ideologia e utopia*: a realidade se constrói a partir do sujeito. Inclusive, este é, em um resumo, o significado simplificado de ideologia.

Sendo o conservadorismo uma ideologia política que prega a manutenção do *status quo*, conforme os preceitos instituídos por Edmund Burke (1982), pautada na defesa do presente em oposição ao passado ou ao futuro, compreende-se a rejeição da transgressora por essa ideologia. Esta figura oferece perigo ao estabelecido, ao normal, ao padrão, ao instituído. Uma ameaça, portanto, ao *status quo*. Nada mais natural, portanto, que Serafim tenha sido tomada como transgressora e desumanizada durante a campanha da *Crítica*, jornal conservador, desde a edição de 26 de dezembro de 1929.

Há, no conservadorismo, uma valorização do presente. Entende que as sociedades humanas não são perfeitas, mas também nunca o serão, e que a política é fruto do trabalho e dedicação de milhares de pensadores anteriores, de modo que essa construção coletiva não deve ser descartada em favor de um suposto ideal construído por um indivíduo (BURKE, 1982, p. 61). A verdadeira liberdade, portanto, decorreria dessas instituições e dessa construção gradual, que conectaria o passado, presente e futuro, os mortos, os vivos e os ainda por nascer (BURKE, 1982).

É claro que conceito nenhum é estanque, congelado em uma interpretação unívoca. Liberalismos, socialismos, conservadorismos, fascismos e em diante são plurais, em

permanente mutação. Pois, por exemplo, o liberalismo estadunidense é absolutamente distinto do liberalismo europeu (PAXTON, 2007). As ideologias e conceitos mudam dentro de si próprios, como foi o caso do Fascismo italiano, que surge com um viés progressista, experimenta um período liberal, abraça o imperialismo e o corporativismo e, por fim, se funde ao Nazismo (c.f. SCHARGEL, 2024).

Dito isso, também é verdade que há diferenças conceituais essenciais sobre conceitos como conservadorismo, reacionarismo e fascismo. Dos três, o conservadorismo tende a ser o menos “intenso”. O fascismo, por sua vez, é necessariamente reacionário, nunca conservador (PAXTON, 2007, p. 213). Enquanto o conservador busca manter, preservar o *status quo*, mas não rejeita mudanças, desde que baseadas em uma lógica verossímil e prudente, o reacionário se pauta em uma rejeição absoluta dos valores de seu tempo, e um desejo de resgate de um passado idealizado. Se tomarmos Edmund Burke e Joseph de Maistre, respectivamente como pais do conservadorismo e do reacionarismo, como comumente o são, então o conservadorismo se pauta pela oposição a uma ruptura baseada em abstracionismos, que quebre a noção que entende por verossimilhança, mas que não rejeite mudanças lentas e graduais.

É importante frisar: apesar do conceito de reacionarismo ter recebido carga pejorativa ao longo do tempo, similar ao que aconteceu com neoliberalismo e comunismo, não é intenção trazer juízo de valor ao chamar a prosa de Nelson de reacionária, tampouco desmerecer a sua arte. Ao contrário, na chave do que foi feito por Albert Hirschman (2019), apenas entender como os elementos reacionários aparecem na retórica e no discurso de Nelson. Considerando que o próprio autor se considerava reacionário, ainda que com ciência de que a obra artística não é uma reprodução hermética da ideologia de um indivíduo, cabe questionar o quanto de sua ideologia transborda tanto para sua arte, quanto, tanto mais, para seus artigos jornalísticos.

Ao se apontar Nelson como reacionário, não se trata de diminuir sua importância artística. Criticar Nelson como indivíduo não implica em desmerecer sua arte, na mesma chave do dito por Anatol Rosenfeld (2012, p. 137): “Autênticos monstros criaram grandes obras de arte”. Mesmo porque, como lembra Camila Rocha (2023), entre ideologia política e prática política há um abismo. Um indivíduo pode se identificar como reacionário, mas no cotidiano é inevitável que ideologias se contaminem, de acordo com a conveniência, o que é intensificado na arte. Embora o reacionarismo dificilmente possa ser compreendido como uma ideologia democrática, dado sua rejeição basilar do consenso sobreposto de John Rawls (2000), isso não implica que uma obra deva ser abandonada por suas pretensões moralizantes.

É preciso separar a crítica política da crítica literária, por mais que os dois campos não estejam dissociados.

Hirschman (2019) dividiu a retórica reacionária em três principais chaves: perversidade, futilidade e ameaça. Dessas, a mais presente nos trabalhos de Nelson é a retórica da perversidade. Nela, advoga-se que qualquer tentativa de produzir mudança social terá um efeito contrário, um efeito perverso: “a tentativa de empurrar a sociedade em determinada direção fará com que ela, sim, se mova, mas na direção contrária” (HIRSCHMAN, 2019, p. 23). Isso aparece, por exemplo, nos ataques que Nelson faz aos biquínis, argumentando que a exposição da beleza acaba por causar sua banalização, tendo como consequência a morte do desejo masculino (PRIORE, 2011, p. 202). Ou em sua defesa da própria Ditadura Militar, visto que a democracia é incapaz de levar à prosperidade, por sua fragilidade: “As tentativas de alcançar a liberdade farão a sociedade afundar na escravidão, a busca da democracia produzirá a oligarquia e a tirania e os programas de bem-estar social criarão mais, em vez de menos, pobreza. *Todos os tiros saem pela culatra*” (HIRSCHMAN, 2019, p. 23, grifos do autor).

Embora possa aparentar despropositada à primeira vista, essa pequena digressão é importante para iluminar os mecanismos de desumanização que *Crítica* lançou mão sobre Sylvia, bem como o apelo a conceitos-chave do conservadorismo/reacionarismo, como família e bondade. A jornalista é continuamente atacada por quebrar com o padrão conservador, por ousar ser literata no início do século XX, como se verá. Antes de tudo, é atacada por ser uma transgressora.

#### 4.2 Gênese da desumanização feminina

É pertinente chamar atenção, inclusive, para a progressiva sexualização da jornalista. Se, como aponta Moraes (2013), há intrínseca relação entre o erótico<sup>25</sup> e o monstruoso, Serafim encarna a síntese desta simbiose. A cobertura da *Crítica* sobre o segundo dia do julgamento, em 23 de agosto de 1930, por exemplo, não poupa comentários sobre sua suposta beleza, ou mesmo sobre seu decote — indo além, e sugerindo que teria dormido com membros do júri ou com o próprio Chateaubriand. Diz que Serafim usava “um elegante

---

<sup>25</sup> Intensificado pelo jogo entre dito e não dito característico do tratamento que o erotismo recebe, a metáfora aparece em comparações, no jogo entre o claro e o nebuloso, tal qual resumiu Rubem Fonseca: “A metáfora surgiu por isso, para os nossos avós não terem de dizer — foder. *Eles dormiam com, faziam o amor* (às vezes em francês), *praticavam relações, congresso sexual, conjunção carnal, coito, cópula, faziam tudo, só não fodiam*” (MORAES, 2022, p. 75). De acordo com a lenda etimológica, sinalizada por João Adolfo Hansen (2015, p. 11) como provavelmente falsa, “obsceno” descende de “fora de cena”, ou o não dito que deve ficar subentendido, mas nunca explícito.

vestido de seda azul marinho. Trazia um chapéu de feltro negro, typo ‘cloche’ colocado caprichosamente na cabeça, deixando vêr madeixas de sua cabelleira loura” (CRÍTICA, n. 556, 23 ago. 1930). O jornal tampouco deixa de sexualizá-la, para reforçar a sua imagem de mulher perversa: “Logo que se sentou, Sylvia Serafim recostou-se à tribuna de defesa e vagou o olhar pelo auditório. O decote triangular do traje deixava descoberto o colo, cintilando no vértice um rico pendantif [pingente]. Por vezes sorria, revelando uma insensibilidade nunca vista”. Tampouco é coincidência que os adjetivos e apelidos que *Crítica* lançava mão eram majoritariamente sexuais: “Mocinha de Todos de Petrópolis”, “Meretriz assassina”, “Literata do Mangue”, entre outros.

Conforme Moraes (2013), o monstro é uma entidade proibida, inacessível, mas com potencial contaminante. Isto é, teme-se o monstro na mesma proporção que se tem fascínio por ele. Mas, acima de tudo, teme-se se tornar como ele. Não é à toa, por exemplo, a forte carga erótica em monstros clássicos, como o sátiro. Ou mesmo na prosa de Álvares de Azevedo<sup>26</sup>, marcada pelo exagero, em que a figura mais monstruosa possível, Satã, é o responsável por guiar o mancebo *Macário* na introdução às parafilias orgiásticas. Na estrutura social conservadora, a transgressão é tomada como monstruoso; é revelador o nome do livro de Michel Foucault sobre o tema, *Os anormais*. E nada mais sintomático sobre essa relação do que o desvio sexual, menor que seja, do padrão. Uma mulher divorciada que supostamente era adúltera encarna exatamente esse tipo de desvio.

Como lembra Friedrich Nietzsche (2001, p. 89) em seu aforismo que já se tornou clichê, aquele que luta com monstros deve ter cuidado para não se tornar um deles. Pois, sugere Moraes (2013, p. 191), o monstro é frequentemente descrito como aquele a quem falta algo: “Entre as diversas definições de monstro, uma das mais constantes consiste em considerá-los seres inacabados ou, como prefere Kappler, ‘seres a quem falta algo de essencial’”. O feminino encarna, portanto, a figura da transgressão por essência, a quem recai um tratamento distinto justamente pela ausência de algo visto como essencial. Da transgressão para o monstro, como diz Michel Foucault (2010, p. 69), basta mais um “desvio”. O interesse

---

<sup>26</sup> Autor paradigmático do romantismo brasileiro, Álvares de Azevedo teve curta vida, mas intensa produção. Apesar dessa brevidade, Azevedo deixou um legado significativo na literatura brasileira, especialmente por sua abordagem inovadora da linguagem erótica, ao antecipar uma ruptura na linguagem erótica que só ganharia força com o modernismo. Ao contrário de seus contemporâneos, Azevedo não tentou dissimular ou esconder o aspecto sexual de suas narrativas. Pelo contrário, ele colocou o sexo no centro de suas histórias, reconhecendo sua importância e relevância como elemento fundamental para compreender a complexidade das relações humanas. A linguagem de Azevedo se destaca pela sua sensualidade, evidenciando uma abordagem formal única ao tratar do erótico. Enquanto a prosa oitocentista frequentemente recorria a subterfúgios e figuras de linguagem para dissimular o erotismo, Azevedo optou por trazer o sensual à tona, imprimindo-o diretamente em sua literatura. Essa escolha ousada contribuiu para uma nova dimensão na representação literária do erótico, rompendo com as convenções da época.

sexual, o desinteresse em matrimônio ou maternidade, o adultério, construções que elevam o feminino à posição de monstro. O masculino é o que há de mais próximo de deus, e a mulher não vai além de um fragmento dessa perfeição, como revela Ambroise Paré (apud MORAES, 2013, p. 196): “como não encontramos jamais uma história verdadeira de algum homem que tenha se tornado mulher, é porque a natureza não tende jamais a engendrar a fêmea, mas sempre um macho, como o mais perfeito”. A mulher era vista como impura de tal forma que se acreditava que após expurgar seus pegados, todas voltariam no Apocalipse como homens, quando a reprodução não seria mais necessária e predominaria o “santo estado masculino” (PRIORE, 2011, p. 35). Como conclui Moraes:

Ora, tanto na hipótese genética de Aristóteles como na de Paré, a mulher contém em si o mesmo princípio de incompletude que caracteriza os monstros. Entre a anatomia feminina e as formas monstruosas haveria tão somente uma diferença de grau, não de essência: a produção de uma fêmea seria, desse modo, o primeiro passo — ou o primeiro desvio da natureza — no caminho da formação de criaturas imperfeitas. Seguindo essa hipótese, não seria equivocado formular uma segunda suposição: o monstro descende da mulher.

A mulher é, portanto, vista como um homem incompleto, insuficiente. O clitóris, por exemplo, não seria mais do que o fragmento de um pênis, o masculino inacabado, como se referiu Kappler. Com semelhanças anatômicas e mesma origem embrionária, esse mito se manteve a tal nível que a medicina apenas descreveu a anatomia completa do clitóris em 2005 (PLITT, 2021). A monstruosidade do feminino, à literatura médica antiga, se explica pela suposição da mulher ser tão somente um “homem a quem a falta de perfeição conservara os órgãos escondidos” (PRIORE, 2011, p. 32).

Não por coincidência, este imaginário reaparece na metáfora descrita por Woolf em *A Room of One's Own*, pois é ao ver um gato sem rabo, um animal incompleto, é que a narradora dá início aos seus questionamentos sobre a segregação de gêneros. Da mesma forma que as personagens de Clarice Lispector mergulham em epifania sobre os elementos mais banais do cotidiano, a narradora de Woolf interpreta o gato sem rabo como uma quebra nas leis universais. Algo banal, mas que naquele momento, naquele fragmento de segundo, representa um salto de realidade que a permite enxergar as dinâmicas de gênero sob uma ótica ampliada: “Eu observei o gato manês parar no meio do gramado como se ele também

questionasse o universo, algo parecia faltar, algo parecia diferente. Mas o que faltava, o que estava diferente, eu me perguntava” (WOOLF, 2005, p. 11, tradução minha)<sup>27</sup>.

A metáfora do gato sem rabo, evocando a ideia de castração, remete à análise freudiana sobre a inveja do pênis, que ele considerava um componente central no desenvolvimento psicosexual feminino. A castração simbólica não se limita à privação física do órgão genital masculino, mas também reflete a inacessibilidade das mulheres à autonomia, poder e liberdade desfrutados historicamente pelos homens. A inveja do pênis, como caracterizada pelo psicanalista, inibe a produção artística. A metáfora da castração, portanto, sugere uma privação mais ampla, uma restrição das oportunidades e dos espaços de expressão artística e criativa que foram tradicionalmente reservados aos homens. A castração, como dizem Gilbert e Gubar (1980, p. 273), é, na verdade, social. Sendo social, também é, por extensão, artística.

A metáfora é clara: o animal incompleto assume o mesmo papel da mulher nas dinâmicas de gênero. Privada de individualidade, considerada imperfeita em sua própria essência, o gato sem rabo representa a castração simbólica do feminino. Como dito, a suposta imperfeição da incompletude. A ausência do pênis — o rabo — assume papel paradoxal: ao mesmo tempo essencial na reprodução humana, mas também considerado como ausência do fundamental. Como fala Woolf: “É um animal peculiar, curioso, mas não bonito. É estranho que uma cauda faça tanta diferença” (WOOLF, 2005, p. 13, tradução minha)<sup>28</sup>.

### 4.3 A histeria

histéricas moças feias  
*Jorge Amado (1930).*

Em 1979, Sandra Gilbert e Susan Gubar publicaram um dos livros mais importantes da história da crítica literária feminista: *The Madwoman in the Attic: the Woman writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. Menos de uma década depois, Elaine Showalter lançou *The Female Malady: Women, Madness and English Culture, 1830-1980*. O primeiro aborda como a literatura de e sobre mulheres tratou processos de desumanização feminina,

---

<sup>27</sup> Tradução livre de “I watched the Manx cat pause in the middle of the lawn as if it t̄o questioned the universe, something seemed lacking, something seemed different. But what was lacking, what was different, I asked myself” (WOOLF, 2005, p. 11).

<sup>28</sup> Tradução livre de “It is a queer animal, quaint rather than beautiful. It is strange what a difference a tail makes” (WOOLF, 2005, p. 13).

com particular atenção sobre a imagem da mulher louca (do qual decorre o título do livro, uma referência a *Jane Eyre*). O segundo fez o mesmo, só que trazendo uma genealogia deste discurso sobre a loucura voltado para o real. Com suas diferenças e idiossincrasias, ambos concordam em um ponto central: colocam as estruturas sociais patriarcais e conservadoras como origem desses processos de desumanização.

A desumanização feminina encontra um de seus maiores expoentes na hoje clássica figura da “histérica”. Uma imagem que não por coincidência foi deslocada não somente para Serafim, mas também para suas defensoras; Jorge Amado (1930), então com 17 anos, sugeriu que aquelas que a defendiam eram “histéricas moças feias”. A mulher transgressora era uma histérica em potencial, e a doença era funcional como explicação para seu desvio. Afinal, para uma mulher que não focava sua vida no matrimônio ou na maternidade estava claramente enferma (PRIORE, 2004, p. 430). De forma igual, o remédio para esta doença residia no casamento e no combate à imagem nefasta da “solteirona” — figura que, novamente não por coincidência, é evocada por Amado (1930) em seu artigo sobre Serafim, um dos editoriais mais incisivos contra a jornalista.

Jorge Amado, recém-chegado da Bahia poucos anos antes havia começado na carreira de jornalista como repórter no *Diário da Bahia*. Com a experiência adquirida nas páginas policiais baianas, dedicou bastante atenção ao caso de Roberto em sua coluna. Embora fosse aos poucos migrando para as páginas de política, onde manteve retórica inflamada, os resquícios do sensacionalismo policial permaneciam em suas páginas. Além disso, o futuro escritor marxista contribuía para *O Jornal*, não o veículo carioca, mas um de homônimo baiano (AGUIAR, 2018, p. 34).

A associação entre mulher e loucura é anterior à popularização da histeria como doença feminina por excelência. Na virada para o século XIX, Mary Wollstonecraft, mais conhecida por seu panfleto paradigmático que deu início às primeiras movimentações do feminismo, escreveu um romance. Sua verve literária, menos conhecida do que a de sua filha Mary Shelley, antecipa em um século pautas que encontrariam espaço em Charlotte Perkins Gilman, principalmente em seu conto *O papel de parede amarelo*. Assim como Gilman, e diferente de Shelley, a literatura aparece como método para suscitar questões cruciais sobre a relação de gêneros. Em *Maria; or, the Wrongs of Woman*, Wollstonecraft constrói a fundação da crítica sobre processos de desumanização de mulheres que transgridem a norma, sintetizados sobre a imagem da loucura. A protagonista/narradora do conto de Gilman é enclausurada em seu quarto por seu marido, na esperança de superar sua depressão pós-parto, já a protagonista de Wollstonecraft é internada em um asilo por um marido abusivo: “Para

Maria, a 'mansão do desespero' em que está encarcerada se torna um símbolo de todas as instituições feitas pelo homem, desde o casamento até a lei, que aprisionam as mulheres e as deixam loucas” (SHOWALTER, 1987, p. 01, tradução minha)<sup>29</sup>. Novamente em paralelo, as duas personagens vão gradualmente enlouquecendo, assumindo a persona que fora deslocada a elas. Não é coincidência. Tampouco o é que Serafim tenha sido justamente tachada de insana.

O corolário da desumanização era a loucura. É revelador que a personagem de Wollstonecraft se torne louca apenas após a internação, assim como a de Gilman. Qualquer transgressão do padrão era suficiente para a classificação de loucura, de tal forma que essas mulheres acabavam realmente desenvolvendo doenças psíquicas. Como expõem Gilbert e Gubar (1979, p. 53), a histeria, doença considerada feminina em sua essência, já recebe esta carga logo em sua etimologia: *hyster*, grego para útero. Não à toa, pois o órgão era considerado responsável pelas flutuações emocionais da histérica. Quer dizer, a insanidade era interpretada como extensão da mulher, uma possibilidade sempre presente por conta de seu órgão, de sua monstruosidade inerente. Uma evolução na teoria do monstruoso incompleto de Paré e Aristóteles, em uma linha sucessória de pensamento bastante clara.

Uma das figuras retratadas como monstruoso com mais frequência era a da mulher intelectual. Diretamente relacionada com a sua imagem-irmã, a histérica, a mulher interessada em cultura, arte ou política, era tratada como leproso. Para Gilbert e Gubar (1979, p. 56), corolário disso foi a classificação da mulher intelectual como uma espécie de doença, chegando a figurar nos anais médicos: “Uma mulher pensante era considerada uma violação da natureza a tal ponto que um médico de Harvard relatou que havia descoberto, durante a autópsia de uma estudante de Radcliffe, que seu útero havia encolhido ao tamanho de uma ervilha”<sup>30</sup>. Isso ainda no século XIX, não muito tempo antes de Serafim, o que evidencia o medo que sua intelectualidade impunha, e a forma como foi utilizada como método de deslegitimação e ataque.

Não por coincidência, como evidencia Showalter (1987, p. 04), a maior parte dos residentes de asilos no século XIX eram do sexo feminino. Isso não mudou no século seguinte, e as mulheres permaneceram como a maior parte dos pacientes de hospitais psiquiátricos. Rejeitando a saída fácil da interpretação conservadora de apelar para o

---

<sup>29</sup> Tradução livre de “To Maria, the ‘mansion of despair’ in which she is incarcerated becomes a symbol of all the man-made institutions, from marriage to the law, that confine women and drive them mad” (SHOWALTER, 1987, p. 01).

<sup>30</sup> Tradução livre de “A thinking woman was considered such a breach of nature that a Harvard doctor reported during his autopsy on a Radcliffe graduate he discovered that her uterus had shrivelled to the size of a pea”.

biológico, torna-se óbvio, portanto, a prevalência de fatores sociológicos para a maior incidência de problemas psíquicos entre mulheres do que entre homens, como os que têm sido apontados aqui. Por séculos, intensificado com a imagem da histeria, associou-se feminilidade com insanidade, ou, em aspectos mais sutis, irracionalidade.

A associação era tão forte que a feminilidade era tratada como irracionalidade por excelência. As mulheres não tinham somente maior tendência para a loucura, mas eram vistas como essencialmente loucas. Showalter (1987, p. 04) ressalta como era comum, no século XIX, que pinturas e obras de arte personificassem a loucura sob a forma de uma personagem feminina. Era considerada uma doença feminina, mesmo quando acometia homens. Não à toa, travestis eram chamados de mulheres insanas em países como a França (SHOWALTER, 1987, p. 04). O efeito oposto era a masculinidade, vista como corolário de ponderação e racionalidade.

Como visto, a literatura e as artes eram consideradas territórios exclusivamente masculinos, e argumentava-se até mesmo que as mulheres não se destacavam nessas áreas devido a uma suposta inferioridade de inteligência. Qualquer mulher que desafiasse essa norma social e se aventurasse a trabalhar com a escrita ou as artes era vista como uma transgressora, uma figura naturalmente anormal dentro da estrutura patriarcal. Assim, a loucura surgia como uma consequência quase inevitável para as mulheres artistas. Como observa Showalter (1987, tradução minha), a loucura era considerada “o preço que mulheres artistas tinham que pagar para o exercício de sua criatividade”<sup>31</sup>. Os exemplos não faltam, de Virginia Woolf a Sylvia Plath, cujas lutas pessoais com a saúde mental foram intrinsecamente ligadas à sua expressão artística. O caso de Sylvia Serafim se soma a essa narrativa, evidenciando como as mulheres que desafiavam as normas de gênero eram frequentemente rotuladas como histéricas ou loucas. Para os críticos conservadores, a ideia de uma mulher intelectualmente ativa e criativa era tão ameaçadora que só poderia ser explicada pela presença de algum distúrbio mental.

O ataque de Amado (1930) a Serafim encontra eco em argumentos antifeministas típicos, como a sugestão de que a feminista é, via de regra, uma solteirona incapaz de encontrar um marido que busca na emancipação uma forma de tolerar a sua solidão. A feminista, então, como uma espécie ressentida, que rejeita o matrimônio no discurso apenas porque não conseguiu encontrá-lo na prática. Deste ponto decorrem outras acusações típicas, como de que elas seriam masculinizadas. Para isso, com frequência os antifeministas

---

<sup>31</sup> Tradução livre de “madness is the price women artists have had to pay for the exercise of their creativity”.

lançavam declarações de ex-feministas contra o próprio movimento, como no caso de Galzy, tratado por Serafim, ou como relatado por Priore (2011, p. 185): “Em todas ou quase todas líderes feministas com quem convivi nos últimos 3 anos, nunca vislumbrei qualquer sinal de verdadeira feminilidade. [...] poucas são felizes nas suas relações com os homens. [...] No fundo, há um ressentimento mal disfarçado em relação ao sexo masculino”.

#### 4.4 Desumanização na literatura

She dominates the lives of kings and conquerors in fiction; in fact she was the slave of any  
boy whose parents forced a ring upon her finger  
*Virginia Woolf* (2005, p. 43).

Esse processo de desumanização se reflete nas obras femininas. Já apontamos as imagens paradoxais com que se tratam as mulheres na história da literatura e da imprensa, mistos de seres angelicais e demoníacos. Isso se reflete também nas próprias produções femininas, principalmente nos séculos XIX e XX — por mais que esses séculos respondam por uma ascensão na produção de mulheres. Como verificaram Gubar e Gilbert (1980, p. xi), temas se repetem em padrão nos trabalhos femininos dessa época, como a figura do duplo. Um duplo que encarna características e elementos rejeitados sobre a protagonista, que, por sua vez, encena o papel da benevolência. É o que ocorre, por exemplo, em *Jane Eyre* em que Jane, mesmo negando sua contradição de anjo ou demônio e valorizando a sua independência, personifica a virtude, oposta à loucura de Bertha Mason.

Só que o que Gilbert e Gubar (1980, p. 29, tradução minha) mostram é que a figura monstruosa é onipresente, mesmo naquelas que se adequam às normas conservadoras. Como transgressora em essência, possuem dentro de si o monstro travestido de *anjo do lar*. Um segundo desvio, por menor que seja, pode acordá-lo. Anjo e demônio não são, portanto, entidades distintas, mas dois lados que se manifestam conforme a conveniência: “O monstro pode não apenas estar oculto por trás do anjo, mas também pode realmente residir dentro (ou na metade inferior) do anjo. Assim, Thackeray sugere que cada anjo no lar [...] seja, talvez, um monstro”<sup>32</sup>. De *Lady Macbeth a Pecado*, não faltam, durante a história da literatura, exemplos possíveis do arquétipo da mulher monstruosa. Gilbert e Gubar (1980, p. 31,

---

<sup>32</sup> Tradução livre de “the monster may not only be concealed *behind* the angel, she may actually turn out to reside *within* (or in the lower half of) the angel. Thus, Thackeray implies, every angel in the house [...] is really, perhaps, a monster” (GILBERT; GUBAR, 1980, p. 29)

tradução minha) vão além: definem que talvez mesmo aquelas que se adéquam ao padrão conservador, acabam por encarnar a monstruosidade “na carne, assim como no espírito”<sup>33</sup>.

Sem adentrar em profundidade no campo junguiano, fora de nosso foco e escopo, ainda assim é interessante lançar mão da ideia de arquétipo. O *Bedford Glossary of Critical and Literary Terms* define arquétipo, principalmente na literatura, como padrões de figuras, imagens e personagens que se manifestam em diversas culturas distintas, uma reprodução que se espalha pelo imaginário coletivo. Ou seja, uma espécie de clichê que se repete em diversos contextos. Ideias como o herói virtuoso, a donzela em perigo, o *doppelgänger*, ou, o que interessa aqui, a mulher divina e/ou monstruosa.

Arquétipo que advém de carga de mistério e enigma que a literatura ocidental projetou sobre suas musas. Vista como ser inalcançável, seja como anjo ou como demônio, a mulher carrega o incompreensível em sua essência. Em uma arte masculina como a da escrita, com o cânone majoritariamente formado por autores, o sexo oposto, o outro, recebe carga mística, mesmo metafísica, como ser além do humano. Se a caneta aparece como metáfora para o genital masculino, o genital feminino, interno, “escondido”, também é metáfora por excelência do enigma que a mulher representa para os autores. O feminino como esfinge, enigmática, mas perigosa, a um passo de triturar os homens que se aventurarem. A sua feminilidade, seu órgão escondido, engana e atrai desavisados (GILBERT; GUBAR, 1980, p. 30).

Antes de Gilbert e Gubar, Woolf (2005, p. 43) já dissertava sobre o papel da mulher enquanto musa. Sem o sexo feminino, expõe, a literatura mundial teria perdido parte de sua expressão, dado a quantidade imensa de obras que tiveram nas mulheres um “farol”. No limite, sua importância lírica não reflete no real. Se as mulheres desempenharam papel histórico fundamental na criação estética como idealização quase sobrenatural (ou, por vezes, de fato sobrenatural) na mente de grandes artistas, seu papel social até o século XX era minoritário. Onipresente na história, ausente da História,

Ela domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na verdade, ela era escrava de qualquer rapaz cujos pais forçaram um anel em seu dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura caem de seus lábios; na vida real, ela mal sabia ler, mal sabia soletrar, e era propriedade de seu marido (WOOLF, 2005, p. 43). (WOOLF, 2005, p. 43, tradução minha)<sup>34</sup>.

<sup>33</sup> Tradução livre de “in the flesh as well as in the spirit” (GILBERT; GUBAR, 1980, p. 31)

<sup>34</sup> Tradução livre de “She dominates the lives of kings and conquerors in fiction; in fact she was the slave of any boy whose parents forced a ring upon her finger. Some of the most inspired words, some of the most profound thoughts in literature fall from her lips; in real life she could hardly read, could scarcely spell, and was the property of her husband” (WOOLF, 2005, p. 43).

Tal processo de desumanização, trata Woolf (2005, p. 35), foi por séculos responsável por tornar a mulher uma espécie de espelho invertido: mostrando o homem com o dobro do tamanho que possui. Frente a este espelho, o mais humilde dos homens se sente mais inteligente do que a mais inteligente das mulheres, grande parte dos homens se sente superior a outra metade da população mundial. Não que isso seja exclusivo da relação de gêneros, lembra Woolf (2005, p. 35), mas um mecanismo comum que intensifica autoconfiança por meio da diminuição do outro, seja por racialidade, etnicidade, aparência física, bens materiais, entre possibilidades infinitas.

Inevitável, neste cenário, que se desenvolvesse o mito da inabilidade artística feminina. Era consenso, até o século XX, que mulheres não possuíam dotes artísticos, em qualquer arte que fosse. Não obstante, a mulher artista, quando tinha o talento reconhecido, tornava-se transgressora em essência, apontada como masculinizada e perdida em devaneios, acusada de abandonar papéis tradicionais de gênero para ser seduzida pelo campo boêmio e degenerado da arte. Dr. Johnson, diz Woolf (2005, p. 54), ditava, comparando com um cachorro que fica em pé sobre duas patas, que o fato de uma mulher ser capaz de compor ou escrever já é surpreendente por si só, embora, assim como o cachorro, não permanecerá assim por muito tempo nem será estável.

Woolf (2005, p. 46) utiliza a parábola de Judith Shakespeare para reforçar que, mesmo se fosse de extremo talento, uma mulher não conseguiria prosperar nas artes antes do século XX. Não importa se Judith fosse tão boa ou melhor que seu irmão William, jamais adquiriria, no século XVI, independência financeira, temporal e espacial necessárias à criação artística. Não, Judith seria forçada a casar-se antes mesmo dos dezoito anos, e passar o resto da vida tendo herdeiros. Mesmo desejando a arte e não o casamento teria seu livre-arbítrio extirpado, não podendo escolher sequer seu companheiro. Enclausurada em casa, obrigada a parir cíclicos filhos de um marido sobre o qual não desejava, como poderia qualquer arte prosperar em um cenário sem qualquer incentivo?

Rejeitar o casamento por seu desejo artístico seria suficiente, nesta narrativa, para que Judith fosse fisicamente agredida por seu pai. E, em inversão, seria ele a suplicar que ela não o machucasse, não o desonrasse. Não haveria alternativa. Não haveria possibilidade. O casamento era a única saída para as mulheres. No entanto, o espírito vibrante de Judith não aceitava essa resignação, levando-a a fugir para Londres em busca de oportunidades como artista.

Só que Judith não é William. Em uma época em que mulheres não poderiam sequer atuar — papéis femininos eram exercidos por homens travestidos —, e a ambição seria a sua ruína. Ela não tinha permissão para atuar; como então poderia escrever peças como seu irmão? Proibida de frequentar os teatros, um homem a diria que “nenhuma mulher poderia ser atriz” e sugeriria a prostituição como alternativa (WOOLF, 2005, p. 47). Sem mundos possíveis, Judith estaria fadada ao suicídio, e seu talento e habilidades seriam desperdiçados simplesmente por ter nascido em um corpo feminino.

Gilbert e Gubar (1980, p. XI) também evidenciam outros padrões da literatura feminina que refletem aspectos sociais do papel legado às mulheres. É padrão nessas obras, por exemplo, a utilização de metáforas e alegorias envolvendo gelo e fogo, em geral com um fogo de paixão ardente interior, em oposição ao exterior gelado. Na interpretação das autoras, um interior que deseja romper com as estruturas de opressão, um exterior que reflete e poda essa liberdade engasgada. Corolário dessas descrições: a aparição frequente de doenças como agorafobia, claustrofobia e anorexia.

#### 4.5 Desumanização na imprensa

O sensacionalismo promove também a divisão entre monstruoso e heroico (BARBOSA, 2023). Trata-se de um estilo dual, por natural maniqueísta. Nele, o alvo passa a ser identificado com o mal, enquanto o leitor e o jornal se revestem de benevolência. Tanto melhor se o alvo for um criminoso, já que

Essa figura encarna o mal do mundo, a ele se pode até matar, pois ele já é banido. [...] Eles são sempre apresentados, nessa narrativa jornalística, como facínoras, sujeitos sem coração, sujeitos sem emoções, que matam a sangue frio. Ele é prefigurado como um monstro. E, como tal, ele deve ser caçado e morto. Essa construção, no caso do Brasil, reproduz valores do conservadorismo. Se você vir... O que a Sylvia fez antes do assassinato? Nada demais. Ela supostamente teve um caso, que era algo privado, repara. Foi exposta ao público. Isso já era o desvio. Colocar no jornal um caso particular, na primeira página, construindo uma outra persona. Mesmo que ela não tivesse matado, ela já era uma assassina, já era uma criminosa. [...] É um monstro pré-construído, porque ele já é conservado de antemão pelos valores da sociedade brasileira. Antes de ele ser nomeado, já foi identificado. Acho que essa é a explicação. Você constrói o monstro, o bandido, a mulher fria que vai lá e mata alguém. E ela só faz isso por quê? Porque é uma adúltera, ela já foi classificada. [...] Ela só faz uma ação que era quase natural, o que se esperava dela. (BARBOSA, 2023).

O sensacionalismo traz uma condenação a priori da transgressora, do suposto criminoso. Antes de julgado juridicamente, ele termina julgado e condenado como monstro pelo social. Antes de ser monstro, Sylvia já era transgressora por sua atuação como literata e

jornalista, por frequentar meios tipicamente masculinos. Da transgressora para o monstro, basta mais um passo, dele já se espera a violência. De uma mulher degenerada que escreve para jornais, já se espera o assassinato. Como trata Foucault (2010, p. 16), ao discutir as figuras do desviante e do monstro, o primeiro foge das configurações sociais conservadoras, e o segundo é uma evolução natural do primeiro, após algum ato de violência. Ou seja, da condenação social à condenação jurídica, é necessário apenas transpor uma pequena barreira: “O que o juiz vai julgar [...] são precisamente o essas condutas irregulares, que terão sido propostas como a causa, o ponto de origem, o lugar de formação do crime, e que dele não foram mais que o duplo psicológico e moral” (FOUCAULT, 2010, p. 16). O imaginário sobre a transgressão é tão presente, que ele pratica seu crime no plano das ideias antes de praticá-lo no real. Todo desviante é um criminoso, e, portanto, um monstro em potencial.

Para Ana Lúcia S. Enne (2007), em seu artigo *O sensacionalismo como processo cultural*, o jornalismo de sensações tem intrínseca relação com o monstruoso. A formação de monstros aparece como categoria essencial na construção narrativa do sensacional, que absorve e trabalha com os maniqueísmos típicos do jornalismo opinativo. Não à toa, também colhe diretamente da tradição melodramática, ela própria dividida em “bons” e “maus” e com uma estética “ocular”, inteiramente voltado ao espetacular: um teatro de ação e de atores” (THOMASSEAU, 2005). O “mal” é inevitavelmente identificado com o monstruoso, como aspecto fundante de seu caráter.

Eliminar esta imagem do monstruoso é o primeiro passo de uma mulher escritora. Woolf já dizia no início do século XX, e Serafim corroboraria em seus escritos, que uma escritora precisa assassinar o *angel in the house* (anjo do lar) para poder criar. O espectro sempre em ronda da dona de casa sabota a criação em seus estágios iniciais, sugando a energia vital da escrita. Este *horla* só torna possível que uma mulher exerça sua arte quando supera as dicotomias já escritas de anjo ou demônio. Como identificam Gilbert e Gubar (1980, p. 17, tradução minha), “as mulheres precisam assassinar o ideal estético sobre o qual elas próprias foram ‘assassinadas’ em arte”<sup>35</sup>. Ou seja, superar e transcender a desumanização e seus corolários, como a imagem de musa, por séculos deslocada a elas pela literatura predominantemente masculina.

O deslocamento da posição de criatura para criadora é um processo dialético entre a imagem divina e satânica. Uma síntese entre os dois mundos, que permite que a autora se enxergue como o que ela é: humana. Não um ser divino, a quem recai todas as graças, mas

---

<sup>35</sup> Tradução livre de “women must kill the aesthetic ideal through which they themselves have been ‘killed’ into art” (GILBERT; GUBAR, 1980, p. 17).

tampouco Lúcifer reencarnado, responsável pela perdição masculina. Medusa, Pecado e Medeia precisam ser esquecidas para que Eva possa prosperar. Como visto nos escritos de Serafim, não é tarefa fácil. A vanguarda, inevitavelmente, termina por lidar com baixas e autoras relegadas ao esquecimento — como a própria Serafim —, mas responsáveis por acender a chama que permitiu que futuras gerações prosperassem na arte e na intelectualidade. A mulher enfim clama seu nome próprio, sua identidade, quebrando, em seu crescimento, a gaiola que a prendia, para usar somente imagens criadas por Serafim. Para Gilbert e Gubar:

As imagens de “anjo” e “monstro” têm sido tão ubíquas ao longo da literatura escrita por homens que também invadiram a escrita feminina a tal ponto que poucas mulheres conseguiram “matar” qualquer uma dessas figuras. Ao contrário, a imaginação feminina se percebeu, por assim dizer, através de um vidro escuro: bem recentemente, a escritora teve que definir-se (mesmo que inconscientemente) como uma criatura misteriosa que reside por trás da imagem de anjo ou monstro ou anjo/monstro que vive no que Mary Elizabeth Coleridge chamou de “a superfície de cristal” (GILBERT; GUBAR, 1980, p. 17, tradução minha)<sup>36</sup>.

Mesmo quando já não havia proibição formal de que mulheres escrevessem, os mecanismos de poder permaneciam produzindo constrangimento a ponto de se tornar tarefa quase impossível. Isso sem mencionar elementos sociais, como a disparidade econômica e de gênero, que dificultavam ainda mais a produção feminina. Como produzir arte, no século XIX, quando a maior parte das pessoas praticamente vivia para o trabalho laboral? Woolf insiste em seus trabalhos, assim como Serafim, que a emancipação é fundamental à criação artística, pois permite a independência financeira sem a qual não há literatura que prospere. Vistas como mais uma das posses dos homens, o caldo cultural formava uma proibição informal sobre a arte feminina.

Como visto no capítulo sobre os escritos de Serafim, a jornalista, em mais de um escrito, busca deslocar a imagem da mulher da deusa. Não que a imagem de deusa não seja importante, mas não deve ser a única possível. A importância da mulher enquanto criadora, não somente criatura, também é ressaltada por Gubar e Gilbert (1979, p. 19), que lembram que por toda a história, em diversas sociedades, este gênero foi relegado à escala mais baixa ou mais alta do humano. Exatamente como já debatido, a mulher como indivíduo sacralizado,

---

<sup>36</sup> Tradução livre de “the images of ‘angel’ and ‘monster’ have been so ubiquitous throughout literature by men that they have also pervaded women’s writing to such an extent that few women have definitely ‘killed’ either figure. Rather, the female imagination has perceived itself, as it were, through a glass darkly: until quite recently the women writer has had (if only unconsciously) to define herself as a mysterious creature who resides behind the angel or monster or angel/monster image that lives on what Mary Elizabeth Coleridge called ‘the crystal surface’”

inalcançável, responsável pelas inspirações e aspirações masculinas; ou seu completo oposto, responsável pela perda do homem: “tanto os símbolos femininos subversivos (bruxas, mau-olhado, poluição menstrual, mães castradoras) quanto os símbolos femininos de transcendência (deusas-mães, símbolos femininos de justiça)” (GILBERT; GUBAR, 1980, p. 19, tradução minha)<sup>37</sup>. Uma ambiguidade que, no processo, assassinou a mulher criadora. Para superar isso, a mulher precisa matar esse ideal estético, superar o constrangimento do pênis metafórico que é a pena/caneta, e conquistar a sua autonomia artística.

*Fridging* é outro conhecido processo de desumanização feminina, mas mais voltado para a ficção, embora possa ser utilizado aqui para pensar o caso de Serafim. Trata-se do tropo da morte de uma personagem feminina sendo utilizada como motivação para um personagem masculino. Uma namorada ou esposa, filha ou mãe, irmã ou tia, cuja morte catapulta sua carreira, sua ambição, sua vingança e o enredo em geral. O personagem só se torna o que é por conta dessa mulher ficcional sem voz. Com a liberdade de comparação, foi o que ocorreu na relação Serafim-Nelson. Alguns veículos afirmam isso com todas as letras, como *Glamurama* (2016): “Se não dá para louvar a atitude de Sylvia, e já que a atrocidade foi consumada, há de se reconhecer que forneceu material para o gênio em formação”.

O termo surgiu no fim do século XX como referência a uma história em quadrinho do personagem Lanterna Verde em que o protagonista encontrava sua companheira esquartejada em um congelador. No entanto, como chama atenção Miriam Kent, professora da Universidade de Leeds, este tropo remonta de muito antes, na prática sendo utilizado nas artes desde sempre (JONES, 2023). Isso porque não se trata de uma figura de todo inédita, mas diretamente relacionada com outros tropos, figuras e imagens de desumanização feminina, muitas das quais já referidas aqui.

Essa perspectiva, de que a tragédia pessoal de Nelson Rodrigues moldou indelevelmente sua produção artística, tornou-se um ponto central na crítica literária de sua obra. A produção de Nelson nunca é vista apenas como uma expressão artística, mas como um desabafo contínuo de suas próprias angústias e sofrimentos (RODRIGUES, 2017, p. 07). O impacto dessa visão é profundo, pois o coloca em um pedestal trágico, quase como um mártir de sua própria arte. No processo, simplifica a sua própria arte, reduzindo-a a uma mera resposta aos traumas pessoais. Como se Nelson só existisse enquanto grande dramaturgo por

---

<sup>37</sup> Tradução livre de “both the subversive feminine symbols (witches, evil eye, menstrual pollution, castrating mothers) and the feminine symbols of transcendence (mother goddesses, merciful dispensers of salvation, female symbols of justice)”

conta do tiro que Sylvia deu em seu irmão, em uma ideia nociva à própria arte, tornando-a espécie de motor criativo da dor.

O capítulo seguinte continuará o debate desenvolvido aqui, agora com o foco sobre o jornalismo de sensações.

## Capítulo 5. Considerações sobre o jornalismo do sensacional

E então começamos a esquecer tudo. Quer dizer, mais ou menos. Quase tudo  
*Patrícia Melo* (1998, p. 187).

Óbvio que Serafim não foi a primeira e nem a única a sofrer os impactos do sensacionalismo. Muitos anos antes, a imprensa já tinha se tornado palco de disputa política e social em torno de um crime, como tratado em *O Crime da Galeria de Cristal e os dois crimes da mala, São Paulo, 1908-1928*, de Boris Fausto. Fausto reconstrói dois crimes de época que abalaram não só São Paulo, como o Brasil inteiro, sempre com olhar atento às idiossincrasias de uma metrópole embrionária, ainda provinciana. Com uma narrativa que beira a prosa, traz a São Paulo do início do século XX como protagonista, com três crimes bizarros como pano de fundo e elo entre os personagens. No melhor da tradição de Carlo Ginzburg, Fausto se apropria da microhistória para trabalhar tônicas essenciais como jornalismo de sensações e o papel de gênero. Em suma, semelhante ao que se está sendo desenvolvido nesta tese.

O primeiro deles, o “Crime da Galeria de Cristal”, como ficou conhecido, é o mais interessante. Não tanto pelo crime em si — uma mãe abandonada que assassinou o pai de sua filha, quatro anos depois de seu nascimento —, mas pela repercussão que teve. O crime gerou uma disputa na imprensa que anteciparia em quase vinte anos o que ocorreu quando Sylvia assassinou Roberto. Não apenas uma disputa política, mas também regional, entre a imprensa carioca e paulista.

O destaque e a disputa que o Crime da Galeria de Cristal recebeu, em muito sofreu com a mesma influência do assassinato de Roberto Rodrigues. Isto é, como sugere Marialva Barbosa (2023), embora esses crimes tenham lidado com o inusitado e mobilizado uma série de fatores particulares como o empenho político e econômico, o que faz com que permaneçam relevantes e discutidos no contemporâneo reside em parte no caráter social tanto das vítimas quanto dos perpetradores. Casos semelhantes ocorriam em profusão no Brasil do início do século XX — Barbosa (2023) cita, por exemplo, o de um idoso em Inhaúma, mas uma busca simples na imprensa revela a importância que as páginas policiais desempenhavam —, mas não envolviam um bacharel ou o filho do dono de um grande jornal. Em comum entre eles, além dos efeitos já destacados, aparece a absolvição de ambos os perpetradores por legítima defesa da honra. Uma inversão, pois era uma tese que servia para absolver majoritariamente homens.

É entre o final do século XIX e início do XX que o jornalismo de sensações encontra seu espaço mais profícuo. Seu “lado B”, a imprensa marrom, se dissemina por todo o planeta envolvendo grandes narrativas sobre crimes, despertando a paixão do público pela violência estetizada. Surgem grandes manchetes, intencionalmente mobilizando sensações de acordo com a conveniência. A imprensa cresce não somente em termos econômicos, mas em importância social, palco de grandes disputas empresarias e políticas. Como trabalhado, o caso de Sylvia Serafim, por exemplo, foi capturado por um combate entre progressistas/feministas e conservadores/reacionários. Já no caso do Crime da Galeria de Cristal, jornais do Rio de Janeiro e São Paulo entraram em embate, com a então capital ironizando a violência paulista.

Interesse e imagem que podem, inclusive, terem contribuído para a absolvição tanto de Serafim, quanto da assassina da Galeria de Cristal. Ambas receberam o parecer de defesa da honra, e suas defesas ganharam força quando conseguiram construir a imagem de mulher ultrajada. Para Sylvia, por exemplo, foi fulcral o depoimento de seu ex-marido negando que ela fosse adúltera — no exercício do contrafactual, pode-se pensar qual seria o desfecho do julgamento se ela fosse adúltera confessa. Como notou Michel Foucault (2010), mecanismos sociais punem transgressores antes da avaliação jurídica, que em geral apenas corrobora o veredicto popular.

Nesse aspecto, Fausto é revelador:

Do lado positivo, amplamente majoritário, ela era pintada como uma professorinha dedicada, que contraíra um casamento decente, com um companheiro de trabalho a quem amava, e, num ímpeto, assassinara o homem que lhe trouxera infelicidade. Em algumas reportagens dos jornais, ao longo de seu processo, ela chegou a ser qualificada como heroína, uma jovem cercada de um meio hostil, que recusou a alternativa de prostituição e se lançou a um trabalho árduo, mas de muito valor social [...]. Se não lhe faltava determinação, ela teria ainda o mérito do recato, ao desprezar exibições de luxo, aliás não condizentes com seus hábitos e seus ganhos (FAUSTO, 2019, p. 60-61).

Como dito, assim como o caso de Serafim, o Crime da Galeria de Cristal foi apropriado como palco de disputas políticas, econômicas e regionais. Grupos opositores absorveram o assassinato como método para atacar uns aos outros. Júlia Lopes de Almeida,<sup>38</sup> por exemplo, uma das poucas escritoras com espaço na época, entrou em conflito com Carmen Dolores, outra intelectual reconhecida na época. Almeida, em *O Paiz*, e Dolores, em *Correio da Manhã*, concentraram esforços respectivamente em inocentar e absolver a

---

<sup>38</sup> Ainda assim reduzido, quando em comparação com seus pares, chegando ao ponto de não ter sido eleita para a própria Academia Brasileira de Letras (ABL) que ajudou a criar. Como a ABL não aceitava mulheres, elegeram o seu marido, Filinto de Almeida, apelidado de “acadêmico com sorte” (FAUSTO, 2019, p. 67).

assassina (FAUSTO, 2019, p. 67). Almeida hega a dizer: “cuidado agora, moços sedutores de meninas ingênuas. O exemplo está aberto e, como vedes, os astros protegem o ódio das mulheres...” (FAUSTO, 2019, p. 70).

Como já mencionado, entre outros, Sylvia foi chamada de “Cadela das Pernas Felpudas”, “Literata do Mangue” e “Útero dos Apaniguados por Assis Chateaubriand”. Albertina, por sua vez, de “messalina de baixo estofa” e “rameira vulgar” (FAUSTO, 2019, p. 62). Novamente ecoando as noções de Foucault (2010), as supostas transgressões sexuais da assassina atuam para condená-la — da mesma forma que sua imagem de imaculada — no social antes do jurídico.

### 5.1 O fim da era de ouro do jornalismo carioca: entre Jornalismo e História

Marialva Barbosa traz em seu livro, *História cultural da imprensa*, que o assassinato de Roberto Rodrigues marca uma efeméride para o fim da era de ouro do jornalismo carioca, ou ao menos para a era de ouro do jornalismo sensacionalista. Nas vésperas da Revolução de 30, *Crítica*, um dos maiores representantes desse segmento, veria consecutivas derrotas até o seu fim com o empastelamento durante a revolução. Esse crime é tão relevante que entra à História, ainda é discutido em 2024, em oposição a outros que caíram no esquecimento. Como aponta Barbosa:

Por isso esse acontecimento é o símbolo, o momento de inflexão desse jornalismo, que mostra a atualização dessas sensações e a construção quase onírica desse acontecimento entre o real e o fantasioso. É quase uma telenovela. Toda a história que o jornal vai contando, e contando em capítulos. Essa é a importância. Não é que não tivesse havido outros casos assim, certamente houve, é uma estética narrativa. Mas pelos personagens envolvidos, este ganha uma dimensão pública e memorável, maior, tanto que chega até o século XXI. Eu lembro de um, por exemplo, de um velho maltrapilho, que até analiso na minha tese de doutorado, que foi assassinado enquanto dormia em seu casebre em Inhaúma, e tem a mesma estética. Mas ali é um velho desconhecido, pobre, e que se apagou na História. Ficou restrito àquele momento, todo mundo leu com atenção a história daquela vítima, se identificou com ela, mas ela não teve essa reverberação como memória futura. Acho isso um aspecto muito interessante (BARBOSA, 2023).

Mas antes de entrar em profundidade no que se seguiu ao assassinato de Roberto, e na produção jornalística de Serafim, é preciso empreender uma breve digressão teórica sobre elementos-chave como História do jornalismo.

Em outro texto, *O que a História pode legar aos estudos de Jornalismo*, Barbosa (2005) trabalha a relação entre os dois campos para pensar no processo de autonomia do segundo. Para isso, como é de seu estilo, retorna brevemente às origens do jornalismo

brasileiro, apontando como, até a década de 1980, a sociologia desempenhava papel fundamental à área. Se o processo de autonomia jornalística se intensifica com o fim do Estado Novo, quando começam a surgir os cursos profissionais, passa a se valorizar o ideal de objetividade e há uma separação — ainda que nunca por completo — entre Jornalismo e Literatura, é a partir dos anos 1980 que a teoria jornalística se desenvolve no Brasil. Não muito distinto do que ocorre na época com outras áreas, como a teoria literária, a Sociologia aparece como ponto focal na explicação do Jornalismo. Contudo, não tarda à História assumir esse papel (BARBOSA, 2005, p. 52).

A História tem, em sua própria essência, caráter comparativo. Pressupõe uma comparação entre passado e presente, entre contemporâneo e antigo. Em larga medida, lança mão de uma temporalidade pautada no passado para compreender os acontecimentos por meio de reconstruções, modificações, semelhanças e diferenças. O papel do estudo comparativo, como lembra Rafael Mesquita (2017), é justamente destacar esses pontos, perceber que fenômenos não são estanques, mas se modificam. E, a partir disso, pensar o quanto se pode utilizá-los ou reaproveitá-los no contemporâneo. Por exemplo: em teoria o assassinato de Roberto Rodrigues tem uma temporalidade circunscrita a 1930, no entanto a disputa política, ideológica e cultural permanece. O quanto comparar essa disputa hoje com 1930 nos é útil? O quanto a produção de Sylvia Serafim na época ainda permanece relevante em 2022?

A política também nos fornece um bom exemplo para compreender essas mudanças. O conceito de fascismo surge a partir de um movimento nos anos 1920, com características muito marcadas à Itália daquela época. Todavia, o conceito transborda e supera o movimento. O Fascismo de Benito Mussolini em 1940 já possui diferenças enormes em relação ao seu surgimento em 1919 (o desaparecimento da preocupação inicial com propostas sociais e do antimonarquismo, anticlericalismo, entre outros, c.f. MENEZES, 2022; SCHARGEL, 2024), mas mantém o mesmo nome. Tanto mais: o conceito se expande e passa a denominar movimentos semelhantes, mas distintos, em todo o mundo, com idiosincrasias completamente estranhas ao Partido Nacional Fascista, como, por exemplo, a visão intelectualista do Integralismo brasileiro (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020, p. 11). Se alargarmos para o contemporâneo, as diferenças se multiplicam. Mas elementos-chave se mantêm, o que nos permite utilizar o mesmo conceito para manifestações tão distintas entre si. O mesmo ocorre com diversos outros conceitos de teoria política, como liberalismo (o *laissez-faire* possui inúmeras diferenças do liberalismo estadunidense, que por sua vez se difere do libertarianismo radical dos liberais brasileiros), conservadorismo (que se funde com

reacionarismo em algumas partes do mundo, se mantém em campos distintos em outras), e em diante.

Eis o papel da História e do estudo comparativo: nos permitem perceber essas relações de semelhança-diferença e o quanto essas categorias permanecem relevantes e passíveis de deslocamento ao contemporâneo. São questões que exemplificam a importância do passado para o estudo do presente. Como diz Mesquita (2017, p. 198), por mais óbvio que possa soar, “Buscar a generalização não é prescindir da história em prol do abstrato”.

Ainda que o regime da historicidade se paute no passado, enquanto a comunicação tem seu foco no presente, é preciso lançar mão do primeiro na compreensão do segundo. O Jornalismo permanece quase como em uma *roda de hamster*, incapaz de alcançar o presente que almeja (por este não ser mais do que um fragmento de instante), se deslocando para um passado simples, o mais próximo possível, em uma fusão entre ambos os tempos (BARBOSA, 2005, p. 54). Interpretando Ricœur (2010), o presente não é mais do que um fragmento dialético, esmagado entre o que se passou e o que se passará, entre memória e ansiedade. Uma síntese limitada, curta, mas cuja lógica fundamenta o Jornalismo. Em suma: o que o passado pode legar ao presente e ao futuro? Estudamos um caso como o de Sylvia para compreender no que permanece a sua relevância contemporânea. Como diz Marialva Barbosa (2023), esse caso é emblemático por uma série de questões envolvidas — políticas, sociais, econômicas —, que permanecem em eco em 2022, enquanto outras semelhantes foram esquecidas por suas próprias limitações.

Mas se o tempo da História e do Jornalismo são essencialmente distintos, o mesmo não pode ser dito de um ponto de contato: a narrativa. Ambos, bem como a Literatura, se apoiam sobre a noção de narrativa, como lembra Barbosa (2005, p. 53). Um ponto que encontra eco nas teorias do historiador Hayden White, em sua tentativa de diferenciar História e ficção em *Trópicos do discurso*, e de afastar o positivismo e sua visão de um campo histórico absolutamente neutro e imparcial, sem contaminações. Pois, afinal, a História parte de uma construção narrativa, como o próprio nome do campo já indica, não menos isolada de *contaminações* de outros campos.

Como lembra Walter Benjamin em *O narrador*, narrar é imprimir sentido ao caos dos acontecimentos, concatenar uma sequência lógica sobre eventos aparentemente aleatórios, criar uma racionalidade, buscar explicações. Os infinitos acontecimentos simultâneos, esmagados sob o presente, são organizados em um caminho narrativo que obedece uma lógica interna. A diferença, porém, do Jornalismo, História e Literatura, é que apenas no último há liberdade para se desvincular o máximo possível do real, enquanto os dois primeiros desejam

o máximo de aproximação possível com o real. A ficção constrói a ação, enquanto o Jornalismo “relata o que viu ou ouviu” (BARBOSA, 2005, p. 54).

É revelador que a mesma Barbosa (2005, p. 57-58), retomando Ricœur (2010), classifique o ato de narrar como um divisor temporal sobre a experiência, ao mesmo tempo em que aponta o caso de Roberto como marco temporal do fim da era de ouro do Jornalismo brasileiro. Ou seja, o caso se desdobra em uma árvore de narrativas, pendendo para todos os lados de um espectro, marcando uma ruptura temporal simbólica. Uma efeméride que divide um antes — o auge do jornalismo de sensações — e um depois — o Jornalismo no Governo Provisório e no Estado Novo. Se for verdade que existem vários tempos possíveis, como lembra a autora (BARBOSA, 2005, p. 57), também o é que o assassinato de Roberto promove uma ruptura no tempo social, coletivo, político, entre outros.

## 5.2 Estética da violência: romance criminal e policial

O melhor de nós já pensou em matar e já se imaginou matando  
*Nelson Rodrigues (2009, p. 29).*

O tamanho do público leitor quando o romance começou a se disseminar enquanto gênero ainda era bastante pequeno, considerando que a maior parte das pessoas era analfabeta. Edmund Burke, pai do conservadorismo moderno, estimou aproximadamente 80 mil leitores no Reino Unido da virada do século XVII para o século XVIII em uma população de 6 milhões de pessoas (WATT, 2010, p. 38). Para além do analfabetismo majoritário, a vida urbana com suas indústrias nascentes não fornecia tempo suficiente à leitura. Esse elemento foi fundamental para o surgimento do principal público leitor: mulheres de classe média.

As novas configurações urbanas e o protagonismo inédito concedido às grandes cidades se relacionaram diretamente com a ascensão do liberalismo e do romance, assim como também são responsáveis no crescimento de fenômenos como a estética da violência e o jornalismo do sensacional. Megalópoles se formam como coração financeiro, cultural e político de uma nação, ao ponto de que, por exemplo, Londres concentrava “mais da metade dos livreiros ingleses” entre 1700 e 1760 (WATT, 2010, p. 188). Como dito, especificamente Londres era essencial no surgimento dessas novas modalidades culturais e políticas, bem como de sua relação com as mulheres.

O urbano é visto, portanto, com “profunda desconfiança e até medo” quando do surgimento do romance (WATT, 2010, p. 191). A cidade é o *locus* do medo. Se os burgueses

do real agem de forma semelhante nesses novos espaços, a prosa reflete um pavor sobre as grandes cidades e outros indivíduos, não apenas, embora principalmente, no romance criminal e policial. Como vimos, o romance tem em seu pilar a valorização do individualismo, o enredo se constrói em vista de seus problemas, desejos e aspirações particulares. Ou, em outra chave, com a sua relação com o meio. Para Watt (2010, p. 195): “o mundo do romance é essencialmente o mundo da cidade moderna; ambos apresentam uma visão da vida em que o indivíduo se volta para as relações privadas e pessoais porque já não pode ter uma comunhão maior com a natureza ou a sociedade”.

Como diz Ernest Mandel (1998), nas configurações urbanas liberais modernas o romance criminal é apropriado como mecanismo catártico de purificação do medo da violência (e da incapacidade de praticá-la no cotidiano para liquidar, de forma literal, as insatisfações, como seria possível em um estado de natureza hobbesiano), o Jornalismo vai além. Se a ficção não é a simples representação do real, mas a recriação de um real *paralelo*, o jornalismo, mesmo o que se deseja objetivo, tem por missão própria a absorção de fragmentos específicos e incompletos do real. A notícia, na prática, não é mais do que um processamento analítico desse retalho, uma forma idiossincrática de literatura que espera ser de mimetismo absoluto, porém incapaz de ir além de parcelas dessa mimese (c.f. SCHUDSON, 2010 p. 108).

É nessa nova configuração urbana, marcada pelo “individualismo coletivista”, se for possível empregar esse oxímoro, que surge o romance policial. E, por extensão, o romance criminal urbano. Nele, não é o mistério sobre a violência o motor narrativo, mas a violência urbana em si. Há, contudo, entre os vários pontos de interseção dos dois formatos, um que se destaca em particular, e que casa diretamente com a estética da violência conforme discutida: a presença do que Mandel (1988, p. 17) chamou de “bom bandido”. Ante a dualidade horror/prazer proporcionada pelo romance sobre a violência, ascende outra figura dúbia e igualmente paradoxal: o criminoso benfeitor. Não que esta seja uma configuração exclusiva da modernidade, Robin Hood é um exemplo da tradição desse dualismo, mas ela se intensifica quando surgem novas dinâmicas, como os chamados criminosos profissionais (MANDEL, 1998, p. 22). O próprio criminoso, muitas vezes, tem sua moral fundida com a do detetive ou a de outros personagens, como seu duplo, sua sombra, uma versão distorcida.

*O matador*, de Patrícia Melo, é um bom exemplo. O protagonista, Maíquel, se torna uma celebridade na comunidade conforme passa a ser progressivamente mais violento, já que elimina corpos invasores que perturbam a estabilidade. Maíquel se torna um assassino de aluguel à disposição da elite para aniquilar todos aqueles que a incomodam, a sombra dos

desejos mais mesquinhos e animalescos de uma elite que se quer civilizada. Os fins do bom bandido justificam seus meios, ou vice-versa. Ou, como afirma Quincey (2012, p. 14), o bandido ficcional possui infinitos méritos, pois é perfeito em sua própria imperfeição, e sua grandeza reside nessa essência do imoral. Parecido diz Karl Marx, ao lembrar que o criminoso “quebra a monotonia e a segurança do cotidiano da vida burguesa” (MANDEL, 1998, p. 114).

O próprio Nelson Rodrigues (2009, p. 29) provocava que todo mundo é “um assassino falhado”. Nelson, nesse sentido, afasta qualquer demagogia moralista e, na mesma linha dos demais autores referidos, afirma que só não somos todos assassinos por sermos covardes o suficiente para enfrentar as consequências. De resto, no fluxo de consciência cotidiano, pensamentos assassinos abundam a qualquer frustração mínima: "O melhor de nós já pensou em matar e já se imaginou matando" (RODRIGUES, 2009, p. 29).

Não é sem motivo que tanto o romance criminal quanto o jornalismo sensacionalista se disseminem com o crescimento das cidades modernas e sejam tão intrinsecamente ligados ao espaço urbano. Autores como Walter Benjamin (1994) e Georg Simmel (2005) já se dedicavam a pensar no impacto da cidade moderna sobre o “desencantamento do mundo”, em paralelo ao *hiperestímulo* dito por Singer. Em suma, um processo intermitente de velocidade infinita, em que é preciso cada vez mais estímulos para tornar possível o lazer (SINGER, 2004, p. 117). O sensacionalismo, assim como a literatura criminal, surgem para preencher essa lacuna, trazendo para o jogo do real-ficção a velocidade e os medos da modernidade. Ou, como diz Singer mencionando Kracauer, o sensacionalismo “funcionou como uma resposta compensatória ao empobrecimento da experiência na modernidade. Distrações e excitações ofereciam um escape momentâneo” (SINGER, 2004, p. 117).

Ana Lucia S. Enne (2007, p. 72), em diálogo com os demais autores aqui mobilizados, pensa o sensacionalismo como movimento herdeiro de outros similares: “a pornografia, o melodrama, o folhetim, a literatura fantástica e de horror e o romance policial”. Se destaca, para o propósito deste trabalho, a relação que a autora estabelece entre sensacionalismo, melodrama e romance policial/criminal. De fato, há simbiose entre o romance policial/criminal e o sensacionalismo no ponto mais básico possível de uma interseção: a estética, ou a sensação, da violência. A sensação paradoxal *per se* do medo/paixão pela violência, já descrita em 1827 por Thomas de Quincey em *Do assassinato como uma das belas artes*.

Quincey, ao publicar sua obra em 1827, percebeu a interseção entre o crime e o prazer, fenômeno que transcende seu tempo e permanece relevante. Paradoxalmente a burguesia, enquanto renega a violência em seu cotidiano, encontra satisfação estética e emocional ao

consumir narrativas criminais ficcionais. Nisso, cria-se uma ambivalência: ao mesmo tempo em que o caráter moral do crime real é condenável, seu caráter estético como ficção é louvável. A arte, ao permitir a exploração de temas violentos e perturbadores, oferece uma catarse para as emoções reprimidas, uma espécie de purificação inconsciente através da violência artística.

Se o jornal se aproximava da literatura na época, com o folhetim e seções literárias repletas de escritores consagrados, isso se intensifica na virada do século XIX para o século XX com a disseminação de dois gêneros literários: o romance criminal e o romance policial. Antes, é preciso diferenciá-los. Como propõe Vera Lúcia Follain de Figueiredo (2020, p. 207), a diferença fundamental entre o que chama de romance criminal e o conhecido romance policial: o enigma. A necessidade de um enigma é aspecto-chave à classificação de um romance em policial. No romance policial, o foco está menos no crime, na violência, do que em como resolvê-la. Em outras palavras, importa muito mais o **como** do que o **quê**. A violência é pano de fundo, secundária, tangencial, o motor narrativo está no jogo entre detetive e criminoso, em resolver o enigma, no fetiche estético por criminosos inteligentes que dispõem de técnicas elaboradas para dificultar a elucidação. No romance criminal, ao contrário, a força motriz está na violência. O enigma, se há, é secundário. O ponto central é o crime em si. Ademais, no policial também se destaca o jogo entre o policial/detetive e o criminoso.

No romance policial, o crime é somente mola propulsora. Se trata, na prática, de um gênero sobre a curiosidade humana, sobre uma tentativa de compreensão que beira o metafísico (FIGUEIREDO, 2020, p. 207). Tampouco é coincidência este gênero encontrar-se no limite de campos como a literatura, o jornalismo e o científico, e sua relação com o positivismo. Afinal, Sherlock Holmes e outros detetives chegam às suas conclusões por meio da lógica, do raciocínio elaborado, e da ciência como valor último de explicação do mundo. No romance policial, o crime começa sempre perfeito, até deixar de sê-lo. Os operadores lógicos contaminam a perfeição, e se prova, através do raciocínio, que nada é impecável, que mesmo o perfeito pode ser maculado. Mais do que no romance criminal, portanto, em que o crime aparece em suas consequências, efeitos e impactos, no romance policial o crime é fetichizado, idealizado até o momento em que se descobre suas fraquezas. Pois não há, em Sherlock Holmes e afins — e no próprio leitor, a quem também recai momentaneamente o papel detetivesco —, uma aura de admiração pelos enigmas que rompem com o cristal do tédio cotidiano? Não por coincidência Holmes é, ele próprio, “leitor da literatura sensacionalista dos jornais” (FIGUEIREDO, 2020, p. 210).

O romance criminal rompe o mesmo cristal, mas de forma distinta. Como se vê no crescimento de interesse sobre o gênero *true crime* no contemporâneo, há latente, embora explícito, o desejo do consumidor em absorver crimes transpostos a uma certa distância de si. Ainda que não necessariamente ficcionais, mas por certo ficcionalizados, estetizados. Da mesma forma que o jornalismo de sensações opera a borrar as fronteiras entre real e ficcional, por meio de elementos estéticos pautados no exagero, na violência e nas emoções, também o faz o romance criminal, ou o *true crime*.

O crime causa fascínio, produz estética. Como já mostrava Thomas de Quincey, o crime na arte, na cultura e no jornalismo fascina na mesma medida em que é temido na realidade. Na prática, as configurações urbanas surgidas com o liberalismo, o processo de estabilização social, econômico e político do século XIX descrito por Karl Polanyi em *A grande transformação*, gera consigo novos medos. Se a sociedade liberal atua como uma coleira civilizacional para restringir os impulsos destrutivos do homem e prevenir o estado de natureza hobbesiano, também é verdade que a supressão desses instintos tem por consequência o desejo enrustido pela violência. Em outras palavras, incapaz de praticar a violência nos tempos modernos, o humano passa a consumi-la de outras formas, estetizá-la e expurgá-la em catarse<sup>39</sup>. O propósito último da arte sobre a violência é: “precisamente o mesmo que a tragédia, na interpretação de Aristóteles, a saber, ‘limpar o coração por meio da piedade e do horror’” (QUINCEY, 2012, p. 32, tradução minha). Como Quincey (2012, p. 12) diz, o assassinato possui ao mesmo tempo uma função moralmente condenável e um prazer implicado em gosto. Incapaz de liquidar com suas frustrações cotidianas de forma literal — como seria possível em um estado de natureza hobbesiano — o consumidor purifica, de certa forma, esses sentimentos através da arte. O que explica parcialmente os motivos pelos quais a violência vende tanto, seja na arte, no jornalismo ou em outras esferas.

Watt (2010, p. 207) chama atenção sobre outro ponto fundamental do romance: a sua relação com a imprensa. Se as fontes literárias anteriores eram baseadas na oralidade e no coletivo, como já estabelecemos, o romance surge dependente da imprensa. No limite, é o primeiro gênero que depende da imprensa, e, como lembra Watt (2010, p. 207), não é sem motivo que um pioneiro do romance como Richardson “fosse um impressor”. Sua profissão não apenas facilitou na divulgação de seus trabalhos, mas também na adoção de suas técnicas

---

<sup>39</sup> Sem entrar em profundidade no conceito de catarse, por não ser o foco e por possuir extenso debate e fortuna crítica, vale dar luz rapidamente ao tratamento que Ricoeur faz. Sem discordar de sua acepção clássica — catarse como “purificação” de sensações por meio da estética —, o filósofo francês propõe, na chave de James Redfield, que a junção de conhecimento e emoção seria responsável por produzir o efeito único da catarse. Ou seja, um sentimento único produzido pela arte, na ordem dos afetos, que bebe de um conhecimento prévio sobre um tema específico ou geral.

estéticas, dado o foco do romance sobre a mimese e construção dos personagens — sobre os quais o leitor se espelha e se identifica em seu próprio individualismo. Ponto importante para este trabalho: a relação entre a imprensa e a literatura, como ambas estiveram ligadas desde o surgimento da primeira.

A identificação do leitor com o personagem é fundamental nesses novos formatos de escrita, como o romance criminal/policial, o sensacionalismo, e mesmo o próprio romance em si. Se antes, nas narrativas orais, os heróis eram marcados por tormentos e provações que tornavam a mimese limitada, a projeção do leitor sobre o protagonista do romance atinge níveis inéditos. O “herói” do romance moderno nada tem de heroico, não sendo mais do que um indivíduo comum, basta nos lembrarmos de paradigmas como Emma Bovary, Leopold Bloom, Jane Eyre, Clarissa Dalloway, e outros. O espectador das formas literárias e estéticas do passado tinham em mente a distinção permanente entre arte e real, enquanto no moderno essas fronteiras se diluem (WATT, 2010, p. 213). Da mesma forma, no jornalismo do sensacional arte e real se fundem em uma massa amorfa.

### 5.3 Interseções entre literatura e imprensa

Um incêndio no Quartier Latin é mais interessante para os meus leitores do que um terremoto  
no Peru  
*Otto Maria Carpeaux* (2015, p. 70).

Jornalismo e Literatura, em suas concepções modernas, não apenas compartilharam uma trajetória de crescimento entrelaçada, mas também se desenvolveram de maneira sinérgica, marcando uma convergência temporal e espacial no século XVIII, na Europa. A interdependência desses dois campos é evidente em suas origens, sendo virtualmente impossível desvincular suas trajetórias. O jornalista não apenas aspirava a ser um literato, mas também se via como tal, enquanto o literato frequentemente trilhava o caminho do jornalismo, encontrando na imprensa um espaço vital para disseminar suas produções.

Ambos também foram, como chamou atenção Benedict Anderson (2008, p. 55), diretamente responsáveis pela concepção moderna de nação e pelo surgimento do nacionalismo, “Pois essas formas proporcionaram meios técnicos para ‘re-presentar’ o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação”. Assim, jornais e obras literárias tornaram-se veículos essenciais para a construção e difusão de identidades nacionais, alimentando um senso de pertencimento coletivo. Ao se tornarem catalisadores da imaginação coletiva, tanto

jornalismo quanto literatura contribuíram para moldar a narrativa nacional, influenciando a percepção pública e consolidando os alicerces ideológicos do nacionalismo emergente.

No Brasil, a dissociação (parcial e limitada) entre Jornalismo e Literatura somente ocorreria na década de 1950, com o processo de modernização do primeiro. Até então os dois campos se confundiam e se fundiam. Na década de 1950, com a profusão do ideal de objetividade e informação, o Jornalismo passa a almejar ser um campo autônomo, de onde se disseminam elementos narrativos como o *lead*, o *sublead* e a pirâmide invertida, entre outros, para além da criação dos primeiros cursos superiores (BARBOSA, 2023). O jornalismo literário, outrora uma junção natural, passa a ser apenas mais um estilo entre tantos outros. Uma separação arbitrária, que nunca se deu por completo:

Nunca houve essa autonomização, embora fosse importante à formação do campo, sobre a literatura. O que o jornalista mais deseja ser é um literato de renome. Vários dos grandes jornalistas escrevem ou escreveram romances, contos, poesias. O jornalista não quer, a rigor, embora tenha sido importante no processo de profissionalização da atividade, se autonomizar sobre a literatura. Não só pelos vínculos históricos que se produziu, mas pela própria questão escrituraria. Uma aluna de doutorado minha foi pesquisar jornalistas, tanto jovens quanto experientes, qual o valor mais importante que ela encontrou? Com mais de 90% das respostas, “belos textos”. Eles querem ser jornalistas para fazer o valor mais importante do jornalismo: construções textuais. Isso em uma época em que você não escreve mais quase nada por conta do digital. Permanece como um valor duradouro para os jornalistas (BARBOSA, 2023).

Essa tentativa de criar autonomia no campo jornalístico seria vista de maneira bastante crítica por Nelson Rodrigues. Para o dramaturgo, mecanismos como o *copy desk* matavam a literariedade do texto, tornando-o reprodução mecânica e desprovida de beleza. Ou seja, critica justamente a morte da estética no Jornalismo, argumentando até contra a profissionalização da área. Em visão declaradamente romântica, olha com saudosismo para o amadorismo na imprensa: “Tinha 13 anos quando me iniciei no jornal, como repórter de polícia. Na redação não havia nada da aridez atual e pelo contrário: era uma cova de delícias. O sujeito ganhava mal ou simplesmente não ganhava. Para comer, dependia de um vale utópico de cinco ou dez mil réis” (RODRIGUES, 2016, p. 86). Nelson só esquece de mencionar que era filho do dono do jornal, podendo dar-se ao luxo de trabalhar pelo prazer, ao contrário de outros jornalistas que dificilmente conseguiriam se alimentar e viver da “compensação da glória. [...] a própria vaidade o remunerava” (RODRIGUES, 2016, p. 86).

Se há relação intrínseca entre narrativa e tempo, como identificado por Paul Ricoeur (2010, p. 93), a modernização do século XX encurta o tempo. Isso se torna particularmente claro no caso do jornalismo. Aparelhos novos como o telégrafo e rotativas Marinoni

umentam a tiragem dos jornais e fazem com que eles apreendam novidades que quebram a barreira do espaço-tempo. Notícias do outro lado do planeta são dadas no mesmo dia, pela primeira vez. A narrativa se acelera, e o tempo encurta. Cresce o desejo do público pela informação, e declina o interesse sobre a opinião (BARBOSA, 2007, p. 23). O resultado é o crescimento do ideal de objetividade jornalística, ainda que bastante incipiente durante a *Belle Époque*, e o crescimento da própria atividade jornalística em si. Por exemplo, no início do século XX somente os cinco maiores jornais do Rio de Janeiro alcançavam uma tiragem referente a um quarto da cidade (BARBOSA, 2007, p. 41). São mais de 800 periódicos em circulação na década de 1920 apenas no Rio de Janeiro (BARBOSA, 2007, p. 58).

Para além da oposição entre opinião e informação, os jornais da época também favoreciam o local em detrimento do distante (BARBOSA, 2007, p. 38). Isso fermenta a disseminação das crônicas, por si um gênero limite. Importa mais o aqui e agora, por menor que seja, do que o que ocorre em outras terras. Por exemplo, grandes eventos como a Marcha Sobre Roma, em 1922, aparecem como secundários. No *Correio Paulistano* de 29 de outubro de 1922, dia seguinte a Marcha, há uma pequena nota sobre o acontecimento e a ascensão de Benito Mussolini a chefe de governo apenas na quarta página, depois de matérias sobre um leprosário e recorde de salto a altura. Como disse o jornalista Hippolyte de Villemessant, “Um incêndio no Quartier Latin é mais interessante para os meus leitores do que um terremoto no Peru” (CARPEAUX, 2015, p. 70). O leitor da época se interessa mais por questões próximas a si, por mundanas que sejam, do que grandes acontecimentos em regiões distantes que desconhece. Para isso, o sensacionalismo, como dito, se torna ferramenta de transformar em extraordinário o ordinário, de destacar o acontecimento comum de forma a colher sensações do leitor. O pequeno é elevado exponencialmente, e a estética da violência, nesse sentido, cumpre essa demanda.

Nesse cenário, escritores como Olavo Bilac e Coelho Neto publicam seus trabalhos em alguns dos principais jornais da época. Ambos, por sinal, publicavam não apenas com seus nomes, mas por meio de pseudônimos, principalmente quando tratavam de temas abertamente eróticos, como foi o caso de Coelho Neto como Calibã (por sinal, uma escolha sintomática de nome), ou Olavo Bilac como Bob, permitindo-se, com essa camuflagem, afastar a pose austera de seus demais escritos. Algo que se explica pela moralidade e conservadorismo da elite intelectual do século XIX (MORAES, 2018, p. XXIII). Ainda que sem a pretensão erótica desses autores, Serafim lança mão de ferramentas semelhantes para disseminar suas ideias e sua literatura, como pseudônimos, como será visto em profundidade nos capítulos seguintes. É padrão, portanto, seções e espaços literários nos grandes jornais.

Bilac publica em periódicos como a *Gazeta de Notícias*, um jornal “barato e popular” (BARBOSA, 2007, p. 27), pioneiro no Brasil nesse estilo e na utilização de escritores célebres da virada do século XIX para o XX. Além de Bilac, também publicam trabalhos na *Gazeta* escritores do porte de Machado de Assis, Arthur Azevedo, João do Rio (que chegou a ser o seu editor-chefe) e Coelho Neto. O próprio jornal declara a importância da literatura folhetim em sua estrutura, colocando-a no mesmo nível de relevância dos “acontecimentos notáveis” (BARBOSA, 2007, p. 28). Plataforma de divulgação literária por excelência, a *Gazeta* publica e dissemina crônicas, estabelecendo uma coluna chamada *Binóculo*, de Figueredo Pimental, grande sucesso entre diversos segmentos sociais (BARBOSA, 2007, p. 30).

Um dos gêneros na fronteira entre o jornalismo e a literatura, e um dos quais Serafim trabalhava com frequência, é a crônica. A crônica se caracteriza, em sua estrutura idiossincrática, por um estilo veloz, em geral marcada por diálogos em discurso direto. Costuma também possuir relação com a temporalidade, servindo como espelho das preocupações e questões relativas ao tempo de sua publicação. Olavo Bilac traz, em uma crônica na *Gazeta* de 11 de agosto de 1907, uma discussão que reflete pontos fundamentais do debate público da época, mas que por inevitável tenham sua importância diluída no processo temporal.

O texto de Bilac sintetiza o argumento de que a crônica trafega nas fronteiras entre o jornalístico e o ficcional. Com seu estilo fugaz, tratando de assuntos cotidianos, este gênero se faz típico na imprensa do início do século XX, ainda não capturada pelo ideal de objetividade. O trabalho de Bilac evidencia isso ao tratar de temas pujantes naquele momento específico, como o bombardeio de Casablanca, no Marrocos. Tópicos transpostos à estética literária, com caráter anedótico, em uma prosa que constrói um diálogo verossímil.

O aspecto mundano na crônica de Bilac se faz nítido também pelos marcos temporais que coloca. Por sua ligação ao cotidiano, a crônica imprime elementos típicos de um diálogo cotidiano; elementos como o horário, ou o “boa tarde”. É a partir da demarcação do tempo que se constrói a discussão entre as personagens, pois, como diz um deles, não é uma “boa tarde”, mas uma “péssima tarde”. Ou seja, emulando elementos tradicionais de uma conversa cotidiana — o tempo, o clima —, Bilac conduz a sua crônica aos pontos-chave de seu debate. Pois não há nada mais passageiro e temporário do que o clima, nem nada mais presente nas conversas do dia a dia, conforme um dos personagens se queixa do frio em uma terra tradicionalmente quente como o Rio de Janeiro.

A discussão climática e temporal serve de mote para evolução do diálogo em uma conversa filosófica. Os personagens indagam o que estaria causando tal alteração no clima,

substituição de verão por inverno, e vice-versa. Nesse ponto começam a entrar os aspectos do efêmero, e sua característica de ser representativa do momento em que é escrita: um dos personagens indaga que a alteração climática seria causada por pontos significativos para o ano de 1907, como o cometa Daniel. Particularidades que, relevantes à época, se diluem no mar dos anos. Por ser tão intrínseca ao mundano, portanto, a crônica tende a caracterizar o seu tempo.

Como dito, é a partir do clima que os personagens evoluem sua conversa, e adentram no metafísico, no que transcende o humano. Afinal, como diz um deles, “Toda a Criação sempre foi e sempre há de ser governada pelo Absurdo” (BILAC, 1907). Mas, como um pêndulo, retorna para o humano ao evoluir para um debate de política internacional sobre a violência colonial da França sobre Marrocos. A mimese de Bilac emula eficientemente uma conversa comum, com passagens que vão do clima ao político, do metafísico ao filosófico, sem clara delimitação dos temas, passando de um para outro subitamente. Em suma, a crônica de Bilac traz elementos típicos do gênero, em sua fronteira borrada entre jornalismo e literatura. O diálogo cotidiano, mesclado a discussões metafísicas e políticas, caracteriza a discussão do local, da opinião, valorizado pela imprensa da *Belle Époque*.

#### 5.4 O jornalismo de sensações

A moda na imprensa brasileira na virada do século não era a notícia, mas a polêmica  
*Fernando Morais (1994, p. 60).*

O nascimento do século XX trouxe consigo uma série de novidades nos mais diversos campos, a modernidade se disseminou por áreas distintas. Nas artes, o modernismo inova ao romper com preceitos tradicionais de forma e conteúdo. Na política, o Fascismo de Mussolini traz uma forma inédita de se fazer política, distinta de tudo que havia sido criado até então (PAXTON, 2007, p. 46). Na imprensa, novas ferramentas e mecanismos permitem a proliferação de jornais de todos os tipos, inundando a cidade do Rio de Janeiro com periódicos. No borbulhante caldeirão político e artístico da *Belle Époque*, a imprensa fornece o fermento perfeito, principalmente com um jornalismo majoritariamente opinativo e sensacional.

Se a literatura criminal e policial exploram o crime ficcional como estética para venda, o jornalismo faz o mesmo. Com uma diferença óbvia, todavia: os crimes não são ficcionais, a violência não é criada. O jornalismo contemporâneo, com o advento do ideal de objetividade,

se deseja o mais mimético possível. Eis, em sua essência, a grande diferença em relação à ficção, que há muito abandonou o regime obrigatório da mimese, se tornando limitada apenas por si própria, ao que pode alcançar e criar, apreender dentro do infinito. Ambos são narrativas, mas se diferem em suas construções. Ambos criam uma experiência sobre o tempo, mas o Jornalismo tenta trabalhá-lo o máximo possível no presente, enquanto a ficção, como dito, não se limita (BARBOSA, 2005, p. 58). Com foco no presente, o Jornalismo precisa simular o tempo do leitor. Essa talvez seja a principal diferença da imprensa para o literário, ponto fundamental no processo de autonomia do primeiro em relação ao segundo. Pois o jornalismo de sensações dos anos 1920 não se desejava mimético, trabalhava com o exagero, com o absurdo, com o literário.

Se todo jornalismo é em alguma medida uma forma de literatura, o sensacionalismo leva essa afirmação ao paroxismo, borrando ainda mais os limites entre ambas esferas. O sensacionalismo se baseia não apenas na hipérbole, em uma narrativa do exagero, mas também em um processo de ficcionalização dos fatos. Isto é, por mais que o sensacionalismo possa tratar de casos que ocorreram, seu jogo consiste em aplicar ferramentas exageradas de literatura de modo a aplicar no leitor o interesse sobre o excepcional. Não à toa se difunde na modernidade, no crescimento urbano, assim como o romance criminal, na condição de “hiperestímulo” descrita por Singer (2004, p. 98). Pois por mais ordinária que a notícia seja, esse mecanismo narrativo atua para transformar o ordinário em exceção. O comum em sensacional, fornecendo antídoto temporário para o desencantamento do mundo conforme descrito por Max Weber (ENNE, 2007, p. 78). E não apenas isso, mas também aproxima essa exceção do cotidiano do leitor ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, a afasta. O leitor passa a ver seus medos transpostos para o papel, enquanto sente que aqueles acontecimentos estão próximos e longes de si. A violência recai sobre os outros, nunca sobre ele no ambiente familiar. Mas os outros que compartilham o mesmo espaço físico público, do qual decorre a dicotomia do pavor das ruas e do conforto do lar.

Mas, afinal, o que é o sensacionalismo? Segundo Enne, em conjunto com Marialva Barbosa (2009, p. 67), o jornalismo de sensações se caracteriza pelo apelo, pela tentativa de mobilizar paixões, de se pautar pelos sentimentos, aproximar o leitor da história. Um mecanismo narrativo, em outras palavras, de tornar o distante em próximo por meio de uma estética do exagero, pautada nas emoções, em tornar o ordinário extraordinário. Pontos teóricos fundamentais à construção que vai se criar neste trabalho, conforme a publicação de uma matéria de capa em 1929 acabou por ter um assassinato como consequência.

Como traz Marialva Barbosa (2007, p. 18), em particular a década de 1920 é consagrada como o ápice do sensacionalismo. Para Fernando Morais (1994, p. 60), “A moda na imprensa brasileira na virada do século não era a notícia, mas a polêmica”. Ainda que a pretensão de objetividade jornalística engatinhe desde a década anterior, a opinião ainda encontra largo espaço em periódicos como *A Manhã* e *Crítica*. Na verdade, o jornalismo de sensações encontra espaço entre os grandes jornais conforme a virada do século XIX para XX, antes restrito majoritariamente a jornais menores (BARBOSA, 2023). Um processo que começa a declinar conforme o assassinato de Roberto. Se for possível colocar como efeméride, o assassinato encerra esta era, lavando com lágrimas a estética melodramática do jornal dos Rodrigues. Uma estética que não falha em ecoar décadas depois nos escritos rodrigueanos, principalmente em suas peças. *Crítica* atua quase como um prenúncio para os dramas de Nelson, com destaque para as suas *Tragédias Cariocas*, trabalhadas com hipérbole e uma violência típica dos cenários das páginas policiais do jornal de seu pai.

Em um processo que atingiria seu ápice no sensacionalismo do crepúsculo da *Belle Èpoque*, os jornais cariocas passam a explorar páginas policiais. Mas não apenas começam a se espalhar matérias sobre a violência: ela se torna ferramenta estética nas artes visuais, conforme ilustrações passam a acompanhá-las (BARBOSA, 2007, p. 36). Os jornais passam, então, a contar com ilustradores em seus quadros, como era o caso do próprio Roberto Rodrigues. No início do século, ainda sem a tecnologia que permite publicação em massa de fotografias a custo acessível, a ilustração funciona como uma bengala para o texto, concedendo-o um verniz de veracidade, ao atingir outros sentidos dos leitores. Ainda que por evidente que a imagem não seja uma representação absoluta do real, mas uma aproximação, é vista como mais mimética do que o texto. Atua, portanto, sobre a credibilidade do leitor, que passa a enxergar a reportagem como mais factível (BARBOSA, 2007, p. 36). Não é à toa, como veremos adiante, as ilustrações e imagens que *Crítica* lança mão ao atacar Sylvia Serafim.

O custo da fotografia fazia com que fotógrafos fossem relativamente raros, dificilmente uma redação teria mais do que um. Aliado a isso, as fotos demoravam em seu preparo, o que inviabilizava, por exemplo, o flagrante fotojornalístico de momentos-chave, comum nos dias de hoje (CASTRO, 1992, p. 46). Os acontecimentos apareciam mais sob a forma de ilustração, enquanto a fotografia era reservada para objetos que poderiam levar o tempo necessário, como cadáveres. Estes, por sinal, abundavam as páginas dos jornais, que não tinham qualquer pudor em veiculá-los.



Figura 34 - Matéria da página policial de *Crítica* com ilustração sobre uma cena de violência

**Na «Pedra Lisa», na Favela, Francisca Esteves Degollou Um Homem a Navalha**

**Presas, a Criminosa Confessou Não Ter Desejo de Matal-o**

**A** barbosa e emocionante tragédia de "Pedra Lisa", ocorrida na noite de ante-hontem, ficará, de certo, como exemplo terrível ao que têm o mau hábito de perseguir a barra albeia.

Com os olhos cobiceiros da concupiscente, um homem vê uma mulher e deseja ardentemente. Compreendendo embora que as suas pretensões não encontram lugar no espirito daquela que ambiciona, não desanima, não retrocede.

Sabe que a constancia é uma grande força, e assim pensando, segue-a por toda a parte, como se fôra a sua propria sombra. Observa-lhe todos os gestos, todos os hábitos. E, na primeira oportunidade, põe em pratica as suas habilidades de conquistador. Mas é recebido com indiferença. Ella bem comprehende a qualidade de suas intenções.

Falhára a astucia, a labia do conquistador. Elle agora resolve lançar mão de outros processos. E num desses ultimos dias, acompanha a mulher até a sua residencia, e lá chegando, quer violentala. Ella tenta repellil-o, com palavras, mas em vão. O doo Juan insiste. Então, num legitimo sentimento de defeza — a mulher apedrea-se de uma pedra e, cheia de raiva, vibra um golpe de morte no conquistador. O homem tomba por terra, numa poça de sangue. Tem os olhos cheios de estúpido. Está morto.

**SOMBRAS DE DOR... FATALIDADE**



As palavras que se julgam proferidas, sendo a testemunha de um crime monstruoso Simplicko.

Contrariada com o suicídio, Francisca Esteves regressou para a prisão, e quando lá dar a volta a fôrçadeira, eis que apparece novamente José Simplicko e o seu companheiro Joaquim de Almeida.

— Deste vez, Simplicko vinha armado de um revólver.

— Cheiram insidioso.

— Vede o meu descarado! — exclamava José, exultadissimo.

Nesse momento, a Francisca abriu a porta da cela, e abalroando o pequeno corredor, foi ao quarto que dormia. De dentro de um gaveteiro onde guardava objetos de uso, Francisco retirou uma navalha que possuía.

— De primeira a levantar a casa fôra Joaquim de Almeida. Julgava a pobre coisa atemorizada e queria agarrar o moço e pelo cabelo.

Na semi-obscureza do quarto sacrificou a lâmina de uma acção. Era a navalha que Francisca Esteves tinha na mão.

— Não tem mais, hehehe!

Joaquim de Almeida não ficou indiferente à situação.

— Deste dia, não tem.

— Mas quando la obrigal-a deixo eu zarzando o dia da minha liberdade. Fôra então de sangue porra da coisa não se acordada.

Joaquim de Almeida rapidamente deitou, recuou procurando apelo na parede, e impugna, mordendo, a espedalar sangue, lançando a pedra por onde havia estado, o resto do corpo.

A vida, porém, se deu conta das condições de sangue que existiam no ar. E mal adaria cinco passos, frangia-se-lhe a cabeça e a vida correu ruina por terra. Estando morto.

Na manhã de hontem Francisca Esteves foi presa. Tendo conhecimento da horrivel tragédia, a polícia de S. Ildefonso partiu para o local effectuando a sua prisão. O commissario Goncalves levou instantaneamente, conduzindo-a para a delegacia.

No decurso do interrogatorio, a criminosa confessou que não tinha a intenção de matal-o. Quería apenas castigal-o.

**Na Praia das Virtudes, Dois Individuos Tentaram Assasinar Um**

**Continua**

Fonte: CRÍTICA, 15 jul. 1930.

O sensacionalismo e a estética da violência atuam também como divisor entre os jornais. Jornais mais populares, como *Crítica*, exploram as páginas policiais como diferencial. Outros mais ligados às elites, como o *Jornal do Commercio*, preferem se afastar dos “dramas cotidianos, os crimes passionais, as tragédias diárias” (BARBOSA, 2007, p. 45). O jornalismo sobre o crime passa a ser identificado com as classes mais baixas, enquanto as classes mais abastadas preferem consumir temas como política e comércio. O *Jornal do Commercio*, como traz Barbosa (2007, p. 45), “orgulha-se de ser ‘o jornal das classes conservadoras, lido pelos políticos, pelos homens de negócios, pelos funcionários graduados’.

### 5.5 Permanências contemporâneas do jornalismo de sensações

O interesse pelo crime e pela violência não se limita aos romances criminais ou ao jornalismo sensacionalista. As muitas violências envolvidas no caso de Roberto Rodrigues permanecem despertando fascínio nos consumidores. Com o crescimento do gênero *True Crime*, e seu diálogo intrínseco com a violência tornada estética, surgem em profusão *podcasts*, matérias, artigos de opinião, livros, filmes, séries, sobre casos reais de violência. O ascendente interesse sobre o gênero — resultado da profusão de serviços de *streaming* e a popularização das redes sociais — levou até mesmo a criação de um canal de televisão dedicado a ele, o *Discovery ID* (GAGLIONI, 2021). O episódio do *Linha Direta* sobre Sylvia, por exemplo, concentra mais de 700 comentários de espectadores. O levantamento deste trabalho revelou também inúmeras mensagens em redes sociais sobre o caso, como grupos de *Facebook* voltados para crimes reais, por exemplo.

O interesse do público leva a algumas repetições por parte da indústria cultural, capitalizando um mesmo caso e o transpondo para mídias diversas. Além do exemplo já dado da própria Serafim, o assassinato da atriz Daniella Perez já virou ao menos *podcast* e documentário, enquanto o caso Suzane von Richthofen foi transformado ao menos em dois filmes. Evidente que o fenômeno não é novo, como já foi descrito aqui algumas de suas manifestações seculares — no século XVI, por exemplo, já circulavam na Inglaterra revistas sobre crimes (GAGLIONI, 2021).

O *True Crime* se liga a outro gênero jornalístico: o *New Journalism*. Não é coincidência que o *New Journalism*, ou livro-reportagem, seja um gênero marcado pela literalidade, escrito em forma de prosa, com largas descrições dos eventos e fenômenos que cobre. Gênero que encontra sua excelência, uma vez mais não sem motivo, no clássico de Truman Capote, *A sangue frio*, que destrincha justamente o assassinato de uma família. O jornalismo sensacionalista dos anos 1920 já absorvia algo dos romances criminais/policiais, mas o *New Journalism* eleva isso ao limite, pela primeira vez desenvolvendo um estilo jornalístico que se quer, em sua própria essência, literário. O jornalismo não quer mais apenas emular o literário, como o era no sensacionalismo, mas se tornar, ele próprio, literatura. E a estética da violência se apresenta como a ferramenta ideal para isso.

O imaginário da imprensa não falha em também criar epítetos e imagens sobre a violência, quase que a poetizando. Assassinos não são apenas assassinos, mas recebem uma aura mítica sintetizada em nomenclaturas como “Chico Picadinho”, “Fera da Penha”, entre outros. A criação dessas personas, desses duplos, atua como fermento para alavancar o interesse dos consumidores. Como consequência, os criminosos são desumanizados ao

paroxismo, e encarnam o arquétipo do monstro, do marginal, do *desviante* descrito por Foucault em *Os anormais*. Como foi analisado, há, portanto, intrínseca ligação entre estética da violência e o imaginário sobre o monstro.

Com os elementos teóricos dispostos, os capítulos derradeiros voltarão para Serafim, mas agora com foco sobre as formas com que o crime se tornou palco de disputas na década de 1930, e como permanece ainda nos dias de hoje.

## Capítulo 6. “Entra em juízo nesta capital um rumoroso pedido de desquite!”: uma disputa na imprensa sobre Sylvia Serafim

Vinte e seis de dezembro de 1929. Nunca mais me libertei do seu grito

Nelson Rodrigues (2016, p. 448).

A quantidade de materiais produzidos por Sylvia Serafim já é imensa, incapacitando sua análise completa em uma tese. Que dirá, então, da produção criada sobre ela. Mesmo se limitado ao ano de 1930 (e fim de 1929), a extensa cobertura jornalística da época já tomaria mais anos do que disponíveis em um doutorado. Dessa forma, foi imperativo selecionar alguns desses trabalhos para tornar possível uma análise.

Diante desse desafio, este estudo privilegiou uma abordagem holística, dentro do possível. Com foco maior sobre *Crítica*, naturalmente o veículo mais importante no processo de desumanização da intelectual, também são cotejados outros jornais que cobriram o caso de forma significativa, na intenção de fornecer uma visão holística sobre a forma com que a imprensa tratou o caso. Assim, também serão trazidos para o bojo periódicos como *Diário Carioca*, *A Noite*, *O Jornal*, entre outros.

Logo ao início da pesquisa, foi feito um amplo levantamento de dados com palavras-chave como “Sylvia Serafim”, “Roberto Rodrigues”, “Sylvia Thibau”, entre outros. Diante disso, os inúmeros materiais levantados foram classificados e divididos em uma planilha, contendo as abas “jornais da época”, “jornais contemporâneos”, “comentários da *internet*”, “produções jornalísticas de Sylvia”, “produtos culturais”, “livros sobre Sylvia”, “trabalhos acadêmicos”, “pessoas envolvidas no caso para possíveis entrevistas” e “produções artísticas de Sylvia”. Todo esse material foi disposto não apenas na planilha, mas também em um Google Drive, para não correr risco de perdê-lo. Tanto o Drive quanto a planilha estão disponíveis para acesso público, na intenção de incentivar pesquisas futuras de outros pesquisadores e auxiliar em processos de replicação desta pesquisa (Anexo II).

Essas abas, por sua vez, foram divididas conforme informações disponíveis, para auxiliar na organização. A aba de “jornais da época”, por exemplo, foi dividida em seis informações: “veículo”, “manchete”, “data”, “link”, “link do Drive” e “já analisado”, este último visando à organização do autor. Diante disso, para este capítulo, com exceção dos jornais do dia 27 de dezembro de 1929, considerados fundamentais para a compreensão da forma como Serafim foi desumanizada pela imprensa já no dia seguinte, todos os demais materiais foram selecionados de forma aleatória. Justamente na intenção de não enviesar a

seleção, a escolha recaiu sobre um sorteador de número simples, que selecionava o número da célula referente ao jornal que seria trabalhado (claro, caso houvesse algo para ser trabalhado nele).

O início dos anos 1930 foi marcado por turbulências políticas e econômicas em todo o planeta. Não foi diferente no Brasil. O período de cerca de um ano que vai do assassinato de Roberto Rodrigues à Revolução de 30 enfrenta crescentes tensões. Em 26 de dezembro de 1929, havia pouco mais de apenas dois meses da quebra da bolsa de Nova York, que marcou o início da Crise de 29. No plano ideológico-político, Brasil e mundo se viam prensados entre o crescimento do comunismo/socialismo, de um lado, e do fascismo, do outro, além da decadência (na época) do liberalismo. Novas ideias políticas apareciam como alternativas possíveis ao grande paradigma liberal que havia se estabelecido desde meados do século anterior.

É sobre esse caldo cultural, político e econômico que se intensifica a agitação que desemboca na Revolução de 30. Como já referido, a Revolução foi um longo processo que evoluía há mais de uma década, com o Tenentismo, candidatos antioligárquicos como Ruy Barbosa e movimentações populares. É neste momento, com ânimos coletivos aflorados, que se desenrola a disputa na imprensa em torno da figura de Serafim. Mas antes, é preciso contextualizar os principais atores.

### **6.1 *O Jornal***

As pessoas como ela, que dominam a escrita, costumam ser perigosas. logo, levantam suspeitas de falsidade - que não são elas mesmas, mas um olho que está sempre observando, e transformando em frases tudo o que observa; assim retira da realidade a sua qualidade mais importante — sua inexpressividade  
Olga Tokarczuk (2019, p. 54).

O primeiro jornal que é preciso contextualizar é *O Jornal*, principal veículo em que Serafim colaborava. Fundado por Renato Toledo Lopes, foi o primeiro periódico adquirido por Chateaubriand, em 1925, muito antes de se expandir para diversos veículos e estados e fundar o primeiro grande conglomerado midiático. Chateaubriand expande e moderniza o veículo, que atinge tiragens expressivas e encontra ressonância entre a elite carioca, por seu

estilo formalizado em contraposição à linguagem popular da *Crítica* (BARBOSA, 2007, p. 76).

Jornalistas como Barreto Leite Pinto identificam nessa compra o crescimento do processo de objetividade jornalística. Com ela, cresce a valorização da informação em detrimento da opinião, sendo esta a maior força do jornal em ascensão, em oposição a outros grandes veículos como o *Correio da Manhã*, abertamente “panfletário”: “*O Jornal* era um jornal de informação, com uma série de colaboradores importantes, uma informação pesada, com uma linha de orientação não conservadora, mas equilibrada” (PEIXOTO apud BARBOSA, 2007, 88). Cresce também a quantidade de páginas e passa a abrigar nomes famosos, além de traduções de artigos estrangeiros. Para efeito de comparação, as edições dominicais de *O Jornal*, nas quais Serafim colaborava, ocupavam 32 páginas, contra o padrão de apenas oito em *Crítica*.

O nome pode parecer pouco criativo, mas na realidade era um jogo com o nome do jornal mais popular da época, o *Jornal do Commercio*; de onde, inclusive, saíram os fundadores do *O Jornal*, por divergências com os donos. As pessoas, quando queriam comprar o *Commercio*, referiam-se a ele como “o jornal”. Vendo uma oportunidade, as dissidências do *Commercio* nomearam o novo jornal de modo que qualquer um que fosse pedir pelo “o jornal”, receberia o novo periódico (BARBOSA, 2007, p. 76). Isso sem falar no ideal de autoridade que emana do artigo **o**, já que se refere não a **um** jornal, mas a **o** jornal, como se fosse o maior jornal, ou o de maior qualidade, o único.

Não muito diferente do que faziam os demais periódicos da época, *O Jornal* possuía intensa cobertura política. Chateaubriand, admirador da Coluna Prestes, descrevia literariamente o que chamava de grandes proezas do “capitão gaúcho”, “soldado-menino de 26 anos, bravo, ardente, pugnaz, como decerto o Brasil nunca tinha visto nada comparável” (BARBOSA, 2007, p. 77-78). Ao mesmo tempo, enfrentava o crivo e o autoritarismo de Artur Bernardes, que manteve o Brasil em estado de sítio durante todo o seu mandato, interferiu na compra do jornal de Chateaubriand e por pouco não a impediu (MORAIS, 1991, p. 131).

Assim como Serafim o faria, Chateaubriand aderiu a Aliança Liberal e a candidatura de Getúlio Vargas, com quem, no futuro, romperia e teria diversas rugas políticas. Como já sinalizado, mesmo que Chateaubriand não fosse exatamente progressista — se dizia “nem de esquerda e nem de direita”, mas manifestava admiração por Benito Mussolini (MORAIS, 1994, p. 357) — *O Jornal* não fechava seus espaços para intelectuais das mais diversas vertentes do espectro político. Chateaubriand era, acima de tudo, cosmopolita, defendendo uma abertura ao capital internacional e maior receptividade econômica no Brasil (BARBOSA,

2007, p. 78). Prova desse cosmopolitismo era o empresário ter recheado seu jornal com traduções de análises políticas, artísticas e econômicas de grandes nomes do cenário internacional, como presidentes, primeiros-ministros e prêmios Nobel. Chega ao ponto, por exemplo, de disseminar textos de Leon Trotsky, Benito Mussolini e Primo de Rivera, o que evidencia a ausência de um norte de ideologia política no veículo, diferente, por exemplo, de *Crítica*.

Chatô não trouxe apenas figuras internacionais, mas investiu em nomes proeminentes do cenário nacional que iam de Monteiro Lobato aos modernistas de 1922. Carlos Drummond de Andrade, então ainda desconhecido, também foi chamado, assim como Oswald de Andrade. Embora outrora houvesse escarnecido dos modernistas, o empresário não hesitou em se aproximar deles, inclusive do futurista e fascista italiano Filippo Marinetti (MORAIS, 1994, p. 147).

Em um boletim internacional de 27 de dezembro de 1929, edição do dia seguinte ao assassinato de Roberto, *O Jornal* corrobora argumentos colonialistas típicos ao tratar da relação entre Reino Unido e Índia. Pautado pelo atentado contra o então vice-rei da Índia, o artigo sugere que as revoltas anticoloniais seriam atos de ingratidão de selvagens de uma terra exótica: “naquelle paiz de mysterio e de sonho, que os inglezes estão convertendo, lentamente, numa grande nação de trabalho e riqueza” (O JORNAL, n. 3408, 27 dez. 1929). Na prática, isso exemplifica a mixórdia de ideologias e posições políticas do veículo.

É preciso chamar a atenção sobre esses aspectos ideológicos, tanto sobre a política quanto sobre a economia, por evidenciarem a distinção entre *Crítica*, jornal situacionista e contra Getúlio, e *O Jornal*, que esteve na oposição até a Revolução de 1930 (e retornaria, posteriormente, após o rompimento com Vargas em 1932). Chateaubriand chega a acusar Washington Luís, presidente, de ser culpado pelo assassinato de João Pessoa, então vice de Getúlio.

## 6.2 *Crítica*

alvejado traiçoeiramente por uma **mulher** apenas por ser filho de Mário  
*Crítica* (19 ago. 1930, grifos meus).

O segundo ator principal é *Crítica*, onde ocorreu a tragédia. Fundado em 1928, durou até a sua destruição durante a Revolução de 30, por sua campanha contra Getúlio Vargas, totalizando cerca de dois anos e 600 edições. A destruição do jornal, junto com a perda de

dois dos principais membros da família, acabou por lançar os Rodrigues em um período difícil de fome, doenças e pobreza. *Crítica* se intitulava “o matutino de maior circulação no Brasil”, conforme aparecia em seu *slogan* abaixo do nome do jornal. Independente da afirmativa ser real ou não — era comum que os jornais exagerassem a sua tiragem, *O Paiz*, por exemplo, dizia que era o jornal em maior circulação na América do Sul, não o sendo sequer o maior do Rio de Janeiro (BARBOSA, 2007, p. 47) — o fato é que *Crítica* possuía ampla penetração e uma tiragem relevante à época. Em seu auge, chegou a ter cerca de 130 mil jornais em circulação por dia (CPDOC, s.d.a). Para comparação, dois dos principais jornais dos *Diários Associados*, *O Jornal* (no qual Serafim tinha seu suplemento) e o *Diário da Noite* somados, segundo eles próprios, chegavam a 120 mil leitores (O JORNAL, 27 dez. 1929).

Mas a trajetória dos Rodrigues não conheceu a polêmica apenas com a morte de Roberto. Quatro anos antes de criar *Crítica*, Mário Rodrigues foi preso enquanto diretor do *Correio da Manhã*, por uma acusação contra o Presidente Artur Bernardes (CPDOC, s.d.a). Chegou a ser preso novamente em outra oportunidade, por uma acusação nunca provada de ter sido o mandante do assassinato do jornalista de *A Democracia*, Carlos Pinto (FAMOSOS QUE PARTIRAM, s.d.a.). Tampouco seria o único momento em que os Rodrigues se envolveriam diretamente na política nacional: *Crítica* seria financiada pelo vice-presidente Melo Viana (tão próximo dos Rodrigues que chegou a segurar uma das alças do caixão de Roberto no velório) e por governistas ligados a Júlio Prestes, contra Vargas e a Aliança Liberal. Ironicamente, Mário ajudara a lançar a candidatura de Vargas no ano anterior (VALOR, 2011). Solto, Mário acabou por criar seu próprio jornal, na intenção de obter autonomia jornalística, criando inicialmente *A Manhã* em 1925 e *Crítica* três anos depois, em 21 de novembro de 1928. Após a morte de Mário, o jornal ficou a cargo de Mário Filho, que intensificou a campanha contra a assassina de seu irmão, chegando ao ponto de trazer uma fotomontagem com Serafim rindo ao lado do caixão de Mário.

Mário sempre flertou não somente com o sensacionalismo, mas também com a inverdade e a desinformação, além da agressividade: “a virulência de *A Manhã* não tinha paralelo” (CASTRO, 1992, p. 52). Não hesitava em lançar mão, se fosse conveniente, de informações pela metade, adulteradas, ou mesmo falsas em essência. Tendo fundado *A Manhã* apenas dois meses depois de sua saída de *Correio da Manhã*, não conseguiria criá-lo sozinho. Precisou de capital, recorrendo a empréstimos que iam desde Geraldo Rocha, proprietário de *A Noite* — o que explica, como se verá, a relação apologética que mantinha com o vespertino —, até João Pallut, socialista dono de *A Batalha* e *A Esquerda* (ironicamente, jornais que saíam em defesa de Sylvia anos depois contra a própria *Crítica*). Isso sem mencionar seu

sócio, Antônio Faustino Porto. Isso não o impediu de veicular que era o “único proprietário” de *A Manhã* (CASTRO, 1992, p. 50).

Para Nelson Werneck Sodré, Mário Rodrigues era uma das “figuras mais interessantes e mais características do jornalismo brasileiro, com todos os seus grandes defeitos, de certo modo compensados por uma tarimba e por uma visão de imprensa que poucos tiveram, em seu tempo, e ninguém mais do que ele” (VALOR, 2011). Sem dúvida, uma figura essencial na formação da imprensa brasileira, ao empregar um jornalismo popular, mas conservador, revolucionário em estilo e tecnologia. Por outro lado, como sacramenta a matéria do *Valor* (2011), “é difícil concordar com Sodré em que os grandes defeitos de Mário Rodrigues foram compensados pela sua visão de imprensa”. Embora sua virulência e agressividade possam ter sido inovadoras em termos de estilo jornalístico, dificilmente podem ser consideradas parâmetros de qualidade midiática. As práticas jornalísticas de Mário Rodrigues muitas vezes se baseavam em sensacionalismo, manipulação e falta de ética. É fundamental avaliar seu legado de forma crítica, reconhecendo tanto suas contribuições quanto suas falhas para uma compreensão completa de sua influência na história da imprensa no Brasil.

Castro (2022) não poupa adjetivos para os Rodrigues. Mário Rodrigues é “valente”, Maria Esther é “firme”, isso sem entrar na apologia a Nelson ou Mário Filho, que aprendeu “a ler e a escrever quase na primeira chupeta” (CASTRO, 2022, p. 11, 13). Os exageros se sobrepõem em forte carga dramática. Discípulo de Nelson, parece que Castro tenta emular o seu estilo, mas transposto à biografia. Fosse somente essa questão, *O anjo pornográfico* não seria um livro problemático. As questões são muito mais profundas, e parte da fusão entre romance e biografia, fato e ficção, empregada por Castro. Isso sem mencionar os floreios retóricos que empreende, sem pretensão de objetividade, como ao mencionar que “O fígado em pandarecos não o impedia de tomar cerveja como se o planeta fosse interromper brevemente o plantio de cevada” (CASTRO, 2022, p. 15), quando poderia apenas resumir que Mário Rodrigues bebia bastante, a despeito de seu fígado prejudicado.

*Crítica* manteve muito da estrutura de *A Manhã*, que Mário perdera o controle apenas 49 dias antes por dívidas, incluindo muitos dos jornalistas e funcionários, além do estilo. Um desses funcionários era o próprio Nelson Rodrigues, que começou a sua carreira como repórter da seção de polícia no veículo anterior, com apenas treze anos (CASTRO, 1992, p. 45). Por coincidência, *A Manhã* foi fundado em 29 de dezembro de 1925, exatos quatro anos antes da morte de Roberto. Se *Crítica* ficava localizada na Rua do Carmo, perto da Praça XV, *A Manhã* também não ficava distante, com sua redação na Cinelândia, na rua Treze de Maio (CASTRO, 1993, p. 45).

Conforme observado por Castro (1992, p. 47), a decisão de Nelson Rodrigues de ingressar na seção policial não foi arbitrária. Embora tivesse a oportunidade de trabalhar em qualquer seção do jornal, os crimes exerciam um fascínio particular sobre um jovem com aspirações literárias. Além disso, a seção policial desfrutava de um prestígio considerável, ficando atrás apenas das seções política e literária. Não é surpreendente, portanto, que décadas depois, Nelson tenha afirmado: “com um ano de 'métier', o repórter de polícia adquiria uma experiência de Balzac” (CASTRO, 1992, p. 47).

A atração exercida pelos crimes da época era compreensível, especialmente considerando que muitos deles tinham natureza passional, o que os tornava adequados para o sensacionalismo e as elaborações narrativas que se aproximavam da ficção literária. Uma análise de qualquer matéria da seção policial de *Crítica* revela como abundam casos de violência sobre relacionamentos, envolvendo adultérios, vinganças, suspeitas, ciúmes. De um aspirante a poeta que se matou enquanto escrevia uma carta (CRÍTICA, 19 ago. 1930) a uma mãe abandonada que forçou seu filho a ingerir formicida (CRÍTICA, 01 fev. 1930), a violência dramática e melodramática, com protagonistas e antagonistas, enredos e símbolos, personagens secundários e ambientações, apresentava formatos de violência distintos da “cruzeza” atual. Uma violência muito mais estetizada, como discutido anteriormente, quando comparado aos assassinatos e afins que preenchem os noticiários contemporâneos. Nelson Rodrigues não se tornou ficcionista com *A mulher sem pecado*, mas com seu trabalho como repórter policial.

*Crítica* foi inspirada em uma contraparte homônima argentina (VALOR, 2011). Era um matutino de polícia e política, sempre com oito páginas, sendo a última página exclusivamente dedicada ao primeiro. Ao que consta, antes da tragédia Mário Rodrigues planejava a criação de um novo jornal, *Última hora*, focado em explorar sem rodeios os crimes sensacionais, deixando para *Crítica* o foco na política (CASTRO, 1992, p. 82). Se não escondia suas preferências e atacava de forma virulenta seus opositores ideológicos nas páginas de política, a página de polícia não se abstinha de jogar com o sensacional. O próprio Ruy Castro (1992, p. 146) chega a adjetivá-lo de “escandaloso”. Ou, para Gilberto Amado, primo de Jorge Amado (que havia colaborado com *Crítica* e tomado partido do jornal no caso): um “foliculário de escândalos” (CASTRO, 1992, p. 93), sob o olhar conivente e permissivo de Mário Rodrigues. Toda edição trazia os mais distintos escândalos, embebidos em violência, estetizando-os ao limite. Mas a edição de 26 de dezembro de 1929 não limitou o escândalo à última página. Ao contrário, o trouxe como matéria de capa.

Assim como *A Manhã*, *Crítica*, como já dito, era voltado para política e polícia. Suas matérias policiais bebiam diretamente do jornalismo de sensações descrito na seção anterior. Como seção fundamental do jornal, abundavam imagens e figuras, de onde decorre a importância hierárquica de seu principal ilustrador, Roberto Rodrigues. Segundo Ruy Castro, “a ilustração ‘reconstituía a cena do crime com um toque tão dramático, erótico e sensacionalista quanto o texto, que era de um mau gosto violento e propositado; (...) o desenho era de um acabamento e qualidade de primeira” (VALOR, 2011). Roberto era influente no jornal, sendo o filho preferido de Mário, mesmo que Castro (1992, p. 93) alegue que sua única relação com a matéria do dia 26 foi ilustrá-la.

A título de exemplo, o dia primeiro de fevereiro de 1929, além do caso de Serafim, traz na última página inteira matérias como “Desprezada pelo marido obrigou o filhinho a ingerir formicida”, “Explorava a esposa n’um bordel da Zona do Manguê” e “A tragédia da Ilha do Governador” (este último o mesmo caso referido em um artigo de Serafim, já debatido).

Entre as inovações de *Crítica*, e sua tentativa de criar uma relação íntima com seu público, estava a criação do que chamaram de “Caravana de *Crítica*”. Na prática, um grupo de jornalistas que ia *in loco* conferir relatos, denúncias e chamadas dos leitores, atuando como detetives, como policiais (BARBOSA, 2007, p. 61, 66). Isto posto, o jornalismo de sensações, sintetizado no jornal de Mário, não apenas aproxima consumidor e produtor por meio de matérias voltadas para o exagero que beira o ficcional, como vai além e borra as fronteiras entre esses dois atores, ao colocar o leitor temporariamente na função de jornalista. Barbosa (2007, p. 61) relata, por exemplo, sobre um caso de um padre em São João de Meriti, cuja cobertura pelo jornal foi influenciada pelos moradores do município que relataram “outros fatos referentes ao libidinoso sacerdote”.

Figura 35 - Figura ilustrando caso de suicídio e infanticídio noticiado por *Crítica*, evidenciando a importância da ilustração para o jornal.



Fonte: CRÍTICA, 01 fev. 1930.

É historicamente documentada a importância de Roberto na hierarquia do jornal, referido por Ruy Castro (1992), Marialva Barbosa (2023), entre diversos outros. Como já dito mais de uma vez, a ilustração era fundamental para *Crítica* — e para os jornais da época em

geral. Em termos de influência, é plausível considerar que Roberto ocupava o terceiro lugar em poder dentro do veículo, ficando atrás apenas de seu pai e de seu irmão mais novo, Mário Filho. Da mesma forma, quando interpelado por Serafim no Natal, diversas fontes alegam que Roberto teria prometido retirar a matéria do jornal do dia 26, algo que, supostamente, ainda teria dado tempo para fazer. Não tendo sido feito provavelmente por uma decisão dele próprio, como chama atenção Ruy Castro em sua entrevista para o *Linha Direta* (2007).

Tudo isso fez com que parte importante da defesa de Serafim fosse baseada no argumento de que Roberto dera a sua palavra de que a publicação não seria impressa. Serafim teria entrado no gabinete com ele no dia seguinte para cobrá-lo pela quebra da promessa. Do lado dos Rodrigues, insistiu-se que o ilustrador não possuía poder suficiente para interromper a gráfica naquela altura, sendo “apenas o ilustrador das reportagens de CRÍTICA, e, como em qualquer jornal, não influiu, em virtude mesmo de suas funções, na orientação de nosso diário, na retirada ou na publicação das matérias” (CRÍTICA, 19 ago. 1930). Insistem que ele, “tão nobre e tão bom”, teria sido “alvejado traiçoeiramente por uma **mulher**” apenas por ser filho de Mário (CRÍTICA, 19 ago. 1930, grifos meus). Aliás, não é coincidência que expressem “uma mulher”, ressaltando a anormalidade da quebra de expectativa do papel feminino, de uma mulher que, ao invés de cuidar de seu lar, assassinava um “trabalhador”.

### 6.3 *A Noite*

Realmente — havendo indivíduos que têm cara de suíno, ou de sapo, ou de burro —  
 Roberto tinha cara de cão. Agora morreu.  
 Nelson Rodrigues (2017, p. 333).

Se era rival dos jornais de Chateaubriand, a relação de *Crítica* com os Marinho era outra. Não sem motivo, no velório de Roberto, ocorrido na própria *Crítica*, a edição daquele dia foi rodada na redação de *A Noite*. Não apenas *A Noite* corrobora a cobertura dos Rodrigues ao criminalizar Sylvia por sua posição intelectual (vale lembrar a manchete em que a menção ao seu crime aparece apenas no quarto parágrafo), mas *Crítica* reproduz essa matéria, como que concedendo ao outro periódico um viés de autoridade — ainda que, nesta época, Irineu Marinho não fosse mais o dono do jornal. Um apelo à autoridade porque *A Noite* era o “vespertino mais popular da cidade no final dos anos 1920 [...] chega a ter uma tiragem no final da década de 1920 de 200 mil exemplares” (BARBOSA, 2007, p. 59), com tiragem que era quase o dobro de *Crítica* em seu auge, o que sugeria que os Rodrigues não estavam

solitários em seus ataques contra Sylvia Serafim. Mas essa não foi a única oportunidade em que o matutino reproduziria e explicitaria sua simpatia para com *A Noite*, conforme a edição 524 declara “os brilhantes confrades da A NOITE” pela organização de um concurso de beleza (CRÍTICA, n. 524, 15 jul. 1930). A apologia continua em diversas oportunidades, como quando reproduzem matéria sobre Serafim e novamente clamam pelos “brilhantes colegas de *A Noite*” (CRÍTICA, 16 mai. 1930).

Na verdade, *Crítica* esbanjava simpatia ao *A Noite*, e era comum trazer chamadas ressaltando feitos de seus colegas. Por exemplo, *Crítica* do dia 15 de julho de 1930 destaca o novo prédio moderno de *A Noite*, na Praça Mauá. O periódico de Mário Rodrigues afirma que a inauguração

é uma grande festa do jornalismo brasileiro como também se reveste do caráter de um notável acontecimento da vida da cidade. É que *A Noite*, além de representar a imprensa do país, uma luminosa vitória que a todos nós tanto evaidece, constitui, sem dúvida, um dos mais valiosos elementos do patrimônio intelectual do Rio de Janeiro. Fundada, lá se vão anos, por um grupo de rapazes, tendo à frente essa figura por tantos e meritórios títulos admirável que foi Irineu Marinho. *A Noite* tornou-se, logo a aparecer, graças as suas reportagens **sensacionais** e a agudez de seus comentários, uma folha, por excelência popular (CRÍTICA, n. 524, 15 de julho de 1930, grifos meus).

Contudo, imprescindível chamar atenção que na época do crime *A Noite* já não estava em posse de Irineu Marinho (que já havia, inclusive, fundado *O Globo*, 21 dias antes de falecer, mas este só ganharia importância no futuro), mas de Geraldo Rocha. Uma mudança no dono, que se reflete também nas posições do jornal, que passa a defender políticas que antes atacava (BARBOSA, 2007, p. 59). Rocha também dá curso a uma modernização do jornal, como o já dito prédio, e novas máquinas. Ainda que não seja tão lembrado como jornalismo de sensações quanto *Crítica*, *A Noite* também é classificado como tal por Barbosa (2007, p. 60), que ressalta a importância do noticiário policial para o veículo.

Mesmo que Serafim também tivesse colaborado para *A Noite* no passado, a lealdade do veículo sempre recaiu para os Rodrigues. Como já dito, *Crítica* se referia a seu parceiro como apelo à autoridade, reproduzindo e citando suas manchetes e matérias. Em outra oportunidade, em 16 de maio de 1930, reproduz uma matéria do jornal de Rocha sobre as teóricas escapadas que Serafim daria da casa de saúde em que estava internada para tratamento. No limite da ironia, *Crítica* sempre utiliza termos como “jornalistas” de forma depreciativa, como se o envolvimento intelectual com colegas de profissão diminuísse uma mulher: “A reportagem d’*A Noite*’ apurou, também que Sylvia Thibau sae da Casa de Saúde

para entregar-se a passeios e pandegas nocturnas com rapazes de imprensa” (CRÍTICA, 16 mai. 1930).

*Crítica* clama imparcialidade para seus colegas, como se *A Noite* não tivesse seus próprios interesses e agenda no ataque a Serafim. Com o inevitável e óbvio atrelamento emocional do jornal dos Rodrigues ao caso, cabe apelar para uma suposta isonomia e distância dos Marinho, algo que, como visto, não reflete o real. Assim, chamam *A Noite* de “parte insuspeita na questão, órgão independente e de uma rigidez e seriedade proverbial em sua orientação” (CRÍTICA, 16 mai. 1930). O apelo à autoridade de um jornal maior tenta mostrar para os leitores que *Crítica* não está nessa batalha sozinha. É, portanto, um apelo também para a culpa de Serafim, já que, se até um dos maiores jornais do Rio e sem envolvimento direto toma partido contra ela, então ela só pode ser culpada.

Alguns anos depois, o filho de Irineu, Roberto Marinho, se tornaria amigo pessoal dos Rodrigues, principalmente de Mário Filho e Nelson. Tendo empregado Nelson em seus anos mais difíceis, Roberto admirava as pinturas de seu homônimo, a ponto de manter algumas em seu acervo pessoal. Por outro lado, segundo revela Ricardo Thibau (2023), proibiu qualquer menção a Sylvia Serafim em seus jornais, a não ser que ela fosse tratada de forma negativa. apropriado recordar que, conforme a própria *Crítica*, Roberto esteve na redação logo após o atentado para prestar solidariedade aos Rodrigues, evidenciando a aproximação entre as famílias já em 1929. Junto do cânone criado por Nelson, suas memórias em *O reacionário* e afins, isso explica parte do processo de apagamento sofrido pela jornalista.

#### 6.4 Outra tragédia no mesmo dia: o assassinato de Souza Filho

A meretriz Sylvia Thibau alvejou a bala em premeditada emboscada  
*Crítica* (n. 347, 27 dez. 1929, p. 08).

O jornalismo de sensações de *Crítica* apela a uma construção semântica maniqueísta. Os “bons” e os “maus” estão dados, conforme o jornal convoca os primeiros para atuarem em oposição aos segundos. Esta é, por sinal, característica do estilo de jornalismo opinativo, em contraposição ao jornalismo de informação que se disseminaria posteriormente. Não que o segundo seja isento, sem incorrer ao mito da objetividade absoluta, mas ao tentar se distanciar do objeto, termina por aplicar uma visão mais distante das emoções. É claro que essa oposição não é tão binária na prática quanto na teoria, e há zonas intermediárias que mesclam opinião e informação, sensação e objetividade. Ainda assim, em tese, o jornalismo opinativo, de

sensações, promove um estímulo proativo às emoções, enquanto o jornalismo informativo, ainda que não as negue, joga a responsabilidade da opinião para o leitor. O jornalismo que não se deseja sensacional pode influenciar na formação da opinião, mas o faz por meio de subterfúgios, enquanto o sensacionalismo aplica explicitamente divisões em binômios simples, levando o leitor a “tomar partido, contra ou a favor do personagem da trama, transformando a sua leitura em julgamento de valor e, posteriormente, em ação” (BARBOSA, 2007, p. 61).

O sensacionalismo se posicionava e destacava por diversos elementos, todos caracterizados por uma agressividade furiosa. Desde as construções frasais e escolha de palavras — abundavam adjetivos e advérbios de modo —, passando pelas imagens e manchetes. Quanto às manchetes, aliás, Nelson chegaria a classificá-las como “um berro gráfico, um uivo impresso” (VALOR, 2011). Não somente agressivas, mas exageradas, no limite entre fato e ficção. Chamativas, destacadas, espalhafatosas, as manchetes de *Crítica* eram uma manifestação a parte do jornal, explícito desde seu primeiro número, quando inaugurou com a chamada “Declaramos a guerra aos ladrões do povo”. Herman Lima, entrevistado pelo Valor (2011), sobre as ilustrações do veículo, declarou que “o que mais virulentamente já exerceu no Brasil o direito de ferir os adversários, no uso do lápis, não como bisturi, mas contundente e mutilante, muita vez, como uma espada, a ponto de ficarem algumas de suas composições entre os espécimes mais cruéis”

No dia seguinte ao assassinato, *Crítica* deu início a narrativas que seriam cristalizadas posteriormente por Nelson. Em sua edição de 27 de dezembro traz que “A meretriz Sylvia Thibau alvejou a bala em premeditada emboscada” ao atrair “nosso companheiro a um gabinete reservado, a criminosa, traiçoeiramente, baleou-o no ventre, com frieza sanguinária sem nome” (CRÍTICA, n. 347, 27 dez. 1929, p. 08). Faz-se clara a divisão maniqueísta, a simplificação do caso. Mais do que só isso: a personificação de Serafim como uma mistura de loucura e maldade, como pode ser verificado pelo uso de adjetivos como “frieza sanguinária”, ou mesmo pelo advérbio “traiçoeiramente”. Da mesma forma, já nesta edição se constrói a versão de que Sylvia teria ido ao gabinete já com intenções assassinas.

Entretanto, é interessante perceber que o caso não ocupou a primeira página do matutino, mas foi relegado à sua seção policial na última página. Como já sinalizado, isto se deu por dois motivos: Roberto ainda não estava morto; no mesmo dia o “bravo deputado pernambucano Souza Filho” fora assassinado na Câmara por um colega (CRÍTICA, n. 347, 27 dez. 1929, p. 01). Da mesma forma, o caso de Filho assumiu as primeiras páginas de todos os jornais da época, e, embora já se manifestasse a disputa na imprensa no dia seguinte, ela

apenas toma as primeiras páginas depois do falecimento de Roberto. Afinal, vale lembrar que *Crítica*, apesar de sua seção policial, era um jornal panfletário por excelência.

Um ponto secundário, mas não menos curioso, aparece sobre a forma com que os jornais dos anos 1930 tratavam a violência. Já foi visto aqui à exaustão, e sobre este ponto reside um dos elementos básicos da argumentação deste trabalho, sobre a estética da violência. No entanto, ela não se limitava à construção retórica ou discursiva, mas também no uso de imagens. O *Crítica* sobre a morte de Souza Filho não hesita em colocar uma foto de seu cadáver na capa, da mesma forma que anos depois os jornais reproduziriam o cadáver de Sylvia Serafim. Não havia pudor sobre a morte, e fotos e ilustrações sobre ela eram reproduzidas de acordo com a conveniência; neste caso, ganhar simpatia para a causa contra a Aliança Liberal.

Figura 36 - Fotografia do cadáver do deputado Souza Filho



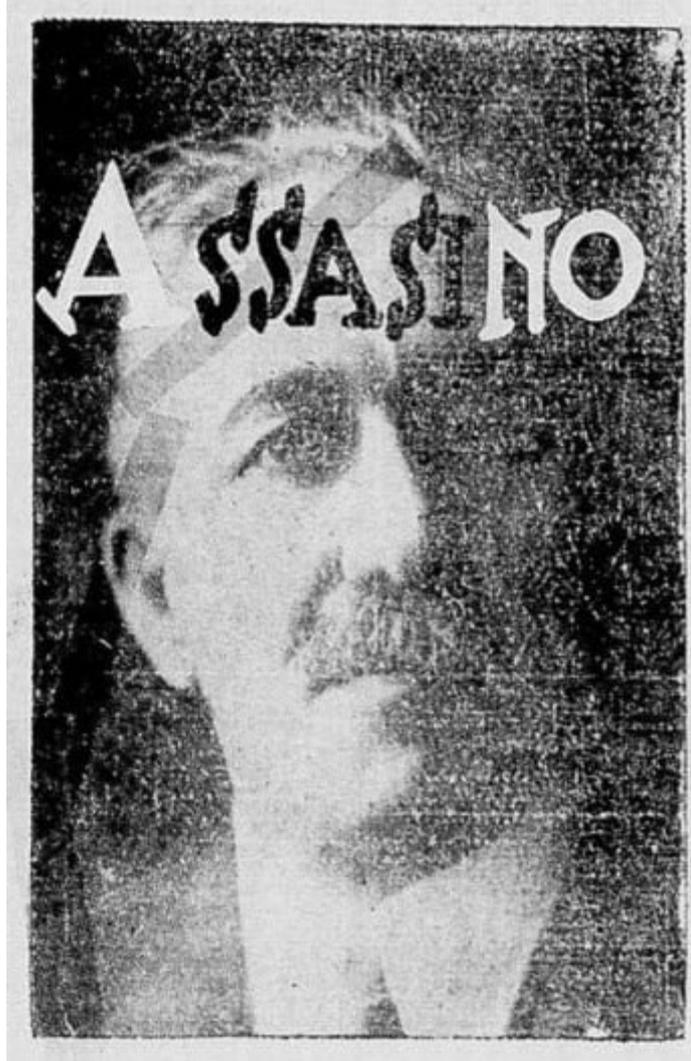
Fonte: CRÍTICA, n. 347, 27 dez. 1929, p. 01.

As manchetes sobre Souza Filho evidenciam também outro ponto importante sobre os jornais da época: o estado dos ânimos políticos. Situação e oposição utilizavam qualquer recurso como método de ataque político ao lado oposto, sem medir esforços. Para a situação, Souza Filho foi um mártir ceifado pelos violentos agitadores da Aliança Liberal. Já para a oposição, foi uma vítima infeliz do estado elevado da violência gerada pelo governo ilegítimo de Washington Luís. À versão histórica, Souza Filho havia tentado apunhalar o filho de seu colega deputado Ildefonso Simões Lopes, que reagiu com dois tiros e foi posteriormente absolvido por legítima defesa (CPDOC, s.d.c). Semelhante ao que ocorreu com Sylvia, a imprensa criou diversas versões, de acordo com a conveniência política do emissor. Não obstante, o caso revela como agressões escalonavam com a ascensão da Aliança Liberal e a divisão social que se seguia.

O assassinato recebe uma declaração do próprio Mário Rodrigues, que dedicou tempo ao caso mesmo seu filho tendo sofrido o atentado no mesmo dia. No artigo, sintomaticamente intitulado “Assassinos!”, não há menção direta a Roberto. Aparecem apenas algumas referências implícitas, mas claras para quem estava ciente do caso, como o próprio título e a frase de abertura “Meu coração de amigo e minha alma de pae sofferam hontem os mais terríveis golpes que já lhes vibrou o destino” (CRÍTICA, 27 dez. 1929, p. 03). Em verdade, sua homenagem para Filho parece ir muito além do deputado, e servir também no ataque contra Serafim, mesmo que nunca mencionada: “Elles querem sangue, sangue, nada mais que sangue” (CRÍTICA, 27 dez. 1929, p. 03). Uma dupla perda para Mário, portanto, senão tripla, já que não conseguiu capitalizar o suficiente em cima do assassinato de Filho a ponto de virar a opinião pública contra a Aliança Liberal — consequência inevitável: o empastelamento do jornal. Ao fim, uma declaração de ironia mórbida, pois Mário acena a Souza Filho não um adeus, mas um “até logo” (CRÍTICA, 27 dez. 1929, p. 03), como se previsse sua morte cerca de dois meses depois.

A narrativa de *Crítica* sobre o assassinato de Souza Filho em muito se aproxima da versão sobre Roberto. Simões Lopes é descrito quase como uma versão masculina de Sylvia Serafim, empregando as mesmas técnicas de apelo ao emocional e sensacional na fusão entre política e polícia. É dito que o parlamentar possuía uma frieza inédita, e que permanecera calmo e cínico após o assassinato, da mesma forma que Serafim o fizera. Indo além, se para *Crítica* (n. 347, 27 dez. 1929, p. 01, 08). Serafim supostamente teria dito que veio à redação matar um Rodrigues e estava satisfeita com Roberto, Simões Lopes seria tão sádico quanto ao declarar: “Eu hoje mato um. Vim para dar o bom exemplo!”. A desumanização do jornal sobre ambos os personagens não conseguiu o efeito de condená-los: ambos foram absolvidos no tribunal do júri. Trazer essas construções estilísticas sobre o assassinato de Souza Filho, bem no mesmo dia do de Roberto, é crucial por iluminar as estratégias do jornal para atacar seus adversários (e simplificar casos complexos por meio de uma dose de maniqueísmo simplista).

Figura 37 - Foto de Simões Lopes veiculada em *Crítica*. A foto apresenta claras semelhanças com a estética que seria empregada sobre Serafim, incluindo a nota diária a chamando de “meretriz assassina”



Fonte: CRÍTICA, 27 dez. 1929.

O fato de os dois atentados terem ocorrido no mesmo dia e em horários próximos não passou despercebido por Nelson. O autor, sempre atento às contradições e mesquinhas dos sentimentos tipicamente humanos, nunca escondeu rancor contra o político morto. Rancor que ele sabia ser absurdo — como poderia um morto escolher a data de seu assassinato? —, mas que a coincidência dos eventos proporcionou. Aquele 26 de dezembro, pensava Nelson (2016, p. 452), tinha que ser exclusivo de Roberto. Souza Filho poderia ter morrido antes ou depois, mas não naquele dia. Como corolário, a marginalização no próprio jornal da notícia do tiro contra o ilustrador. Para o dramaturgo, o universo perdia o sentido com a morte de seu irmão, e o indignava que as pessoas não sentissem a mesma coisa: “Eu queria que, naquele dia, não

acontecesse nada; e que toda a cidade só falasse, e só vivesse a tragédia de Crítica. E a coincidência me deu uma ira impotente e absurda. Eu pensava, secretamente: — por que não matar Sousa Filho na véspera ou dois dias antes, ou no dia seguinte, ou três dias depois?” (RODRIGUES, 2016, p. 452).

Para Nelson, era como se o foco dado sobre Souza Filho tornasse a morte de Roberto menos relevante. Não era possível que as demais pessoas não compartilhassem de sua dor, que a vida seguisse para elas quando a sua havia parado. “Se não fosse o assassinato de Sousa Filho, as manchetes seriam de Roberto” (RODRIGUES, 2016, p. 453). Não era possível que ignorassem o assassinato de seu irmão, pensava ele em um egoísmo autoconsciente. A morte se tornava menos morte pelo ostracismo que seu irmão recebera.

Chateaubriand também não deixa barato. Afirma que o único culpado pela morte de Filho era o presidente da república, Washington Luis, por seu governo inócuo incentivar as manifestações de oposição (O JORNAL, 27 dez. 1929). Da mesma forma que Crítica coloca a responsabilidade sobre a Aliança Liberal, Chatô, que não poderia responsabilizar o próprio morto, tenta utilizar o caso para atingir o presidente. Em suma, o caso Souza Filho tomou a forma de uma peteca, com a responsabilidade empurrada por todos. Os situacionistas exploram o cadáver para fragilizar a Aliança, os opositores tentam não cair na desgraça da opinião pública.

## 6.5 A cobertura do dia seguinte ao tiro em Roberto

cinismo sorridente [...] da vilania da amante de todos os flibusteiros da imprensa dessa terra  
CRÍTICA (n. 347, 27 dez. 1929).

Claro que a edição de 27 de dezembro de 1929 de *Crítica* não foca apenas sobre Souza Filho, mas também já dá início ao processo de sacralização de Roberto, descrito como “Austero nos seus costumes íntimos, já chefe de família, sua vida é um exemplo de circunspeção” (CRÍTICA, n. 347, 27 dez. 1929). A complexidade e as motivações políticas, econômicas, passionais do caso são esvaziadas, ignoradas pela edição, e se cria um jogo de gato e rato, a oposição binária entre o criminoso e a vítima. Ao primeiro, recai toda a maldade do mundo. Ao segundo, o oposto. Pior: por ser mulher, e uma mulher transgressora, Serafim não é apenas assassina, mas é transformada desde o início em uma espécie de prostituta vingativa. A matéria, como o seria dali em diante em diversas outras da *Crítica*, ataca a jornalista com ofensas de cunho sexual, sugerindo constantemente sua suposta promiscuidade.

Ao mesmo tempo em que Roberto é pintado como trabalhador, fiel marido e pai — a despeito de seus adultérios —, Serafim é por contínuo tratada não só como assassina, tanto mais como prostituta. Como destacado no fragmento abaixo:

Como era dos seus hábitos, já às 15 horas da tarde de ontem, Roberto Rodrigues encontrava-se na redação palestrando com vários companheiros. Em dado momento, sem fazer-se anunciar, de maneira insólita e criminosa, **útero dos apaniguados de Assis Chateaubriand, penetra** esta redação e, dirigindo-se ao primeiro que lhe veio ao encontro indaga, em **desembaraço e impolidez**, se o nosso diretor, Dr. Mário Rodrigues, estava presente. Obtendo resposta negativa, isso não a impediu, contudo, de ir até a porta do gabinete da chefia de redação cuja porta **empurrou**, examinando o interior do **apartamento inteiramente vazio e propício**, pois, ao seu plano **sanguinário**. Ato contínuo dirigiu-se ao nosso companheiro Roberto e, sem alteração nenhuma da voz, gesto ou fisionomia, disse-lhe desejar falar-lhe (CRÍTICA, 27 dez. 1919, grifos meus).

O periódico atribui a ela uma racionalidade violenta que, à luz da História, aparece tanto contraditório. Afinal, se o desejo da jornalista era apenas a violência, por que ir ao gabinete e não simplesmente atirar em Roberto e ainda Nelson ali mesmo na redação? Ou projetar cenários possíveis em que pudesse escapar? Por que atirar para baixo, por que dar um tiro apenas? São perguntas que precisam ser levantadas, dado a inexistência de confirmação sobre qual versão estaria mais próxima do real, se a de Serafim ou dos Rodrigues. Uma vez mais, Roberto é descrito como trabalhador, comprometido com a redação, e amado por seus colegas; enquanto Serafim não passa de uma libertina, um “útero dos apaziguados de Assis Chateaubriand”, sugerindo que só obteve sua posição de jornalista por relações com outros jornalistas. Ademais, não há qualquer outra menção historiográfica de que Sylvia teria empurrado a porta do gabinete. Ao contrário, outras narrativas sugerem que Sylvia apenas teria solicitado uma audiência privada com Roberto. Há contradição também nos adjetivos empregados por *Crítica* e por Nelson, em versões posteriores. Na edição de 27 de dezembro, *Crítica* traz Serafim perguntando com “desembaraço e impolidez” por Mário. Na versão de Nelson, Sylvia perguntou de forma acanhada, doce e tímida pelo dono do jornal (LINHA DIRETA, 2007).

As descrições típicas do jornalismo sensacionalista aproximam o leitor do jornal e deslocam a simpatia do consumidor para as vítimas. Pouco importa se são verídicas ou não; o que importa é a construção narrativa dos personagens, como em uma ficção. O “Gentleman” Roberto, que “cortesmente” (CRÍTICA, n. 347, 27 dez. 1929), com “delicadeza” e ingenuamente recebeu a maligna Sylvia, ignorando seus planos nefastos. O binômio, a divisão “nós” e “eles”, *Crítica* e *Diários Associados*, encontra seu ápice nas formas com que o jornal trata Roberto. Não apenas os já descritos adjetivos e advérbios que o sacralizam, mas também

a proximidade com que se referem a “nosso Roberto” (CRÍTICA, 27 dez. 1929). *Crítica* não era a única a praticar isso com o ilustrador, e até o intelectual João de Minas o classificou como “divino Roberto”, ao lamentar sua morte (RODRIGUES, 2017, p. 333). Já para Serafim, o jornal prossegue com as classificações que imputam, ao mesmo tempo, frieza, loucura e libertinagem: “cinismo sorridente [...] da vilania da amante de todos os flibusteiros da imprensa dessa terra” (CRÍTICA, n. 347, 27 dez. 1929).

*Crítica* não traz somente o exagero, mas também a mentira, traçando um Roberto fictício que em nada condiz com o real. Sylvia foi ficcionalizada, sem dúvida, mas Roberto também. Sua boêmia artística é totalmente apagada, e ele se torna um tradicional pai de família, voltado apenas para o trabalho, sua esposa e filhos. “Nunca, ninguém o viu em divertimentos”, diz *Crítica* (27 dez. 1929) de um homem que era *habitué* dos prostíbulos da Lapa. Essa tentativa de retratar Roberto como um trabalhador exemplar é uma construção artificial que visa torná-lo merecedor da simpatia do público. Afinal, vender a sua imagem de sobriedade era fundamental para conquistar a opinião pública para o vindouro processo e para condenar Serafim. Antes do julgamento jurídico tem lugar o julgamento social.

O atentado é “miserável”, perpetrado por uma “vagabunda” (CRÍTICA, 27 dez. 1929). Os adjetivos não são poupados, enquanto Serafim é atacada como “Barregã Sanguinária”, Roberto é tratado como “afetuoso e nobre” (CRÍTICA, 27 dez. 1929). A vítima é santificada de tal forma que Roberto, adúltero, ligado à prostituição, se torna exemplo de integridade amorosa e social, de caráter e até belo, esbelto, “Austero nos seus costumes íntimos”. Apesar de não ter hesitado em atacar Sylvia, seja na promessa não cumprida ou na ofensa, Roberto é “sempre pronto a socorrer, com uma palavra franca e animadora, ou com um gesto positivo de proteção, qualquer criatura que apresentasse injustiçada ou atingida por um desses desastres injustos do destino humano” (CRÍTICA, 27 dez. 1929). Seu caráter ilibado não foi suficiente para poupar Serafim de um desses desastres injustos do destino humano. Tampouco ele ser “incapaz de agredir com gestos ou com palavras, a qualquer pessoa” (CRÍTICA, 27 dez. 1929) não o impediu de atacar Serafim, bem como as diversas outras pessoas que satirizava, criticava ou diminuía com suas caricaturas diárias para o jornal.

## 6.6 A cobertura posterior à morte de Roberto

a negligente mãe de família  
*Crítica* (11 mai. 1930).

Nas matérias sobre Sylvia, além do explícito, também predomina o não-dito, por meio de comparações e associações. “Gentleman” Roberto frequenta a “legítima elite carioca” (CRÍTICA, 27 dez. 1929), ao passo que Serafim, mesmo não escrito com todas as letras, frequenta um grupelho de pedantes que se querem elite intelectual, de progressistas degenerados. A “sensibilidade moral” de Roberto não “se confundiam com as aventuras de bas-bleu, seduzida pelos prazeres mundanos e por uma ridícula atração à vaidade dos círculos literários (CRÍTICA, 11 mai. 1930). Em outros termos: Roberto é pintado como um verdadeiro intelectual, enquanto Serafim, “a negligente mãe de família” (CRÍTICA, 11 mai. 1930), é tão-somente uma pedante disposta a qualquer ação — assassinato incluso — para ver seu nome nas gazetas. Nome nas gazetas que, ignora *Crítica*, foi justamente o responsável pela reação que levou a morte de Roberto.

A contradição óbvia da desumanização do adultério feminino e omissão do adultério masculino é piorada por uma matéria de 15 de maio de 1930, portanto, após o assassinato. O mesmo jornal que fechou os olhos para os casos extraconjugais de Roberto e que atacou Sylvia por sua suposta relação com Abreu, diz que o avanço das pautas femininas fez com que a traição deixasse de ser livre ao homem. Em uma matéria sobre uma mulher que tentara seduzir o marido da vizinha — e que teve os cabelos raspados por consequência —, destacam que “Já se afasta com certa celeridade, o tempo em que, somente entre os homens, havia as lutas pela integridade da moral dos lares. O adultério era facto exclusivamente compreendido como aviltante para os homens” (CRÍTICA, 15 mai. 1930). Além do já dito, o diabo mora nos detalhes: afirmar que somente a infidelidade feminina humilhava os homens e colocava o lar em perigo, enquanto a contraparte masculina era normal.

A posição de *Crítica* é paradoxal. Ao mesmo tempo parecem condenar qualquer tipo de adultério, mas fica claro que colocam maior peso sobre a infidelidade feminina, a única que se referem como capaz de manchar e destruir um lar. O exemplar “‘Mussolinico’ do sexo barbado” que trai é indigno, a mulher que trai é “infame” (CRÍTICA 15 mai. 1930). Chegam a afirmar que não era injusto, mas não era equilibrado: “Ora, se tal estado de coisas não era tão injusto como parece, à primeira vista, afigurava-se, pelo menos, pouco equitativo” (CRÍTICA, 15 mai. 1930). Para mais, esses elementos também revelam uma estratégia retórica que *Crítica* empregava em quase todas as suas matérias e artigos: iniciar com uma discussão social, para apenas depois apresentar a notícia e o caso do dia. Isso tudo, sempre com suas ilustrações paradigmáticas:

Figura 38 - Fragmento da matéria sobre a tentativa da vizinha em seduzir o marido da amiga

**Queria Apoderar-se do Marido da Vizinha, Mas Esta Defendeu-se Com Unhas e... Tesouras**

*A Victima Despojada de Seus Cabellos, Desistiu, Pelo Menos Provisoriamente, Das Conquistas Amorosas*

"Le-monde marche" e o feminismo avança, não há dúvida...

Já se afasta com certa celeridade, o tempo em que, somente entre os homens, havia as lutas pela integridade da moral dos lares. O adultério era feito exclusivamente compreendido e com o vilante para os homens.

Uma esposa que tergiversasse, bem que apenas no instante às pequeninas conveniências do estado civil, era apontada como infame, repudiada pela sociedade e, ali, difamada com os invariáveis exaggeros dos marmuradores.

Em contraposição, o homem, espécimen "Mussolinico" do sexo barbado, sempre se atribuiu o direito de desrespeitar impunemente os seus compromissos, no lar.

E, se algum dia sonhava que sua esposa recebera o cumprimento ou o galanteio de um estranho, passava logo, qual Otelo de calças largas e bengalia de junco, a esbaçar o plino tétrico da próxima archi-tragédia.

Ora, se tal estado de coisas não era tão injusto como parece, à primeira vista, afigurava-se, pelo menos, pouco equitativo.

A mulher, trahida pelo marido, só tinha um recurso que, entretanto, não deixava de ser muitíssimo perigoso: — crabil-o, também.

As reivindicações do feminismo, "malgré tout", vieram dar uma nova feição a este problema transcendental do "home".

Hoje, a mulher tem os mesmos direitos no chamado "estrillo".

Pelo menos foi o que provou hontem Mme. Lima, senhora que não está, pasitiva-



Fonte: CRÍTICA, 15 mai. 1930.

Sobra também para Chateaubriand. Alvo inicial, não poderia ficar de fora. Ao argumentarem que há uma inversão em curso — a publicação da matéria ser tratada como crime maior do que o assassinato cometido pela 'vagabunda', a divulgação ser pior do que o crime —, classificam Chatô de “pasquineiro” e “sicários liberalescos”, este último com ligação direta às pautas políticas do periódico (CRÍTICA, 27 dez. 1929). Um dos jornais de

Chateaubriand chegou a dar Roberto como morto logo após o atentado, antecipando em três dias o seu falecimento, “num requinte de infâmia” (CRÍTICA, 27 dez. 1929).

O apelo à opinião pública é implacável, para além da santificação de Roberto, mas também na demonização de Sylvia. Seu crime não é apresentado como um atentado individual direcionado a uma família específica, mas como algo que afetou toda a nação. Tenta-se fazer de Roberto uma representação de todos os pais de família, vitimados pela obsessão egoísta de uma feminista. O ataque a Roberto, sugerem, é um ataque a toda a estrutura familiar brasileira.

Aliás, impressiona a quantidade de sinônimos que empregam para denotar prostituição, isso apenas no dia 27: prostituta, rameira, barregã, vagabunda, rebombeira, biraia oxygenada, marafona, fúa, rulaia, croia, horizontal, adúltera e insolente. Em outros dias, o repertório aumenta: mundana, Fogosa Literata, matadora fria (CRÍTICA, 15 mai. 1930). Sempre adjetivos sexuais, atacando Serafim por meio de seu gênero. Como assassina (e literata), Serafim era tudo, menos uma mulher. Jamais poderia ser equiparada “às virtuosas damas de nossa sociedade” (CRÍTICA, 26 ago. 1930). Não dá para dizer que eles não eram criativos ou mesmo sofisticados, já que a chamam até de Phrynéa de Sargeta, referencia à cortesã grega, mas destituída do luxo. Morena, Sylvia pintava o cabelo de loiro, o que foi suficiente para clamarem que se até seu cabelo era falso, como qualquer coisa nela poderia ser verdadeira?

Também confirmam que a Barregã de Pernas Raspadas pelo Dr. Manoel de Abreu esteve na redação na noite do Natal para solicitar que a matéria não fosse publicada, embora nomeiem o jornalista que a acompanhou, como não poderia deixar de ser, de seu amante. Além disso, a construção frasal, aliado com as palavras que empregam, passa a impressão ao leitor de que Serafim entrou na redação atirando, sem qualquer espaço para reflexão ou ponderação, já resoluto em seu ímpeto assassino. Não há espaço de tempo entre as ações, como para intensificar a culpa da “sanguinária cadella” com o seu “revoltante cynismo”, desvairada que não hesita em ceifar uma vida.

É nesta edição que aparece pela primeira vez a suposta declaração de Sylvia, “Nada mais quero fazer. Eu queria matar Mário Rodrigues ou um dos seus filhos!” (CRÍTICA, 27 dez. 1929), imortalizada posteriormente por Nelson, e que nunca constou em nenhuma outra fonte além de *Crítica*. Uma declaração com a verve de Nelson, que poderia facilmente estar em uma de suas obras, uma espécie de Nelson antes de Nelson. Ou melhor, toda a narrativa da edição antecipa a mesma verve melodramática de suas peças, com descrições que em nada devem a *Vestido de noiva*. “E deixou cair a arma, saciada no seu instinto de degradação

physica e moral”, diz *Crítica* (27 dez. 1929), o que poderia (e seria) ter sido dito por Nelson Rodrigues.

A menção a Roberto a chamando de “rameira” também aparece em *Crítica*, mas como negação do jornal, que alega que Roberto jamais usaria essa expressão (não sem ressaltar que, tivesse o feito, seria pouco para o que ela de fato era). Por outro lado, o jornal insiste que Serafim era, sim, rameira, mesmo que Roberto fosse por demasiado fino para empregar este termo. E o pior tipo de rameira: a que não é apenas prostituta, mas que contamina e corrompe famílias inteiras, rameira dedicada a pautas políticas e sociais perigosas, rameira “das mais infectas, porque, em lugar de viver no Canal do Mangue, sob a vigilância da polícia, infama a sociedade carioca, vivendo no meio das famílias, espalhando a syphilis e a depravação!” (CRÍTICA, 27 dez. 1929). Uma verdadeira “depravada sem matrículas nas delegacias” (CRÍTICA, 27 dez. 1929)

Como se pode confirmar, parcimônia não era exatamente característica de *Crítica*. Tampouco sutileza. Reciclam figuras clássicas de desumanização feminina, para além do monstruoso, como a de histeria. Inevitável que aparecesse menção a histeria, que Serafim fosse tratada como histérica, com todas as letras. Afora todas as figuras, epítetos e adjetivos que recebe, a imagem da histérica, da louca que precisaria ser internada. Prostituta de sarjeta, destruidora de lares e famílias, mas também insana: “Uma prostituta vulgar, num assomo de histerismo incontido e ardendo no desejo de se exaltar como figura de romance” (CRÍTICA, 27 dez. 1929). Ou, em outra passagem, “Sylvia Seraphim, a hysterica e sanguinária mulher que tingiu de ignomia o lar do seu esposo e de sangue a nossa tenda de trabalho” e “Alma de víbora, sacudida pelas vibrações de um histerismo intenso” (CRÍTICA, 27 dez. 1929).

Tabela 1 - Alguns dos apelidos que *Crítica* deu para Sylvia Serafim

Apelido
Prostituta
Rameira
Barregã
Vagabunda
Rebombeira
Biraia Oxygenada
Marafona

Fúá
Rulaia
Croia
Horizontal
Adúltera
Insolente
Mundana
Fogosa Literata
Matadora Fria
Phrynéa de Sargeta
Barregã de Pernas Raspadas pelo Dr. Manoel de Abreu
Sanguinária Cadella
Cadela das Pernas Felpudas
Literata do Mangue
Mocinha de Todos de Petrópolis
Hysterica e Sanguinária Mulher
Prostituta Vulgar

Fonte: elaborado pelo autor, com base nas publicações de *Crítica*

Se alguns pontos são contraditórios, outros adulteram a verdade sem disfarçar. Dizem, por exemplo, que deram a oportunidade de defesa a Sylvia e a receberam na redação na noite do Natal, quando na verdade foi ela quem, indignada, foi lá requisitar a não publicação da fofoca. Pedido negado, ela teria até mesmo “confessado” a traição e ameaçado de morte os jornalistas e a si mesma: “Os senhores não de se arrepender. Eu sou muito capaz de fazer uma desgraça e, em último caso, matar-me!” (CRÍTICA, 27 dez. 1929). Ou seja, *Crítica*, por toda a matéria, desloca para si e para Roberto uma passividade inverossímil, como unicamente vítimas, sem razão, sem precedentes, de uma violência desmedida.

Figura 39 - Foto de Roberto Rodrigues, veiculada no dia seguinte ao atentado



Fonte: CRÍTICA, 27 dez. 1929.

A Serafim de *Crítica* não foi uma mulher levada ao limite por uma *fake news* da época, que a atacava enquanto mulher e enquanto jornalista, mas uma assassina desatinada que calculou tudo desde o princípio. Para eles, ela já havia premeditado a morte de Roberto desde o momento em que soube da matéria, planejando suas ações em seu covil depravado: “o lar que já havia manchado, aonde se recolheu para melhor preparar o traiçoeiro crime. [...] Ella architectou durante toda a noite a vingança torpe” (CRÍTICA, 27 dez. 1929).

Na narrativa do jornal, ela já teria praticamente entrado atirando, sem qualquer conversa com Roberto, e ainda teria tentado atirar mais vezes enquanto o ilustrador agonizava, apenas impedida por um *deus ex machina*: “Mas a meretriz não deu tempo. Trazia o crime premeditado. Queria matar. [...] Roberto nada percebera. De repente, erguendo-se, a prostituta fez pontaria e deu ao gatilho. [...] Sylvia, arma em punho, ainda tentava alvejar Roberto, quando foi presa em flagrante pelo investigador Garcia” (CRÍTICA, 27 DEZ. 1929).

Beira uma cena de romances ou filmes policiais, com um detetive desarmando a *femme fatale* no momento-chave, antes que pudesse concluir o delito.

Impressiona como a versão de *Crítica* foi canonizada sem questionamento. Serafim, também conhecida como “amante de todos os flibusteiros de imprensa desta terra”, é descrita como tendo chegado para depor “sorridente”, com “fúria uterina de prostituta de esquiva” e com “belleza diabólica” (CRÍTICA, 27 dez. 1929). O exagero e as distorções são levadas ao paroxismo, sem qualquer mínimo disfarce de imparcialidade. Não há como a opinião pública não se colocar ao lado da vítima de tamanho monstro, cínico, capaz de ceifar um homem como a uma mosca. Ao mesmo tempo, Roberto a havia recebido “fidalgamente”, levando ao “delicto covarde” (CRÍTICA, 27 dez. 1929).

Qualquer homem que a amparasse era classificado como seu amante. Óbvio que uma mulher não poderia ter amigos ou conhecidos, apenas amantes, ainda mais ela sendo uma “Mulher Barata”. Quando prestava depoimento, madame Thibau mal deu atenção ao seu ex-marido, focada apenas em sua coleção de homens. Oportunidade perfeita para atacar não somente a “traíçoeira e fogosa belletrista”, como também outros jornalistas e profissionais da imprensa. Um dos colegas dela teria beijado “as mãos da sua collega e esta correspondeu com as mesmas demonstrações de grande intimidade. Não sabemos como não se beijaram mais intimamente...” (CRÍTICA, 27 dez. 1929). Serafim, “Esgôto da Ala Fresca” era “caso typico de vaidade mórbida” (CRÍTICA, 27 dez. 1929), o que explica o prazer que sentia em manter seu harém masculino. A “Petite Source dos Bandalhos” é tão sexualizada, que o jornal descreve seu depoimento como se fosse uma orgia, em que aqueles que os apoiavam não disfarçavam as intenções eróticas, “mal contendo os instintos, nos affagos carnaes, ali mesmo deante da autoridade policial” (CRÍTICA, 27 dez. 1929).

Até mesmo as notas diárias — que, como já dito, se mantiveram por 267 dias — recriam uma imagem contraditória que mescla certo horror e admiração. Ao mesmo tempo em que a chamam de “meretriz assassina”, classificam sua foto como “proibitivamente linda e sorridente” (VALOR, 2011). Ou seja, a beleza de Serafim era proibitiva, inspirava delitos por si só, desvirtuava homens do caminho correto. Não falha em reinventar o clichê da sereia, atraindo homens com seu canto. Essa caracterização de Serafim como uma figura irresistivelmente bela, porém perigosa, ecoa velhas narrativas sobre a tentação feminina e o perigo da sedução. Em simultâneo à exaltação de sua beleza, é associada a um elemento de perigo e desvio moral.

Outra personalidade que aparece como seu suposto amante é Gustavo Barroso (CRÍTICA, 11 mai. 1930). Por ser um nome relativamente comum, não há como se ter certeza

se o indivíduo a quem *Crítica* trata como amante de Serafim seja o futuro líder integralista, mas os dados colhidos indicam positivamente. O jornal refere-se a ele como jornalista, o que de fato era. Barroso colaborou e até editou diversos veículos em que Serafim também colaborou, como *Fon-Fon*, o que reforça a possibilidade de ser ele. Um tanto irônico, considerando as posições socialistas e feministas da jornalista, e a corrente antissemita e próxima ao Nazismo que Barroso desenvolveria no Integralismo. Independente disso, o jornalista, escritor e político já era um intelectual de renome na época, diretor do Museu Histórico Nacional.

Por ironia, tentam apelar a favor de Ernesto Thibau, clamando que sua honra estava intacta a despeito de sua ex-esposa. Clamam que ela seria indigna do nome dele (por isso a chamam, todo o tempo, de ex-Thibau), sem nome ou identidade própria, com prevaricação comprovada, e culpada de “crime contra o lar” (CRÍTICA, 27 dez. 1929). Mas saiu pela culatra: Thibau nunca atacou sua ex-esposa, pelo contrário, a defendeu até o final, inclusive no tribunal. Apostaram suas fichas que ele iria aderir a campanha contra Serafim, e perderam o jogo quando o apoio de Thibau se mostrou essencial na absolvição de Sylvia.

O apelo ao sexual é onipresente, conforme a “despresível meretriz” é descrita como uma espécie de sereia, eroticizada ao limite, capaz de seduzir, encantar e utilizar uma legião de homens transformados em amantes.

Envolta em um 'peignoir' de seda, pernas apoiadas em um banco, deixando ver até as coxas, braços nus, seios mal velados, Sylvia Serafim, recostada negligentemente em sua "chaise-longue" palestrava, mãos dadas, com um de seus amantes. Junto, em uma mesa, via-se uma caixa de bon-bons, entre-aberta, trazida momentos antes pelo cavalheiro que a visitava. De quando em vez, a assassina saboreava um bon-bon, com poses estudadas de meretriz. Este quadro significativo de sua falta de moralidade (CRÍTICA, 15 mai. 1930).

Essa Mata Hari carioca os privaria de seus sentidos, tornando-os autômatos sem livre-arbítrio, controlados por suas curvas. Serafim é uma negação na maternidade, mas um prodígio na sedução. “Não soube ser esposa nem mãe”, falhando enquanto mulher, no único papel que *Crítica* (13 mai. 1930) atribui ao sexo feminino. Dedicada apenas aos prazeres da carne, pelos quais abandonou seus filhos em função de seus amantes da imprensa. Com essas companhias, era de se esperar que ela se tornasse um mau-caráter, “soube ser sanguinária até à ferocidade e licenciosa ao impudor mais depravado” (CRÍTICA, 13 mai. 1930). Eles próprios aparentam seduzidos, dado que, mesmo com todas as ofensas, defendem a beleza de Serafim em repetidas oportunidades e nunca atacam a sua aparência física. Uma beleza, portanto, que produz paradoxal sentimento de fascínio e horror.

*Crítica* (26 ago. 1930) projeta um ataque ampliado. Ao matar Roberto, não foi só o ilustrador a ser atacado, mas a saúde da família brasileira, como dizem com todas as palavras. Em seu apelo às instituições conservadoras clássicas — família, maternidade, matrimônio, religião —, a bala que feriu Roberto também feriu a integridade das tradições brasileiras. Ainda fazem um trocadilho com *Petite Source*, chamando-a de “fonte ingente de desgraças”, sem qualquer respeito pela moralidade cristã (CRÍTICA, 26 ago. 1930)

As matérias veiculadas sobre a teórica vida noturna de Serafim revelam uma dicotomia de gênero profundamente enraizada. O jornal lança mão de tropos e imagens tipicamente identificadas com o erotismo, como a madrugada: “foi vista, quase à madrugada, na rua 7 de Setembro” (CRÍTICA, 11 mai. 1930). Uma mulher que se preze não apenas não se relacionaria — e não importa o tipo de relação — com homens da imprensa ou da literatura, como também não freqüentaria saraus, festas e restaurantes noturnos. A boêmia masculina é glorificada, enquanto qualquer traço de boêmia na mulher é estigmatizado e associado à prostituição. No entanto, *Crítica* (11 mai. 1930), tão benevolentes, somente levantam a teórica vida noturna de Serafim, “criminosa vulgar” por prezar por sua “integridade physica”, já que sair à noite a colocaria em risco. No mínimo demagógico para um jornal cujo um dos irmãos andava armado para caso a encontrasse na rua (CASTRO, 1992).

Tudo tem início com um de seus amantes, o Dr. Manuel de Abreu, que por acidente queimou seu instrumento de trabalho: as pernas. Como rogo a seu público conservador, *Crítica* não tem qualquer pudor em ir além simplesmente da utilização retórica de prostituição como ofensa, mas se refere a Serafim como se ela fosse, com efeito, uma prostituta. Para condenar antes da condenação, nada mais útil do que conquistar a simpatia de seu público contra uma mulher que escrevia, que defendia as causas vis do feminismo e, como a realidade não era suficiente, ainda vendia seu corpo. Impressiona que o jornal parece mesmo acreditar em sua própria narrativa, chegando ao cúmulo de anunciar que “a Homicida de 26 de Dezembro” se vendia por cinquenta contos (CRÍTICA, 11 mai. 1930).

As pernas de Serafim, metáfora por excelência do órgão genital feminino, recebem uma seção inteira da matéria do dia 27. Ela teria queimado as pernas não por sua tentativa de depilação — ou de tratamento das varizes, as suas “secretas enfermidades” —, mas por sua “profissão” de meretriz: “os membros polluidos pelo contacto de centenas de homens” (CRÍTICA, 27 dez. 1929). Sem respaldo em qualquer outro documento histórico, testemunha ou depoimento, chegam a declarar que, a partir da queimadura, Serafim teria tentado extorquir Abreu, exigindo valor monetário de reparação “Como era natural, uma vez que se achava ella

prejudicada naquilo que vivia, — as imediações das partes genitais, protestou e tentou acclonar o causador da enfermidade” (CRÍTICA, 27 dez. 1929).

Tudo isso teria levado Thibau ao limite, estimulando o desquite. Incoerência com a matéria do dia anterior — que gerou o desastre —, que não mencionava qualquer um desses dados, não se referia a Serafim como cortesã, e tratava a relação entre Serafim e Abreu de forma mais passional do que profissional, mais como um *affair* do que como serviço de prostituição. De uma hora para a outra Serafim deixou de ser uma espécie de madame Bovary carioca para transformar-se em Lucíola, uma “hetaira que busca na literatura um derivativo para as suas aberrações, impellida pelos instintos” (CRÍTICA, 13 mai. 1930).

*Crítica* descreveu em profundidade todas as etapas e dias do julgamento, atento aos detalhes. Como dito, ao mesmo tempo demoniza e sexualiza Serafim, incorrendo ao binômio do erótico monstruoso. Por exemplo, no segundo dia de julgamento, a edição destaca sua indumentária, um vestido azul de seda e um chapéu negro, que ocupava quase toda a sua cabeça exceto por madeixas louras: “O decote triangular do traje deixava descoberto o colo, cintilando no vértice um rico pendantif. Por vezes sorria, revelando uma insensibilidade nunca vista”.

Incapazes de atacar a feminilidade ou aparência física de Sylvia, como seria o caminho mais fácil, apelam contra o seu público. Também fica claro no fragmento destacado sobre Amado o apelo não somente aos clichês negativos sobre o feminismo, mas também sobre o feminino. Se concordavam em exaltar a beleza de Serafim — e, por isso, se contentavam em atacar a aparência de suas apoiadoras —, não hesitavam em lançar mão da ideia de que ela havia abandonado os papéis tradicionais femininos como mãe e esposa. A declaração de Escosteguy (2010, p. 40) sintetiza exatamente este ponto: “Junto à mulher como objeto sexual, estava a mulher como mãe e dona-de-casa, que nós entendíamos ser a imagem básica e determinante nos meios de comunicação”. A cultura elitista, da qual esses jornais fazem parte — basta lembrar o contexto de analfabetismo majoritário da época —, reforçam a imagem arraigada no imaginário do papel da mulher apenas como sexual (daí a exaltação à sua aparência e a menção, por exemplo, ao seu decote) ou como “anjo do lar”. Assim, Serafim torna-se uma *femme fatale*, absorvendo outro clichê do imaginário cultural repetido nos meios de comunicação.

A estética da violência é elevada ao paroxismo no jornalismo de sensações sobre o assassinato de Roberto. As descrições borram as fronteiras já indefinidas entre jornalismo e ficção, construindo a narrativa como uma história criminal. A mesma estética que determina o interesse constante em prosas criminais ou policiais, no *True Crime* e no *New Journalism*,

atinge em cheio o leitor do jornalismo de sensações, que acompanha a trama como a um romance. A narrativa das emoções quebra a normalidade da realidade urbana liberal, construindo um universo extraordinário de heróis e vilões, ao mesmo tempo tão próximo e tão distante. Como ressalta Marialva Barbosa (2007, p. 68-69), emulando um narrador onisciente em terceira pessoa de uma prosa de ficção, *Crítica* constrói cenários, acontecimentos e personagens, determinando como fato elementos impossíveis de confirmação: “a sua função de narrador privilegiado dá ao repórter a prerrogativa de se constituir como ser onipresente, capaz de visualizar o que se passara num cômodo no qual apenas a vítima e a criminosa estiveram presentes”.

Como foi dito, Roberto supostamente teria prometido a não publicação da matéria, após Serafim tê-lo procurado na noite anterior. Ainda que essa questão também seja contestada, *Crítica* traz que Roberto, um “Gentleman”, “encantador” (*CRÍTICA*, 11 mai. 1930), delicadamente explicou a função jornalística do periódico, sua necessidade de trazer notícias de interesse à população, como um desquite. A “meretriz”, por sua vez, não apenas “trazia o crime premeditado. Queria matar” (*CRÍTICA*, n. 347, 27 dez. 1929), como agiu como uma criança mimada, protestando “asperamente a reportagem que ontem foi publicada sobre o seu desquite”. Atribui-se uma nova característica a Serafim, portanto. Não apenas já pintada como insana, fria, promíscua, mas agora também como uma criança irritada. Paradoxalmente, Serafim, na versão de *Crítica*, agia como uma criança emotiva, irritada com um jornal que apenas fazia seu trabalho de noticiar fatos relevantes, em simultâneo ao que premeditava racionalmente e com frieza o seu crime. Uma personagem paradoxal, misturando o auge da razão e da emoção. Em mais uma oportunidade, inclusive, uma contradição da matéria do dia com versões posteriores do próprio Nelson: segundo *Crítica* (27 dez. 1929), ela teria tentado atirar novamente em Roberto, já caído, enquanto a versão canonizada conta que ela permaneceu paralisada após o tiro na barriga, sem esboçar reação (*LINHA DIRETA*, 2007).

A forma com que se referem à ida à redação é muito mais intensa do que ocorreu. Para o veículo, ela teria entrado agressivamente, quando na verdade entrou perguntando por Mário. Entra em contradição, já que em outras partes trata que ela teria agido calmamente e com frieza, ao mesmo tempo em que descreve um rampante agressivo. O Útero dos Apaniguados de Assis Chateaubriand teria até empurrado violentamente a porta, algo que não aparece mencionado em nenhum outro lugar além da matéria do dia seguinte de *Crítica*.

Figura 40 - Foto de Sylvia Serafim veiculada no dia seguinte ao assassinato



Fonte: CRÍTICA, 27 dez. 1929.

Outrossim, considerando tudo o que foi exposto neste trabalho, evidencia-se o exagero de *Crítica* em diversas matérias e artigos. Por certo não há qualquer pretensão de imparcialidade — algo que nunca fora característico do jornal, ainda mais sobre um caso que o atingiu diretamente —, mas a hipérbole é evidente, ainda mais quando vista à luz da História. Todas as complicações são ignoradas, e o assassinato de Roberto é reduzido a um crime gratuito, como se Serafim matasse pela diversão. Não à toa o classificam de “um dos mais perversos crimes registrados nos últimos tempos” (CRÍTICA, 16 mai. 1930). Por si só, essa declaração já transparece o excesso. Ressaltemos que eles não especificam o local ou a época, de modo que aparenta que o crime foi um dos mais violentos do planeta. Difícil de crer que um tiro para baixo, na barriga, seja o mais perverso.

Em mais de uma passagem desta tese lembramos que *Crítica* tinha forte preocupação e foco na política, se colocando desde o princípio contra a Aliança Liberal e a Revolução de 30 que terminaria por vitimá-la. Sendo Serafim, *O Jornal* e Chateaubriand partidários da Aliança, nada mais natural, considerando o caráter ficcional e sensacionalista do veículo, que elaborassem também uma teoria da conspiração. Há pouco foram apontadas algumas das distorções propositais que o veículo empreendeu, mentindo conforme a conveniência em diversos trechos — desde a profissão de Sylvia, até a visita na noite do Natal, passando ainda pela ideia de que o assassinato fora premeditado, calculado com amplo tempo de antecedência, e colaborado por cúmplices. De forma igual, não tiveram pudor em tecer uma conspiração assumindo que o atentado fora, na verdade, um complô arquitetado pela Aliança, junto de diversos jornais rivais, contra Mário Rodrigues. A ideia era absurda e logo foi abandonada nas edições seguintes, mas naquele momento valia qualquer ação para atingir os adversários:

Correm versões acerca de um 'complot' contra a vida do nosso chefe, Mário Rodrigues, o qual teria sido concertado nas redacções dos jornaes liberaes o "O Jornal" e o "Diário da Noite", entre os directores e secretários daquellas folhas, Assis Chateaubriand, Cumplido Sant'Anna e um dos Figueiredo Pimentel, este amante da criminosa. E, ainda mais, que Sylvia Thibau houvesse recebido insinuações daquelles jornalistas, que a animaram a vir tomar desforço pessoal com o nosso director, chegando os mesmos a industriá-la de como proceder neste attentado. Desta forma, além de satisfazer-lhes as exigências caprinas, a meretriz Sylvia servil-os-ia em seus desígnios de vingdieta e ódio cobardes. Que miseráveis, os flibusteiros da imprensa liberal! (CRÍTICA, 27 dez. 1929).

Beira o absurdo a diferença de tratamento que os casos de Roberto Rodrigues ou Souza Filho recebem sobre outros assassinatos. Mencionado brevemente alguns parágrafos acima, *Crítica* de 01 de fevereiro de 1929 trata, além dos habituais ataques contra Serafim, de um infanticídio seguido por suicídio. Uma mulher abandonada pelo marido matou seu filho e logo em seguida suicidou-se. Diferente de Serafim, esta mulher recebe complacência e piedade do jornal, apesar de seu crime. Ela é retratada como o epítome do desespero, uma alma atormentada levada ao limite. O tom com que denunciam o assassinato soa como piedade, como indulgência: “Ninguém tem o direito de matar, mórmente o próprio filho. Entretanto, deve-se perdoar esta mãe infeliz e amargurada. Ella matou em um instante de desvario. Ella matou para poupar à creancinha, fructo de seus amores, um futuro incerto. Ella matou porque amava muito” (CRÍTICA, 01 fev. 1930). Uma clemência que nunca demonstraram com Sylvia, mesmo antes do assassinato.

A ironia sobre a matéria é gritante. Parece escrito por outro jornal, e não pelo mesmo que rejeitava de Sylvia qualquer desvario pela violência psicológica que sofrera. Isso sem mencionar a reafirmação do óbvio — ninguém tem o direito de matar —, que faria Nelson Rodrigues suicidar-se de desgosto.

No entanto, faça-se justiça, Serafim realmente publicou, ao fim de abril de 1930, um artigo intitulado *Direito de matar*, na Gazeta de S.Paulo. *Crítica* não deixa esquecer, acusando a escritora de deboche (CRÍTICA, 11 mai. 1930). Apesar do título infeliz, na verdade, ao contrário de um libelo contra si, o artigo não trazia nada muito além do que já foi analisado nesta tese sobre a versão dada pela escritora. O “direito de matar” a que se refere significa o direito de autodefesa quando sob ameaça física, quando em casos de violência psicológica como a que sofreu. Longe de um deboche gratuito, trata-se de um artigo em favor da legítima defesa.

Outro ponto que merece atenção é a utilização de uma linguagem literária, quase poética, que permeia os textos da *Crítica*, especialmente nesta matéria em questão. O estilo jornalístico adotado distingue-se consideravelmente da objetividade prevalente nos dias atuais. Ao invés de comunicar simplesmente a morte da mãe, o jornal opta por uma expressão mais elaborada: “E, pouco tempo depois, mãe e filho eram cadáveres” (CRÍTICA, 01 fev. 1929). Expressões como “fructo de seus amores” adicionam uma camada poética, conferindo à narrativa uma dimensão emocional e estilizada. Os personagens são tratados como se estivessem em uma obra de ficção, com nuances emotivas e consequências psicológicas, divergindo do automatismo do jornalismo objetivo. Esse fenômeno reforça a já mencionada proximidade entre literatura e jornalismo, destacando a influência recíproca entre esses campos aparentemente distintos.

Não seria exclusivo do dia 27 a insistência na sexualização de Serafim, e de que seu processo estava contaminado por sua hipotética depravação. Enquanto aguardava julgamento, a intelectual foi internada na Casa de Saúde Dr. Oliveira Motta para tratamento de varizes (embora *Crítica* tenha veiculado, na época, que se tratava de um apêndice). Indo atrás, *Crítica* forjou a internação de um jornalista para investigá-la. Segundo relataram em diversas edições ao longo de maio de 1930, “de maneira insophismável” (CRÍTICA, 13 mai. 1930, p. 01), Serafim havia forjado a cirurgia para poder gozar de semiliberdade em companhia de seus clientes e inúmeros amantes, transformando o quarto em que estava internada em um verdadeiro prostíbulo. Sempre acenando para seu público conservador, tamanha libertinagem era uma “affronta à sociedade brasileira” (manchete que se repete em diversas oportunidades ao longo de maio) (CRÍTICA, 11 mai. 1930, p. 01; CRÍTICA, 15 mai. 1930, p. 01).

A imagem que descrevem é dantesca. Não satisfeita com seus inúmeros amantes, e em ter transformado em bordel seu quarto na Casa de Saúde, Serafim exhibe-se e posa nua na sacada para transeuntes e clientes de um café. Não obstante, deixa a porta de seu quarto aberta para a transição de seus homens, sem qualquer pudor. Igualmente nua, anda pelos aposentos vizinhos e pelos corredores, atentando contra a moral e os bons costumes. Suas portas são cerradas apenas para o ato, com “alguns cavalheiros de sua predilecção” (CRÍTICA, 13 mai. 1930). Realmente, o que dizer dela, exceto que era uma “gata manhosa num borrarho de sêda e oiro” (CRÍTICA, 13 mai. 1930, p. 01)?

Consoante o jornal, Serafim teria utilizado o dinheiro de Chateaubriand para subornar os médicos, forjar sua doença e conseguir a internação, onde conseguiria tratamento especial e acesso livre aos seus “amantes”. Da mesma forma, em um futuro próximo iriam acusá-la de ter repetido essa ação com o júri para absolvê-la, subornando-os não apenas por meio do dinheiro, mas também por meio do sexo. Por mais que não apresentem nenhuma prova palpável dessa alegada ação, iniciam a manchete do dia 16 de maio de 1930 declarando que “Está plenamente provado que os médicos assistentes de Sylvia Serafim mentiram a fé do seu grau” (CRÍTICA, 16 mai. 1930). Outra vez apelando para a autoridade de *A Noite*, se apoiam em uma reportagem do vespertino que também apontava suas presumidas saídas “para entregar-se a passeios e pandegas nocturnas com rapazes de imprensa” (CRÍTICA, 16 mai. 1930).

Para *Crítica*, Serafim só não fugiu da justiça porque não quis, já que estava acomodada em um aposento com janela aberta para o jardim, sem vigia. A imagem que trazem é paradoxal. Ao mesmo tempo em que demonstram certeza de que ela será condenada culpada, retratam uma feiticeira que praticamente tem certeza de sua absolvição e impunidade. As contradições e exageros nas descrições de suas supostas saídas noturnas aparecem na própria afirmação de que “Ella ainda não fugiu á acção da Justiça porque ainda não lhe aprouve” (CRÍTICA, 16 mai. 1930). Ora, se ela teve oportunidade de fugir impune, sem sofrer consequências com isso, por que escolher o julgamento? Essa dualidade na caracterização de Serafim revela não apenas as incertezas e especulações que cercam o caso, mas também as narrativas sensacionalistas e contraditórias perpetuadas por *Crítica* (e, em menor grau, pela mídia da época em geral).

Entretanto, tamanho exagero parece bastante improvável. A opinião pública sobre Serafim estava longe de ser unânime, sem mencionar que Chateaubriand era tão poderoso quanto os Rodrigues. Imagine a quantidade de pessoas que seria preciso subornar, a quantidade de dinheiro necessária apenas para sustentar luxos e extravagâncias sexuais de

uma escritora. O poder que *Crítica* atribui a Serafim faz parecer que se trata de uma Primeira-Dama, não apenas uma escritora feminista, posição que, por certo, não era exatamente sinônimo de popularidade. As “provas” que o jornal promete não passam de ilustrações e supostos testemunhos de funcionários ligados ao veículo.

Além das acusações sexuais, Serafim é imputada até pelo crime de ir ao cinema, supostamente flagrada no Cine Odeon com um de seus incontáveis amantes (CRÍTICA, 16 mai. 1930). Temos, nisso, tripla acusação: ludibriar a justiça e forjar uma doença, prostituição, e simpatia para com as artes e o cinema. Não é à toa que evocam com frequência a imagem das artes, dado a importância que o tropo da mulher artística assume para o processo de desumanização. Uma grande linha reta: a arte leva à prostituição, que por sua vez leva ao assassinato. Serafim, monstruosa por excelência.

As repetidas menções que *Crítica* faz de *A Noite* não são ao acaso. Ao contrário, revelam uma estratégia simples, mas eficaz: mostrar aos leitores que não estão sozinhos no ataque contra a “criminoso”, “D. Sylvia” (CRÍTICA, 16 mai. 1930). Na verdade, não termina nisso. Já foi reiterado que *A Noite* era um dos maiores jornais do Rio na época, de modo que referenciá-los (e reverenciá-los) concede sobremaneira um caráter de autoridade sobre as acusações. Sylvia deve ser mesmo culpada, pensa o público, se dois dos maiores jornais estão contra ela. A ofensa não é somente à *Crítica* (16 mai. 1930), diz *A Noite*, mas a toda a sociedade brasileira, em outra convocação às emoções.

Logo após a morte de Mário Rodrigues, *Crítica* começou a acusar Serafim de também ser dupla assassina. Não assassina indireta, mas direta mesmo, como se ela também tivesse atirado em Mário (CRÍTICA, 11 mai. 1930). Isso seria posteriormente canonizado por Nelson, afirmando que a jornalista também teria sido responsável direta pela morte de Mário, e até mesmo de Joffre. Isso tudo embora Mário Rodrigues estivesse bem o suficiente para escrever diversos artigos políticos diários após a morte de seu filho, mantendo o seu estilo combativo e com pouca menção ao caso de Roberto (no máximo algumas piscadelas, em geral condensadas e implícitas no texto).

Serafim pode não ter sido assassina de Mário, e muito menos de Joffre, mas ajudou a catalisar o período de dificuldades que levou o segundo a morte. Afinal, a morte de Roberto deu início a mudanças e desastres consecutivos na família Rodrigues. Como já foi dito, Mário desenvolve uma trombose provavelmente decorrente da perda de seu filho, ainda que não seja possível confirmar. Mas em seu estilo de prosa, no que mesmo as crônicas e comentários jornalísticos apareciam ficcionalizados, Nelson (2016, p. 339) declara, com todas as palavras, que “A mesma bala que cravou na espinha de Roberto, ah, matou o Velho Mário Rodrigues”.

Assim, Serafim entra à História como a paradoxal primeira assassina que ao mesmo tempo matou duas pessoas e matou apenas uma.

Se a morte de Roberto teve, claro, impacto direto na vida dos Rodrigues, há exagero na atribuição da culpa. A jornalista é personificada como responsável por tudo que se seguiu, como o desemprego e a fome, mesmo que, como conta Ruy Castro (1992, p. 109), os Rodrigues se recusassem a procurar outro emprego que não fosse na imprensa.

### 6.7 Nelson Rodrigues após a morte de seu irmão

A prosa de Nelson Rodrigues absorve em parte o estilo melodramático e exagerado do jornal de seu pai. Em particular as suas *Tragédias Cariocas*, na classificação clássica de Sabato Magaldi (RODRIGUES, 2017, p. 08), reconstroem literariamente as hipérboles das páginas policiais da *Crítica*. O jornal, por sinal, foi possivelmente o maior representante de uma era do jornalismo sensacionalista no Brasil, quando a noção de objetividade ainda engatinhava e a opinião era vista como mais importante do que a informação (indo além, como excludentes) (BARBOSA, 2007, p. 18). O jornalismo proliferava em todo o país, graças a novas máquinas e mecanismos que aceleravam a sua produção e faziam surgir novos periódicos quase todos os dias. A modernidade chega também na imprensa, conforme a barreira do espaço-tempo é encurtada por mecanismos como telégrafo. Novas máquinas rotativas também intensificam a velocidade da produção jornalística, o que fomenta a proliferação de periódicos durante a *Belle Époque*. A relação entre narrativa e tempo, percebida por Paul Ricoeur (2010, p. XI), se faz evidente conforme a primeira aumenta, o segundo diminui: “é a narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo, o tempo só se torna humano através da narrativa”.

Nelson, inclusive, criticaria o crescimento do ideal de objetividade jornalística, ressaltando as virtudes de um jornalismo melodramático e de sensações. Segundo ele, esse novo estilo promove um distanciamento entre autor e leitor, um jornalismo frio, sem emoções: “As notícias que enfocavam os dramas e tragédias banais apareciam nos jornais diários com um dramatismo, que, segundo o autor, imitava a própria vida” (BARBOSA, 2007, p. 136). Isto é: o jornalismo de sensações era dramático e exagerado porque a vida também o era. O seu exagero, para Nelson, o tornava mais mimético de uma realidade pautada não pela razão, mas pela emoção. No típico traço reacionário de rejeição do presente em valorização ao passado, Nelson toma o jornalismo informativo como degenerado — “doença grave — a objetividade. Daí para o idiota da objetividade seria um passo” —, desprovido de “magia” (apud BARBOSA, 2007, p. 136, 150).

O estilo literário e melodramático de Nelson transparece também nas crônicas que escreve sobre a perda de seu irmão. Em *Grito*, publicado, em 1967, Nelson declara que

Naqueles cinco, seis minutos, aconteceu tudo (e como, nesses momentos, a figura do criminoso é secundária, nula. Eu me lembrei da ira; eu não pensei em também ferir ou em também matar. Só Roberto existia. Estava ali, deitado, certo, certo, de que ia morrer. Pedia só para não ser tocado. Qualquer movimento era uma dor jamais concebida). Vinte e seis de dezembro de 1929. Nunca mais me libertei do seu grito. Foi o espanto de ver e de ouvir, foi esse espanto que os outros não sentiram na carne e na alma. E só eu, um dia, hei de morrer abraçado ao grito do meu irmão Roberto. Roberto Rodrigues (RODRIGUES, 2016, p. 448).

Este relato aparece também na narração do episódio do *Linha Direta*. Uma vez mais, é possível chamar atenção para os elementos literários que transparecem no fragmento. Ainda que a crônica se encontre no limite entre as duas áreas, Nelson leva essa fronteira ao limite. As marcações temporais constantes (“cinco, seis minutos”, “Vinte e seis de dezembro de 1929”), a narrativa veloz, o exagero, os cortes secos, repetem seu estilo na ficção. O exagero do melodrama, em particular, se destaca. Beira o escatológico, como se o mundo caminhasse à destruição, à morte, conforme o grito de Roberto o acompanha pelo resto de sua vida.

Não é sem motivo que Nelson seja classificado como melodramático. Suas narrativas o reciclam e o atualizam para o contexto brasileiro, inspirado em sua popularização na França do século XIX. Esse estilo é caracterizado pelo exagero e segue uma estrutura clássica dividida em três atos, permeada por maniqueísmo. A realidade nessas obras é dividida entre heróis e vilões, sem espaço para meio termo. Invariavelmente, uma obra melodramática terminará com a vitória do herói sobre o vilão, além do resgate de uma donzela em perigo (THOMASSEAU, 2005, p. 27).

Mais significativo: o melodrama trabalha com as sensações tanto quanto o jornalismo do sensacional, inclusive sendo tratado como uma espécie de versão artística do sensacionalismo, dado a centralidade que ocupa em seus enredos (THOMASSEAU, 2005, p. 139, 140). Gênero veloz por essência, Thomasseau (2005, p. 139) afirma, não sem emitir carga negativa, que o estilo atrapalha a reflexão ao privilegiar as emoções, em um jogo de ilusões: “a intriga de um melodrama não é jamais bem escrita, mas é sempre bem descrita [...] um ‘teatro teatral’”. O dramaturgo não é mais um artista, mas um mágico.

Assim como ocorreu com o conceito de sensacionalismo — e outros, como fascismo e comunismo —, “melodrama” passou a receber forte carga pejorativa, se distanciando de seu sentido original e passando a ser utilizado pelos críticos para diminuir obras que não apreciavam. Mas, assim como empregado aqui com sensacionalismo, isso não significa que

seja preciso rejeitar por completo o conceito, mas empregá-lo corretamente para mitigar tal carga. Classificar a prosa rodrigueana de melodramática, ou mesmo de reacionária, não é uma negação de suas qualidades, mas uma aproximação de seu estilo e ideias. Não é coincidência, como chama atenção Jean-Marie Thomasseau (2005, p. 67) que tanto o melodrama do século XIX quanto o teatro de Nelson se alinhem em um ponto fundamental: a “adulterolatria”. A ideia de adultério é essencial para ambos

A narrativa de Nelson também descreve detalhes que se perderiam com o tempo, como o horário em Sylvia entrou e quem estava na redação da Rua do Carmo. Inclusive, entre os presentes, um detetive, Garcia, que “ia muito, lá, conversar fiado”. O mesmo detetive aparece na transposição da cena para outros materiais, como na ficção *Sylvia não sabe dançar*, responsável por desarmar a agressora. Além de Garcia, Roberto e o próprio Nelson, menciona a presença de Sebastião, chofer de Mário, e um “contínuo que fora buscar o frescor”, o único de quem Nelson não consegue recordar por completo em sua “nitidez desesperadora” (RODRIGUES, 2016, p. 447).

Na crônica de Nelson, Serafim sequer é mencionada. Permanece como uma entidade obscura, uma arauta da tragédia. Como chama atenção Barbosa (2007, p. 72-73), ela é apenas uma voz, sobre a qual recaem adjetivos tradicionalmente identificados com o feminino, como “doce”, “cordial”, “doçura” (que não falham em encontrar oposição na cobertura da *Crítica*, como dito, que a imputa adjetivos e advérbios referentes a loucura e crueldade). Mesmo depois do ato, permanecem os adjetivos: “Vim matar Mário Rodrigues ou um dos filhos. Simplicidade, doçura. Matar Mário Rodrigues ou um dos filhos”. Uma vez mais, contudo, não há qualquer comprovação de que essa frase teria sido de fato proferida, e que não tenha sido decorrente da criatividade literária de Nelson. Ressalta-se que Nelson conhecidamente exagerava acontecimentos, destoava, de acordo com a conveniência. Como diz em uma máxima que ficou eternizada em seu nome, quando fatos o provam errado, “pior para os fatos” (SOBRAL, 2019). No entanto, até mesmo esta frase tem outro autor: Georg Hegel (ROSENFELD, 2012, p. 129).

Serafim, a “cortesã das crônicas” (CRÍTICA, 11 mai. 1930, p. 01), se torna nota de rodapé da tragédia, seu nome não aparece. O que importa é o assassinado, não a assassina, a quem merece apenas o esquecimento. Se a descrição de Nelson destoava da cobertura da *Crítica* — ainda que o periódico também ressalte, com frequência, sua suposta beleza e feminilidade, em simultâneo a crueldade e loucura —, ele corrobora a construção de Roberto como um *gentleman*, além de um pintor de imenso talento (BARBOSA, 2007, p. 73). Como em *Viúva, porém honesta*, ao morto cabe a honra.

A seguir, outra contradição: Nelson (2016, p. 447) afirma que Roberto teria levado um tiro assim que entrou no gabinete, quando, na verdade, a vítima e a perpetradora conversaram por algum tempo no espaço privado. Inclusive, uma das alegações da defesa de Sylvia se baseou na ideia de que no curto espaço de tempo em que permaneceram juntos, sem testemunhas, muita coisa poderia ter sido dito ou feito. Segundo Ruy Castro (1992, p. 90), a única pessoa a escutar algo que foi dito no gabinete foi uma auxiliar, Juracy, que ouviu apenas “Eu não lhe disse que não publicasse?”. Não é factível, portanto, a declaração de Nelson de que “Lá dentro, não houve tempo para uma palavra. Roberto levou o tiro ao entrar” (RODRIGUES, 2016, p. 447). Alegação que não decorre por acaso, mas atua para intensificar a culpa da jornalista, corroborando a versão de que Serafim já teria intenções assassinas desde o início. Como bem notou Barbosa (2007, p. 73), a afirmativa de Nelson apaga até mesmo outras declarações da própria *Crítica*, como “O diálogo imaginado na notícia publicada no dia 27 de dezembro de 1929 — que revela a razão do crime — não mais existe”.

Por outro lado, o Promotor Plácido de Sá Carvalho, que recomendava a condenação de Serafim, alegou que a ida ao gabinete teria se dado por razões estratégicas. Cercada de homens maiores e mais fortes que ela, se tentasse atirar poderia ser desarmada. Ir ao gabinete, portanto, conferia segurança “para a satisfação do seu intento de matar” (CRÍTICA, 01 fev. 1930). Ademais, afirma que o revólver Galant utilizado por Serafim leva tempo para carregar, de forma que ela já teria ido com intenções assassinas. Para *Crítica* (01 fev. 1930), por ter se oposto a Serafim, o promotor era homem “íntegro”.

Esses argumentos contrapostos mostram as diferentes versões sobre o caso. Com quase cem anos, sem testemunhas e dados escassos, provavelmente nunca será possível descobrir a versão verdadeira. Resta, como trabalho de pesquisa, apresentar essas versões e, como num romance policial de final aberto, deixar que o leitor julgue qual pareça mais crível.

## 6.8 Cobertura de outros jornais relevantes em oposição a *Crítica*

Figura 41 - Foto de Roberto com sua filha Maria Thereza. Abaixo da foto, a legenda diz “Roberto Rodrigues, o infelizmente jornalista, que succumbiu às balas traiçoeiras de Sylvia Serafim, e Maria Thereza, filha de nosso companheiro e cuja orphandade é a dolorosa consequência dos vícios e culpas de uma criminosa sem perdão”



Fonte: CRÍTICA, 11 mai. 1930.

Na tentativa de angariar o apoio da opinião pública, *Crítica* faz constantes apelos aos filhos de Roberto, como evidenciado na imagem acima. Em diversas edições eles lembram que sua morte privou três filhos — sendo uma recém-nascida — da paternidade. “Chefe de família digno entre os mais dignos”, prosseguem na sacralização do ilustrador, “deixou viúva e três filhinhos, entre os quaes uma innocente menina que nasceu há dias e que por mais feliz

que o seja nunca terá a felicidade de provar os doces efflúvios do amor paternal” (CRÍTICA, 19 ago. 1930). Por óbvio, para leitores e apoiadores isso adiciona camada a mais de crueldade para Serafim, cuja violência privou três crianças de seu pai: “a família de Roberto Rodrigues chora a falta de seu amado chefe, e só encontra, no infortúnio, lágrimas amargas e uma dolorosa desesperança” (CRÍTICA, 11 mai. 1930). Claro que Mário foi tão sacralizado quanto Roberto. A morte purga qualquer pecado, não há imperfeição em um morto. Se Roberto foi transformado de adúltero em benévolo pai de família, Mário tornou-se “o grande proletário da inteligência com a sua alma boa de columba mansa, ferido em seu amor de pae” (CRÍTICA, 19 ago. 1930).

Serafim se tornou uma personagem dos Rodrigues no mesmo instante do atentado, ficcionalizada desde a matéria do dia seguinte, que imagina um diálogo sobre o qual não há testemunha. O processo se intensifica com as memórias de Nelson, e atinge seu ápice após a publicação do *Anjo pornográfico*, de Castro. Se a morte de Roberto foi a primeira tragédia de Nelson Rodrigues, como tanto se diz (presente até no título do episódio do *Linha Direta*), talvez seja possível arriscar que Sylvia Serafim tenha sido sua primeira personagem. Sua primeira vilã, sua primeira mulher mesquinha, insana, como tantas outras que criaria depois.

A vida de Serafim anterior ao assassinato também se tornou objeto de escrutínio de *Crítica*. Em uma matéria de 15 de maio de 1930, apresentam uma anedota em que a jornalista teria clamado que “Quem mata não tem perdão! Ninguém tem o direito de roubar a vida ao semelhante!”. Em outro apelo a Thibau, apresentam-no como benevolente e complacente, disposto a receber a família de um assassino em sua residência. No caso, Kalib Dib, feminicida de sua noiva, no que ficou conhecido como Tragédia da Rua Sete de Setembro, cujo primeiro julgamento Ernesto atuou como jurado. Para *Crítica*, a contradição de a assassina colocar-se de forma implacável contra o assassinato é revelador de seu caráter e moral, de seu cinismo: “Para que o público e os juízes brasileiros precisem a figura moral de Sylvia Serafim, **ex-Thibau**, feita de retalhos de amoralidade e de negação dos sentimentos humanos” (CRÍTICA, 15 mai. 1930, grifos meus).

Se a cobertura de *Crítica* no dia seguinte foi implacável, o mesmo não pode ser dito sobre outros jornais. O segundo jornal mais antigo do Brasil e um dos mais antigos do continente, o *Jornal do Commercio*, deu o caso como uma pequena nota em sua quinta página. “Scena da sangue na redacção da ‘Crítica’”, diz a chamada, “Foi autuada em flagrante na Delegacia do 1º disctrito policial a escriptora D. Sylvia Seraphim Thibau, conhecida pelo pseudonymo de *Petite Source*, collaboradora de várias revistas e jornaes, quer da Capital como dos Estados e esposa do médico Dr. Thibau Jr.” (JORNAL DO COMMERCIO, n. 308,

27 dez. 1929). O jornal também corrobora as versões de que Serafim já teria se encontrado com Roberto na véspera, embora tenha procurado inicialmente Mário Rodrigues para tirar satisfação sobre “um caso íntimo, escandalosa enserida naquelle matutino”, onde “não pôde conter sua exaltação” (JORNAL DO COMMERCIO, n. 308, 27 dez. 1929). Um tiro, uma bala, um revólver de pequeno porte, novo, suficiente para fazer várias perfurações no intestino de Roberto.

A ausência de adjetivações sobre Roberto, enquanto ocorre o oposto com Sylvia, leva a crer que o *Jornal do Commercio*, embora se mostre mais distante nessa matéria do que outros pares, também estivesse a favor da escritora. Afinal, ressalta não apenas a intimidade do caso de desquite, mas também o escândalo de sua publicação como matéria de capa.

Vale lembrar, como já apareceu antes, que o dia 26 de dezembro de 1929 não foi marcado apenas pelo assassinato de Roberto — que, na verdade, ainda não havia sequer morrido. A capa do *Diário Carioca* do dia, por exemplo, não vai para esse caso, que só aparece na terceira página. Os Rodrigues deram o azar de no mesmo dia dois deputados terem se digladiado em pleno plenário, diluindo a atenção sobre Roberto. Como jornal de oposição, *Diário Carioca* não apenas traz o assassinato do deputado Souza Filho por seu colega Simões Lopes, como também culpa Washington Luís pelo acontecido, saindo com a manchete “O grande responsável pela tragédia de hontem é o sr. Washington Luís, presidente da república” (DIÁRIO CARIOCA, n. 439, 27 dez. 1929). Para o jornal, o primeiro a usar a técnica do *lead*<sup>40</sup> no Brasil (CPDOC, s.d.b), ecoando o argumento moderno da “polarização” (c.f. REIS; SCHARGEL, 2021), o presidente dividiu o país de tal forma que permitiu que os ânimos levassem a um assassinato: “A intransigência feroz do homem que dividiu o Brasil, para dominá-lo pela força, acaba de dar o seu primeiro fruto envenenado” (DIÁRIO CARIOCA, n. 439, 27 dez. 1929).

O artigo do Cpdoc (s.d.a) sobre Serafim reproduz, por exemplo, a versão de que a escritora teria ido à redação já com intenções assassinas; o que, ainda que não seja improvável, carece de confirmação documental. A versão da ré, acatada pelo júri, traz que Serafim fora tirar satisfações sobre o acontecido, levando a arma como precaução, como autodefesa. O fato é que não se sabe — e o advogado de defesa buscou deixar isso claro — o que foi dito ou feito naquele gabinete entre Sylvia e Roberto, somente o tiro. A versão do Linha Direta traz que Sylvia teria reagido a uma ofensa verbal; Roberto teria dito que “não perde tempo com rameiras”. O *Diário Carioca* (n. 439, 27 dez. 1929) do dia seguinte ao

---

<sup>40</sup> Técnica jornalística que privilegia elementos fundamentais e básicos de uma matéria logo em seu início.

assassinato também corrobora esta versão, trazendo que Roberto “teria respondido com uma palavra fortemente pejorativa”. A defesa, comandada por Clóvis Dunshee de Abranches — irmão da condessa Pereira Carneiro, que viria a ser diretora-presidente *do Jornal do Brasil* —, argumentou que Serafim tivera a honra ofendida pelo jornal, o que provocou nela, no dia do crime, um rompante emocional.

A argumentação de Abranches, como não poderia deixar de ser, também gerou reações de *Crítica*. Em 26 de agosto de 1930, publicaram uma chamada com o nome do advogado e a manchete “Senta-te no banco dos reos!” para atacá-lo. Já depois da morte de Mário Rodrigues, coube a Mário Filho dar continuidade à pena virulenta de seu pai, ocupando a primeira página com uma chamada em caixa alta que, logo em seu início, classifica Mário Rodrigues como “paladino dos fracos e oprimidos” (CRÍTICA, 26 ago. 1930) em uma estratégia cristalina e desesperada de apelo à opinião pública. Insiste o jornalista que o assassinato, incluindo a absolvição, foi um elaborado complô dos inimigos de seu pai, “dos que não o souberam enfrentar quando batia ainda aquelle coração grande como o oceano, que tinha sempre e sempre uma vibração para todo o soffrimento humano” (CRÍTICA, 26 ago. 1930). A apologia a Mário Rodrigues não cessa, e Mário Filho o declara “o maior jornalista de sua época” (CRÍTICA, 26 ago. 1930). A absolvição de Serafim, diz, pode livrá-la da justiça dos homens, mas não da justiça divina, que não perdoará o sangue em suas mãos.

A matéria do *Diário Carioca* sobre o atentado, no entanto, não é menos interessante. Começa pela própria grafia do nome de Sylvia, que aparece com o “Thibau”, mesmo após o desquite. Entretanto, o veículo segue o padrão da maior parte dos outros veículos, e culpa *Crítica* por seu infortúnio. Em outras palavras, o jornal dos Rodrigues teria colhido o que plantou, recebido as consequências de suas próprias escolhas. Acusação comum e útil aos demais veículos, que, com isso, deslegitimavam um rival empresarial ao acusá-lo de notícias falsas e sensacionalismos (acusações que, como visto, eram verdadeiras). Como diz a abertura da matéria:

A scena de sangue em que se viu envolvida a sra. Sylvia Seraphim Tibau, por muito lamentável que seja, não pode ser considerada uma surpresa. As páginas do noticiário sensacional vão assumindo taes proporções que só admittindo-se que estejamos atravessando uma phase de absoluta insensibilidade moral, se pode deixar de suppor a eventualidade dos episódios como o que hontem ocorreu em condições tão emocionantes. Quando o noticiário dos jornaes se transforma em repositório dos factos mais íntimos, já não se limitando às interpretações nem sempre fiéis, mas profundamente escandalosas e envereda pelas caricaturas ultrajantes, é de prever o desforço pessoal como expressão de um estado de desespero. Ninguém aconselha, por certo, a justiça pelas próprias mãos nem applaude o assassínio, mas, também não se pode exigir que pessoas que ainda não perderam de todo o pudor se conformem em ver atassalhada a sua honra numa linguagem que offende a toda a sociedade. A

sra. Thibau, responderá perante à justiça pelo seu acto, que hade ser devidamente apurado em face da lei, mas do ponto de vista da vida social não se pode esquecer o ambiente em que ella commetteu o seu crime impulsiona por circunstâncias talvez capazes de provocar uma situação de desespero (DIÁRIO CARIOCA, n. 439, 27 dez. 1929).

Do ataque contra *Crítica*, evidencia-se um aspecto-chave que vem sendo trabalhado nesta tese: a importância da opinião para os jornais de 1920. Mesmo sendo uma matéria, o texto abre sem qualquer intenção objetiva, destilando a visão do repórter e suas reflexões. Ainda que não defenda, obviamente, o assassinato, o *Diário Carioca* parece mais incisivo do que o austero *Jornal do Commercio*, mas bem menos do que os veículos envolvidos diretamente, como *O Jornal* e o próprio *Crítica*. Também chama a atenção quando, já no dia seguinte, se aventa a ideia de defesa da honra e desespero como catalisadores do assassinato, diminuindo, no processo, a culpa de Serafim. Não há neste jornal, assim como no *Commercio*, qualquer alusão às narrativas de crítica, como o suposto cinismo ou sadismo da jornalista. No máximo, relata que a jornalista teria se mantido calma após o tiro, sem aparentar arrependimento e com ciência das consequências de sua ação.

Bem como *O Jornal*, o *Diário Carioca*, ao contrário de *Crítica*, era veículo de oposição a Washington Luís — criado, inclusive, com esta finalidade (CPDOC, s.d.b). Colocar-se ao lado de Sylvia Serafim contra o *Crítica* era, portanto, conveniente em atacar um rival tanto político quanto empresarial. Também apoiou Vargas na Revolução de 30, embora posteriormente tenha rompido e se deslocado à oposição do Governo Provisório. Foi em sua redação que os conspiradores se reuniram dois dias antes da eclosão da Revolução, em um encontro da Aliança Liberal (CPDOC, s.d.b). Segundo o artigo do Cpdoc (s.d.b) sobre o jornal, ele era uma espécie de camaleão ideológico: flertando e tendendo para o lado que fosse mais conveniente:

Tudo o que interessava à elite econômica do país em geral era encampado pelo jornal de Macedo Soares, decorrendo daí sua posição fluida e imprecisa [...]As contradições que se verificavam no interior do jornal entre as preocupações eminentemente jornalísticas da equipe e os interesses mais imediatos da direção acabaram por se resolver com a dissolução gradual da primeira (CPDOC, s.d.b).

Já *O Jornal*<sup>41</sup> — principal veículo em que Serafim escrevia, vale lembrar — traz o tiro a Roberto apenas em sua nona página do dia 27 de dezembro. A capa, assim como o *Diário*

---

<sup>41</sup> Um dos pontos interessantes ao se trabalhar com arquivos jornalísticos do passado é encontrar permanências e diálogos com o contemporâneo. Elementos que se mantêm não só no plano discursivo, como confirmados com algumas pautas e argumentos de Serafim que ainda aparecem atuais quase cem anos depois, mas também questões e problemas que permanecem sem solução. *O Jornal* de 04 de maio de 1930, por exemplo, traz como

*Carioca*, é dedicada à morte de Souza Filho, e também culpa Washington Luís pelo clima de divisão que culminou no atentado. Como praxe no jornalismo da época, transbordam adjetivos e advérbios de modo, e os jornais não se preocupam em demonstrar suas crenças e ideologias: “é o resultado, por assim dizer previsto nos seus termos essenciaes da inqualificavel atmospheria de desordem criada pelo grupo de façanhudos bandidos assalariados” (O JORNAL, n. 3408, 27 dez. 1929).

“Em desaffronta da honra pessoal” é o título do artigo da seção *Os factos policiaes* de *O Jornal*, 27 de dezembro, sobre o atentado de Serafim. O título se repete dois dias depois em outra matéria, antecipando os argumentos de defesa da honra. Como principal veículo em que colaborava a jornalista, não é surpresa que se posicione a favor dela. A cobertura, bastante distinta da de *Crítica*, mostra a morte de Roberto como consequência das próprias escolhas do veículo rival. Não tivessem mentido sobre um adultério, diz o artigo, não teriam lidado com a morte de um familiar. Enfim, os argumentos de legítima defesa da honra e perda momentânea de sentidos já aparecem neste primeiro momento:

O processo usado por certos jornaes, na divulgação de casos que, sem interessarem a collectividade, affectam profundamente as pessoas nelles envolvidas, só agrada a parte do público leitor ávido de sensações escandâlosas, desagrada evidentemente aos que têm uma noção mais intelligente do que seja a missão particularmente noticiaria de um diário. Erro de ethica ou erro de technica, se quizerem, o que é facto é que alguns collegas fazem da reportagem vasada em escândelo público e que penetra alvocas, vasculha intimidades nos lares, com muito escândalo (O JORNAL, n. 3408, 27 dez. 1929).

Vale lembrar que Roberto ainda não era tratado como morto, mas como ferido. O caso sequer ocupa a nona página inteira, dividindo-a com outros acontecimentos policiais como um feminicídio e um furto.

Não se limitando apenas ao caso de Serafim, o artigo de *O Jornal* critica diretamente a seção policial de *Crítica*. Acusando o rival de ausência de ética, argumenta que seu sensacionalismo, cedo ou tarde, terminaria em tragédia: “E todos os dias, em uma das páginas de sua edição, de preferência a 8.º, em fortes títulos e com illustrações que quasi sempre transpõem os limites da moral, divulgam um ou mais casos dos que se convencionou clamar os ‘furos’ sensacionaes” (O JORNAL, n. 3408, 27 dez. 1929).

O jornal de Chateaubriand também reforça que o desquite entre Serafim e Thibau foi amigável, afastando a teoria de adultério, o que também aparece no *Diário Carioca* (n. 439,

---

matéria de capa uma discussão sobre as inundações do Rio de Janeiro, crise que continua ainda hoje. Em 1880, segundo o periódico, a questão já era premente, e entre esses dois períodos nenhuma solução radical foi oferecida.

27 dez. 1929). De fato, as fontes sobre o suposto adultério são, no mínimo, controversas. *Crítica* nunca revela uma fonte ou alguma prova de traição, sendo que toda a sua construção narrativa sobre o adultério se baseia em testemunhos de vizinhos, nunca revelados, que eles próprios admitem confusos. Esses outros jornais pautam, portanto, que a cobertura de *Crítica* teria sido exagerada e sensacionalista em si, criando uma primeira página do vácuo, “com títulos berrantes” (O JORNAL, n. 3408, 27 dez. 1929). Segundo consta no *Diário Carioca*, o desquite teria, de fato, ocorrido por disparidade de interesses, já que Thibau exigia que Serafim encerrasse sua carreira literária e jornalística, o que ela negava. Ou seja, a sua recusa de aceitar incondicionalmente as exigências de seu marido, e de viver apenas como dona de casa, teria sido o verdadeiro motivo da separação:

Apenas, ultimamente, surgiu na vida íntima do casal uma desinteligência devido a ter o marido lhe solicitado que encerrasse ella sua carreira literária e de escriptora, iniciada há cerca de anno. Não tendo ella accedido à vontade expressa do esposo, surgiu então a proposta do desquite, ante a qual ella não recuou de seu propósito de continuar a cultuar as letras. tudo, portanto, que se houver dito além disso, é uma infâmia (DIÁRIO CARIOCA, n. 439, 27 dez. 1929).

Dois dias depois, em 29 de dezembro de 1929, *O Jornal* descreve a ida de Serafim à redação rival. Uma descrição que em tudo destoa de sua contraparte de *Crítica*, desde o tom até os elementos presentes. O tom raivoso e acusatório do jornal de Rodrigues em nada se repete aqui, ao menos na seção deste dia. Chateaubriand indica sem rodeios a procura de Sylvia por Mário Rodrigues, o encontro com Roberto, com quem havia conversado na noite anterior e de quem solicitou dez minutos de atenção para o desagravo, e a sugestão do jovem ilustrador de que continuassem a conversa em seu gabinete. Diz o veículo que Serafim teria se mostrado receosa de entrar desacompanhada no gabinete, embora não explique o porquê. Ainda assim, tendo ido, solicitou uma retificação na edição do dia seguinte, desmentindo o adultério, ao que Roberto teria respondido com tom irônico e dito que *Crítica* não fazia isso, contradizendo sua própria afirmação na véspera.

Só que não termina aí. Se os elementos narrativos anteriores já apareceram em outras versões, o seguinte é desenvolvido pela primeira vez. Embora uma versão marginalizada sugira que houve embate físico entre Sylvia e Roberto, é nesta edição de *O Jornal* que isso aparece mais aprofundado. Enuncia o veículo que Sylvia teria tentado alcançar um lenço em sua bolsa para enxugar as lágrimas após ser chamada de rameira, no que Roberto viu a pistola que ela trazia "no intuito de se defender, caso fosse necessário" (O JORNAL, 29 dez. 1929, p. 10). De fato, Mário Rodrigues andava armado, o que justifica a precaução (CASTRO, 1992,

p. 46). Visando tirá-lo de sua posse, Roberto avançou sobre a sua bolsa, engajando em embate físico que terminou com o tiro em sua barriga. Logo, mais do que uma simples defesa da honra, a situação é apresentada como um caso de legítima defesa.

A disputa também teve fermento da própria Serafim, que não ficou calada. Enquanto aguardava julgamento, em 25 de maio de 1930, publicou uma crônica (depois compilada em seu livro *Fios de prata*, então no prelo) em que se defende de seus críticos, mesmo que não se refira a eles nominalmente. O assassinato é onipresente em *Aquelles que me odeiam*, mesmo que ela não o mencione em nenhum momento. Mas o tópico é claro, as pautas são evidentes: atuar como espécie de catarse pessoal para afastar a possível culpa do crime. Conforme abre: “Se aquelles que me odeiam soubessem o quanto minh'alma é incapaz de ódio, teriam por mim não horror, mas admiração” (O JORNAL, n. 3536, 25 mai. 1930). Mantendo o tom melancólico que caracteriza a maior parte de seus escritos que não sejam voltados para o político, continua:

Se aquelles que me odeiam soubessem que dôr terrível se occulta sob meu sorriso, mao grado a própria magua, sentiriam o remorso agrilhoar-lhes a consciência. Se aquelles que me odeiam soubessem até que ponto o mal que faço ou virei a fazer não é senão a consequência inexorável do mal que me fazem ou virão a fazer a si mesmo, odiariam e não a mim, por serem elles e não eu seus verdadeiros inimigo (O JORNAL, n. 3536, 25 mai. 1930).

Está nítido o remorso que sente, ao mesmo tempo em que reforça não tão sutilmente a pauta central com que foi absolvida: legítima defesa da honra. Como diz, agiu como reação à ação que sofreu, olho por olho. Nos trechos seguintes, chega a flertar com a morte, considerando-a libertação de um imenso cansaço que sente.

Como “perversa assassina” (CRÍTICA, 11 mai. 1930), ainda por cima, Sylvia terminou duplamente desumanizada. Mas, como Michel Foucault trata em *Os anormais*, em uma estrutura social conservadora uma mulher intelectualizada, tanto mais no começo do século XX, já era um desviante por si só. E do desviante, já se espera o crime. Não é coincidência que Crítica (n. 554, 21 ago. 1930), quando atacava Sylvia, apelava mais para a sua atuação intelectual — “como classificar uma mãe que desmancha a família para escrever contos nos jornais. Ousará Sylvia Thibau fazer esta singela pergunta às mães cariocas?” — do que para o assassinato em si. O crime chega a ser secundário frente ao crime maior: ousar adentrar o universo até então identificado como majoritariamente masculino.

Fica muito clara, diante da análise empreendida neste capítulo, a posição de alguns jornais sobre o acontecido. *Crítica* se empenhou em rapidamente transformar Rodrigues em

um mártir, enfatizando sua figura como chefe de família exemplar e sacralizando tanto ele quanto seu pai, Mário Rodrigues. Sylvia Serafim, por sua vez, foi pintada como uma criminosa implacável e moralmente decadente. A cobertura do jornal, marcada por um tom melodramático e sensacional, visava angariar a simpatia pública, destacando a crueldade de Serafim e a dor da família Rodrigues. Algo apropriado e intensificado pelo próprio Nelson Rodrigues muitos anos depois, em seus escritos da década de 1970 compilados em *O reacionário*, que não falha em absorver o estilo exagerado de seu pai.

Embora nenhum outro jornal seja belicoso ou agressivo no nível de *Crítica*, poucos lançam mão de subterfúgios (como o *Jornal do Commercio*) para disfarçar sua oposição. Logo no dia 27 de dezembro de 1929, portanto, já se inicia uma lógica binária que esvazia as complexidades do assassinato e o transforma em uma disputa maniqueísta. Aliás, já naquele dia o assassinato é apropriado pelas ansiedades políticas que se destacavam e cresciam no país, e tanto *Crítica*, quanto *O Jornal* e *Diário Carioca* não têm qualquer pudor em utilizar o assassinato de Roberto para atacar ou defender Washington Luís, mesmo que as coisas mal tivessem qualquer relação.

Essa divisão que ficaria tão cristalizada, que chega aos dias de hoje de forma quase intocada, como será visto adiante. Por fim, o último capítulo continuará o que foi desenvolvido neste, mas ampliando o confronto conforme ele se mantém e reaparece no contemporâneo.

## Capítulo 7. E no contemporâneo? Como o assassinato permanece em disputa?

Que necessidade tenho de ir [...] ao encontro do que não se dirige a mim [trata-se da morte]?

[...] Pode a honra devolver uma perna? Não. Um braço? Não. Eliminar a dor de um ferimento? Não. A honra não entende nada de cirurgia? Não. O que é a honra? Uma palavra.

O que há nessa palavra *honra*? Um sopro [...] Desse modo, não quero saber dela. A honra é uma simples insígnia, e assim termina meu catecismo.

Jean Delumeau (2009, p. 19).

Os Estudos Culturais não são uno, mas múltiplos. Congelar uma área de conhecimento sob uma classificação, embora facilite a compreensão de seus eixos temáticos, limita seu escopo de entendimento. A pluralidade está no próprio nome da área em si; basta reparar que não se fala em “estudo cultural”. Não se pode falar em apenas uma cultura, mesmo dentro de uma nação, e a disciplina carrega essa multiplicidade em sua própria gênese. Essa origem, vale ressaltar, está também profundamente relacionada com a política. Cultura e política, ou cultura e poder, mantêm uma relação simbiótica e indissociável, como chama a atenção Ana Carolina D. Escosteguy (2010, p. 35).

Essa relação entre cultura e poder é muito clara em nosso objeto, à medida que as narrativas culturais sobre Serafim, via de regra, corroboram uma versão conservadora canonizada pelos Rodrigues. Como mencionado no final do último capítulo, o apagamento de Serafim esteve inserido dentro de um projeto para esquecê-la, uma espécie de última vingança por sua absolvição. Cultura e poder, cultura e política, mídia e política, foram relações determinantes, nas mãos dos Rodrigues e dos Marinho, para além da desumanização que ela sofreu e continua sofrendo, o apagamento da escritora. Justamente por isso, é interessante, antes de adentrar nos materiais contemporâneos que abordam Sylvia, traçar uma discussão teórica sobre a relação entre cultura e poder.

Há de se ter em mente, mesmo que este não seja o foco desta tese, a absorção de Sylvia Serafim pela indústria cultural. Em outra de suas multifacetadas, Sylvia se tornou uma personagem rodriguiana, desde os escritos de Nelson, mas passando ainda pelas várias obras culturais que se apropriam dela. Nessa linha, ocorre algo semelhante ao tratamento que recebe nas redes sociais, que a absorvem como um produto cultural, mas reciclando a mesma lógica maniqueísta dos jornais de 1930.

A cultura, longe de ser uma entidade social estática e isolada, é um campo dinâmico e complexo que está em constante evolução. Ao contrário da concepção tradicional de uma

“alta cultura” imutável e separada, a cultura é permeável e sujeita a influências diversas, incluindo as da indústria cultural. Se outrora a cultura popular era tratada como tudo aquilo que não se enquadrava em “alta cultura”, uma percepção claramente elitista, os Estudos Culturais passaram a fragilizar essa divisão, mostrando a relação dialógica entre alta cultura, cultura popular e cultura de massa, bem como questionando se faz sentido a própria utilização e permanência desses termos (ESCOSTEGUY, 2010, p. 22). Na prática, a relação entre alta cultura, cultura popular e cultura de massa é complexa e interconectada.

Néstor Garcia Canclini (1987) aborda justamente essa questão: o que é cultura popular e como diferenciá-la de outras formas de cultura? Ele observa que, em tempos anteriores, era relativamente simples definir cultura popular como tudo aquilo que não se enquadrava como “alta cultura” ou “cultura de elite”. No entanto, com o avanço da modernização e da globalização, essas definições ficaram mais nebulosas e as fronteiras entre diferentes formas de cultura foram fragilizadas. Assim, perde força a ideia de que cultura popular se refere ao “tradicional, oral e manual: o popular era o outro nome do primitivo” (CANCLINI, 1987, tradução minha)<sup>42</sup>. Em suma, a denominação engloba elementos distintos e heterogêneos sob um mesmo guarda-chuva: a ideia de subalternidade ou marginalidade, como sintetiza Canclini (1987, tradução minha): “O popular permite abarcar sinteticamente todas essas situações de subordinação e dar uma identidade compartilhada aos grupos que coincidem nesse projeto solidário”<sup>43</sup>. Por outro lado, como também destaca o autor, isso significa que a categoria de popular se torna demasiada aberta, “uma construção ideológica”, sem necessariamente corresponder a contrapartes do real. Essa fragilização aparece clara no caso de Serafim: as diversas obras que tratam sobre a autora são elementos do massivo, do popular, ou ambos? Até que ponto a indústria cultural funde o popular e o massivo? Como classificar e entender essa dicotomia?

As culturas refletem dinâmicas e relações de poder, como os Estudos Culturais bem percebem e como exemplifica o assassinado apropriado por uma disputa política e social entre grupos conservadores e grupos progressistas. Como transparece no caso de Serafim, as transições culturais tornam impossível pensar em uma forma de cultura hermética. O caso de Sylvia Serafim e Roberto Rodrigues exemplifica essas mudanças de maneira emblemática, revelando como uma narrativa de assassinato pode transitar entre as diferentes esferas culturais, desde a cultura popular, passando por uma cultura elitista e pela indústria cultural.

---

<sup>42</sup> Tradução livre de “Tradicional, oral y manual: lo popular era el otro nombre de lo primitivo” (CANCLINI, 1987).

<sup>43</sup> Tradução livre de “Lo popular permite abarcar sintéticamente todas estas situaciones de subordinación y dar una identidad compartida a los grupos que coinciden en ese proyecto solidario” (CANCLINI, 1987).

Um assassinato de cem anos atrás, mas que permanece mobilizando o imaginário popular e até a memória coletiva. Algo que é atualizado no contemporâneo, conforme se espalham e se disseminam as mais distintas obras artísticas, matérias jornalísticas, *posts* em *blogs* e *sites*, e assim em diante. As relações de poder envolvidas na morte de Roberto Rodrigues — e no que se seguiu — ainda transparecem na forma com que o acontecimento é lembrado e transformado em cultura.

Naturalmente, a não ser que se interprete obras culturais sob perspectivas exclusivamente formalistas, como seguindo os New Critics, percebe-se que não há obra cultural de todo dissociada da expressão ideológica do autor. Claro isso não significa que a cultura é mera e simples reprodução da ideologia, mas apenas que é preciso levar em conta também este fator, junto a outros, na leitura de uma obra. O gênero da distopia, que se disseminou no século XX, pode ser utilizado como exemplo para esse fenômeno. Como sugere Jill Lepore (2017), poucos formatos literários são tão influenciados pela ideologia quanto a distopia, assim como poucos são tão políticos. E os exemplos são clássicos. *Nós*, de Evgeni Zamiátin, surge como crítica ao stalinismo. Igualmente acontece com *1984*, enquanto *Admirável mundo novo* absorve a violência e desumanização da Primeira Guerra. No caso, a distopia tem sido historicamente *locus* de crítica do autor à ideologia oposta a sua. A ficção é apropriada como método em que ideologias opostas são transformadas nos maiores pesadelos possíveis.

Os Estudos Culturais abordaram diretamente a disseminação do feminismo, bem como outras pautas identitárias e sociais que se tornaram proeminentes ao longo do último século em todo o mundo. A associação inevitável entre a chamada alta cultura e um público elitista, predominantemente masculino, foi criticada, juntamente com as estruturas de poder social. Essa crítica resultou em uma reavaliação significativa do conceito de cultura, especialmente ao incorporar perspectivas feministas. A metáfora apresentada por Escosteguy (2010, p. 37) ilustra bem essa mudança, ao evocar a forma como o feminismo desafia as normas estabelecidas e questiona estruturas de poder profundamente enraizadas: “Não se sabe, de uma maneira geral, onde e como o feminismo arrombou a casa. [...] Como um ladrão no meio da noite, ele entrou, perturbou, fez um ruído inconveniente, tomou a vez, estourou na mesa dos estudos culturais”. Nada mais justo, portanto, do que abordar as pautas envolvendo Sylvia utilizando essa ótica.

Igualmente, visando o objeto deste estudo, fica claro as posições e a importância dos mecanismos de comunicação — informativos, mas também culturais e artísticos — e de posições ideológicas e políticas na disputa que se criou em torno de Sylvia Serafim. Até o

*Linha Direta*, em 2007, iniciar um tímido processo de questionamento do cânone imortalizado por Nelson a respeito da morte de seu irmão, os produtos culturais quase sempre repetiam a sua versão, ecoando ideologias e posições patriarcais e conservadoras imortalizadas por *Crítica* em 1930. O uso da comunicação de massa como aparelho ideológico, conforme destacado por Escosteguy (2010, p. 36), transparece nas posições e discursos utilizados por *Crítica*, bem como por sua rede de apoio. Isso além do próprio Nelson, que sempre assumiu suas posições reacionárias. A construção narrativa da morte de Roberto assume tanto a função de entretenimento, para os que não estão envolvidos no caso e sob uma visão mais contemporânea, quanto de disputa política.

No mesmo ano em que o episódio do *Linha Direta* oferece uma mudança de paradigma, ao apresentar uma Sylvia que não era mais somente uma assassina, Nelson foi homenageado como autor do ano na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). Tive acesso ao DVD do episódio, emprestado por Marialva Barbosa, teórica que apareceu com frequência neste trabalho. Em sua capa preto e branco, aparece uma foto de Sylvia, fragmentos das ilustrações de Roberto e a famosa capa do *Crítica*. O *Linha Direta Justiça*, especial em que apareceu o caso, tratava-se de especiais voltados para crimes históricos que marcaram o Brasil. Além do assassinato de Roberto, a série apresentou casos como o roubo da Taça Jules Rimet, a Chacina da Candelária e o acidente do césio 137 em Goiânia.

Escosteguy (2010, p. 42) traz outra reflexão relevante para este trabalho: a mudança de foco nas pesquisas sobre meios de comunicação nas últimas décadas. Essa mudança não se restringiu apenas à Comunicação, mas também se estendeu a áreas afins, como a Literatura. Estudos anteriores sobre Roberto Rodrigues ou Sylvia Serafim falharam ao se concentrar apenas na “alta cultura”, como os escritos de Nelson Rodrigues, enquanto coube à cultura de massa, por meio do programa *Linha Direta*, uma primeira tentativa de apresentar uma versão mais imparcial sobre o caso. Para entender o caso de Sylvia Serafim, a criação de suas múltiplas facetas e a construção de sua complexa figura, é necessário observar não apenas o que foi comumente classificado como alta cultura, mas também a cultura de massa ou popular. É insuficiente analisar apenas a obra de Nelson; é necessário considerar tudo o que foi produzido posteriormente, desde o *Linha Direta* até os comentários no *YouTube*, passando pelos romances e comentários em redes sociais de comunidades de *true crime*.

Essa perspectiva acompanha a evolução das próprias metodologias de pesquisa em si. Não é suficiente olhar, por exemplo, para produções culturais como se fossem independentes e à parte de fenômenos culturais e sociais, como se não fossem contaminadas por dinâmicas de poder, ideologias, pressões externas e internas, entre outras. Por mais que isso não

signifique empregar uma análise psicologizante ou sociologizante de obras literárias, por exemplo, também consiste em uma tentativa de afastamento de teorias formalistas como a Nova Crítica, que entende o objeto artístico como apartado de influências externas. Respeitando a autonomia da arte, é importante reconhecer que diversos fatores externos podem impactar a interpretação das obras culturais. Isso inclui a história e as experiências pessoais do autor, as condições sociais, políticas e econômicas em que a obra foi criada, a ideologia e posição política, bem como as expectativas e percepções do público.

Não basta ler ou consumir suas peças para entender Nelson ou Serafim. Não basta olhar para a alta cultura. É necessário ler as obras de ambos, assistir à forma como a ficção e a imprensa absorveram essa história, observar o imaginário coletivo criado em torno dela, os comentários feitos nas redes sociais, o trauma legado às duas famílias e a maneira como a imprensa contemporânea continua a retomar essas feridas. Em suma, como destaca Escosteguy (2010, p. 42), assim como os estudos comunicacionais evoluem em diversas frentes, apenas a análise textual não é suficiente para contemplar a complexidade de um fenômeno como o que é tratado aqui. Precisamos olhar para a alta cultura, a cultura popular e a cultura de massa para entender o caso de Serafim, evidenciando que não são categorias separadas, mas correlatas que se contaminam e dialogam conforme a conveniência. A cultura é um “espaço de negociação, conflito, inovação e resistência” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 41), uma disputa permanente de criação de discurso hegemônico. O resgate de Serafim visa à produção de um discurso de resistência na inserção de uma mulher apagada menos por ser uma assassina, mais por ser feminista, desquitada e intelectual em 1930.

Para visualizar essa absorção contemporânea de Sylvia Serafim, sua transição para meios culturais digitais e redes sociais, o último capítulo foi organizado de acordo com cada campo semântico necessário. Para começar, uma análise sobre o tratamento que o caso recebe pela que talvez seja a maior obra canônica a tratá-lo, bem como responsável por reviver o interesse contemporâneo sobre ele: *O anjo pornográfico*. Seria impossível uma tese sobre Sylvia Serafim sem uma abordagem sobre esse livro, que, desde 1992, para o bem e para o mal, dita as referências sobre a morte de Roberto.

Na seção seguinte, mergulharemos em *blogs* e *sites* que tratam do assassinato. Será possível perceber como, com poucas exceções, a retórica de desumanização de Sylvia Serafim se repete ainda hoje. Em termos metodológicos, essa seção seguiu a mesma metodologia descrita no capítulo anterior: um levantamento extenso de dados, sua posterior divisão em planilhas e, enfim, a aleatoriedade como critério determinante de escolha, desde que o veículo tivesse algo a acrescentar na discussão. Semelhante foi empregado na última seção, sobre

redes sociais, com exceção dos comentários dispostos no episódio do *Linha direta*. Sobre eles, foram selecionadas todas as publicações disponíveis no vídeo do ano de 2022 em diante, até o último dia de junho de 2024. São mais de 700 comentários, de modo que limitamos esses dois anos para que o escopo não se tornasse imenso.

### 7.1 Sylvia e Roberto voltam ao interesse público: *O anjo pornográfico*

finalmente, a mulher sai de casa para comprar a arma e vai à redação de *Crítica* para cumprir seu destino — e o de Roberto e, por extensão, de todos os Rodrigues  
*Ruy Castro (2022, p. 146).*

*O anjo pornográfico* ressuscitou o interesse sobre o assassinato de Roberto e sobre a figura de Serafim, recriando imagens desumanizadas e hiperbólicas, dando início ao que podemos tratar como a versão contemporânea sobre o caso de Serafim. Pode aparentar um tanto arbitrário colocar esse corte em 1992, mas a publicação da biografia fez com que uma nova geração de críticos redescobrisse Nelson Rodrigues — e, por consequência, a morte de seu irmão. Não que Nelson já não fosse um autor canônico — suas peças eram paradigmáticas há décadas —, mas o livro de Castro lembrou ao mundo que, além de dramaturgo, Nelson também era um ser humano, como fala Wilson Martins (1993). E, como tal, repleto de idiosincrasias, complexidades e outras facetas que poderiam ser exploradas. Lembraram que, além de dramaturgo, também tinha sido romancista, contista, enfim, artista de outros formatos. Semelhante ao que tentei fazer aqui com Serafim, Castro fez com Nelson, embora minha tarefa seja muito mais hercúlea pela dificuldade de retirá-la da nota de rodapé.

É inegável que Ruy Castro sabe conduzir a escrita e estrutura de uma biografia. Sua escrita se assemelha a de um romance, conforme trabalha relações entre personagens, cenários, pontos de vista, e mesmo enredos. Enredos que, por vezes, se aproximam tanto da estrutura de um romance que beiram o inverossímil. De fato, se é verdade que possui domínio sobre a narrativa, também o é que ficcionaliza acontecimentos e exagera a história em prol da ficção. Não que se tenha, aqui, qualquer pretensão de tomar a biografia como sinônimo de História — sabemos que sua reconstrução implica necessariamente em alterações, como qualquer gênero —, mas *O anjo pornográfico*, que recentemente recebeu uma edição de aniversário de 30 anos, distorce a História ao limite.

O maior problema de *O anjo pornográfico* não está na obra em si, mas em sua recepção. A qualidade de sua escrita e reconstrução biográfica é considerável, mas a forma

com que foi recebido sem questionamento quanto a exageros e fragmentos, revela as dinâmicas de poder relacionadas com a publicação de uma biografia. Apologético de Nelson Rodrigues, Ruy Castro faz pouco esforço para colher uma visão crítica sobre o polêmico dramaturgo/jornalista.

Na verdade, Castro (2022, p. 146) não nega que seu estilo exagerado bebe diretamente da tradição do folhetim, para além do melodrama. Gêneros que, não por coincidência, Nelson Rodrigues era mestre. Como lembra, inclusive, foi de Nelson o “último grande” folhetim produzido no Brasil, *Asfalto selvagem*, no *Última Hora*, em 1959. Realmente, o relato que Castro traz do caso do assassinato de Roberto Rodrigues parece retirado diretamente do gênero precursor das novelas de televisão, sem poupar recursos retóricos e estilísticos, os quais, cabe elogiar quando o elogio é merecido, domina. O problema se dá pelo sacrifício que o autor faz da objetividade de um caso complexo, com afetos e disputas que permanecem cem anos depois, em prol do estilo.

Nunca houve, por parte de Castro (2022, p. 146), procura sobre os descendentes de Serafim. Nunca houve a tentativa de contar uma versão diferente, nem que fosse em alguns detalhes. Diz ele que consultou os autos do processo — o que, por si só, é obscuro, já que os autos desapareceram, ao menos de 1992 para cá —, conversou com três jornalistas e se baseou na disputa dos jornais da época. O suficiente para que ele recontasse o caso em profundidade, mas de forma parcial, limitada, reforçando a ótica canonizada de Nelson que ele nunca buscou questionar.

De fato, o caso de Roberto não é narrado por Castro direto ao ponto, mas com recuos e interrupções. Aliás, um estilo que ele adota por todo *O anjo pornográfico*, e que funciona bem, já que concede uma visão panorâmica ao leitor. Como no real, os acontecimentos, por mais ficcionalizados que sejam, se desdobram em simultâneo, em diferentes espaços. Um mecanismo que lança mão de elementos clássicos da prosa, como ponto de vista, personagens, símbolos e enredo. Sylvia não vai direto à redação assassinar Roberto, antes disso o leitor absorve a ambientação da narrativa, a descrição da redação, seu funcionamento, sua estrutura, bem como o cotidiano, tanto profissional quanto pessoal, de Roberto. Corolário deste efeito: o suspense que se cria, o leitor sabe que há algo de sinistro vindo. Segundo Castro (2022, p. 146), seu estilo se deu: “porque não tinha outra maneira de fazer Roberto entrar e sair da história ao mesmo tempo que descrevia o cenário. Com isso, consegui as duas coisas: descrevi a Redação e emprestei suspense à morte de Roberto”. Se Nelson é melodramático, Castro é dramático o suficiente na construção de sua biografia, mesmo quando a relembra anos depois, como ao afirmar: “finalmente, a mulher sai de casa para comprar a arma e vai à redação de

*Crítica* para cumprir seu destino — e o de Roberto e, por extensão, de todos os Rodrigues” (CASTRO, 2022, p. 146).

## 7.2 Reverberações de Serafim e Roberto no contemporâneo

Vim para matar o Mário, matei o filho. Estou satisfeita  
*Agora RN*, 2022.

Ter sido uma mulher oriunda de uma família com relativo poder aquisitivo — seu pai era um médico renomado, assim como seu ex-marido — pode explicar em parte a marginalização de Serafim. Da mesma forma, o crescimento da pauta de gênero faz com que sua voz volte a ressoar cem anos depois. Certamente, a categoria que mais impacta o caso é o gênero, responsável pelo apagamento da autora. No entanto, a classe também pode ser utilizada como método para refletir sobre o escândalo em que ela esteve envolvida: será que este assassinato continuaria na ordem do dia depois de tanto tempo se os envolvidos não fossem membros da alta sociedade carioca? Será que seria considerado paradigmático do fim da era de ouro do jornalismo carioca ou ao menos para a era de ouro do jornalismo sensacionalista?

Ainda que Roberto tenha sido bastante esquecido, semelhante ao que ocorreu com Serafim, de quando em quando sua obra é lembrada. O assassinato e a fama de seu irmão marginalizaram a sua obra, passou a ser apenas objeto de luto para Nelson. No entanto, é possível encontrar seus quadros e figuras expostos em galerias, museus e exposições ao longo do país. Principalmente, como se poderia esperar, no Rio de Janeiro. Roberto Marinho, por exemplo, tinha diversos de seus quadros, que hoje ficam expostos no espaço cultural em que sua casa se transformou.

O Museu Nacional de Belas Artes também o colocou em evidência, organizando a exposição *Roberto, um certo Rodrigues* em 2016. Entre os presentes, estiveram Vera Rodrigues, viúva do filho de Roberto, Sérgio, que havia morrido pouco tempo antes (ela própria acabaria falecendo no ano seguinte). Continha ilustrações e documentos inéditos do desenhista, muitos dos quais doados por Vera (BAHIA, 2016), e parte de seu conteúdo pode ser visualizado no *Google Arts & Culture* (plataforma de visitas virtuais a museus e galerias de arte). Segundo consta em uma matéria do dia da inauguração da exposição, Sérgio Rodrigues desejava doar materiais de seu pai: “Era desejo do criador da poltrona mole ver as

obras do pai entregues a uma instituição que pudesse restaurar, promover e divulgar o acervo” (BAHIA, 2016).

Figura 42 - Poltrona mole, criação de Sérgio Rodrigues



Fonte: BOERE, 2017.

Como praxe, a exposição manteve mitos e repetições sobre o caso. O mais notável deles, a construção narrativa rápida que faz com que pareça que Serafim entra na redação já atirando, omitindo a conversa privada no gabinete: “Sylvia, revoltada com a publicação da matéria, que insinuava o adultério como o motivo do desquite, vai à redação do jornal em busca de Mario Rodrigues. Em sua ausência, é recebida por Roberto, que leva um tiro próximo ao estômago e não resiste ao ferimento” (MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, 2016).

Não foi, claro, a primeira exposição sobre Roberto. Logo após a sua morte, o Liceu de Artes e Ofícios, escola técnica tradicional do Rio, fundada no século XIX, organizou um evento em sua homenagem. Já na década de 1990, suas obras, a maior parte em estilo déco, foram trazidas para a Galeria A.S. Studio em São Paulo, além de também terem passado novamente pelo Rio, mas no Conjunto Cultural da Caixa (atual Caixa Cultural, cujo teatro foi, inclusive, batizado com o nome de Nelson Rodrigues) e na Galeria Hermitage (FAMOSOS QUE PARTIRAM, s.d.b). A página sobre Roberto no *Facebook*, com um total de 36 seguidores, corrobora as informações do *blog* sobre as exposições.

Outros fazem uma sutil reverência a Sylvia Serafim. O *site* Cabruuum, de um jornalista chamado Augusto Paim, publicou em 2007 um comentário sobre o episódio do

*Linha Direta*. Nele, recriando os adjetivos dos Rodrigues, se refere à Sylvia como “inescrupulosa”, enquanto Roberto, como padrão, recebe carga heróica: “Roberto Rodrigues, um jovem desenhando sonhos sobre os papéis de sua prancheta. Roberto Rodrigues, um jovem que teve sua vida ceifada. [...] Roberto Rodrigues, sonhos e linhas interrompidas, ironicamente, por causa de um desenho!” (PAIM, s.d.). Um leitor, Alexandre, sem entender a ironia, o responde nos comentários dizendo que estaria sendo leviano ao adjectivar Serafim, e que *O anjo pornográfico* explica o acontecido em detalhes; mas confunde o nome do autor, atribuindo autoria Fernando Morais, autor de *Chatô*, e não a Ruy Castro. Recebe uma tréplica de Paim, que o lembra do aspecto irônico de seu texto, “uma paródia do estilo narrativo do programa Linha Direta”.

Diversos *sites*, *blogs*, revistas e jornais contemporâneos reproduzem Castro ou mesmo Nelson. Quando falam em Nelson ou em Roberto, é quase inevitável que olhem rapidamente para o assassinato e mencionem Sylvia de passagem. *Glamurama*, por exemplo, da *UOL*, foi um desses veículos. Em 2016, publicou uma matéria intitulada “Paixão e morte na tragédia que marcou a família de Nelson Rodrigues”, cujo teor pode soar óbvio já pelo título. O que caracteriza a vasta maioria dessas publicações é a repetição *ad infinitum*, sem inovações criativas, questionamentos, novas visões ou tentativas de ir além do que apareceu nas páginas de *O anjo pornográfico*. Não apenas por reproduzirem como factuais elementos que carecem de comprovação — a já clássica frase rodrigueana “Vim para matar Mário Rodrigues, matei o filho. Estou satisfeita”, por exemplo —, mas também por relatarem o acontecido repetindo, com palavras diferentes, o mesmo enredo.

As descrições do caso também são quase sempre muito semelhantes e repetitivas entre si, adicionando poucas inovações. O *blog Lulacerda*, o *site do Rio*, da jornalista e escritora Lulacerda, traz que “Roberto era ilustrador de “A Crítica”<sup>44</sup> e foi morto, em 1929, na redação do jornal, com um tiro na barriga dado pela jornalista e escritora Sylvia Serafim Thibau, que se sentiu ofendida com uma charge que insinuava que ela tinha traído o marido” (BAHIA, 2016). *Famosos que Partiram* repete isso, adicionando o clichê de que a morte de Roberto foi uma “Tragédia Rodrigueana”, repetindo o já mencionado tropo do assassinato como motivação artística de Nelson (embora não seja uma mentira).

Já o *Portal Press* (2021, grifos meus) diz que “Revoltada por ter o nome exposto na reportagem, Sylvia **invadiu** a redação com uma arma e disparou em Roberto, que viria a

---

<sup>44</sup> Há um erro muito comum, embora menor, principalmente nessas plataformas virtuais, de deslocar um artigo “A” para *Crítica*. O nome do jornal sempre foi este, *Crítica*, sem o artigo. No entanto, diversos veículos o cometem: o *blog Lulacerda*, o *site do Rio* (BAHIA, 2016); *Portal Press* (2021).

falecer dias depois”, repetindo uma imagem clássica: construir o enunciado de forma que aparente que Sylvia entrou na redação disparando sem qualquer interlúdio. O termo “invadiu” já denota uma violência explícita, como se ela tivesse forçado a sua entrada, ao contrário de ter sido convidada para um gabinete particular. O verbo é, aliás, comum quando se fala do caso e mesmo trabalhos acadêmicos, como o de Dênis Moura de Quadros (2018, p. 13) e o de Helena Mello (2010, p. 01) o repetem. Quando vamos para artigos em *blogs* e *sites*, então, se torna abundante: “Sylvia, a esposa que se desquitara do marido e cujo nome fora exposto na reportagem **invadiu** a redação de Crítica” (PROSCENIUM, 2013). *Portal Press* ainda coloca Mário Rodrigues na redação, contradizendo a suposta frase repetida em demasia de que Sylvia apenas matou Roberto pela falta de Mário: “A cena ocorreu **sob os olhares de Nelson e de Mário Rodrigues**, que, deprimido com a perda do filho, viria a falecer em 1930 por conta de uma trombose cerebral” (PORTAL PRESS, 2021). Há, portanto, além de um malabarismo retórico, uma simples desinformação, colocando Mário em um espaço-tempo que nunca esteve.

Quando não condenam Serafim, ou apenas reproduzem acriticamente fragmentos do acontecido, o tipo mais comum de mensagem foca na virulência da imprensa da época. É o caso de *Infonet*, canal de notícias do Sergipe, que em uma matéria de 2012 sobre o linchamento midiático do Senador Demóstenes Torres, lembrou tragédias impulsionadas pela imprensa. Além do caso paradigmático de Roberto Rodrigues — chamado pelo jornal de o “irmão ‘bonito’ de Nelson Rodrigues” (INFONET, 2012) —, retoma também o assassinato de João Pessoa, como método de crítica à mescla entre vida pública e privada.

Mesmo matérias que fazem alguma defesa de Serafim, como uma publicação da *Valor* de 2011 já referida nesta tese, que classificou *Crítica* como “campeão de virulência”, não deixam de corroborar elementos sexualizantes perpetuados pelo veículo. Focado na história do jornal, sua ascensão e decadência, a reportagem apresenta Serafim como *femme fatale*, “excepcionalmente atraente, loira, cheia de corpo, elegante” (VALOR, 2011). Nem menção a seus escritos, ou a sua participação política, apenas a sua aparência física e ao assassinato. Também reforça outra imagem clássica: Serafim entrou atirando, sem tempo para questionamento: “Perguntou pelo ‘dr. Mário’. Como não tinha chegado, nem Mário Filho, quis falar com Roberto Rodrigues: ‘Eu não lhe disse que não publicasse?’ e deu-lhe um tiro no abdômen, a meio metro. [...] comprou uma pequena pistola Gallant, niquelada, voltou ao jornal e atirou no primeiro Rodrigues que encontrou” (VALOR, 2011).

Algumas vão além, como *Glamurama/Uol*, e chegam a descrever a indumentária de Serafim ao adentrar a redação. Não está claro onde eles adquiriram esta informação, dado que

em nenhum dos materiais consultados nesta tese apareceu menção às roupas utilizadas pela escritora no fatal 26 de dezembro de 1929. Tampouco mencionam a fonte, o que levanta questões sobre a veracidade e a origem dessa informação, ainda mais, como se verá, considerando as falsidades trazidas pelo veículo. Ainda assim, o sítio afirma que Serafim usava um “vestido de cintura baixa verde-água, chapéu cloche no mesmo tom e sapatos de saltinho marfim” (GLAMURAMA, 2016), criando uma aura de *glamour*, mistério e dramaticidade em torno de Serafim.

Na mesma matéria, outra alteração: a escritora não teria ido diretamente a Nelson e Roberto, mas um suposto auxiliar (que nunca antes tinha sido mencionado) para perguntar se Mário estava. Ao menos a idade de Nelson está corretamente referenciada, com seus 17 anos completos. O tal auxiliar quem teria dado a negativa da presença de Mário e sugerido que ela falasse com Roberto. Só aí já há mais uma versão, por menor que sejam as alterações: Sylvia não entra querendo falar com qualquer Rodrigues e perguntando pela ordem sucessória até chegar a Roberto, mas é indicado à presença de Roberto por um funcionário do jornal. De resto, o *site* corrobora a narrativa clássica de que a jornalista intencionava apenas o assassinato gratuito:

foi com ele que Sylvia acabou resolvendo o que queria. Na verdade, ela não estava muito interessada em conversar. Queria apenas matar alguém da família. Enquanto o ilustrador fechava a porta da sala onde a recebeu, ela sacou de sua bolsa estilo envelope um revólver calibre 22 e, quando ele se voltou, acertou-o no abdome com dois tiros” (GLAMURAMA, 2016).

Não há qualquer menção à conversa dentro do gabinete (ao contrário, dizem que ela não estava interessada em conversar) ou ao tempo decorrido. Nesta versão, Serafim aparece tão ou mais sádica do que nos relatos de Nelson. Logo depois, a título de exemplo, narram que “Enquanto o ilustrador fechava a porta da sala onde a recebeu, ela sacou de sua bolsa estilo envelope um revólver calibre 22 e, quando ele se voltou, acertou-o no abdome com dois tiros”. Não apenas ampliam com um tiro a mais, como criam uma imagem em que Serafim teria atirado no mesmo momento que entrou no gabinete. Entre as muitas dúvidas sobre o assassinato, o tempo que Roberto e Sylvia estiveram conversando em um gabinete não é uma delas, sendo fato que a jornalista não atirou na primeira oportunidade. Se Nelson Rodrigues (entre outros) distorce e exagera o acontecido em suas crônicas, *Glamurama* não apresenta qualquer compromisso com os fatos, adulterando-os em prol da criação de uma história mais “clicável”.

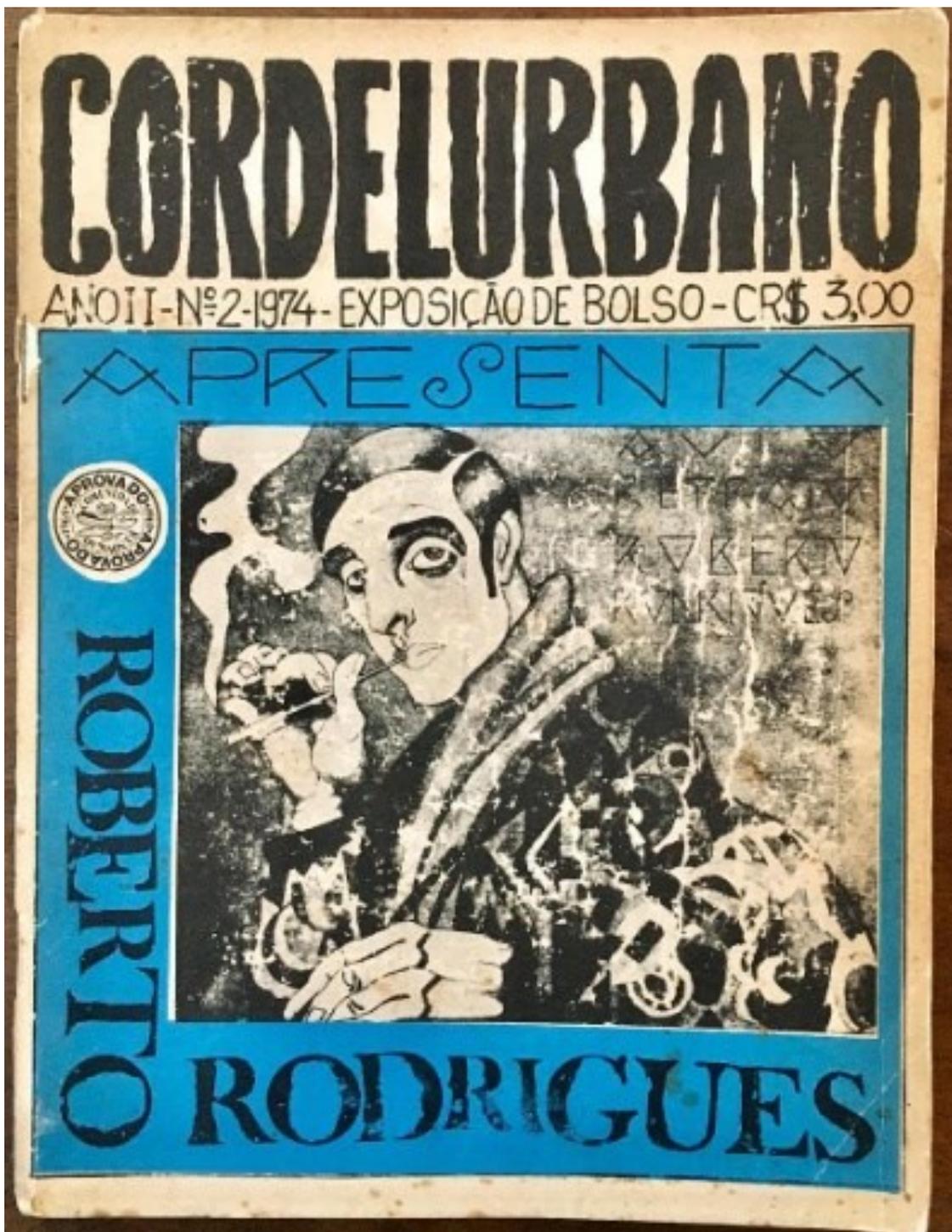
De resto, a crueldade de Serafim se mantém, conforme o veículo conta que “Depois de passar por cima do corpo dele, ela saiu da sala e foi rendida pelo repórter de polícia Garcia de Almeida. ‘Vim para matar Mário Rodrigues, matei o filho. Estou satisfeita’” (GLAMURAMA, 2016). A velha frase, portanto, reciclada e atualizada, com algumas pequenas modificações. Em vez de ter dito “Eu queria matar Mário Rodrigues ou um dos seus filhos!” (CRÍTICA, 27 dez. 1929), Serafim é mais sucinta, sem rodeios, sem exclamações, mas ainda mantém a sua satisfação maligna. Tão maligna que chega até a pisar em cima de Roberto — “que tinha uma alma atormentada” (GLAMURAMA, 2016) —, saindo da sala com a naturalidade de quem volta de um passeio.

A reportagem prossegue, agora se voltando para o restante da vida de Serafim. Para eles, a jornalista enfrentou uma sucessão de desgraças que culminaram em seu suicídio apenas porque “gostava de viver perigosamente” (GLAMURAMA, 2016). Ser abandonada pelo companheiro com um filho pequeno, enganada e presa por um diploma falso recebido por ele é apenas consequência de alguém que gostava de aventuras. O caso é simplificado ao extremo, ignorando completamente o papel social de uma mulher no Brasil de 1930, ainda mais se tratando de uma assassina. Sem qualquer preocupação em compreender as dinâmicas sociais e sociológicas sobre os efeitos de um assassinato sobre a perpetradora, mesmo que absolvida, ou, ainda, sobre o papel de gênero, *Glamurama* traz uma Sylvia Serafim simplista, maniqueísta e infantilizada, não muito diferente do que tantas outras plataformas e trabalhos genéricos fizeram repetidamente nos últimos cem anos. Ainda erram o nome do filho de Sylvia, meu avô, chamando-o de Ronald.

Meu bisavô, Armando Serra de Menezes, é tratado quase como um adolescente, abandonando Sylvia apenas porque se sentia “sufocado”. Esses exemplos ilustram e confirmam como a narrativa retira a carga complexa de tudo que envolve Serafim, transformando sua vida em uma novela. Armando não teria abandonado a intelectual porque se envolveu com uma mulher mais rica, com mais nome e sem o peso do escândalo que ela trazia, mas apenas porque se sentia “sufocado” (GLAMURAMA, 2016). Tudo é tão abreviado que o veículo omite todo o tempo que ela permaneceu o esperando sozinha com o filho pequeno no Uruguai: “Armando logo arranjou uma transferência para Curitiba” (GLAMURAMA, 2016). Após o incidente do diploma, Serafim se torna apenas uma “estelionatária” que fugiu para Curitiba, sem qualquer razão mencionada (mesmo que o motivo fosse óbvio: buscar ajuda de Armando), e que, rejeitada, tentou se matar mais uma vez.

Não bastasse as desinformações veiculadas em matérias da mídia tradicional, as redes sociais frequentemente as replicam. É o caso desta matéria do *Glamurama*, reproduzida pelo *Sebo do Formiga* em 2018, seguido por aproximadamente cinco mil pessoas. Como sintetiza: “Exposta à vergonha pública pelo jornal “Crítica”, do pai do dramaturgo Nelson Rodrigues, a escritora Sylvia Serafim Thibau foi pessoalmente à redação e deu cabo do ilustrador Roberto Rodrigues – irmão de Nelson. O dono do jornal morreu meses depois, de desgosto, mas a desgraça não acabou por aí...” (SEBO DO FORMIGA, 2018). Tudo isso para anunciar um catálogo de uma exposição de Roberto, datado dos anos 1970, como pode ser visto abaixo:

Figura 43 - Catálogo de exposição sobre Roberto, disponibilizado pelo sebo



Fonte: SEBO DO FORMIGA, 2018.

*Agora RN* inovou. Para colocar um contraponto aos feminicídios, o autor lembrou o caso de Sylvia. Assim como os homens saem impunes mesmo assassinando suas companheiras, Serafim havia saído impune cem anos antes. A comparação parece despropositada, considerando a diferença abismal entre um feminicídio e o crime da

jornalista, sustentando-se fragilmente na linha da absolvição pela defesa da honra. O *site* ainda chama *Crítica* de “folhetim” (AGORA RN, 2022).

Outra inovação que trazem é a reflexão sobre por qual motivo Serafim teria sido absolvida. Apresentam três opções possíveis: 1- Antipatia generalizada à *Crítica*, por sua postura virulenta e seu jornalismo de sensações; 2- “posição social da ré”; 3- bons advogados conseguiram usar a ideia de defesa da honra para livrar não apenas homens, mas também mulheres. A primeira opção é uma das fartas probabilidades, mas sozinha dificilmente explicaria sua absolvição. A segunda é a mais frágil: as vítimas gozavam de posição social semelhante, sem mencionar a disputa que se criou entre veículos e empresários poderosos do naipe de *A Noite* e Chateaubriand. Claro que a classe influencia — a própria escolha, por parte de *Crítica*, na matéria sobre o desquite sofre influência dessa classe —, mas em um cenário em que todos os participantes envolvidos eram de classes mais abastadas, terá ela sido fundamental? Já a terceira é igualmente frágil, visto que Serafim foi uma das primeiras mulheres inocentadas por defesa da honra em uma jurisprudência que na prática só absolvía homens em casos de feminicídio.

A indignação do veículo com a absolvição da jornalista é nítida, visto que repetem em pelo menos três passagens: “Mata pela honra e é absolvida”. Há, para dizer o mínimo, superficialidade na cobertura — como, de resto, é padrão nas repetições sobre o caso de Sylvia em veículos contemporâneos. Não questionam possíveis outros motivos que podem ter influenciado na decisão do júri, desde a questão de gênero até os processos de desumanização perpetrados sobre a autora, passando ainda por eventuais atenuantes como o tiro para baixo. Mas não deixam de revelar um cinismo punitivista com o destino de Sylvia, “Em tempo, Sylvia suicidou-se em 1936 depois de ser abandonada por um tenente-aviador pelo qual se apaixonou”, como se a providência tivesse agido onde a justiça dos homens falhou.

De resto, segue o mesmo padrão dos demais veículos. Alega que o desenho de Roberto “maculou a honra da mulher”, e que a separação de Serafim era “ruidosa e incomum”, o que a fez ir ao jornal “decidida a matar alguém. Na falta do pai foi um dos filhos” (AGORA RN, 2022). Ou seja, reedita o tropo de *femme fatale*, assassina infame, disposta a vingança sem pesar as consequências. A morte do filho como substituto do pai, ideia repetida à exaustão. Naturalmente, também recicla a frase de sempre: “Vim para matar o Mário, matei o filho. Estou satisfeita” (AGORA RN, 2022). Essas reedições de clichês melodramáticos confirmam as repetições que o caso recebeu, cristalizado em narrativas repetidas com forte toque rodriguiano.

### 7.3 A absorção de Sylvia Serafim pelo meio digital

Sylvia foi simplesmente uma assassina e, se matou porque tinha algo guardado dentro dela  
Linha Direta (2007).

Ainda mais interessante do que as matérias e reportagens de *blogs* e pequenos veículos, são os comentários em redes sociais. Principalmente o *YouTube*, onde está o episódio do *Linha Direta*, concentra algumas das maiores pérolas sobre um acontecimento de quase cem anos atrás. Pessoas discutem e brigam entre si, reeditando, tantos anos depois, as mesmas discussões acaloradas da imprensa da época. Alguns arriscam uma comparação com os dias atuais: “Quase 100 depois nada mudou as fofocas destrói famílias, pessoas. foi um crime, mas naquela época honra era motivo de barbárie. e hoje?”, e prossegue, após sua pergunta: “O Sensacionalismo perdura com a falta de ética da imprensa e das mídias sociais. um belo exemplo de falta de ética da imprensa. que sirva de exemplo para páginas de notícias que fazem fake news” (LINHA DIRETA, 2007). Ao que parece, quis dizer que a defesa da honra justificava o atentado, a “barbárie” a que se refere. É bastante comum entre os comentários a apropriação do assassinato de Roberto para uma leitura contemporânea sobre *fake news* ou sensacionalismo, trazendo supostas permanências e manutenções de um legado de desinformação. Mais do que isso: as consequências últimas que o sensacionalismo pode produzir.

Enquanto alguns usuários esboçam uma tentativa de reflexão sobre temas como o impacto do sensacionalismo ou das *fake news*, outros preferem uma abordagem punitivista, condenando um crime de um século atrás. É o caso de um usuário que declara não entender a justiça, “a pessoa entra em algum lugar e mata uma pessoa e é absolvida! Na minha opinião, só em matar já deveria ficar presa direto”, ignorando mecanismos legais, jurídicos ou até o direito de legítima defesa; mas também de outro, que no início de abril de 2024 escreveu que “Essa mulher teria que ter pago, tirou a vida do rapaz, Assassina, sem vergonha” (LINHA DIRETA, 2007). Logo depois, publicou novamente: “Com quem ferro fere com ferro será ferido...”. Sua posição aparece, então, ambígua. Sobre quem ele se refere quando menciona o ditado popular? Serafim, *Crítica*? Caso seja sobre Serafim, então não apenas ambígua, mas contraditória, já que defende que ela deveria ter sofrido consequências pelo assassinato, para depois afirmar que sofreu as consequências.

Não por coincidência, esses usuários costumam empregar adjetivos que remontam justamente aos utilizados por *Crítica*, como “sem vergonha” ou “louca”; alguns vão ao limite

e repetem até mesmo expressões e apelidos dos jornais: “5x2? A cadela de rua não foi absolvida por unanimidade?”, ou ao declarar que “Era uma louca egoísta” (LINHA DIRETA, 2007). Não sem ironia, o primeiro indivíduo reparou em uma das incongruências que chamei atenção na fala de Nelson: a absolvição de Sylvia foi tudo, menos unânime. A vontade de Nelson em exagerar o caso de seu irmão fez com que até o significado de “unanimidade” fosse distorcido, concedendo à absolvição de Serafim um caráter ainda mais dramático e legitimando seu discurso reacionário e elitista de rejeição do cenário político-social.

Outro espectador segue uma abordagem semelhante, declarando que “Sylvia foi simplesmente uma assassina e, se matou porque tinha algo guardado dentro dela” (LINHA DIRETA, 2007). Diferente dos perfis anteriores, que não continham nada em sua página, Mara Lúcia demonstra interesse por ópera. Essas observações são interessantes para entender como o fenômeno se reconstrói e permanece hoje, e como as pessoas sustentam posições maniqueístas sobre um caso ocorrido há um século. Um comentário após o outro ilustra isso. Um espectador, por exemplo, não questiona os impactos sociais e a complexidade do assassinato ou do suicídio, mas assume uma visão simplista de que Serafim teria se matado por “algo guardado”, seja lá o que for. Isso é uma reedição da redução praticada por *Crítica*, exatamente o que essa tese tenta evitar: classificar Sylvia “simplesmente” como uma assassina. Ninguém é “simplesmente” apenas algo, muito menos uma intelectual deste porte.

Esse tipo de abordagem simplória segue o padrão. Condenações ou defesas sem questionamentos, inundadas de maniqueísmos e reduções. Serafim torna-se somente uma “louca egoísta”, nas palavras de alguns (LINHA DIRETA, 2007). Reduzi-la à loucura, não à toa um mecanismo do qual *Crítica* lançava mão, é útil no processo de desumanização. Como louca, nada do que faz pode ser considerado a sério, de modo que qualquer posição que Sylvia apresentasse estaria naturalmente equivocada. Não importa se era escritora, artista ou intelectual, era, antes de tudo, louca. Um adjetivo que remonta a todo um processo genealógico de desumanização feminina, como vimos lá atrás, deslegitimando qualquer intelectual por meio da anormalidade. Menos intensa, mas mais comum, é a sua redução apenas à função de assassina: “Nada justifica matar uma pessoa ela e assassina não dar para colocar ela como salvadora de uma classe e assassina” (LINHA DIRETA, 2007).

É comum que os comentários degenerem em discussões, por vezes virulentas. Um usuário criticou os outros comentários do vídeo, atacando aqueles que defenderam Serafim. Para ela, é inadmissível que um assassinato fosse relativizado ou diminuído, e Sylvia era tudo, menos exemplo de caráter: “Nossa, ela realmente foi ‘espetacular’. Agiu por impulso, matou um homem, matou outro por consequência da primeira morte, se matou por conta de um

homem e deixou os filhos a mercê da própria sorte”. Prossegue: “Que mulher ‘magnífica’, que ‘símbolo a ser seguido’. Pelo amor de Deus, viu! Ainda teve alguém que descreveu esse episódio como lindo... Pessoas com sérios problemas mentais vemos nos comentários. Episódio triste!”. Fica claro que, para a maior parte dos usuários que se posicionam contra Sylvia, o caso não permite tons de cinza ou qualquer leniência, sendo de uma condenação moral absoluta sobre o assassinato.

Nem todos atacam Serafim; alguns vão para o lado oposto. Os mais extremos chegam a afirmar que foi pouco apenas a morte de Roberto: “A verdade é que mereceu. Quem manda dar uma de louco. Esse aí não tinha cara de santo também não”, enquanto um canal de “histórias sobrenaturais” comenta: “Família Rodrigues”, seguido de vários *emojis* de náusea e vômito (LINHA DIRETA, 2007). Outro vai ainda mais adiante: “Gostei , Sylvia. Gente sem caráter tem que se lascar kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk”. Uma vez mais exemplificando a abundância de maniqueísmo sobre essa disputa, tanto Serafim quanto Roberto, além dos Rodrigues, são sempre classificados dentro de categorias como “bom” ou “mau”. Roberto e Sylvia são enquadrados como “santos” ou “demônios”, nunca tratados como seres humanos. Interessa mais formular um juízo dicotômico e simplista do que questionar as estruturas que levaram àquele acontecimento. Nenhum usuário questiona sobre a intelectualidade e a produção dos dois, os impactos traumáticos da morte sobre os Rodrigues, a dificuldade de Serafim em reconstruir sua vida e seu consequente suicídio, as pautas políticas envolvidas desde o princípio, e assim por diante. É apenas o bem contra o mal, o vilão e o herói, independentemente de quem assume cada papel, Roberto ou Sylvia. Respostas positivistas, superficiais, que comemoram o destino fatal de um ou de outro (quando não de ambos). Roberto mereceu a morte, Sylvia idem, depende do emissor da mensagem.

Via de regra, aqueles que defendem Sylvia pensam que os Rodrigues lidaram com as consequências de suas escolhas. Para eles, a punição foi merecida e até previsível, como resposta à provocação que receberam. O moralismo abunda na maior parte dos comentários, seja qual “lado” defendam, e os usuários se concentram em acusar (por vezes uns aos outros) em vez de refletir sobre os acontecimentos: “Era pra ter sido o pai, mas Roberto também é culpado por usar sua arte pra esse tipo de canalhice. Procurou e achou” e que a morte foi resultado de um “Jornal sensacionalista e caluniador”. Outros ainda colocam Serafim no divã, arriscando palpites como “Acho que ela teve uma depressão profunda, com um peso de uma sociedade tão julgadora”, “A família Rodrigues foi machista, patriarcal, tem sua responsabilidade” (LINHA DIRETA, 2007). Aliás, abundam referências ao machismo da família, assim como paralelos contemporâneos com *fake news*: “publicar coisas sem ter

certeza, sem fontes sem nada. chamando a mulher de adúltera. já nessa época já se provava o quão perigoso são as notícias falsas” (LINHA DIRETA, 2007), determina outra espectadora.

Há também aqueles que defendem Sylvia não por simpatia à escritora, mas por rejeição a Nelson. É o caso de um dono de um canal sobre religião e a relação de deus com a cura de doenças. Para ele, Nelson só escrevia “pornografia” (LINHA DIRETA, 2007). Não obstante, a maior parte da categoria teatral só aprecia as obras do dramaturgo justamente por conta da pornografia: “Não todos mas a maioria dos atores e atrizes adoram fazer peça teatral e filmes escrita por Nelson Rodrigues isso por que é uma esculhambação total com muito sexo. Nelson Rodrigues só tinha estrumo na cabeça para escrever pornografia” (LINHA DIRETA, 2007). Curiosamente, e confirmando o que foi dito sobre as ideologias na prática aparecerem de forma muito mais orgânica e se contaminando entre si, mesmo com suas posições nitidamente conservadoras, parece colocar-se em favor de Serafim: “Quanto a esse episódio esse irmão do Nelson ele deveria honrar a família e a moral dele em não publicar a matéria” (LINHA DIRETA, 2007). Embora pareça haver uma ligação da ideologia política com a polarização sobre o caso, na prática elas se confundem, se contaminam, dialogam, mostrando que nem todo conservador demoniza Serafim, e nem todo progressista a defende.

Outros usuários apresentam argumentos consonantes com os desenvolvidos nesta tese: “Bando de homem invejosos como escritora, jornalista. Se fosse homem ,nao iam chacoalha-ta tanto”, “Ela tentou conversar mas nao ouviram”, “A verdade e que mulher nao tinha paz.... e errado matar mas a vdd que eles gostava de mulher na lama. Se ela fosse homem nao tinha dado em nada”, “Existem coisas que podem ser evitadas, se cada um cuidassem da propria vida, mtas mortes seriam evitadas” (LINHA DIRETA, 2007). Conquanto a primeira frase pareça descompromissada — seria inveja o substantivo adequado? — as demais, em que pese o contrafactual, trazem uma das perguntas posadas neste texto: fosse homem, será que o suposto adultério de Serafim teria sido matéria de capa? Provavelmente não. Como desenvolvido, o adultério masculino era comum e até esperado aos homens, enquanto o adultério feminino era recebido com celeuma.

Alguns poucos buscam uma posição intermediária. Para ela, o assassinato foi fruto de uma série de escolhas equivocadas que poderiam ter sido evitadas, gerando uma tragédia de erros. Nada justifica o assassinato — e é interessante como os usuários sempre fazem questão de reforçar isso, por mais óbvio que seja, possivelmente para evitar uma resposta agressiva — , mas, diz a espectadora, “Uma calúnia que levou a uma tragédia, se o jornal tivesse reeditado, falando a verdade o cara ainda estava vivo. Uma coisa que poderia ser evitado, mais o jornal queria ganhar em cima de tragédias aleias. Uma coisa não justifica a outra Claro, mais poderia

ser evitado” (LINHA DIRETA, 2007). Ela apenas esquece que não havia tragédia alheia para o jornal lucrar sobre, mas, sim, que foi o próprio jornal quem criou sua tragédia.

Outros creem que a história teria arrefecido sozinha se Serafim não tivesse reagido. Mesmo que eles não tivessem o direito de atacá-la, diz, com o tempo, teria se apagado no emaranhado imediatista da grande imprensa, e ela logo seria esquecida: “Se ela tivesse ficado na dela e deixado pra lá a fofoca com o tempo ia morrer mas ela foi fazer barraco e deu motivo pra mais fofoca(não que eles estivessem certos em manchar a imagem da mulher)” (LINHA DIRETA, 2007). Talvez tenha razão, certamente teria sido melhor do que um assassinato, e a própria Sylvia devia pensar assim. No entanto, vale lembrar que é 1930. Certamente o desquite não permaneceria como manchete por muito tempo, nem mesmo um adultério, mas isso não impediria que a escritora ficasse manchada na alta sociedade e lembrada como adúltera, mesmo se não fosse. E ser adúltera nessa época não era exatamente sinônimo de prosperidade e estabilidade. A reação de Serafim pode ter sido impulsiva e trágica, mas reflete uma tentativa desesperada de proteger a sua reputação e dignidade em um contexto social e cultural hostil.

Corolário deste meio termo: aqueles que buscam tons de cinza e enxergam culpa nos dois lados. Geralmente, com ressalvas sobre o assassinato — costumam lembrar que matar é “errado” —, reafirmam que os Rodrigues provocaram de forma desagradável. É comum criticarem a matéria de capa, acusando-a de, no mínimo, desnecessária: “Os cara abusaram fazer essa notícia sobre essa senhora .O cara de pau chamou a senhora de rameira acho teve o que procurou brincou com algo sério.Essa só se deu mal com os homens e se matou não pensando que tinha o filho pra criar”. Segundo ele, a ofensa e a matéria fermentaram o bolo da violência, que desembocaria até mesmo em seu suicídio. Sobretudo, ressalta a negligência de Serafim, homicida de si própria, ao abandonar o filho pequeno à sua sorte: “Nao quero dizer que tirar uma vida e certo. Obvio que ela cometeu um crime grave, porem os envolvidos da epoca apresentaram uma falta de empatia estarrecedora tudo em prol do financeiro. Escrúpulos entao foi zero”.

Há ainda aqueles que preferem a chalaça, o humor, ou até a ofensa. Outros, sem ofender, notam e destacam curiosidades e aspectos interessantes sobre o caso. Foi o que ocorreu com um graduado em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e professor de gramática, que comentou a semelhança entre Nelsinho Rodrigues e o cartunista Alan Moore.

Aliás, é comum na rede que alguns usuários marquem o tempo em que acessaram aquele conteúdo. Comentários como “Abril 2024”, são frequentes, assim como o são elogios

ao programa, “Linha Direta, joia raríssima”, “Eu amo esse programa poderia passar novamente eu e a adorar”, “Amo linha direta com domingo no” (LINHA DIRETA, 2007). Com menos frequência, mas também aparecem elogios a Letícia Spiller, atriz que interpretou Sylvia: “Letícia Spiller interpreta tão bem, que parece real o momento que a personagem se mata na cama ao lado do filho” (LINHA DIRETA, 2007). Outras declarações: “Nunca tive medo desse programa não perdia um só programa eu acompanhava todos os casos do Linha Direta”, “Graças a Deus que este programa está de volta O Linha Direta com Pedro Bial”. Esses comentários constituem parte considerável dos mais de 700 do vídeo do *Linha Direta*. Além disso, alguns também agradecem ao *Youtuber* que disponibilizou no vídeo na plataforma: “Excelente trabalho” (LINHA DIRETA, 2007). Outros lançam algumas questões e comentários sobre o conteúdo, como um espectador que pergunta “Exiate a segunda tragédia?” (LINHA DIRETA, 2007), em referência ao título, *A primeira tragédia de Nelson Rodrigues*, desconhecendo que a vida de Nelson foi marcada por diversas outras tragédias, além de suas próprias obras.

Refletindo uma divisão política e social, a morte de Roberto é utilizada como pauta política, apropriada para um debate esvaziado que ecoa uma separação do cenário político contemporâneo no Brasil. Em termos mais claros: as pessoas se utilizam de outras pessoas mortas há décadas para iniciar uma oposição entre os dois principais políticos brasileiros dos anos recentes, Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva (Lula). A oposição entre Rodrigues e Sylvia, com fronteiras demarcadas muito claramente entre conservadores/reacionários e progressistas, torna simples e fácil o eco com a política atual. Mesmo que a disputa na imprensa esteja a anos-luz de diferenças sobre Lula ou Bolsonaro, com semelhanças apenas muito pontuais, os usuários veem espelhados em suas câmaras de eco pautas que sequer eram sonhadas naquela época. Os Rodrigues podem ter sido reacionários, assim como Bolsonaro, mas o reacionarismo e as preocupações com que essa ideologia se preocupa mudaram drasticamente. Quão absurdo seria utilizar De Maistre como pauta do reacionarismo contemporâneo? As questões que incomodavam o teórico francês não eram as mesmas do Brasil de 2024. Na melhor das hipóteses, a grande parte dessas posições vistas são anacrônicas, utilizando óculos do contemporâneo para ler (e esvaziar) um fenômeno do início do século XX.

Por mais absurdas e inverossímeis que fossem as matérias de *Crítica* sobre Serafim, ao menos as suas histórias eram criativas e elaboradas, com um toque de requinte literário. Sim, Sylvia era tratada como a vilã de um melodrama, mas havia uma preocupação com a construção do personagem que parece inexistir na maior parte das abordagens

contemporâneas. Esses veículos — e as postagens em redes sociais, que não foi possível explorar com a profundidade que merecem —, esvaziavam ainda mais o emaranhado que se tornou o assassinato de Roberto, transformando-o em uma frágil prosa com a intenção de caçar cliques. Cada vez mais adquire o caráter de lenda, inundado de uma superficialidade e velocidade que condiz com publicações feitas em redes sociais das mais distintas. É impossível trabalhar com todos os mais de 700 comentários, isso somente no vídeo do *Linha Direta*, mas a intenção foi contextualizar como essas disputas se mantiveram e se atualizaram no digital.

Quem conta um conto adiciona um ponto, e é notável como cada narrativa sobre Sylvia Serafim e o assassinato de Nelson Rodrigues vai modificando os acontecimentos, em maior ou menor grau, mas invariavelmente tendo a versão rodriguiana como base. Quanto mais nos distanciamos no tempo, maior aparecem as discrepâncias e distorções sobre o caso. Esta tese, com todas as limitações, almejou ao menos apresentar uma contranarrativa de alguns dos pontos repetidos e cristalizados *ad nauseum* por cem anos. Por certo um exercício revisionista, mas na tentativa de conceder voz a uma mulher silenciada muito em função de seu gênero.

O revisionismo, apesar de sua forte carga pejorativa, apresenta uma noção ambígua. Pode implicar tanto na revisão ou negação de momentos de profunda violência da história humana, como o Holocausto, quanto conceder voz e força a grupos excluídos, alterando a percepção de uma história oficial. A revisão do cânone para a inclusão de vozes apagadas é um exemplo de um formato alternativo de revisionismo que não é essencialmente negativo. Para Traverso (2021, p. 177), o revisionismo, conceito que teve origem em divisões dentro dos marxistas, é, por si, um ato político, pois consiste em um diálogo com o passado para questionar noções estabelecidas no presente.

Historicamente, o revisionismo emergiu de debates intensos dentro do movimento socialista, especialmente na oposição entre Karl Kautsky e Eduard Bernstein. Bernstein, que teve um papel crucial na consolidação da social-democracia como ideologia política, questionou a inevitabilidade da revolução socialista que Marx preconizava. Ele desafiou a visão teleológica da história, que postulava o fim inevitável do capitalismo, e argumentou que o socialismo deveria ser alcançado por meio de uma transição gradual dentro da própria democracia burguesa. Este posicionamento levou Kautsky a classificá-lo como “revisionista”, consolidando assim o conceito (TRAVERSO, 2021, p. 177).

A partir desta origem, o termo revisionismo ganhou diversas conotações ao longo do tempo. Em muitos contextos, especialmente durante o século XX, foi utilizado de forma

pejorativa para descrever aqueles que se afastavam das interpretações ortodoxas, seja no campo político, social ou histórico. No entanto, é crucial reconhecer que o revisionismo também pode desempenhar um papel vital na correção de injustiças históricas e na ampliação das narrativas que compõem a memória coletiva de uma sociedade.

Outro exemplo possível de revisionismo “positivo” pode ser encontrado nos esforços para reescrever a história da colonização e do imperialismo, incluindo as vozes e experiências dos povos colonizados. Esses esforços não apenas enriquecem a compreensão histórica, mas também contribuem para reconhecer e valorizar as contribuições e sofrimentos desses grupos. Este tipo de revisão histórica desafia as narrativas hegemônicas que frequentemente minimizam ou ignoram as atrocidades cometidas durante períodos coloniais.

Por fim, talvez melhor que revisionista, palavra carregada de sentido pejorativo, seja tratar por um exercício de releitura. Como dita Zerán (2023, p. 200) não se tratou de questionar a verdade judicial, pois ela já está dada desde 1930, mas de refletir sobre os diversos pontos de vistas e correntes envolvidas. Sylvia foi absolvida, e há cem anos essa sentença está proclamada, mas isso não a impediu de ser esquecida no tribunal da História. Lembrá-la não é ignorar ou esquecer Roberto, detratar ou apagar os Rodrigues, mas evidenciar que ter assassinado uma pessoa — em um caso, como visto, bastante complexo — não é motivo para excluir suas reflexões intelectuais e apagá-la. Não se trata de excluir Nelson ou Roberto, mas de incluir Sylvia.

### Considerações finais

Ler um jornal é como ler um romance cujo autor tenha desistido de qualquer intenção de escrever um enredo coerente.  
Benedict Anderson (2008, p. 65).

Um dos poucos trabalhos a falar de Sylvia Serafim, os artigos de Marcus de Moura Barros (s.d., p. 04) ainda não publicados, posam em seu título a seguinte questão: “por que nunca ouvi falar dela?”. Ainda que não escrita diretamente, sem dúvida essa foi uma questão que apareceu nesta tese. Espera-se que as razões sociais, políticas, financeiras, literárias e jornalísticas do apagamento de Serafim tenham ficado claras. Você nunca ouviu falar dela, pois Nelson Rodrigues tornou-se Nelson Rodrigues. Um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que a fama de Nelson fez com que Serafim sofresse o deslocamento para a nota de rodapé em sua vida, ela também nunca se tornou completamente esquecida. Fosse assassina de um desconhecido, por certo já teria sido por total apagada da História. No entanto, esse apagamento parcial se mostra ainda mais cruel, colocando-a nas margens, sem desaparecer, mas com uma função única de assassina. Toda a sua complexidade — e a complexidade do assassinato — foram apagadas.

Você não ouviu falar de Sylvia Serafim porque Roberto Marinho não quis. Porque Nelson Rodrigues não quis. Porque Mário Filho não quis. Porque era uma mulher. Porque era uma assassina. Porque era poetisa. Porque mulheres não escreviam. Porque não se lia mulheres no Brasil. Porque se matou. Porque foi marginalizada até pelo movimento feminista. Porque se relacionou e foi abandonada por um militar. Porque nunca se enquadrou no papel tradicional de mãe que abandona tudo apenas para viver da maternidade. Porque era feminista. Porque era socialista. Porque talvez fosse adúltera. Porque foi desumanizada. Porque Ruy Castro não quis. Porque a academia, salvo raras exceções, nunca criticou o cânone criado por Nelson-Castro. Porque quase tudo que surgiu nos últimos cem anos só a trouxe como assassina. Mas, principalmente, porque Nelson Rodrigues se tornou Nelson Rodrigues.

Por cem anos foi repetida a mesma narrativa de desumanização e apagamento sobre a intelectual, versão canonizada por óbvio interesse de Nelson Rodrigues. Uma academia que olhou tanto para as peças de Nelson, para a chamada “alta cultura”, ou “alto teatro”, que ignorou sua parcialidade (inclusive assumida) na cobertura do caso. Sylvia virou apenas uma nota de rodapé, tendo sua produção intelectual apagada por completo. Coube a uma obra de cultura de massa, o *Linha Direta*, trazer a primeira tentativa de cobertura mais completa,

mostrando-a não somente como assassina, mas como uma intelectual vítima de uma tragédia de erros. Os inúmeros trabalhos acadêmicos sobre Nelson, via de regra, a colocam como uma nota de rodapé, como aquela responsável por impulsionar a sua carreira. Nesse processo, falham em entender o próprio dramaturgo de forma mais completa, ignorando a indissociabilidade entre Nelson e Serafim, a produção sensacionalista de sua família, os interesses financeiros dos Rodrigues, as pautas políticas de Mário, a ideologia reacionária que se dissemina na família. Desconhecer Sylvia Serafim é desconhecer Nelson Rodrigues, e vice-versa. A bala que perfurou o intestino de Roberto Rodrigues em 26 de dezembro de 1929 emaranhou as duas famílias por tempo indefinido, com traumas que ainda se mantêm.

Sem perder de vista o imperativo do assassinato, elemento marcante do fim da era de ouro do jornalismo brasileiro, esta tese apresentou algumas outras faces de uma autora esquecida, bem como seu processo de apagamento, motivos e consequências. Claro que incapaz de contemplar todas essas questões, limitado pelo espaço e tempo, espera-se que ao menos se tenha lançado luz sobre aspectos importantes de seu esquecimento e de sua produção. Não tirá-la da posição de assassina, mas mostrar que foi muito mais do que apenas isso. Não negar completamente o cânone sobre o assassinato, mas apontar algumas inconsistências, contextualizar melhor e fornecer insumos para uma visão mais ampla. Quem sabe, assim, Sylvia Serafim não deixa de ser apenas uma nota de rodapé na vida de Nelson Rodrigues, e se torna uma página independente.

Na intenção de apresentar essas multifacetadas de Sylvia Serafim, percorremos um longo caminho nesta tese, embora ainda exista um amplo campo disponível para análise. Longe de esgotar o tema, espera-se que tenha sido possível ao menos retirar a jornalista de seu papel limitado ao assassinato. Para isso, primeiro foi fornecida uma pequena aproximação biográfica, mesmo que as informações e dados sobre ela sejam limitados. Se o primeiro capítulo visou apresentar Serafim, o seguinte intencionou contextualizar o ambiente social, político, literário e midiático em que ela estava inserida, trabalhando a relação entre a mulher e a imprensa; isso foi fundamental para que o terceiro capítulo mergulhasse nos escritos jornalísticos da autora. Por outro lado, o eixo seguinte buscou trabalhar a absorção de Serafim por diversas disputas e seu conseqüente processo de desumanização e apagamento. Portanto, se os capítulos anteriores trataram da produção da autora, os demais trataram da produção sobre a autora. Para isso, foi preciso aprofundar temas como desumanização feminina no quarto capítulo e jornalismo sensacional no quinto, para finalmente entrar na imprensa da época e nas mídias contemporâneas.

À luz das noções de desumanização, o trabalho se pautou na tentativa de formular uma crítica inédita sobre a produção da jornalista. Para isso, a regressão teórica sobre aspectos de desumanização aparece como fundamental para pensar outros processos semelhantes e análogos, evidenciando uma série de mecanismos lógicos para o apagamento de mulheres intelectuais — com o agravante do assassinato. Serafim, nesse sentido, encarna a imagem clássica da louca do sótão descrita por Gubar e Gilbert.

Tendo recebido não mais do que uma piscadela de autores como Ruy Castro, é fundamental interrogar a relevância contemporânea de sua produção, destacando eventuais aspectos positivos e negativos. Uma vez mais sem esgotar o tópico, a intenção foi evidenciar que há espaço na contribuição de Sylvia Serafim à literatura e jornalismo brasileiros. Evidenciar que, sem abandonar ou diminuir Nelson Rodrigues, também há espaço à inserção da assassina de seu irmão no cânone, bem como lembrar das complexidades e mecanismos do caso e de sua consequente exclusão. Em última instância, o resgate de uma mulher apagada do cânone, nas suas condições, pode auxiliar na compreensão de processos semelhantes, e no questionamento dos processos de exclusão do cânone.

Sylvia Serafim não foi uma assassina insana e cruel, como canonizado nas narrativas rodriguianas, mas uma mulher múltipla que se envolveu em uma tragédia de erros e teve a sua intelectualidade “esquartejada”. Resgatar sua produção, uma vez mais, não significa inocentá-la do assassinato, mas apontar as áreas cinzentas que foram ignoradas por um século, e evidenciar a sua relevância tanto historiográfica quanto contemporânea. Revisitar documentos primários, como seu arquivo, ou seus descendentes, é desafiar um cânone que, senão é falso, ao menos é parcial. Através dessa reavaliação crítica, tentei oferecer uma visão mais complexa e contextualizada de Sylvia Serafim, ampliando nossa compreensão de sua vida e legado.

Para falar dos escritos de Serafim, foi preciso lançar mão de um debate sobre a origem do romance e sua relação com o público leitor feminino. Embora possa parecer destoar de seus escritos ou de sua biografia, o referencial teórico ilumina o processo de crescimento da literatura feminina, tópico caro a Serafim. A intenção era revelar a conexão íntima entre o surgimento do romance e o avanço das mulheres na literatura. Por exemplo, a discussão entre Woolf e críticos como Affable Hawk revela não apenas as barreiras sociais enfrentadas pelas mulheres, mas também a resistência e a luta por espaço na esfera literária e intelectual. Essas vozes, como a de Sylvia Serafim, persistem em desafiar estereótipos e limitações, abrindo caminho para uma representação mais justa e igualitária na literatura.

O estudo dos escritos de Sylvia Serafim revela uma faceta inexplorada de uma mulher frequentemente reduzida a um único evento trágico. Suas obras e artigos, mergulhados na obscuridade, não só resgatam a figura de uma autora esquecida, mas também proporcionam dados valiosos sobre as dinâmicas de gênero da época, a política e o jornalismo no Brasil. Sua abordagem sobre a emancipação feminina, enfatizando a importância da educação e do trabalho, transcende o tempo, oferecendo reflexões pertinentes mesmo nos dias atuais. O resgate e a compreensão integral da intelectualidade de Sylvia Serafim são cruciais para desvendar não apenas a trajetória dessa autora, mas também para iluminar questões essenciais sobre a condição feminina e a luta por liberdade e igualdade.

O pioneirismo de Serafim é evidenciado no tratamento que faz de diversos tópicos pertinentes para a época e até para os dias de hoje. Em diálogo, proposital ou não, com Virginia Woolf, artigos como *A mulher na literatura* apresenta argumentação semelhante ao clássico *A Room of One's Own*, da escritora britânica. Assim como Woolf, Serafim lança luz sobre os mecanismos sociais e políticos da exclusão feminina da literatura, rechaçando a ideia de uma suposta inabilidade artística feminina. Uma mulher escritora condenada aos afazeres domésticos, diz a intelectual brasileira, é como uma “águia em gaiola de canário” (SERAFIM, 08 mai. 1929).

Além disso, tanto Woolf quanto Serafim utilizam recursos líricos em suas escritas para transmitir suas ideias de forma mais impactante e emocional. Enquanto Woolf recorre à parábola de Judith Shakespeare para ilustrar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na busca pela expressão artística, Serafim utiliza metáforas e imagens poéticas, como a comparação do ato literário com o desnudamento, para destacar a vulnerabilidade e a exposição das mulheres que ousam desafiar as normas sociais e se aventurar no mundo da escrita. Naturalmente, sendo uma mulher, iria enfrentar desvalorização de sua arte e política não somente na época, mas ainda hoje, com Castro (1992, p. 104) classificando sua obra como “ginasiana” em 1992, ou, em 1930, Jorge Amado sugerindo que ela deveria ir para a prisão somente por ousar escrever.

Claro, mas importante ressaltar, que resgatar o trabalho de Sylvia Serafim não implica em inocentá-la do homicídio que cometeu, ou de suas consequências — que perduram ainda hoje. Mas, sim, mostrar os mecanismos sociais e políticos que atuaram sobre a desumanização e apagamento que a intelectual sofreu. Atuações sociais que condenaram Sylvia mesmo com a sua absolvição jurídica. Em outras palavras: apesar do assassinato ser o crime maior, será que Sylvia não era já considerada uma criminosa de antemão?

A desumanização feminina, como evidenciada no caso de Sylvia Serafim, está profundamente enraizada em estruturas sociais patriarcais e conservadoras. A construção da figura de Serafim como uma mulher transgressora e monstruosa revela não apenas a rejeição do conservadorismo em relação àqueles que desafiam o *status quo*, mas também a associação entre feminilidade e loucura, bem como a deslegitimação da mulher intelectual. Além disso, a análise da cobertura jornalística sensacionalista sobre o caso de Sylvia Serafim destaca como a sexualização e a objetificação das mulheres são utilizadas como ferramentas para desumanizá-las e transformá-las em figuras de escárnio público. A associação entre o erótico e o monstruoso revela como a sexualidade feminina é explorada e distorcida para fins de demonização e controle.

A figura de Sylvia Serafim foi submetida a um intenso processo de desumanização, permeado por disputas políticas, ideológicas e de gênero. Desde o momento em que seu nome foi associado ao assassinato de Roberto Rodrigues, até os dias atuais, sua imagem foi moldada e distorcida, perdendo-se sua complexidade. Ademais, a análise das representações jornalísticas revelou uma influência do gênero na construção da imagem de Sylvia como assassina, evidenciando a maneira como as normas e expectativas de gênero podem ser utilizadas para deslegitimar e desvalorizar mulheres que desafiam o *status quo*.

A construção midiática em torno do caso Sylvia Serafim e Roberto Rodrigues foi profundamente influenciada por preconceitos de gênero, estereótipos sociais e interesses políticos. Sendo feminista, desquitada, não era um alvo perfeito? Através de uma narrativa sensacionalista e tendenciosa, a imprensa procurou não apenas demonizar Sylvia Serafim, mas também santificar Roberto Rodrigues, relegando-o a um papel de vítima inocente e virtuosa. Através de adjetivos e descrições carregadas de estereótipos de gênero, Serafim foi retratada como uma mulher promíscua, histérica e perigosa, enquanto Roberto foi idealizado como um homem íntegro, trabalhador e devotado à família.

Além disso, por meio do jornalismo sensacional, *Crítica* se esforçou na manipulação da opinião pública, retratando o crime como um ataque não apenas a Roberto Rodrigues, mas a toda a estrutura familiar brasileira. Ao fazer isso, apelava a papéis tradicionais de gênero, ressaltando que, antes do assassinato, o crime maior de Serafim teria sido seu suposto adultério. Uma condenação social anterior a uma possível condenação judicial, na tentativa de mobilizar a opinião pública contra uma mulher que transgredia o destino típico feminino. Não há erro: a história de Sylvia Serafim e do assassinato de Roberto é, antes de tudo, uma história sobre uma disputa entre conservadores e feministas, sintetizado nas próprias forças em

oposição. De tudo que se viu, confirma-se a apropriação de Serafim como alvo justamente pela junção de seu gênero com sua posição política.

As permanências do sensacionalismo se refletem no melodrama, gênero limítrofe que, não sem motivo, é utilizado para descrever a prosa de Nelson. Sua narrativa sobre o assassinato de seu irmão, assim como a cobertura da *Crítica*, revelam a transposição literária do sensacionalismo. Não é coincidência que Serafim tenha se tornado uma espécie de personagem rodrigueana, imortalizada em suas crônicas, traduzida para todo o ridículo que acompanha suas personagens. Tampouco o é que coberturas midiáticas contemporâneas, ou suas repercussões em redes sociais, permaneçam mobilizando disputas e questões semelhantes às de cem anos atrás.

É impossível dissociar a história de Serafim da história da imprensa brasileira. O caso de Roberto Rodrigues é paradigmático do jornalismo de sensações, evidenciando sua consequência última. Não à toa, como já dito, Barbosa (2023) classificou o caso como o fim da era de ouro do jornalismo brasileiro, como a aurora de sua modernização. No entanto, longe de se limitar à sua época, o caso continuou mobilizando paixões ao longo das décadas, com autores, pesquisadores, jornalistas, artistas e escritores fascinados com a estetização da violência e a carga dramática de um assassinato que é continuamente tratado como o primeiro drama de Nelson Rodrigues. O sensacionalismo em torno de Serafim não acabou com a sua morte, mas evoluiu, se adaptou em novas formas de narrativas sensacionais, cobertas por *blogs*, *sites* ou até comentários em redes sociais.

O sensacionalismo brasileiro clássico, que tinha em *Crítica* um de seus principais representantes, encontra seu crepúsculo com a morte de seu principal ilustrador. O apelo às paixões, os sentimentos, a produção da estética da violência e a fusão entre jornalismo e literatura, como visto, iriam declinar após o crescimento do ideal de objetividade jornalística do qual Nelson era tão crítico. Tanto Serafim quanto Roberto, tanto assassina quanto assassinado, foram vítimas de uma tragédia de erros, um melodrama rodrigueano, cujo *leitmotiv* foi justamente o sensacional. A escolha trágica de tornar público em primeira página de um dos principais jornais um caso particular, mobilizado por suposições e boatos, mesclados com intenções econômicas e políticas, terminou em drama melodramático e sensacional por si só, com feridas que ainda hoje não cicatrizaram. A morte de Roberto foi tanto exemplo maior do impacto que a desinformação jornalística pode causar, como permanece ainda hoje, como efeméride que marca o fim da desinformação e da estética da hipérbole como ordem do dia.

É preciso analisar criticamente Sylvia Serafim, para além apenas de seu assassinato. Esta pequena digressão, longe de exaustar o tópico, pretendeu ao menos levantar algumas das questões envolvidas em seu caso e fornecer uma perspectiva renovada sobre a autora. Um empreendimento que, se bem-sucedido, busca humanizá-la, transcendendo a imagem exclusiva de assassina para enriquecê-la como figura intelectual.

Após uma análise minuciosa sobre as diversas facetas da figura de Sylvia Serafim e a disputa midiática que envolveu sua história, torna-se evidente o impacto duradouro dessa narrativa. Através de uma investigação profunda sobre a vida e obra dessa intelectual esquecida, foi possível desvelar não apenas os eventos que culminaram em sua trágica história, mas também as complexas camadas de desumanização e apagamento que foram impostas sobre ela ao longo do tempo. É fundamental reconhecer que a história de Sylvia Serafim transcende o simples relato de um crime sensacionalista, representando um microcosmo das dinâmicas sociais, políticas e midiáticas de sua época e além. Sua ressignificação como uma intelectual completa e multifacetada é um convite para uma reflexão mais profunda sobre o papel da mídia na construção e desconstrução das identidades individuais e coletivas.

Por conseguinte, espera-se que esta pesquisa tenha contribuído não apenas para o resgate da figura de Sylvia Serafim do esquecimento histórico, mas também para uma compreensão mais ampla dos processos de construção e disseminação de narrativas midiáticas. Nesse sentido, se for possível a ambição, talvez possamos ao menos desejar que esta tese não seja apenas um exercício acadêmico, mas também um chamado à reflexão sobre a responsabilidade ética e moral dos meios de comunicação na preservação da integridade e dignidade daqueles que são objeto de sua atenção.

Sylvia Serafim foi, inegavelmente, uma assassina, mas sua história vai muito além desse trágico episódio. Foi uma personagem complexa, multifacetada, cuja disputa e apropriação pela imprensa (e pela ficção) levaram ao esquecimento. Sua subjetividade apagada atuou como mola propulsora no mito que se criou em torno de Nelson Rodrigues. Aquela responsável por impulsionar a sua carreira, por torná-lo quem foi.

É chegada a hora de resgatar Sylvia Serafim como protagonista de sua própria narrativa, colocando-a no centro dos holofotes. Ela não deve mais ser vista apenas como uma extensão da história de Nelson, mas como uma figura digna de ter seu próprio enredo explorado e compreendido. Lembrar sempre que esta mulher foi, sim, uma assassina; mas também foi uma intelectual, feminista, jornalista, escritora, mãe de três filhos, minha bisavó, socialista, entre tantas outras facetas. Retirá-la de sua posição de “esquartejamento

intelectual”, para usa ruma expressão da própria Serafim. O limite de tempo e espaço de uma tese permitiu apenas arranhar essas várias frentes, ao mesmo tempo em que mostrou a construção narrativa em torno dessa figura, desde as disputas dos jornais da época até o contemporâneo.

De política e literatura a maternidade e moda, Serafim ocupou os mais diversos espaços, construindo uma imagem plural e multifacetada em oposição ao maniqueísmo que sua figura sofreu na disputa de narrativas na imprensa. Ocupava, em simultâneo, espaços e papéis tradicionais de gênero e da “Nova Mulher”. Falava com ardor e exaltação sobre a maternidade, mas nunca perdia de vista a pauta da emancipação. Tratava de estética e moda, gostava de vestir-se bem, arrumar-se, e rejeitava o rótulo conservador de que a feminista era uma mulher “feia” ou incapaz de arrumar um marido. Serafim foi legião, com produção relevante em diversos tópicos e áreas, esquecida e apagada pelo 26 de dezembro de 1929.

Embora seus trabalhos fossem plurais, a emancipação sempre esteve no centro. Afinal, emancipação implica em liberdade individual para ser quem quiser, para fazer o que quiser, e absorver as consequências das escolhas. Liberdade e possibilidade para se desenvolver como indivíduo, sem perder o imperativo social de vista. Sinônimo de “alforria” ou “independência”, não sem razão. Emancipação é fazer valer a individualidade, valorizar as escolhas e caminhos possíveis. Ter a possibilidade de escolher a atividade doméstica, mas também de desenvolver trabalho intelectual ou o que desejar. Em síntese, a liberdade da possibilidade.

Como a própria Serafim afirmou, a luta pela emancipação da qual fez parte criou uma geração de mártires. Consciente de sua própria posição, em alguns artigos descreve melancolicamente que seu papel na luta política e social teve como consequência o desastre que a acompanhou após 26 de dezembro de 1929. Embora pouco se refira ao acontecido, em seus escritos transparece o abatimento lúcido do entendimento de que a abordagem sobre seu suposto adultério não foi uma coincidência, mas uma forma de ataque político-social (e econômico). Toda a sucessão dramática após a publicação da matéria não é senão uma sequência de acontecimentos profundamente políticos, envolvendo posições e ideologias clássicas como liberalismo, socialismo e conservadorismo, em oposições mascaradas por meio da disputa na imprensa. Nesse caminho, como Serafim sabe, seu trabalho é apagado, mas não sem florescer novas gerações de feministas, intelectuais políticos e artistas, como seu suplemento favoreceu no surgimento desde Chico Xavier até Almerinda Gama.

Por mais ambicioso que possa soar, espera-se que este estudo não apenas tenha lançado luz sobre um capítulo interpretado de forma unilateral e sensacionalista na história da

imprensa brasileira, mas também por tenha oferecido uma contribuição para o processo de inclusão de vozes silenciadas no cânone literário, jornalístico e político. Um processo social em andamento, o questionamento do cânone como mecanismo de poder vem ganhando força dentro da academia nos últimos anos. Retirar Sylvia Serafim de sua função única de assassina e tratá-la também como jornalista e literata, ao mesmo tempo trabalhando a construção de sua imagem em diversas frentes, permite lançar luz sobre mais uma figura que deve ser lembrada como marginalizada por essas ferramentas de exclusão.

Nesse sentido, esta tese buscou oferecer uma contranarrativa, questionando os mitos e estereótipos que permeiam o caso de Sylvia Serafim e o assassinato de Roberto Rodrigues. Ao dar voz a uma mulher silenciada pela história e pelo patriarcado, procurou-se resgatar a complexidade e a humanidade dos personagens envolvidos, bem como estimular uma reflexão mais profunda sobre as dinâmicas de poder, gênero e representação na sociedade brasileira.

Para Escosteguy (2011, p. 21), em consonância conosco, mais importante e interessante do que classificar e rotular um trabalho sobre determinada área é pensar nas contaminações e aproximações entre áreas distintas. Essa ruptura com o hermetismo da epistemologia permitiu o acesso a novas fontes e dados primários, revolucionando a pesquisa científica. Da mesma forma, se até então o cânone sobre o caso Serafim-Roberto era formado quase exclusivamente pelos escritos de Nelson e pela biografia de Ruy Castro, concede-se voz pela primeira vez a familiares, descendentes e à própria Sylvia Serafim, escovando a história a contrapelo, para utilizar a metáfora de Walter Benjamin (1994). Esses dados, antes tratados como “aparentemente insignificantes”, permitiram uma aproximação inédita sobre um caso já há muito repetido, afastando “formas já consagradas de abordagem” (ESCOSTEGUY, 2011, p. 21) e produzindo em diversos frentes. Longe de implicar o descarte dos textos de Nelson ou Castro, isso significa apenas a adição de várias fontes, com essas duas sendo apenas algumas entre opções heterogêneas, em “um trabalho que rejeita as fronteiras disciplinares” e “a dicotomia objetivismo versus subjetivismo” (ESCOSTEGUY, 2011, p. 21). Um trabalho, ainda na chave de Escosteguy (2011, p. 21), que mescla biografia e autobiografia, quem foi Serafim e quais os impactos que ela tem ainda hoje, cem anos depois, sobre o autor e seus familiares.

Não à toa, como traz a epígrafe, fragmento de *Praça dos Heróis* de Thomas Bernhard (2020, p. 74), “um intelectual sempre atravessa sua vida completamente sozinho”. Pois a impressão final deste trabalho é que assim foi a vida de Serafim: interrompida, incompleta e limitada, sempre mediada por terceiros. Quem sabe que contribuições ela poderia ter dado à arte, à política e ao jornalismo, não tivesse passado pela vida completamente sozinha. Cabe,

ao menos, resgatar e iluminar as contribuições de seu curto período entre os vivos, ocupando suplementos e colunas de jornais em uma época em que as mulheres sequer podiam votar. Pioneirismo que, de certa forma, acabou por custar sua vida, com a consequente desumanização que sofreu pelo sensacionalismo e pela estética da violência, desde antes do atentado.

Encerrar esta tese com uma nota pessoal e confessional parece ser inevitável. Como mencionei no início deste trabalho, o dia 26 de dezembro de 1929, ocorrido mais de sessenta anos antes do meu nascimento, desempenha um papel fundamental na minha história pessoal. Ao longo dos quatro anos dedicados ao desenvolvimento desta tese, além dos anos anteriores de imersão na história, Sylvia tornou-se verdadeiramente minha bisavó. O que antes era apenas uma figura distante sobre a qual ouvia falar, agora se tornou uma presença tangível no meu círculo familiar mais próximo. A cada material examinado, a cada dado analisado, meu fascínio pela história crescia, revelando uma narrativa que sempre esteve tão próxima e, ao mesmo tempo, tão distante. Ao compreendê-la, pude compreender a mim mesmo. Essa jornada me permitiu entender minha posição como bisneto de uma assassina e refletir sobre o significado desse trauma para mim e para minha família.

Este estudo não apenas proporcionou uma revisão histórica e acadêmica, mas também possibilitou uma jornada de autodescoberta e reconciliação com um passado obscuro e nebuloso. Ao abordar essa história, mesclando o pessoal com o acadêmico, espero não apenas ter contribuído para o entendimento mais amplo do caso de Sylvia Serafim, mas também para uma compreensão mais profunda das interseções entre a história da imprensa e da literatura brasileira, memória, questões de gênero e processos de desumanização.

Figura 44 - Foto de Sylvia Serafim



Fonte: CRÍTICA, 26 ago. 1930.

## FONTES PRIMÁRIAS

A BATALHA. *Um julgamento sensacional*. N. 208, 21 ago. 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=175102&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=1662>. Acesso em: 15 dez. 2022.

ANCESTRY. Disponível em: <https://www.ancestry.com/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

AMADO, J. Cousas do Rio de Janeiro. *Etc.*, 01 set. 1930. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=165573&Pesq=%22Jorge%20Amado%22&pagfis=1138>. Acesso em: 14 mar. 2023.

BARBOSA, M. Entrevista com Marialva Barbosa: Uma discussão sobre o jornalismo de sensações e a era de ouro do jornalismo carioca. Entrevistador: Sergio Schargel. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, n. 77, pp. 378–394. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/59774>. Acesso em: 18 set. 2023. <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v77p374-395>.

BAHIA, M. MNBA abre mostra com desenhos do irmão de Nelson Rodrigues. *Lulacerda, o site do Rio*. Disponível em: <https://lulacerda.ig.com.br/mnba-abre-mostra-com-desenhos-do-irmao-de-nelson-rodrigues/>. Acesso em: 02 fev. 2024.

BOERE, N. Peças do acervo do arquiteto Sérgio Rodrigues são leiloadas no Rio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/pecas-do-acervo-do-arquiteto-sergio-rodrigues-sao-leiloadas-no-rio-22127034>. Acesso em: 02 fev. 2024.

BRASILIANA. Série “Feministas, graças a Deus!” II – Natércia da Cunha Silveira (1905 – 1993), o jequitibá da floresta. 20 ago. 2020. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=20151>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BRASILIANA. Série “Feministas, graças a Deus” VII – Almerinda Farias Gama (1899 – 1999), uma das pioneiras do feminismo no Brasil. 23 fev. 2021. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=22708>. Acesso em: 26 abr. 2024.

CAFÉ COM CRIME. 072 - A morte de Roberto Rodrigues. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3u5Lp9zeIyxahGKuIBfW1U>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CORREIO PAULISTANO. N. 21306, 29 out. 1922, São Paulo. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_07&pagfis=10139](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_07&pagfis=10139). Acesso em: 08 jul. 2022.

CRÍTICA. N. 346, 26 dez. 1929. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=2636>. Acesso em: 14 out. 2022.

CRÍTICA. N. 347, 27 dez. 1929. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pesq=&pagfis=2651>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CRÍTICA. N. 379, 01 fev. 1930. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=372382&pesq=Sylvia%20Serafim%20Thibau&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=2859>. Acesso em: 18 jan. 2024.

CRÍTICA. N. 140, 28 abr. 1929. Disponível em: [https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/dissertacao%20final%20Hellen%20\(2\).pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/dissertacao%20final%20Hellen%20(2).pdf). Acesso em: 25 ago. 2024.

CRÍTICA. N. 468, 11 mai. 1930. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382\\_1930\\_00469.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382_1930_00469.pdf). Acesso em: 16 jan. 2024.

CRÍTICA. N. 470, 13 mai. 1930. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382\\_1930\\_00470.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382_1930_00470.pdf). Acesso em: 27 jan. 2024.

CRÍTICA. N. 472, 15 mai. 1930. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382\\_1930\\_00472.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382_1930_00472.pdf). Acesso em: 18 jan. 2024.

CRÍTICA. N. 473, 16 mai. 1930. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382\\_1930\\_00473.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382_1930_00473.pdf). Acesso em: 18 jan. 2024.

CRÍTICA. N. 524, 15 jul. 1930. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382\\_1930\\_00524.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382_1930_00524.pdf). Acesso em: 19 out. 2022.

CRÍTICA. N. 552. 19 ago. 1930. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382\\_1930\\_00552.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/372382/per372382_1930_00552.pdf). Acesso em: 19 jan. 2024.

CRÍTICA. N. 554, 21 ago. 1930. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=372382&pagfis=4164>. Acesso em: 07 mai. 2023.

CRÍTICA. N. 556, 23 ago. 1930. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pasta=ano%20193&pesq=%20Por%20vezes%20sorria%22&pagfis=4188>. Acesso em: 18 out. 2022.

CRÍTICA. N. 557, 24 ago. 1930. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pasta=ano%20193&pesq=%20a%20assassina%20que%20ri%22&pagfis=4196>. Acesso em: 18 out. 2022.

CRÍTICA. N. 558, 26 ago. 1930. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pesq=%22virtuosas%20damas%20de%20nossa%22&pagfis=4204>. Acesso em: 18 out. 2022.

CRÍTICA. N. 568, 06 set. 1930. Disponível em:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=372382&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=4278>. Acesso em: 21 nov. 2022.

DIÁRIO CARIOCA. O grande responsável pela tragédia de hontem é o sr. Washington Luís, presidente da república. N. 439, 27 dez. 1929. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092\\_01&pesq=%22Sylvia%20Ser](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_01&pesq=%22Sylvia%20Ser)

afim%20Thibau%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=4968. Acesso em: 31 mai. 2023.

FAMOSOS QUE PARTIRAM. *Mário Rodrigues*. S.d.a. Disponível em: <http://www.famososquepartiram.com/2010/12/mario-rodrigues.html>. Acesso em: 19 jun. 2024.

FAMOSOS QUE PARTIRAM. *Roberto Rodrigues*. S.d.b. Disponível em: <http://www.famososquepartiram.com/2010/12/roberto-rodrigues.html>. Acesso em: 07 fev. 2024.

GAZETA DE SÃO PAULO, 24 abr. 1929. Arquivo pessoal.

GAZETA DE SÃO PAULO. N. 7000, 26 mai. 1929.

GOMES, S. M. “Tem outra forma de resolver ofensas, como Sylvia Serafim Thibau”. *Twitter*, 11 abr. 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1BplgTPUxsmaE2pRQDABaYbqoSKwoU7qV/view?usp=sharing>. Acesso em: 07 mai. 2023.

INFONET. Demóstenes, Fouquier-Tinville e Maurício Rands. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/demostenes-fouquier-tinville-e-mauricio-rands/>. Acesso em: 02 fev. 2024.

JORNAL DO BRASIL. N. 69, 24 mar. 1940. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_06&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=1649](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_06&pasta=ano%20194&pesq=&pagfis=1649). Acesso em: 05 jun. 2024.

JORNAL DO COMMERCIO. *Scena de sangue na redacção da ‘Crítica’*. N. 308, 27 dez. 1929. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_11&pesq=%22Sylvia%20Serafim%20Thibau%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=39943](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_11&pesq=%22Sylvia%20Serafim%20Thibau%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=39943). Acesso em: 24 jan. 2023.

JORNAL PEQUENO. *Telegrammas*. N. 238, 22 out. 1910. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=%22Augusto%20Serafim%20da%20Silva%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.br&pagfis=12414>. Acesso em: 23 mai. 2022.

MARTINS, W. O escritor maldito. *Jornal do Brasil*, 05 jun. 1993.

MELLO, H. *Nelson Rodrigues: de crítico a criticado: um melodrama do teatro brasileiro*. Disponível em: <https://docplayer.com.br/23411918-Nelson-rodrigues-de-critico-a-criticado-um-melodrama-do-teatro-brasileiro.html>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. *Roberto, um certo Rodrigues*. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/zgXBT756ihZeKQ?hl=pt-BR>. Acesso em: 02 fev. 2024.

O JORNAL. N. 3296, 18 ago. 1929. Disponível em:  
[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523\\_02&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=44868](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_02&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=44868). Acesso em: 10 out. 2024.

O JORNAL. Em desaffronta da honra pessoal. N. 3408, 27 dez. 1929. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523\\_02&pesq=%22Sylvia%20Serafim%20Thibau%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=47045](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_02&pesq=%22Sylvia%20Serafim%20Thibau%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.br&pagfis=47045). Acesso em: 29 jun. 2023.

O JORNAL. N. 3500, 13 abr. 1930. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523\\_03&Pesq=%22Para%20a%20mulher,%20no%20Lar%22&pagfis=1543](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_03&Pesq=%22Para%20a%20mulher,%20no%20Lar%22&pagfis=1543). Acesso em: 04 ago. 2023.

O JORNAL. N. 3518, Rio de Janeiro, 04 mai. 1930. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523\\_03&pagfis=1915](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523_03&pagfis=1915). Acesso em: 29 mai. 2023.

O JORNAL. N. 3536, Rio de Janeiro, 25 mai. 1930. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523\\_03&Pesq=%22Para%20a%20mulher,%20no%20Lar%22&pagfis=2220](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_03&Pesq=%22Para%20a%20mulher,%20no%20Lar%22&pagfis=2220). Acesso em: 08 out. 2023.

O JORNAL. Não resistindo ao último escândalo em torno de seu nome Sylvia Seraphim abandonou a vida pelo suicídio. N. 5171, 28 abr. 1936. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523\\_03&pagfis=29931](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523_03&pagfis=29931). Acesso em: 21 nov. 2022.

PAIM, A. Linha Direta. *Cabruuum*. Disponível em:  
<https://cabruuum.blogspot.com/2007/06/linha-direta.html>. Acesso em: 11 dez. 2023.

PARIZOTTO, J. Sylvia, a mulher que matou Nelson. *Obvious Magazine*, 24 ago. 2012. Disponível em: <https://fcrissilva.wordpress.com/2012/08/27/sylvia-a-mulher-que-matou-nelson/>. Acesso em: 21 nov. 2022.

PATRICIA, S. *A columna heroica*. Arquivo pessoal.

PORTAL PRESS. Nelson Rodrigues – O cronista que contava a vida como ela é. Disponível em:  
<https://drive.google.com/file/d/1BxsW5MEbHSRgyPK9E48I00A9F91GYzhN/view?usp=sharing>. Acesso em: 04 fev. 2024.

PROSCENIUM. O ANJO PORNOGRÁFICO - Nelson Rodrigues. Disponível em:  
<https://grupoprosцениum.blogspot.com/2013/03/o-anjo-pornografico-nelson-rodrigues.html>. Acesso em: 09 set. 2024.

ROBERTO FALCÃO RODRIGUES. *Facebook*. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/pages/Jo%C3%A3o-Roberto-Rodrigues/168228959991858>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SERAFIM, S. *A velhice moral*. S.d.a. Arquivo pessoal.

SERAFIM, S. *A mulher na academia*. S.d.a. Arquivo pessoal.

SERAFIM, S. *A mulher na literatura*. S.d.b. Arquivo pessoal.

SERAFIM, S. *A vanguarda*. S.d.c. Arquivo pessoal.

SERAFIM, S. *Aquella que não tem nome*. S.d.d. Arquivo pessoal.

SERAFIM, S. *Fios de prata, symphonia da dor*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphicas Alba, 1930.

SERAFIM, S. *Maternidade consciente*. S.d.e. Arquivo pessoal.

SERAFIM, S. No império da moda. *O Jornal*, n. 3973, Rio de Janeiro, 18 out. 1931. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523\\_03&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=10500](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=110523_03&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=10500). Acesso em: 30 jun 2022.

SERAFIM, S. *O divórcio e a liberdade de... Apanhar*. S.d.f. Arquivo pessoal.

SERAFIM, S. O trabalho intellectual feminino. *A Gazeta*, n. 6985, 08 mai. 1929.

SERAFIM, S. *O trabalho, meio de emancipação*. S.d.g. Arquivo pessoal.

SERAFIM, S. *Quando, um pouco de justiça*. S.d.h. Arquivo pessoal.

SERAFIM, S. *Ramos de coral (poemas de um coração de mãe)*. Rio de Janeiro: Typ. d'A Encadernadora S.A., 1931.

TARCI. "a sylvia serafim thibau era a fleabag". *Twitter*, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/tarcibride/status/1216730214845337600>. Acesso em: 07 mai. 2023.

THIBAU, R. *Entrevista concedida a Sergio Schargel*. Rio de Janeiro: 2023.

XAVIER, C. *Falando à terra*. Brasília: FEB Editora, 2023.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMÁLIA, N. *Nebulosas*. Rio de Janeiro: Gradiva Editora; Fundação Biblioteca Nacional, 2017.
- AGUIAR, J. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.
- AZEVEDO, A. *Noite na taverna e Macário*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2012.
- BARBOSA, M. O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. *Contracampo*, n. 12, pp. 51-52, 2005.
- BARBOSA, M. *História cultural da imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, M.; ENNE, A. L. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional. *Revista Eco-Pós*, v. 8, n. 2, 2009. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v8i2.1109>.
- BARROS, M. V. *Pourquoi n'ai-je jamais entendu parler d'elles ? : Sylvia Serafim Thibau et l'effacement discursif des femmes controversées*. Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3.
- BBC. 'Nazi' sprayed on Nancy Astor MP statue in Plymouth. 24 jun. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-england-devon-53161535>. Acesso em: 04 out. 2023.
- BENNETT, A. *Our Women; Chapters on the Sex-Discord*. Memphis: General Books LLC, 2012.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERNHARD, T. *Praça dos heróis*. São Paulo: Editora Temporal, 2020.
- BLANCO, G. Quais foram os anúncios mais politicamente incorretos da história?. *Revista Mundo Estranho*, ano 8, n. 6, jul. 2009.
- BILAC, O. Chronica. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 ago. 1907.
- BRAGA, B. et al. À sombra do Anjo: teatro desagradável em cinco atos, um roteiro performativo a doze mãos. *Caderno de Encenação*.
- BRONTË, C. *Jane Eyre*. London: Penguin Books, 2006.
- BURKE, E. *Reflexões sobre a Revolução em França*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- CAFÉ COM CRIME. 072 - A morte de Roberto Rodrigues. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3u5Lp9zeIyxahGKuIBfW1U>. Acesso em: 07 mai. 2023.
- CANCLINI, N. G. Ni folklórico ni masivo: ¿qué es lo popular?. *Diálogos de la Comunicación*, n. 17, 1987.

CARLONI, K. O corpo e as subjetividades de Sylvia Serafim: violência de gênero, imprensa e protagonismo feminino no Rio de Janeiro (1920-1930). In: FORTES, C. C. (org.). *Mulheres tecendo o tempo: experiências e experimentos femininos no medievo e na contemporaneidade*. Curitiba: CRV, 2020.

CAPOTE, T. *A sangue frio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARPEAUX, O. M. *A cinza do purgatório*. Balneário Camboriú: Livraria Danúbio Editora, 2015.

CASTRO, R. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE. *Mauro Thibau: a trajetória de um ministro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Memória da Eletricidade, 2020.

COELHO, F. O Brasil como frustração. *Revista Serrote*. Disponível em: <https://revistaserrote.com.br/2019/03/o-brasil-como-frustracao-por-fred-coelho/>. Acesso em 14 out. 2020.

CPDOC. *CRÍTICA*, s.d.a. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CR%C3%8DTICA.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2022.

CPDOC. *DIÁRIO CARIOCA*, s.d.b. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbeta-tematico/diario-carioca>. Acesso em: 19 set. 2023.

CPDOC. *SOUSA FILHO*, Manuel Francisco de, s.d.c. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SOUSA%20FILHO,%20Manuel%20Francisco%20de.pdf>. Acesso em: 19 set. 2023.

DEALTRY, G. Introdução: vida vertiginosa, um livro em movimento. In: RIO, João do. *Vida vertiginosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

DEFOE, D. *Moll Flanders*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

DELUMEAU, J. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DICIONÁRIO MICHAELIS. *Emancipação*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/emancipa%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 06 nov. 2023.

DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/#>. Acesso em: 18 abr. 2024.

ENNE, A. L. O sensacionalismo como processo cultural. *Revista Eco-Pós*, v. 10, n. 2, 2009. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v10i2.1018>.

ESCOSTEGUY, A. C. *Cartografias dos estudos culturais* – Uma versão latinoamericana. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ECOSTEGUY, A. C. Uma releitura de um clássico dos Estudos Culturais: as utilizações da cultura ([1957] 1973). In: GOMES, I. M. M.; JÚNIOR, J. J. *Comunicação e Estudos Culturais*. Salvador: EDUFBA, 2011.

FAUSTO, B. *O crime da Galeria de Cristal: e os dois crimes da mala* — São Paulo, 1908-1928. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FIGUEIREDO, V. L. F. de. *A ficção equilibrista: narrativa, cotidiano e política*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2020.

FIGUEIREDO, V. L. F. de. *Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010.

FIGUEIREDO, V. L. F. de. *Os crimes do texto: Rubem Fonseca e a ficção contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

FOUCAULT, M. *Os anormais: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GAGLIONI, C. O dilema ético em torno das obras de crimes reais. *Nexo*, 21 set. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/09/21/O-dilema-%C3%A9tico-em-torno-das-obras-de-crimes-reais>. Acesso em: 11 jul. 2022.

GLAMURAMA. Paixão e morte na tragédia que marcou a família de Nelson Rodrigues. 08 abr. 2016. Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/notas/paixao-e-morte-na-tragedia-que-marcou-a-familia-de-nelson-rodrigues>. Acesso em: 08 mar. 2024.

GILBERT, S. M.; GUBAR, S. *The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination*. New Haven: Yale University, 1980.

GILMAN, C. P. *O papel de parede amarelo e outras histórias*. Trad. Heloisa Seixas. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GOETHE, J. W. von. *Italian journey: 1786-1788*. San Francisco: North Point Press, 1982.

GONÇALVES, L. P.; CALDEIRA NETO, O. *O Fascismo em camisas verdes: do Integralismo ao neoIntegralismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

GOVERNMENT LEGAL DEPARTMENT. The Sex Disqualification (Removal) Act 1919. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/news/the-sex-disqualification-removal-act-1919>. Acesso em: 04 out. 2023.

GUIMARÃES, C. R. L. O Modernismo do Amor e da morte de Roberto Rodrigues. *Revista Gama, Estudos Artísticos*, 2016, n. 04, v.07, pp. 104-112.

HANSEN, J. A. Norma e obscenidade em Gregório de Matos, Glauco Mattoso e Hilda Hilst. *Revista Teresa*, n. 15, p. 11-32, 2015. Disponível em: <https://revistateresa.fflch.usp.br/sites/revistateresa.fflch.usp.br/files/u76/hansen.pdf>. Acesso em: 31 dez. 2023.

HIRSCH, M. *The generation of postmemory: writing and visual culture after the Holocaust*. Nova York: Columbia University Press, 2012.

HIRSCHMAN, A. O. *A retórica da intransigência: perversidade, futilidade e ameaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HUGO, V. *Les misérables*. New York: Penguin, 2013.

HUXLEY, A. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 2014.

IMAGECOLORIZER. Disponível em: <https://imagecolorizer.com/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

JONES, R. How Shrinking perpetuates Hollywood's most sexist cliché. *BBC*, 15 mar. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/culture/article/20230315-how-shrinking-perpetuates-hollywoods-most-sexist-clich>. Acesso em: 15 fev. 2024.

KUCINSKI, B. K.: *Relato de uma busca*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LEPORE, J. A golden age for dystopian fiction. *The New Yorker*, New York, 05 jun. 2017. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2017/06/05/a-golden-age-for-dystopian-fiction>. Acesso em: 07 fev. 2022.

LEVI, C. Amor e morte de Nelson Rodrigues. *Revista SBAT*, 1993.

LINHA DIRETA. *A primeira tragédia de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2007. Programa de TV. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9CLofF0d7Mw&t=941s&ab\\_channel=ArquivoLinhaDireta](https://www.youtube.com/watch?v=9CLofF0d7Mw&t=941s&ab_channel=ArquivoLinhaDireta). Acesso em: 16 abr. 2024.

LISBÔA, C. *Sylvia não sabe dançar: pulp fiction de costumes*. São Paulo: Mercúryo, 2008.

MACEDO, J. M. de. *A moreninha*. São Paulo: O Estado de S.Paulo, 1997.

MANDEL, E. *Delícias do crime: história social do romance policial*. São Paulo: Busca Vida, 1988.

MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARX, K. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MEIRA, A. P. G. de. *Me quiseram rosa, subjugaram meus espinhos: mulheres rés e relações de gênero na Comarca de Castro, Paraná (1840-1890)*. 244 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Marechal Cândido Rondon, 2021. Disponível em: [https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5808/5/Ana\\_Meira\\_2021.pdf](https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5808/5/Ana_Meira_2021.pdf). Acesso em: 14 jun. 2024.

MELO NETO, J. C. de. *Morte e vida Severina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MELO, P. *Elogio da mentira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MELO, P. *O matador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELVILLE, H. *Moby Dick*. Project Gutenberg: 2010.

MENEZES, C. A. C. de. *Direito e trabalho: análise das reformas trabalhistas*. São Paulo: LTr, 2017.

MENEZES, S. S. M. *Pode o conceito de fascismo ser aplicado ao Brasil? Uma análise sobre materiais discursivos do Fascismo, Integralismo e Bolsonarismo em seus diversos ciclos e estágios*. 2022. 345 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Centro de Ciências Jurídicas e Políticas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/13612/3.1MENEZES%2c%20Sergio%20Schargel%20Maia%20de.%20Disserta%2c%20a7%2c%20a3o%20%282%29.pdf?sequence=1&isAlloved=y>. Acesso em: 12 mai. 2023.

MESQUITA, R. Desenho de pesquisa, inferência e causalidade em ciência política e relações internacionais: uma introdução didática. *Revista Política Hoje*, v. 26, n. 2, 2017.

MORAES, E. R. *O corpo descoberto*. Recife: Cepe, 2018.

MORAES, E. R. *O corpo desvelado*. Recife: Cepe, 2022.

MORAES, E. R. *Perversos, amantes e outros trágicos*. São Paulo: Iluminuras, 2013.

MORAIS, F. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MURFIN, R.; RAY, S. *The Bedford Glossary of Critical and Literary Terms*. Boston: Bedford/St. Martin's, 2009.

NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. Curitiba: Hemus, 2001.

ORWELL, G. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAXTON, R. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007. Trad. Cássio de Arantes Leite.

POE, E. A. *Contos de imaginação e mistério*. São Paulo: Tordesilhas, 2012.

PLITT, L. Como realmente é o clitóris - e suas semelhanças com o pênis. *BBC*, 10 set. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58496415>. Acesso em: 28 jan. 2023.

POLANYI, K. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PORTINARI, C. *Retrato de Roberto Rodrigues*. Disponível em: [https://artsandculture.google.com/asset/portrait-of-roberto-rodrigues/8gEtaZvow4\\_\\_eg?hl=pt-br](https://artsandculture.google.com/asset/portrait-of-roberto-rodrigues/8gEtaZvow4__eg?hl=pt-br). Acesso em: 28 set. 2023.

PRESTES, A. L. *Uma epopéia brasileira: a Coluna Prestes*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PRIORE, M. del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PRIORE, M. del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

PUC-SP. *Psicose pós-parto: quadro clínico evolui rapidamente e exige acompanhamento médico*. Disponível em: <https://j.pucsp.br/noticia/psicose-pos-parto-quadro-clinico-evolui-rapidamente-e-exige-acompanhamento-medico#:~:text=A%20psicose%20p%C3%B3s%2Dparto%2C%20ou,de%20ela%20dar%20%C3%A0%20luz>. Acesso em: 15 dez. 2022.

QUADROS, D. M. de. *A morte na carne rompendo com os míticos laços familiares: sacrifício em Anjo negro (1946) e Senhora dos afogados (1947), de Nelson Rodrigues*. 118 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, 2018. Disponível em: [https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/9135/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20D%C3%8ANIS%20MOURA%20DE%20QUADROS\\_2018.pdf?sequence=1](https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/9135/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20D%C3%8ANIS%20MOURA%20DE%20QUADROS_2018.pdf?sequence=1). Acesso em: 02 mai. 2024.

QUINCEY, T. de. *On murder considered as one of the fine arts*. Durham: Duke Classics, 2012.

RAMOS, G. Sempre a favor da discussão. *Valor*, 18 mai. 2012. Disponível em: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2012/05/18/sempre-a-favor-da-discussao.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2022.

RAWLS, J. *O liberalismo político*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

REIS, G. S.; SCHARGEL, S. Não há nada mais democrático do que a polarização. *Jornal Nexo*, 30 mai. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/nao-ha-nada-mais-democratico-do-que-a-polarizacao>. Acesso em: 19 abr. 2024.

REIS, M. F. dos. *Úrsula; A escrava*. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

RHYS, J. *Vasto mar de sargaços*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

RICHARDSON, S. *Clarissa: or the history of a young lady*. London: Penguin Books, 1986.

RICHARDSON, S. *Pamela*. São Paulo: Martin Claret, 2016.

RICOEUR, P. *A ideologia e a utopia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. Vol. 1. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RISSARDO, A. D. *Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal*. 2011. 195 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro. Disponível em: <https://docplayer.com.br/43665502-Nelson-rodrigues-e-a-hiperbole-do-banal.html>. Acesso em: 24 abr. 2024.

ROCHA, C. Entrevista concedida a Sergio Schargel. 2023.

ROCHA, C. *Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil*. São Paulo: Todavia, 2021.

RODRIGUES, N. *Asfalto selvagem: Engraçadinha, seus amores e seus pecados*. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2021.

RODRIGUES, N. *Memórias: a menina sem estrela*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

RODRIGUES, N. *O casamento*. São Paulo: Editora Record, 1992.

RODRIGUES, N. *O reacionário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

RODRIGUES, N. *Teatro completo: peças psicológicas e míticas*. v. 1. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ROSENFELD, A. *Judaísmo, reflexões e vivências*. São Paulo: Perspectivas, 2012.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SCHARGEL, S. *Bolsonarismo, Integralismo e Fascismo: diálogos entre Jair Bolsonaro, Plínio Salgado e Benito Mussolini*. São Paulo: Folhas de Relva, 2024.

SCHARGEL, S. Minha bisavó matou um cara. *Revista Piauí*, n. 196, jan. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/minha-bisavo-matou-um-cara/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

SCHARGEL, S. Reticências: pós-memória e reconstrução nos Schargels/Szargels. *Ribanceira*, n. 19, out.-dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/3288>. Acesso em: 29 out. 2023.

SCHUDSON, M. *Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2010.

SEBO DO FORMIGA. Facebook, 04 set. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=1965348006819899&set=bc.AbqZ4Ly6uKjmRJmjiywV2wn9QHuc42BICdoBPH->

oCoiahLxiY8QLR\_6b4rw52IgDRtgPYrf\_KC5LhhLj7KMA8OTOPa1nv7JjlNZvldeveKCMXrJqKvUpaX-lioHqeKb-8k5PP2pQFKT0sXzLkcG0iqnIN6NclC-yGBrAlbxIa3fH7Ag. Acesso em: 09 jun. 2024.

SENNET, R. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SHELLEY, M. *Frankenstein: ou o Prometeu moderno*. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2015.

SHELLEY, P. B. *Ode ao vento oeste e outros poemas*. Trad. Espólio de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Hedra, 2009.

SHELLEY, P. B. *Uma defesa da poesia e outros ensaios*. São Paulo: Landmark, 2008.

SHOWALTER, E. *The female malady: woman, madness and English culture, 1830~1980*. New York: Penguin Books, 1987.

SILVA, E. L. e. *O salão dos passos perdidos: depoimento ao Cpdoc*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SIMAS, L. A. *Maracanã: quando a cidade era terreiro*. Rio de Janeiro: Morula Editorial, 2021.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*, v. 11, n. 2, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>.

SINGER, B. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SMITH, A. *Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*. São Paulo: Editora Abril, 1974.

SOBRAL, J. J. V. Pior para os fatos. *Revista Educação*, 17 dez. 2019. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2019/12/17/pior-para-os-fatos-fabulas/>. Acesso em: 14 out. 2023.

TENÓRIO, P. C. da S. *A vida na ponta dos dedos: a trajetória de vida de Almerinda Farias Gama (1899-1999) — feminismo, sindicalismo e identidade política*. 2020. 263 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

THOMASSEAU, J. *O melodrama*. Trad. Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TOKARCZUK, O. *Sobre os ossos dos mortos*. Trad. Olga Baginska-Shinzato. São Paulo: Todavia, 2019.

UK PARLIAMENT. *Enclosing the land*. Disponível em: <https://www.parliament.uk/about/living->

heritage/transformingsociety/towncountry/landscape/overview/enclosingland/. Acesso em: 18 jan. 2023.

VALOR. Campeão da virulência. 30 set. 2011. Disponível em: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2011/09/30/campeao-da-virulencia.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.

VIDAL-NAQUET, P. *O revisionismo na história: os assassinos da memória*. Campinas: Papyrus, 1988.

WATT, I. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WILLIAMS, R. *Cultura y sociedad: 1780-1950, de Coleridge a Orwell*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2001.

WOLLSTONECRAFT, M. *A Vindication of the Rights of Women*. Mineola: Dover Publications, 1996.

WOLLSTONECRAFT, M. *Maria; or, the Wrongs of Woman*. Peterborough: Broadview Press, 2012.

WOOLF, V. *A Room of One's Own*. New York: Harvest Book, 2005.

WOOLF, V. *Ao farol: to the lighthouse*. Trad. Doris Goetteims. São Paulo: Editora Landmark, 2013.

WOOLF, V. *Kew gardens; o status intelectual da mulher; um toque feminine na ficção; profissões para mulheres*. Trad. Patrícia de Freitas Camargo e José Arlindo F. de Castro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

WOOLF, V. *Mrs. Dalloway*. Trad. Gabriela Maloucaze. São Paulo: Mediafashion, 2016.

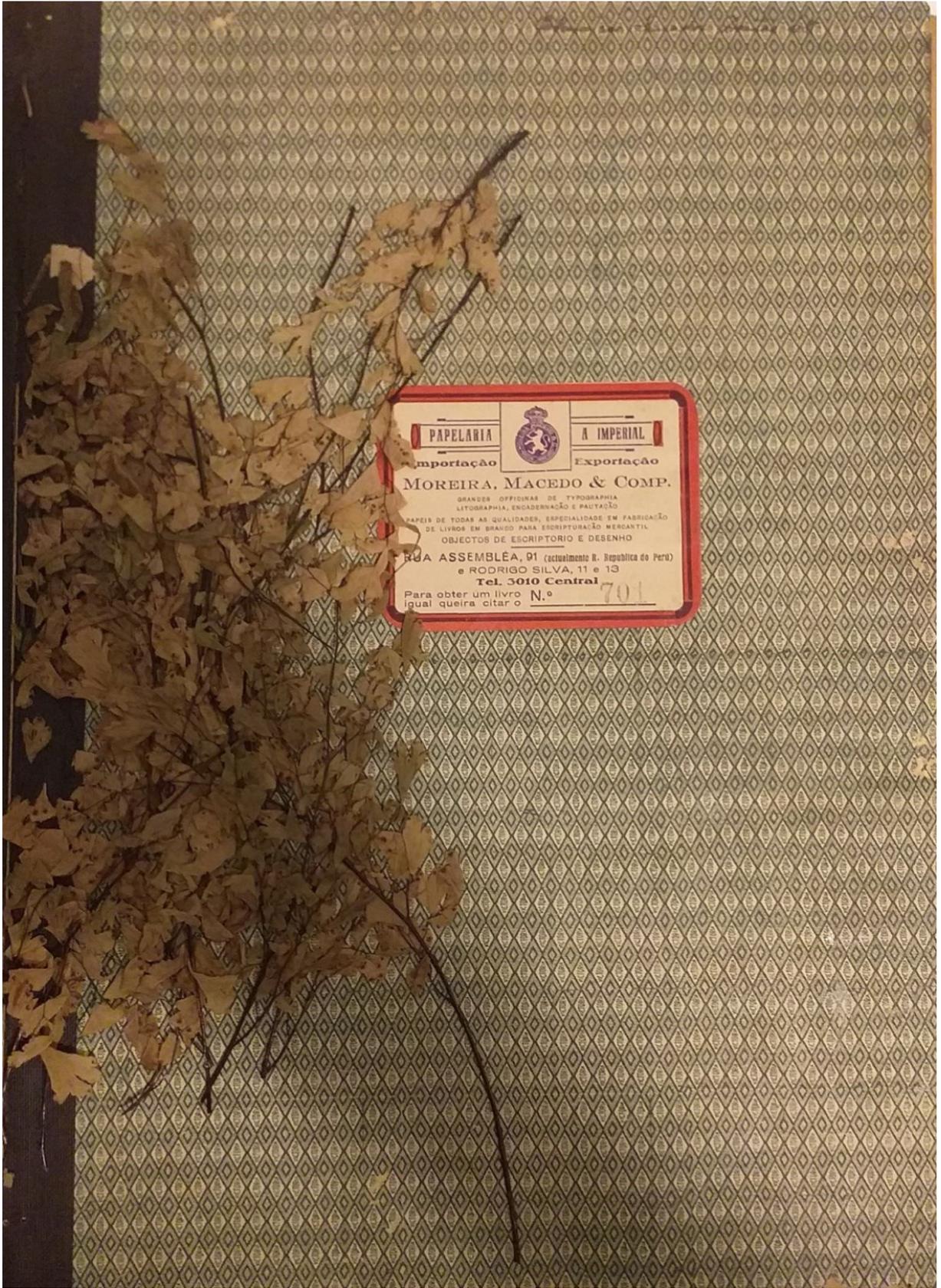
ZAMIÁTIN, E. *Nós*. São Paulo: Aleph, 2017.

ZAPPA, R. *Sérgio Rodrigues - o Brasil na ponta do lápis*. Disponível em: <http://www.institutosergirodrigues.com.br/Biografia/4/Uma-tragedia-de-marcas-profundas>. Acesso em: 25 set. 2023.

ZERÁN, A. T. *As homicidas*. São Paulo: Fósforo, 2023.

**Anexo I - Artigos de Sylvia Serafim em seu arquivo**

**Reprodução permitida, desde que mencione a fonte.**



PAPELARIA



A IMPERIAL

Importação

Exportação

**MOREIRA, MACEDO & COMP.**

GRANDES OFFICINAS DE TYPOGRAPHIA

LITHOGRAPHIA, ENCADERNACÃO E PACTAÇÃO

PAPEIR DE TODAS AS QUALIDADES, ESPECIALIDADE EM FABRICAÇÃO

DE LIVROS EM BRANCO PARA ESCRITURAÇÃO MERCANTIL

OBJECTOS DE ESCRITORIO E DESENHO

RUA ASSEMBLEA, 91 (actualmente R. Republica do Peru)

e RODRIGO SILVA, 11 e 13

Tel. 3010 Central

Para obter um livro igual queira citar o N.º

701

## Quando, um pouco de justiça?

PETITE SOURCE, QUE FIRMA O PRESENTE ARTIGO PARA A «GAZETA DE NOTÍCIAS», É UMA DAS MAIS BRILHANTES E VIVAS ESCRITORAS BRASILEIRAS.

Até quando se gata a humanidade pelas idéas feitas, pelos julgamentos preconcebidos?...

Como os carneiros da fábula, peior do que elles ainda, age a multidão; porquanto aquelles se guilavam todos pela cabeça de um só, e esta se esboçava á formula rígida de um preconceito qualquer.

Falamos modernamente na individualização da pena. Sonho de justiça ainda. Na realidade como pôde deixar a lei de ser applicada dura e indistinctamente, se até ante o tribunal da opinião não existe sequer a individualização no conceito que deixa o crime?...

O homem que rouba é ladrão indigno, o que illude a esposa é conquistador cynico, e acalma de tudo a mulher que engana o marido é a prostituta infame.

Em vão nos contou Victor Hugo com seu romantismo o soffrer de Jean Valjean, Henry Bordeaux esgravou "Les yeux qui s'ouvrent" e Tolstoi com seu realismo nos deixou a pallida e dorida figura de Anna Karenine como protestos clamando justiça...

A humanidade continua renitentemente aferrada ás idéas feitas...

E a mesma medida é applicada aos mesmos erros, dura e indistinctamente.

Quando li nos jornaes a descrição do "crime da Ilha do Governador", por sobre o primeiro e instinctivo horror que me deu o barbaro assassinato, uma outra surgiu no meu espirito sem o auxílio de verdade...

Essa mulher será mesmo uma femininosa? Desprezando as phrases estereotypadas e a opinião martelada em todos os periodicos, analysei os factos...

E a reflexão clamou dentro de mim: não, Evangelina não é uma criminosa... Esqueci ansiosamente um julgamento que se irmanasse no meu... Não achei nenhum. Todos, todos são contra ella... Um poeta em crise de assumpto espeta naquelle coração de mulher o alfinete rumbado de uns verzes futuristas, chamando-a ironicamente de anjo; um reporter fala ao castigo que já principia para ella, Assombrosa infantilidade humana...

Como se a logica serena e infalivel dos nossos actos, nem sempre apparente por não conhecermos todos os factores de um determinado resultado, se abalasse á opinião de um ou de outro...

Entretanto, o nosso desafecio, quando infelicitado, foi punido; o nosso amigo, ou nós proprios, quando desgraçados, passamos apenas por uma provação para maior gloria no outro mundo, se bem que tanto uns quanto outros tenham apenas tido a colheita do que semearam pela falta de intelligencia, precipitação, ou mil circumstancias outras não decorrentes da honradez ou maldade de seus actos.

Quando li as declarações que do carcere fez á "A Noite" a misera sobre cuja cabeça pesa a reprovação universal, mais se solidificou em meu espirito a opinião que fór mára. Não! Esta mulher não é uma assassina... E o que ella conta deve ser a verdade, apenas, talvez, um pouco melhorada, como inevitavel.

Será possivel que só eu comprehendendo isso, só eu tenha olhos para ler nas entrelinhas da brutalidade dos factos?

Entretanto, analysemos-os:

O que ella conta quanto á sua vida modesta e de trabalho, logo após á separação, tem visos de verdade, porque senão como explicar o acto do juiz, ordenando posteriormente que com ella ficassem os filhos? Foi mais tarde que, depois de ter ella passado a viver ostensivamente com Fortunato, conseguiu o marido tirar-lhe as crianças...

Evangelina amava os filhos... Oh! que a chamem de criminosa

as damas da alta sociedade que frescamente embarcam para Europa, satisfeitas por ter um marido que lhes poupe o gosto de entregar aos Expositos as crianças, "esses enjós da natureza", como de uma sei que as qualificava. Essas, porém, em vez de criminosas são "arvores", cuja sombra deixa saudade... Evangelina amava os filhos... Amor obscuro, egoista, animal, se assiste o quizerem, mas amor, instincto materno, afinal... Não os amasse, e iria se metter para os behaves em tão perigosa aventura?...

Evangelina e o amante não tinham a intenção de matar.

Essa a impressão que resalta, luminosa, dos proprios factos... Para matar um homem, um só homem armado basta, porém, para subjugar um homem varios homens são necessarios... Quizessem elles pagar um braço para o assassínio, se se teriam comprometido com tres ou quatro cumplices... E teriam ido elles proprios assistir calmamente á matança ao invés de se pôrem desde logo á salvo... E não teria sabido sequer Fortunato se esquivar ao tiro por elle proprio ordenado?

Será possivel que ninguém enxergue que elles foram apenas roubar as crianças, gesto insensato e reprovavel, se quizerem, porém, isento de qualquer intenção criminosa?... Como sobrevio aquella atrocidade?...

Assim; naturalmente, para seus intentos pouco feitos, não podiam Fortunato e Evangelina buscar pacatos funcionarios publicos... Tiveram de se haver com esses elementos da escoria social, braços vendaveis para qualquer tarefa... e na hora o instincto criminoso destes ultimos se alvoreceu e as mãos armadas para a "mão-em-mão"

despejaram a morte num tiro feio absurdo, que seria por força a derrocada da expedição e attingiu o proprio chefe desta, podendo ter sacrificado umas pobres crianças e até a propria mãe destas que as buscava allucinada pela casa toda, enquanto seu amante ferido lhe gritava: "Foge, senão te matam!" Todos os jornaes dizem: "As paredes da casa ficaram crivadas de balas..." Sómente olhos que não queiram vêr podem negar a esse desenrolar incrível da tragedia, o effeito de um impulso momentaneo e terrivel e não a consequencia de um plano premeditado... E esse impulso não partiu, por certo, de Fortunato, nem de Evangelina...

Ainda duas considerações. O passado de Fortunato desabona, ao que parece, a sua moral... Porém, esse homem tinha um coração generoso... Elle soube amar...

Mulheres que acaso me fêdes e tendes vivido, sabeis de muitos homens que fossem capazes de arriscar vida, dinheiro e tempo, para dar á amante os filhos de outrem que ella reclama?... Se tantos ha que dos proprios filhos fogem com medo ás complicações... Abençoada covardia humana que mantém, ao que parece, o equilibrio social.

E Evangelina amava aquelle homem... Desvairada de dor, perdidos os filhos, consummada a tragedia, prevendo as hiças e perseguições, ella não soube fugir, ficou presa á cabeceira do homem que por ella se sacrificara, sacrificando-lhe por sua vez a propria liberdade...

Uma mulher que tem um coração grande de mãe e de amante, será ser tão abjecto?...

Neste momento volto os olhos para a nobre campanha em pró do divorcio que vem fazendo em nossa imprensa o talento brilhante e a alma compassiva de Hektor Lima.

Fosse Evangelina divorciada e não desquitada, e o homem que por ella enfrentou tão dubia aventura teria sabido offerecer-lhe o proprio nome.

E no amor sincero que os unia poderiam ter encontrado a redempção de todos seus erros.

Casada, não lhe teria o marido arrancado os filhos...

Quando haverá um pouco de justiça na terra?!

Petite Source

## Aquella que não tem nome

«O homem então disse à mulher: «Visto não teres bens nem direitos, não adquirires preparo nem liberdade, não possuíres opiniões nem meios de as formar; pois que não possas de minha auxiliar e subordinada, e nada mais do que a sombra de meu vulto, obrigada a me seguir como a passiva, engraçada com meu accrescimento e amantada com minha diminuição; já que não tens personalidade propria, não gresças ter nome. Guardá o nome de teu pai, enquanto seres virgem, isto é, enquanto estiveres à margem da vida. No dia em que, pela expetencia do amor, adquirires consciencia de ti mesma, e quando mais inteiramente renunciada, trocando o nome pelo qual já és conhecida pelo que pertence ao teu senhor. E si, tendo amortilhado teu dono descejas outro que a ele te subordinas, mas, como castigo, pela segunda vez despirás a entidade que os annos te tiverem dado, trocando ainda uma vez de appellido como de uniforme de escravidão. Se te portares a meu contento, permitir-te-ei em recompensa teres orgulho do nome que usares, mas que nunca será propriamente teu; tanto assim, que, se me offenderes arrancar-t'o-ei e deixarás pária sem nome. E se eu entender que o manchaste, o direito me fica de te matar.»

Assim foi feito, e a mulher é até hoje, aquella que não tem nome.

No ceto do passado, para que o poderia querer, na verdade? Em sua vida obscura de triste rainha abelha — aquella que privada para sempre da alegria da vida, dá vida à colmeia num sacrificio perenne — a mulher não carecia de nome.

Havia excepções entretanto; em todo o tempo ellas surgem, poucas mas friantes. Mulheres existiram, conhecidas umas, ignoradas muitas cuja forte individualidade resistindo à lenta atropella da educação e dos preceitos religiosos, lhes resumbrava no perfil moral, mau grado o capucho das conveniencias sociais. A essas muitas vezes se lhe incorporava o appellido tanto e tão bem que impunemente mudavam de vida e de senhor; o primitivo nome, symbolo de personalidade accentuada, resistia aos actos officinaes e persistia na inconsciencia da voz geral. Exemplo dessas excepções quando ignoradas é a personagem do romance «A Silveirinha» de Julia Lopes de Almeida a qual, segundo a descreve a fina analyse psychologica da escriptora, guardaria embora depois de curada vinte annos o nome por que fora sempre conhecida em solteira — Silveirinha — tanto era nelle accentuada uma expressão de inconfundivel individualidade. Eram estaturas que, para o bem, ou para o mal, tinham physionomia escriptural propria, e como tal, urna nuaquea instinctiva se lhes concedia nome proprio e translucere.

Outras, e essas bem friantes, exemplos temos ainda hoje entre as mulheres artistas, de nome muitas vezes conhecido já, obscurecidas pelo habito corrente — o qual pela abnegação do amor — tentavam ellas proprias se despojarem do

antigo appellido e se submeterem ao do marido, entidade qualquer obscura e sem valor. Era uma ultima coroa que pretendiam depositar aos pés do amado, num gesto louco, mas sublime se por affecto, mesquinho se por preconceito. Porém a voz do povo no habito do antigo som lhes devolyta em breve a personalidade que ellas haviam rejeitado, e lhes prestava assim, á belem e do talento a mais pura homenagem, por ser espontanea e irreflectida.

Já hoje vão procurando as mulheres se libertar da humilhação de serem apenas sombras de vultos alheos. Na lenta conquista de um logar á luz do sol, pequeno que seja, ellas lutam e soffrem. Já hoje, a custa de affrontarem o ridiculo e o isolamento têm arrancado ás mãos avidas dos homens milgalhas deste pão espiritual: a liberdade. Estudam, trabalham, e disciplinada sua força de resistencia de paciente abnegação e de intelligente adaptação na longa era do captivo, ellas triumpham em todas as carreiras que abordam. A pouco e pouco se hão por esse triumpho innegavel. São jovens doutoras, para as quaes se dirige a clinica de senhoras e crianças, são dentistas, são pharmaceuticas. Não contentes de se apladarem ante o soffrimento humano e por elle orarem, procuram mitigal-o racionalmente... E seus nomes se gravam na memoria dos que ellas soccorrem e alliviam.

São artistas, pintoras, esculptoras ou poetisas... Não satisfeitas de serem encarnações do Belo, sobre a terra e inspiradoras de obras immortaes, procuram por sua vez, criar o Belo, com o proprio senso esthetico. E estatuas, telas e poemas, lhes exalçam o nome que do berço trouxeram.

A mulher se liberta, se instrue, já tem bens e adquire direitos; principia a ter personalidade.

Não carece justo que já se lhe não impuzesse a escolha decisiva entre a personalidade e a maternidade — seu mais profundo instincto?

Não seria tempo que a mulher tivesse um nome?

*Petite Source*



# A COLUMNA HEROICA

## A PETITE SOURCE

devem repellar a sanção e fogo a columna e desprezo.

Ainda hoje, a cremos o que nos conta de sua fuga ousada a princesa Nouchaffertine, novel feminista parsa, evadida de sua patria, nos pais musulmaes, as primeiras mulheres que serão não já emancipadas, porém, apenas instruidas, sentir-se-ão muito infelizes... E mesmo se suas ambições forem simples, por exemplo serem as únicas mulheres legítimas de seus maridos, consideram-nas loucas e revolucionarias. Quando o meio de vencer os perdas do erro em que laberaram... de elles, é o mesmo estar tão tranquillamente certos da conveniência dos abrenas quanto muitos de nossos patriotas da justiça da indissolubilidade matrimonial?

Orgulhosos do convicto ardor com que defendem uma idéa, os homens nem reparam que igual orgulho, convicção identica o ardor parecido animavam os que se agarravam a conceitos que hoje lhes parecem totalmente absurdos. Nem a ferida de Arlequin, nem as patas de Pierrot, menos ainda o látigo de Polichinello perdoa aos que rasgam os velhos traços dos preconceitos, dos que rouçam vestí-os humildemente.

Na disposição de toda tropa em ordem de batalha, a fina flor do exercito, os soldados mais bravos e aguerridos formam na vanguarda. A elles compete arrastar nas fileiras que os seguem os tímidos, os inexperientes, os fracos, os covardes... Porém, a elles também cabe a gloria do maior perigo. São os primeiros a servirem de alvo á metralhadoras e bayonetas... E como na batalha de Waterloo a heroica vanguarda dos couraçeiros de Napoleão tombou esphacelada no traço do caminho cavado de Dhain, até que feita uma ponte de sangue e de carne o resto da tropa conseguisse passar... também nas lides intellectuaes e moraes os pioneiros do progresso são victimas irremissíveis do proprio valor... Sómente quando a fossa blante da hypocrisia, e da estulticie fica cheia de corações e de cerebros palpitan-tes, esphacelados, forma-se a ponte e o resto da humanidade passa.

### Petite Source

— Como na batalha de Waterloo a heroica vanguarda dos couraçeiros de Napoleão tombou esphacelada no traço do caminho de Dhain, até que feita uma ponte de sangue e de carne o resto da tropa conseguisse passar... também nas lides intellectuaes e moraes os pioneiros do progresso são victimas irremissíveis do proprio valor. Sómente quando a fossa blante da hypocrisia, e da estulticie fica cheia de corações e de cerebros palpitan-tes, esphacelados, forma-se a ponte e o resto da humanidade passa.

### Petite Source

.....  
Cresce dia a dia a columna, a Columna Heroica que tão fragil parece. E' renhida a luta, rude a batalha; poderoso de força brutal é o exercito inimigo; e no entanto, custe o que custar, é preciso vencer! E a Columna Heroica vai avançando sempre, e a cada passo mais um soldado entra para as fileiras.

— O que desejas, irmão? — perguntam áquelle que chega.

— O trabalho!

— E no trabalho o que buscas? A fama? A gloria? A riqueza?

— A liberdade!

— A liberdade! E sabes com que preço has de pagala?

— Sei que é muito cara; a preço de sangue!

— Ven, então!

Da-se lugar áquelle que chega e a columna heroica prosegue a sua marcha rumo ao caminho de Dhain...

Waterloo, a morna planície, é a vida e a columna heroica não é de soldados que vão em busca da gloria, é de mulheres que vão em busca da liberdade, a liberdade de sangrento preço.

Frageis vultos que assim marchaes, levando nos olhos um lampejo de orgulho e nos labios um sorriso de desafio, é ingreme e rude a estrada que escolhestes, toda cheia de espinhos e de cardos e muito, muitos são os inimigos que nella haveis de encontrar.

E' o trabalho que buscaes, dizels, e no trabalho cuja capacidade até bem pouco tempo, vos era negada, o vosso fito é a liberdade.

Que dois ideaes tão altos, tão difficeis fostes vós buscar e para os alcançardes quanta lagrima amarga haveis de derramar!

Conhecereis a inveja e o odio, a injustiça, a mesquinhez e a hypocrisia; haveis de ouvir palavras que ferem qual laminas de agudos punhaes, que ferem mais do que no campo de batalha as balas inimigas, sorrisos haveis de colher que são pedras que se atiram áquellas que têm a ousadia de caminhar sozinhas, apoiadas apenas da propria força e de cabeça erguida.

E para a rude batalha que arma escolhestes? A penna! Ao seu serviço collocaes a vossa intelligencia e a vossa alma, toda a vossa alma humilhada por seculos e seculos de escravidão e sedenta agora de luz e de liberdade, deslumbrada pelos claros horizontes que ante ella se abrem.

Mas a vossa alma liberta, o mundo não quer acceptal-a atuas; na vossa capacidade moral e intellectual elle não quer, não lhe convém talvez, acreditar que caminhaes sozinhas, apoiadas na vossa propria força e por vós mesmas guardadas, ah, isto fera, desmorona todos os seus antigos preconceitos e é isto que elle não perdoa!

Nem lanças, nem espadas para a batalha trazeis, frageis são as vossas mãos ateltas ás curvas, ao embalo dos berços e aos gestos de piedade; armas tão pesadas, dalleis logo tombariam. Para o combate escolhestes então esta que mais leve vos parece, não é verdade? Escolhestes a penna; ella também vos ha de ferir as mãos e antes que sobre as vossas cabeças desça um dia a corda de louros, os amargos louros da gloria, quantas gotas de espinhos, doces martyres da liberdade, haveis de clingir!

Tudo quanto agora semeaes com a vossa intelligencia e o vosso talento, com o vosso coração e a vossa alma, só as gerações futuras hão de colher.

Mortas, seréis mal julgadas, das; vivas, sois mal julgadas, villipendiadas, amaldiçoadas!

Mas não importa! Faremos a ponte heroica e sobre nós, tarde ou cedo, o resto da humanidade ha de passar!

Cresce dia a dia a columna; hoje aqui, amanhã ali, novos vultos vão apparecendo; não trazem para a luta nem fardas, nem couraçoes; vestem-se de seda e renda e por armas têm um sorriso...

Ha dias, nas columnas de um dos nossos vespertinos, entre os nomes femininos das operarias da Penna, mais um nome surgiu que novo no jornalismo é já conhecido na literatura moderna. Elôra Possólo, ha muito já

que entrou para as fileiras; ha dias reuniu ella, no Hotel Gloria, um grupo de intellectuaes aos quaes apresentou os seus dois novos livros que devem sair dentro de pouco tempo: "Alma serena", versos; "Sinceridade e Ironia", contos; assim como agragaram immensamente ao grupo que se reuniu nos salões do Gloria, hão de por certo, pelas idéas e pelo primoroso estilo, urradar ao publico, quando dentro em pouco vierem á luz.

Não foi apenas para ler os seus dois ultimos livros que Elôra reuniu ha dias um grupo amigo; o que ella desejava antes de tudo foi reunir as suas companheiras de trabalho, todas essas pennas femininas que por ahí andam tão esparsas, tão isoladas, quasi esquecidas, ignoradas ás vezes; algumas por timidez, por força de circumstancias; outras... por motivos meenos justificaveis, pequeninas rivalidades femininas, inimidades gratuitas, sentimentos bem pouco dignos — embora bem humanos! — da alma grande da mulher; assim pois a festa da joven poetisa de "Azues" foi um passo para o lindo sonho da nossa fraternidade!

Que este sonho se torne em realidade; que todas as operarias da penna se dêem a mão; que as mais antigas acolham carinhosamente e amparem as mais moças e que todas aquellas que entrarem para as nossas fileiras sejam acolhidas com amor!

Assim, a Columna Heroica que tão fragil parece, em breve ha de vencer!

Seja embora sangrenta a victoria, tombem embora em caminho, no traço do caminho de Dhain, os nossos corpos de apostolas de um alto ideal, tom bem elles e formem a ponte da liberdade, para que o resto da humanidade passe depois!

Junh, 990.

Sylvia Patricia

# O trabalho, meio de emancipação

Cada vez mais se torna evidente para designar o estado do progresso humano, a palavra "trabalho emancipado" é talvez que melhor manifeste as aspirações da humanidade.

A noção medieval que se ligava ao trabalho e autoridade do pai e mãe e do tempo entre o trabalho e a liberdade e a luta pela emancipação.

A mulher viveu, divorciada, solteira e casada, que se liga à busca da emancipação e a luta pela liberdade e a luta pela emancipação.

É os homens e não de suas, e os homens e não de suas, e os homens e não de suas, e os homens e não de suas.

Entretanto não de sua forma, e os homens e não de suas, e os homens e não de suas, e os homens e não de suas.

Outra a mulher existia apenas para o homem, e só pelo homem. A "filha da família" não era preparada para a vida e para o casamento; para esse fim exclusivo se lhe ensinava o ser intelectual e se lhe hipertrofiava o ser emotivo e sentimental. E a moça buscava o casamento como um meio de subsistir.

Phobias ruzões psicologicas e tristoricas trouxeram a pouco e pouco, em crises successivas a evolução feminista; a mulher quiz viver tambem por si e para si.

Algumas mulheres se emancipam por snobismo... outras por comodidade... outras, enfim, porque soffreram demais.

Todas estão desarmadas. Faz-se notar que a mulher se emancipa espiritualmente, pela convicção profunda da justiça da causa que defende, afim de que possa enfrentar o mundo e a situação em que se acha perante elle, sem hesitantes e sem baixez, mas tambem sem delirio exagero.

Logo deve ser o caminho da verdadeira liberdade e a realização de uma vida digna e arrastada: o trabalho.

Como se diz, porém, a mulher não depende do favor alheio para uma simples saída, e não se desculpando sempre...

É facti e lógico dizer que a mulher troca um trabalho por vários outros... Não tem, o que os homens têm, a liberdade de escolher o trabalho e a liberdade de abandonar o trabalho...

Qual homem contesta isto? Anatole, referindo-se ás mulheres, a respeito das quaes, diz elle não compartilhar da sua vontade de ser comediantes e actresses: "Sem contar que o teatro póde se lhes tornar um abito quando for preciso galgar o passo doloroso para entrar na idade das 'reguardadas'."

Não apenas ao trabalho literario traz esse beneficio para a mulher: qualquer trabalho será para ella um amparo quando os annos lhe tirarem a gloria da belleza; qualquer labor pela vida séria e corajosa, que é sua raiz e seu fruto, prepara longamente o espirito feminino para sorrir, calmo, ás primeiras rugas, mitigando-lhe a futilidade, ensinando-o a melhor se apreciar como valor mortal.

O trabalho desenvolve ao mais alto grau a consciencia íntima do individuo: só elle revela íntimamente as possibilidades latentes de um character e de uma intelligencia. "Trabalhar e conhecer-se a si mesmo" deve ser o lema da moderna psychologia. E só o trabalho póde despertar verdadeiramente a personalidade da mulher de um lethargo secular.

Tambem contra o excessos de sentimentalismo, trazendo, quizá, mais tarde, um exagero de reacção, é o trabalho um remedio; não só contra a dor de envelhecer, protege elle a mulher, porém, contra qualquer dor.

Muito se tem repetido que o amor, sendo apenas um episodio na vida do homem, é toda a vida da mulher. E philosophos e psychologos desenvolvem a esse respeito theorias e mais theorias sobre a differença básica entre a

maneira de sentir do homem e a da mulher.

Em aquella época, a mulher não tinha a mesma preocupação com o futuro ou com a vida futura, como o homem.

A mulher, ainda, até hoje, uma existencia contemplativa, mais ou menos passiva, e com muitas afecções que, mais do que a vida, a amaram e a fizeram viver.

Reconheço: o que lhes dá esse habito não é a hereditariedade, mas a educação e a disciplina do trabalho. Tambem no homem oculo a vida sentimental não facilmente se exerce.

O trabalho liberta a mulher, a torna mais consciente, a dignifica e a consciencia; e a vida a vida austeridade, porém, ascendente de seus pezuinhos de deusas, mais heróicos aprendem a trabalhar alegremente.

## Petite Source

# Feminista

(Expressamente para "A GAZETA")

Por occasião do pleno successo do certamen de belleza, insistiu certo distincto jornalista, em suas entrevistas as misses, em interrogal-as sobre o que ellas pensavam do feminismo... E as respostas foram todas semelhantes; aquellas mesmas talvez que desejava o poeta que as sollicitava: uma achava que a mulher deve ser mãe de familia que a outra creada para viver dentro de casa, esta não aceitava o feminismo, outra nem sequer o tolerava.

Mas afinal, o que é o feminismo? Si julgarmos essa palavra pela egualdade de sua terminação com outras de sentido incontestavelmente bello e bom, ella parece encerrar uma nobre idéa. Si feminismo é o se preoccupar com a patria, civismo servir sua cidade, e termo amar os outros, feminismo deve querer dizer por força pensar na mulher, proteger a mulher. E accellido esse sentido, quem ousará dizer "eu não sou feminista?" Equivaleria a afirmar que é um egoista e um despota, si homem; uma insensata, si mulher.

Porém o uso interveiu, modificando o sentido da palavra, ou melhor mudando a interpretação que cada um dá a ella. Anatole no "Jardin d'Épicure" fallando das curiosas transformações por que passam os termos de metaphysica no alambique dos philosophos, mas, admitte pela bocca do seu personagem Polyphile, "é preciso confessar que a nós tambem, gente do commum, succede lhear as palavras e as desfigurá-las pouco a pouco".

Muitas vezes nem são precisos seculos para que esse trabalho de transmutação tenha lugar... basta a distancia de uma terra á outra, mórmente si a palavra emigrante tem de atravessar a perigosa aventura da traducção; ou mesmo ainda que apenas sobre ella actuem as condições particulares de outro torrão da mesma patria. Mas as palavras ha que ao nascer já parecem possuir varias faces como o deus Otta dos hinduz, e variam literalmente de sentido de pensamento para pensamento, qual si as pessoas que as pronunciam e ouvem não falassem a mesma linguagem.

Assim a palavra "feminismo". Preoccupou-se o chronista em saber o que pensavam as misses do feminismo... Mas, que podem saber do mundo umas meninas bonitas e felizes, mimadas pela vida e pelos paes? A moça é um ser ainda não definido; a vaga, phantazista, indefinida é sua visão das cousas. Ellas julgam o feminismo num impeto sentimental momentaneo, como aliás superficial e justamente sobre elle se pronunciam quasi todos. E' habito dar-se á essa palavra as traducções mais variadas e dissímilhanças.

Para a mulher formosa a feminista é a mulher feia que não podendo conquistar o homem quer ser a rival do homem.

Para a menina tímida e religiosa, a feminista é a criatura desabusada e sem escrúpulos, a "garçonne" que quer viver como um homem, no peor sentido da existencia masculina.

Para a mãe dedicada, a feminista é a mulher ambiciosa e rude que esquece os filhos nas lides intellectuaes.

Para a mulher profundamente muher, a mulher amorosa, apaixonada e faceira, a feminista é uma especie de monstro, um sexo a parte, um producto moderno absurdo e desprezível.

Já sem falar nos homens, para os quaes ella é a preciosa ridicula e pédante, que a olham com ousadia, si acaso for bonita, e com ironico desdém si feio tiver o involucro carnal, são as proprias mulheres, todas as mulheres que conspurcam a feminista e o feminismo.

E as graciosas misses nem sequer reparavam que o proprio concurso de belleza é fructo das conquistas do feminismo; que ás pobres esquistas do feminismo; que ás pobres esquistas do feminismo de Londres, que annos atraz pelas ruas apinhadas arrastavam cartazes e bandeiras sob vaías e apupos, devem ellas talvez o direito de serem proclamadas rainhas de belleza, entrevista-

das, glorificadas, popularizadas pelos jornaes e revistas...

Sob a reprovação quasi que geral, a feminista é no entretanto a mulher mais verdadeira e nobremente mulher, porquanto si é a ditadora de amor e de dedicação o que mais caracteriza o sexo que foi designado ao mysterio da procreação, não se contenta a feminista em amar seu esposo, e seus filhos, porém, num affecto singular num coraçao de mulher, ella ama entranhadamente as outras mulheres...

E por isso, sorri e perdõa ás que zombam della e a calumpiam, pois sabe que suas irmãs, escravas da ignorancia e do preconceito, não conhecem o que fazem. Perdõa, e prosegue luctando num sacerdocio sagrado, muitas vezes sacrificando o proprio destino, para que a Mulher do futuro, livre e feliz, a abraçe um dia.

PETITE SOURCE



GAZETA DE SÃO  
PAULO 24 - Junho

# O divórcio

Petite Source é o pseudônimo de uma das mais altas inteligências femininas de Rio de Janeiro. Os seus artigos são magistralmente bem trazidos, como se verá a ella é uma observadora profunda e erudita de todos os pontos que se agitam em nossa sociedade, faziam, hoje, e sua colaboração na "Gazeta", chamando para ella a devida atenção dos intellectuaes paulistas.

O catholicismo é contra o divórcio — e é logico nisso com a base de sua doutrina. Rejeitando os bens deste mundo, esperando a felicidade no outro, deve consequentemente desprezar o soffrimento na vida terrena, acceptal-o e mesmo o bemdizer. Decorre da intima contradição de seu dogma, a indifferença perante a excessiva preocupação de melhorar as condições da existencia mortal, por elle encarada como passagem provação. Entre tanto, tenha embora seu credo triumphado quasi que no mundo inteiro, o obscuro instincto humano insistiu neste imperioso mandado da turba inconsciente: "Fiat progressus": E o progresso tem sido.

Não discutimos religião. Habitados a espreitar a miséria do mundo pelo prisma de indulgente ironia daquelle que disse: "Il n'y a pas de criminelle, il n'y a que des malheureux" — Anatole France — cremos que na dolorosa incerteza sobre nosso destino postumo, devemos tender com todas nossas forças para o augmento do bem estar nesta vida.

Não vae nisso immoralidade, desde que esse ideal não seja egoista, porém alcanço todos nossos semelhantes, pois também quanto a ventura o direito de um ser humano cessa onde principia o direito de outro ser humano.

Partindo desse principio, devemos sómente analysar si o divórcio augmenta ou diminue a felicidade terrena. Pobres criaturas, indo ás cegas para um destino ignoto, que somos! Si reflectir profundamente, todo espirito isento de creanças ou preconceitos, ficará abismado em compaixão e pavor ante a somma incrível de horribes soffrimentos causados outrora por idéas que hoje nos parecem absurdas. Affastados os padecimentos naturaes que aos poucos aprendemos a evitar ou mitigar, é indiscutível que ainda hoje os homens se martyrisam, complicando absurdamente a contingencia já em si tão dolorosa do existir. Pensamos que a indissolubilidade do matrimonio é um dessesapparehos de tortura que urge aniquillar em toda a parte.

Anatole France era a favor do divórcio. Embora não possamos citar nenhum trecho do Mestre declarando sua opinião a respeito, encontramos na curiosissima descripção que elle faz de uma ideal sociedade futura, no seu livro "Sur la pierre blanche", previsão essa já em parte realizada, trechos que assim nos levam a crer. Nem podia ser de outra forma, visto seu horror ao exaggero, ás intransigencias, e seu modo de encarar a vida semi-cerrando os olhos da critica numa visão imparcial maliciosa e indulgente.

Já sem falas dos casos tão dolorosos de criaturas sadias ligadas a seres doentios ou viciados, casos esses que aos mais conservadores revoltam, reflectamos naquelles, bastante cruéis também, da incompatibilidade de genios.

Para ser como é indissolúvel, o matrimonio devia ser licito tão sómente depois dos vinte e cinco annos, para ambos os sexos, indo assim de encontro á lei natural que por motivos physiologicos o aconselha mais cedo. E nem semelhante determinação protegeria a realidade da escolha, porquanto si para o homem a vida de falso celibato traz a experiencia indispensavel, a virgindade exigida da mulher para o matrimonio por absurdo preconceito, lhe tolhe qualquer visão real da vida: Paul Geraldty em seu livro encantador "Almer" põe na boca de Chalange um vehemente protesto contra o apego que os homens dão ao amor das moças solteiras, "ces étres obscurs et incomplets". A primeira vista a idéa revolta — vem de encontro a opiniões feitas e velhas. Reflectam, e talvez tenham a franqueza de reconhecer como nós que é verdade. A moça ao escolher uma vida que será a sua até á morte, não sabe o que escolhe, porquanto nem avisaos, nem conselhos, muito menos leituras quasi sempre perniciosas a podem esclarecer.

si, persistindo unidos os paes do pequeno heros, daquelle trabalho de fina psychologia, teria sido elle mais feliz.

As rugas talvez se tornassem tempestades, e talvez uma scena de sangue terminando a infamia de um adultério, passasse para sempre na existencia da inditosa criança. Concluímos com Pierre de Coulevain, na corajosa optimista de "Au oser de la vie", que talvez ainda seja preferível para os filhos verem seus paes separados, principalmente si isso não mais for pretexto para os envergonharem cruéis preconceitos, do que assistir scenas diarias e degradantes em que os vem erguidos um contra o outro como irreconcilváveis inimigos. Desgraças ambas, que sejam embora consideradas eguaes para as crianças, pesará ainda contra a indissolubilidade o sacrificio inutil dos esposos.

Ainda algumas considerações: não se diga contra o divórcio que os paes podem e devem se sacrificar pelos filhos, guardando uma attitudo decente e calma; os que para isso tiverem coragem não se divorciarão, porque para elles a felicidade dos filhos estará acima da propria ventura. Outros — e a quantos não succederá assim — tendo aberta a porta de que lhes parecia um carcere, sentirão despertar no intimo o apego aos laços antigos, e ficarão livremente sob o jugo que julgavam insupportavel. Para estes, a possibilidade entrevista da liberdade, será incentivo de maior respeito mutuo na persistencia do esforço para conservarem laços já não indissolúveis.

Psychologia essa que vimos advinhado por um espirito inculto, o qual affirmava não invejar a posição social, pois mais depressa via amazioes felizes, do que casados.

Resta emfim a grande objecção da facilidade de desunião que trará, outras vezes, o divórcio decretado como lei: Essa facilidade a propria lei, só por ser lei, se encarregará de diminuir singularmente, com suas demoras e complicações de toda a especie. Mas, além disso, os conservadores que não cantem victoria depressa demais, apontando escandalizados o numero excessivo de laras defeitosos nos paizes onde se implanta o divórcio. A historia nos ensina que são desmedidas todas as reacções de forças tempo demais escravizadas. Só mais tarde voltam ellas a um sadlo equilibrio, sem a inflexibilidade do regimen caduco nem os desvarios do surto que o desmoronou.

PETITE SOURCE

Correio da Manhã 25 Maio 1924

# As virtudes domesticas

(Hector Lima)

Jose Nogueira Jaguaribe, professor e naturalista, respondeu ao *Correio da Manhã*: "A instituição do casamento tem sua origem na lei natural que rege todos os seres, lei que pôde observar-se não sementemno conjunto do mundo biológico, mas também na ordem do universo a quo se acham ligados os nossos destinos". Accentua em seguida que o rompimento entre o Estado e a Igreja não augmentou a immoralidade, nem a fomentaram as reformas legais: "Grandes mudanças, como a liberdade de cultos e o casamento civil, não têm pervertido os costumes do povo". E, como bom naturalista: "Com as transições pelas quaes passa a nossa sociedade, sensível ao fogo das idéas trazidas com a civilização; com o desejo de melhorar as condições da vida individual; com a repulsa opposita a parte forte pela fraca, fadiga da de sujeição; com a desigualdade na partilha dos direitos entre homem e mulher, com prejuizo desta, o matrimonio, que deve aspirar theoreticamente á perpetuidade na união, tem de render-se ás realidades, e soffrer uma remodelação inspirada no nosso estado cultural. Em vista disso, não está longe a adopção do divorcio, meio repressivo e progressivo de grande utilidade."

O professor José Nogueira Jaguaribe, illustre naturalista, vê no divorcio um factor de equilibrio moral, familiar, económico e social, segundo a doutrina de Jesus, tão falsada e falsificada, não sem os protestos de Goethe e Tolstói. O christianismo authentic, areligioso, creador e animador, nada tem a ver com o derrotismo negador e lugubre pregado pelos aproveitadores da fé.

Quero divulgar, resumindo-os, os conceitos de uma perspicaz e culta intelligencia feminina, que abordou com agudeza e criterio o problema do divorcio.

*Petite Source* já é um nome feito em nosso periodismo. Colaboradora da *Noite*, do *Fon-Fon* e do *Correio da Manhã*, remette, semanalmente, para a *Gazeta*, de São Paulo, correspondencias interessantes e corajosas. Os seus artigos destacam-se tanto da futil e vasia literatura feminina, geralmente tentada no Brasil, que eu attribuiria ao punho de um homem de talento os conceitos e o estilo de *Petite Source*.

Escrevendo na *Gazeta*, de São Paulo, sobre o divorcio, começou por justificar, com acerto e ironia, a opposição do catholicismo. Este mundo é um valle de lagrimas; aos olhos da Igreja não há merito comparavel ao soffrimento; quem pretender ingresso no Paraíso, vá cunhar a sua moeda na forja da dor; outra não tem curso legal entre os candidatos á bemaventurança; desprezando as alegrias, mutilando o corpo, avivando chagas, padecendo martyrios — eis como pleiteará as sympathias de São Pedro o miserio mortal.

Dito com graça *Petite Source*: "O catholicismo, oppondo-se ao divorcio, é logico. Rejeitando os bens deste mundo, esperando a felicidade no outro, deve provocar o soffrimento e bendizelo. Coherente com essa doutrina, não ha de concorrer para melhorar as condições da existencia mortal, por elle encarada como passageira provação. Mas a despeito do dogma, o obscuro instincto humano reage, e o progresso é a palavra de ordem".

E, com scepticismo anatoliano: "Na dolorosa incerteza sobre o nosso destino posthumo, devemos tender com todas as nossas forças para o augmento do bem escas para o augmento do mal nesta vida." A hypocrisia lar nesta vida? Tamal-a-á a immoralidade? Também não, responde muito bem a escriptora patricia: "Não vale nisso immoralidade: o ideal de ventura terrena não deve ser egoistico; abrangerá todas as pessoas. O nosso direito á felicidade cessa onde principia identico direito de outro ser humano".

Expostas estas razoaveis idéas, contra *Petite Source* no debate: "Indaguemos se o divorcio augmenta ou diminui a felicidade. Idéas, tidas hoje por absurdas, já relapsaram, occasionando horribéis torturas. A humanidade continúa a martyrizarse, inventando para isso preconceitos e agravando as contingencias já dolorosas da vida. A indissolubilidade matrimonial é uma dessas machinas do supplicio que urge desmontar".

O homem, ao casar-se, já fez mil experiencias de amor; sabe e que vale tentar; a mulher só tem direito a uma experiencia. Se para o homem a vida de falso celibato traz a pratica indispensavel, a virgindade, exigida na mulher para o matrimonio por absurdo preconceito, lhe tolhe qualquer visão real da vida. Geraldine põe na boca de Chalange um vehemente protesto contra o apreço que os homens dão ao amor das moças solteiras, ces *entre obscure et incomplets*. A primeira vista a idéa revolta, vem de encontro a opiniões felias e velhas. Mas reflectam, talvez concordem com a verdade. A moça, ao escolher uma vida que será sua até á morte, não sabe e que escolhe, porquanto nem avisos, nem conselhos, muito menos leituras quasi sempre perniciosas a podem esclarecer".

E a escriptora accentua: "Só a experiencia propria, só depois de conhecer o amor, o que elle dá, o que elle exige, está apta a mulher para escolher verdadeiramente o companheiro de sua vida. Mas pareceu monstruoso que as moças tenham essa experiencia, resto ao menos a salvaguarda do divorcio para aquellas que erraram na escolha, puramente intuitiva, quando não romantica ou extravagante".

O argumento aproveita ao homem tambem: "Vae nisso igualmente o interesse do homem, porque se se conserva o mesmo depois do casamento, completas transformações na esposa não raro o surpreendem e irritam; não se lembra elle de que a creatura inconsciente a que se ligou para sempre era apenas uma chrysalida, e o insecto, borboleta ou bruxa, saíra do casulo como de um bilhete de loteria o premio ou a decepção".

Sempre incisiva, pondera *Petite Source*: "Muito tempo vi nos filhos o mais sério d'abaixo ao divorcio. Lendo *Leberceau*, de Léon Daudet, horrorizou-me o soffrimento daquelle pobre menino que, tendo despertado para a vida em meio ás rusgas do pai e da mãe, proseguiu numa infancia amargurada entre os dois novos lares construidos com os destroços do seu. Mais tarde, reflectindo melhor, achei que restava saber se, persistindo unidos na desunião os paes, teria sido mais feliz o filho. Talvez se tornassem, na rusga das tempestades,

talvez uma scena de sangue passasse para sempre na existencia da inditosa creança. Para o filho é preferivel ver os paes separados a assistir a scenas degradantes entre elles. E contra a indissolubilidade, que não terá reservado a creança, pezará o inutil sacrificio dos esposos".

Argumentando com muito senso psychologico, prosegue a escriptora: "Os esposos que, incompatibilizados, puderem continuar juntos em attenção aos filhos, não se divorciarão; outros, tendo aberta a porta do que lhes parecia um carcere, sentirão despertar no intimo o apego aos laços antigos, e ficarão livremente sob o jugo que julgavam insupportavel. E maior será o empenho em conservar lames dissonantes, conservando com elles a felicidade".

Quanto á avalanche de divorcios, terror do conservatismo nescio, refuta *Petite Source*: "A historia ensina que são desmedidas as reacções de forças repressadas, quando afinal se rompem os diques. Só mais tarde volta o equilibrio, sem a inflexibilidade de regimen caduco nem os excessos do surto que o fez desmoronar".

Contra a hypocrisia dos homens, que, para perpetuar a servidão da mulher, exaggeram as chamadas virtudes domesticas, com o que ao mesmo tempo afastam a concorrência feminina nas profissões mais lucrativas e asseguram melhor a posse da serva no lar, de que elles se evadem a maior parte do tempo, não apenas para trabalhar, mas tambem para admirar e cortejar outras que certamente não praticam as virtudes domesticas com a exacção que elles pregam ás esposas, cita *Petite Source* as seguintes palavras de um autor allemão:

"E' no labutar quotidiano que a mãe de familia perde a frescura e a força, consumindo-se até á medulla dos ossos. A eterna indagação: Que possa cozinhar hoje, a incessante necessidade de varrer o chão, escovar e remendar as roupas, limpar os trastes, eis a gota dagua, repetida e persistente, que vae minando inexoravelmente o corpo e o espirito. Postada diante do fogão, a creaturinha tenra e rosada, de riso de crystal, transforma-se a pouco a pouco em mumia negra e dolorosa. Sobre o altar fumegante onde fervem as panelas sacrificam-se ao mesmo tempo juventude, liberdade, belleza, alegria". E o esposo, entusiasta das virtudes domesticas, deserta o leito conjugal, trocando-o pelas alcovas mercenarias, mas perfumadas... Pobres mulheres, victimas ingenuas das virtudes domesticas! Revolto-vos, escravas!"

Continúa *Petite Source*: "As espiritos femininos feitos para a monotona existencia caseira... Porém os outros?... Será necessario que, para satisfazer ás aspirações da intelligencia, tenham as mulheres de renunciar ás aspirações do sentimento? Muitas estão convencidas de que só lhes assentam os trabalhos caseiros, e tomam por lei da natureza o que é apenas o effeito de uma secular deformação mental. Referindo-se ás romanas da era pos-

# A sêde da certeza!

terior a Lucullo, observou Selg-nobes: — Sendo desocupadas e muito ignorantes, corromperam-se depressa".

O homem monopolizou as carreiras bem remuneradas, e pela actividade profissional da mulher, embora mais eficiente que a masculina, para salarios inferiores. A exploração, assim, não se limita ao corpo da mulher, attinge-a tambem na sua capacidade economica. A nossa civilização, a civilização masculina, é realmente uma abjecção! Ora, o trabalho dignifica, liberta e encoraja a mulher, conforme pondera *Petite Source*: "O trabalho é o maior protector contra o vicio; não um trabalho qualquer, mas um trabalho adequado á pessoa que o exerce, e que, assim, o executará com intimo gosto, satisfazendo os proprios pendores e ao mesmo tempo dignificando a personalidade".

E concluindo: "Cada pessoa no lugar apropriado, com tarefa apropriada: eis o principio basico da produção, em economia politica. Essa maxima profunda é tambem lei fundamental no codigo da felicidade. Estará a mulher excluida desse codigo pelo egoismo masculino?"

Respondendo: está. Os homens são os convivas no festim da vida. A mulher, como o Lazaro, contenta-se com as migalhas. O codigo da felicidade, feito pelos homens, só trata dos homens. O que se occupa das mulheres é o codigo do martyrio.

A duvida em ultima analyse não é si não o anelo da alma humana aspirando fixar-se na verdade absoluta.

A sua essencia é idêntica á da fé; sua manifestação apenas, é diversa. Ambas são as bifurcações de um mesmo ponto de partida. A duvida é a estrada jagreme e pedregosa que se afasta indefinidamente do ensombrado atalho da creença.

Porém na duvida ha maior sêde de verdade que na fé; ella deseja a verdade absoluta, a não acha e oscilla indefinidamente. A creença se contenta com uma verdade relativa, cerra as palpebras do pensamento e se repousa no ponto fixo a que se apega desesperadamente.

Benditos os que crêm. O espirito humano tende com todas suas forças para o equilibrio da certeza, e o estado angustioso da duvida lhe é tão avesso que, nos transeos sentimentaes a elle prefere a verdade por mais terrivel que esta seja. E todas as theorias scientificas têm seus canones defendidos e atacados como artigos da fé.

Por isso, desde todos os tempos vem a humanidade se apoiando em religiões, e se agarrando a toda casta de superstições com a energia de quem, na beirada do abysmo recela faltar-lhe o ultimo apoio.

Diz *Mérelkowsky* o curioso e mystico pensador russo que "a religião é a attitudo do homem perante Deus". Antes a definiria eu "a attitudo do homem perante a morte. Do pavor do desconhecido, levado a seu auge á beirada sepultura devem ter nascido as primeiras idéas religiosas na infancia da humanidade.

O curioso é que o atheu não deixa de ser um crente, pois "crê" na inexistencia de Deus; e o materialismo não escapa de ser uma religião: a religião da carne. São ainda formas da humana sêde da certeza; são manifestações da ogeriza á duvida, tanto quanto as affirmativas que contrariam.

Porque afinal, não assiste maior direito ao raciocinio sereno e inteiramente despido de preconceitos para negar, do que para asseverar a existencia de Deus e da alma. Pode, quando muito suppor, ser mais inclinado a aceitar a veracidade de um desses polos extremos da concepção da vida.

Lembro-me que *Gonzague Frue*, o mais luminoso dos commentadores de *Anatole France*, após um elogio clarividente e sincero daquelle a quem chama o Mestre, lamenta seu materialismo. Foi, diz elle, a unica falha do espirito impeccavelmente equilibrado do grande ironista; elle que duvidava de tudo, por sobre tudo agendia a infinita indulgencia de seu sorriso, como nisso e só nisso foi positivo e intransigente? "A unica immortalidade que podemos esperar é a da especie", diz *Anatole*. Elle tambem não ousou abrigar em sua alma a duvida, o monstro obscuro e torturante. Entretanto pela modalidade de seu espirito, *France* deveria ter sido o pioneiro mais entusiasta dentre os "agnosticistas", aquelles que, leal e corajosamente confessam á propria consciencia que nada sabe o homem quanto a seu destino posthumo, e se resignam ao postulado amarissimo da duvida, rejeitando com ativo desdém qualquer certeza illusoria: a negativa do mesmo modo que a affirmativa.

Dizem que a fé é uma grande força. Ella serena o coração, dá-lhe um equilibrio inda que mentido; o pavor da duvida é tão desmesurado que o homem para fugir delle defende sua creença até ao martyrio. Com ella e por meio della

goergue montanhas. Sem ella tremo a pavorado e cultua a superstição mais absurda... Triste, debilidade humana! A fé me faz pensar no bordão do peregrino enfraquecido e exhausto. E' uma força e é o testemunho de uma fraqueza.

Quantos espiritos ousam desprezar a sob qualquer aspecto que seja, e caminham sozinhos nas trevas sem gritarem de abafar seus gemidos si a dor os vence e si não apagar covardemente na humilhação physica ou moral ao que rejeitaram na sobrançeria da saúde ou da ventura?

Falam commovidamente das conversões "in extremis"... Creença humana, teu verdadeiro nome é miseria!

Poucos labios toleram o gosto amargo da verdade. Poucos corações supportam o ar rarefeito do planalto austero e rude de onde os ventos varreram todas as creenças, todas as affirmativas. Entretanto, só dessa altura pôde o olhar se estender sem peias pelo horizonte infinito, porque, conforme diz *Vargas Vila* "o pensador que entra em um systema entra em um carcere; deixa de ser livre". Abdicca do pensamento, apega-se ao sentimento, deixa de ser um pensador, torna-se um crente.

PETITE SOURCE

GAZETA DE SÃO PAULO  
TERÇA 30 JULHO

## Como progride a moral humana

Si nós considerarmos a moral não como um conjunto de regras estreitas e sectaristas, preconizadas por esta ou aquella religião, porém, num sentido mais largo e mais humano, poderemos de accordo com o resumido e luminoso preceito de Christo "Amare-vos uns aos outros", defini-la assim: É o código que nos ensina a estimar e respeitar o bem alheio physico ou moral, tanto quanto o nosso proprio.

Resulta que, da mesma forma que se prega a individualização da pena criminal trazendo a malleabilidade do código ante o senso de justiça de juizes merecedores desse cargo, também a lei moral não deve ser fixa e rígida, mas adaptavel à infinidade de circumstancias que a vida occasiona, e somente sujeita a seu preceito inicial. Bem formada a consciencia ella deve confrontar em qualquer conflicto da existencia a saúde e a felicidade do proximo, isto é, o direito dos outros ao seu proprio, de modo a resolver sem transcendente abnegação como sem abjecto egoismo.

Decorre dahi que a moral se transforma naturalmente atravez do tempo, e não ha pois que adoral-a como um oraculo, nem descrever della porque a de hoje não é a de hontem. Em tudo e por tudo o absolutismo é absurdo, e pela intransigencia leva fatalmente ao mal.

Devendo a moral humana se transformar com o tempo, como se processa sua evolução?

Embora pareça absurda a affirmacão, o progresso material é o mais importante dentre os factores que causam a reforma da moral. São as descobertas scientificas, trazendo necessidades desconhecidas até então e novas possibilidades, que mais profundamente solapam as regras acceltas da moral de um seculo. Essas necessidades e possibilidades criam para condições transformadas individuos diferentes, e quando a maioria das creaturas humanas já se afastou da personalidade de seus proceres, sua mentalidade diverge e a moral se modifica.

O progresso intellectual resultante do progresso material, e trazendo por sua vez a modificação lenta e insensível das massas humanas é pois o factor natural da evolução moral.

Ha outros porém. A literatura e a imprensa, a reforma das leis e religioes, as revoltas e revoluções.

Este ultimo é o menos desejavel, por ser o mais violento. As creaturas que se erguem em revolta isolada contra o estabelecido, sacrificam-se fatalmente. O criminoso passional é um revoltado, o ladrão em certos casos também o é. Mas são entidades solitarias, e o pensamento da humanidade pelas leis e pela reprovacão geral os esmaga sorenamente. São insensatos, porém seus vultos ás vezes ficam, precursores de uma idéa, e quando menos seja, inspiram argumentos aos que ba-

talham pelas idéas, ou nelles desperçam a fonte fecundante da compaixão.

Quando o espirito de revolta individual se generaliza, se coaduna em sectas, surge a lucta surda de castas e partidos, as revoluções pequenas ou grandes... São factores que apressam o advento de muitas idéas consideradas até então como utopias, mas infinitamente dolorosas e para os vencidos, e para os vencedores, porque o meio em que luctavam ainda não estava amadurecido para a colheita das realizações.

As reformas religiosas ou as dos códigos também acceleram o rythmo progressivo da verdadeira moral humana. Porém quando impostas por tyrannos, falham ás vezes ou provocam, embora visando a paz e a felicidade, funda caudal de sangue e desgraças ou quando menos, um intenso constrangimento interrompendo ou diminuindo a corrente poderosa da arte e da sciencia, cujo fio conductor é a liberdade civica.

Emfim, o outro meio consciente da reforma da moral, é o embate de idéas, a propaganda feita pela imprensa, pela literatura, pelo magisterio. E este é o unico louvavel, o unico que attinge com lisura e efficacia o fim a que se propõe.

Na verdade, fazer o mal para convencer de um bem é contraproducente... Argumento contundente pode soffrer a repulsa, mas não convencerá a quem attinge.

Que ascenda pois a moral humana à sua perfeição maxima, pelos canaes competentes. Esclarecidas as consciencias, as leis surgirão, as religioes evoluirão ou serão esquecidas, e fructificará na pratica, verdadeiramente, comprehendido, o preceito christão da bondade, sem que sejam necessarias bombas nem revoltas.

O ideal da humanidade se alarga sempre. Dizem os religiosos: si o homem duvidar do céo, por que se ha de sacrificar?

O homem se tem sacrificado pelos seus filhos, pelos seus chefes, pelos seus compatriotas sob o symbolo da patria; amanhã se ha de sacrificar pelos seus semelhantes, e esquecerá o proprio egoismo preparando a terra e os códigos para a geração vindoura.

Mesmo porque a vida ensina duramente que se apressando a colher flores para si apezar de tudo, contra todos, depressa vê a creatura humana todas as forças materiaes e individuais contra ella colligidas, a lhe arrebatarem as flores que tão mal desejou.

Em fim de contas, pesar judiciosamente seus direitos e os dos outros, estimar e respeitar o bem alheio physico e moral tanto quanto o proprio, ainda é o mais seguro meio de conquistar paz e felicidade.

PETITE SOURCE



A GAZETA DE  
SÃO PAULO  
SEGUNDA 5 Agosto

# E Eu disse: "Amoe-vos uns aos outros..."

Quem possuindo perfeitamente uma lingua estrangeira, conhecendo-lhe a indole e as expressões idiomaticas, e não apenas os significados nos dictionarios, lucta em busca do termo identico, da expressão que não modifique a idea do autor, não pode deixar de sorrir, scepticamente, quanto a perfeição do semelhante trabalho.

Quem escreve na imprensa, não ignora o quanto a falta de uma palavra, a troca de um tempo de um acento ou de uma virgula, desvirtua um raciocinio ou deturpa uma affirmativa, fazendo o autor emaliciar dez vezes o typographo ante suas intenções assim transformadas...

Que dizer pois de um texto que nos vem através de seculos, copiado, traduzido e recolhido, e como é possível que homens intelligentes e sérios se pobilham a discutir filigranas do pensamento inicial que ditou documentos, cuja existência atravessou aventuras taes?

Estas são as reflexões que me assaltam sempre que leio longos arrazoados crivados de citações biblicas. Commentava ha tempos scintillante jornalista que os americanos riamos vezes controversam seja sobre que assumpto for, inclusive a lei secca, sem que a certa altura deixem de atrair versiculos sagrados á cabeça do adversario. Sendo a Biblia um livro complexo, contendo um conjunto de leis religiosas e moraes para o governo de um povo, extrmeadas de canticos e de contos não submissos nem si historicos ou symbolicos, não é de surpreender que a tudo se refira, o proposito de tudo a ella se possa recorrer. Mas, a Biblia é tambem uma obra de tempos diversos, escripta á mão, recolhida por certo mais de uma vez, que modificações não terá soffrido? Hebraico átravez captivo e humilde, até se transformar no aramaico, que o grego terá accoite, e que mutações terá, transformado o primitivo texto do Velho Testamento, até a época em que foi vertido para o latim? E nessa passagem de uma para outra lingua de origens e indoles diversas, com que impossibilidades não terão luctado os traductores? Mesmo suppondo que tanto estes quanto os antigos copistas fossem todos fiéis, atentos e instruidos, será de crer que nos tenha chegado ás mãos, intacto o integro o pensamento inicial de todas as passagens dos Livros Santos?

O mesmo succede quanto aos Evangelhos. Christo falava por meio de parabolhas delicadas e profundas, muito fóra do alcance do entendimento rude dos que o ouviam... e naquelle tempo, ao que parece ainda não fóra inventada a tachygraphia. Admittindo, porém, que uma luz divina esclarecesse os apóstolos e seus discipulos quando, annos depois do fallecimento de Christo alguns dentre ellas redigiram em grego e em aramaico os actos e ensinamentos do Mestre, será de crer que a mesma clarividencia sobrenatural tenha guiado seus copistas e traductores? E através de tantos accidentes, dever-se-á rejeitar a hypothese de que alguma phrase de Jesus não nos tenha chegado perfeitamente fiel ao pensamento que a dictou?

Entretanto, por causa de minucias na interpretação dos textos biblicos, ondas de sangue têm corrido sobre a terra, sabios conclaves se reuñem, renhidas disputas se travam, e se acendem odios accerrados...

Actualmente no Rio, um pastor protestante e um padre catholico discutem acaloradamente sobre si é justo ou não erigir o monumento a Christo Redemptor sobre o Corcovado.

A questão me parece fóra de debate. Todos devem approvar esse monumento. Os catholicos terão erguido o mais sumptuoso testamunho de sua fé. Os estatuos se repositarão porque a estatuua é uma bella obra de arte que formará na moldura da nossa incomparavel bahia um quadro magnifico. Os atheus poderão ver nella a caridade universal, a fraternidade entre os povos encarnada na lincaem de um super-homem. Emfim os protestantes que a consideram como o symbolo da Christandade abençoando os que chegam a esta terra privilegiada como illumina a Liberdade o porto nova-yorkino.

Mesmo suppondo que seja um erro grave pôr imagens nos templos, o Corcovado não é um templo, e não creio que os protestantes levem sua ogeria á ponto de prohibirem qualquer reprodução artistica dos sublimes traços de Jesus.

Mas tal erro existirá squer? Penso que entre catholicos e protestantes subsista um malentendido. "Não devemos adorar imagens", dizem estes, e aquellos respondem com clareza: "Não adoramos imagens; adoramos Deus representado na imagem de Christo, veneramos os santos representados nas imagens dos grandes vultos da Igreja".

Este, a meu ver, não é ponto discutivel entre pessoas intelligentes e de boa fé. O que resta a saber, é si essa representação é ou não conveniente. A questão — é isto os catholicos o não confessam — é que a distincção é subtil, e o vulgo porque a não comprehende adora de facto as imagens todas, ou quando menos as de Christo.

Na verdade, como pôdem espiritos simples fazer differença entre o culto relativo, isto é, indirecto e o absoluto, isto é, directo, o de dulla ou veneração e o de latria ou adoração? Compreende-se que a confusão seja fatal. O receio della foi, a nosso vêr, que inspirou a primitiva religião hebraica, quando supprimiu as imagens do Ser Supremo, quebrando os velhos idolos; mas, a turba comprehende mal a abstracção e precisa da imagem que a impressõe sensorialmente. Os sacerdotes de Jehovah tiveram de transigir, dando o symbolo da Arca da Alliança á sede visual dos crentes, embora sob o mysterio do Sanctus Sanctorum e representando os anjos. Mais tarde, o catholicismo pôde satisfazer largamente o instincto humano de materializar as concepções espirituaes, representando Christo, a Virgem Maria e os Santos, mas de sua origem guardou o habito de não figurar Deus, e raramente o Espirito Santo, sob a forma de uma pomba. Existem poucas gravuras da Santissima Trindade, mas nenhuma templo onde ella se mostre sobré o altar. Entretanto, tambem se poderia render á estatuua do Padre Eterno o culto relativo de latria.

Allás, não admira que os protestantes commettam para com os catholicos a injusticia de não admittir taes distincções, pois que estes tambem as negam aos pagãos. Não me parece absolutamente provado que as velhas religões ordenassem a adoração directa das figuras que creavam. A prova está em que um mesmo deus era representado sob mais de uma forma e, ás vezes, varios idolos não eram

sinão concepções das diversas attribuições da mesma divindade. O que devia suggerer como a idea hoje accoite, era desvirtuar o symbolo em vez de symbolisarlo, e adorar á ignorancia do symbolisado. Entregue a ignorancia ao catholicismo depressa degeneraria num complicado polytheismo com suas varias representações de Nossa Senhora como santa padroeira e de Jesus, o Crucificado, o Rei da Gloria, o Menino Deus, o Cordeiro Machoad, etc., além da legião de santos e de anjos que augmentariam ainda a confusão. Fosse destruida nossa civilização e seus documentos, dalla ficção e seus documentos, mutiladas e quando apenas estatuas mutiladas e inscripções desconexas e seria de crer que gerações vindouras pudessem devidamente reconstruir o pensamento monotheista catholico?

E porque se fala em Deus verdadeiro e em deus falso? Dever-se-ia antes dizer: representações mais ou menos falsas de Deus, principio irrepresentavel. E si os idolos apresentam formas torturadas e extravagantes, talvez resultassem estas do esforço do pensamento religioso anciando fuzca a divinizacão do corpo humano, como succedeu na Grecia antiga. Quanto aos animaes encarnando deuses, porque tanto repugnamos ao catholicismo, si Jesus é figurado no cordeiro paschoal e o Espirito Santo surge como pomba immaculada? Cordeiro e pomba são, sem duvida, mais sympathicos do que a representação de Amon Ra pelo boi Apis entre os egypcios ou a serpente sagrada dos cartaxiões, symbolo de Tanith, o principio da fecundidade universal. Entretanto, foi com certa malicia que se quer existir na Biblia um versiculo em que Deus manda collocar no templo, como signal (symbolo) uma serpente de metal affirmando que viverá quem para ella olhar. Como explicar esse mandamento si no mytho de Adão e Eva a serpente apparece como a inspiradora do mal, a causa da morte espiritual que é o peccado? Será tratamento homeopathico? E com o outro texto biblico prohibe Deus que se facam imagens de criaturas e se confie nellas? A idea, porém, de que Deus, si se revelou possa ter cabido em contradicção não resulta uma blasphemia, sinão uma puerilidade. Muito mais logico é suppr repellidas deturpacões no texto, as quaes apparentemente sem importancia a pouco e pouco tenham transformado o pensamento inicial.

E, por causa de provas tão duvidosas, dois christãos se erguem raivosos um contra o outro, trocando o ironico illustre dos jornalistas aggressivos, chamando-se estulto, astucioso, insidioso, criminoso, falsificador, impudente, perverso e mais gentilezas...

Lembro-me ter visto a reprodução de um quadro magnifico representando um fundo escuro de campo raso, onde sobre o sólo jaziam em confusão tragicos feridos e moribundós, como após uma batalha. Em meio, a figura muito alva e espiritual de Christo, com um semblante de infinita desolação. Em baixo a legenda: "E Eu lhes disse: "Amoe-vos uns aos outros..."

Quantas vezes me tenho lembrado desse quadro... Não só a metralha é a lança ferem... Ha recusas que ulceram e palavras que transpassam. Crença humana, teu nome, tambem. As vezes, é orgulho.

PETITE SOURCE.

GAZETA DE  
SÃO PAULO  
SABADO 10 Agosto

## A velhice moral

Muito tenho reflectido sobre o facto tantas vezes observado de demonstrar o homem no declínio da vida mais coragem para a lucta, mais confiança em si proprio e alegria mais saudavel do que o moço.

Entretanto parece que o inverso deveria acontecer sempre; quando ainda o espirito cheio de illusões quando nenhum combate soffreu da realidade, seria sorridente, amante da existencia. Aos poucos, adiantando-se pelo trilho aspero, muitas vezes chorando, muitas vezes vencido, ir-se-lhe desapegando deste mundo, enfraquecendo-se para a lucta.

Mas é que ninguém reflecte que, si a mocidade é a época da confiança nos outros, é também a era da desconfiança em si mesmo. Ora, esta é a mais cruel de quantas se insinuam n'alma.

O moço espera tudo da vida mas, porque não sabe o que espera, sua expectativa é ansiosa e dolorida. Recusa esperar demais e como reacção desprez de mais.

Os conselhos o assediam, a experiencia dos outros o atordoa; elle se rebelia porque a sente vã. A attitude conveniente de cada um perante a sorte é tão pessoal quanto a impressão digital.

O joven não se conhece a si proprio. Elle ainda não conseguiu abstrahir a parcella do seu eu intimo e verdadeiro da somma do que o tem impressionado na existencia, e que representa cabedal alheio. Não ousa pensar por si mesmo, ou si o faz é com intransigencia excessiva e sem continuidade...

Elle se acha deante de seu destino como o collegial deante de um thema difficil de arithmetica. Não aprendeu ainda a conhecer os factores que se lhe apresentam e a calcular com seus justos valores. Avalla mal a quantia que elle proprio significa. Não sabe como realizar a operação da vida. E' pois de admirar que a anciedade o possua, que o desanimo o abata, que a incerteza o descoroço? Elle se sente na verdade como um navio perdido, e si é poeta canta como Augusto Frederico Schmidt.

"Sou um navio perdido na nevoa  
Uma ancora, Senhor! Estou cansado,  
Sangro de dor e de inquietudé,  
Onde o meu porto?..."

Mas o problema da vida não fica immovel ante os olhos do moço á espera de uma resolução reflectida. Os dias vão passando, e o aprendiz erra, se arrepende, recomeça, se illude com a maldade e desconhece a bondade... Vae apprendendo a contar pela taboada da dor... E o problema de si mesmo se vae esclarecendo. Um factor justo auxilla a encontrar varios outros. As parcellas se vão equilibrando. O espirito amadurecido pelo rocio do pranto vae apprendendo a julgar sem illusão como sem desprezo. Da confusão inicial das cifras multiplas, vae o homem desprenhando seu valor proprio. Percebe que errou; que errou talvez muito! Mas o erro já o não humilha porque sem elle não lhe adviria tão profunda comprehensão do problema que lhe foi dado resolver.

Adquire confiança em si proprio. Compreende-se a si mesmo — enfim! — comprehende os outros, comprehende seu destino. Já não vae aos trancos como um cego. Sorri... Vem-lhe a serenidade, o amor do rude estudo na escola da vida, o satisfeito apego á incognita cuja procura tão ardua lhe foi. Pouco importa que apparentemente não seja um victorioso, isto é que não tenha titulos nem possua riquezas. Venceu interiormente. Triumphou, chegando ao resultado verdadeiro da existencia: a formação da consciencia individual.

Si ha dias o que dizia da senectude o dr. Olavo Rocha. "A velhice, na qual tudo parece regressão, involução, não differe em seu determinismo daquillo que é progressão, evolução.

O substracto anatomico da velhice no que elle tem de essencial é forma-

do pelas cicatrizes resultantes da victoria contra a morte".

Essas considerações são applicaveis á velhice espirital, explicando-nos que a madureza do pensamento, não é sinão a resultante das continuas reacções contra o soffrimento.

A unção desenvolve o organo. O esforço accresce a potencia. Si, no physico, os trophéus das victorias obtidas contra males maiores, nam por isso se reunindo a pouco e pouco deixam de trazer a decadencia da vida, não está o moral sujeito á mesma contingencia. Nelle, desenvolvida a possibilidade de resistencia contra os disabores pela propria reacção que estes inicialmente causam, não ficam desses triumphes sinão o crescente fortalecimento do character. E a experiencia da vida assim encarada, longe de ser involução, regressão, desanimo, não differe em seu determinismo das forças juvenis de progressão e evolução. Porque não é sinão a consequencia das multiplas reacções da individualidade psychica contra o soffrimento diario.

E' geralmente um signal de superioridade intellectual e moral, essa victoria sobre a tristeza da vida pela formação da consciencia individual. O homem de character debil ou intelligencia anemica fracassa na dura aprendizagem, porque, ou não reage convenientemente, ou não apprehende a solução que os annos lhe fornecem. A vida se resolve para elle mechanicamente, fóra de sua vontade e de sua comprehensão, como um problema confiado a uma machina de calcular. O destino o leva, apesar de tudo para a finalidade que lhe foi reservada, mas sem que elle saiba como, nem porque.

Mas o que reage e apprehende, chega ao occaso da existencia com a suave tranquillidade das bellas tardes de verão; e desaparecidas a anciedade e a desillusão exasperada que muitas vezes mostrou em sua juventude, surprehende os que lhe acompanharam a evolução pela sua alegria, sua coragem e confiança...

PETITE SOURCE.



GAZETA DE SÃO  
PAULO 3-3-27

## Algumas verdades

Tem-se formado em torno dessas questões chamadas de reformas sociais uma atmosfera de ilusões que provem de observação deficiente da vida e da humanidade, ou de má fé talvez compreensiva e sinceridade faltam alternativamente, segundo o espirito daquello que sobre esses assumptos se manifesta.

Impunham os conservadores medidas que lhes pareçam subversivas como si ellas viessem de facto trazer novos erros ou imperfeições desconhecidas ao mundo civilizado. Entretanto a verdade que elles não descobrem ou não accellam, é que essas reformas visam tão somente por de accordo a apparencia com a realidade já existente, pretendem apenas trazer para a luz da lei e do direito o que já rasteja na treva da hypocrisia, tem como fito unico dar ao que se não pôde impedir a expansão da justiça corcoando-lhe ao mesmo tempo facilidades indevidas.

Assim, no que diz respeito ao divorcio. Pelas trincheiras quasi intransponiveis amontoadas contra essa pequena reforma do codigo, dir-se-ia que ella é que vai trazer a discordia e a infidelidade para uma terra que se ignora. Entretanto, o divorcio só poderia esclarecer as situações angustiosas dos verdadeiros infelizes, evitando males maiores, emquanto que opporia um dique de franqueza e responsabilidade á fingida cangaço dos seductores e á levandada das mulheres que desfrutam sem remorso bem estar protegido e liberdade indevida. Seria um mal que se abrisse uma porta larga e franca ao idealismo corajoso, e se fechasse pela reprovação sem mais apellidos a janella escusa que tão bem sabem procurar o comodismo e a exploração? Quem tem a chave do trinco e preferê durante a noite galgar um peitoril não pôde ser bem intencionado, mas, encarcerado á força, o melhor dos homens talvez apprenda a manobrar a gazua, repita o gesto do ladrão e se egualize com elle. O que acovarda actualmentê os mais sinceros é o peso tremendo da reprovação social que pesa sobre a falsa e desgraçada posição dos desquitados. E os catholicos se oppõem ao divorcio como si a lei que o permitisse lhes abalasse as crenças ou como si a indissolubilidade matrimonial por si só bastasse para salvar aquelles que não têm fé e recusam intimamente o sacrificio.

O mesmo se repete em relação ao trabalho feminino. Falam os conservadores nas occupações casellas, nas obrigações das mães, na possibilidade para as mulheres de terem lazeres, no prejuizo do trabalho para os proprios encantos, nos inconvenientes das sahdas diarias, dirigindo-se para melhor as convencer, simultaneamente ao seu sentimentalismo, á sua vaidade, ao seu comodismo, como si todos os males que apontam surgissem á vôz dos que simplesmente pleiteam a inteira liberdade para ellas, ante a lei e ante a opinião, na escolha do genero de trabalho. A reivindicação, que tão revolucionaria dizem, é apenas essa, porque desde todos os tempos a mulher que precisa, desculpa os afazeres domesticos e labuta para ganhar miseravelmente pela falta de preparo e de possibilidades não tem lazeres nem conserva encantos; a que não tem paciencia com os filhos, os

não cria nem educa, e a que não ama o lar, esse todos os dias por motivos e factos reais, e procurar melhorar a qualidade do trabalho e alargar o direito da mulher e de modo a que nelle caibam todas as aptidões, que nelle calbam todas as aptidões, seguindo assim, para fins uteis e dignificadores energias já inelutavelmente desviadas dos filhos e do lar. Porquanto á esposa que fór feliz sem trabalho e no seio da familia ninguém irá impôr, determinado serviço exterior: é tão somente a desajaz que o preconceito não venha tolher o passo da que precise ou deseje libertar-se, tornando-a ainda mais inditosa.

Ainda a mesma incompreensão assignala a quiza mais caracteristicamente a controvertida intervenção feminina na politica e no governo de um paiz. Facultar o voto ás mulheres, permitir que as mulheres se intromettam nos negocios do Estado parece um modernismo vertiginoso. Entretanto, é ainda apenas conceder o esclarecimento leal e apparar os abusos a facto já existente. Em todos os tempos as mulheres intelligentes e ambulosas influiram no destino de sua patria. Sómente o faziam e fazem á socapa, e muitas vezes de uma forma indecorosa e por meios menos nobres; mas como inculpai-as si eram e são os unicos a seu alanceo? O passado está chelo de intrigas de grandes damas e cortezas, de provas da influencia que á fascinação dellas exerceu sobre reis, ministros e guerreiros, sedução que repercutiu de modo funesto em varias paginas da historia universal. Si calcularmos, entretanto, a custa de imaginação e de muita imaginação o despotismo secreto, ignorado ou esquecido de esposas e amantes no segredo das alcovas e nos turbilhões das salas, absorvendo e explorando as horas mais preciosas de franqueza para o homem, isto é, seus momentos de ternura e seus instantes de desejo e validade, poderemos

concluir sem recio de errar que nem uma lei foi votada nunca, nem um ministerio formado sem que para elles a opinião das mulheres tenha contribuido directamente, de cincoenta por cento. Já sem queremos sondar a decañtada influencia da mãe na formação do character dos futuros dirigentes da patria. Como typos isolados avultam na historia figuras de titans que se recusavam á suggestão feminina, porém justamente, porque bem avaliavam o perigo insondavel que ella representa para a liberdade e auctoridade do homem. Assim foi Rosas, o gelido tyranno argentino que Gustavo Barroso tão bem nos descreve revestido de odio e desprezo pelo bello sexo, num dos episodios de seu mais recente livro de contos intitulado "Guerra de Rosas". Mas são excepções que não invalidam a regra e esta é que aos factos historicos é que melhor se applica o axioma sherlockiano: "Procurae a mulher".

Haverá quem negue ser pola preferivel para bem de um paiz que os futuros estadistas tenham apenas de conhecer as opiniões legaes e declaradas de homens e mulheres e não sejam obrigados a sondar os atalhos escusos das intrigas inconfessaveis procurando adivinhar os interesses do rival, da esposa desto, e do amante da esposa? Dando-se ao sexo femi-

nino o direito de votar e ser votado não se estabelece uma nova ordem social; unicamente se traz para a luz do direito e da consciencia uma influencia monstruosa porque soffocada nas dobras da hypocrisia, gerada pela ignorancia e alimentada por calculos mesquinhos e protegida pela covardia da irresponsabilidade.

O codigo visa regularizar e não supprimir o appetite humano. Porque se redigem leis contra os criminosos ao envê de se admitir com santa indignação que não existem assassinos? E' preferivel trazer normas para o inevitavel do que infantilmente repetir o gesto do avestruz perseguido tapando os olhos para não ver a realidade.

Na sociedade segundo ella está organizada triumpham sempre os fingidos, aquelles que sabem dobrar a espinha á medida do convencional, accommodar apparencias com instinctos que nenhum pôde vencer, e fazer seu caminho nas trevas. Os sinceros, os que precisam de luz moral como de ar para os pulmões, os que desejam ter a existencia de accordo com os proprios ideaes, esses fracassam fatalmente.

Desilludam-se os conservadores. Todos os males que elles tão ardorosamente combatem: divorcio, trabalho da mulher, politica feminina, existem ha muito, porém, porque existem ás escondidas pesam indevidamente sobre os mais desarmados de cynismo e fingimento.

Entretanto, julgam esses espiritos chamados de prudentes e sensatos que, si amanhã se esboroar esse carcomido arcabouço de preconceitos sociais com elles terminará o mundo. Aprendem historia mas a não comprehendem, e não se lembram que assim tambem deviam pensar os nobres da queda da monarchia e dos privilegios hierarchicos, do accesso de toda dignidade ao povo, da obrigação do trabalho para todos. Entretanto, o velho edificio da fidalguia se desfaz no pó das revoluções e a civilização se refere com o rythmo fortalecido e acelerado pelo pulsar do sangue novo que affluiu para suas artefias. O homem já é igual ao homem. Quando a mulher for igual ao homem, nem por isso a terra se despencará pelos espaços interplanetarios. Proseguirá em seus mesmos movimentos de rotação e de translação regidos pelas mesmas leis e seguindo o mesmo percurso, arrastando apenas um pouco menos de revoltas calcadas e de lagrimas de humilhação em seu rolar harmonioso e rythmado.

PETITE SOURCE.

O JORNAL  
DOMINGO 18 Agosto

## EM TORNO DO SOBRENATURAL

Petite SOURCE.

(Para O JORNAL)

Conversando ha dias com um amigo dizia-lhe que seu enthusiasmo em defender as proprias convicções me parecia louvavel porque era garrido de acção continua e forte. Respondeu-me elle fazendo o elogio do scepticismo, da paz que está dá sob um sorriso permanente. Mas o scepticismo quando profundo esteriliza. Não traz consigo a intransigencia medocra e má, porém tão pouco sabe se transformar em realização vibrante.

Não seria capaz, um sceptico verdadeiro de alinhhar, por exemplo, tres ou quatro columnas de jornal em defesa de uma idéa. Sabemos tão pouco da natureza e de nós mesmos, pensaria elle, mudamos tanto de opinião só no percorrer do pequeno circuito da vida... Como julgar verissimo e immutavel o pensamento de um dia, infimo grão de poeira no turbilhão dos annos e dos seres?...

Ao ler estensas replicas jornalisticas pedindo treplicas, discussões vehementes, mal contidas nos limites de uma polidez ironica e irritada quando não descambando francamente para os insultos, ha de sorrir entre compassivo e desanimado. Julga presenciar um pequeno "lever de rideau" num scenario de theatro barato.

Os actores berram; gesticulam; um não convence o outro nem ambos commovem o publico. Depois o pano cê e... a comedia é finita. Então para que?...

Reflete o sceptico: ainda quando se milita em pró de uma idéa que possa ter alguma realização pratica é comprehensivel a paixão e a persistencia de quem discute. De outra forma não.

Nas questões religiosas então elle faz quasi sempre o papel do macaco na disputa dos dois gatos. Não dá razão nem a um nem a outro dos contendores.

Ha tempos citava um artigo o caso de dois viajantes que sentados cada qual num lado de um wagon russo descreveram a terra percorrida um como excessivamente montanhosa, outro como inteiramente raso. Imaginem se ao invés de fazerem ambos seus relatorios cada qual ignorando o outro, se puzessem ambos a discutir recusando mudar de lado e mal se entendendo em meio ao ruído do trem em marcha?... Pois esse é, segundo a opinião do sceptico, o papel que fazem todos quantos discutem religião, philosophia ou sciencia enraizadas numa doutrina ou num systema. Cada qual se aferra a seu ponto de vista, grita com mais força e mal escuta o outro, porquanto para que houvesse um pouco de clareza numa dessas polemicas seria preciso em primeiro logar que se estabelecesse uma lista de definições das palavras. Ora, como não ha na terra, desde Eabel, duas criaturas que falem a mesma lingua, a discussão se iniciaria logo em torno das definições e se prolongaria tanto que só no fim de alguns annos

poderia chegar ao objecto primitivamente em questão.

Nesse entretanto, havendo vivido e soffrido mais teriam os contendores modificado suas idéas, talvez literalmente, e já estariam de accordo... ou então teriam de recommençar todo o estudo preparativo do vocabulario.

Como se vê, o methodo é um pouquinho complicado, mas de outra forma é esparcar nas trevas.

Depois, para se realizar tal systema seria preciso que os combatentes depuzessem á entrada do templo das discussões espirituas os interesses pessoais, a má fé e os preconceitos...

Mas nada disso acontece. Por exemplo, em face ao radicalismo clerical, existe na verdade o preconceito materialista. E' habito dos materialistas negar o que não podem explicar.

Mas tambem porque pretendem os espiritualistas explicar o que não conhecem? O sobrenatural é simplesmente o que está acima da natureza que nós conhecemos. Ora, nós não conhecemos ainda a natureza nem bem, nem inteiramente. Chegaremos mesmo a conhecê-la assim um dia?...

Para o selvagem a luz electrica é sobrenatural, para o ignorante as terriveis consequências do raso X facilmente parecerão effeitos de bruxaria... ou milagre. Querer limitar a natureza ao que della vemos, ouvimos e apalpamos com nossos sentidos grossieiros ou ao que adivinhamos com os aparelhos scientificos imperfeitos e falhos de que dissemos é tollice.

Alguns dos casos de extases, milagres e apparições espiritas são do dominio da policia correccional. Varios dentre elles pertencem aos gabinetes medicos onde a sciencia de hoje os explicou já. Porém ha outras deante dos quaes força é calarmos e meditarmos.

São desta categoria ultima os chamados casos de verdadeira estigmatização, bem como certas revelações inexplicaveis do espiritismo que o catholicismo contesta ou interpreta como artes do demonio.

Porém, deante de phenomenos de boa fé innegaveis, mas cuja procedencia é obscura por que nos apresarmos a dar a paternidade delles a Deus, ao diabo ou ás almas?

Crianças a discutirem em volta de um tratado de geometria superior explicando cada qual a seu modo as figuras e traçados não procederiam com puerilidade mais incrível.

A verdade é que presentimos em torno de nós uma força ou forças cujos effeitos inesperados surgem na materia sem que lhes suspeltamos sequer a causa e as leis.

Por que são desconhecidas, devemos taxal-as de acima da natureza, se por natureza comprehendemos tudo quanto nos cerca e é perceptivel a nossos sentidos?

Mas, se por "natureza" aceitarmos apenas a materia palpavel, sobre naturaes são tambem as forças magneticas, as ondas hertzianas, etc.

Observar essas forças ainda ignoradas, investigar sem partidatismo suas manifestações amontoar dados para o futuro, são deveres nossos. Mas discutir ás cegas em torno de sua origem para que?...

Assim pensa o sceptico... e se todos julgassem igualmente ficariam os jornaes privados de larga cota de collaborações brilhantes, o que seria muito de lastimar.

Decididamente o amigo com quem eu conversava ha dias não tem razão e o scepticismo é pernicioso e esteril.

O JORNAL  
22 SETEMBRO  
P. MINHO

# O trabalho feminino - problema social

PETITE SOURCE --- (Para O JORNAL)

Agitam-se os espiritos conservadores ante a previsão d'uma era em que todas as mulheres não de trabalhar. Como se fará então a cultura e a educação das crianças quando as mães forem compelidas a conquistar que além do mais, talvez lhes arruine o bem estar e lhes esvazie a liberdade?

Quando se fala no trabalho da mulher como problema social, encerra-se geralmente apenas o trabalho official, aquelle que tem etiqueta e que apparece. Ninguem se lembra de laborar realizado no mysterio do lar, occulto como um vilipendio. Não me refiro aos misteres caseiros mes ao trabalho feito para fóra, porém inconfessadamente.

A mulher do povo trabalha tanto quanto o homem, na mesma relação de delicadeza das tarefas, si bem que seja sua produção muito mal remunerada. Apossada pela miseria, ella se torna lavadeira, empregada domestica, e cria seus filhos conforme pôde, dentro da escassez de suas posses mas nem por isso deixa de ser mãe e ás vezes de manifestar uma dedicação heroica nesse papel.

Subindo alguns degraus na escala social, encontramos a mulher que cede para fóra por uma remuneração quasi sempre ínfima; ella procurará um atelier, ou será dactylographa, empregada publica etc, geralmente em dois casos: sendo solteira ou viuva. A primeira hypothese não se relaciona ao problema que encero. Na segunda, mães de familia conheço, e são innumeras que tendo preparo e energia levam avante com esmero a educação de seus filhos cedo privados do paé. Reina ás vezes nesses lares uma atmosfera de saudoso contentamento, de corajoso bom humor de que vejo privadas outras casas não visitadas pela morte. E se explica que assim succede. Afastado o máo elemento das dissidencias, infelizmente tão comuns nos casares, são os filhos naturalmente bem educados só pela nobreza do exemplo materno valorizado ainda pela creança em sua raridade, não tão real entretanto.

A mulher casada, de classe media, raramente se emprega ou trabalha ostensivamente. Será porque "não precisa" ou porque tem seus filhos a seu tempo absorvido por estes não lhes chega para tanto? Engano ingenuo. As mães que tomam conta dos filhos "materialmente" falando são raras. Nunca lhes falta a rapariguinha da casa ou mesmo a velha mãe ou tia para as auxiliar nesse mister. Entretanto que fazem ellas de seus dias? Uma trabalham ás occultas, porquanto é bem sabido o que vale o impostor "sou casada e não preciso" na geral difficuldade pecuniaria dos tempos que correm. No fundo, todas desejam e se esforçam por ter seus pequenos ahegos quando menos seja para as despesas pro-

rias e só o não contessem porque o facto da mulher trabalhar "averdadelha o marido. E eis a verdadeira razão por que o trabalho feminino da classe media casada não apparece officialmente.

As mães favorecidas pela fortuna de facto não trabalham; mas nem por isso vivem afortunadas aos passos dos filhos. Pelo mesmo motivo com maior facilidade pagam boas amas e se entrevisitam, promovem chás de caridade, enchem os cinemas, os institutos de belleza. São "senhoras da sociedade" e nem tanto sinão mais do que as viúvas que trabalham.

A praxe porém quer que se diga e resulta que a mulher não pôde trabalhar porque é impracticavel ao lar. Tenho em mente a ironica resposta do nosso grande Tobias Barreto ao deputado Malaquias na Assembléa de Pernambuco. "A mulher nasceu para ser mãe como o homem nasceu para ser paé". Ser mãe não é ser ama-secca.

Quanto ao periodo de gestação não ha duvida que elle trax distaribus para as mulheres pouco saudaveis... porém os homens de pouca saúde não fallarão também muitas vezes á seus empregos? A mulher sadia embora gravida, fica impossibilitada de trabalhar sobretudo intellectualmente por um prazo muito curto. As modernas leis que protegem as operarias regularizam perfeitamente essa questão com pequeno prejuizo para o patrão e para a propria interesse e dão uma demonstração pratica de que nem em relação a um serviço mais penoso como é o das fabricas, a maternidade impede o trabalho razoavel e hygienico da mulher. Quanto tempo, aliás, deixa a mãe favorecida pela fortuna de cumprir seus deveres sociais? E si esse periodo ainda se alonga um pouco mais é devido á vaidade que faz esquecer á mulher a nobreza da procreação e é causa de que ella se occulte envergonhada no periodo em que seu corpo aformado é o altar dessa função.

Que se atemorizam pois, os se tranquilisem os espiritos segundo forem favoráveis ou não á theoria de Malthus. Só o instinto materno tem triumphado até hoje dos canhões da facilidade não será o trabalho, plasmado no ser da mulher por moldes infinitamente mais nobres que o poder ánniquillar. E nem quando as mulheres tiverem comprehendido que no trabalho está sua verdadeira emancipação, as crianças hão de ser menos instruidas ou pelo educados, pois, si hoje em dia por não trabalhar podiam as mães se occupar melhor com o preparo e a criação dos filhos por outro lado estão desarmadas para o fazer por falta de preparo. Os solteiros cada dia mais numerosos e naturalmente o provam de sobejo. Naturalmente o que ha de succeder é a especialização crescente das tarefas permitindo que umas ganhem a vi-

da criando e preparando os filhos das outras que por sua vez a estas são ganhando de forma diversa segundo suas aptidões. Não me parecendo que por isso sejam as mulheres

uma infelizes que hoje, pennão muitas vezes ao agrado do lar em tarefas grosseiras para as quaes não foram feitas.

Quanto ao prejuizo que poderá trazer o labor feminino para a saúde das mães ou de seus filhos não creio que nenhum gynecologista firme ser o trabalho methodico mais nefasto do que os excessos das danças e da inerte agitação sem fim a que geralmente se entregam as mulheres, já sem falar nos absurdos regimens impostos pela facieira.

Tão pouco não será esse labor confessado e escolhido mais propicio do que os penosos serviços caseiros executados depois do casamento e não condizentes com antigos hábitos refinados e indolentes ao tempo do solteira. Também não acredito que nenhum psychiatra tente ser mais oneroso para o equilibrio nervoso do sexo feminino que a preocupação solida e sadia do que o vazio das ancias vá, prestándose á fixidez das idéas e ao desenvolvimento progressivo das psychiatrias.

Qual será a visão da sociedade futura, quando a mulher se tiver, pelo trabalho, emancipado não só do jugo do homem, porém também da escravização de sua propria fraqueza, morbidamente cultivada ha séculos pela existencia que tem sido a sua entre os dois extremos, da ociosidade e da sobrecarga de um labor não previsto nem regularizado? Essa visão nos é dada a entrever em "Sur la Pierre Blanche" de Anatole France numa admiravel comprehensão da sequencia da historia humana.

Produzindo igualmente como o homem, não em quantidade ou qualidade porém relativamente as suas aptidões que são diferentes, nem superiores nem inferiores da do homem, a mulher deixando de consumir sem produzir não mais representará um peso morto na economia humana. Liberta do casamento que não será nem legalmente indissolúvel nem obrigadamente temporario, ella verá também resolvido o problema dos filhos que não será forçada a abandonar nem tão pouco condemnada a criar sem despor para isso dos meios e possibilidades indispensaveis. E assim, dignificada pela consciencia do seu valor productivo, auxiliada e protegida e não opprimida pela legislação e pela sociedade quando no momento mais sagrado de sua vida, o da maternidade, ella se tornará altiva e leal, e a criatura perdida e futil tão cantada e amaldiçoada por gerações de poetas passará a ser apenas um symbolo historico de eras infelizes.

GAZETA DE  
SÃO PAULO  
13 - SETEMBRO

# Superstição

A superstição é a irmã bastarda da fé. Também ella resulta do horror ao desconhecido, da ansia que nos atormenta de conhecer a verdade da morte. Mais do que a fé ella é um fructo do sentimento, no qual a intelligencia pouco interveem.

A superstição é a descendente plebea e grosseira do mesmo tronco de que a creença é a flor aristocratica e fina. O medo se casou com o pensamento humano e teve por filha a inclinação religiosa. Mas elle tambem se cruzou com a ignorancia e pariu este monstro: a superstição. Producto do medo esta vive do terror e engendra o pavor.

Quasi sempre superstição e fé convivem em boa paz. Diz-se á bocca cheia que o Brasil é um paiz essencialmente catholico. Quem affirme que a America é terra de protestantes não se engana, porque assim são chamados os adeptos de innumerables seitas. A doutrina de Lutero encampa e accelta a liberdade de pensamento. Mas o catholicismo é rigido, inflexivel, immutavel. Basta que rejeite algum um só dos dogmas considerados essenciaes para que incorra em peccado de rebeldia e já não possa receber a absolvição do confessor a menos total arrependimento. Ora, a observação ensina que catholicos verdadeiros existem poucos. Mesmo entre as contradicções e resalvas mais inesperadas. Certa gente que communga e frequenta assiduamente a igreja guarda pela confissão franca antipathia. Diz que se confessa a Deus... e não interroga o dogma. Quantas senhoras religiosas não evitam a maternidade? Entretanto esta pratica é absolutamente condemnada pelos padres. Ellas fogem á difficuldade, não incluindo esse acto na confissão, ou affirmando um arrependimento momentaneo, embora já contando com a perdoavel fraqueza de recommear... na mesma noite. Ha quem se supponha catholico e affirme que preferê ouvir missa nos dias da semana porque deseja rezar e não se exhibir. Ora a igreja considera peccado mortal merecedor do inferno si não houver absolvição ou contrição perfeita a falta á missa dominical, a menos motivo serio. Dizem os theologos que peccar por ignorancia não é peccar. Bemdita simplicidade de espirito! É um mal dissipal-a, porque nada melhor para afastar uma creatura sincera da religião do que esciarecel-a bem acerca de tudo a que obriga a verdadeira pratica desta. Mas essa elucidación fatal a poucos attinge e pode-se affirmar que sobre dez pessoas que se dizem catholicas nove o não são e applicam em larga escala o celebre distico francez de uma ingenuidade perfeita ou de uma malicia feroz — segundo se o tome ao pé da letra ou com ironia: "Il y a des accomodements avec la ciel".

Si assim acontece na classe media, que dizer em relação ao povo? Este não tem fé, tem superstição. Superstição religiosa, religiosidade a par de superstições outras as mais variadas e descontraídas. Nele a maioria sae da igreja para se dirigir ao espiritismo e á macumba, a tanto cre no bantinho como na figa e demais amuletos. Depois, ingenuamente engana o padre como ludibria o medico, imaginando talvez que delle vem directamente a absolvição, longe de comprehender o alcance do acto religioso.

A superstição é a maior barreira do progresso. Porquanto este tem de se processar normalmente do interior para o exterior, do moral para o physico. O individuo tem de se convencer da utilidade do asseio para ir em busca de onde se banhar. Não lhe adenta a banheira si guarda horror á agua. De nada valem remedios e assistencia medica si ás occultas o doente consulta o curandeiro e bebe mizuhua.

Accusam os ploneiros da descreença: elles destróem mas não constróem. Como si já não fosse trabalho grande e meritorio debastar os campos montes da heresia má da superstição. O catholicismo na cima do povo é semente fecunda dessa planta damninha. Sem discutir dogmas basta apontar o resultado pratico: santos postos de castigo, velas que se acendem de forma especial e em noites determinadas, orações que devem ser copiadas, passadas a outrem, recolhidas sob o risco de infelicidades certas, e cujas formulas incomprehensíveis têm algo de cabalístico, tudo isso é innegavelmente superstição. Pouco importa a capa que ella reveste. É o mesmo monstro terrivel, porque cego e fanatico; as pontas mais acerradas das mais claras idéas não têm poder contra seu vulto feito de trevas.

Tenho acompanhado com interesse a campanha que vem fazendo nossa policia contra os atros da superstição. Macumbas, sessões espiritas, lojas vendedoras de boa sorte têm sido varejadas. E factos que seriam altamente comicos si não fossem tão tristes em seus resultados têm vindo á luz do dia. Amuletos são comprados a 15 e 20\$000 enquanto as creancinhas choram em casa porque não têm leite. Loucos são curados com puchões de cabelo. Ha dias uma rapariga do povo tendo-se desavindo com seu feiticeiro ate proferiu contra ella terríveis ameaças jurando-lhe que por castigo acabaria sob as rodas de um bonde. E a desgraçada, suggestionada voluntariamente se atirou sob esse vehiculo.

O mal que a superstição faz e tem feito á humanidade não tem historialdor. Qual fabuloso Moloch suas faucechilantes devoram insacavelmente victimas de toda idade e idade, desde o negro da Africa immolado brutalmente sobre o altar do idolo até ao filho do civilizado que a propria mãe entrega a um charlatão perverso e bocal em vez de o curar pela hygiene e pela boa alimentação.

E nem se creia que apenas aqui entre nós e entre os povos selvagens como os indios e os africanos grassa o mal terrivel da superstição. O qua ella foi e é até hoje na Russia por exemplo, deixa num abito de perversidade nossa mais escusabruxaria. Lela-se a esse respeito "A sombra do sombrio oriente" de Ferdinand Antoni Ossendowighi. Os curandeiros rissos curam os leprosos mergulhando-os em tonneis quasi cheios de agua quente e cobertos de pannos velhos, queimando-lhas em torno e murmurando encantamentos entre as quais se ouvem repetidas vezes as palavras "Nostradamus" e "chougana". O supplicio do enfermo dura uma hora, findo o qual o desgraçado está vermelho como um camarão cozido, com os olhos revulsos, as chagas mais horrendas ainda. Os typhicos são amarrados e alimentados com papas de pão negro misturadas com pó de percovejos esmagados, e cobertos com treze telhas aquecidas a uma temperatura muito alta. Um doente assim tratado morreu de peritonite. Mas o que leva ao auge o horror dessas praticas é o preparo deshumano da feiticeira. Innocente menina sequetrada desde pequenina, educada nas creenças superstitiosas mais boças até á idade de 15 anos em que é celebrada suas nupcias com o demonio. Nessa occasião, a infeliz, apenas envolta numa tunica de linho é amarrada e abandonada em lugar deserto, onde passa a noite chorando e gritando de medo, na suggestão monstruosa da vinda do esposo infernal. A que não enlouquece de temor está prompta, então, para ser feiticeira.

Não são historias medievales essas; tudo isso succede em pleno seculo XX, a era da super-civilização, como dizemos emphaticamente. Mas a Russia é selvagem ainda, dirá alguem. De accordo. Porém ha dias, li com surpresa, confesso-o, que uma inglesa Miss Margaret Murray, assistente de um professor egyptologico da Universidade de Londres, assegurava existirem ainda nessa capital europia, feiticeiros com suas magias e ritos nocturnos, sendo apenas muito difficil desmascaral-os por causa dos compromissos e juramentos a que se sujeitam os adeptos antes de serem informados dos segredos da seita.

Deante disso não ha que desanimar por causa da tão apontada indole superstitiosa de nosso povo. Mas, os que pensam e comprehendem o perigo devem escudir o jugo obscuro e millenar do modo moral, guardando briosamente a altivez inflexivel da propria intelligencia nos momentos de crise espiritual e physica. Devem entrar corajosamente para a seita dos Incitados Intellectuaes, para o gremio dos que combatem pela pena, pelo magisterio ou pela acção não só bruxarias e religiosidades como tambem preconceitos conservadores e idéas retrogradadas que protegem e amparam o monstro polyformo da superstição.

FETITE SOURCE

GALETA DE SÃO PAULO  
20 SETEMBRO

# A paz universal

"A Conferência de Haya deixou atrás de si, sem solução, os mais importantes problemas relativos ao funcionamento do plano Young" — diz o sr. Raymond Poincaré.

Aquelles que vêem apenas os resultados immediatos das acções e das idéas devem estar a sentir, ao vendo realizada a sua previsão. Utopias, haviam dito. Ellas não percebem a série de círculos concêntricos, cada vez mais largos que traça na superficie da historia a queda profunda de um pensamento repercutindo através varias gerações.

No dia em que os homens construíram obras duráveis, e deixaram de viver no determinismo immediato da existencia animal em luta constante com a natureza e os irracionais, o sonho da paz universal e da humanidade cahiu sobre o coração da humanidade qual uma pedra na inconsistência da água. As vibrações ficaram e foram se ampliando em ondas de aspirações confusas, de devaneios idealistas.

Há mezes foi erguido em Paris um monumento ao maior poeta da Polónia, Adam Mickiewicz. Este, viveu longo annos na França, e em colaboração com Michelet, dirigiu a "Tribuna dos povos", que tinha por lema: "O accordo fraternal com a Alemanha, a Reconstituição da Polónia livre e independente e a Libertação da Italia". Naquelle época, isto é, ha quasi um século, todas estas idéas deveriam ser consideradas utopias absurdas.

Ao se desencadear a Grande Guerra parecia que estava definitivamente afastado para o dominio do absurdo o sonho da amizade entre os povos europeus. Entretanto, finda a era do odio e do sangue no immenso espartilhamento do armistício brotou e desabrochou a flor do idealismo wilsoniano. A atmosfera ainda estava, porém, muito saturada de resentimentos e de necessidades materiaes inadmissíveis as pétalas da justiça e do direito humano foram esmagadas sob os sinetes de ferro que rubricaram o tratado de Versalhes.

Mas a idéa não morreu; depositada na consciencia dos povos, ella foi repercutindo de espirito a espirito. A voz dos pensadores se ergueu contra a eterna canção marcial do "morrer pela patria". E o grito das mães suffocado pela suggestão do heroismo se vai aos poucos libertando. A letra do hymno se vai transformando: "viver para sua terra" principia a ser a divisa universal. Por toda parte se erguem e ressoam livremente protestos que clamam contra o fanatismo militarista. Em França funda-se a Liga dos Direitos do Homem e do Cidadão que se espalha por esse país e pela Alemanha pregando o accordo fraternal entre os dois povos fronteiricos.

Uma vez assim preparado o terreno da mentalidade popular basta que surja uma idéa dirigente e a phantasia toma o limite da realidade.

Agora, apasiguada a tensão de espirito entre as varias nações, diminuída a lembrança tragica da Grande Guerra, volta-se a debater a questão da paz universal. Já não é mais o idealismo romantico de um grupo de esthetas. Já não é mais o devaneio isolado de um grande estadista e grande sonhador. É um problema encarado sob todas as suas faces, apresentando soluções parceladas, é verdadeira, porém varias, e estudadas por todos com espirito de seriedade e intenções realizardoras.

Algumas mentalidades analystas e scepticas, apontam o risco do verdadeiro motivo coordenador desse movimento pan-europeu. E eis que a voz autorizada de Poincaré parece involuntariamente confirmar essa visão.

Elle assigna que cada uma das potencias que adheriram á associação conservará a plenitude da sua soberania. E estabelece a comparação entre a União Europeia e a União Pan-Americana. Tocou assim no verdadeiro fundo da questão: a opposição da Europa á supremacia da America. Referindo-se ao livro de Gaston Riou, antigo combatente francez: "Europa, minha patria!" Poincaré confessa minhha patria que poderá ser para elle francamente que poderá ser para elle uma segunda patria, mas que o primeiro lugar ficará sempre para a França. Diz tambem o grande estadista que a União Europeia não se oporá á Liga das Nações, mas procurará cooperar com esta.

Entretanto, a conferencia se desfez sem ter deixado um edificio diplomatico acabado e definido. Querá ditico que nada adiantou? Absolutamente. Foi mais um passo para o resultado que ha de vir fatalmente. Apenas é diffícil marcar o prazo para essa realização. O que se deprehe de é que os Estados Unidos da Europa hão de se constituir em realidade mais depressa que a Liga das

Nações. O advento daquella provou que esta era extemporá. Nem se note o proseguimento das negociações para o equilibrio naval entre a Norte America e a Inglaterra. Estas são antes uma prova de desconfiança mútua.

A verdade é que a Europa, se dilatando internamente, se exgotou em extremo, e collocou repentinamente numa condição de inferioridade guerreira, commercial e industrial ante a nação que já a vinha desbancando paulatinamente. Os Estados Unidos foram o trunfo da guerra. Entrando apenas na cartada final, elles sahiram da luta illesos e revigorados. Desde então a conquista pacifica de sua arte, sua lingua, seus capitães, seus productos tem sido assombrosa. Seus proprios aliados, prejudicados, temem e sentem a necessidade de lhe antepôr uma barreira. Nenhum é bastante forte para se medir com elle. Colligam-se. Antepõe ao victorioso: "A America dos americanos!" a "Europa minha patria!" Aquí, porém, trata-se de uma nação colosso em torno da qual as outras se reúnem. Lá de varias nações de forças equivalentes e divididas por antigos odios e recentes prejuizos. O accordo é mais penoso; mas, elle se fará. Elle se fará pela premencia da necessidade. Então nós teremos a velha Europa, erguida contra a Nova America. E talvez que pela urgencia das circumstancias, tambem os orientes assignem seus tratados em torno da força progressista do Japão. Serão então não mais ligas de nações, mas alianças internas, de continentes e pactos de raças.

Ora, affirmam os sociologos que as guerras, outróra, eram feitas segundo as necessidades das expansões colonizadoras, e hoje, conforme as precisões das conquistas commerciaes. Segundo o fatalismo dessa lei, e proseguindo como é de prever a Norte America a açambarcar esta dia mais o mercado mundial, é possível que um dia se declare uma guerra entre a União Pan-Americana e a União Europeia.

Esse pesadello se delinea qual sombrio prognostico nos horizontes da historia. E sua realização não é materialmente absurda, como á primeira vista o parece. O aeroplano e o submarino foram já as armas mais importantes na ultima guerra. O primeiro cada dia se aperfeiçoa e se prepara para mais longos percursos, e segundo augmenta sempre seu raio de acção, sua resistencia para grandes travessias. A Guerra Europeia demoralizou as antigas batalhas em campo raso, os ataques de cavallaria. E até a preoccupação excessiva da Inglaterra e dos Estados Unidos na equiparação de suas unidades navaes dá o que pensar nesse sentido.

Que será uma guerra inter-continental com a furia cega e tremenda dos engenhos mortíferos. Quem ou será imaginal-o?

Mas provarão, tão terríveis provações, a inanidade do sonho da paz universal?

Pelo contrario. E simão, reflctam na progressão maravilhosa do destino humano. O homem selvagem e primitivo lutava com o vizinho habitante da proxima caverna. Depois as familias se reuniram em tribus que atacavam outras tribus. Muito lentamente despertou o sentimento da solidariedade entre os que falavam a mesma lingua e tinham os mesmos habitos. E os agrupamentos feidões se organizaram uns contra os outros. Mais tarde esses senhores foram dominados e reunidos em nações sob o mando, a principio puramente nominal de um soberano concentrador. E uns paizes guerrearam os outros. Hoje são as nações que se submettem a um vago poderio continental. E si um continente lutar contra outro continente, si metade da humanidade ainda lutar contra a outra metade, a guerra terá attingido seu ponto maximo e seu pavor mesmo a destruir. Restará apenas depois reunir essas duas facções inimigas para que, na allucinate rapidez das communicações terrestres, maritimas e aéreas, no intercambio intenso intellectual e industrial, na fusão fatal de todas as raças, os homens se considerem apenas como habitantes deste planeta e exclamem: "Terra, nossa patria!"

PETITE SOURCE

GAZETA DE  
SÃO PAULO  
2 Outubro

# Mediumnidade artistica

(Escripto especialmente para  
"A GAZETA")

Parece que certo pintor brasileiro, desgostoso porque o haviam accusado de plagio, quando na realidade elle ignorava a existencia do quadro estrangeiro muito semelhante ao seu, se suicidou.

Tratava-se naturalmente de um espirito doentio. Fosse esse acto de desespero norma entre os artistas, por tal motivo, e ao mundo poucos restariam.

Ha casos patentes e confessos de copia ou aproveitamento como os de Eça de Queiroz, Anatole France, e o Divo Gabriele, o que não consegue allás diminuir o prestigio desses nomes nem o valor do que legaram á humanidade. Na verdade porque censurá-os de tomar para os poltr e fazer maravilhosos os diamantes brutos por outros encontrados? Nos officios e nas sciencias os peritos e o adaptadores se succedem. Ninguém nega o valor do pesquisador genial que partindo de uma lei descoberta por seu antecessor della tira applicações novas. Porque um romance o enredo, a orientação, o estylo, as descrições, o desfecho não de ser de um mesmo, ou no caso contrario clamam contra a falta de originalidade? Furtar a idéa de um contemporaneo é lesar alguém mais gravemente, do que si lhe roubasse a carteira, mas onde o mal de respirar no que se integrou já ao patrimonio da humanidade, e reanimar com o movimento e o rythmo modernos o que fazia na imobilidade do esquecimento? Ainda assim para isso é preciso que se possua o condão magico do talento, de outra forma o trecho morto não reviverá. Entre crear e resuscitar a differença do merito é pequena.

Ha casos porém que não são de plagio. Curiosas coincidencias unem os pensamentos humanos atravez do tempo e do espaço, das raças e das escolas. Quem não conhece, para os citar, dezenas de casos desses?

Ha mezes eu escrevia em carta a uma amiga a seguinte phrase, referindo-me a contratempos que atravessava então: "tenho a impressão de que entrei em um tunnel. Sinto-me envolta em trevas, tranzição de frio, mas não desanimo porque sei que não é um túmulo, que a luz me espera do outro lado". Algum tempo depois, tendo recebido o ultimo livro de versos de Elora Possolo "Alma serena", encontro com grande surpresa, uma poesia "O tunnel" que assim termina:

"Então pensei nas intimas feridas:  
Ha tanta escuridão nas horas doloridas!  
Quando fôres crescido,  
Meu medrozinho,  
Quantos tunnels na vida, tu, sozinho,  
Terás que atravessar!"

Fecha os olhos, porém, confia, avança.  
Velho, moço, creança...  
A luz ha de voltar!"

É evidente que a distincta poetisa não podia ter lido noticia de uma carta intima dirigida a pessoa que ella nem conhece. Quando eu a escrevia, allás, seu livro já devia estar no prelo. Por milha vez eu ignorava, então, a poesia. Notei a extranha afinidade do sentimento entre ella e eu.

Agora, lendo um interessante livro do sr. Alvaro Moreyra: "Adão, Eva e outros membros da familia" vejo reproduzido, de modo mais frizante e curioso, esse mysterioso encontro dos pensamentos humanos. Essa comedia de fina ironia foi representada no Rio a 10 de novembro de 1927 pela companhia do Theatro de Brinquedo, no Salão Renascença do Casino Belra-Mar. A nova orientação dada ao genero theatral pelo seu autor foi inculmada, pelos criticos, por carcer de acção. Na peça não acontece nada, ha apenas a palavra que conduz á acção. Tudo se passa fóra da scena, nada á vista do espectador.

Ora, no dia 10 de maio deste anno, a Companhia Amelia Rey Colago representou no Theatro Lyrico a comedia "To-paze" de Marcel Pagnol que appareceu em França em 1928 causando grande successo. O critico theatral Alberto de Queiroz chamou dias depois a attenção do publico para a semelhança entre "To-paze" e a peça do sr. Alvaro Moreyra, frizando a impossibilidade que resalta de ter sido a comedia do nosso patricio copiada do autor francez, pela simples comparação das datam em que surgiram uma e outra. Também que Marcel Pa-

gnol houvesse imitado Alvaro Moreyra, é inverosimil, visto ser o portuguez tão desconhecido como é na Europa. Tem-se pois que aceitar como hypothese, a indicada pelo critico no titulo de seu artigo: "Uma curiosa approximação de idéas".

Esses factos serão devidos simplesmente ao acaso, a repetidas coincidencias?

Creio que não.

O espirito de cada época existe independentemente das correntes do pensamento humano. Elle é feito da herança das realizações passadas, elle decorre das circumstancias que formam o momento presente. Antes do que serem as escolas artisticas resultantes dos grandes genios que as crearam, estes são talvez o producto da escola que a época exigia. Isto é o espirito immanente de cada civilização encontra a sua expressão maxima num talento ou num grupo de intelligencias superiores e as immortaliza.

Mais do que creadores são os artistas receptores. Elles são os os mediums conscientes ou inconscientes da alma do mundo. Esta não é feita apenas pela natureza, mas pela natureza trabalhada pela mão do homem, pela dupla reacção da creatura sobre o inanimado e vice-

versa. Assim sendo cada tempo da historia modifica essa alma universal. E cada época tem entre seus mediums uma elite apta a apprehendê-la melhor.

Da mesma forma que aquellos que se tornam instrumentos reveladores dos espiritos desencarnados, a transmissão artistica exige dos que a recebem uma hypersensibilidade capaz de captar suas vibrações. E tambem, tai e qual a mediumnidade religiosa, ella requer uma certa simplicidade de coração, uma ausencia de rebuscamento artificial e voluntario.

Quanto mais perfeita e mais profunda for essa receptividade do artista á alma esparsa das cousas e das gentes que o cercam maior será sua grandeza.

Mas quando elle parece crear novos rumos, nada mais faz do que obedecer ás vozes que internamente o guiam. Porquanto, na natureza a sequencia dos factos é ininterrupta. Hoje surge fatalmente o amanhã. A eclosão dos factos e das idéas principiam sempre esporadicamente; mas nem por isso deixam de ser resultantes de premissas que já estavam alinhadas.

Os mediums artisticos mais susceptiveis, não só recebem a inspiração do que é, mas tambem do que vai ser. E por isso parecem innovar, e arrastar após si o espirito de sua época. Não estivesse porém a intuição que tiveram já contida nesse mesmo espirito e um individuo nada poderia contra a alma da humanidade. É o que succede com os ensaladores de novos rumos que naufragam. Elles não ouvem as vozes dos seres que os cercam porque só o talento é capaz de as perceber e de lhes dar forma.

Embora o espirito de uma época não seja semelhante ao da que a precedeu nem ao da que a seguirá, não por isso deixa de ter com ellas um ponto comum: a essencia da vida, o substracto fundamental da natureza. As differenças estão apenas nas inter-reacções do homem á da natureza. Esse fundo comum só nos maiores genios se revela inspirando-lhes obras que não têm patria nem época, são essencialmente humanas.

Essa faculdade mediumnica dos artistas, dos que desvendam não o que pensam o sentem, como supplem, mas o que em torno d'elles pensa e sente sua época ou a humanidade inteira explica o encontro das expressões artisticas atravez da distancia e do tempo. São revelações da alma do universo interceptadas por espiritos que vibram semelhantemente. É o dedilhar em cordas parecidas dos mesmos dedos invisíveis e mysteriosos.

PETITE SOURCE

# A MULHER DA TRANSIÇÃO

SYLVIA SERAFIM (Petite Source)  
(Para O JORNAL)

Tasso da Silveira disse, referindo-se ao livro de Remarque "Nada de novo a oeste".

"A humanidade velha nos entende no nosso anseio de reconstrução e de renovação. A humanidade nova, "licetíssima" não compreendendo a ligação que fazemos do ardente desejo novo com o fundo eterno de ansiedade do homem, e encontra a recondição grave que encontra na nossa mais pura palavra de alegria".

Essas etapas focalizam admiravelmente a angustia, o isolamento daquelles que a grande guerra alcançou no período em que desabrochavam para a compreensão da vida. A existência desses foi irremediavelmente destruída, brutalmente seccionada em duas porções que nunca mais se tornaram a unir e harmonizar. Elles parecem o usados, revolucionarios perante a revolução de antes da guerra, as mentalidades cuja força está na disciplina moral das leis aceitas sem discussão. Elles parecem retrogrados e sentimentaes perante a humanidade de após guerra, cuja potencia está na absoluta confiança em si mesma, na revolta sciencia contra o estabelecido. E entre um grupo e outro de mentalidades divergentes, a geração maldita sofre sem consolo.

Quanto mais refinado for o individuo que a ella pertencer mais terrível será sua hesitação mais tragico seu destino. Irremediavelmente preso ao passado pelo seu mais intimo substracto psychico elle é arrastado com vehemencia ara o futuro pelas suas mias ardentes e sinceras aspirações. Sur angustia é como a de uma arvore que sonhasse locomover-se e bracejasse intuitivamente com as ramagens desgalhadas.

Apenas eu não creio que o motivo dessa fatalidade tenha sido a guerra em si mesma, pelo menos no que diz respeito a nós, povos longinquos a quem pouco suppliciou o tremendo pesadello.

Não pertencemos á geração europeia, "misericavel argilla que a guerra amassou em sangue e em que imprimiu o seu stygma inapagavel". Não sofremos a ansiedade inenarravel da diaria espectativa de cartas e noticias. O peso da tragedia só muito de leve attingiu-nos.

Parece-me que o fundo da questão não reside propriamente no abalo do systema nervoso, na ceifa total das illuões nascentes. A natureza humana, afim de poder triumphar das mil embocadas que a vida lhe reserva traz em si um poder de adaptação prodigioso. Não ha meio tão hostil e rude a que ella não acabe se amoldando.

A tragedia da inadaptação é veridica mas sua causa não são as consequencias directas senão os resultados indirectos da guerra: a transformação dos costumes e das mentalidades que ella acarretou.

Assim se explica porque mesmo nós, aquelles que tão apagadamente padecemos o influxo dos terribes annos de drama sangrento nem por isso escapamos á fatalidade da geração maldita.

Aquelles que, ao arrebentar a grande guerra, tinham já sua consciencia definitiva e formada, abriram os olhos após a visão monstruosa e a pouco foram compreendendo que o mundo devastado materialmente muito, moralmente ainda mais, ia se reconstituindo outro. Remas, ia se reconstituindo outro. belleram-se franca e firmemente contra a nova ordem e, como tão bem diz Tasso da Silveira, puderam pelo menos "recolher-se á intimidade de sua alma onde a sombra da antiga vida era ainda uma sombra de repouso".

Os que abriram os olhos á comprehensão para o mundo renovado, adaptaram-se de inicio. E têm a coragem das opiniões intelicuas que nunca soffreram abalo.

Mas os que na data fatal, no fim do velho para o novo cyclo não eram sufficientemente donos da propria personalidade para não mais mudarem, nem tão inconscientes que já não tivessem um fundo psychico já "estraticado".

E eis o nó, a essencia mesma da tragedia sombria. Estes, os da geração maldita, viram formar-se dentro de si uma personalidade nova que se sobrepoz á primitiva sem conseguir suffocá-la inteiramente.

Assistem á incompatibilidade de uma geração que surge com uma que se extingue, mas elles são incompatíveis consigo mesmos. Resumem dentro do proprio coração o drama da transição de uma era para a outra.

Se esse drama é pungente para todas as victimas da geração condemnada, redobra ainda de requintes cruéis para as mulheres que a ella pertencem. Com effeto a vida e a mentalidade da humanidade em geral muito se modificaram. Porém foi para a mulher que a existencia ainda mais se transformou.

Criada ainda na atmospherá raref. das mulheres do futuro e de ref. dos preceitos antigos, ella respicrou de repente sem o preparo/necessario o ar sadio e forte dos Ideaes modernos. O meio antigo tornou-se lhe irrespiravel mas seu coração é fraco demais para o ambiente livre e desabrigado. E sua tortura não tem nome.

Ella não praticou em pequenina nem o sport nem o dominio de si mesma. E quando se fez mulher sua intelligencia alimentada pelas palavras fortes da verdade exiguu della a saude e a firmeza de caracter. E seu esforço de adaptação não tem medida.

Ella tem o coração da geração passada e a intellectualidade da geração moderna. E sua ansiedade não tem expressão.

Criada para o sonho, despertou e gustia da mulher da transição? pente sente o abysmo que a separa das outras!

E a menina que com seis annos não brinava no cavallo de pau do irmão porque era feio esse exercicio para ella, e que com dezeseis annos

Não pode mais ser feliz dependendo, não póde ainda ser feliz livre. Quem comprehenderá a mortal anzilz agir. Crê que pertence ao grumontava á americana.

SUL AMERICA

Outubro 1929.

# O papel DA Mulher na Economia do Lar



Por D. SYLVIA THIBAU

(Cinderella)

Trabalho premiado com o primeiro lugar no concurso literario feminino da revista "Sul America".

*Quem encontrará a mulher forte? Ella tem mais valor que as pedras preciosas.*

(Proverbios de Salomão)

*These premiada no concurso  
da Sul. America com 1:000\$*

*A economia domestica é a determinação no emprego dos recursos de que dispõe a familia.*

A economia domestica é, ao mesmo tempo, sciencia e arte. Sciencia pelo espirito de methodo, de calculo que exige, pelo positivismo das quatro operações mathematicas que formam a base mesma de sua applicação. Arte, pelo gosto innato, o geito que se não póde ensinar, nem calcular, pelo instincto maravilhoso, sem os quaes se torna uma regra enfadonha, sem fantasia e sem encanto, e falha ao seu proprio fim.

Porquanto o fim da economia domestica não é apenas tornar a vida honrada e decente, porém também tornal-a agradável e confortavel.

Segundo decorre da definição dada, juntam-se dois factores na noção do assumpto que nos occupa: o factor aquisição e o factor distribuição.

Não é essa divisão equivalente á separação: "receita" e "despeza" dos balanços commerciaes, pois na receita entra apenas o capital inanimado, isto é, a quantia realizada, enquanto que no capital adquirido incluímos também a saúde, o saber, os talentos pessoaes, tudo quanto se resume no capital trabalho, o qual soffre grandemente a influencia da boa ou má administração domestica;

e na despeza sómente se cuida das sommas gastas, ao passo que, ao dizermos distribuição, nosso pensamento attinge também o fundo de reserva, a economia no sentido de poupança, que não deve faltar nunca num lar bem dirigido.

Entre essas duas partes da economia domestica, não é facil dizer qual a mais importante. Si o factor aquisição for escasso ou incerto, claro é que difficilmente haverá bem-estar na familia. Porém si a distribuição do capital realizado se mostrar desregada, tão pouco haverá conforto numa casa.

A direcção do emprego dos recursos familiares, a distribuição do capital realizado, eis a parte da economia domestica que cabe directamente á mulher.

Raro é o lar em que a esposa não dispõe livremente das despezas caseiras, e é triste constatar quão pouco preparadas estão as moças para essa tarefa. Os talentos de salão, que é habito desenvolver nas meninas, embora lhes realcem os encantos, pouca utilidade têm na vida pratica. Pelo contrario, em todos os ramos de suas attribuições, a intelligencia da mulher bem desenvolvida, augmentar-lhe-á a efficiencia do concurso. A arithmetica, por exemplo, é indispensavel á moça para o bom governo de sua casa. Entretanto as meninas aprendem muito super-

gre, diz Yvonne Sarcey no seu bello livro "Para se viver feliz", é um beneficio dos deuses; perto dellas as preocupações parecem leves e o futuro cheio de promessas". O poeta inglez Burns, falando da perfeição feminina, divide-a em dez partes, e dentre estas, dá quatro ao bom-humor. Na verdade a mulher de character sereno e corajoso, auxilia mais a carreira de seu marido do que outra, mais poupada embora, porém de genio irascivel e desagradavel.

Todos estes factores: boa alimentação, conforto e meigos encorajamentos, augmentam directamente o poder productivo do homem.

Qual a importancia desse papel da mulher a importancia de um bem immovel. Nação do capital trabalho, que as companhias de seguro garantem contra accidentes, dando-lher é facil medil-o pela moderna comprehensividade, a maioria dos homens têm por capital unico as suas proprias habilitações, e impossibilitados de trabalhar, cahem em completa miseria.

Não ha duvida porém que si o excesso de avareza é um erro, na base de todo bom systema de administração domestica, deve estar a economia propriamente dita, a previsão do futuro, pela formação de um fundo de reserva. Nós bem pouco podemos sobre o que é, porém muito podemos sobre o que será. Aquelle que gasta tudo quanto ganha, mostra-se de uma imprevidencia louca, tem a insensatez immortalizada por La Fontaine na popular fabula da cigarra e da formiga. A economia é a segunda providencia das familias, a deusa do lar. Mas é uma virtude cuja pratica exige a perseverança de todos os momentos, a persistencia incansavel no mesmo proposito. E para a fraqueza dos corações humanos, mais facil é a resolução tomada num só dia, do que a resistencia heroica á tentação quotidianamente repetida do luxo e do prazer. Eis porque nunca se louvará bastante o moderno systema dos seguros dotaes e das construcções com pagamento a prazo que amparam e tornam definitivas a resolução da economia, creando uma obrigação razoavel e garantindo ao mesmo tempo o peculio á medida que se o vae formando. Ainda esses meios auxiliares da economia domestica, dependem extraordinariamente da mulher, pois não só ella é a creadora quasi que exclusiva do fundo de reserva a empregar, como além disso pôde influir sensatamente nas decisões do esposo, aconselhando-o a que transforme num dever systematisado a eco-

(Continúa á pag. 47)

nomia. O resultado é que, ao se casarem, pouco sabendo das cifras, não estão as jovens aptas a tomarem conta de seus meios e de suas despezas, o que poderá causar uma serie de erros, acarretando as dividas e a degradação social da familia.

E' preciso que a mulher não sómente esteja estrictamente na altura de suas funcções, isto é, seja capaz de dirigir a economia de seu lar segundo os simples principios da arithmetica, porém tambem que ella tenha um certo tino para negocios, pois o bom governo do lar exige diligencia, assiduidade, methodo, disciplina moral, providencia, prudencia, espirito pratico, conhecimento dos genios e poder de organização, qualidades igualmente imprescindiveis á direcção de qualquer estabelecimento commercial.

Além desses requisitos bastantes positivos, a habilidade em bem distribuir o capital adquirido, exige uma arte infinita, multipla, variada e bem feminina. Ha mulheres que, por sua engenhosidade e gosto, parecem na verdade possuir uma varinha de condão. Ellas sabem fazer do pouco, muito, do velho o novo, do util o agradável; ellas transformam, reformam, criam, suppremam, realizam emfim verdadeiros milagres que já nem percebem os que as cercam, tão habituados estão a elles.

Não só o poupar é virtude domestica... Muitas vezes é preciso saber gastar até com certa largueza, pois empregos de dinheiro ha que rendem compensadoramente. Assim no que se relaciona á saude. Uma boa dona de casa, procura na medida até do quasi impossivel, dar aos seus uma alimentação abundante e sadia. "Si o homem que faz produzir duas espigas de trigo a um terreno que até alli não produzia sinão uma é chamado bemfeitor da humanidade, não deve menos ser considerada bemfeitora a mulher que economise e aproveite melhor e mais praticamente os productos alimenticios da habilidade e do trabalho do homem". Diz Samuel Smiles no seu livro "O character". E' que, melhor aproveitando o resultado do labor masculino, a dona de casa concorre para o acrescimo desse mesmo resultado, augmentando a capacidade de trabalho do homem, pela boa reparação de suas forças phisicas.

Além da questão material do alimento, ha a semi-espiritual e o mi-corporal do conforto, e a puramente espiritual, mas com importante influencia sobre a intima economia organica, do socego e do bom-humor, causadores do bem-estar moral. "Uma mulher ale-

## AS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAES

Sylvia SERAFIM  
(Petite Source)

(Para O JORNAL)

Ao Dr. Belisario Penna

O JORNAL

DOMINGO 16 SETEMBRO

nomia feita até então caprichosamente e ininterruptamente.

Eis pois qual a importante missão da mulher como protectora do presente e previsora do futuro, na parte da economia domestica que zela a distribuição do capital.

Quanto á aquisição desse capital, o papel da mulher é ainda hoje em dia secundario. Bem poucas moças estão aptas, aos 21 annos, para ganharem sua vida, na classe instruida, e, quanto ao povo, Georges Renard, num estudo sobre "A operaria a domicilio", patenteia, de um modo emocionante, o quanto o trabalho da mulher é explorado em toda a parte do mundo, mormente o daquellas que se não pôdem ausentar do lar.

Não ha duvida que muitas mulheres ha, cujas aptidões manuaes ou intellectuaes lhes facilita intervir efficaçamente para a melhoria da receita familiar; é preciso, porém, si esse trabalho a que se dedicam lhes absorve o tempo ou as afasta do lar, que lhe seja sufficientemente remunerado para que cubra o accrescimento de despeza acarretado pelo abandono de certos mistéres caseiros, e offereça ainda um lucro compensador. De outra forma, o supposto auxilio seria uma burla e uma illusão, servindo apenas para desmembrar a familia.

Relativamente pois ao factor aquisição, o papel da mulher, principalmente quando sobrecarregada de filhos menores, é com raras excepções, exclusivamente de auxiliar do homem. Ella é quasi sempre cooperadora e não creadora do capital domestico. Essa conclusão encerra a mais irrefutavel das ponderações em prol do seguro de vida de todo chefe de familia.

Porém seja embora sua acção subordinada e sequente á acção do homem, é incommensuravel o papel da mulher na economia domestica. Quer zelando pela ordem e pelo encanto do lar, quer distribuindo saude e conforto physico, levantando o moral ou inculcando coragem, economisando e prevenido o futuro ou aconselhando sabiamente, labutando tambem e auxiliando o marido cu até lhe supprindo a falta, num esforço sobrehumano para bem levar a fim a educação dos filhos, a perfeita mãe de familia, a dona de casa exemplar, é, na realidade, a verdadeira mulher forte que, segundo affirma Salomão, tem mais valor do que as pedras preciosas.

O nome do dr. Belisario Penna ha de ser inscripto com as letras de aço e de bronze da gratidão patria no selo do Brasil futuro. Pertence elle ao pequeno grupo daquelles que por entre a indifferença egoista da multidão que passa; apaixonam-se por um ideal util e generoso pelo qual sacrificam uma existencia inteira. Esses combatentes do verdadeiro Bom Combate muitas vezes morrem vencidos e ignorados. Mas nunca em vão amanhã a rude gleba da consciencia humana. Através de annos, ás vezes, progride o germinar obscuro rompendo camadas de preconceitos e commodismos, e um dia surge a eclosão da idéa em realizações já inesperadas.

Entretanto, tal não succede ao dr. Belisario, que tem tido a alegria, sem duvida intensa, de ver ainda na pujança de sua actividade, florir e fructificar muitas das sementieras que vem espalhando com o gesto sublime dos semeadores espirituaes.

Assim é que nas questões de hygiene rural a que se tem dedicado especialmente, sua palavra tem um valor extraordinario, é acatada pelos que concentram o poder e será talvez, amanhã, executada.

Li, ha dias, sua conferencia intitulada: "O cancro nacional"; nella aborda o dr. Belisario Penna um dos nossos grandes problemas, o da miseria do povo campestre. A causa dessa desgraça, verdadeiro neoplasma corroedor da patria, está, segundo elle, no systema dos latifundios, nas grandes propriedades com organizações tipicamente feudaes e escravocratas, peores talvez em suas consequencias praticas do que as antigas fazendas dos tempos dos navios negreiros. Como bem salienta o dr. Belisario, os amos tinham, pelo menos, o cuidado interessello pela mercaderia humana paga a boni preço, emquanto nem sequer essa preocupação inspiram os miseros roceiros de hoje, despedidos e substituidos immediatamente assim que ficam doentes.

### RETALHAMENTO DAS ZONAS AGRICOLAS

Como remédio a esse estado de coisas, aponta o dr. Belisario Penna o retalhamento das zonas agricolas em pequenas propriedades doadas aos colonos. E apresenta como justificativas de sua opinião estatísticas de natalidade e mortalidade em terras de grandes propriedades confrontadas com outras de zonas de terrenos divididos.

Não ha duvida que em conjunto e ao primeiro exame o ponto de vista do dr. Belisario se impõe totalmente. As estatísticas são esmagadoras. E elle repete e insiste: retalhar, dividir as propriedades extensas, eis a solução.

Entretanto, fosse mesmo realizavel na pratica, seria desejavel essa subdivisão, de um modo absoluto e por toda a parte? Isto é, pudesse o governo espóliar os grandes fazendeiros e á vontade distribuir as terras pelos pequenos cultivadores e criadores, seria essa resolução conveniente para o progresso do Brasil?

Ao problema da miseria de nossos roceiros estão ligados dois outros que formam com elle um circulo vicioso difficil de abordar por qualquer lado que seja. Os da falta de saude e da ignorancia. Diz o dr. Belisario Penna que sem se haver primeiramente reparado a indigencia de nossa população rural, dando-lhe o meio e o incentivo da propriedade, de nada vale a multiplicação das escolas. E o carro adiante dos bois, affirma. Porém, virá o clinico e indagará: — "De que serve a terra para amanhã se o braço recede ao longo de um corpo devorado por febres, amaldiçoado pelos ankylostomos? E logo o professor clamará: — "De que vale o posto medico se a ignorancia grassa e o matuto desconfia do medico para se entregar ao curandeiro?" E eis como a escola passa para o primeiro plano. Allás, crelo que no caso não ha carro nem bois. Ha um monstro de tres cabeças sobre um mesmo plano, pelo que se torna imprescindivel atacal-os simultaneamente.

### DISTRIBUIÇÃO DAS PEQUENAS PROPRIEDADES

Não seria talvez incondicionalmente util a distribuição intensiva das pequenas propriedades. As estatísticas provam que as populações das zonas retalhadas são mais prosperas, mas não affirmam que se poderia fixar assim, e assim fazer progredir os miseravelis que andam de fazenda em fazenda se desentregando por motivos futéis e trabalhando sem estímulo. Não haverá nessa desigualdade o processo de uma selecção realizado não só pela sorte mas tambem pela qualidade dos individuos? E fosse a esses que não melhoram de vida, fornecida a terra para o cultivo, seriam elles capazes de a fazer produzir?

Quem de perto lida com a gente do nosso povo tem de lhe reconhecer qualidades grandes, mas defectos ainda maiores. Que o digam as donas de casa, que diariamente aceitam no proprio lar empregadas vindas não se sabe de onde, sem nome nem carteira nem recommendação de especie alguma, e entre as quaes, não obstante, raro se destaca uma ladra. Entretanto, o brasileiro é rebelde e inconstante mais do que mesmo indolente. São communs os casos de servicasas com filhos pequenos bem colludados, tendo todo conforto e indulgencia na

casa dos patrões, abandonarem essa bem estar a menor contrariedade, para tornar a miséria dos casebres nos mortos, onde com fatalismo orgulhoso e impermeável ao remorso vêm definhando ou morrer de diarréas pela deficiência e má qualidade do alimento, crianças poucas mezes antes bem tratadas e saudas. A falta de persistência e systematica revolta das que não têm filhos, então não conhece li-

mites.  
É preciso em tudo e por tudo fazer justiça a uns e outros. Conhecendo a mentalidade da nossa gente de cor, não será difficil reconstituir com a imaginação o que se ha de ter dado na occasião da libertação dos escravos. Não ha duvida que muitos fazendeiros os

hão de ter tratado dahi por diante com o desuso de que fala o dr. Policario, isto é de bus, de mercaderia cuja conservação já o não interessa; mas por sua vez abandono do trabalho pelos negros ha de se ter dado em massa. Não eu quizera ser fazendeiro nessa época. Do dia para a noite, como não hão de se ter tornado insolentes as crias e mucamas! "YáYá pensa que a gente inda é escrava!" E só mesmo um milagre de diplomacia e paciencia da parte dos amos pode ter prendido em raras casas alguns trabalhadores.

Por isso a derrocada de nossas plantações, tão commentada por alguns historiadores sinceros. Em todo gesto humano ha um lado theorico e um utilitario. Não ha duvida que o decreto da princeza foi moralmente bello. Mas na pratica prejudicou a ricos e pobres, aos amos, porém, também aos escravos, pois succedeu com estes a velha historia dos passaros de gaio la imprudentemente soltos no matto sem prévia acclimação: morrem á mingua, e são facilmente trucidados pelas feras porque suas azas não estão habituadas ao vôo.

Ha tempos, conversando com um parente, distincto engenheiro da Central que viveu muitos annos no interior, commentava eu o exagero de cores horripilantes que a meu ver existia no "Urupês", de Monteiro Lobato. Discordou meu interlocutor, affirmando que falava por experiencia propria, e contou varias historietas que illustravam de sobejo a apathia, a ignorancia, a falta da affectividade mais elemental como de mãe para filho, do nosso sertanejo.

#### QUALIDADE DA TERRA

Outro lado interessante dessa questão do retalhamento é o da propria qualidade da terra. Um medico muito meu amigo, pequeno proprietario em Petropolis e cultivador por dilettantismo, muitas vezes protestou deante de mim contra a eterna canção da riqueza de nosso solo. — "Essa fertilidade prodigiosa é exaggero de poetas e cidadãos que nunca pegaram numa enxada para cavar a terra. Venham trabalhar e depois falem com a autoridade da experiencia. Nosso solo é ingrato. A doçura mesma do clima nos prejudica. A terra não descansa e o roceiro tem de manter uma luta titanica contra o crescimento incessante do matto bravo que soffoca a plantação. A camada de terra productora é superficial, esgota-se logo. E sobretudo ha pragas temiveis, entre as quaes a salva basta para descoroçoar os mais teimosos. O sertanejo, concilia meu amigo, não é um preguiçoso, é um desanimado, o que é bem differente."

Um caso eu sei de alguém que possuindo espaçoso sítio em Nova Iguaçu, desistiu do plantio de laranjas e mangas que a zona produz admiravelmente por falta de capital para a extinção da quantidade fabulosa de formigueiros e aquisição em larga escala de adubos e mudas. Vendeu a terra que tinha e bem a contra gosto migrou para o centro urbano.

Além do solo doado, é preciso saúde, instrução, ainda que rudimentar, vontade de trabalhar e... capital! É muito.

Ora, o problema assim exposto parece insolúvel, o círculo vicioso inquebrável. Sem instrução inútil a hygiene, sem hygiene impraticável a saúde, sem saúde impraticável o trabalho, sem trabalho inevitável a miséria, na miséria irrealizável a instrução.

Reflectia com tristeza sobre esse anel fatídico quando num jornal de São Paulo chamou-me a attenção a noticia de que certo fazendeiro desse estado estabeleceu em suas propriedades o ensino obrigatorio para os filhos de colonos na idade escolar. "Seu plano, dizia o artigo, é simples: fica a professora da fazenda na obrigação de enviar a quem de direito a relação dos alumnos faltosos, cujos paes serão multados em 5\$000. Aquelle que justificar plenamente a ausencia do filho será dispensado da penalidade, havendo, entretanto, um empregado com a incumbencia de fazer a necessaria syndicancia".

Ora, ahí está uma solução viavel. Justamente esses que por serem grandes proprietarios podem abandonar suas terras e vir á cidade, devem ser o elo de junção do campo á urbés, os portadores da instrução e da hygiene. Espíritos mais susceptiveis de soffrir a catechização dos ideaes modernos, mais facilmente os converterá a palavra dos renovadores. Na hypothese de ser para elles insufficiente incentivo o nobre desejo de praticar o bem, não devem faltar a higienistas e mestres-escolas dados estatísticos para convencer os dos lucros que obterão melhorando o index de saúde e instrução de seus auxiliares. Em Anna Karénine, põe Tolstol na boca de seus agricultores, entre os quaes avulta o caracter bondoso e irresoluto de Levine longas dissertações sobre a inutilidade de lutarem os amos contra a má vontade supersticiosa dos campones que inutilizam as machinas agrarias para não ter de as pôr em uso, a ellas preferindo numa teimosia incrível o rotineiro trabalho braçal. Por toda a parte do mundo a ignorancia da massa é o monstro aniquillador da energia dos esclarecidos.

Poder-se-ia mais proficuamente tentar a propaganda da guerra ao monstro entre os fazendeiros, por meio de congressos de grandes proprietarios, folhetos, conferencias, etc. Entretanto, não ha duvida que essas tentativas tão pouco serão sufficientes, nem excluem a verdade incontestavel da vantagem do retalhamento de multos terrenos, da utilidade das colonias agricolas.

Apenas me parece que essa divisão não deve ser vantajosa sempre e por toda a parte, mas é aconselhavel ou não segundo a qualidade da terra, o genero da cultura ou criação a que esta é destinada, e o estado da possibilidade latente da população a que vai ser doada a colonia. Ao mesmo tempo será util que se cuide de preparar e augmentar essa possibilidade individual pelo augmento das escolas, pela propaganda de noções de hygiene e agricultura, sendo que o meio mais rapido de obter o resultado desejado sob este ponto de vista é o de se procurar diminuir os horrores reaes da vida dos sertanejos nos latifundios, pelo esclarecimento dos grandes proprietarios. As fazendas se transformariam assim em escolas para os futuros colonos, ao mesmo tempo que salvariam do abandono terras, planícies ou criações cujo desbravamento, cultura ou iniciativa exige a aiança de grande capital.

A GAZETA DA  
SÃO PAULO  
13 de Outubro

## O crime da humanidade

A julgar pela paixão com que anima os conservadores, na defesa de um edifício social que vacilla em todas as suas bases, dever-se-ia orar que esta abraça a paz e a ventura da humanidade. Parece que nenhuma transformação para melhor nelle se poderia fazer.

Si olharmos porém com espírito de justiça a vida de todos os povos, e violarmos os segredos dos lares e observarmos os indivíduos, nossa coração se contrangera de revolta e compaixão.

O espectáculo das consequências de crenças e moral nas quizes se não pôde tocar sob pena de rispido anathema da maioria é desolador. Ao lado da riqueza fabulosa de uns, a miséria terrível dos mais.

Em torno de milhares de criaturas sem trabalho, o exgotamento, a velhice precoce, a morte de outras por excesso de trabalho. Espíritos doutrinaes condemnando a mulher que foge a maternidade e cobrindo de opróbrio a que aceita todo o sofrimento da procreação sem nenhuma de suas vantagens. Moças robustas que o ocio leva á precocidade no amor e outras enfraquecidas pela gravidez, labutando brutalmente com prejuizo proprio e da geração vindoura.

Sentose que tudo está errado, fora dos eixos... ha um desperdicio immanente de energias aproveitaveis e um abuso criminoso de contingencias que deveriam ser sakradas... A esse mar de angustias a religião cobre com o manto hypocrita da resignação e aponta o céu. Mas a voz de um grande poeta nosso, Heitor Lima, ecoa aos ouvidos dos que são livres e pensam, como um grito de protesto doloroso:

... e o céu com que me aconsoa

De tão longinquo, desespera e cança  
De tão remoto o coração dissuade.

Porque condemnem os moralistas os que para esquecer usam opio ou cocaína? A conformação passiva á miséria da existencia terrena, o pensamento embalador do céu têm sobre o espirito da humanidade um resultado semelhante ao dos entorpecentes sobre a memoria. Consoa-o, apazigua-o, desvia-o da revolta que leva á acção. E

da-lhe um bem estar mentiroso que é preciso sacudir.

Sem duvida ha soffrimentos contingentes da propria vida que nunca serão removiveis. Mas estes devem bastar. E' nos lícito declarar de boa fé que tantos outros decorrentes apens da ordem humana não sejam passiveis de diminuição ao menos?

Jeanne Deroin uma feminista de 1849, dizia, reivindicando os direitos politicos femininos no jornal "A Voz das Mulheres": "A missão da mulher fóra da familia é simplesmente de ajudar a restabelecer a ordem nessa grande casa mal administrada que é o Estado".

Deixando de lado discussões sobre a superioridade ou inferioridade da intervenção feminina em legislação e politica eu creio que essa phrase é perfeitamente verdadeira.

No dia em que a metade do genero humano sahir do ostracismo em que vegeta, só por esse movimento, qualquer que seja a excellencia delle em relação ao trabalho do homem, um equilibrio menos falho se estabelecerá entre o consumo e a produção.

A humanidade age para com a emancipação da mulher, da mesma forma que em particular, um burguez pouco endinheirado para com sua esposa. Este se queixa da difficuldade da vida, recommenda a economia, gema da premeição em que se vê de trabalhar dobrado. Mas, si a companheira leal e corajosamente lhe offerace, de com o emprego de suas habilitações restabelecer a harmonia entre a receita e a despesa, ainda que os filhos não exis-

sem, ou se offuscados estejam no colégio, ou tenham algum dólido como cõnjuges, casa, e honra, foge á responsabilidade, invoca a familia, a saúde, a educação das crianças. Não reparte como vai a esposa, empregar as horas que elle lhe prohiba dar ao trabalho. E, si uma desgraçada que tem um filho natural cas na miséria e é forçada a abandonar-o para que não morram ambos de fome, o burguez a prova satisfeito o castigo da "sem vergonha", sem se lembrar sequer do pequeno ser que justamente por não ter pai, duas vezes mais precisava do mãe.

Mais ou menos assim, com essas contradicções e hypocrisias age a humanidade ante a generalização do problema. O estado actual da civilização rejeta em absoluto qualquer peso morto, está a exigir a repartição do trabalho para que todos tenham lazeres: a Mulher, aquella que verdadeiramente merece esse nome, se apresenta e se offerce porque sente que a hora de seu auxilio chegou para o mundo e a covardia de suas semelhantes, e a brutalidade invejosa e mesquinha do homem procuram condemnal-a e ridicularizal-a.

As intelligencias femininas cultivadas, diz Leontine Janta, "são forças novas trazidas á sociedade que tanto precisa dellas".

E' terrível reflectir na somma prodigiosa de esforço que se tem perdido através tantos seculos, nas desobediencias, nas obras de arte que se não tem realzado pelo preconceito que priva a sociedade da contribuição activa de metade de seus componentes.

Palando sempre da intelligencia das mulheres diz a já citada escripta franceza: "Si entre as mulheres existirem algumas que sejam verdadeiras genios — porquanto para mim o genio não tem sexo — por uma cultura completa ser-lhes-a permitida a eclosão, e á essa possibilidade que se deve deixar aberta como já se fez para o povo generalizando a instrução".

A sequestração do espirito feminino tem sido um grande crime da humanidade. Encalcançadas no dominio exclusivo dos fazeres domesticos e da procreação, as mulheres têm que dar como caução da liberdade e esperanca da ventura. Para muitas, a terrível sentença do portico do inferno de Dante, está gravada no primeiro degrau do templo da sciencia. Não é pois de admirar que entre a existencia inútil e abrigada e a vida proveitosa e solitaria, ellas que acima de tudo aspiram á ternura não tenham hesitado. Mas a felicidade para ellas não era completa. E os homens bem o devem comprehender, elles que tanto se revoltam quando a mulher exige o sacrificio da carreira que prezam e seguem por verdadeira vocação. Quem cantará jamais num poema gigantesco o soffrimento de gerações e gerações de mulheres intelligentes que se debateram no carcere estreito de uma vida ignorada e modesta, pressas ao solo em que o destino as fez nascer, sem jamais terem desabrochar pela cultura adequada a flor espirital de um talento, expezinhado em botão?

Embora seja exacto que as mentalidades superiores femininas, como as masculinas, representam a minoria essa verdade não impede que todas possam, para o bem da humanidade trazer o obulo, modesto embora, de seu esforço e de suas aptidões.

E no dia em que, verdadeiramente libertas todas as mulheres trabalharem segundo suas possibilidades, um grande passo terá sido dado para o equilibrio entre a produção dos povos e seu consumo, e logo para a harmonia entre as classes e o bom governo das nações. A humanidade haverá despertado de uma grande incomprehensão e se terá redimido de um grande crime.

PETIT SOURCE

A GAZETA DE  
SÃO PAULO  
14 OUTUBRO

# A morte da poesia

A poesia é um artefacto, sempre em mudança de tipo e de finalidade de uso. O desenvolvimento da poesia é, portanto, o resultado das necessidades que se vão criando ao longo da vida humana. Mas os elementos que servem a poesia são os mesmos desde os tempos primitivos até aos modernos. A poesia é sempre a expressão da vida humana, e a vida humana é sempre a mesma. A poesia é sempre a expressão da vida humana, e a vida humana é sempre a mesma.

As necessidades da poesia foram sempre as mesmas: a expressão da vida humana, a expressão da vida humana, a expressão da vida humana. A poesia é sempre a expressão da vida humana, e a vida humana é sempre a mesma.

Quem tem a utilidade dos versos é a poesia. A poesia é sempre a expressão da vida humana, e a vida humana é sempre a mesma.

Não apenas os sentimentos travados da língua d'ou ou da língua d'ou travados pelo mundo travado são as palavras dos cantos feitos a doçura dos versos que compõem a vida humana. Também os versos esculturais da arte antiga, mistos de versos e de caricaturas convulsas, dão-nos uma sensação guardavam suas recitas por meio das rimas. E ali se vêem as palavras e a vida humana.

Em rimas eram guardados os grandes feitos heroicos de guerreiros e descobridores, em versos eram compostas tragédias e comédias.

Depois, lentamente a reacção veio. Escripção dos reinos phantásticos da astrologia e da feiticaria para o positivismo das observações e das experiências a sciencia repudiou a ingenuidade marmothica das phrases caducadas.

Mais tarde, na escola do naturismo, o theatro se rebelou. Na vida real ninguém fala em verso. E para que a illusão fosse mais perfeita e a imitação mais impressionante os autores principiaaram a escrever em prosa comédias e tragédias.

Os longos poemas heroicos foram se tornando mais raros sempre. A metrificacão e a rima passaram a formar, apenas, a linguagem do sentimento.

Assim circumscripitas, pareciam ellas destinadas a peraltrar indefinidamente suave manifestação da alma dos povos.

Entretanto o philosopho adivinhador que foi Anatole France faz uma curiosa predição a respeito do destino vindouro da poesia. Na sua interessante visão de um mundo futuro, escripta nos primeiros annos deste seculo, o escriptor francez nos fala em mulheres de cabellos curtos que trabalham e são livres, nos Estados Unidos da Europa, enfim em varias grandes modificacões nos costumes ou na sciencia que nunca era realista ou está em espera de realizar.

Entre outros trechos de maravilhosa intuição refere-se elle á poesia como estando destinada a não mais exprimir coisa alguma de real, sem sentido, com uma grammatica e uma lingua que lhe pertencem exclusivamente.

Anatole não previu a morte total do verso com o advento da poesia livre. Entretanto já alguns signaes preannunciadores desse resultado vipham se manifestando há muito. Eram a liber-

tação de alguns da poesia de tipo clássico, as composições feitas a pedido de alguns escriptores que não tinham a utilidade da poesia, a exigencia da metrificacão e das convenções da poesia.

Depois de período longo de paralisacão das facilidades foram logo cessando rapidas. As innovações cessaram cada dia mais raras até que appareceu a verso modernista que, quando por completo se entendeu a significacão da poesia, das qualidades das convenções e das convenções das versas.

Os proprios poetas se encarregaram de matar a poesia. Longe de se apartarem cada vez mais dos outros generos literarios, formacão a poesia e pouco a pouco a poesia especial e peculiar, ellas foram os primeiros a romper os velhos laços da verso.

Ainda alguns resistem fiels aos ideaes do passado. Mas sentem-se que se vão tornando cada vez mais raros.

Não ha duvida tambem que entre os poetas ditos futuristas, uma pouca, aquellos que são versificadores por natureza, aquellos que trazem no ouvido, naturalmente a medida das phrases mesmo sem rima e sem metrificacão, ainda fazem poesia. As palavras que elles alinham cantam de tal forma aos ouvidos que é preciso por attenção na leitura para verificar a ausencia do processo antigo de composicão. Esses são raros, e um conselho têm são absolutamente inimitavel. Com effeito, qual quer pessoa intelligente, mormente em se tratando de um escriptor pôde com algum trabalho embora, ainda que auxiliada por um tratado de metrificacão e um dicionario de rimas elaborar um soneto de forma impeccavel. As regras existem; é só applical-as com esmero embora. Mas como descobrir o segredo de uma harmonia que não tem lei, que obedece apenas a um rythmo secreto e mysterioso da alma do poeta? Como imital-a?

Perém em regra, o verso moderno não tem metrificacão, não tem rima, não tem cadencia... bom é quando ainda tem alguma accellencia, quando o futurismo pára na forma e não attinge as imagens.

Por enquanto, talvez, por um resto de puerilidade, ou talvez para justificar a brevidade das idéas sem folego para um texto em prosa continuam os "poetas" a arrumar seus versos em linhas desiguales, caprichosas, sem que se possa comprehender porque a separação é feita em uma palavra e não na seguinte ou na anterior. Divertem-se como crianças com a disposicão graphica pittoresca e irregular dos paragrafos, julgando original e expressiva. E ficam muito convencidos que fizeram "poemas".

A illusão é o que vale na vida. Cada um com a sua e paz sobre todos.

E' de crer porém que aos poucos a inutilidade desse modo de imprimir ingenuo ou phantasia vá surgindo aos olhos de todos. O futuro parece destinado aos poemas em prosa.

E então, como nos contos de fadas se dirá: era uma vez a senhora poesia...

Elle ficára apenas, espiritualizada na sua outra accepção, isto é, como alma erradia dos seres e das cousas espalhando-se nas artes, revivendo na prosa rythmada.

Mas quanto á poesia verdadeira, isto é, a arte de expressar um pensamento com determinada cadencia e rimas obrigatorias, dispostas as phrases em linhas de certa forma essa terá se alinhado definitivamente entre as mortas manifestações do espirito humano. E, como succede hoje com o latim, a lingua do verso servirá apenas para citações, para cabalhos inspiradores de chronicas e contos.

PETITE SOURCE

## O rythmo cycloide da mulher

"Na conhecida presunção em pretender contrariar as leis immortaes que regem estas air physicas e, aquelle que assim faz, perde, sem o saber, o precioso fluxo de que depende a marvellhosa surto da nova criação."

### Dezêta SERAFIM

O livro de Sr. Mario Carralho de Moraes "O amor e a natureza" foi para mim uma verdadeira revelação. Trabalho esmerado sob o olhar desceido e exacto da verdade scientifica, nelle encontro a historia de varios ciclos physiologicos que regem a natureza da mulher.

Alguns são asietos e estudos pelos medicos; a Sr. Moraes aponta e procura observar a que regula o fluxo e o refluxo do embeulimento amoroso dando um conselho e um antigo conselho de "esperar" pela ao sexo feminino.

Tudo na vida e no organismo do homem e da mulher está sujeito e adaptado ao fim para o qual existe a differenciação dos sexos: a procriação. Se reflectirmos profundamente sobre essa grande verdade comprehendemos porque em tudo e por tudo a acção do homem é dispersiva, constante, sempre igual a si mesma, se bem que de potencia relativamente limitada. Ao passo que a da mulher é concentrica, desigual, passiva de surtos veementes e de quedas bruscas.

Dessa divergencia patente, constantemente observada tirou a humanidade uma conclusão injusta e erronea; a da inconstancia da mulher, a da sua inaptidão para o trabalho.

Necessario é transportarmos para o mundo moral e espirital essa fatalidade cycloide da physiolgia feminina.

E então um vasto campo banhado em luz intensa e vivificante se nos descortina a visão psychologica.

Comprehendemos o motivo poderoso das crises de tristeza sem motivo, de intima depressão, succedendo-se a impetos de insopitavel alegria e enthusiasmo que todas as mulheres soffrem, e acellam desanimadas, como triste tara nervosa ou procuram suffocar como uma fraqueza.

Eclarecem-se os periodos de ternura transbordante, de ardente néde de carinho, seguidos de dias de semi-indifferença, de boa disposição physica levando á busca de passeios e prazeres ruidosos.

E o rythmo subtil do organismo, é o fluxo e refluxo imposto pela natureza, que assim se reflecte em toda a economia intima feminina.

Onde tambem se faz sentir essa lei que rege o organismo da mulher, trazendo imprevisas consequencias á na sua mentalidade e poder de trabalho.

Dessa oscillação psychica, resultante de um periodismo physico mais ou menos regular na mulher, que ora exalta, ora aniquilla o obscuro instincto latente em todo ser vivo, resulta uma desigualdade sensível na clareza e força da intelligencia.

Estas crescem e decrescem segundo os dias das quinzenas, as épocas do mez, as circumstancias da gravidez. E se as mulheres em

### (Para O JORNAL)

de se reconhecerem abundantemente daquella que é o resultado e o preparo de sua mais noble função — segundo todos o proclamam — a maternidade, e em vez de se menosprezarem pelo que julgam fraqueza e nervosidade, se observarem a si proprias, notassem esse rythmo a que todas estão sujeitas, chegariam a conclusões interessantes e uteis para a disposição de seus affazeres.

Quando essa noção que julgo verdadeira se implantar universalmente, sentir-se-á o quanto é erroneo e prejudicial o moderno aproveitamento das forças femininas que principiam a colaborar para o acrecscimo da proffusão.

Comparando a intelligencia de uma mulher com a intelligencia de um homem, de valor equivalente, veremos que enquanto esta se mantém apenas sujeita a leves variações devidas a pequenas indisposições ou casuais exaltações, aquella ora a sobrepuzo francamente ora se mostra inferior. Representando essa divergencia num hypothetico traçado comparativo obteremos para a intelligencia do homem, isto é sua faculdade de apreheção, seu poder productivo uma linha quasi recta, para a da mentalidade feminina uma linha sinuosa, cujas curvas ficarão ora acima, ora abaixo da primeira.

Donde resulta que, para preencher um emprego braçal ou intellectual em substituição a um homem é preciso uma mulher de resistencia physica ou nivel mental muito acima do exigido no homem em questão. Só assim nos periodos de inferioridade não ficará ella impossibilitada de preencher suas funções...

Entretanto decorre dessa necessidade que nas épocas de superioridade, ha um desperdicio de energia, ou melhor um não aproveitamento de forças em estado potencial.

Do exposto se deprende que o trabalho da mulher deveria ser não rejeitado nem tão pouco explorado, porém, simplesmente regulamentado de modo differente do labor masculino. Como é a formula que o futuro se encarregará de procurar pela premencia das circumstancias. Talvez não exigindo delle a mesma regularidade de produção, talvez dando-lhe prazos mais largos dentro dos quaes essa regularidade se possa fixar sem ir de encontro ao cyclo organico, exigindo assim um esforço exhaustivo que prejudica a saúde feminina.

Desde já porém as mulheres sob cujos olhos caírem estas linhas comprehendam-se melhor a si mesmas e em vez de pretenderem sujeitar as leis secretas que regem seu organismo a disciplina espirital, antes procurem harmonizar ao rythmo dellas sua produção de qualquer genero que seja. E se essa liberdade não tiverem, captivas de um emprego que seja um ganhão, ao menos não desanimem sentindo por momento o corpo indolente e o espirito esteril.

GAZETA DE SÃO  
PAULO DE OUTUBRO

## A verdade russa

Que se está passando na Rússia comunista? Como se irá encorrendo a grande experiência de uma formidável máquina que se seu próprio organismo? Não, não, vem fazendo? Que crises serão conhecidas ao saber da terrível situação econômica que se apresenta? Não indagamos que se agitam no espírito dos que pensamos.

Durante alguns meses, porque esses problemas preocupassem minha escriptura, incluímos vários artigos de homens sábios, jornalistas de nome, cujo julgamento por certo baseado em leituras e informações preciosas podesse guiar minha escriptura.

Fazendo hoje um balanço de todos esses reportes de jornais cheguei a uma certa conclusão: a de estar tão mal informada quanto antes.

Na verdade as conclusões e comentários são os mais contraditórios possíveis. E' curioso confrontá-os.

Mendes Prádiego, o conhecido colaborador do "O Jornal" e popular humorista, sob o título "Historia da Rússia", conta-nos a fábula de uma viúva que possuía uma machina de costura ruim; porém bem ou mal la ganhando a vida com ella. Surge um parente que se oferece para concerta-la; desmonta-a e já não acerta mais em arma-la. E termina Mendes Prádiego: "A machina do tzarismo frança por vezes o lombo do povo russo, mas ainda assim lhe costura os linbes; vem o bolchevismo, desarma o Estado russo, despara-tusca-o, põe tudo em pedaços e depois não n'ô sabe recompôr. E lá está a Rússia, desfeita em cacox, espalhada pelo territorio immenso do antigo império, à espera do funileiro que lhe venha dar jeito".

Fazer parabolás nem sempre é facil. Um comunista poderia objectar a Mendes Prádiego que o povo russo talvez preferisse não ter linbes nem o lombo costurado, do que ganhar os primeiros para cobrir as chagas do segundo. De qualquer forma, reduzir a uma historia de machina de costura a sangrenta epopéa, é fazer Historia Russa pelo methodo simplista, depois de ter feito a Historia do Brasil pelo methodo confuso.

O dr. Delamare, distincto jornalista e espirito eminentemente culto, sob o título "Pau neller", commenta o mau procedi-mento dos intendentes comunistas recusando-se grosseiramente a um voto de pesar por um finado. E diz que a theoria russa "impossivelmente se acilmará no Brasil onde até hoje não se assigna-laram crises de trabalho, nem se observa-ram jamais, pelo prisma da realidade, os problemas complexos do pauperismo". Termina o talentoso jornalista indagando si em vista dos perigos da campanha comunista "o Brasil deve ou não pro-ceder com maxima severidade, sem ple-guismos ridiculos pondo além fronteiras esses elementos de dissolução e de anar-chia cujo ingresso nos paizes organiza-dos tem sido sempre o arrebol da desgraça etc."

Quanto ás vistas estreitas de alguns partidários, ellas em nada prejudicam o credo em si. Esse é argumento muito usado pelo catholicismo, de que o dr. Delamare é adepto fervoroso. E, si no Bra-sil não ha pauperismô, todos vivem "a fertura, e si é inadmissivel a hypothese de que jamais o communismo venha a se acilmar entre nós, porque pôr embargo á pregação dessa theoria desde que seja feita por meios pacíficos? Seria dar mostras de uma intransigencia inutil e con-traproducente.

O dr. Delamare afirma que a "Histria" soviética teve na Rússia uma falencia completa e arrasadora.

Sob o título "O communismo deante da sé politica", expoz-me o almirante da sé politica, suas idéas sobre o as-Américo Silvado, o espirito de jus-tiça e tolerancia habituaes no seu modo de escrever e tambem se declara contra o communismo, considerando-o apenas uma revindicação justa realzada por uma revindicação quando o positivismo muois indispensavel quando o mundo com-si está para melhorar o mundo com-provencia. "A utopia comunista, últi-ma etapa da metaphisica democratica, no estado da metaphisica não sendo o es-tado normal da sociedade, não reconhe-ço não governo, na qual se não reconhe-ço o direito de propriedade". E julga que "a historia humana contemporanea que "a historia humana contemporanea que fornece na Rússia a prova eloquente da impraticabilidade da utopia comunista", porquanto os comunistas russos tiveram de recorrer ao dinheiro, de manter um exercito etc., todas normas de governo que reprovam a doutrina.

Mas, porque no communismo ha uma parte utopista, não realizavel pelo menos hoje em dia e na situação em que a Rússia ficou cercada de paizes em que essas instituições condemnadas pelo communis-mo vigoram ainda, será licito concluir pelo fracasso total da applicação da doutrina?

Rocha Pombo, o historiador e pensador cujos artigos publicados no "Correio la Manhã" se distinguem pela profundidade Mañã" se distinguem pela profundidade dos conceitos e largueza de vistas, re-fer-se á melhor forma de governo e in-daga "poder-se-la pensar na solução que a Rússia dizem que está dando ao pro-blema? Não se sabe. Pelo menos, a jul-gar pelo que se pôde presenitir de longe é que no antigo imperio moscovita o que está em gestação é uma nova autocracia, para a qual talvez só falte um gran-de chefe". E julga o autor do artigo que visto o tamanho da Rússia "não é pos-sivel nella a unidade politica sem regim-ten absoluto ou então sem plenitude de forma federativa".

Guglielmo Ferrero, historiador e so-ciologo, num artigo para "O Jornal", "O monopólio do poder" afirma que "o re-gimen representativo é o unico que as-segura a paz, a liberdade e a ordem"; e se refere á Rússia nos seguintes termos: "a Rússia é uma confirmação offuscante dessa verdade. O governo de Moscou é o pesadelo das classes ricas na Europa e na America". Ferrero diz que um paiz dirigido pelo communismo não inspira confiança alguma aos outros e toda re-lação destes com elles se torna impossivel. Não ha duvida: a mesma desconfian-ça que a republica franceza inspirava ás velhas monarchias, alimenta hoje as republicas e reinos constitucionaes con-tra o communismo russo. Será este a verdade de amanhã como aquella foi a verdade de hoje?

Um redactor do "Correio da Manhã", num artigo sem assignatura intitulado: "Na terra dos soviets" fala de um livro do escriptor russo Zoschenko, membro do partido comunista, e pergunta: "Que é hoje a Rússia? E' difficil saber exacta-mente o que se passa naquello paiz. São conhecidas as crueldades da Tcheca mas as narrativas que correm mundo não pô-dem dar-nos a comprehensão exacta da vida moscovita". Diz o jornalista que es relatoiros dos commissarios comunistas procuram illudir e que se deve procurar a verdade na literatura: "violencia, cor-ruptão e miseria é o que se percebe atra-vez dos contos do escriptor que apezar de comunista não sabe esconder a ver-dade".

Max, foi outro acaso o resultado da revolução francesa? E quem nega hoje em dia seus beneficios solapando de vez os absurdos preconceitos e privilegios da nobreza?

Não descrei do futuro da Rússia o con-de Keyserling. Na sua primeira confe-rencia no Rio afirma elle que o mundo antigo era materialista, o actual é sen-timentalista e já evolue para o futuro timentalista e já evolue para o futuro sentimentalista. A philosophia que será intellectualista. A philosophia norte-americana é intellectual e os com-unistas e seus chefes são tambem in-tellectuales. E o philosopho esta-belice um parallelo entre a Rússia e a Norte-America affirmando que esses dois paizes constituem o polo do mundo mo-derno.

Deverá mesmo triumphar o Intel-lectualismo sobre o sentimento, e a vida futura será uma formula mais do que um acaso? Porém, não creio que o sentimento e seus imprevistos possam nunca ser inteiramente banidos do mundo.

Emfim, Medeiros e Albuquerque, na "Gazeta", de S. Paulo, refere-se ao mo-nopólio de automoveis que o governo hespanhol pensou reservar-se; e con-clue: "mais intelligente está sendo o procedimento da Rússia cujo governo não pensou em monopólio algum: li-mittou-se a contractar com a empresa Ford uma formidavel manufactura afim de multiplicar os meios de com-municação".

E termina o jornalista: "Porque em ultima analyse, o governo russo é actualmente o governo mais habi e progressista do mundo". Será exacto, ou a solução dada é im-portação dos automoveis constituirá apenas um episodio feliz que não apaga outros erros graves de um governo despota e desorganizado?

Será a Rússia a filha desgraçada da humanidade que provará ao mundo a infelicidade da experiencia comunista ou será a illuminada que apontará aos povos o caminho do futuro trilhando-o em primeiro lugar?

Que se está passando mesmo na Rússia comunista?

GAZETA DE S. PAULO  
SABADO 28 Outubro

## Literato e jornalista

Muito communmente ouve-se repetir nas rodas intellectuaes que o jornalismo enfraquece e acaba matando irremediavelmente o literato. E nem pôde deixar de ser assim, dizem.

A primeira parte desse conceito é, infelizmente, verdadeira, quasi sempre. Porém a segunda, creio que não. Talvez haja meios de impedir que o trabalho systematico e apressado dos jornaes suffoque a phantasia do escriptor...

Na verdade o que é um jornalista? Sobre esse termo como sobre tantos outros ninguem se entende. Devemos applical-o apenas áquelle que faz, como se diz na pittoresca gíria do officio a "cozinha" dos jornaes? Ou pertencerá antes áquelle que não fazendo parte propriamente de nenhuma redacção leva o brilho de sua penna a varias folhas?

Ha dias, um conhecido meu, companheiro de officio, dizia com espirito: "Um jornalista é uma creatura que sabe de tudo sendo de uma ignorancia atroz". E acrescentava: "Entre elle e um literato a differença é total. Não pôde ter arte nem imaginação; resume suas impressões em clichés rapidos. Depois os examina á luz do gosto publico; aquelles que não parecem dever agradar ao povo são inexoravelmente postos de lado, muito lindos que sejam".

Meu amigo tem uma palestra encantadora... mas talvez haja algumas idéas a contrapor ás suas affirmativas.

Não creio que o jornalista por mais humilde que seja fique desprovido de imaginação. Pelo contrario, parece-me que o mais fulto desse dom o adquiere no ambiente de uma redacção. E que remedio?! Como encher uma columna de politica sem assumpto? Inventam-se boatos. Que fazer para esticar uma noticia insignificante de modo a causar sensação em torno da boa photographia obtida? Arranjam-se pormenores...

Imaginação é precisa, e muita; poderá ser de qualidade inferior, marca "Ford", por exemplo, mas por isso mesmo é mais resistente para percorrer rudes estradas onde não se arriscaria a musa fidalga dos literatos.

Ha jornalistas que não foram, não são nem poderiam ser nunca escriptores. Si não fossem jornalistas poderiam ser tudo... até presidentes da Republica, menos literatos. Isso é uma verdade incontestavel.

Ha literatos que se tornam jornalistas... Fazem mal, ou fazem bem? Conformes?

Já se foram os tempos bemditos em que a porcentagem dos que escreviam sobre os que não escreviam era insignificante. Depois que um celebre pensador disse que nenhum homem cumprira realmente sua missão na terra sem ter tido um filho, editado um livro e plantado uma arvore, todos vêm porfiando por executal-a rigorosamente... diminuindo o numero dos filhos e augmentando o dos livros. Tanto é tao bem que é necessario apparecer um novo Malthus para esse excesso de procreação espirital; sem o que nossa civilização vae desapparecer sob um diluvia de papel impresso como a primeira sob as bategas da chuva memoravel que a Biblia relata.

No meio dessa onda que sobe assustadoramente segundo o mostram recentes estatísticas feitas em Paris, index do mundo, como se fazer notar? O literato tem dois meios á sua escolha: o annuncio e o jornalismo. A tão decantada confraria do elogio mutuo já não basta. Ou bem que elle ha de pespegar cartazes coloridos e vistosos pelos muros da cidade... "O botequendo civilizado... extraordinario romance de Fulano... etc" entre um petroleo para fazer crescer os cabellos e a vassoura mecanica ideal... como tantos já fazem... ou bem que elle ha de recorrer ao systema das amostras espirituas: o jornalismo.

O primeiro meio é por certo mais... facil, mórmente para quem tem capital. Porém não se pôde negar que o segundo é mais... honesto. Com effeito, quem lê diariamente ou semanalmente varios autores por 100 réis não tem de que se queixar si um ou todos lhe não arradam. Porque de toda a forma têm os escandalos e a imaginação (marca "Ford") do reporter que, esses, agradam sempre. E quando sahrem os livros desse ou desses escriptores não irá desperdicar cinco ou seis mil réis numa compra que o não interessa... Ao passo que o annuncio... seduz e illude como dizem que faz o amor.

Entendo pois que o meio de se fazer notar, correcto, ao alcance dos literatos que não querem impingir seus livros como crimes de bellez ou pillulas... para varios fins, é o jornalismo. Sendo assim, este é a salvação do literato... E o literato deve ser a salvação do jornalismo. Porquanto si é verdade que o povo faz o jornal, os jornaes tambem fazem, até certo ponto o povo. Creio, como expressivamente diz o meu amigo, que multos clichés, isto é artigos interessantes devem ser desprezados máu grado sua bellez ou justamente por causa della que não está ao alcance da turba ignorante. Mas, dever-se-á manter um jornal rigorosamente ao nivel da maioria?... Um psychologo affirmou que as crianças não gostam de ser tratadas sempre como crianças, e odiam aquillo que é escripto para ellas, com forçada ingenuidade porque trazem em si a tendencia para o desenvolvimento, e a preferencia pelo que, estando "um pouco" acima dellas o facilita. Talvez succeda o mesmo com o povo.

O literato que se dedica ao jornalismo deve fugir á preocupação daquelle que é só jornalista: a de agradar á todos. Guardando a attivez de seu feitio e de seu estylo por certo conseguirá melhor, si bem que indirectamente, esse fim.

E deve se recusar tambem á systematização excessiva de seu trabalho, a recorrer aos truques do officio: almanachs, dictionarios, fichas... Sabendo elles guardar a liberdade da phantasia e a flexibilidade do estylo, seus artigos e chronicas serão paginas soltas de livros bem escriptos que irão espalhar pelo povo o gosto das boas leituras e fazer lentamente uma propaganda leal do autor, ou manter seu nome sempre presente no espirito dos que já o admiram.

E eis como o jornalismo, ao envez de matar o literato poderá ser, até, o melhor factor do seu triumpho.

PETITE SOURCE.



GAZETA DE  
SÃO PAULO  
6 NOVEMBRO

## O communismo ante a consciencia humana

O momento mais dramático, de mais intenso symbolismo psychologico da "Cathedral" de Blasco Ibañez é sem duvida o da morte de Gabriel assassinado pela florção monstruosa do puro idealismo que elle semeara no seu ardor incoitado de apostolo. A venenosa flor do crime desabrocha onde elle quizera cultivar fructos de generoso altruismo.

Culpa da semente ou de quem a semeara?... Aberração antes do terreno cultivado?

A formidavel obra do escriptor hespanhol focaliza admiravelmente a questão do communismo na theoria e na pratica; aos espiritos reflectidos cabe tirar as consequências, que o romanista, tal como a vida mesma deixa suspensas, subentendidas.

Podrá a consciencia humana recusar justiça á reivindicação do pobre? Não creio. Examinando serenamente o espectáculo do mundo, sem preconceitos exasperados nem enthusiasmos revolucionarios não se consegue negar a desigualdade que dá muito a uns e nada aos outros.

Haverá possibilidade de reformar esse estado actual da divisão dos recursos materiaes? A ninguém é licito negal-o peremptoriamente. Sente-se que, fosse admissivel o sonho caridoso de todos os millionarios, convencidos de repente pelo verbo ardente de algum apostolo inspirado, repartirem as suas fortunas colossaes pelos mais desherdados da sorte, e um equilibrio muito mais harmonioso reinaria na terra. Apenas essa esperança é utopista. Em vão a religião tem ensinado ás almas o amor do proximo. A vida é curta, e nenhum homem quer fazer um sacrificio que na verdade, isolado, apenas serviria para dificultar-lhe a existencia e a dos seus, sem remediar verdadeiramente o mal geral. Talvez tanto não falte a compaixão nos corações; o que mais falta é uma convicção em massa.

Essa convicção não pôde ser incutida pela persuasão, porque cada qual fica sempre esperando que outros dêem o exemplo, na duvida sceptica de ver o seu acompanhado. Nem nunca o progresso esperou pelas dadivas da generosidade humana. A escravidão não se acabou porque os donos libertassem seus servos, nem os privilegios tyrânicos da nobreza se extinguiram por terem os gentis homens renunciado a elles.

Sempre em todas as reformas foi mister ou que os prejudicados pela ordem reinante afogassem em sangue a resistencia dos outros, ou que leis obtidas da convicção de alguns forcassem a massa á adhesão precisa.

E chegamos assim ao nucleo mesmo da questão, que é distinguir a justiça de uma doutrina do fanatismo cego e brutal de seus defensores. Muito se repete a objecção de que desigualdade haverá sempre sobre a terra. Essa verdade não é discutivel; resta apenas saber si já alcançamos a meta da menor desigualdade que é possível existir. Emquanto não estivermos convencidos de ter obtido esse resultado maximo, não tem o direito de repousar um unico espirito no qual vibre o amor da justiça. Que a felicidade e o bem estar jamais serão

perfeitamente equivalentes para todos os homens é axioma tão evidente, que até se torna irrisorio invocá-lo. Precisamos discutir é si a desigualdade formidavel entre o operario e o capitalista, entre a empregada carregada de filhos e a senhora coberta de jóias é inherente á natureza ou si é tão discutivel sua immutabilidade quanto a que separava o nobre do burguez, o dono do escravo. Devemos é reflectir sinceramente si a divisão das fortunas imposta e fiscalizada não seria exequivel, não em um sonho de perfeita equidade, mas numa realização de menores contrastes. Urge é meditar si a ordem humana pôde ou não progredir ainda para uma melhor distribuição dos prazeres e dos deveres...

E eu crelo que sim... É desafio que haja um só espirito intelligente, liberto da escravisação dos preconceitos, e de boa fé que seja capaz de não exclamar, como eu: crelo que sim!

Adopto, e corajosamente o proclamo, em suas linhas geraes a theoria communista. Encaremos porém, com equal serenidade a systematização intrançigente de tão nobre ideal. Não ha duvida que a predica da doutrina é perigosa. O povo é rude, ignorante, egoista. A primitividade de seus instinctos leva-o para um immediatismo brutal. Do ideal de justiça incontestavel elle faz o doutrinarismo cruel, mesquinho, da mesma forma que do presentimento de um Deus os credos estreitos e elvados de superstições.

E, si com a mesma imparcialidade sondarmos a pratica da theoria communista recuaremos então com justificado horror. Da obsessão de um fanatismo surgem crimes esporadicos, absurdos, totalmente inúteis para o advento da sonhada justiça, ferindo numa ira doentia o individuo como symbolo da collectividade a que pertence. Em levantamentos generalizados, sacia-se o instincto pessoal do roubo, da matança, a ambição desiludida, a vingança torpe. E a doutrina communista, qual méro farrapo de pano, bandeira apenas que acena a reunião da horda no combate, serve de abrigo a muita reivindicação inconfessavel.

Então, ante uma parte da humanidade lançada contra outra, ao divisar o martyrio da nobreza na trança da revolução, os horrores da convulsão russa, a justiça e a compaixão abandonam o campo dos que eram os oprimidos de hontem. Fica-lhes apenas a indulgencia pelo muito que soffreram, pela sordida miséria da ignorância e da maldade que demonstram.

O destino humano, entretanto se cumpre mesmo por linhas tortas. A injustiça impõe o reino da justiça. E ante essas convulsões tremendas dos povos, tão fataes quanto ás grandes tempestades atmosfericas o pensamento abysma-se em meditações profundas.

Não valeria mais conceder lentamente o que um dia será exigido com sangue e blasphemias?

O communismo não deve ser pregado aos pobres, porém aos cultos, aos dirigentes dos povos.

PETITE SOURCE

GAZETA DE  
SÃO PAULO  
6 NOVEMBRO

## O communismo ante a consciencia humana

O momento mais dramático, de mais intenso symbolismo psychologico da "Cathedral" de Blasco Ibañez é sem duvida o da morte de Gabriel assassinado pela florção monstruosa do puro idealismo que elle semeara no seu ardor incontinido de apostolo. A venenosa flor do crime desabrocha onde elle quizera cultivar fructos de generoso altruismo.

Culpa da semente ou de quem a semeara?... Aberração antes do terreno cultivado?

A formidavel obra do escriptor hespanhol focaliza admiravelmente a questão do communismo na theoria e na pratica; aos espiritos reflectidos cabe tirar as consequencias, que o romanista, tal como a vida mesma deixa suspensas, subentendidas.

Podrá a consciencia humana recusar justiça á reivindicação do pobre? Não creio. Examinando serenamente o espectáculo do mundo, sem preconceitos exasperados nem enthusiasmos revolucionarios não se consegue negar a desigualdade que dá muito a uns e nada aos outros.

Haverá possibilidade de reformar esse estado actual da divisão dos recursos materiaes? A ninguém é licito negal-o peremptoriamente. Sente-se que, fosse admissivel o sonho caridoso de todos os millionarios, convencidos de repente pelo verbo ardente de algum apostolo inspirado, repartirem as suas fortunas colossaes pelos mais desherdados da sorte, e um equilibrio muito mais harmonioso reinaria no terra. Apenas essa esperanza é utopista. Em vão a religião tem ensinado ás almas o amor do proximo. A vida é curta, e nenhum homem quer fazer um sacrificio que na verdade, isolado, apenas serviria para dificultar-lhe a existencia e a dos seus, sem remediar verdadeiramente o mal geral. Talvez tanto não falte a compaixão nos corações; o que mais falta é uma convicção em massa.

Essa convicção não pôde ser incutida pela persuasão, porque cada qual fica sempre esperando que outros dêem o exemplo, na duvida sceptica de ver o seu acompanhado. Nem nunca o progresso esperou pelas dadivas da generosidade humana. A escravidão não se acabou porque os donos libertassem seus servos, nem os privilegios tyrannicos da nobreza se extinguiram por terem os gentis homens renunciado a elles.

Sempre em todas as reformas foi mister ou que os prejudicados pela ordem reinante afogassem em sangue a resistencia dos outros, ou que leis obtidas da convicção de alguns forcassem a massa á adhesão precisa.

E chegamos assim ao nucleo mesmo da questão, que é distinguir a justiça de uma doutrina do fanatismo cego e brutal de seus defensores. Muito se repete a objecção de que desigualdade haverá sempre sobre a terra. Essa verdade não é discutivel; resta apenas saber si já alcançamos a meta da menor desigualdade que é possivel existir. Emquanto não estivermos convencidos de ter obtido esse resultado maximo, não tem o direito de repousar um unico espirito no qual vibre o amor da justiça. Que a felicidade e o bem estar jamais serão

perfeitamente equivalentes para todos os homens é axioma tão evidente, que até se torna irrisorio invocá-lo. Precisamos discutir é si a desigualdade formidavel entre o operario e o capitalista, entre a empregada carregada de filhos e a senhora coberta de jóias é inherente á natureza ou si é tão discutivel sua immutabilidade quanto a que separava o nobre do burguez, o dono do escravo. Devemos é reflectir sinceramente si a divisão das fortunas imposta e fiscalizada não seria exequivel, não em um sonho de perfeita equidade, mas numa realização de menores contrastes. Urge é meditar si a ordem humana pôde ou não progredir ainda para uma melhor distribuição dos prazeres e dos deveres...

E eu crelo que sim... E desafio que haja um só espirito intelligente, liberto da escravisação dos preconceitos, e de boa fé que seja capaz de não exclamar, como eu: crelo que sim!

Adopto, e corajosamente proclamo, em suas linhas geraes a theoria communista. Encaremos porém, com equal serenidade a systematização intrançigante de tão nobre ideal. Não ha duvida que a predica da doutrina é perigosa. O povo é rude, ignorante, egoista. A primitividade de seus instinctos leva-o para um immediatismo brutal. Do ideal de justiça incontestavel elle faz o doutrinarismo cruel, mesquinho, da mesma forma que do presentimento de um Deus os credos estreitos e elvados de superstições.

E, si com a mesma imparcialidade sondarmos a pratica da theoria communista recuaremos então com justificado horror. Da obsessão de um fanatico surgem crimes esporadicos, absurdos, totalmente inúteis para o advento da sonhada justiça, ferindo numa ira doentia o individuo como symbolo da collectividade a que pertence. Em levantamentos generalizados, sacia-se o instincto pessoal do roubo, da matança, a ambição desiludida, a vingança torpe. E a doutrina communista, qual méro farrapo de pano, bandeira apenas que acena a reunião da horda no combate, serve de abrigo a muita reivindicação inconfessavel.

Então, ante uma parte da humanidade lançada contra outra, ao divisar o martyrio da nobreza na trança da revolução, os horrores da convulsão russa, a justiça e a compaixão abandonam o campo dos que eram os oprimidos de hontem. Fica-lhes apenas a indugiencia pelo muito que soffreram, pela sordida miseria da ignorância e da maldade que demonstram.

O destino humano, entretanto se cumpre mesmo por linhas tortas. A injustiça impõe o reino da justiça. E ante essas convulsões tremendas dos povos, tão fataes quanto ás grandes tempestades atmosfericas o pensamento abysma-se em meditações profundas.

Não valeria mais conceder lentamente o que um dia será exigido com sangue e blasphemias?

O communismo não deve ser pregado aos pobres, porém aos cultos, aos dirigentes dos povos.

PETITE SOURCE

GAZETA DE  
SÃO PAULO  
23 NOVEMBRO

## Em defesa do ruído

Ao que parece Hamburgo é uma cidade silenciosa. Nella todas as manobras de vehiculo se fazem mudamente, nem ha pregões... Os tympanos descantam, affirma José Oiticica, em artigo intitulado "Pelo silencio" e com indignação semi-troicista vitupera nossos habitos tropicaes, o vozejar dos vendilhões, a algazarra de buzinas, campainhas, apitos, alto-falantes e victrolas. E enumera todos os ruidos habituaes do Rio, detestando-os, amaldiçoando-os.

Deixei cahir o jornal que lia e fiquei pensando que, si um dia eu me achasse longe do canto de terra onde teria deixado o melhor de mim mesma, e me pudesse a recordar a musica ruidosa e ingenua da vida urbana, fal-o-ia apenas com saudade, com immensa e dolorida saudade.

Nenhuma arte tem um poder evocador de velhas emoções tão grande quanto a do som. Rudes que sejam canções, melopéas, a simples e melancolica escala de um grito ou do tinnir de instrumento reconstitue com vivacidade intensa as horas do passado. Deixamos pouco de nós mesmos numa estatua ou num quadro que contemplamos. A realidade da pintura ou da escultura sobrepuja a nossa realidade intima e ella é que se impõe á memoria. Tambem de um livro a impressão que guardamos é a concretização mais ou menos perfeita dos entes e factos imaginários que nos foram descriptos, e mal nos recordamos do momento em que aceitamos essas imagens. Ao relel-o, ás vezes, desconhecemos a emoção sentida um dia e não conseguimos entender sequer a modalidade de espirito que nos fizera guardar a impressão que se desvanece.

Mas o som, pela ductilidade de sua significação, pela inconsistencia da suggestão que encerra é vehiculo predestinado de nossas proprias emoções. Nós lhe damos o colorido do estado d'alma que atravessamos na epoca em que elle se nos grava na memoria. E quando o tornamos a ouvir, cada nota é como que uma letra de escripta mysteriosa formando phrases que só nós entendemos.

Por isso o ruído, todo o ruído que vive e vibra em torno de nós, brasileiros, que o somos até á fibra mais recondita do ser, compõe uma symphonia que é o resumo de toda nossa vida. E', no Rio, para mim, carloca, a canção vivaz do menino do amendoim que despertava minha gulodice de criança, os gritos estridentes do jornaleiro apregoando o Tico-Tico, enlevo das quarta-feiras de minha infancia... E' a canção dolente, resignada, infinitamente triste do vassoureiro que resca em tantas de desanimo e desespero como éco ambulante de toda a mise-

ria da vida... e o pregão espalhafatoso, chocareiro dos sorveteiros que lembra a alegria das noites de verão, em familia, nas varandas perfumadas pelos jasmimetros. E' a voz do carteiro, sonora e cantante que me faz ainda hoje estremecer como si esperasse missivas de alguém...

Os ruidos familiares vão despertando as emoções sobre o contraferte da memoria. Quem não rejembra intensamente certa epoca da existencia ao ouvir a toada carnavalesca que rythmou, então, impiedosamente, todos os pensamentos?

Allás, porque odiar o barulho? Conheço gente que ao ouvir a canção rutilante de vida da cigarra, impacientada, tapa os ouvidos, maldiz o verão. São pessoas que tão pouco supportam a alegria alacre das crianças. Sempre me pareceu que odiar o barulho é odiar a vida; é indício de neurasthenia, fraqueza ou cansaço espirital. Disposição psychica essa natural num convalescente, num enfermo, porém anormal em gente sadia.

O movimento é productor de ruído; só a immobilidade traz o silencio. E a immobilidade é a companheira da morte.

O movimento silencioso é uma aberração, um artificialismo, que repugna profundamente ao senso da harmonia. Nada mais desagradavel do que o cinema sem musica. Porque? Porque a musica, com seus dons de significação indefinida se adapta aos movimentos registrados pelos olhos, e mascara ante os ouvidos a ausencia do ruído que normalmente lhes deveria corresponder. Retirada a orchestra, o simples piano que seja, um mal estar surdo paralysa o espectador, dá-lhe sensação semelhante á dos pesadelos em que se ve grande agitação por entre um silencio tumular. O desagrado que causa esse contraste inteiro, essa quebra das leis naturaes é mais irritante ainda que o proprio barulho.

Olhando e amando as crianças comprehende-se profundamente a alegria do ruído. Ellas gritam e clamam sem motivo algum, batem os pés, as mãos, os objectos, unicamente para crearem a vida do ruído, e num ambiente austero e silencioso encolhem-se, tornam-se assustadicas e tristonhas.

José Oiticica terá razão clamando contra certos sons estridentes, monotonos de mecanismos creados pelos homens... mas, nunca em detestar as vozes do movimento, a exterioridade turbulenta do povo — essa enorme criança — a ponto de desejar vel-o disciplinado como uma turba lugubre de presidiarios do trabalho, sem pena de condemnar tambem a saudosa poesia dos ruidos familiares.

PETITE SOURCE

O JORNAL  
24 NOVEMBRO

## MATERNIDADE CONSCIENTE

Sylvia SERAFIM  
(Petite Source)

(Para O JORNAL)

Sómente a mulher — mulher que o seja profundamente pela vehemência dos instinctos fundamentais do sexo e que tenha ao mesmo tempo intelligencia para se erguer muito acima dessas forças obscuras, sentindo-as com intensidade e analysando-as com clarividencia — pôde avaliar o alcance moral da maternidade consciente.

Ser mãe é uma fatalidade da natureza a que não corresponde mérito algum. Sofrer para criar é lei inscripta no coração do universo, e na sua fórmula cruel e salutar encontram redempção as mais íntimas especies vivas.

Ser mãe e ignorar a maternidade, rejeitar-lhe os encargos, é sofrer apenas as consequencias inflexíveis de um acto cuja força obscura faz esquecer seu proprio fim supremo. E' gerar na inconsciencia total, em nivel affectivo inferior ao do mesmo instincto puramente animal.

Ser mãe e ignorar a maternidade, mas aceitar passivamente suas consequencias, e jungir o filho ao peito como um fardo mais, é apenas cumprir a tyrannia do instincto. E' ser mãe como o são as aves

nos ninhos, as ovelhas no prado. E' viver unicamente o fadario animal de procrear.

A maternidade humana, para se erguer acima dessa fatalidade soffrida com revolta ou recebida com resignação precisa ser consciente. Só assim, nisto ainda ha de sobrepor-se o homiem á sua condição physica que o eguala aos irracionais.

A mulher que deseja ser mãe para obter a emoção complementar da sua vida, a mulher que aspira á felicidade entrevista nas mãos do pequeno ente idealizado, não é apenas mãe pela fatalidade material, mas o é também pelo sentimento. E, se alargando seu sonho além da impressão individual, ella vislumbra a belleza de sua aspiração, a immortalidade do gesto a que tende todo o seu ser, se comprehende verdadeiramente que é dona de uma vida que á sua vontade pôde ou não existir, se pela intellectualidade independente recusa submeter-se a nenhuma lei compressorá e entretanto se offerece livre e voluntariamente ao sacrificio cuja significação inteiramente sondou a apprehendeu, então é tres vezes mãe: pela carne, pelo sentimento e pelo espirito.

Diviniza a contingencia material

introduzindo nella o infinito de um ideal. Só ella cria verdadeiramente porque cria conscientemente.

Sabe a responsabilidade que lhe cabe e aceita-a com alegria. Não olhará nunca o filho, succeda o que succeder, com um peso que o destino lhe atirou nos braços frageis. E porque não baseou apenas na affectividade, na esperanza de um consolo sua aspiração, nada exigirá do filho, nunca.

Ella desejou ser mãe afim de cumprir um dever para consigo mesma, de completar a trajectoria esthetico-passional de seu destino, de realizar uma obra de arte viva... e sua recompensa unica está em ver o fruto de sua existencia crescer, desabrochar, ser forte e bello. Porquanto, naturalmente, não se pôde aceitar que busquem essa realização consciente sinão aquellas que se sentem dignas de criar seres sadios e sintam por isso o mesquinho egoismo de uma esterilidade injustificada.

Se os moralistas de vistas estreitas sondassem com sinceridade a total e perfeita abnegação que é a consequencia da maternidade consciente não se revoltariam contra ella em nome de credos interpretados segundo a letra e não segundo o espirito, máo grado a maldição de Christo aos phariseus.

A mulher que sem o desejar procria submete-se á sua maternidade como a um dever; a mulher que podendo evitar a concepção não o faz, não por escrupulo religioso, o que traria a mesma submissão ao dever, mas exclusiva e unicamente seduzida pela sagrada ambição de desdobrar e prolongar sua vida, encara a maternidade como uma grande alegria.

A primeira julga merecer, se cumpriu bem sua missão: a segunda considera sua recompensa já alcançada na sublimidade do milagre realizado. Aquella exige a gratidão dos filhos, esta crê que ainda lhes é devedora e pensando no futuro dos seres que chamou á vida, pesa, tremula de inquietação e remorso as possiveis consequencias para elles, do seu magnifico sonho de perpetuação. Uma supõe no filho o arrimo da velhice, outra almeja apenas vel-o realizar integralmente o aperfeicoamento proprio.

Qual das duas a mais santa em sua missão redemptora de conservar a especie?

No espelho da consciencia reflecte-se em letras de luz a resposta sem controvérsia. O "Mane-Thecel-Pharês" não da destruição mas da salvagão, do advento da raça futura, entrevista por Luiz Jimenez de Assua, quando elle afirma que então, nas "frontes perfectas de homens e mulheres, puros sem ignorancias e nobres sem preconceitos, se forjará, sereno, o ideal".

# A mulher na literatura

A CALETA DE SÃO PAULO

29 NOVEMBRO

De todas as artes, aquella que o artista realiza com o maior coefficiente pessoal e intimo, é sem duvida, a litteratura. Na pintura, como na escultura, o modelo entra na realização da obra pela copia e resta a individualidade do pintor ou escultor a outra metade apenas, representada pela interpretação dada ao modelo. Na musica a sensibilidade do compositor é a inspiradora quasi exclusiva, mas a linguagem da musica é indefinida, insinuosa, mas não confirma nem explica. Numa symphonia, transfunde-se a magua, o desespero, a volupia, a alegria triumphante, porém não se analisa e principalmente não se lhes expõem nem desvenda a causa, a secreta origem.

Na litteratura, á parte certos generos como o critico, o historico, etc., o escriptor ha de se trahir a si proprio, vender-se ao publico ou não fará arte nunca. Na poesia, no genero lyrico o autor relata em verso ou prosa todas suas emoções mais secretas e sagradas. Mais infeliz do que o pobre "homem do craneo de ouro", cujo destino nos é contado por Daudet, elle vive do seu coração. São os batimentos, é o proprio sangue do organo concentrador da vida que o escriptor transforma em ouro... Não são seus pensamentos só que elle extráe do cerebro, pois arranca os sentimentos do limo da consciencia, tortura-se para aprisionar-os em formulas comprehensíveis, esmaga-os sem compaixão na prensa da auto analyse afim de fazer-lhes dissorir toda a verdade humana que contém.

O romancista, embora não tanto sujeito á essa contingencia, pouco mais se esquivá a ella; na verdade, dir-se-lia que buscando no mundo creado seus modelos tal qual o pintor ou o escultor, poderia fugir aos outros o material plastico de sua inspiração dando-lhe apenas o cunho pessoal da interpretação. Essa idéa é falha porém, excepto para o romance de movimento, a novela de aventuras, tão desprezada pelo gosto moderno. Nesses observa-se e relata-se a exterioridade que depende apenas do real objectivo combinado infinitamente pela imaginação. Porém a realidade litteraria analysada no romance de psychologia escapa á observação directa do escriptor.

Elle pôde suspellar, receber em

confidencia, arcellas dessa vida intima, mas torna-se mister que as amalgame, as complete vitando-se para o unico campo de observação de que dispõe incondicionalmente: o da propria consciencia. Essa verdade desprende-se dos estudos criticos feitos sobre a maior parte dos autores celebres; quasi sempre, em suas ficções, são elles proprios que surgem, sob nomes diversos, mal disfarçando a vibração da personalidade inconfundível.

Nessa fatalidade da litteratura, vejo uma das razões psychologicas, que auxilia os innumeros motivos sociais e atavicos para o fracasso tantas vezes apontado, da mulher na litteratura.

Pela sua maior delicadeza moral, que se prende profundamente aos fins physiologicos de sua differenciação organica, a mulher já é mais lo que o homem, tímida, avessa á entrega de seu eu intimo. Acresce á enormidade dessa disposição natural da educação, a suggestão continua do recato, a incessante compressão exercida sobre toda a vida da mulher pelo recato da opinião alheia. Compreende-se pois que ella sinta, ao desenvolver sua personalidade espiritual algo do que experimenta ao desnudar o corpo. Falta-lhe deante de pessoas muito intimas, porém, ao escrever para o publico, um pudor obscuro e invencivel a cohelem obrigando-a a descobrir apenas o rosto, as mãos... os braços... isto é suas impressões e julgamentos mais superficiaes cuja exteração não compromette.

Ora, succede com a individualidade psychica o inverso do que caracteriza a personalidade physica. Nesta, a differenciação se localiza especialmente na physiologia; que resume o cunho particular de cada um. Enquanto que no ser espiritual, a parcella que julgamos moeda corrente a todos offerecida, é a menos marcante, aquella que nada ou quasi nada deixa entrever da essencia inconfundível do "eu" intimo.

Fazendo a mulher litteratura com essa forma superficial e banal de sua individualidade psychica é natural que pareça agua clara e insossa o que brota, da penna feminina. Justifica-se o conceito que ouvi attribuir a um de nossos maiores escriptores da actual geração: "nada se parece tanto com uma pagina escripta por uma mulher como outra pagina escripta por outra mulher".

Proyém essa verdade da falta essencial de personalidade? Não creio. Proyém antes do pudor que as leva a ve-

lar essa personalidade, porque assumam que a vão expor n'ua aos olhos criticos do milhão de mil cabeças como esculptores que desvaltrada por sua arte tomaste o proprio corpo para modelo de estatuas variis, com seus encantos e suas imperfeições (tambem sem siquar tonillar ou corrigir estas, porém, antes exaggerando-as, em determinadas atitudes, destacando-as de conjunto, na abecia de tornal-as symbolas de miseria humana. E ainda ha mais. Converteo ás vezes um esboço de sentimento num quadro acabado, num pensamento flui e fugitivo numa obsessão, partindo de uma impressão intuitiva real para a ampliação do ficticio e escriptor não só traze a individualidade de sua alma como intimo que vende o proprio intimo, porém, ás vezes se calumnia inconscientemente. Os leitores não advinham onde cessa a observação real, onde principia o trabalho complementar e burilador da "imaginação e sentindo papillar o fundo individual, vibrante de vida e verdade, confundem o conjunto inteiro com a personalidade que o criou. Si esta tiver talento, a esthetica da forma compensará o fundo doloroso, e a gloria cobrirá de poeira de ouro o vulto desmudado, mas si ella falhar, nenhum consolo restará para a pobre e mesquinhez de trahir de um prompto. E eu imagino aquelles que uma vocação irresistivel arrasta e que sofrem dessa ansiedade, receiosos de sentir ante si mesmos, prevendo a crueldade da profanação proxima.

Deante de todas essas reflexões como se espantar que as mulheres façam na grande maioria litteratura de luvras? Ellas se apresentam ao publico, nos livros e jornaes, vestidas segundo o desguizo da moral accetada, e os vultos de seus coraçãoes parecem tão semelhantes quanto os de seus corpos, na rua, sob cortes e tecidos parecidos.

PETITE SOURCE

O JOURNAL  
7 DEZEMBRO

## MULHERES SOLDADOS

Sylvia  
Seralim

Para o  
JORNAL

Petit  
Source

Passou-me pelas mãos um artigo allás distincto e bem escripto, da prosadora e poetisa riograndense Aey Coelho, que deve ser publicado na "Selecta" de quarta. Por uma originalidade, eis que sahe um commentario antes do artigo que o motiva; porquanto estas linhas de hoje nada mais são do que as ponderações que fiz á gentil collega, sobre o assumpto de sua chronica.

Aey Coelho mostra-se contraria á pretensão que vem sendo bastante commentada, de duas moças ao ingresso nas fileiras do exercito como pharmaceuticas.

A questão, tem, a meu ver, duas faces: uma pratica, outra theorica. Na primeira, devemos reconhecer que não ha differença ou quasi, entre o emprego que solicitam as duas jovens patricias e outro cargo qualquer da sua profissão. Cuidando da pharmacia dos soldados como da pharmacia de um hospital ou de uma clinica estão perfeitamente dentro das attribuições feminilmas. Se a disciplina da caserna que ignoro tem certas exigencias quanto a esse cargo, não seria difficil, penso, accommodal-as, interpretando-as pelo espirito e não pela letra, ou em ultimo caso, dependia das moças pretendentes a conformidade com os inconvenientes do cargo que solicitaram.

Acho, pois, quanto á pratica que não ha motivo para condemnar peemptoriamente a ambição das jovens pharmaceuticas.

A cecuma vem sendo feita antes em torno da theorica desse gesto. Mulheres soldados! exclamam, fazendo-nos crer, de inicio, que algumas feministas exaltadas offereceram-se para o sorteo militar. A mulher pode pretender certos trabalhos, mas não qualquer trabalho, dizem. Meu feminismo é mais convicto e largo. Acho que a mulher pode aspirar a qualquer meio de vida desde que este seja honesto. Creio, com Heitor Lima, que é preciso que se liberte inteiramente a mulher, permitindo-lhe que ella seja não isto ou aquillo, com restricções pessoais que variam de mentalidade para mentalidade, porém tudo quanto ella deseje ser.

Sem duvida ha empregos, officios, mais proprios para o esforço feminino segundo o comprehendemos ainda hoje.

Porém devemos lembrar-nos, antes de mais nada, dos typos intermediarios, das "Luzia-Homens" que existem e me parecem tão naturaes, dentro de seu padrão de transição quanto as outras, as de feminilidade accentuada e definida. Com effeito, a natureza nunca procede por saltos, em todas suas evoluções ella cria os typos de transição, e a essas mulheres como aos homens afeminados e fracos poderemos lastimar porém jamais culpar de serem o que são.

Logo, si existem mulheres cujo gosto e pudor é pela vida rude de soldado, reclamam para ellas o direito de realizarem sinceramente a existencia que melhor lhes convem, sem invital-as nem as imitar.

Quanto ás declamações lyricas e

perfeitamente justificaveis, sobre os horrores das batalhas só me parecem que devem ser applicadas tanto aos homens quanto ás mulheres. Não vejo explicação que rehabilite a selvageria da guerra para estes mais do que para aquellas.

Desprezando os typos relativamente escasos das mulheres homens, e encarando o problema em face á maioria, ha ainda a considerar que muitas vezes na vida não seguimos a vocação que trazemos ao mundo. Quantos homens nasceram para diplomatas e vivem a cultivar terras, e vegetam em burocracias etc.? Parece-me, a mim, que seria preferivel Fantine ser soldado a vender os cabellos, os dentes, e o proprio corpo afim de prover a subsistencia de Cosette. Reclamo para a mulher, ante a miseria suprema, o direito a qualquer trabalho desde que elle seja honesto, sem commental-o.

E agora, peço as gentis pharmaceuticas, minhas patricias, perdão, por esse inicio de artigo que pode parecer uma offensa para ellas.

Era necessario para bem proclamar vinha convicção. Tenho porera certeza absoluta que no caso analysado não foi, nem theoreticamente, o amor aberrativo pelo uniforme guerreiro, nem a pressão da miseria que as levou ao gesto de solicitação.

Seja qual fôr o motivo que as inclinou a essa pretensão, aparentemente a attitudo dellas surge como uma reivindicacão. E ainda assim, e principalmente assim parece-me digna dos louvores de todas as mulheres.

Com effeito não é possível, neste combate em prol da liberdade da mulher, opiniões dubias, nem sentimentos timoratos. Devemos lembrar-nos que o feminismo é uma reacção e com toda reacção tem de ser algo excessiva, ultrapassar os proprios limites ou então fallará miseravelmente a seu proprio fim. Tornase mister que exijamos mais para obtermos menos. E' preciso que usemos o ardid ingenuo da criança que pede á mãe para passear quando deseja apenas ir ao jardim, licença que após a primeira recusa, mais facilmente obtem.

O gesto ousado e meritorio — pois, considero muito meritorio expor-se a criticas e referencias malevolas e ironicas — ha de fructificar, embora não produza, talvez para ellas o resultado que almejavam.

Habituaos os espiritos retrogradados ao que lhes parece cumulos de audacia, já melhor se accommodarão amanhã com pretensões mais modestas. E outras mulheres poderão encontrar apoios inesperados para a obtenção de logares que as salvem da miseria e da vergonha.

Um amistoso abraço deixo nesta pagina para as jovens pharmaceuticas — mulheres soldados, sim, mas da milicia que caminha pelo ideal libertador de nossas irmãs exaltadas do preconceito, inibido e das feig que o interpretam.

*A Gazeta de São Paulo  
17 Dezembro*

## A praga dos curandeiros

PETITE SOURCE

O espirito de credencia que mais ou menos acompanha a humanidade em todos seus actos se exaspera ante a morte.

Rara é a pessoa totalmente isenta de superstição. Tal que não acredita em feitiçarias nem espiritismo não deixa de tremer si quebra um espelho ou entorna um vidro de tinta. A fé nas velas acesas, nas virtudes de certas orações também não deixa de ser manifestação de credulidade irracionalizada.

Dir-se-á que esse apego a factos e gestos não prejudica, e em muitos casos consola, suggestiona para o bem. Ha porém uma circumstancia vulgar em que o espirito de credencia póde ser pernicioso, póde ser até inconscientemente assassino. E' nos casos de molestias.

Ha muito venho observando a tragico-comedia que a superstição ensena em torno dos doentes graves.

E' muito commum vermos pessoas ricas e de nivel intellectual e social elevado appellarem ao mesmo tempo para o medico e para o curandeiro. Quasi não morre um personagem de certa importancia sem ter tido á sua cabeceira o Miguel Couto e o Bittencourt.

São duas figuras que se deveriam excluir mutuamente. Mas, nas ultimas horas nunca falta um membro da familia que exija se recorra ao sobrenatural quando a sciencia se declara impotente.

Ainda bem quando tal succede no final da doença. Porquanto não é raro também intervir o charlatão ou illuminado em pleno curso da enfermidade, contrariando as prescripções medicas, aconselhando unguentos, bantinhos e aguas milagrosas. Suas palavras são mais acatadas do que as dos medicos. E' logico. Estes não agem por poder proprio, magnetico ou divino. O remedio é o que age por elles. Não importa serem desobedecidos. Os outros curam por imposição, força psychica, auxilio daquelle ou daquelles que tudo sabem: Deus ou os espiritos. Si houver revolta, orgulho, duvida sequer, nenhum bem advirá da consulta. E' preciso submissão absoluta.

O mais das vezes as familias que agem assim não têm coragem de despedir o medico, nem confessar-lhe o que estão praticando. Então, toda uma estrategia de enganos e mentiras é desenvolvida pelos parentes do enfermo. Chegam a mandar buscar na pharmacia o remedio receitado, para que o medico veja á cabeceira do paciente o frasco ou tubo desenvolvido com a colher ao lado. Diariamente despejam um pouco do liquido ou jogam fóra algumas capsulas ou pillulas; e o medico, illudido, interroga, examina o doente, admira-se da poção não causar o resultado esperada, da injeção não trazer a reacção habitual.

Certa occasião contaram-me um caso desses, succedido em torno de uma criancinha doente. A mesma salvou-se por um milagre que — é natural — a pessoa attribua ao espiritismo, emquanto eu delle faço honra á força mysteriosa da natureza reagindo no organismo combatido.

E fiquei pensando no papel ridiculo do pobre medico ludibriado, na inanidade de suas conclusões scientificas sobre os remedios empregados caso fosse um estudioso. Quem póde ter a certeza de cousa alguma nesta vida?

Porém muitas vezes a comedia termina em tragedia. Drogas mal empregadas ou perniciosas, ou mesmo o desprezo do especifico que poderia abrandar a virulencia de certos symptomas causam a morte da victima inconsciente dos seus proximos.

Estou bem longe de ser uma fanatica da medicina. Basta considerar o quanto ella se vae modificando com o correr do tempo, e mais ainda a diversidade de escolas e opiniões que a dividem numa mesma época, para comprehender que em suas theorias e applicações como em tudo mais no mundo o espirito humano tacteia quasi ás cegas.

Conheço a resposta quasi infallivel em que uns disfarçam sua credulidade, outros encerram a angustia de sua descrença: Nós não sabemos nada... não custa experimentar.

Nós não sabemos nada, ao certo, e por isso mesmo nos devemos guiar pelo mais provavel. Si se trata de um méro passatempo sem prejuizo, não censuro os que por curiosidade visitam uma cartomante ou tentam transformar em Josephinas epilepticas qualquer mesa toska de copa. Mas "in anima nobilita" a experiencia é mais perigosa.

O final da phrase é mentiroso; não custa nada...? Póde custar a morte do ente querido, cuja perda justamente é o que allucina e leva ao desanertamento de tentar tudo. Devemos considerar que ou o medico ou o curandeiro tem razão. A verdade de um rejeita a verdade do outro. Assim, na duvida, é preciso reflectir que não ha semente o hypothetico bem causado pela bensadura; ha também o mal resultante nem que seja apenas da interrupção do tratamento.

Geralmente ha, mesmo entre os que repugnam a intervenção de rezadeiras e espiritas um motivo muito commum que os faz ceder a pressão dos outros parentes supersticiosos: o receio de ficar mal, o medo de ter depois, ramorosos.

E' um gesto egoista. Contra os outros, contra si mesmo que agassa ha semelhante escrúpulo, deve quem tem bom senso defender o doente querido. Porquanto si fosse possível fazer uma estatística das mortes causadas pela intervenção de ignorantes no inicio ou no meio de certas enfermidades ficaríamos certamente apavorados.

# O filho de Marinetti

Parece que o movimento dito futurista estrebucha nas vascas da agonia. Pelo menos de vez em quando leio nos jornaes commentarios ironicos que assim me levam a crer.

O que havia nelle de exaggerado e artificial tinha de ser desprezado, fatalmente, em pouco tempo. Mas seu rasto ficou, na flexão da escola passadista e classica.

Sou pouco amiga de escolas em litteratura. Parece-me que ha sempre nos seus credos muito de convencionalismo que prejudica a inspiração. Allás, o passado nos ensina que os grandes vultos da litteratura nunca se fillaram a escola alguma; crearam, porém, escolas, levantando sob suas pegadas o enxame dos limitadores.

Entretanto, não é de crer tão pouco tenham elles rebuscado originalidade. Muitos foram uns desanimados no bom sentido, isto é, uns rebuscadores de perfeição que não acreditavam attingir nunca. Muitos duvidavam de sua obra, julgavam-na insignificante. Allás, comprehendese bem que assim pensassem. Mais commum é o mesco crer no proprio talento: o homem intelligente comprehendede demais o interesse partidarista que pletela a favor de si mesmo, ante o tribunal da consciencia para não desconfiar do veredictum vaidoso pronunciado por esta, e não vetar com um sorriso de ironia.

Os grandes escriptores, si foram originaes foram-n'o inconscientemente, porque original era a personalidade delles, porque não podiam deixar de o ser. Quantos não se esforçaram por modificar aquillo que os singularizava, isolando-os entre os contemporaneos e servindo apenas de motivo de insuccesso para elles!

Quem procura a originalidade em arte é provavel que a não encontre. Porque, por força ha de desnaturalizar as proprias emoções.

Tão pouco, é claro, deve o escriptor copiar, fanatizar-se por um determinado autor e saturar-se do seu estylo, de suas formulas de seu pensamento. Embora tenha talento, tornar-se-á apenas uma sombra do seu idolo, uma segunda edição desvalorizada, sem o merito da novidade que muito possivelmente causou a metade do successo do outro.

Entre esses dois abysmos o da pretensão á originalidade e o da copia servil, parece que não ha uma passagem indicavel com clareza para a inspiração litteraria. Suppõe-se á primeira vista que deva ella ir ás tonas, confiante apenas no proprio tacto.

Parece-me, a mim, entretanto, que esse caminho existe: é o da concentração espirital. A arte é uma, religião, e exige dos seus adeptos o merito da concepção a mesma attitudede daquelles que invocam os espiritos ou as divindades.

Não querer ser original nem querer parecer com ninguem: ser o que se é, sincera e corajosamente. Concentrar-se, olhar para dentro de si mesmo e cahir no transe da criação. Esquecer os outros, esquecer a critica e o louvor, interrogar-se a si mesmo e realizar. Eis o meio mais seguro de fazer arte. Si fór uma criatura intelligente, apenas, dará, é certo, obra

mediocre, mas deixará de ser um limitador e fugirá de se tornar ridiulo. Si tiver talento, este se patenteará em todo o seu esplendor sem precisar vencer penosamente, para luzir, impregnações ou extravagancias, apesar das quaes terá sido reconhecido.

Não quero dizer com isto que se não deva ler, e muito, os bons autores. Apenas que é preferivel variá-los, afim de se evitar a absorpção exclusiva, mesmo no sub-consciente, e lei-os sem procurar fixar em demasia a maneira nem as theorias delles. O convívio com elles produzirá, então, em nosso espirito, uma como crystallisação de cultura e vocabularios que em nada atrophiará nossa personalidade verdadeira.

E' por isso, também, que sou contra a filiação a qualquer escola. Assim, como a entrada para um systema philosophico o religioso aprisiona o pensamento, também a submissão a uma theoria de arte acorrenta o sentimento.

Nem a inflexibilidade do parnasianismo, nem a forçada quebra de regras do futurismo. Si a emoção que nos guia num momento é harmonioza e elegante, não a caricaturemos com expressões ousadas, nem hesitemos em lhe dar a forma adequada, sobria e singela. Si uma phantasia dynmica nos arrebatá, não regeltemos a ousadia modernista no rythmo ou na expressão. Ainda e sempre consultemos a voz intima que fala dentro de nós, esquecidos do mal.

Poder-se-á objectar que assim nunca se terá estylo proprio, passando de uma escola a outra. Não se trata, na verdade, de mudança, porquanto é claro que a maneira de escrever de alguém que não condemna a liberdade moderna jámais será classica, nem tampouco se tornará futurista quem é despido de charlatanismo e não renega a clareza e a ordem dos antigos pelo "jazz-band" litterario dos futuristas. Resultará apenas dessa falta de partidarismo liberar o cunho da personalidade de quem escreve, o qual será grandioso, ou modesto, mas sempre interessante.

Entretanto, esse conselho de que se concentre o artista, essa exaltação do subjectivismo, esse esquecimento do resto do mundo, parecem se approximar da theoria futurista. Mas, si me parece louvavel que o escriptor não se importe com o que vão dizer ou pensar dell, si o vão achar original ou não, só de um ponto julgo não deva elle se desinteressar: o de ser comprehendido. Personalismo, sim, mas sem exaggero. Ser cada um simplesmente o que é, mas de modo que os outros o comprehendam. Porquanto o artista não é apenas um condensador de emoções. Elle é, acima de tudo, um transmissor destas. Sentir com v hemencia, mas guardar sua impressão só para si, ou expressal-a de modo que é o unico a entendel-a — o que é a mesma cousa — é condemnar-se a augmentar o numero de artistas ignorados, muitos dos quaes mudos admiradores da natureza pertencem ao povo e nunca pegaram em uma penna.

PETITE SOURCE

30  
Janeiro  
1930

## O desejo de ser homem

(Para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

Poeta - Algezes -

Esse é, o título de um dos mais singulares contos dentro os que formam o livro "Contos cruéis", de Villiers de l'Isle Adam. Um celebre actor percebe certo dia que está na hora do destino em que para as creaturas intelligentes a palavra "renuncia" impõe-se como o mais imprescindível dos deveres para consigo mesmo. Presentando a velhice, elle havia perdido o obtido nomeação para tomar conta de um pharol, pretexto humano do seu isolamento. E naquelle instante, olhando-se no espelho de um mostruario, num canto banal de rua, sente a invisivel presença dos annos e comprehende que o tempo, é chegado de executar seu proposito. Porém, então, assombrado, percebe que se vai sem ter representado o seu papel, que encarnando a vida dos outros esqueceram-se de sua propria vida, imitando o gesto das paixões jámais sentira uma paixão.

Invade-o a ancia exasperada de ser homem, pois apenas fora actor.

Tanta belleza cujo sentimento transmittira aos outros e para si mesmo nada realizara! Queria viver o que fingira, gozar ou soffrer o que interpretara... Queria representar, como scena derradeira a sua vida real! Era tarde. Faltava-lhe o tempo. Chegara a hora de se retirar. Para o amor já estava velho... ambição não tinha... a gloria, conhecera-a porém nunca ella o fizera vibrar verdadeiramente. Que sentimento o poderia sacudir ainda, integral-o a essa humanidade de que fora apenas o espelho indifferente?

O remorso... sim, um grande remorso que lhe enchesse a solidão de amargura, de pavor, de visões spectraes...

E all-o que provoca um terrivel incendio no qual morrem barbaramente queimadas dezenas de pessoas. Insuspeito pela sua vida honesta, pelo nenhum interesse que podia ter no crime, retira-se para o pharol isolado, em pleno oceano, a viver intensamente seus ultimos annos, agitados, empolgados por um sentimento terrivel e — emfim! — verdadeiro, real. Porém, os dias passam monotonos, calmos e os remorsos não vem. E pobre actor morre desesperado, clamando no delirio da febre: "spectros, quero ver spectros", como si não fosse elle justamente o que tanto procurava.

Esse conto cruel de Villiers de l'Isle Adam é de uma philosophia profunda e bonita. A elle faz eco admiravel nosso Francisco Octaviano:

Quem passou pela vida e não soffreu,  
Foi espectro de homem, não foi  
[freu,  
[homem...  
Só passou pela vida, não viveu.

Talvez como força preservadora do seu destino de dor, o homem vem á terra com sede de vida, com ancia de movimento physico e psichico embora o movimento engendra o soffrimento. O fakir luta contra a vida immobilizando-se material e moralmente; fazendo-o, sobrepõe-se á natureza, colloca-se fóra do genero humano. Não goza para não soffrer — abstem-se. Mas quantos homens se resignam ao fakirismo total ou approximado? Bem poucos. A' grande maioria a emoção fascina. Qualquer que ella seja: boa ou má. Todo esforço devera ser penoso. Entretanto, no mesmo esforço está o prazer, a recompensa maxima de muita acção na vida.

Essa tendencia é tão commum, que aquelles cujo temperamento apathico, personalidade apagada protege dos choques do destino, como na onchurrada passa o graveto onde não passa o tronco buscam viver a vida dos outros, commover-se com a emoção alheia. Enchem os theatros, os cinemas, são leitores assíduos de romances. São tambem terríveis bibliohoteiros furtando parcelas da existencia dos mais, pois, como tão bem o notou Humberto de Campos numa de suas crônicas da Vida Litteraria, ha uma correlação intima entre a paixão do romance e a maledicencia. E quanto a mim, ampliando e completando a idéa do illustre academico, vejo nessa soffreguidão para "conhecer a vida de outrem, espiar por uma fechadura o que se passa na casa do vizinho embora esse vizinho seja sabidamente imaginario" — a sede de viver incontentada pelo samsabor da propria existencia. Não tendo emoção propria surge no desherdado a curiosidade de sondar a emoção dos outros. E si é real que bibliohoteiro é defeito antes feminino, não é por uma idiosyncrasia do sexo mas simplesmente porque, segundo a sociedade está constituída, a mulher vive menos do que o homem. No exercito dos linguarudos, são altas patentes as mulheres solteiras desoccupadas — isto é, as que de todo não vivem. Jámais se verá um individuo violento e apaixonado occupado com gestos alheios. Seus sentimentos proprios o occupam de sobra.

E' essa ancia de viver que induz certas pessoas suggestionaveis, "romanticas", a abandonar sem motivo plausivel uma existencia que o proprio temperamento fizera calma e branda. São vencidas. São vencidas porque a vida aventureira não a tem quem assim o deseja, porém é consequencia de determinados factores nos quaes o que menos influe é a vontade.

E eis a segunda lição de philosophia ironica e profunda do "conto cruel" de Villiers de l'Isle Adam. O actor incendiou, matou, e nenhum sentimento violento e grandioso veiu sacudir e reanimar a chamma apagada de humanidade no seu coração.

A cultura da arte é muitas vezes a inimiga da vida. Na busca da perfeição do reflexo da vida, o artista se esquece da vida mesma. Porquanto, quem esbanja seu tempo e sua emoção na realidade, dispersa. A arte é concentradora. Quantos poetas sublimes, esculptores geniaes, pintores talentosos não traçam esculpem ou fixam seu ideal com lagrimas e sangue na verdade passageira da existencia? Viveram, e ficam descofhecidos. Outros fakirizam-se em sua arte e ficam immortaes; mas talvez no fundo d'alma tragam o desespero sombrio que ingenuamente levou ao crime o actor de Villiers de l'Isle Adam.

Ingenua e inutilmente, porque era tarde, seu gesto artificial não podia trazer uma emoção sincera. Só a sinceridade desprevenida engendra a dor e o prazer sinceros.

Eis porque é vencido quem propositalmente busca a aventura. Quem traz em si a força das grandes paixões, pôde ao contrario esconder-se no deserto: o menor de seus gestos desencadeará a tormenta porquanto o que é desmesurado o terrivel produzirá fatalmente o que é grande e forte. Esse, talvez trará em si a fadga immensa do seu destino. Não fugira a elle, porque elle está na essencia mesma de seu ente. E aos outros só restará acompanhar-lhe os passos com a exasperada curiosidade dos que por si não vivem, com a inveja singular mas real que as grandes emoções despertam — sejam embora dolorosas.

SYLVIA SERAFIM

# O PAPEL DA POLICIA

(Para o DIARIO DE NOTICIAS)

por Sylvio SERAFIM  
(Petite Bourgeoise)

Ha dias, chamaram-me atten-  
ção, em dois numeros da "A Ga-  
zeta", de S. Paulo, duas noticias  
cujos assumptos entrelaçavam-se  
em meu espirito teendo reflexões  
muito varias.

Uma era sobre Lampeão, o fa-  
moso canageiro nordestino, ou-  
tra acerca de Meneghetti, o não  
menos famoso ratoneiro, cuja pri-  
são recambolosa tanto empolgou  
o povo paulista.

O primeiro artigo reproduzia as  
Impressões, aliás muito pondera-  
das e certas, do deputado norte-  
rio-grandense Antonio Bento de  
Araujo, sobre a questão do can-  
gão, flagello do seu Estado e cir-  
cumvisinhos. A seu ver, a existen-  
cia da rapina desses revoltados  
contra as leis não é um proble-  
ma policial, porem social, que só  
terá solução efficiente no dia em  
que verdadeiramente houver luta  
e repugnancia contra taes aventu-  
reiros. Ora, o inverso succede com  
frequencia. Fazendeiros endinhei-  
rados acoltam e protegem os ban-  
dos e seus chefes. Os que os não  
admira, temem-nos e os respel-  
tam.

"Esse estado de espirito favo-  
ravel ao canageiro", diz o depu-  
tado Bento de Araujo, é demons-  
trado pelo caso de Lampeão, cu-  
ja sangrenta nomeada já attingiu  
feição mythologica.

Nada mais real do que o pres-  
tigio exercido por certos famo-  
sos bandedeiros, e nada em ver-  
dade mais prejudicial para a ac-  
ção da policia. Mas quanto a es-  
perar da extincção de tal senti-  
mento o saneamento dessa espe-  
cie de banditismo, é mero fic-  
ção.

Com effeito, o povo é e será  
sempre atraído pelas figuras in-  
vulgares da indisciplina e auda-  
cia. Quer sejam personalidades  
construtoras, quer sejam indi-  
vidualidades destruidoras. A essen-  
cia de alma é a mesma: coragem,  
rijeza de vontade. A distancia  
que existe entre os grandes con-  
ductores de povos e os mais ce-  
lebres saltadores, é, a meu ver,  
como a zona que separa dois bra-  
ços do mesmo rio. Consideravel  
sem duvida no estuario, foi ape-  
nas, na bifurcação, mero acciden-  
te de terreno, que resistiu á cor-  
rente ainda pouco impetuosa.

Georges Sorel, no tempo em  
que Mussolini ainda pertencia ao  
partido socialista, prophetisava,  
referindo se a esse homem estra-  
nho: "Mussolini não é um socia-  
lista commum. Acredite-me; vós  
o vereis forçosamente um dia á  
frente de um batalhão sacro, sau-  
dando, com a espada, a bandei-  
ra italiana. E' um italiano do se-  
culo XV, um condottier. Não se  
sabe ainda, mas elle é o unico  
homem energico capaz de extin-  
guir a fraqueza do governo." Psy-  
chologo admiravel, Sorel havia re-  
conhecido a pujança do carvalho  
que medrava ainda. Não o illu-  
diu a tonalidade imprevista das  
primeiras folhas; percebeu logo a  
qualidade do tronco. Mussolini  
trazia em si a fecundação de

uma força que tinha necessaria-  
mente de se afirmar. Esse, o fac-  
to primordial, inevitavel. Como  
se affirmaria essa força, era a  
circunstancia secundaria, decer-  
renta dos accidentes a cujo con-  
juncto chamamos destino. Hou-  
vesse um acaso da existencia des-  
se homem e lançado ainda moço  
em luta contra a lei em vez de  
em luta pela lei e Mussolini se-  
ria possivelmente o grande con-  
coctier cujo esboço Georges So-  
rel accusou e que permaneceu  
vago, irreal, como visão photo-  
graphica em pellicula negativa, os  
contornos da qual só um conjun-  
cto especial de luz e de escuro  
deixa perceber.

Preconceito ou instincto, con-  
demnavel ou não, a fascinação  
das turbas pelos que ousam é um  
facto comprovado, tão antigo  
quanto a humanidade. Talvez pro-  
vindo das eras obscuras em que  
a creatura racional contava ape-  
nas com a propria força para se  
defender, essa admiração lastrou  
do dominio physico para o moral.  
Num ou noutro, prefere a málo-  
ria que se diga "E' terrivel!" do  
que "E' um pobre coitado..."  
Quem afirma de um homem:  
"Elle é corajoso" faz-lhe um elo-  
gio incondicional, e assim o ac-  
cetta quem ouve, sem indagar si  
essa coragem é empregada para  
o bem ou para o mal.

Mas, si á audacia geralmente  
espantosa, junta um bandido cer-  
ta bondade de coração não total-  
mente empedernido, ou alguma  
esperteza de intelligencia não de  
todo embruteada, impedindo-o de  
praticar o mal pelo mal, de ma-  
tar crianças e mulheres, de trair  
ou abandonar os companheiros, é  
natural que o respeito popular  
se inclue ainda mais para a ad-  
miração do que para o pavor. E  
o transgresso da lei é transfor-  
mado em heroe.

Para o processo dessa singular  
canonisação concorre muito o pa-  
pel da policia.

Qualquer que elle seja, raras ve-  
zes é sympathico. Primeiro, por que  
a policia é essencialmente um mal  
que reprime outro mal. Ella vio-  
lenta quem violenta os outros. E  
si a violencia do criminoso é mo-  
mentanea, exerce-se quasi sempre  
num momento agudo de lutas re-  
voltas, dor, maldade em crise, a  
violencia da policia é chronica,  
ininterrupta, permanece depois da  
victoria no aprisionamento, máus-  
tratos, processo, condemnação,  
exercidos friamente como represen-  
tação.

Não quero dizer que tal represen-  
tação seja censuravel; procuró ex-  
plicar apenas a odiosidade com que  
frequentemente é olhado o appare-  
lho social a que mais sympathia se  
deveria dedicar, já que é a pro-  
tecção mais certa da maioria. Re-  
volta negavel, que faz as crianças  
aplaudirem, com frenesi, no gui-  
ñol, as scenas em que um polli-  
cial é surrado, como tão finamente  
observou Anatole France, nu-  
ma curiosa dissertação sobre esse

divertimento infantil. Não se po-  
degar a vantagem de uma opera-  
ção decisiva. Mas pode-se duvidar  
de que o mutilado guarde gratidão  
muito sincera nem veja com pra-  
zer o cirurgião que lhe amputou  
um membro.

Accrescem muito essa essencia  
antipathica da instituição que am-  
para a lei os meios que é obriga-  
da a empregar para lograr seus  
fins. Um polliçal, um investigador,  
um promotor, não podem ter "co-  
ração". Si o tiverem serão méros  
pollicinheiros desengonçados nas  
mãos dos meliantes.

Tenho deante dos olhos a se-  
gunda noticia que citei, a que se  
refere ás condemnações de Me-  
neghetti. "Para prendê-lo foi pre-  
ciso que lhe alfinetassem o cora-  
ção de pae, guardando seus filhos  
numa casa bem proxima do Ga-  
bnete de Investigações. Elle, la-  
vado pela saudades foi visitar os  
pequenos. O commissario Doria vi-  
ziava de uma casa fronteira e,  
mal Meneghetti entrara na casa,  
fe-la cercar..."

Policia não pode ter coração, re-  
pito, e approvo. Assim é preciso,  
assim é indispensavel. Mas quem  
não é da policia, e não tem com  
dever de estado não ter coração,  
tambem não pode impedir um  
movimento de emoção, de pena, de  
quasi revolta quanto ao meio us-  
ado para a captura do famoso la-  
drão. Fazer servir um sentimento  
bom, o unico talvez restante na  
alma de uma pessoa, contra essa  
propria pessoa, magoa o instincto  
intimo e fundo de justiça, lei es-  
creta e divina, mais forte do que  
todas as leis humanas.

Assim, pois, si Meneghetti fosse  
mais miseravel ainda, e nem si-  
quer amor de pae trouxesse n'al-  
ma, estaria ainda a salvo de seus  
perseguidores, zombando da seve-  
ridade social. A chave que cerrou  
sobre elle a porta da prisão fora  
forjada com o derradeiro impulso  
humano e louvavel de sua indi-  
vidualidade perversa. Seu melhor  
sentimento foi a base do edificio  
esmagador do seu castigo.

Disso pode-se dizer que ninguém  
tem culpa. A justiça humana é  
como essas terriveis machinas de  
aplamar as ruas. Cada engranação  
cumpre seu dever, movimentam-se  
no sentido necessario. Não tem  
porem conductor, e succede que,  
às vezes pisa ás cegas onde não  
deveria pisar.

Sempre que reflecto nossa con-  
tingencia da função polliçal, lem-  
bro-me de Javert, o vulto collosal  
esculpido por Victor Hugo, esse  
Miguel Angelo das letras, nas pa-  
ginas dos "Miseraveis". Javert, o  
probo, o inflexivel, o homem de  
aco suicidando-se no dia em que a  
compaixão, penetra no seu coração  
e abre-lhe a mão incorruptivel  
que solta Jean Valjean, é bem a  
imagem da policia que se des-  
truiria e se aniquillaria na hora em  
que se humanisasse.

A Gazeta de  
São Paulo  
15 - Fev. - 1930

## Os filhos da miséria

Uma questão que vem preocupando a imprensa do Rio é a da medida adoptada pelo dr. Mello Mattos a respeito dos pequenos vadios de rua. Lá, há dias, num vespertino desta Capital, a queixa amarga de um pobre operário que tivera seu filho de 14 annos recolhido pelos agentes do Juizo de Menores, sendo exigida a quantia de 100\$ para a libertação do petiz.

Estou certa de que muitos abusos não pódem ser levados á conta de quem promulgou essa ordem de captura; assim como estou convencida da excellente intenção que presidiu ao inicio dessa campanha. Confesso, entretanto, não me parecer muito acertada no seu radicalismo. Quem se dispõe a agir contra algum dos males occasionados pela miséria, precisa considerar a resolução que vae tomar, sob muitos aspectos, antes de adoptal-a. Os problemas decorrentes da falta de recurso são como gotas de agua; difficéis de serem tomados entre os dedos mais geltosos. De qualquer lado escapam; subdividem-se, des-norteiam.

O erro daquelles que procuram pensar as chagas do povo, está em não examinal-as de perto. Seria mister que muitos titulares andassem incognitos pelos bairros da pobreza indagando, conversando, para terem uma idéa exacta das difficuldades insuperáveis que estão encerradas nesta negativa: falta de dinheiro.

Não ha duvida que a vadiagem das crianças nas ruas é um mal. Viciam-se, dizem, apprendem cousas que não precisavam saber tão cedo. Porém, será preferível que fiquem as pobrezinhas nos tugurios que são os quartos onde moram, e na promiscuidade das casas de commodos? Acaso não vêem de sobra os maus exemplos que cultivam não lhes dê a rua? Sua saúde moral andaria igual e a physica por certo peor, pois as calçadas são a valvula de expansão dessas caldeiras de Pedro Botelho, chamadas predios de habitações collectivas.

Objectar-se-á que as escolas publicas estão abertas para receber as crianças. Sim, mas o governo não fornece roupa decente nem o calçado, sem o qual lá não entra o petiz mais intelligente, e é preciso que se escreva, que se grite que muitas mães não têm dinheiro para comprar todos os mezes com que revestir de couro os pézinhos dos filhos, pois essa é a media do tempo em que se estragam os sapatos infantis. Além de que, a criança na escola representa a bocca que exige o pão paga. A's vezes, suppõe-se levantamento, ser effeito de incuria e desamor o facto de deixarem as mães seus filhos analfabetos. Quem quer, porém, que procure sondar a alma das gentes pobres, encontrará quasi sempre nella o anelo de instruir a prole, de lhe melhorar a vida. "para que não passe pelo que nós passamos", dizem.

Mas qual o meio de o realizar si augmentando cada vez mais a familia pela série infindavel de nascimentos, escasseem sempre mais os recursos?

Força é procurarem auxillar aos paes as crianças mais velhas lançando-se á caça dos nickels, sendo engraxates, jornaleiros, vendedores de bala, etc.

Todos esses problemas, analfabetismo, falta de competencia profissional pela apprendizagem nulla e vadiagem, são tentaculos de um só e mesmo polvo: o molusco hediondo da miséria. Decepado um braço sugador, dez outros seguram a victima.

Assim, por exemplo a medida relativa á prohibição do trabalho de menores de 18 annos nas fabricas. Seria optima essa lei si ella accrescentasse ao paragrapho negativo outro affirmativo; si, impedindo o servico na realidade penoso das machinas, facultasse outros, brandos e hygienicos, nos quos pudessem mocinhas e mezinhas angariar o auxilio com que lo-gravam equilibrar o orçamento claudicante do lar.

Mas tal não succedeu. Ficaram privados de trabalhar nas fabricas os menores de 18 annos. Um ponto, acabou-se. Desempregados dalli, trataram naturalmente de se arrumar para outros lados. Muitas mocinhas foram ser domesticas, e em consciencia, podemos dizer, nós os representantes da burguezia, que ellas ganharam com a troca, e que, os riscos da convivencia sob o mesmo tecto com outras empregadas e até com criados homens, além dos perigos tão communs das manobras seductoras dos filhos das familias são menores do que os enfrentados nos meios fabris? Além disso, sendo por sua natureza mesma muito mais presos esses servicos, ficam os

que os exercem impossibilitados de se instruirem, caso o desejassem, em escolas nocturnas, ou simplesmente com parentes mais velhos, em casa.

Porque não prohibir, simplesmente, o trabalho de menores em certas industrias perigosas e toxicas, ou em determinados esforços excessivos para braços juvenis, facultando-o porém nas especialidades inoffensivas, que acarretam fadigas mais brandas?

Quanto á nova resolução do aprisionamento dos pequeninos das ruas, parece-me que é medida quasi impossivel de ser executada com justiça e cordura, excepto no que se relaciona ás crianças abandonadas, que não têm pae nem mãe. Porém o recolhimento destas, não devia ser feito, assim, em meio á rua, mas por meio de habéis syndicancias visando descobrir em cada bairro quos os miseros pequeninos que vivem escurraçados e de favor, sem lar, sem protecção.

Pois quanto aos outros é facil ordenar ás lavadeiras, ás doceiras dos morros: "E' prohibido deixar as crianças atôa na rua". Porém é infinitamente mais difficil responder-lhes, si ellas exclamarem: "Mas, onde as deixaremos nós enquanto trabalhamos para que não morram de fome?".

STEVIA SERAFIM.

# A MULHER NA ACADEMIA

Sylvia Serafim

Quem-se querer que depois das terribes d'uma de calças que dão a impressão a alguns immortaes mulheres elles podessem receber de equivoque a escolha facillida em contraponto que as illustrações e divertidas.

ho assim chega a comprehender a gente que tiveram pouco em fôr a hypotesis de um generosidade, concordando que não apenas honras merecem a immortalidade, porém, mulheres também.

Porquanto, por principio, accôrto que são affectos de laços todos quantos raschem as palmas academicas e não vislumbro talento na idea de evidenciar tal assumpto. Se alguma mulher se tivesse apresentado, enumerando a proeza da ultima candidatura, explicava-se que surgiram a questão. Seriam então nós as mulheres que a leriamos levantado, e para elles não existiria outro remedio senão emergal-a.

Porém o fizeram de "moto proprio". Também se houveram soerguido a duvida para lhe dar prompta e logica solução teria o gesto cabimento.

Mas para reafirmar velhos carrancismos de preconceitos, na verdade foi infeliz o gesto.

A não ser que tenham prescurtado os arcanos do futuro, ante as difficuldades da ultima eleição, e presentido o dia em que apenas lhes restará ir buscar o eleito entre as salas visto que já se não apresentará nenhum de calças...

Ao menos essa hypothese um pouco ousada para o tamanho insignificante da modestia masculina... só resta outra: a do divertimento da brincadeira. E na verdade para negar a mulher o direito de também ser immortal só levando o caso em troça.

Olegario Mariano que, como poeta e cultor do bello, não pôde esquecer um minuto o encanto feminino entende que não deve a musa inspiradora de seus melhores versos cruzar "o portão da douda Academia", pois:

"Que uma mulher fardada é horrível  
(de se olhar"

Como chronista de modas venho serena o justo pavor do poeta. Caso concordassem os immortaes, immediatamente me incumbiria de enviar um pedido "chez Paquin" para que elle desenhasse um modelo "Mulher na Academia".

Como é natural, seria aproveitado o thema "fardão", porém modificado e arranjado pelo engenho francez. Após-to que daria um maravilhoso traje de rigor em velludo sombrio, bordado a ouro, e que a Musa não invalidaria as futuras inspirações do bardo.

Medeiros e Albuquerque, fino psychologo, não se adsteve a essa face externa do grave problema. Prevê que os futuros concursos se transformariam em certamens de belleza, e coisa espantosa, confessa que é por isso que os sisudos immortaes recusam o direito a mulheres de se candidatarem. Se assim principia por casa a pouca; certeza da virude...

Porém eu encaro essa impressão de modo opposto, e o distincto prosador

que tanto abduz vem justamente fornecer mais uma observação interessante a serie que poderia acontecer caso uma mulher bonita se apresentasse a soleira da Academia, assim cursa a prohibição integral que attinge a classe toda. Imaginem a difficuldade que teria tal candidata em pessoa para eleito! A's vezes ficava imaginando porque é raro ser unido bella uma mulher intelligente. Hoje comprehendo que Deus acertou repartindo esses dois supremos dons, pois quer-me parecer que um difficulta o outro. A mulher formosa carece cuidar apenas de seu physico e a intellectualidade a desviaria disso, enquanto que, bonita, verá sempre a mulher intelligente preferido seu ser espiritual pelo corporoso.

O homem é um animal methodico.

Elle quer ter suas horas para tudo, e a criatura seductora que o entusiasma na rua, irrita-o profundamente no escriptorio.

O homem é um animal social... que dirão os outros se souberem que elle se interessa pelo trabalho de uma mulher bonita? E supportar fama sem proveito... o diabo leve a mulher bonita!

Mas se acaso fôsse a fama com proveito, que diriam as más linguas?

E quando mais urgia não apparecerem empenhos espirituaes que pareceriam capa, e que seriam aliás, nesse caso, desnecessarios.

De toda fôrma creio que o dr. Medeiros engana-se num ponto. Se algum dia accitarem os immortaes a mulher na Academia, e surgir alguma candidata formosa, o voto secreto não será apenas imprescindível para rejeital-a, caso não mereça o titulo, porém talvez ainda mais para elegel-a, se tiver valor. Porquanto isso pôde succeder, por azar e nesse caso, difficuldades e prejuizos serão duplos. Ficam os eleitores sujeitos á critica dos mais e... ao cume das esposas, e a eleita á fama de que se não louvará nem por um decreto do Altissimo de que venceu pelo seu physico.

Na verdade, eu terminaria concordando inteiramente com a decisão a que está inclinada a ali corporação, se não fôsse que uma solução existe, luminosa e singela para tantos males. Uma vez eleitas umas tres mulheres, todo perigo desapareceria. Ninguem mais teria então nem de longe a idéa de que a bonita pudesse entrar com mais facilidade do que a feia. E ahí poderiam cabalar serenamente pela primeira os academicos apreciadores do bello visível. Estaria a Academia para sempre a salvo de tão feias e injustas suspeitas.

Porquanto o que positivamente não está certo é essa idéa de Adão, baralhando papeis inamoviveis, apresentar a Eva o fruto prohibido que no caso é a hypothese academica, resuslho a vêr... a cheirar... e comelozinho.

Nós fomos mais generosas, diga-se em justiça.

A Gazeta São Paulo  
3 Março 1930

## Cabedal que se vae perder

(Especialmente para "A GAZETA")  
Os medicos dignos desse titulo professam em geral acerba desconfiança contra os innovadores, sejam ou não da classe. Têm razão. A culpa não lhes cabe, si ás vezes locia um cientista de valor para que seia aceita sua descoberta, porém ao sem numero de charlatões, filios da cabala maserupulosa, que levam de rãdão em sua tropa "vitupêranda" nomes que com os delles não deveriam ser confundidos. Estes entretanto, acabam sobrenadando. É uma questão de prazo. Torna-se mesmo o distinctivo proprio do verdadeiro talento, a resistencia a contratempos e contradicções. A desconfiança é pois salutar, afasta os maus elementos e permite reconhecer os bons, como os successivos tormentos traziam a selecção dos heroes nos velhos tempos cavallheirescos.

Si é grande a animosidade em torno de qualquer innovador diplomado, maior ainda se torna, caso se trate de um leigo. Ainda aqui tem razão a classe medica. Nós possuímos como instrumento de defesa na vida o raciocínio: o este diz que o que é difficil para um estudioso do assumpto ainda mais o deve ser para outro que o ignore.

Succede entretanto que a realidade não se preocupa com os raciocínios humanos. O acaso intervem na sequencia logica destes, derruba-os e nos prova que, si dá-vemos commummente por elles nos gularmos não os devemos erigir em oráculos infallíveis.

Aguardar, não crer nem rejeitar é quasi sempre a melhor attitude ante certos factos.

Não é raro a imprensa erguer celeuma, alto fogo de artifício em torno de um nome, de uma descoberta que derrama ondas de calor no coração gelado de muito desesperado. O clarão é breve, e como o dos chuveiros das festas de Junho, cedo se extingue, emudece e é esquecido. Porém o bom senso não se deve descuidar, a como a virgem da parábola de Christo não deve deixar apagar sua lampada, por cansaço. Um dia, afinal, a Verdade pôde bater á porta da Sciencia e é mister que elle esteja desperto e prompto para recebê-la.

Duas reportagens já li sobre a descoberta de um específico contra o mal de Hansen. Nas palavras do modesto usi-neiro que julga ter encontrado o balsamo para milhares de lagrimas das mais cruéis que recolhe a terra, ha certo tom de sinceridade que prendeu minha attenção. É possível que elle esteja enganado, porém não me parece que elle queira enganar ninguém. Allás, caracter leal, não se en-culca descobridor, mas unicamente detentor do segredo de outrem. Conta o sr. Adolpho Cox, que se achando no alto Juruá, medindo seringas, cheflava uma tropa de varios homens entre os quaes appareceram alguns doentes da pelle. Foi quando conhecer um tuchá, isto é, um chefe da tribu dos Indios Araras, homens gigantes, que lhe entregou raízes e cascas, com ellas ensinando-lhe a preparar um remedio, cuja applicação trouxe a cura dos enfermos. Anos depois, já em Pernambuco, de onde é natural, teve en-sejo de applicar a infusão em leprosos que apresentaram sensíveis melhoras, o que motivou sua esperanza de ter em mãos o meio de fazer um bem immenso á humanidade.

As palavras e o modo de agir do sr. Adolpho Cox não parecem os de um charlatão. Cabe á elle perseverar, e á classe medica estudar conscienciosamente, e não rejeitar sem escrupuloso exame tão radiosa esperanza.

Tanto mais que esse facto vem ainda uma vez chamar a attenção para uma possibilidade nossa que tem sido criminalmente desprezada pelos estudiosos brasileiros.

Attraves da ronda dos seculos a dos povos, muitas verdades importantes são descobertas, perdidas e reencontradas milhentos de annos depois. No circulo vicioso do progresso a humanidade avança e recua porque cada civilização, orgulhosa de suas proprias conquistas, ao chocar-se com outra, a destróe sem absorvê-la, na certeza de que nada de novo lha poderia ensinar.

Nossos nativos eram entendidos na manipulação de hervas proprias ao solo,

muitas das quaes ainda nem classificadas devem estar; é facto innegavel. Esse conhecimento, que cabedal scientifico encerrará talvez? E porque deixá-o perder-se irremediavelmente, com o desaparecimento dos últimos representantes de tribus que agonizam?

Um cientista brasileiro que se interessasse em nossos seríões, procurando obter de velhos curiques ainda sobreviventes, segredos que elles, na desconfiança contra os brancos levarão ao tumulo, talvez chegasse a resultados inesperados e satisfactorios para si e para a pobre humanidade sofredora.

As curandeiras de roça, tambem, ás permelo com muita pratica supersticiosa e absurda, devem conservar receitas que, examinadas criteriosamente, trariam talvez surpresas gloriosas para a medicina patria.

Ouvi contar a um medico amigo certo facto que, entre centenas de outros semelhantes leva a crer não serem de todo desprezíveis os remedios caseiros da roça. Tinha no lar uma reparação do interior para serviços domesticos, a qual adoeceu dos olhos. Levada a competente especialista, um dos nomes mais citados entre os de nossos oculistas, foi por este diagnosticada ophtalmia purulenta, perigosa enfermidade pelo seu facil contagio e considerada incuravel. Naturalmente desejo de afastar a doente de sua familia, offereceu-lhe o medico internação num hospital, prometendo recomendar a a clinicos amigos. Esta porém recuzou, preferindo tofnar ao melo em que nasceu, em lugarejo pobre, o que fez! má a ado a insistencia apedada do patrão que a julgava perdida, longe de medicos e de pharmaclas, abandonada em ambiente rude e ignorante. Qual não foi pois seu espanto, vendo-a voltar ao cabo de dois ou tres mezes, inteltramente curada! Interrogada, disse ter-se tratado banhando os olhos varias vezes por dia com infusão de hervas, ensinada pela curandeira local.

Cada vez mais pensativa com o assumpto para o qual, na medida de minhas lizes procuro chamar a attenção dos medicos patrias, conversel com outro distincto clinico, a respeito, e este deu-me uma noticia que bastante me alegrou. O cabedal de medicina aborigene vem já interessando algumas intelligencias pesquisadoras. Citou-me um amigo, o dr. Achilles Lisboa, que se encontra actualmente no Leprosario Bellario Penna, estudando tambem a possibilidade da cura da morpheá servindo-se como vehiculo medicamentoso do extracto de um fructo sylvestre, cujo nome e singulares propriedades, me foram sob reserva confiadas.

Elle, e quantos mais se dedicarem em verdade e consciencia á busca do específico do terrível mal, que não desanimem, bem como todos aquelles que, para a solução do problema da cura de outras molestias resolverem explorar as possibilidades de nosso reino vegetal, recolhendo o cabedal da sciencia indigena até hoje erroneamente desprezado.

É meu sincero voto.

SILVIA SERAFIM.

# A beleza immanente do Universo

O maior argumento contra o materialismo não está nos livros de philosophia, nem nos tratados de theologia. Vaporo inscripto nos olhos extasiados das criaturas humanas contemplando a vida. A beleza esparsa pelo mundo fascina. Traemos em nós mesmos, a despeito de todos os raciocínios, de todos os scepticismos, uma sede inextinguível de perfeição. Esse sentimento é tão profundo, tão fatal em todos os corações, mesmo os menos sensíveis, que se disfarça sob aspectos que o desnaturam por completo. No caracter do timido, elle surge sob a forma dolorosa da desconfiança de si proprio, na alma do perverso torna-se a inveja que corroo, no espirito do audacioso transmuda-se na ambição desenfreada. Desanimo de atingir o Bello, odio de quem possui o Bello, cobiça do Bello, ainda e sempre é a ansia do Ideal que conduz a Humanidade. E a razão recusa admitir que essa aspiração insaciavel deya levar-nos apenas ao aniquilamento, na transformação da materia. A sede da Belleza deve tender a um aperfeiçoamento incessante. Mesmo quando nos parece causar um desvio moral, é possível que não falhe á seu fim, melhorando a intelligencia. E todo progresso feito é aquisição inalienavel. O homem ainda rude não é capaz de amar a Belleza impersonalmente. A admiração mova-lhe immediatamente as paixões. Elle deseja, ama ou odia, mas transpõe sempre o enlevo para o terreno individual. É instructivo, e tem a violencia calma das forças naturaes. O mais das vezes é um sensual. O homem semi espiritualmente não possui mais a inconsciencia da cobiça material, mas tão pouco é capaz de se equilibrar na harmonia mystica da admiração pura. É um atormentado. Ora se condemna porque se julga um ente grosseiro, ora se inculpa porque se acredita um fraco. Não almeja possuir-se do que o enleava, mas quizera que a si pertencesse o poder de enlevar. Muitas vezes é um invejoso, outras é um artista do sentimento, de espirito sofredor e estilo dolorido. Comprehende a Belleza impersonalmente, porém a ama individualmente. Ainda egocentrista sente-se esmagado pelo sublime que o cerca e deprecia-se, e angustia-se. É um caracter desses que Jean Cocteau analysa no seu romance "O grande transvio", e a proposito do qual diz: "O vago desejo da beleza nos mata".

Enfim, o homem no qual o espirito domina a carne, sente-se integrado na grande symphonia do universo. Elle tem do mais alto grau a percepção do Bello, o sentido da harmonia. Contempla o rythmo da vida nas suas manifestações grandiosas mas sabe descobri-lo tambem no gesto mais humilde da natureza. Não se orgulha nem se surprehe de musica divina que houva dentro de si, porque a sabe o eco apenas de um todo inaudível. Tão pouco, porém, o entristece sua pequenez, porquanto sente profundamente que no mecanismo portentoso do qual é parte infima, o eixo mais insignificante tem sua razão de ser. É talvez um philosopho, talvez um grande pensador.

Para quem assim tem a visão da beleza immanente do universo os séres e as cousas se movem numa atmosfera luminosa de indizível serenidade. Nem sempre é um super-homem

porquanto suas paixões tambem se podem desencadear e arrastalo ao erro e á dor. Mas guardam dentro de si uma zona de paz inalteravel a banhar-lhe a intelligencia, a envolver-lhe a comprehensão do proprio destino. Todos os peores trazem seus actos, mesmo os peores trazem um cunho de nobreza moral, são marcados pela fidalguia do bello, porque a cada gesto que realiza está attento ao rythmo que o produz.

O espirito que assim communga incessantemente com a harmonia da vida é o unico que tem a ansia consciencia da beleza; porquanto os outros a têm mais ou menos inconscientes.

Acompanha atravez da agitação humana os traçados moraes que os outros não percebem. Contempla factos e séres num plano que os demais não deavendam. Tem sofrimentos e gozos que o vulgo ignora. Para elle principalmente é "o amor o aspecto exterior da beleza", segundo a profunda definição de Rabindranath Tagore no romance "A casa e o mundo". Acima de tudo, a elle é dado sentir o extase supremo de que fala ainda o mesmo escriptor hindu: "Já na minha infancia, sentia esse poder que escapa a toda discussão, a toda incerteza, a todo calculo: que é musica pura". "E a força invencível do Bello que subjugava as almas mais frustadas, e que hypnotiza os espiritos mais elevados, arrastando-os aos insondaveis abysmos do Incongnocível, num delirio lucido cuja mortal volupta nunca vi melhor expressa do que nesta maravilhosa pagina dos "Possessos" de Dostolevsky: Conheceis vós os minutos da harmonia eterna? Existem segundos, cinco ou seis de cada vez, não mais, em que sentimos, de subito, a presença da harmonia eterna perfeitamente atingida. Não é um sentimento terrestre; não quero dizer que seja alguma cousa celeste, mas que o homem, sob sua forma terrestre não a pôde supportar. Seria preciso que mudasse physicamente ou que morresse. É como si nos sentissemos derreperça em contacto com toda a natureza e dissesse-mos: sim, é verdade, Deus, quando creava o mundo, dizia no fim de cada um dos dias da criação: "Sim, é verdade, está bem!".

E... não é enterrecimento, é apenas alegria singela. Não perdoumos nada, porque não ha nada mais que perdoar.

Não é amor. Oh! é mais sublime do que o amor! É o mais terível de tudo é que seja tão simples, tão claro, e que cause tanta alegria. A alma não a poderia supportar mais de cinco segundos. Um a mais e morreria, desapareceria. Vivemos uma vida inteira nesses cinco segundos e dariamos por elles a vida toda porquanto a valem. Para supportar dez segundos de emoção o homem deveria mudar physicamente".

SYLVIA SERAFIM.

A Condição  
de Paulo -  
19 Maio 1930

## Porque todos os moços fazem versos

dro. Nos versos dos quinze annos, porém, ninguém mais lhes fala.

Estive reflectindo nos motivos desse divoreio, dessa abstenção, dessa repulsa ingrata. E me parece encontrar nos seus elementos componentes o mesmo despeito rancoroso, a mesma desanimada tristeza do homem que se viu desprezado pela mulher que amou.

É pungente o drama da arte, o banho lustral da primeira decepção que aguarda o homem na soleira da comprehensão da vida, como á porta de um templo.

Todas as pessoas intelligentes nascem artistas. Mais ou menos, porém, artistas sempre. Ora o fim da arte é a interpretação da Vida. Quando a alma ignora a essencia da grande musa inspiradora, suppõe em sua candidez que é facil attingi-la, descobrir-lhe o segredo das attitudes, surprehendel-a, desnudal-a, possuil-a. Arroja-se confiante. Faz rimas ao acaso, canta tudo quanto vê ou pensa ver. Cedo porém comprehende que attingiu apenas um phantasma. A Vida, qual mulher seductora, fatal, perversa, foge-lhe ás mãos da phantasia, e de longe a provoca entre acenos risinhos ou tragicos. Fitando-a, o joven sente que sua arte é vazia, óca, redundante; compara-a com amargura á belleza palpitante e inatingivel da visão que somba do seu desejo. "Não importa, pensa elle. Um dia hei de tel-a sobre meu coração, hei de cingil-a, hei de dominal-a e então lhe arrancarei a suprema confissão". Largando da penna e do papel num gesto que suppõe momentaneo segue empós a sereia fascinante. E no dia em que se lhe aproxima, em que se entrega ao contacto das mãos de neve e de chammas, em que recebe os beijos da cinza fecundante, fica anquiado, sente como suprema humilhação que sua ansia era menor do que o abysmo de tragedia e de volupia que entrevê. Unida a seu peito que aos poucos ensanguenta a Vida o horrorsisa, a Vida lhe parece maior do que suppunha, mais incomprehensivel, mais impenetravel do que nunca. Então desabusado nega sua fascinação, soffre-lhe o dominio com rancoroso tedio sem mais erguer a vista d'alma sobre o vulto desmedido cujas entranhas ardentes suppoz outrora rasgar com a pequenez de uma penna.

Nessa illusão, persistem apenas aquelles que não aniquillaram o terrivel golpe de vista deslumbrador. Esses, não tendo ponto de comparação, proseguem no erro inicial de crer do seu talhe mesquinho a preza monstruosa.

Outros — e esses são os raros heroes de tão maravilhosa aventura — encontram cravado na arvore da Dor o gladio magico da raça dos Walsungs, filhos geniaes dos deuses. Com elle partem á conquista do ouro da gloria, a suprema posse da mysteriosa sereia envolta em chammas e riscos sem conta. A Vida, walkyria condemnada pelos ceus, esphyngue rutilante, enigma infinito. Somente esses podem cantar victoria ao cingil-a ao peito herculeo do talento, pois tem em mão o instrumento invencivel em que se transfor-

Uma indagação psychologica interessante de se fazer é a do motivo pelo qual quasi toda criatura um pouco intelligente faz versos emquanto moça. No entretanto, com a idade, a maioria dos cultores das musas repudiam-nas e chegam a odial-as. Persistem apenas os raros que a fama coroou, e um ou outro maniaco renitente e obscuro. A resposta que logo occorre é a de que a tão falada pratica da vida aos poucos ensina a apreciar o util e abandonar o sonho, a descreer do que nenhum resultado monetario traz.

Si porém aprofundamos a questão, concluiremos que não explicam satisfactorialmente o facto essas razões. Segulmos pela vida sonhando outros sonhos, mas sonhando sempre. Não é exacto que o interesse monetario seja o fito maximo do homem. Pelo contrario, muitas vezes elle é apenas o meio de attingirmos certos prazeres, e a faina de conquistarmos o vestido e o anel que a Altivez e a Ambição exigem de nós não impede que estendamos a mão para a flor que a Emotividade, nossa filha mais nova, pediu-nos com singeleza quando tomamos do cajado e partimos em viagem pela vida. Além de que, nem sempre, mesmo na mocidade, é exacto que a criatura humana faça poesias imaginando tirar um provelto pratico desse gosto. Muitas nuncas pensam publicar esses productos da propria phantasia. Mas então, porque mais tarde viram o rosto á penna e ao papel, e se entretêm de preferencia com qualquer outra mania tão inofensiva e inutil quanto essa, ás vezes até dispendiosa emquanto que as musas si não dão lucro tambem não dão prejuizo? Divertem-se cultivando plantas raras, criando gallinhas e canarios... colleccionando sellos ou qua-

mou o estyleto fragil da meninice. Porém, não raro tombam mais tarde fulminados pela propria audacia e felicidade.

SYLVIA SERAPHIM.

# Que miseria!

(Expressamente para "A GAZETA")

Ha muito tempo, quando eu tinha quinze annos apenas — que maravilha! — fiz concurso para a Escola Normal. Era então professor de Portuguez nesse Instituto de ensino o dr. Alfredo Gomes. Lembro-me que a these de literatura foi "As Flores". A prova da nossa lingua era a que menos eu temia. Personalizando e desdobrando o thema recordo-me ainda de que o encarel pelo prisma sentimental philosophico de que são as flores as phrases perfumadas e silenciosas da expressão humana. A ellas recorremos no minuto de dor, como no instante da alegria. Ellas vão dizer á criatura amada nossos votos de felicidade, e ao amigo que solta nossa emocionada solidariedade. Enchem o altar do dia do baptisado e atepetam a cova na hora da despedida. Enfeitam o prazer, suavizam a negua.

Mas naquelle tempo dos meus quinze annos — que maravilha! — eu não conhecia a vida, ignorava todas as circumstancias em que um ramalhete commove, symbolisa o infinito que se não pôde expressar, synthetisa as paisagens d'alma cujas flores se despedalam em lagrimas ou em risos.

Minha these ficou imperfeita, inacabada. Hoje, tantos annos depois, senti-lhe as falhas, e venho completal-a. Foi ao ler uma noticia de jornal, foi na meia columna de um vespertino, a historia do abandono de uma criança que assim me trouxe á memoria o assumpto de minha composição e a directriz que lhe dei.

Estamos na meia estação. As manhãs principiam a ser um pouco frias. Foi na frescura do inicio de um dia que certa senhora, abrindo sua porta, encontrou na soleira uma criancinha deitada. Era branca, sadia, gordinha, interessante. Trabalhava com decencia uma camisolinha bordada, tinha touca e sapatinhos. Ao lado... um ramo de flores, e sobre elle pregado um bilhete: "Este menino chama-se Amaury. Peço baptisal-o com esse nome. Tem tres mezes e é criado com leite de vacca misturado com agua de arroz em partes eguaes. De noite / não chora."

Quando accorda toma agua com assucar. Trate-o bem, pelo amor de Deus. Eu não posso dar-lhe o passadio de que necessita". A senhora moradora atraz dessa porta, recolheu a criança, levou-a á polleia e pretende adoptal-a. E só.

No dia seguinte outros jornaes, outras novidades. No magico film dos noticiarios a perpassar incessantemente os typos daquella meia columna desapareceram, foram absorvidos, apagados, esquecidos. Em meu coração de mãe ficou uma grande emoção.

Quem teria abandonado essa criancinha? Um pobre viuvo impossibilitado de zelar pelo filho? Uma joven mãe solteira ou viuva sem recursos? Não é extra-

ordinario nem original esse drama de vida. Repela-se a miudo. O que, porém, impressiona nesse recorte de jornal, é a visível semi-cultura de quem alli deixou o pequenino. A linguagem do bilhete é, mais ainda do que isso, o conhecimento de hygiene infantil que revelava seu conteúdo, impressionam. Só quem não observa nosso povo pôde acreditar que a elle pertença de um modo absoluto, essa pessoa que cria um lactante com leite misturado d'agua, e o que mais é sem lhe dar alimento á noite, porém substituindo este por agua, com assucar.

O estylo do bilhete, em rigor, poderia enganar, porquanto teria sido escripto por pessoa relativamente instruida, a pedido da interessada analphabeta, embora não seja muito crível que ponha outro num segredo desses quem se vê forçado a abandonar uma criança. Porém o modo de alimentar o pequenino deixa vasto campo á imaginação, quanto ás suas origens. Além de que o tom de emoção contida, sem lamurias, das poucas phrases, de todo não lembra o genero das camadas populares.

Commove o desvelo doloroso dessa despedida "... não chora de noite. Quando accorda toma agua com assucar..." Porém essa emoção culmina si pensarmos no ramo de flores posto ao lado do pequenino, como ultimo gesto de amor e carinho, manifestação derradeira de ternura.

Esse ramalhete diz-me em sua linguagem muda de infinita dor que foi uma mãe quem abandonou á soleira daquella porta o mimoso Amaury. Ella queria deixar junto do filhinho um testemunho de seu amor, uma suprema prova de que não o abandonava por desprezo e gosto. Nada tinha de valor para lhe dar... Ella queria deixar com seu filhinho os beijos de que por certo lhe encheu o rosto quando alli o depositou. Os beijos duram segundos apenas. Então, desvalrada, lembrou-se talvez de ir a um florista, comprou um ramo, e num ritual doloroso de amor materno depositou-o ao lado do pequenino. Estava a criança esperta e viva. Mas para ella ia morrer...

Pobre mulher! Quizera que por um desses acasos milagrosos da vida estas linhas te cahissem sob os olhos. Eu te comprehendo e te absolvo. Quem assim demonstra num gesto eloquente a delicadeza d'alma não abandona um filho por levandade. Talvez te tenha faltado coragem. Talvez de modo algum pudesses agir de outra forma. Não tens culpa. A responsabilidade de teu soffrimento infindo cabe á hypocrisia social que faz da Mulher a captiva da Maternidade, condemnando quem evita a procreação e no entanto não a auxilia no seu santo captiveiro, porém a ella a abandona, sem indagar sequer si ella pôde ou não sustental-o.

SYLVIA SERAPHIM

Gazeta São Paulo  
5 de Abril  
1930

## Os amores de Bilac

(Expressamente para "A GAZETA")  
 Per muito que se procure convencer o publico da inutilidade, quicá do prejuizo, do conhecimento da vida intima de heroes e homens celebres, nada desperta interesse tão grande, tão intensa curiosidade, quanto os gestos e palavras inéditas dos que ficaram em evidencia por qualquer motivo. E visto ser o amor um dos assumptos que mais fortemente interessam ao maior numero de mortaes, pôde-se avaliar os amores dos vultos illustres que despertam enthusiasmo no espirito da multidão. E', porém, difficil saber-se ao certo o que existe de falso ou de verdadeiro nos boatos e anedotas, que sempre correm a respeito das aventuras e caprichos affectivos dos corações illustres. Mesmo quando não podem permanecer duvidas a respeito da exactidão de certos amores historicos, difficilmente ficam os posteros senhores da realidade intima d'elles, isto é, de seu feltio, causa, sinceridade, duração. Pôde alguém suppôr que as memorias e auto-biographias representam fontes seguras de informes sobre esses assumptos; mas, a bem pensar são as menos dignas de confiança talvez. Ninguém escreve sobre si mesmo com a lencção de animo. Para melhor ou para peor ha sempre uma tendencia moral em quem examina factos passados da propria existencia a definir, esclarecer, completar a sua individualidade. Por mais sincera que seja uma alma, não lhe é possível esquecer que será lida por indifferentes; e um obscuro pudor lhe impedirá que se desnude inteiramente, ou, si o fizer, então, numa vangloria de seu gesto, cabirá no excesso contrario de caricaturar seus traços moraes, conforme fez Jean Jacques Rousseau nas suas tão discutidas "Confissões". Mesmo admitindo que um homem escrevesse suas memorias só para si, independentemente da menor intenção de as publicar — o que, entretanto, viesse a succeder mais tarde — rem assim se poderiam julgar isentos de quaesquer disfarces os episodios e sentimentos por elle relatados ou analysados. O espirito humano não se despe inteiramente de sua affectividade; nem perante si mesmo, e muitas vezes desante de opinião alguma se defende com tanto ardor quando deante da sua propria. E, além disso, as paixões e secretos partidariismos inconscientes não permitem clareza de raciocinio, imparcialidade de julgamentos, em occasiões innumeradas. Consideradas as memorias quanto as demais, já se não despezará o testemunho daquelles que auto-biographias, mau grado ser precaria a certeza de sua exactidão. Surgem, ás vezes, em torno da figura de um poeta ou de um guerreiro, lendas e traços que o aureolam tão bem, que são perfeitamente se coadunam com a idéa que d'elles fizemos, que, na verdade, si não são verdadeiros, é melhor que o não saibamos. Outras vezes, surge, de repente, sobre um nome conhecido, um episodio gracioso, o relato de um trecho de sua vida que faz meditar ou sonhar, e já, tem assim um valor intrinseco.

Em artigo recente sobre Alberto de Oliveira, conta Agrippino Grieco uma palestra que teve com o illustre academico sobre gentes e cousas de antanho. E acerca de Bilac, refere o conhecido critico o seguinte facto historiado ha tempos por um collega do poeta maravilhoso.

Houve outróra um academico de medicina cuja maior importancia consistia em ter sido, no dominio de Eros, o rival victorioso de Olavo Bilac. Effectivamente, o sonetista da "Via Lactea", mal sahido dos cursos, apaixonára-se pela futura esposa desse sujeito, cortejando-a, já em verso, pelos fundos do sobrado da familia Bilac, lá nas

proximidades do largo de São Francisco. O idyllio iria longe, si as duas estirpes em jogo, divididas por uma pequena rivalidade, não frequentes entre vizinhos cariocas, não imitassem os Capuletti e Montecchi da rua dos Andradás e não distanciassem rudemente os dois fedelhos. Bilac resignou-se, e, atirando-se a outros amores, dava a impressão de haver esquecido de todo essa Ernestina, Marilla burgueza, que o samorava trepada num muro com cacos de vidro. Mas o caso é que, poucas semanas antes de morrer, confidenciou a um dos camaradas nunca haver esquecido tal mulher e que outra não fóra a orlatura visada pelo seu violento soneto intitulado "Maldição". Desse mesmo soneto foi publicada ha dias uma traducção de Francisco Villaspesa sob o titulo de "Veinte años":

Si veinte años en su cueva obscura  
 he dejado dormir mi corazón  
 Mi alma ya vieja y harta de amargura  
 ahora, como un vulcan, hará explosión;  
 y en torrentes de codera y locura,  
 rodará sobre ti como un ciclón  
 veinte años de silencio y de tortura  
 de soledad, de angustia y de pasión!  
 Maldita por el Ideal perdido,  
 por el mal que me hiesste sin querer,

y el amor muerto sin haber nacido!  
 Por las horas vividas sin placer;  
 por la tristeza de lo que yo he sido  
 y el esplendor de lo que pudo ser.

Ignoro si o poeta estrangeiro, nosso festejado hospede, leu a chronica de Agrippino, e si juntou o episodio ao soneto, para leval-os como exemplares de flor e de fructo de um coração brasileiro.

Si, porém, fizesse, com seu stylo flexivel e vivo, poderia adiconal-os em philosophica apreciação, esmaltada de pensamentos:

Maldita,  
 Pela tristeza do que tenho sido,  
 Pelo esplendor do que pudera ser.

O homem sonha sempre mais bella a face da vida que elle não contempla. Joven, desespera-se de que o tempo, que lhe pertence no mundo, seja perante o oceano das emoções humanas, como as aguas do mar ante o pequeno furo que fazia na areia o anjo que São Thomé encontrou para lhe reprehender a ambição de captar na sua pobre intelligencia o mysterio da Trindade Divina.

Tambem, o mysterio da vida não cabe numa existencia humana. Na admiravel peça em versos, de Paul Gerald, "Almer", Chalange procura arrastar para a voragem das curiosidades insaciaveis o espirito sereno de Helena. Ella lhe diz que tem seu lar, e elle, num gesto amplo, exclama: "Mas existe o mundo, Madame!" E com a voz quente e apaixonada que devia ter a Ephyngne para seduzir, fala-lhe na ansia que o domin' de ser outra criatura, n'outro scenario, no sonho de ver desabrochar as personalidades latentes que dormem dentro de cada um, e espera apenas da sollicitação ambiente, na angustia dolorosa de sentir, com o morrer dos dias, lentamente, restringirem-se possibilidades que eram na juventude infinitas. O esposo de Helena idealizava aperfeiçoar, burilar, realisar em profundos. Chalange tinha sede e fome da vida... quizera multiplicar-se multiplicar seus annos para elevar ao quadrado a safra maravilhosa das emoções. Na velhice, assalta ao homem o pesar de que elle não viveu, como si fóra esse o lado unico da vida aproveitavel e bom. O perdidario revê a felicidade pura que poderia ter tido; o austero se arrepende dos prazeres que abandonou; ao sabio amargura as flores da vida que não colheu; ao gosador entristece a consciencia de ter sido uma planta rasteira que não deixou raizes, um ramo esteril que não deixou aos descendentes a recordação do fructo. A meu vêr, a these da maior alcance philosophico encerrada no Fausto, de Goethe, está no final. Fausto, que se arrependera de ter dedicado sua vida ao estudo, recupera a existencia, gasta-a com o amor e chega novamente ao momento crepuscular insatisfeito e amargurado. Tivesse elle podido renovar a experiencia dispendendo outros tantos annos com a singela existencia campestre, com a vida gloriosa e activa do guerreiro, com a realização affectiva, pura e unica do chefe de familia, e ainda e sempre o supplicaria por fim a anciedade do que não tivera, a curiosidade da face da vida não entrevistada, juntamente com a impressão dolorosa e ingenua de que nella estaria a felicidade. Eis porque é falha a experiencia dos velhos; eis porque não muito mais vale do que a confiança a virgem dos jovens, pois, ás vezes, é até fonte de erro. Mais vale a ignorancia, do que um conhecimento parcelado que adultera a visão de conjunto.

Bilac, possuido a Marilla burgueza que tanto amaldiçoou, teria mesmo realizado o esplendor que sonhou no ultimo verso do magnifico soneto?...  
 (SYLVIA SERAFIM)

# LITTERATURA E POLITICA

A FEDERAÇÃO — 26 de abril de 1930 —

A creença no livre arbítrio traz por complemento a fé na possessão demoníaca. Porquanto o homem sente que muitas vezes não age na vida segundo quer; e então recorre a esta hypothese para explicar as forças obscuras que triumpham do seu desejo.

Tanto mais intelligente e mais instruída é a pessoa, tanto mais profundo o antagonismo intimo, si elle existe.

Nos seres instinctivos, ignorantes, muito proximos da natureza, o drama se esboça apenas. Elle attinge seu apogeu nos espiritos cultos presos a temperamentos violentos. Ninguem creia que o progresso mental melhora forçosamente o sentimento.

A agitação passional escapa á fiscalização das idéas.

Nos caracteres menos nobres, a primeira acaba mesmo por influenciar estas.

Os que trazem em si o sentimento fundamental da justiça guardam incolume a rectidão dos julgamentos, embora nem sempre logrem estes influir em harmonia sobre a conducta. Em certos individuos a disparidade entre uns e outros chega a tal ponto que uma só imagem já sem brilho de tão usada, consegue traduzir a contento: dois seres distinctos que luctam dentro de um mesmo peito.

A não accesar a influencia de maus espiritos preciso é confessar que muito esclarecida seja embora a consciencia, e muito grande a energia da bondade, temos de contar com outras forças cuja influencia é muitas vezes decisiva sobre nós.

Essas forças, é triste mas necessario proclamal-o têm muitas vezes uma origem miseravel, exclusivamente organica; suas raizes prendem-se a taras secretas, em meros e prosaicos disturbios phisicos momentaneos. Por causa de uma digestão má, póde um heroe corto illa acovardar-se.

Nessa desilludida comprehensão da humana contingencia, baseia-se todo o misericordioso idealismo da criminalidade moderna. A individualização da pena, o adocamento dos regimens presidiarios não têm outra origem. Entre o criminoso e o enfermo destruiu a sciencia a velha barreira.

Acceta a certeza de que é parcial, sempre, a responsabilidade dos actos humanos muitas questões se aclaram de uma nova luz. Assim o vulgo geralmente taxa de hypocrita a criatura culta cujas opiniões pro-

clamadas muitas vezes, divergem em total das acções que executa.

Já li, não me posso lembrar onde, nem de quem, uma defesa bem argumentada em favor dos que assim vão ensinando determinada moral e realizando outra. Seu modo de ser parece-nos hypocrita si pensarmos que elles desmentem na pratica as proprias theorias. Mas si reflectirmos que esta proposição póde ser invertida, e nos lembramos que é mais real dizermos que elles desmentem com as theorias o que praticam, isto é que têm a consciencia de não collocarem a intelligencia a serviço das paixões procurando justificar estar a custa daquella, julgamos corajosos.

Eu porém, a bem reflectir não proclamo os que assim se debatem até a morte entre palavras de bondade que não materializam, e impetos de maldade que não buscam defender, nem hypocritas nem corajosos. Declaro-os apenas, sinceros. Não os affirmo culpados, não os digo merecedores. Seguem tão sómente a fatalidade intima de sua psychose. Agem como homeus — pensam como deuses. O talento não mata nelles a miseria organica — as nevroses não suffocam a clareza do raciocinio. Realizando não se podem furtar á desordem das paixões — meditando não logram fugir á fascinação

harmoniosa de comprehenderem.

Devemos acatal-os taes como são. Têm por destino a utilidade dos pharões. Illuminam, porém, não aquecem. Guiam e não produzem. Saibamos de suas palavras de fé e justiça e ignoremos suas acções mesquinhas. Acreditemos em sua personalidade artistica e não lhes esmiucemos a vida particular. Estou de accordo com os que, em nome da illusão necessaria para que se deixe a humanidade consolar pelos seus grandes homens, condemnam a obra de perversa destruição a que se entregam certos secretarios particulares, prostituindo a discreção do cargo que exerceraõ perto dos mestres, após a morte destes. Não creio que melhor admire o talento quem melhor conheça o caracter de quem o possui.

E' triste a curiosidade malsã dos actos e gestos dos que nos offerecem o perfume espirital de sua alma. E' como si, ao que-

darmos enlevados ante a belleza de uma flor, não nos delivessesmos nessa contemplação, porém, cuidassemos de arrancar a planta magoando as mãos em seus espinhos, maculando os dedos na lama que lhes adhere ás raizes. Mais triste ainda, porém, do que essa tarefa de destruição moral é vermos o idolo apagar por si mesmo os lumes do cullo que inspirou.

Ora, quasi toda vez que o homem de pensamento torna-se homem de acção, provoca em torno de si as mais cruéis decepções. Em primeiro lugar, porque os actos são realidades bem mais positivas do que as palavras. Em segundo, parece que, tanto mais elevado é o plano de comprehensão em que se move a intelligencia, tanto mais incapaz é esta de descer á pratica da realização. O espirito não póde fazer como certos enfermos da vista que mudam ineontinenti de oculos segundo querem espiar ao

longe ou firmar o olhar de perto. Os pensadores trazem lentes mórtaes graduadas para as perspectivas. Fixando um objecto proximo enxergam turvo.

Grande é o erro dos homens de talento, como escriptores e oradores que ingressam na politica. A's vezes forçam-n'os a isso. Enthusiasmados pela clarividencia que demonstram, vão os admiradores buscá-los em seus retiros. Miseros delles si se dei-

xam levar! Tanto mais vehementemente serão apedrejados quanto maior foi a esperanza nelles depositada. Não é preciso irmos longe para encontrarmos exemplos desses; em nosso Paiz apportam varios delles. A culpa da desillusão que elles causam não lhes cabe, porém, tem como origem a incomprehensão de sua psychologia pelos que os cercam. Entretanto, citando um exemplo, busquemol-o em terras longinquoas.

Paulo Filho, sob o pseudonymo de João Carioca referiu-se ha dias ao poeta hindu' Tagore, que abandonou sua lyra, guardou-a no "bahu" velho das illusões perdidas" para empunhar a lança das luctas politicas. E termina o distincto jornalista com este commentario, sua pequena chronica:

"Pobre grande homem. Não valia a pena ter chamado sobre sua Arte a attenção do mundo inteiro. Acabará como Paderewsky, arrependido, enojado, pedindo a qualquer aldeia das montanhas suissas a paz de espirito, o esquecimento e a morte na solidão".

Lembrei-me de d'Annunzio, lembrei-me de outros mais e fiquei meditando no drama inutil dessas taças de puro crystal sonoro empregadas para reterem liquidos em ebullição. Não têm culpa de se despedaçarem... não estavam adequadas ao uso...

Sylvia Serafim.

# Heroes de hontem e de hoje

Mais uma vez passou a data civica da comemoracao ao heroe martyr de nossa independencia, e os jornas, em sequencia chronica, noticias e estudos historicos celebraram o vulto glorioso de Tiradentes.

Os que lectam na imprensa e os que são afficcionados á leitura das folhas diarias, esphevero e maravilhoso producto da seiva do intellectualismo no tronco da civilizacao, bem conhecem a contingencia monotonica dessa repassar cyclico de anniversarios, com seus eternos commentarios. Alguns jornalistas entediados fogem-lhe, não tratando do assumpto em suas columnas, teimando em deixar transcorrer o dia como si um qualquer fóra. Outros resignam-se ao lugar commun, ou á repetição de um ponto de vista original, que descobriram, cinco annos antes, por commodismo o qual nem por isso é tão erroneo, visto que si muitas vezes envelhece um chronista com a penna entre os dedos, o publico leitor de uma grande cidade é novel, é uma vida que oscilla e se renova sempre. Assim, a velharia resuscitada tem sempre sabor de inédita, ao paladar agradado de gerações cujo espirito vae cada anno desabrochando para a curiosidade diaria do que se passa no mundo e em sua patria.

Outros jornalistas enfim, martyrizam-se á procura de um novo que dizer, sempre que as datas religiosas e historicas os pregam á banca redactorial, caneta em mão, titras de ameaçadora silvura em frente, e olhos vagos fitos no tecto, como si dalli pudesse cahir o artigo aos pedacos, qual o demonio macabro da casa assombrada no conhecido conto de folk-lore.

Entretanto ás vezes o acaso é camaráda, principalmente para aquelles que, como eu, em suas mãos depositam a maior parte da confiança de que dispõem para enfrentar a vida... e o jornalismo. Assim é que não raro, bondosamente me põe elle ante os olhos, num "puzzle" espirital e bem pouco difficil, tres ou quatro dados que formam o todo para um artigo. A questão fica circumscripta apenas a saber vel-os e juratop-os á data historica da Independencia... Mahatma Ghandi que já vinha solicitando minha penna pelo espaço que tem occupado nos jornaes e no pensamento de quantos são capazes ainda de vibrar por um ideal... enfim, as Prisões de Silvio Pellico, obra que casualmente leio neste momento e eis um artigo entrevisto sobre Tiradentes, e fóra das habituaes notas historicas e commemorativas. Agora, porém, estou notando que, o tendo iniciado, talvez por uma questão de facilidade intellectual com esta exposição sincera da maneira por que trabalho, qual dona de casa que mostra a cozinha ás visitas, para que vejam sua ordem e aseo, ou prestigitador que revela ao publico as espartezas de um passe magico, estou embaraçada para voltar á sala de visitas ou retomar a seriedade de actor convicto. Uma pausa para saudar o mal estar, e ahí vae o artigo.

Quem olha um periodo da Historia, quem folhea algumas paginas do livro da humanidade, tendo a comparar os povos a individuos que nascem, crecem, engrandecem e chegam um dia á maturidade. Então, como os filhos que se passam pretendem sujeitar indefinidamente ao jugo que lhes parece humilhante por extemporaneo já, revoltam-se nas nações e conquistam sua independencia. Infelizmente não existem leis que garantam a liberdade ás collectividades que sejam capazes de se dirigir a si mesmas, segundo as ha para os individuos.

É por isso que a revolta quasi sempre explode sob forma violencia. Entretanto quem folheia os demais capitulos da Historia Universal, e lá ainda nas entrelhas os mysterios assombrosos das civilizações antigas, conclue que é um tanto precipitado e ingenuo comparar a existencia dos povos com a das crianças que chegam a adultos. Porquanto os infantes regridem, ou si regridem na velhice esta breve se termina em morte, formando a vida uma trajetoria definida com inicio e fim. Diversa é a evolução das raças.

Lembram antes as aguas caprichosas e accidentadas de um rio que ora corre mansamente, ora se precipitasse em cachoeiras e innumeradas vezes também se infiltrasse no solo num acabamento apparente, para resurgir leguas após em filete que engrossasse e novamente se tornasse caudaloso, a vez vencer obstaculos no curso normalizado, segundo nos ensina a Geologia que existem alguns. Si podemos acreditar, rejeitando a hypothese aventureira da Atlantida amazonense, que o Brasil surgiu pela primeira vez para a luz da consciencia collectiva com as tentativas feitas para saudar o jugo de Portugal, ninguém ignora que a India foi já imperio rico e poderoso. Inclina-se os historiadores a apontar-a como berço primitivo da civilização e suas lendas sagradas, seus templos e seus fakires guardam mysterios que dão a vertigem intellectual aos que os procuram sondar.

Entretanto jazia a India empobreçada e subjugada, sem homogeneidade patriótica, reduzida á condição de colonia. As aguas do rio não haviam seccado porém; corriam silenciosas no subsolo dos terrenos porosos. Surgiu Mahatma Ghandi, e repetindo o gesto de Pegaso, pela magia alada de seu verbo, bate na terra com os pés calcando as sandalias humilides dos peregrinos fanaticos e mysticos: e a agua pura e cantante do enthusiasmo nacionalista ergue-se em panacho heroico até ao céu.

Parece-me que, representando o desenvolvimento já robusto de um raça nova, feita embora dos destroços de antigas raças, ou significando apenas o resurgimento de um paiz que alguns seculos de captivo não bastaram para despersonalizar inteiramente, esses movimentos em prol da liberdade patria são sempre bellos e sagrados. Mais ainda: são ineluctaveis. Só o facto de se realizarem, bastam para que estejam justificados, porquanto não houvesse chegado o momento para que se produzissem, não tivessem elles suas raizes banhando nas fontes heroicas e santas da consciencia nacional formada ou despertada e não se realizariam, pois não dependem da vontade de um só individuo mas da anciedade mutua de milhares de individuos suggestionando a voz de um agitador e sendo por esta suggestionados.

Não quero dizer que esses movimentos não falhem muitas vezes, umas parecendo precoces, porém, em seguida explicados e finalizados por novo impeto, esse então victorioso, outros inteiramente suffocados e diluidos na amargura de seculos seguidos de escravidão. Não me surpreenderia si amanhã ler nos joraes que Mahatma Ghandi foi atirado numa masmorra para o resto de seus dias, fuzilado, decapitado ou exilado para um rochedo perdido da Escocia, novo Napoleão melancolico da Estemplar indefinidamente a derrocada de seus ideaes gloriosos. E nem me espantaria, si reincarnada dentro de alguns seculos, lograsses relebrar este artigo contemplando a India ainda escrava.

Creio, porém, que tal succede e succederá por muito tempo ainda pela brutalidade injusta do povo oppressor que apra, como jardineiro perverso, a flor da arvore e a deslora incapaz de fructificar, e pela indifferença iniqua dos demais paizes cujos cocillabulos para legislação internacionais vão fracasando lamentavelmente. Não invalida a belleza da causa que defendem esses revolucionarios pelo bom motivo, nem lhes embaça a gloria de precursores e martyres.

O Brasil independente ha de exaltar por muitos seculos o nome de Tiradentes: é o heroe de hontem. O destino de Mahatma Ghandi pertence ainda a incognita do futuro: mas victorioso ou sacrificando, amordaçada para sempre, sua voz mesmo do além tumulo, ou triumphante si bem que sahindo dos ossos de uma caveira, no successo do movimento, daqui ha alguns annos, elle é o heroe de hoje.

Admiro Tiradentes morrendo impassivel e não concordo com Silvio Pellico sahindo dos longos annos de encarceramento abatido e pacificador. Após ter sido durante annos a companheira dedicada da França nas conquistas napoleonicas, a Italia cahir sob o jugo austriaco. Em 1819, um grupo de nobres e de escriptores, procurava agitar a opinião publica preparando a reconquista da perdida autonomia patria. Eram elles o Conde de Porro, o poeta Hugo Foscolo, Cofalonier, Ludovico de Breme, Pietro Borsieré, os Romagnesi, os Melchior Giorja, os Manzoni, os Grossi, os Berchet, Monti, dois Inglezes, Williams e Canegham, enfim, toda a nata dos escriptores e economistas, dos juriconsultos e dos pensadores da época.

Fundaram em Milão o jornal de combate politico chamado o "Conciliador", que era objecto de uma vigilância que se trahia por enormes lacunas e do qual a policia determinou a suppressão.

Afinal, o conde de Bubora em 1820 resolveu deter os agitadores que se haviam ligado aos carbonarios, porém, embora habil diplomata, humano e bondoso fez dizer aos principaes membros da nobreza de Milão que a estação lhe parecia favoravel para si, para o campo. Poucos foram assim presos, e entre estes Silvio Pellico, poeta e redactor do "Conciliador".

Condemnado em 1822 a 15 annos de prisão, foi Silvio libertado em 1832, ás instancias do sr. de Pralarna, embaixador de Sardenha em Vienna.

Pellico, de constituição franzina, sahido do cárcere envelhecido e doente, religioso e pacifista. Rejeitou desde então qualquer interferencia na vida publica de sua patria, dedicando-se a orações e escrevendo o livro que o immortalizou "Minhas prisões". Pregava elle então nessa época, que "Um governo é máu, é preciso ficar submisso as suas leis ou ir-se embora", ao que retruca Philpon de La Madelaine, prefaciador da traducção da obra italiana para o francez: "Circumstancias existem onde para bem estar e renascimento da patria os mais violentos conspiradores são precisos, respeitadas pelos homens e benedictos por Deus".

Concordo com o biographo do prisioneiro italiano, mas não desprezo este por ter sahido alquebrado physica e moralmente de 10 annos de captivo. É mais facil ser heroe uma hora, mesmo perante a morte, sob o azul do céu e o olhar da multidão do que o ser 2650 dias no fundo de uma masmorra ante a solidão e o proprio desespero.

SYLVA SERAPHIM

Guayta San Paulo  
grande 1930

## Officialização da maternidade

Quem, arguendo num momento meditativo o pensamento acima do tempo e do espaço, inspeciona em olhar de conjunto a vida de hontem e a existencia de hoje, mede a marcha irreductivel da evolução social. Os pontos de vista se tem lentamente deslocado; as idéas rispadas vão sendo momento por momento consumidas, abaladas e o surdo trabalho de deposito dos vanguardistas se estratifica hora após hora levantando novos planos imprevisitos como nos terrenos de erosão, a influencia insidiosa das aguas e dos imperceptiveis movimento sismicos transforma através de um seculo todo o aspecto de uma palçagem.

Essa mutação é tão implocavel e segura que todas as correntes do pensamento humano para ella trabalham, sejam embora as mais oppostas umas ás outras quanto aos credos e aos meios por que sonham realizal-os.

Assim é que, enquanto na Russia os communistas impõem á custa do sangue das matanças e dos ferros do captivo-lro suas doutrinas, arrancam a mulher da morte moral da ignorancia e da preguiça, instruindo-a e forçando-a ao trabalho e libertam-na do jugo do homem derrubando a indissolubilidade matrimonial.

Ao mesmo tempo, Mussolini, o despota organizador sob a bandeira do fascismo, contraria ao socialismo, cujas mãos de aço vão sustentando na frente do rei a corôa, e no frontispicio da egreja a cruz papal, realiza na pratica o ideal bolchevista das associações operarias e da interferencia do Estado em todas as questões da vida do cidadão.

Agora por exemplo, cuida-se na Italia de uma lei obrigando á notificação da gravidez, permitindo por esse meio que os poderes publicos acompanhem e protejam a gestação preparando desde o periodo pre-natal a saude futura da criança.

Em resumo, é o mesmo ideal russo que tenho visto condemnado com aspereza em nome da religião e da familia. A mulher, emtanto que mãe é quasi um bem nacional, e a infancia é tutelada pelo governo. Apenas o communismo escreve esse credo em maximas e o lança contra a religião, emquanto que o fascismo, bem mais habil, não pontifica e realiza, põe o catholicismo num altar e trabalha soceadado.

Desta ou daquella forma porém, vestida de revolucionaria rubra ou paramentada com a pompa dos cultos a Libertação da mulher caminha impavida invencivel.

Quanto mais os poderes constituídos se preocuparem com a infancia, quanto mais organizarem a protecção physica, moral e intellectual da criança, mais contribuirão para a liberdade feminina, pois que, para o sexo que prominha, a cadeia mais pesada, aquella que existe na verdade da natureza e não forjada por egoismos e preconceitos é a maternidade.

Em artigo publicado em matutino carloca commentando essa innovação do governo de Mussolini, mostra-se o dr. Leão Velloso contrario á mesma. "Acredito mesmo, diz elle, que, no dia em que fór collmada essa aspiração da sociedade fascista muito mais raros ainda do que hoje serão os nascimentos, e si a sociedade moderna já se resente da pratica do neo-malthusianismo, peor ser amanhã ou depois quando se consummar a perigosa e arrojada iniciativa da notificação systematica da prenhez".

E termina o talentoso medico e jornalista: "O que se deve reclamar, como medida acauteladora da raça é que se arraiguel no espirito das novas gerações a necessidade de cuidar da hygiene da raça, assistindo a mulher gravida e o feto em todos os tempos de sua evolução. Para isto basta a propaganda e a educação, reservando o Estado o direito de supprir ás obrigações de familia nos casos em que por miseria, por ignorancia ou por desleixo essas deixam de cumprir com seus deveres".

Ora, eu peço licença ao dr. Leão Velloso para lhe fazer simplesmente esta pergunta: si não lhe parece que justamente essa notificação compulsoria tem por intuito, o conhecimento desses casos por elle citados em que devido á miseria, ignorancia ou desleixo a familia deixa de cumprir com seus deveres para com o fructo do matrimonio. Da mesma forma a notificação compulsoria da diptheria, variola, tuberculose, typho, etc. não têm por fim a remoção de todo doente encontrado porém unicamente daquelles cujo habitato e recursos pecuniaros, não permitem manter no proprio domicilio e sob a responsabilidade dos parentes as condições de hygiene consideradas imprescindiveis. Julgada a situação do enfermo passivel da permanencia deste no lar, o papel das enfermeiras visitadoras se resume, segundo o regulamento da saude publica em ministrar conselhos e fiscalizar a execução dos mesmos. Porém é mais do que certo restringirem-se essas obrigações a pura formalidade de porta de rua, onde verificam inspectores e auxiliares estar tratando com pessoas cultas, de recursos que, de motu proprio põem em pratica todos os modernos preceitos de isolamento e tratamento.

A meu ver succederá o mesmo com a notificação obrigatoria da gravidez, respeitando os poderes publicos, sob simples fiscalização, os lares onde as mulheres que vão ser mães tenham o conforto e a hygiene aconselháveis, e

intervindo onde esse ambiente lhes falte.

Diz o dr. Leão Velloso que acredita tornar-se ainda mais commum a pratica da restricção da natalidade, por causa da necessidade de se submeterem as mulheres á fiscalização official. Chamo-lhe a attenção para o facto de que, as mulheres em sua grande maioria não são mais voluntariamente. As que têm tempo, sciencia e meios para indagar si querem ou não ter filhos, e resolver a questão por vontade propria, não sendo, como é provavel, muito atingidas por semelhante medida, pouco se preocupariam com ella. Além de que, a mulher que tem cultura e posição, quando não desiste de ter filhos por validade e commodismo, não renunciaria á maternidade para não ser importunada alguns momentos pelo encarregado ou encarregada official de acompanhá-la nessa phase de sua vida. Quanto ás outras, si não sajem ou não podem desistir da maternidade para não se verem privadas da possibilidade de trabalhar, para não frem dar á luz sem recursos num leito de hospital, para não arcarem emfim com a immensa, a terrivel miseria que um filho representa sempre para a classe das desamparadas, é crível que principassem de repente á evitar a concepção

só para fugir á intercorrença de medidas, as quaes, só lhes poderiam ser benéficas alliviando-lhes os encargos?

Vamos porém admitir que, por um resto de pudor á moda antiga, a revolta muito humana contra tudo quanto representa uma regra ou um constrangimento sejam embora para o bem individual ou por qualquer outro motivo tão subtil quanto esses muitas mulheres hostilizassem a notificação gravídica e se furtassem á maternidade para fugir ás imposições da lei. Só o facto de se occupar o estado de toda mulher mãe, egualando casadas e solteiras, honestas ou deshonestas, é um passo gigantesco para a comprehensão da vida tal e qual ella será accelta no futuro. Dignificadas por esse devalvo anônimo e official, amparadas na sua falta de recursos, não mais necessitadas de, num gesto de desvario, matar o filho recém-nascido para escapar ao opprobrio, ou de recorrer á prostituição para não deixá-lo morrer á mingua, o numero daquellas que aceitarão o encargo de procrear só pode augmentar.

A quota das que fogem á maternidade por medo compensará de sobra a das que se furtariam possivelmente á gravidez por antipathia á notificação no dia em que esta fosse lei.

Esqueça ainda o dr. Leão Velloso uma verdade da eugenia, isto é que a qualidade deve superar sempre a quantidade na procreação racional. Si a prenhez diminuisse, porém as crianças nascidas sob o dominio da fiscalização official fossem mais sadias e entre ellas minguassem o coefficiente da mortalidade, ainda assim ganharia o Estado com a adopção da medida.

Entretanto, a distancia que separa a theoria da pratica sob o ponto de vista da eficiencia existe: apenas não está onde o poz o dr. Leão Velloso.

Eu pelo menos a vejo sómente nisto: a notificação da gravidez por si só é improrifica. Ella vale apenas como engrenagem inicial de todo um appparelhamento de assistência que, já bastante complicado no que se refere ao isolamento dos enfermos de doenças contagiosas ainda mais grandioso teria de ser no amparo á mulher gravida e á criança recém-nascida. De outra forma, resulta de bello idealismo, pratica mutilada e absurda nos gestos a que não corresponde nenhuma consequencia util, segundo succede mais ou menos entre nós com a assistência aos tuberculosos, leprosos, etc.

Para um emprehendimento dessa ordem terá recursos a Italia? Tel-os-á qualquer paiz já, hoje em dia?

Enfrentar, sem o capital necessario esses grandes problemas da dor e da miseria humanas é construir em terreno falso, preparando o desabamento e a catastrophe de que resultará ficarem os operarios soterrados sob os escombros, num augmento de dor e de miseria. Nem me parece que seja outra a explicação do drama russo.

SYLVA SERAFIM

# Esoterismo

(Especial para a "Gazeta", por SYLVIA SERAFIM)

... e de se vai intensificando a campanha contra todas as espécies de superstições. Os livros de macumbeiros são varados, os centros espíritos fechados, as santidades populares interditas em razão de memórias.

A campanha é louvável e útil. Embora se possa dizer que não é para nossas eras e extermínio das crenças, deve-se quando menos visar a extinção das explorações dessas mesmas crenças.

No mínimo também, eraja-se as superstições. Há as pythônicas de suas severas hierarquias, dispõem os farrapos e ditos, desprezam as emanações mepíticas e esboçam caveiras, sapos e cobras. Fechando um pouco afarrabios e deixando que repouse um tanto de poesia sobre alambiques e retortas, abram os tratados de hygiene, travem relações com os microscópios e as lêmigas bacteriológicas. Cortem em unhas, banhem-se, penteiem os cabelos, vistam-se decentemente. O sobrenatural não tem medo do esseio. Nenhuma alma do outro mundo ainda confessou que aprecia a sordidez e a imundície. Depois dessa excursão pelo mundo real tornem as felicidades a lembranças dos passeios e palavras mágicas, e surjam, formosas, emponadas, perfumadas, a ler a sorte em saibões luxuosos.

Pois que superstição existe, deixe ela ao menos as cores sombrias do terror, e seja civilizada, agradável, sorridente! Todas estas reflexões vieram-me ao ler o livro "Mysterios do Oriente" da graciosa Nathaeixa.

Ella se intitula professora de psychologia experimental. E' a bruxa do século XV, com nome difficil. Si bruxas assim, andassem ainda em sabats de meia-noite, estou a crer que muito diminuiria a recolta celeste do chavelro São Pedro.

No livro de Nathaeixa existe um pouco de tudo: esoterismo, influencia astral, graphologia, philosophia, phrenologia. E' bem uma obra do século, curiosa e leve, nem pelca nem carne.

Onde termina ali a superstição, onde principia a sciencia? E' difficil dizelo. A propria autora não pontifica, não affirma, não faz mysterio. Si intitula o volume "Mysterios do Oriente" foi apenas, explico, no curto e despretencioso prologo, porque entendo que não existe mysterio algum. O methodo é interessante a bem para ser aproveitado. Já pensei em rotular trabalho meu: "Mulher genial" reservando-me declarar calmamente no prefacio que esse titulo se justifica justamente porque a autora está convencida de que não é um genio.

A verdade que suspeito é estar no letreiro enclimado por bellissima estampa, não a subtiliza do espirito da autora, mas o senso pratico do sr. Coelho Branco, editor. Com effeito, o povo não gosta de negativas: prefere affirmativas. E si a capa affirma e o texto nega o volume agradará os espiritos simples e aos requintados. Andará em todes as mãos.

Forçoso é confessar que sobre esses assumptos deve pastrar o espirito da duvida. Acreditar ou rejeitar é igualmente pueril em relação ao que a sciencia humana ainda não esclareceu de maneira definitiva.

Nem dos ultimos numeros do Fon-Fon, diz Gustavo Barroso, em um dos pequenos trappes "Pilgrinas", sem assignaturas, não que eu, como antiga redactora dessa revista, sei o particem do picho experimentado a do espirito scintillante do prosador caranese? Os americanos, que apesar de praticos são essencialmente superstiçiosos, espalharam pelo mundo a crença naquillo a que chamam numerologia.

Essa pseud sciencia ensina a calcular, pelo valor numerico, attribuido a cada letra do alphabeto, si o nome do individuo é fausto ou infausto. E a humanidade toda anda por esse mundo afóra a sommar letras e a modificar ou a orthographia de seus appellidos ou elles proprios, até conseguir um resultado promettedor de felicidade.

Ora, si a numerologia é em verdade uma sciencia exacta, chegada é a idade de ouro outra vez. Basta cambiar um 1 em 1 ou um 2 para obter a fortuna. E quem a não desejará, mediante esforço tão modesto?

Como critica christosa está bom o pequeno trecho do membro da Academia, mas, sinceramente, não resiste á analyse. Em primeiro lugar não é exacto ser tão facil assim a modificação de um dos nomes individuais ou simplesmente de letra que prejudique a phonetica desse nome.

Só quem ainda não tentou fazer essa mutação, ou não teve necessidade premente de a realizar ignora a série de complicações miudas e graudas que tal telmosia ou contingencia acarretam. Não raro, o nome que se despreza ou a graphia que se repudia volta, com tal insistencia em toda especie de papeis e na voz do povo que a criatura annihilada só não desiste caso não tenha tal direito. Partindo dessa verdade, pôde-se argumentar que a sorte não sendo inteiramente inflexivel quem tem a energia de lutar contra preconceitos e difficuldades mudar o nome que traz do berço tambem pôde cambiar o proprio destino. Este ultimo triumpho seria devido não á transformação do appellido, mas á mesma força de vontade que a esta presidira. O que não impede ficar certa a numerologia.

Nesse mesmo sentido são varias e curiosas as considerações que podem ser feitas por espirito septico e agnóstico, feitas por espirito sem nega. Pôde-se que não affirma que, tratando-se no tambem argumentar que, tratando-se no caso de enxerto ou corte posterior, recesso de enxerto tal artificio, o mesmo que presentaria tal artificio para a physionomia: isto é em nada influiria nos traços existentes desde o berço.

Resta ainda saber, para que o esoterismo nos não pareça totalmente absurdo, si não costumamos tomar por causa o que é apenas index, isto é, si o calculo da felicidade pelas letras do nome, não está para o destino de cada um como os algarismos do thermometro para a temperatura do corpo. Com effeito, o nome é o resultado dos mesmos factores: posição social, gosto e caracter dos paes, interferencia predominantemente de maneira quasi decisiva a sinta humana, modelando physica, moral e intellectualmente a personalidade que depois em v35 se debate contra si mesma, contra as influencias que a cercam e a corrente formada pela sua propria modalidade anterior.

Quando algum parece em contraste flagrante com a familia e o ambiente onde se creou, é preciso lembrar a seu respeito a força do atavismo, que não raro faz excellente mãe, timorata e burguesa, pôr no filho ou na filha um nome ardente ou romantico.

Longe de mim entretanto a idéa de affirmar que o nome sempre retrata a pessoa e sua vida. Bordo um paradoxo, apenas. Dizem que elle é a verdade de amanhã. Pôde ser, mas vivemos no dia de hoje, e não no de amanhã.

Aconselho entretanto o esoterismo como agradável passa-tempo de sala. E' fino, intellectual, e guarda ligeiro sabor de mysterio que impróprio para avarer, é sufficiente para fazer correr á flor da pelle, fremito leve de ansiedade.

E para que se não imagine ser eu das que pregam "faz o que eu digo e não o que eu faço" tratei de consultar o oraculo dos numeros a respeito de meu nome. Apprendi com Nathaeixa que Sylvia tem por signo o algarismo 7. Sob esse numero 11: "Os que vibram sob o signo do numero 7 sofram sua influencia fatidica, pois o 7 é o numero fatal, que persegue os grandes poetas da dór. A solidão e a tristeza acompanham-n'os.

A pobreza que desanima, a doença, que enfraquece, as paixões mal comprehendidas estão sob essa fatal influencia".

Pisquel os olhos e tomei a ler. Era tal e qual. Como Interrogação tremente palpitavam á fresca aragem da tarde sobre minha mesa de trabalho, algumas folhas soltas de "Fios de Prata", a "Symphonia da Dór", enviadas como prova da typographia. Os poetas da dór... sem ser dos grandes, creio bem que sou um delles.

Os outros meus algarismos... o 5 — symbolo da pedra errante, dos espiritos inquietos e batidos pela sorte... o 8... e a somma de todos, o 11, repetida teimosamente quando resolvi, intercalar Gulhermina que trago após Sylvia na certidão baptismal... Procurem os leitores seus significados no livro de Nathaeixa. Não me encontro com animo da os repetir. A numerologia, tão verdadeira em relação a meu destino, falhou inteiramente em relação á minha pessoa.

## A família no communismo

No espirito da maioria, bolshévismo é synonymo de anarchia, de não governo, de liberdade absoluta e não menos completa confusão.

Essa idéa é bastante falsa. Muito ao contrario, a humanidade caminha para a maior disciplina sob todos os aspectos. O criterio do bem individual vai sendo lentamente substituído pelo do bem social — o communismo.

A norma que vai dominando o mundo chama-se bolshévismo ou fascismo. No fundo é a mesma: exige em troca do bem estar da maioria a liberdade de todos.

A humanidade é tão miseravel e ignorante que, mesmo para se liberar da saúde e felicidade, é mistér escravizal-a.

Façam-se conferencias, escrevam-se artigos e livros, instalem-se postos de propaganda: o resultado de todos esses esforços será falho, diminuto. A desconfiança de uns, as superstições de outros, a preguiça destes, a inconsistencia daquelles não de manter o erro antigo.

Assim a respeito da hygiene infantil; quantos rios de tinta gastos em jornaes e tratados, quantos espiritos abnekados empenhados em campanha tão justa e util que se diria dever triumphar sem lucta quasi!

E na pratica, que resultado se tem obtido?

A ignorancia e a incuria maternas são os factores mais responsaveis pela mortalidade infantil. Não é necessario subir morros e varejar casebres para se deparar o quadro afflictivo de lactantes alimentados sem regras nem cautelas, intoxicados por alimentos fortes demais para elles, vestidos e creados sem hygiene alguma. No proprio seio das familias abastadas ou semi-abastadas, nem todas as mães são conhecedoras dos preceitos da moderna pediatria, e menor ainda é o numero das que os respeitam integralmente.

Surgisse, porém, a lei intervindo no facto que parece particular e intimo da creação dos filhos, chamasse a si a incumbencia de defender a criança contra a incompetencia dos paes, como já hoje o protege contra a perversidade dos progenitores quando esta se patentea: a revolta seria grande.

E' preciso, entretanto, que desapareça o velho conceito de que o filho pertence aos paes. "E eu não tenho direito sobre meu filho?", exclamam revoltados muitos homens e mulheres na illusão de que nessa phrase resumem o mais sagrado direito que possuem. Por causa dessa falsa comprehensão da paternidade, quanto soffrimento não tem ido pelo mundo! Quanto vocação desviada, quanto ideal sacrificado, quanto destino aniquilado! Não: os filhos não pertencem aos paes. Não: os paes não têm o direito de prejudicar ou matar os filhos, nem por maldade, nem por ignorancia, nem simquer por excesso de amor. O sentimento deturpa o senso da vida. "Todo raelocínio é falso que tem por base uma paixão violenta" segundo diz Barretto Filho em "Sob o olhar malicioso dos tropicos".

A grande solução de todos os problemas em que se debate a humanidade não estará na intellectualização crescente das regras que governam os povos?

Estabelecida a intervenção do Estado em torno dos berços a revolta irromperia grande, profunda. Apaziguada esta, entretanto, seria curioso, quizá edificante, observar os resultados de medida tão repugnante á primeira vista.

Ha dias conversava eu a esse respeito com o dr. Clovis Dunshee de Abranches, meu distincto advogado. Fallava-me do ultimo codigo russo que acabava de fo-

lhear. Grandemente despertava minha curiosidade, interroguei-o sobre as leis que se referem á familia.

— O espirito communista, disse-me elle, é profundamente sceptico, recusa basear a felicidade das crianças, o reciproco amor dos paes e dos filhos no sentimento que deveria ser natural no coração humano.

— Sim, interrompi, o bolshévismo procura edificar a sociedade sobre bases outras que não os laços familiares.

— Não disse isso, protestou meu interlocutor, nem semelhante conclusão é a que se tira da inspecção do codigo russo. O scepticismo que dirige os communistas não os leva a desistir do affecto familiar, pelo contrario os induz a legislar sobre esse carinho, si assim posso dizer, ou mais explicitamente sobre o resultado do amor que levaria unir sempre os parentes proximos, isto é o mutuo apoio. Assim, nos paizes conservadores, que se julgam balizas do ideal familiar, somente se veem, factos brutos como esse, ha dias noticiado pela imprensa do Rio, do menino acorrentado pelo proprio paes, suscitam a intervenção da policia, e consecutiva retirada do patrio poder.

Nessas mesmas nações a criança pode viver abandonada moralmente, sem instrucção, pode ser mal alimentada por ignorancia ou desleixo sem que nada mais succeda aos progenitores do que a reprovação tacita ou murmurada de amigos e vizinhos.

Por outro lado, si os paes se acham na miseria, enfermos, os avós embora ricos, si forem avarentos, podem deixar os netos soffrerem até fome que o Fado os não importunará por isso. E mais tarde, feitos homens, mulheres e crianças, o mesmo direito têm de deixar morrer á míngua seus vinhos ascendentes, caso não tragam n'alma carinhio e piedade para com elles.

— Essas misérias, objectei, não pertencem a este ou áquelle paiz, são universaes. Infelizmente os bons formam a minoria, e os máos a grande turba que si as religiões não convertem, tão pouco as leis não transformam.

— Não transformam talvez no intimo da consciencia, mas contém e disciplinam, retrucou o dr. Dunshee de Abranches. Assim como o codigo impõe a honestidade, poderá tambem obrigar á bondade e á caridade. Tudo isso relativamente, é claro, mas sempre com effluencia maior do que si se esperar taes progressos da verdadeira virtude. O ultimo codigo da familia, na Russia, pontifica a respeito da circumstancia que as outras legislações deixam inteiramente entregues ao sentimento individual. Assim, os avós são obrigados a educar seus netos necessitados, estes quando adultos e aptos a ganhar a vida, são forçados a auxiliar os paes indigentes ou enfermos, e tambem os avo-

lucapazes de trabalhar. Aos irmãos mais velhos ordena o Estado que essem na medida de seus recursos pelos irmãos menores, si os paes lhes faltam. E' mais proficuo o receio de represalias immediatas, neste mundo, do que o medo do castigo no além.

— De accordo, ponderei, mas, esclareca-me uma duvida. E' communista?

— A pergunta é directa e incisiva, respondeu meu advogado. Crelo que um espirito reflexivo só pode abraçar uma doutrina politica si a julgar adaptavel á realidade momentanea de sua patria. Falta-me essa convicção. E agora sua indagação me poz de sobreaviso. Estou conversando com minha constituinte ou com o profissional do jornalismo? Será esta palestra uma entrevista?

— Não era, retruquei, mas desde que se poz a dar-me notas tão interessantes ficou sendo.

— Sem aviso é tradição, protestou o dr. Dunshee. Nada mais obterá de mim. E separamo-nos sorrindo.

SYLVIA NERAFIM.

Capeta - São Paulo  
11 Junho 1930

## Liberdade e saneamento

É curioso acompanhar-se nas páginas dos jornais o reflexo dos successos mundiaes unicamente pelo tamanho das noticias, importancia dos titulos e collocação nas columnas. Como sombras fiéis de scenas que se desenrolam em palcos longinquoos, telegrammas, commentarios e artigos vão crescendo, muitas vezes invadindo o papel, lastrando da segunda para a primeira pagina, amplando-se com photographias e desenhos. Depois sacada a curiosidade publica, descerem a importancia dos factos, o noticiario vai tambem minguando, tornando á estreiteza de uma columna, descedo para um canto inferior da pagina. Volta ao typo normal como tinta derramada que o mataborrão da indifferença publica já houvesse em grande parte sugado.

Com a imaginação ainda illuminada pela figura esquelida e mystica de Ghandi, tenho sempre buscado nos jornaes noticias dessa India fanatica e lendaria que tem a sedução magica das terras, cujo sólo deu alento e civilizações preferidas. Ultimamente já os acontecimentos da revolta nacionalista carecem de importancia nas paginas dos jornaes. Significam de que tambem na realidade vai baixando o surto patriótico.

Fico a pensar no ideal desfeito, no trisfimissimo amanhecer de após uma dessas convulsões. Famílias na miseria privadas de seus chefes, viduas moças, cheias de promessas e de esperanças destróidas, inutilizadas para a nação, o recio, a desconfiança imperando em todas as faces da existencia collectiva. E o desanimo a descerça abatendo as almas.

Ainda não está, é certo, inteiramente suffocado o grande movimento popular na India, mas tudo faz crer, que tal desfecho não tardará muito. Terá elle servido, ao menos, para a obtenção de alguns direitos mais? Ouvirá a Inglaterra a voz da justiça, ou ao menos a da consideração, perante as demais nações civilizadas, ou se deixará levar pela dureza má, tão commum nos vencedores? O que vale é que o grande sentimento de solidariedade humana se vá a pouco e pouco infiltrando na alma de todas as raças, sob o edificio intransigente do patriotismo. Assim é que em Londres mesmo, vezes se erguem a favor dos revoltosos. O deputado socialista Tenner Brockway acaba de declarar na Camara dos Communs que o problema da India não pôde ser resolvido antes da libertação dos prisioneiros politicos da actual campanha.

Considerando a provavel submissão da India sob a luz da lampada electrica que illumina e não aquece — do senso pratico, postos á margem o Idealismo patriótico, a fascinação da palavra liberdade, essa contingencia quasi fatal será tão indesejavel para o povo indiano quanto o parece á primeira vista?

"Pode-se é verdade, por paradoxo, defender a these de que o branco civilizado, nenhum bem faz ao indigena de qualquer paiz barbaro, porém antes lhe inculca seus vicios e molestias. "Pode-se dentro do absoluto discutir perfectamente a utilidade das colonias e sua justificação, escreve Georges Rémond em recente artigo para a "Illustration", analysando problema. Não valerá mais acaso, deixar cada um fazer o que entende, na propria residência, e ficar em casa a cultivar seu jardim? Toda a infellicidade, como diz Pascal, não provem de sahir della? Será bom substituir os turbantes por chapéus côcos, as amphoras por lampadas de petroleo, as chocas por barracas de latas de sardinha, ou de cimento armado, os cultos do Extremo Oriente, com deuses incontáveis por possessões religiosas monothettas. Será bom conquistar, viajar, colonizar, viver?"

É necessario confessar que o bem que os colonizadores espalham é praticado com interesse proprio, mas essa

verdade sceptica não impede que aproveitem as colonias, até ficarem em estado de viver por conta propria. E si as indagações de Georges Rémond se prestam a controversias, uma existe, cuja resposta não admite duvidas: "E' bom espalhar a saúde, melhorar a hygiene de certos povos que as endemias devastam". Porquanto é uma illusão, quando muito toleravel na poesia, de que essas raças mais ou menos selvagens vivam uma existencia sadia no seio da natureza.

As enfermidades mais cruéis destroem tribus inteiras em certas zonas tropicaes. Já sem falar na malaria, no typho, outras doenças grassam nas populações longinquoas, algumas das quaes mal conhecem os habitantes das terras mais fortunadas que não são estudiosos do assumpto. Assim a doença do somno que existe endemicamente na Africa equatorial franceza. Em Ayos, combatendo essa enfermidade, dedica-se ao nome da Franca, pelo bem de seus semelhantes, o dr. Jamot, ex-director do Instituto Pasteur de Brazaville.

A doença do somno, originada pela mordidela da mosca tsé-tsé que transporta o virus do doente para o individuo são apresenta um quadro clinico impressionante em sua miseria. Os trypanozoados no período final da enfermidade, tornam-se esqueletos vivos, trapos humanos, verdadeiros phantasmas que se arrastam gemendo. Alguns enlouquecem e se põem a fazer gestos desordenados e a falar atropeladamente.

Outros não. Perdem o juizo, mas são vencidos por um insuperavel torpor e apenas sentam o corpo, si lhes principia a oscillar como si estivessem embriakados, até que, tombando por terra, mergulham em somno profundo de que muitas vezes não despertam.

Si tentam andar, fazem-n'o descrevendo zig-zags e não raro caem a fio comprido e adormecem.

A Franca tem logrado melhorar a triste condição dessa pobre gente. Fundou em Ayos uma escola de enfermeiros na qual é espectáculo inedito as fleiras de rostos negros e cabelos encarapinhados curvados sobre o modernismo dos microscopios, não já com espanto e pavor como o nosso indio ao ver a espingarda de Caramuru, mas com a attenção calma e consciente de qualquer estudante parisiense. Tem espalhado postos de tratamento que é feito por meio de injeções, e a elles accorrem diariamente centenas de indigenas semi-nós.

Submêtidos a exame, o diagnostico é exoticamente inscripto na propria pelle do paciente que depois de medicado, torna á sua aldeia levando em mão a folha da receita como tallman precioso.

Outros postos são ambulantes, e os negros os seguem, supersticiosamente cheios de confiança nos que lhes vão devolvendo a perdida saúde. Multos enfermos dispendem verdadeiro heroismo, nesse afan, arrastando-se conforme podem atraz os brancos, outros são curiosamente carregados pelos parentes, em sacos amarrados em varas postas sobre os hombros de duas pessoas.

É a endemia, com surtos epidemicos que da uma feita prostrou 200.000 victimas vae sendo debellada. A ultima vaga epidemica, originaria do Nyong foi detida. O sóco de Bufo dominado sobre o caminho de Semia a epidemia recuou de trinta kilometros.

A liberdade não muito, é certo, mas sem a saúde é mera illusão. Pois não existe cadeia tão pesada quanto as garras das enfermidades...

SYLVIA SERAFIM.

Cartão de  
Mina  
14 Agosto 1930

## Mysterios da Natureza

Sylvia Serafim  
(Especial para o ESTADO DE MINÁS)

Relata um matutino da capital federal, o facto curioso de certo menino prodígio que, tendo apenas cinco annos de idade, já sabe ler e escrever e faz calculos com assombrosa facilidade.

Interrogado no ambiente da imprensa, o pequeno revelou-se um calendario vivo. Respondia com admiravel acerto a todas as perguntas que lhe eram feitas sobre o dia da semana em que cahiria determinada data. Afinal, como alguém indagasse a respeito de 31 de dezembro deste anno declarou Itamar — assim se chama o menino — que seria uma quarta-feira. Consultada a folhinha esta accusava terça. Era o primeiro erro de calculo depois de umas vinte respostas certas, pensavam os presentes. A creança, porém, insistia. "É quarta-feira". Aberta outra folhinha verificou-se estar a primeira errada.

Como natural, a admiração de quantos ali estavam chegou ao auge. Interrogaram o pequeno sobre qual o seu methodo para responder ás perguntas referentes ao calendario, e elle affirmou com emphase ingenua, agitando a cabeça loira: — "Estudei o caso".

Longe de mim a confiança absoluta e cega em tudo quanto affirmam os jornaes. No seio da imprensa, como em meio a todas as carreiras, existem os profissionais sérios e as corporações honestas e também as fallas de consciencia, epazes de todas as inconsequencias e villezas. Estes ultimos causam mal immenso á classe letrada, desprestigiando-a perante o publico, que em sua grande maioria só escapa á turba dos credulos papalvos que juram pela letra de forma cabindo no excesso contrario, no grupo dos que têm horror a jornaes e jornalistas suppondo-os indistinctamente mentirosos e venes.

Ser absoluto por excesso de credulidade ou por demasiado receio de se enganar, não é difficil: o merito em tudo na vida está em saber distinguir.

Ora pois, a noticia que acima referi, já pela simplicidade de tom em que era relatada, já por ser o jornal qual era, uma das mais conceituadas folhas cariocas, merecia o credito das pessoas de bom senso, mau grado o que nella ha de extraordinario. Quanto a admitir-se a hypothese de um fructo da parto do pae do menino, a espezteza não seria sustentavel na presença de dez ou doze homens instruidos e de francas tendencias scepticas pela força mesma da profissão.

Como explicar esse desenvolvimento precoce de um cerebro, ou de parte delle, as cellulas encephalicas em que se elaboram os calculos?

Os discipulos de Alan Kardec dão do phenomeno causa toda espirituista. Têm a convicção de que estão deante de alma muito adelantada já, que foi em vida passada a de grande mathematico, e que, embora novamente presa ao corpo humano sob a forma de uma creança que se esqueceu inteira ou parcialmente dos seus methodos e habilidades. Também ensinam que muitas vezes um espirito recém-encarnado tem como protector outro ainda liberto da materia, o qual por momentos ou ininterruptamente durante alguns annos cohabita o mesmo corpo infantil, falando e agindo em vez e lugar do seu protegido, até que chamado para outro destino visível desampara o outro. Assim explicam as creanças prodígio que se tornam homens banaes.

Intervem o materialismo a sorrir fironicamente. Para seus adeptos essa hypertrophia precoce do cerebro tem explicação physica tal e qual o gigantismo ou o megacolo, aliás desenvolvimento excessivo e congenito do grosso intestino. É apenas uma anomalia caprichosa da natureza, a preponderancia indevida de um orgão sobre os demais, phenomeno que se pôde accentuar com a idade ou attenuar-se e permitir que se reintegre o organismo attingido no quadro normal humano.

Existe ainda talvez outra comprehensão para o caso da creança prodígio que, sem ser tão mystica quanto a aliás fornece o espiritismo, nem tão immediata e circumscripta quanto a aliás incompleta que dá a sciencia, não nega nenhuma dessas duas nem pelas mesmas é negada.

Colette, a festejada escriptora franceza, a romancista mais brilhante da moderna geração feminina de sua patria refere-se ao mysterioso problema da hereditiedade mental, no seu ultimo livro "Sido". Um dia, Mme. Colette foi consultar uma senhora que tinha commercio com os espiritos, e esta viu por detraz della o fantasma de um homem idoso do qual traçou retrato muito semelhante ao do pae de sua consulente.

— É um espirito, disse a vidente, bem collocado no mundo extra-terreno. Occupa-se muito da senhora.

— E porque? perguntou Mme. Colette.

Porque a senhora representa o que elle tanto desejou ser na terra. Elle não ponde.

Tambem eu tenho pensado muitas vezes — prosegue Edmond Jaloux, o commentador do Espirito dos Livros da folha franceza "Nouvelles Litteraires" — que um escriptor, um poeta,

um artista realizam os sonhos de muitas gerações mudas. Muitas vezes tenho me dito a mim mesmo que o inconsciente poetico, essa extraordinaria faculdade de escrever, de pensar de imaginar quasi involuntariamente, como sob a suggestão de um dictado, vinha dessa reserva de desejos e ideias que as gerações precedentes vão depositando no fundo d si mesma e que jorra mysteriosamente em certos séres, quando essa accumulacão hereditaria attinge seu ponto de saturacão.

O que Edmond Jaloux pensa do talento litterario, pôde ser alargado e abrangido todas as faculdades mentaes.

As tendencias fortemente marcadas para o bem ou para o mal, os prototypos e super-homens ou de infra-normaes, deviam ser a conclusão logica de uma somma sorradeira de factures que se vão insinuando em parcelas, imperceptiveis muitas vezes, atravez das gerações. E um dia a resultante racial surge, brutal e irreprimivel, sob a forma de um talento, de um criminoso, de um grande sensual, de uma creança prodígio. Si esta ás vezes depois não completa a ancia do sangue, foi apenas um esboço, uma forma frustrada que se reffirmará de maneira semelhante ou não, na descendencia vindoura, ou se apagará, quicá, na decadencia do tronco familiar. Da mesma forma, uma realizacão grandiosa que seja, nem sempre esgota a alma, e tem-se visto na Historia nomes illustres que reaparecem com pujança vigorosa em varios cyclos de annos.

Essas idéas não vão de encontro ás theorias espiritas, pois seus sectarios acreditam que at' certo ponto o adiantamento animico dos que proceem influem sobre o espirito que habitará o corpo feito de cellulas suas, pois a bondade delles attrahe uma alma tambem em elevado estagio moral. Emquanto que os espiritos grosseiros ainda rudimentares, chamam seus semelhantes que se encontram desencarnados.

Tambem não contrariam esses pensamentos a realidade materialista, pois a especie de explosão de factores raciaes concentrados, ha de manifestar-se na hypertrophia da parte do cerebro que a interessa especialmente. Esse desenvolvimento extraordinario e não raro precoce seria pois a consequencia physica de causas psychicas.

Nessa theoría estará entretanto toda a verdade? Os mysterios da natureza têm fundos falsos que nos não deslumbrando á medida que os descobrimos, tal e qual ás creanças, essas caixas de surpresas embutidas umas nas outras e das quaes cada uma parece a ultima.